

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Campus de Rio Claro

WILLIE ALFREDO MAURER: VIDA, OBRAS E CONTRIBUIÇÕES
PARA O ENSINO DA MATEMÁTICA NO BRASIL

Linha de Pesquisa: Relações Entre História e Educação
Matemática

GLEN CÉZAR LEMOS

Rio Claro (SP)
2013

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Campus de Rio Claro

WILLIE ALFREDO MAURER: VIDA, OBRAS E CONTRIBUIÇÕES
PARA O ENSINO DA MATEMÁTICA NO BRASIL

GLEN CÉZAR LEMOS

Orientador: Prof. Dr. Irineu Bicudo

Tese de doutorado elaborada junto ao Programa de Pós-graduação em Educação Matemática, Área de Concentração em Ensino e Aprendizagem da Matemática e seus Fundamentos Filosófico-Científicos, para obtenção do Título de Doutor em Educação Matemática.

Rio Claro (SP)
2013

GLEN CÉZAR LEMOS

**WILLIE ALFREDO MAURER: VIDA, OBRAS E CONTRIBUIÇÕES
PARA O ENSINO DA MATEMÁTICA NO BRASIL**

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Campus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação Matemática.

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Irineu Bicudo – Orientador
(UNESP-Rio Claro)

Prof. Dr. Duelci Aparecido de Freitas Vaz
(PUC Goiás)

Prof. Dr. Marcos Vieira Teixeira
(UNESP-Rio Claro)

Profa. Dra. Renata Cristina G. Meneghetti
(ICMC – USP)

Prof. Dr. Sérgio Roberto Nobre
(UNESP-Rio Claro)

Resultado: Aprovado.

Rio Claro, SP 26 de setembro de 2013

*À minha esposa Débora que vivenciou e
compartilhou todos os momentos dessa caminhada.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela dádiva da vida e oportunidade de realizar esse estudo.

Ao meu orientador prof. Dr. Irineu Bicudo, pela orientação que muito contribuiu para o meu crescimento e aprendizagem. Pela liberdade na condução do trabalho. Pela acolhida, paciência com os erros e compreensão das dificuldades. Obrigado por ter se tornado, além de orientador, um grande amigo.

Ao prof. Dr. Duelci Aparecido de F. Vaz, pelo incentivo e por acreditar na minha capacidade de chegar até aqui.

Aos professores, Irineu Bicudo, Duelci, Marcos Teixeira, Renata e Sergio Nobre, pela participação na banca examinadora e pelas sugestões por ocasião da qualificação.

Aos professores e professoras, com os quais tive a oportunidade de conviver durante o doutorado: Arlete Brito, Miriam Godoy, Ole Skovsmose, Marcos Teixeira, Romulo, Heloisa, Vicente Garnica, Rosana Giaretta, Marcelo Borba.

À profa. Lourdes Onuchic, pela valiosa colaboração junto à Universidade Mackenzie.

A todos os colegas de curso e funcionários do PPGEM da UNESP de Rio Claro, em especial ao amigo Roger Huanca, companheiro nessa caminhada.

Aos entrevistados pela preciosa cooperação ao conceder as entrevistas, as quais enriqueceram e complementaram dados e informações fundamentais a esse trabalho.

À UNESP pela oportunidade de crescimento pessoal e intelectual.

Ao IFG, pela concessão do afastamento de minhas atividades profissionais para realização do curso e a CAPES, pelo incentivo financeiro, indispensável à realização desse estudo.

A todos das famílias Lemos e Santos pelo apoio, incentivo e força.



*“O homem sem princípios é como um barco sem leme:
vaga ao sabor das ondas”.*
(Willie A. Maurer, s/d)

RESUMO

O presente estudo busca reconstituir a história de vida de um professor/educador e suas contribuições para o ensino de Matemática no Brasil. Para tanto, tem como objetivo realizar uma investigação aprofundada a respeito de sua vida pessoal e profissional no contexto social; identificar as obras publicadas e não publicadas e procurar as contribuições, nos diferentes documentos analisados, de sua atuação profissional. Daí o foco em duas vertentes: o homem e sua obra. Para dar conta de tamanha empreitada serão utilizados documentos pessoais, institucionais, fotografias, publicações e entrevistas. Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, com abordagem histórica cuja coleta de dados se deu por meio de análise de documentos e realização de entrevistas. A investigação documental foi delimitada ao período de 1907 a 1999 e aos Estados onde Willie Maurer atuou profissionalmente, tais como São Paulo, Goiás, Minas Gerais e Distrito Federal. O trabalho está dividido em cinco capítulos, nos quais são apresentados: A Pesquisa, a Fundamentação Teórica, A Vida de Willie Maurer, suas Obras e suas Contribuições a Instituições e ao Ensino de Matemática.

Palavras chave: História de vida, Willie Maurer, História da Educação Matemática, Biografia.

ABSTRACT

The present study attempts to reconstruct the life of a teacher / educator as well his contributions to the mathematical education in Brazil. Therefore, the study aims to conduct a thorough research on his personal and professional life in a social context; to identify published and unpublished items and investigate his contributions by the analysis of different documents as far as his professional performance is concerned. Hence the two focuses: the man and his work. To do it, documents institutional, publications, photographs, and interviews will be used. This research is characterized as qualitative, historical approach with which data collection was done through analysis of documents and interviews. Such a research was delimited to the period between 1907-1999 and to the states where Willie Maurer acted professionally: São Paulo, Goiás, Minas Gerais and Distrito Federal. There are five chapters: Research (Theoretical Foundation), The Life of Willie Maurer, his works and his contributions to Institutions and, to The Teaching of Mathematics.

Keywords: Life history, Willie Maurer, History of Mathematics Education, Biography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Livros doados por Willie Maurer	26
Figura 2: Coleção prof. Willie Maurer – Biblioteca Central/ UFG	27
Figura 3: Documento de doação PUC Goiás	28
Figura 4: Documentos em arquivo morto do IME	29
Figura 5: Endereço residencial do prof. Willie Maurer em São Paulo	30
Figura 6: Willie Alfredo Maurer	53
Figura 7: Cédula de Identidade de Willie Maurer	54
Figura 8: Willie Maurer e Apolônia Maurer	64
Figura 9: Família Maurer	65
Figura 10: Willie Maurer, Silvia Lane Maurer e Apolônia Maurer	66
Figura 11: Ginásio Saldanha da Gama	68
Figura 12: Colégio Bandeirantes	68
Figura 13: Lista de formandos da USP – 1940	70
Figura 14: Sítio em Mairinque – SP	72
Figura 15: Certificado de Sócio Honorário do Grêmio	74
Figura 16: Ofício da USP – 1954	75
Figura 17: Jornal Folha de São Paulo – 1959	76
Figura 18: Tese de concurso para provimento efetivo do cargo de professor catedrático	76
Figura 19: XII Conferência Nacional de Educação e XIII Conferência Nacional de Educação	77
Figura 20: Carta da Campanha do Livro Didático e Manuais de Ensino (CALDEME)	78
Figura 21: Boletim da Sociedade de Matemática de São Paulo	79
Figura 22: Certificado da Sociedade Brasileira de Física	79
Figura 23: Fotografia do Documento de criação do Grupo de Rádio Astronomia Mackenzie (GRAM)	80
Figura 24: Jornal Folha de São Paulo – 1960	82
Figura 25: Carta dos alunos do Centro Acadêmico de Filosofia – 1963	86
Figura 26: Solenidade oficial de assinatura da Lei 3834-C	88
Figura 27: Portaria nº 186/63	90

Figura 28:	Contrato de Trabalho Instituto Mackenzie	95
Figura 29:	Convite para retornar ao IMF da UFG/1970	96
Figura 30:	Contrato de Trabalho UFG	97
Figura 31:	Placas em homenagem à Willie Maurer – UFG	98
Figura 32:	Contrato de Trabalho Universidade de Uberlândia	99
Figura 33:	Carta sobre andamento de contrato na PUC Goiás	101
Figura 34:	Informações Funcionais PUC Goiás	102
Figura 35:	Prof. Willie Maurer e profa. Maria Angélica	103
Figura 36:	Declaração de Óbito	105
Figura 37:	Capa e sumário da apostila de Cálculo Diferencial e Integral	108
Figura 38:	Capa e sumário da apostila de Física	110
Figura 39:	Capa e sumário do livro de Geometria Analítica	111
Figura 40:	Capa e sumário do livro de Lições de Trigonometria	112
Figura 41:	Capa do livro de Matemática Ginásial	112
Figura 42:	Capas e sumários dos livros da coleção de Lições de Cálculo Infinitesimal – volumes I, II, III, IV e V	118
Figura 43:	Capas dos livros da coleção de Cálculo Diferencial e Integral – volumes 1, 2, 3 e 4	119
Figura 44:	Sumário do livro da coleção de Cálculo Diferencial e Integral – volume 1	122
Figura 45:	Sumário do livro da coleção de Cálculo Diferencial e Integral – volume 2	124
Figura 46:	Sumário do livro da coleção de Cálculo Diferencial e Integral – volume 3	126
Figura 47:	Sumário do livro da coleção de Cálculo Diferencial e Integral – volume 4	127
Figura 48:	Livro de Tópicos da História da Matemática e da Física – manuscrito e datilografado	128
Figura 49:	Ofício R-76/67 e Ato nº 10/67	142
Figura 50:	Carta de encaminhamento do plano de reestruturação da Universidade Mackenzie	143
Figura 51:	Folder de divulgação da semana IMF da UFG	151
Figura 52:	Cartaz do 2º Seminário de Matemática da PUC Goiás	153
Figura 53:	Título de Prof. Emérito	154
Figura 54:	Aula da saudade – PUC Goiás	155

Figura 55: Autógrafo concedido no Seminário a História do Sino Mudo	155
Figura 56: Prof. Willie Maurer em sala de aula	157
Figura 57: Prof. Willie Maurer reunido com colegas de trabalho e alunos do curso de Licenciatura em Matemática da PUC Goiás	160

LISTA DE SIGLAS

AIB – Ação Integralista Brasileira

CALDEME – Campanha do Livro Didático e Manuais de Ensino

CEFET-GO – Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás

CENAFOR – Centro Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal para a Formação
Profissional

COSUPI – Comissão Supervisora do Plano dos Institutos

CRAAM – Centro de Radioastronomia e Astrofísica Mackenzie

ESME – Escola Superior de Mecânica e Eletricidade

FFCL – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras

GRAM – Grupo de Rádio Astronomia Mackenzie

IF-UFG – Instituto de Física da Universidade Federal de Goiás

IFG – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

IME – Instituto de Matemática e Estatística

IMF – Instituto de Matemática e Física

ITA – Instituto Tecnológico de Aeronáutica

MAF – Departamento de Matemática e Física

PPGEM – Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática

PUC Goiás – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

UCG – Universidade Católica de Goiás

UNESP – Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho

UFG – Universidade Federal de Goiás

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

UnB – Universidade de Brasília

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1. A PESQUISA	17
1.1. O Pesquisador	17
1.2. O Projeto	20
1.3. Delimitação da Pesquisa	20
1.4. Metodologia	20
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	33
2.1. História e Biografia	33
2.2. Fontes Históricas	42
3. A VIDA	53
4. A OBRA	107
4.1. Livros Publicados	107
4.2. Livros não Publicados	128
4.3. Discursos	129
4.4. Artigos	133
5. CONTRIBUIÇÕES A INSTITUIÇÕES E AO ENSINO DE MATEMÁTICA ...	136
5.1. Contribuições ao Ensino de Matemática no Estado de São Paulo	136
5.2. Contribuições ao Ensino de Matemática no Estado de Goiás	144
5.2.1. Willie Maurer e o Instituto de Matemática e Física da UFG	144
5.2.2. Atuação no MAF da PUC Goiás	152
CONSIDERAÇÕES FINAIS	161
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	165
APÊNDICE	168
ANEXOS (CD)	173
ANEXO 1: Autobiografia	
ANEXO 2: Entrevistas	
ANEXO 3: Ofício enviado ao Reitor da Universidade Mackenzie	
ANEXO 4: Jornal Folha de São Paulo	
ANEXO 5: Carta da Campanha do Livro Didático e Manuais de Ensino (CALDEME)	
ANEXO 6: Contrato de trabalho UFG/1963	
ANEXO 7: 23 anos de criação do IMF	

- ANEXO 8: Ofício 02/64
- ANEXO 9: Contrato de trabalho UFG/1964 – 01/03/64 a 28/02/65
- ANEXO 10: Portaria 43/64
- ANEXO 11: Declaração em defesa dos professores do IMF
- ANEXO 12: Ofício 32/65
- ANEXO 13: Ofício 41/65
- ANEXO 14: Ofício FUB 1127/66
- ANEXO 15: Relatório UnB
- ANEXO 16: Primeira carta de renúncia à Universidade Mackenzie/1969
- ANEXO 17: Carta de renúncia definitiva à Universidade Mackenzie/1969
- ANEXO 18: Portaria 01517/71
- ANEXO 19: Estatuto do CENAFOR
- ANEXO 20: Primeiro discurso – Ginásio Saldanha da Gama
- ANEXO 21: Discurso: Educação para o Desenvolvimento
- ANEXO 22: Discurso: Desenvolvimento esconso e Universidade alienada
- ANEXO 23: Artigos publicados no jornal Folha de São Paulo
- ANEXO 24: Plano de reestruturação da Universidade Mackenzie
- ANEXO 25: Ato 12/69 e 21/69
- ANEXO 26: Regimento Interno do IMF/1963
- ANEXO 27: Ofício 174/64
- ANEXO 28: Relatório sobre as atividades do IMF/1964
- ANEXO 29: Ofício 151/64
- ANEXO 30: Ofício 153/64
- ANEXO 31: Ofício 155/64
- ANEXO 32: Ofício 233/64
- ANEXO 33: Ofício 234/64

INTRODUÇÃO

O presente estudo busca reconstituir a história de vida de um professor/educador e suas contribuições para o ensino de Matemática no Brasil. Para tanto, tem como objetivo realizar uma investigação aprofundada a respeito de sua vida pessoal e profissional no contexto social; identificar as obras publicadas e não publicadas e procurar as contribuições, nos diferentes documentos analisados, de sua atuação profissional. Daí o foco em duas vertentes: o homem e sua obra. Para dar conta de tamanha empreitada serão utilizados documentos pessoais, institucionais, fotografias, publicações e entrevistas.

O Grupo de Pesquisa em História da Matemática (GPHM) tem se dedicado à História de instituições e de pessoas que participaram, de modo significativo, no desenvolvimento da Matemática no Brasil. Desse modo, ao associar a História à Educação Matemática, entende-se que “a Matemática não se limita a um sistema de regras e verdades rígidas, mas é algo humano e envolvente” (BARONI et al., 2004, p.167), o que possibilita a pesquisa de personagens históricas como Willie Alfredo Maurer.

Johann Gustav Droysen, (Loriga 2011, p. 14) escreveu, em 1863, que, se chamássemos *A* o gênio individual, a saber, tudo o que o homem é, possui e faz, então esse *A* seria formado por $a+x$, em que *a* conteria tudo o que lhe vem das circunstâncias externas, de seu país, de seu povo, de sua época, etc, e em que *x* representaria a sua contribuição pessoal, a obra da sua livre vontade.

Ao abordarmos o *A* correspondente a Willie Maurer, daremos especial ênfase àquele pequeno *x*. Nesse contexto, este estudo fundamentou-se nos referenciais: Autobiografia, Entrevistas, Documentos institucionais e pessoais, e nos autores: Burke (1991, 2000, 2002, 2008), Chartier (2009), Chizotti (1991), Dosse (2009, 2012), Ginzburg (1991), Loriga (2011), Minayo (1996, 1993), Pinsky (2009, 2011), Poupart (2010), Revel (1998), dentre outros.

Em relação à estruturação, o trabalho está organizado em cinco capítulos. O primeiro apresenta a Pesquisa e aborda o pesquisador, o projeto, a delimitação da pesquisa e a metodologia utilizada.

Com o objetivo de fundamentar teoricamente a pesquisa em pauta, o segundo capítulo, encontra-se organizado em duas seções que se interligam: a primeira tem como finalidade discorrer sobre alguns aspectos da história e da biografia e a segunda seção diz respeito a uma investigação sobre fontes históricas e seus objetivos, assim como define e caracteriza a entrevista no tocante a sua estrutura e modalidades.

O terceiro capítulo faz um relato cronológico do período de 1907 a 1999, em que explicita as etapas de vida de Willie Maurer, sua origem, nascimento, juventude, formação, ambiente familiar, social e sua atuação profissional nas instituições: Universidade Presbiteriana Mackenzie, Universidade Federal de Goiás, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Universidade Federal de Uberlândia e Universidade de Brasília.

No quarto capítulo, são apresentados os livros publicados, os não publicados, discursos e artigos.

O quinto capítulo compreende as contribuições de Willie A. Maurer para o desenvolvimento do ensino da Matemática, principalmente nos Estados de São Paulo e Goiás, regiões onde atuou de modo expressivo ao longo de sua vida profissional.

Finalmente, reservamos o espaço das considerações finais para realizar uma avaliação, sob o ponto de vista pessoal, em relação ao tema e ao cumprimento dos objetivos propostos no estudo. Considerando a complexidade do objeto de investigação, pretende-se que essa tese venha tornar público para a comunidade acadêmica quem foi a pessoa de Willie Maurer, e que também seja uma forma de homenagem, reconhecimento e divulgação do trabalho por ele realizado. Espera-se também que possa servir, de algum modo, para outros trabalhos, cuja temática se volte para a formação de professores.

1. A PESQUISA

Segundo Goldemberg (2004, p. 79) “a escolha de um tema de estudo não surge espontaneamente, mas decorre de interesses e circunstâncias socialmente condicionadas. Essa escolha é fruto de determinada inserção do pesquisador na sociedade”. Nesse contexto, com a finalidade de situar a pesquisa, serão dados alguns esclarecimentos.

1.1. O Pesquisador

Natural de Anápolis-Go, cidade situada a 50 km de Goiânia, capital do Estado de Goiás, nascido em 28 de dezembro de 1960. Iniciei o primeiro ciclo de estudos, na época chamado primário da 1ª a 4ª séries, em uma escola municipal da zona rural, no município de Goiânia. Na sequência, na cidade de Nerópolis, a 27 km de Goiânia, cursei o ginásio, de 5ª a 8ª série, na Escola Estadual Dr. Negreiros de 1973 a 1976. O segundo grau, hoje Ensino Médio, foi na antiga Escola Técnica Federal de Goiás (ETFG), posteriormente transformada em Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás (CEFET–GO), e atualmente Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Goiás (IFG), onde concluí o curso técnico de Eletrotécnica em julho de 1980 e nesse mesmo ano ingressei na Universidade Católica de Goiás (UCG), atualmente Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), no curso de Engenharia Civil. Nessa mesma época havia uma carência de professores de Matemática e Física, surgindo então a oportunidade de ministrar aulas de Matemática para o 2º grau em uma escola da rede estadual em Goiânia, no ano de 1981. Esse foi o meu primeiro contato com o ensino de Matemática, sem nenhuma formação específica. Em virtude de problemas pessoais abandonei o curso de Engenharia e ingressei no curso noturno de Licenciatura em Ciências - Habilitação em Matemática na PUC Goiás.

Em 1990 ingressei no IFG, via concurso público para professor de Matemática, onde permaneço até hoje. Em 1999 concluí o curso de mestrado em

Matemática, na área de Álgebra, na Universidade Federal de Goiás (UFG). A partir de 2000 passei a desenvolver atividade docente nos cursos superiores da PUC Goiás e nos recém-criados cursos Tecnólogos do IFG.

Meu contato com a Educação Matemática ocorreu de maneira efetiva a partir de 2007 quando surgiu a ideia de se criar um curso superior na área de Matemática, no IFG. No final de 2008, foi nomeada uma comissão de quatro pessoas para elaborar o projeto do curso: Adelino C. Pimenta¹ e Duelci Aparecido de F. Vaz², ambos doutores em Educação Matemática pela UNESP de Rio Claro; Everson José da Silva³ e Glen César Lemos, ambos com mestrado em Matemática pela UFG.

Tudo começou durante uma conversa com o prof. Duelci sobre o ensino de Matemática. Ele questionava qual Matemática deveria ser trabalhada nos cursos de tecnologia, nos níveis médio e superior. Apesar da experiência adquirida no decorrer dos anos com o ensino de Matemática e com base relativamente sólida de conhecimentos matemáticos obtidos no mestrado, senti-me, de certa forma, incapaz diante das afirmações pautadas nos princípios da Educação Matemática expostas por ele. Foi neste momento que ocorreu a necessidade de voltar ao ambiente acadêmico em busca de novas ideias, novos posicionamentos e pesquisas voltadas para o ensino e aprendizagem dessa ciência.

Em um determinado momento o prof. Duelci perguntou se eu não pensava em fazer o curso de doutorado e se havia conhecido o prof. Willie Maurer, pois, em 2005, ele, Duelci havia apresentado um pôster em um seminário de História da Matemática na Universidade de Brasília (UnB), intitulado “Willie A. Maurer: vida e obra”. Ele acreditava ser possível desenvolver um projeto de doutorado com esse tema, pois havia pesquisa semelhante na Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (UNESP), em Rio Claro. Decorridos alguns dias voltamos ao assunto e ele afirmou ter conversado com o prof. Dr. Irineu Bicudo, que foi seu orientador no doutorado, sobre o trabalho a respeito do prof. Willie Maurer e que o mesmo esclareceu que seria possível, desde que houvesse acesso aos documentos pessoais e institucionais relativos a ele.

¹ Adelino Cândido Pimenta, doutor em Educação Matemática pela UNESP de Rio Claro, professor da Pontifícia Universidade Católica de Goiás e do Instituto Federal de Goiás.

² Duelci Aparecido de Freitas Vaz, doutor em Educação Matemática pela UNESP de Rio Claro, professor da Pontifícia Universidade Católica de Goiás e do Instituto Federal de Goiás.

³ Everson José da Silva (já falecido), mestre em Matemática pela UFG, professor do Instituto Federal de Goiás.

Frente a esta possibilidade, o próximo passo foi procurar a profa. Maria Angélica⁴, que detinha alguns documentos pessoais do prof. Willie Maurer. Em uma conversa com ela, foi exposta a ideia do projeto de pesquisa sobre o prof. Maurer e ela se comprometeu a colaborar, permitindo o acesso a essa documentação. Após ouvir as explicações, afirmou:

Ainda bem que alguém percebeu o esquecimento de uma pessoa tão importante e especial para a Matemática em Goiás. Olha, vou te contar uma coisa, eu recebi da família do prof. Willie Maurer, por meio da sua filha Silvia Lane, tudo que ele guardava, esses guardados que todos nós julgamos importantes, juntados no decorrer de nossas vidas e guardamos em casa. Após a morte do prof. Willie a Sílvia me entregou duas pastas cheias de documentos: cópias de portarias, homenagens, manuscritos dos discursos proferidos, rascunhos de escritos de Matemática, caderno com a autobiografia manuscrita, partes de livro não publicado, e outros materiais. Quando a Silvia me entregou ela disse: Angélica, guarda essas coisas do meu pai, pois ele também a considerava como filha e com você ficará mais bem guardado, ou seja, o material é seu, dê o destino que achar melhor (MARIA ANGÉLICA, depoimento, 2009).

Após esse relato, a Profa. Maria Angélica se ausentou da sala por alguns minutos e retornou com a autobiografia (Anexo 1), cartas e uma das pastas e disse:

Glen, a autobiografia, se você quiser, pode levar para dar uma olhada, pois ela já esteve com o Duelci e em você eu também confio. Conheço você já há bastante tempo e por confiar em seu profissionalismo me comprometo a te repassar todo esse material caso seu projeto seja aprovado, e a partir daí ele ficará sob sua responsabilidade, em relação à guarda, destinação e utilização, sendo a única coisa que quero continuar guardando como recordação dele são as cartas que ele me escreveu, mas que se você quiser deixo você ler (MARIA ANGÉLICA, depoimento, 2009).

Neste contexto, vale ressaltar que o apoio incondicional do prof. Duelci, desde a proposta do projeto até minha apresentação ao prof. Dr. Irineu Bicudo e o comprometimento da profa. Maria Angélica em relação à documentação que possuía, foram decisivos para tomada de decisão em adentrar em uma nova área de conhecimento que é a Educação Matemática.

⁴ Maria Angélica Lombardi, licenciada em matemática, professora aposentada da Pontifícia Universidade Católica de Goiás e do Instituto Federal de Goiás.

1.2. O Projeto

A pesquisa teve início com a elaboração do projeto que tem como tema: Willie Alfredo Maurer: vida, obras e contribuições para o ensino da Matemática no Brasil, cuja questão norteadora é: de que forma o professor Willie Alfredo Maurer contribuiu com o ensino da Matemática no Brasil?

Em busca da resposta procurar-se-á reconstituir a história da vida de Willie A. Maurer, identificar as obras e suas contribuições para o desenvolvimento do ensino da Matemática no Brasil, no contexto de sua atuação profissional.

1.3. Delimitação da Pesquisa

Para a realização da pesquisa serão seguidas duas vertentes: vida e obra de Willie A. Maurer. Nessa perspectiva, torna-se necessário delimitar tempo e espaço.

A princípio, a pesquisa tinha como finalidade verificar as contribuições de Willie A. Maurer para o ensino de Matemática no Estado de Goiás, especificamente na UFG e PUC Goiás. Entretanto, conforme foi acontecendo o acesso à documentação e informações sobre o tema, tornou-se necessário ampliar o campo de pesquisa, devido à atuação do prof. Willie A. Maurer em Uberlândia-MG, Brasília-DF e São Paulo-SP.

Como o presente estudo tem por foco a história de vida, obras e contribuições do prof. Willie A. Maurer, a investigação documental foi delimitada ao período de 1907 a 1999, o que não impede reflexões fora do mesmo.

1.4. Metodologia

Bogdan e Biklen (1994, p.11), comentam que

(...) um campo que era anteriormente dominado pelas questões da mensuração, definições operacionais, variáveis, testes de hipóteses e estatística alargou-se para contemplar uma metodologia de investigação que enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais.

Assim, as metodologias qualitativas trazem uma contribuição significativa para as Ciências Sociais, pois revelam-se particularmente eficazes em áreas exploratórias, especialmente em campos temáticos onde inexitem fontes de informações acessíveis e organizadas. Também são indispensáveis para compreender fenômenos que se manifestam em longos intervalos de tempo - como o caso de trajetórias de mobilidade social ou mudanças geracionais - ou ainda manifestações sociais que por sua abrangência exigem a coleta exaustiva de dados padronizados. Além disso, desempenham importante papel na elaboração de hipóteses e construção de novas teorias.

A pesquisa qualitativa estende-se desde as fronteiras da antropologia e da etnografia, passando pela etnometodologia, a hermenêutica e diversas modalidades de estruturalismo, até às análises históricas comparadas, relatos orais, método biográfico e outras técnicas da história oral. As metodologias qualitativas têm contribuído também para uma nova abordagem teórico-metodológica que visa juntar as duas figuras da modernidade: razão e sujeito, bem como para estabelecer uma relação entre os dois pilares da sociedade: ação e estrutura.

A pesquisa qualitativa está sedimentada em complexos sistemas de percepção e interpretação, nos quais os dados empíricos qualitativos requerem processos de interpretação hermenêutica, bem como pretendem revelar as conexões objetivas entre estruturas, para proceder a uma análise dos contextos de ação individual ou coletiva. É portanto uma atividade racional que busca investigar o indivíduo e o mundo em que ele vive. Além disso, ao contemplar a abordagem qualitativa para o objeto de investigação social, o pesquisador deve considerar que as pessoas envolvidas no processo de pesquisa são “sujeitos de estudo, pessoas em determinada condição social, pertencente a determinado grupo social ou classe com suas crenças, valores e significados” (MINAYO, 1993, p. 22), e adequa-se a aprofundar a complexidade de fatos e processos particulares e específicos a indivíduos e grupos.

Minayo (1996, p. 10) define método qualitativo como

(...) aquele capaz de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações, e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas.

A abordagem qualitativa é empregada, portanto, para a compreensão de fenômenos caracterizados por um alto grau de complexidade interna.

(...) o objeto por excelência da pesquisa qualitativa é a ação interpretada, simultaneamente, pelo pesquisador e pelos sujeitos da pesquisa; de onde a importância da linguagem e das conceituações que devem dar conta tanto do objeto vivido, como do objeto analisado (DESLAURIERS E KÉRISIT, 2010, p. 131).

Assim, por meio da pesquisa qualitativa, consegue-se penetrar nas intenções e motivos, a partir dos quais ações e relações adquirem sentido. Sua utilização é, portanto, indispensável quando os temas pesquisados demandam um estudo fundamentalmente interpretativo.

Com base em Bogdan e Biklen (1994), entende-se que os estudos qualitativos ao valorizarem os aspectos descritivos e as percepções pessoais, devem focalizar o particular como instância da totalidade social, procurando compreender os sujeitos envolvidos e, por seu intermédio, compreender também o contexto. Adota-se, assim, uma perspectiva de totalidade que, leva em conta todos os componentes da situação em suas interações e influências recíprocas.

Compreende-se também que na investigação qualitativa vai-se a campo com uma preocupação inicial, um objetivo central, uma questão orientadora. Para buscar compreender a questão formulada é necessário inicialmente uma aproximação, ou melhor, uma imersão no campo para familiarizar-se com a situação ou com os sujeitos a serem pesquisados. Para tal o pesquisador frequenta os locais em que acontecem os fatos nos quais está interessado, preocupando-se em observá-los, entrar em contato com pessoas, conversar e recolher material produzido por elas ou a elas relacionado. Procura dessa maneira trabalhar com dados qualitativos que envolvem a descrição pormenorizada das pessoas, locais e fatos envolvidos. A partir daí, ligadas à questão orientadora, vão surgindo outras questões que levarão a uma compreensão da situação estudada.

(...) ao longo de toda a pesquisa, é preciso continuar revisando o conjunto da documentação (e não somente dos trabalhos técnicos) e alterar leitura e análise dos dados. O pesquisador consulta, portanto, todos os tipos de documentos em cada uma das etapas da pesquisa. No entanto, deve-se lembrar que as categorias e suas relações devem ser constantemente confrontadas aos dados. Assim, é possível recorrer a todos os textos considerados pertinentes, com a condição de não se tornar cativo de nenhum deles (STRAUSS & CORBIN *apud* DESLAURIERS E KERISIT, 2010, p. 141).

Trabalhar com a pesquisa qualitativa consiste, pois numa preocupação de compreender os eventos investigados, descrevendo-os e procurando as suas possíveis relações, integrando o individual com o social.

Para se ter uma concepção mais fiel do objeto investigado, faz-se necessário recorrer a técnicas de fazer observações, revisar documentos, obras, realizar entrevistas com pessoas vinculadas ao sujeito pesquisado.

Segundo Goldenberg (2004, p.14), “na pesquisa qualitativa a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma instituição, de uma trajetória, etc.” Afirma ainda que os dados qualitativos não são padronizáveis como os dados quantitativos, obrigando o pesquisador a ter flexibilidade e criatividade no momento de coletá-los e analisá-los. Desse modo, caracteriza-se essa pesquisa como qualitativa, de abordagem histórica cuja coleta de dados será realizada por meio de análise de documentos e realização de entrevistas.

A pesquisa histórica é um dos procedimentos metodológicos indispensável porque a maior parte das fontes escritas é quase sempre a base do trabalho de investigação. A pesquisa documental apresenta-se como um método de recolha e de verificação de dados, visa o acesso às fontes pertinentes, escritas ou não, e, a esse título, faz parte integrante da heurística da investigação (TRIVINOS, 2012).

A execução do projeto de pesquisa teve início a partir da formação teórica do pesquisador por intermédio das disciplinas oferecidas pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEM) da UNESP de Rio Claro-SP, no período de março de 2010 a fevereiro de 2011, etapa necessária e imprescindível ao desenvolvimento da presente pesquisa.

Na sequência, a pesquisa passou a ser realizada nos documentos do arquivo pessoal do prof. Willie A. Maurer, repassados pela profa. Maria Angélica. Os documentos foram analisados de modo minucioso com o objetivo de realizar uma categorização por instituição nas quais atuou, família e produção intelectual. Após essa primeira organização, surgiu a preocupação com a conservação e guarda desse material, que em sua grande maioria são originais, e a opção foi pela criação de um arquivo digital e cópias de todos os documentos. Nesta fase também foi dado início ao resgate das obras por ele publicadas, existentes em bibliotecas, arquivos públicos, internet e por meio de pessoas que conviveram com ele.

Com base no levantamento e classificação dos documentos, e na leitura de referenciais teóricos, foi possível selecionar as pessoas que seriam entrevistadas com a finalidade de complementar informações necessárias ao preenchimento de

lacunas deixadas pelos documentos escritos, obtidos até então e enriquecer os dados e informações a respeito do pesquisado. No processo inicial de escolha foi levado em conta: as possibilidades de informações; nível de envolvimento com o tema; facilidade de contato e receptividade, e disponibilidade de cooperação.

Inicialmente foram escolhidas para as entrevistas: Juarez Milano, por ter sido colega de trabalho na UFG; Venício Veloso Borges, que foi aluno do Instituto de Matemática e Física (IMF⁵) da UFG na década de 1970; Luiz de Gonzaga Vieira, que foi Diretor do Departamento de Matemática e Física da PUC Goiás em 1982; Maria Angélica Ferreira Lombardi, colega de trabalho na PUC Goiás e amiga pessoal; Pierre Kaufmann, aluno e assistente do prof. Maurer na Universidade Mackenzie; e os netos Guilherme Maurer Lane e Lilian Maurer Lane. Entretanto, durante a realização dessas entrevistas, outros nomes foram sugeridos pelos entrevistados para complementar as informações solicitadas, totalizando onze entrevistas, envolvendo colegas de trabalho, alunos e familiares do prof. Willie Maurer.

Rosa e Arnoldi (2006, p. 50) evidenciam que “a primeira aproximação pode realizar-se tomando como intermediário algum responsável institucional ou líder natural de um grupo. Dessa forma, evita-se abordar diretamente o indivíduo, sendo a ligação feita através de um canal social”. Conforme as recomendações das autoras, a primeira aproximação foi intermediada por pessoas pertencentes ao círculo de amizade ou conhecimento do entrevistado, exceto os já conhecidos do entrevistador.

É imprescindível para que as respostas dos entrevistados sejam reais, que haja um acolhimento ou um contato inicial entre entrevistado↔entrevistador, fora do contexto da entrevista, para que ambos adquiram afinidade e confiabilidade. É o momento da transferência do conhecimento mútuo (ROSA; ARNOLDI, 2006, p. 40).

Com essa leitura, o passo seguinte foi estabelecer contato com cada pessoa selecionada para a entrevista a fim de explicar, de forma sucinta, o objetivo da pesquisa e agendar a primeira visita. Rosa e Arnoldi (2006, p. 50) afirmam que “a primeira aproximação entrevistado↔entrevistador é de fundamental importância, pois dela pode depender todo o desenvolvimento da entrevista”.

No primeiro encontro, com todos os selecionados, a proposta da pesquisa foi exposta de maneira clara e explicitada como seria utilizada a entrevista, bem

⁵ Instituto de Matemática e Física - IMF foi desmembrado em setembro de 1996, nos Institutos de Matemática e Estatística (IME) e Instituto de Física (IF) e o Instituto de Informática (INF).

como a metodologia empregada na realização, transcrição e divulgação da mesma mediante termo de consentimento. Ficou evidente o caráter confidencial da entrevista, cujo resultado poderá ser conhecido por outras pessoas somente após a autorização fornecida pelos mesmos. Foi solicitada também a permissão para gravar a entrevista, informando que seria enviada uma cópia da gravação original juntamente com a transcrição para análise e posterior aprovação. Finalmente foi definido o local, data e horário para a realização da entrevista, conforme disponibilidade de cada entrevistado. Neste momento fica estabelecida uma relação de confiabilidade entre entrevistador e entrevistado, que é um aspecto relevante para a validação dos dados coletados.

O segundo encontro foi agendado com certa antecedência para que o informante tivesse tempo para pensar no tema da entrevista e localizar documentos que tivessem em seu poder, alusivos ao assunto para, se quisesse, apresentar durante a entrevista. Esse procedimento foi relevante uma vez que, em algumas entrevistas, os entrevistados forneceram informações e documentos até então desconhecidos do entrevistador.

Ainda no entendimento de Rosa e Arnoldi (2006, p. 30), nas entrevistas semi-estruturadas “as questões deverão ser formuladas de forma a permitir que o sujeito discorra e verbalize seus pensamentos, tendências e reflexões sobre os temas apresentados”. Desse modo, nesse tipo de entrevista faz-se necessário elaborar um roteiro com tópicos selecionados e durante a realização da entrevista as questões não seguem uma formulação e sequência rígida, mas priorizam o discurso dos entrevistados.

Nesse sentido, foram elaboradas algumas questões para a realização de cada entrevista, formuladas de modo a propiciar respostas na forma de narrativa que permitissem aos informantes recordar e selecionar acontecimentos por eles vivenciados. No âmbito geral, as questões propostas a todos os entrevistados visavam obter informações sobre quando e como conheceram o prof. Willie A. Maurer; sua atuação profissional como professor, pesquisador, autor e administrador; o lado pessoal e familiar, e suas contribuições para o ensino de Matemática. A transcrição de todas as entrevistas encontra-se no Anexo 2.

Após a realização de cada entrevista, foi iniciada a organização e armazenamento, no formato digital, das gravações e documentos obtidos. A etapa seguinte iniciou-se com a transcrição de cada entrevista e a digitalização dos

documentos cedidos pelos entrevistados. Na transcrição procurou-se ser o mais fidedigno possível do acontecido nos encontros, mantendo inclusive alguns vícios de linguagem para que o leitor possa perceber na narrativa o estilo do entrevistado. Em seguida foi feita a conferência final do texto escrito e encaminhado ao colaborador para proceder à leitura, bem como cópia da gravação.

Todo o material obtido nas entrevistas foi transformado em arquivo digital e se encontra sob a guarda e responsabilidade do pesquisador/entrevistador. “É dever do entrevistador arquivar, por cinco anos, todas as provas de coleta de dados, tais como gravações efetuadas, filmagens, escritos, etc., o que vem comprovar, mais uma vez, a seriedade da preparação da entrevista e procedimentos pós-entrevista”. (ROSA; ARNOLDI, 2006, p. 74).

Durante a realização das entrevistas foram surgindo novas informações sobre locais onde provavelmente existiriam documentos e iniciava-se uma nova coleta de dados. Alguns colaboradores informaram sobre a existência da biblioteca de uso pessoal do prof. Willie A. Maurer, doada para a UFG. Essa informação desencadeou um novo processo de busca documental junto à Biblioteca Central da UFG.

No setor de restauração da Biblioteca foram localizados cerca de 280 exemplares em processo de tratamento e os demais livros se encontravam no acervo para consulta, não existindo informações sobre suas origens e a única forma de localizá-los foi percorrer as estantes de Matemática e Física. Vale ressaltar que todos os livros pertencentes à biblioteca de uso pessoal do prof. Willie Maurer tinham sua assinatura, o que facilitou sua identificação.



Figura 1: Livros doados por Willie A. Maurer em tratamento técnico.
Fonte: Acervo nosso – 03 de janeiro de 2012

Na PUC Goiás foram localizados cerca de 400 exemplares, armazenados em caixas de papelão sem nenhuma forma de tratamento para conservação. O funcionário responsável pela biblioteca da PUC Goiás informou que a mesma não teria condições de realizar a restauração dos livros. Diante desse fato, foi sugerido pelo pesquisador ao prof. Dr. Duclci Vaz, então Coordenador do curso de Licenciatura em Matemática fazer a doação dos livros para a UFG, uma vez que a mesma já estava cuidando de grande parte do acervo, que inclusive já lhe havia dado o nome de “Coleção Prof. Willie A. Maurer”. O Diretor do Departamento de Matemática e Física (MAF), que detinha a guarda desse acervo autorizou a doação dos livros.

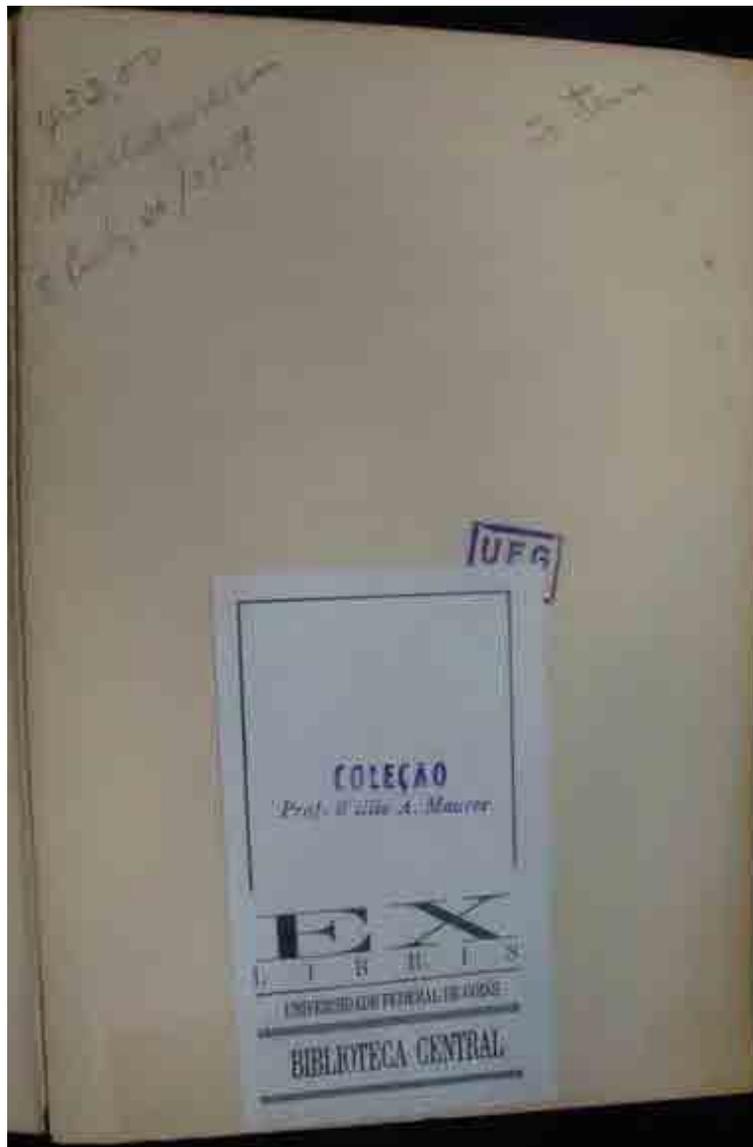


Figura 2: Coleção prof. Willie A. Maurer – Biblioteca Central UFG
Fonte: Acervo nosso – janeiro/2012

A doação foi feita oficialmente e os livros foram removidos para a Biblioteca Central da UFG em julho de 2012.



Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUCGOIÁS)
 Departamento de Matemática e Física
 Coordenação do Curso de Licenciatura em Matemática

A Coordenação do curso de Licenciatura em Matemática da PUCGOIÁS, vem por meio deste, oficializar a doação dos livros do acervo pessoal dos professores Willie Alfredo Maurer e Venício Veloso Borges. Tais livros, considerados raros e pertencentes a dois ex-professores do Departamento de Matemática da Universidade Federal de Goiás (UFG), foram inicialmente doados a biblioteca setorial do Curso de Licenciatura em Matemática.

Como é de nosso conhecimento, parte desse acervo já foi doada a Biblioteca Central da UFG e já se encontra disponível para consultas. Devido a dificuldades técnicas encontradas por nós para cuidar do material, solicitamos que os mesmos sejam acolhidos pela Biblioteca Central da UFG.

Goiânia, 23 de março de 2012

Duelci A. de Freitas Vaz
 Duelci A. de Freitas Vaz

Prof. Dr. Duelci A. de Freitas Vaz
 Coordenadora
 4761 - PUCGOIÁS

Figura 3: Documento de doação PUC-Goiás
 Fonte: Acervo nosso – março/2012

Na UFG, a busca de dados foi iniciada no Instituto de Matemática e Estatística (IME), onde o atual diretor, prof. Geci José Pereira da Silva, prontificou-se a colaborar com a pesquisa e permitiu acesso ao “arquivo morto” do IME, que contém toda a documentação do IMF, desde a sua criação. Foi um trabalho minucioso e exigiu bastante cuidado no manuseio da documentação, devido ao seu

desgaste natural e o tipo de papel usado na época (as folhas eram muito finas e rasgavam com facilidade).



Figura 4: Documentos em arquivo do IME
Fonte: Acervo nosso – 18 de agosto/2011

Toda a documentação selecionada foi copiada e digitalizada, o que possibilitou um arquivo físico, que contém as cópias em papel, e outro, digital.

O professor Geci ainda indicou o professor Nelson Amaral, ex-diretor do IMF e autor do texto “A Criação do IMF: 40 anos”, pois acreditava que o mesmo também poderia colaborar. Ao contactá-lo, o mesmo explicou como fez a coleta de dados para produzir o texto acima citado. Neste momento lembrou-se da existência de documentos que utilizou e que estavam arquivados no Instituto de Física (IF) da UFG, e telefonou para o diretor prof. Dr. Fernando Pelegrini, solicitando sua colaboração no sentido de permitir o acesso a esses documentos. Em relação a existência de documentos pessoais do prof. Willie Maurer na secretaria do IMF ele afirmou não se lembrar, mas certamente existiria algum documento no Departamento Pessoal (DP) da UFG.

Ao final da conversa ele se dirigiu ao DP e ao retornar pediu que se fizesse um ofício endereçado à diretora do DP, solicitando informações funcionais e cópias de documentos existentes no dossiê do prof. Willie Maurer. O ofício foi providenciado e passados alguns dias foi respondido juntamente com cópias de alguns documentos.

O contato seguinte foi com o professor Fernando Pelegrini, que permitiu acesso à documentação relativa à criação do IMF e aos seus primeiros anos de existência, tais como ofícios, memorandos, relatórios dentre outros. Ele informou que conheceu o prof. Willie Maurer em 1966, quando era aluno da UnB em Brasília e o mesmo foi apresentado à turma de alunos como o professor que iria organizar os laboratórios de Física. O fato de os documentos arquivados no IF estarem todos encadernados tornou inviável tirar cópias e a opção foi fazer uso da máquina fotográfica digital. Após selecionar todo o material, realizou-se o registro fotográfico, o que ocasionou mais duas visitas para conclusão dessa fase do trabalho.

A próxima etapa foi buscar obter informações sobre a passagem do prof. Willie Maurer por Uberlândia-MG. Constatou-se que ele trabalhou na Universidade Federal de Uberlândia em 1976 e 1977, como professor da área de Matemática na Faculdade de Engenharia.

O passo seguinte foi a localização de familiares do prof. Willie Maurer, o que só foi possível a partir de uma correspondência bancária, de 1991, encontrada em um dos livros da biblioteca pessoal do prof. Maurer, que se encontrava na PUC Goiás.

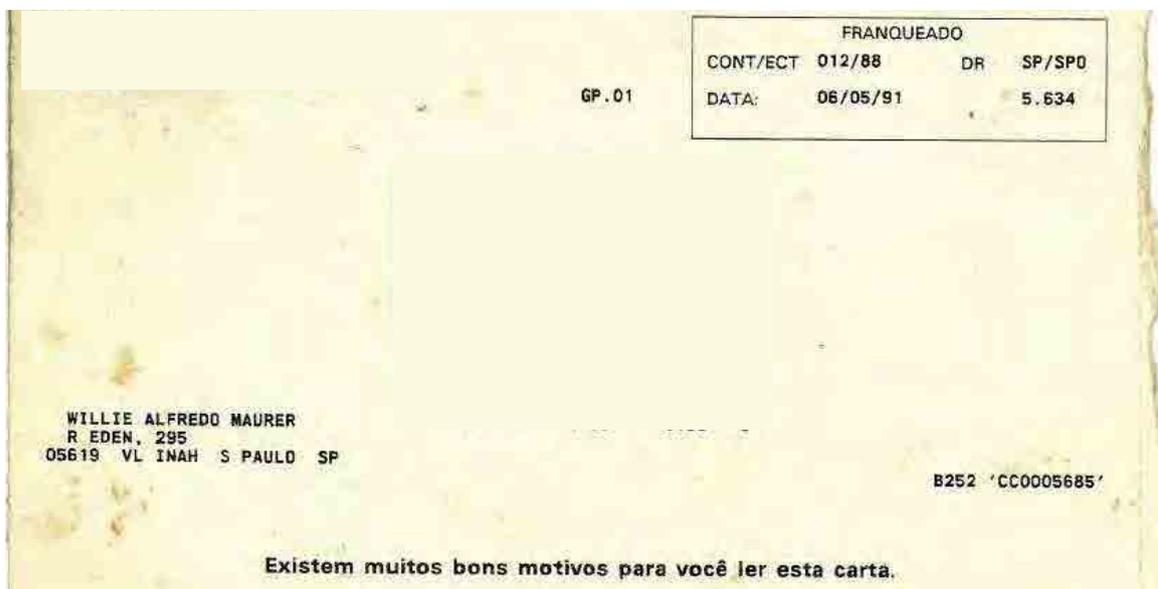


Figura 5: Endereço residencial do prof. Willie A. Maurer em São Paulo
Fonte: Acervo nosso – fevereiro/2011

A professora Maria Angélica, por ter visitado o prof. Willie Maurer algumas vezes em São Paulo, ao ser perguntada se conhecia o referido endereço: Rua Eden nº 295, Vila Inah, São Paulo-SP, lembrou-se de que realmente era o local onde ele morou até seus últimos dias de vida. Apesar de já ter conhecimento do

falecimento da filha única de Maurer, Silvia Lane⁶, esse endereço passou então a ser o ponto de partida para a localização de alguns de seus familiares.

Com o auxílio da internet, foi localizado o endereço da casa na qual ainda residem seus netos Guilherme e Lilian. Na primeira visita, após a explicação sobre a pesquisa em andamento, eles se prontificaram a colaborar e então foi marcado o retorno para a realização de uma entrevista. Durante a mesma, eles forneceram algumas fotografias e documentos do prof. Willie Maurer, inclusive a declaração de óbito para serem copiados. Ao procurar saber da existência de mais algum parente, o Guilherme informou que seu pai, Sr. Fred Lane, morava com seu outro irmão Eduardo Maurer Lane em uma residência próxima a Universidade Mackenzie e forneceu o endereço. Esse contato foi realizado posteriormente.

Por intermédio da prof^a Dr^a Lourdes de La Rosa Onuchic⁷, que tomou conhecimento da pesquisa sobre o prof. Willie Maurer, foi feito um contato com a Universidade Mackenzie e localizado o professor Pierre Kaufmann, que foi aluno do prof. Maurer. De posse dessas informações foi enviado um e-mail ao professor Pierre Kaufmann e o mesmo respondeu, prontificando-se a colaborar e marcou uma entrevista para o mês de abril de 2011. A mesma foi realizada em sua sala, no Centro de Radioastronomia e Astrofísica Mackenzie (CRAAM).

Depois da entrevista com o prof. Pierre, procurei o Sr. Fred Lane devido ao fato de residir próximo da Universidade Mackenzie. Embora sem ter marcado com antecedência a visita, a entrevista foi autorizada e realizada. A conversa fluiu naturalmente, com tranquilidade e riquíssima em informações sobre a vida pessoal do prof. Willie Maurer e sua família.

Durante a coleta de dados ocorreram momentos de euforia ao mergulhar no universo da pesquisa e perceber que “a ascese do despojamento do eu e do transporte para o outro é, pois, fonte de momentos de êxtase” (DOSSE, 2009, p. 15), em que o pesquisador tem a falsa sensação de conhecer mais o sujeito de pesquisa do que todas as pessoas com as quais já conviveu e então é o momento de deixar

⁶ Silvia Tatiana Maurer Lane nasceu em São Paulo a 03 de fevereiro de 1933. Faleceu no dia 29 de abril 2006, aos 73 anos, possuía graduação em Filosofia pela Universidade de São Paulo (1956), especialização em Psicologia pela Wellesley College, doutorado em Psicologia pela Faculdade de Ciências e Letras de São Bento (1972) e pós-doutorado pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (1984). Foi Sócia Fundadora da Associação Brasileira de Psicologia Social e Pesquisadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

⁷ Lourdes de La Rosa Onuchic: possui graduação em Bacharelado e Licenciatura em Matemática pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP/SP (1954), mestrado em Matemática pela Escola de Engenharia de São Carlos-USP (1971) e doutorado em Matemática pelo Instituto de Ciências Matemáticas de São Carlos-USP (1978). Atualmente é professora voluntária da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

tudo decantar. A partir daí iniciou-se o momento de fazer escolhas, aceitar as falhas, as lacunas ainda existentes na documentação e tentar preenchê-las. Enfim, chegou o momento de tentar construir a história de vida do prof. Willie Alfredo Maurer, apoiado em sua autobiografia.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Com o objetivo de fundamentar teoricamente a pesquisa em estudo, o presente capítulo se encontra estruturado em duas seções que se interligam: a primeira tem como finalidade discorrer sobre alguns aspectos da história e da biografia e a segunda seção circunscreve uma investigação sobre fontes históricas e seus objetivos, assim como define e caracteriza a entrevista no que se refere a sua estrutura e modalidades.

2.1. História e Biografia

A biografia, uma das primeiras formas de história, depois das dos deuses e de homens célebres, retém cada vez mais a atenção dos historiadores, embora vista recentemente, até a metade do século XX, sem ser de todo abandonada, como um gênero convencional e ultrapassado por uma geração devotada a abordagens quantitativas e economicistas.

A antiguidade grega e romana contou com importantes biógrafos, assim como a Idade Média e a Renascença. Entretanto, o termo biografia só aparece ao longo do século XVII, para designar uma obra verídica, fundada numa descrição realista, por oposição a outras formas antigas de escritura de si que idealizavam o personagem e as circunstâncias de sua vida (LORIGA, 2011).

Conforme a autora, uma reflexão biográfica se desenvolveu sobre dois eixos ao longo do século XVIII: interessou-se, além de pela vida de santos e reis, também pela de poetas, soldados e criminosos.

No século XIX, as biografias tiveram importante papel na construção da ideia de “nação”, immortalizando heróis e monarcas, ajudando a consolidar um patrimônio de símbolos feito de ancestrais fundadores, monumentos, lugares de memória, tradições populares, entre outros. “A biografia assimilou-se à exaltação das glórias nacionais, no cenário de uma história que embelezava o acontecimento, o fato. Foi a época de ouro de historiadores renomados como Taine, Fustel de Coulanges e Michelet, autor de excepcionais retratos de Danton à Napoleão” (DEL PRIORE, p. 8, 2009).

Na década de 1920, na França, surge um movimento rumo a um “novo tipo de história”, conduzido por Marc Bloch e Lucien Febvre, professores da Universidade de Estrasburgo.

A revista fundada por eles, *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, fez críticas implacáveis a historiadores tradicionais. A exemplo de Lamprecht, Turner e Robinson, Febvre e Bloch opunham-se ao predomínio da história política. Ambicionavam substituí-la por algo a que se referiam com uma “história mais ampla e mais humana”, que abrangeria todas as atividades humanas e estaria menos preocupada com a narrativa de eventos do que com a análise das “estruturas”, termo que desde então se tornou o preferido dos historiadores franceses da chamada “escola dos *Annales*” (BURKE, 2002, p. 30).

Nesta mesma época, aos poucos, história e literatura se separaram e a história adquire autonomia. De maneira decisiva e sob influência da Escola dos *Annales*, animada por Lucien Febvre e Marc Bloch, a história acadêmica desamparou o gênero biográfico ao longo do século XIX e continuou a fazê-lo no início do século XX. Segundo Dosse (2009), foi o momento do eclipse da narrativa, enterrada junto com a história factual. Ao minimizar a história política, diplomática, militar ou eclesiástica que evidenciava o indivíduo e o fato, a Nova História, nascida dos *Annales*, nos anos 60, optou por privilegiar o fato em todas as suas dimensões, econômica, social, cultural e espiritual. Para Jacques Revel, citado por Dosse (2009, p. 196), o estatuto da biografia “perdeu o caráter de evidência que teve durante longos séculos”.

Dosse (2009) assevera que, enquanto os historiadores preferiram rejeitar os ídolos individuais e os recortes cronológicos, dados pelo tempo de uma existência, escritores se tornaram, então, os grandes biógrafos: Guy de Pourtalés, Gide, Michel de Leiris, André Maurois, no mundo literário francês. Lytton Strachey e Antonia Fraser, no anglo-saxão, entre outros. A maior parte das biografias era acrítica e lançavam suas raízes no terreno dos romances históricos. Elas correspondiam a um público ávido de fatos históricos, de acontecimentos sensacionais ou de enigmas insolúveis como, o caso do Colar da Rainha ou as Famílias de Napoleão.

Quando a biografia parecia estar definitivamente abandonada, alguns autores como Richard Hoggart, Oscar Lewis e Danilo Montaldi retomaram-na desejosos de dar a palavra àqueles que a história desprezara.

É precisamente nessa óptica, tão distante da abordagem tradicional da história política, que se dissipou pouco a pouco a desconfiança para com a dimensão individual. Esteja ela ligada à memória dos marginais, dos vencidos e dos perdedores, ou ainda daqueles que,

mais simplesmente, não contaram (na esteira da história oral, dos estudos sobre a cultura popular e da história das mulheres), a reflexão biográfica progressivamente retornou em toda historiografia (LORIGA, 2011, p. 212).

Nesse contexto, numerosos historiadores passaram a refletir sobre a noção de indivíduo, sobre as trajetórias pessoais, sobre a ação humana dotada de sentido e intencionalidade. Começaram, contudo, a operar um discreto retorno à biografia. Jacques Le Goff, um dos representantes da escola *Annales*, foi autor de imponente e notável biografia, a de São Luís (DOSSE, 2012, p. 140).

Entretanto, somente na terceira geração dos *Annales* é que os historiadores vão se distanciar das abordagens mais quantitativas da história, para trabalharem em uma história mais antropológica. Essa terceira geração surge em um contexto marcado pelos efeitos da revolução cultural de 1968, sobre o conjunto da historiografia mundial, sendo definidos como a historiografia voltada ao estudo de temas culturais, com profunda descontinuidade quanto aos *Annales* anteriores.

É nesse período de 1970 e 1980 que a história política, depois de um longo período no limbo, retomou um lugar de destaque no quadro da renovação historiográfica relacionada à chamada “crise” geral das ciências humanas. Crise essa que foi pautada pela falência dos sistemas globais de interpretação e dos paradigmas dominantes fornecidos pelo marxismo e pelo estruturalismo, ou seja, pelo declínio radical das teorias e dos saberes sobre os quais a história havia escorado seus avanços nos anos sessenta e setenta, como bem enfatiza Chartier (2009).

Foi a partir da década de 1980 que se chegou ao fim da rejeição à biografia histórica. Dosse (2009) define como a idade hermenêutica, na qual o gênero biográfico teve como objetivo a unidade dominada pelo singular. Essa singularidade legitimou tanto a retomada de interesse pela biografia como também tornou o sentido do gênero mais reflexivo.

Sartre, (cf. Dosse, 2009, p. 230), afirma que a biografia já não é retrospectiva, mas prospectiva, prenunciadora do futuro. “Não é mais o ‘depois’ do vivido, sua reconstituição mais ou menos penosa por um pesquisador escrupuloso e atento, mas seu comunicado, seu programa”. Desse modo, Sartre abre novas perspectivas para o gênero biográfico, passa a internalizar o externo e exteriorizar o interno e proporciona a articulação de elementos singulares à unidade de uma pessoa.

Nesse momento hermenêutico, o gênero biográfico tornou-se mais reflexivo e já não procura mais fazer o real falar diretamente e saturar seu sentido. O biógrafo sabe que o enigma sobrevive a sua tentativa e, de maneira mais modesta, aspira apenas a criar um efeito de vivência, do mesmo modo como Roland Barthes dizia que a história “criava um efeito de real” (DOSSE, 2012, p. 143).

O indivíduo e suas ações situavam-se em sua relação com o ambiente social ou psicológico, sua educação, experiência profissional, dentre outros. O historiador deveria focar naquilo que os condicionava a fim de fazer reviver um mundo perdido e longínquo.

Mas a possibilidade de colocar a biografia em questão ganhou espaço com um amplo debate entre historiadores e sociólogos, em 1986. O texto “*L’illusion biographique*”, de Pierre Bourdieu, criticava as ciências sociais pela subjetividade de biografias históricas baseadas na ilusão própria ao senso comum, “como uma criação especiosa, fruto de uma pulsão narcísica” (LORIGA, 2011, p. 215).

Esta crítica ao relato biográfico, longe de afastar o interesse de historiadores, desafiou-os. Convidou-os a pensar a biografia de um novo ângulo. Ao longo do século XX o contraste entre o individual e o social se fixou em duas situações em que a escolha deveria ser feita em favor do indivíduo ou em favor do coletivo.

O sociólogo Ferrarotti (1988) observa que a aplicação do método biográfico desencadeou importantes embates teóricos no decurso de sua evolução, numa luta contínua pelo reconhecimento de seu estatuto científico enquanto método autônomo de investigação. Segundo ele, o interesse crescente nos últimos anos pelo debate sobre esse método responde a uma dupla exigência. De um lado, à necessidade de renovação metodológica. De outro lado, esse método corresponde à exigência de uma nova antropologia, devido aos apelos vindos de vários setores para se conhecer melhor a vida cotidiana.

As teorias sociais voltadas para as explicações macroestruturais não davam conta dos problemas, das tensões e conflitos que tomam lugar na dinâmica da vida cotidiana, mostrando-se, portanto, “impotentes para compreender e satisfazer esta necessidade de uma hermenêutica social do campo psicológico individual” (FERRAROTTI, 1988, p. 20). Nesse contexto, o método biográfico apresenta-se como opção e alternativa para fazer a mediação entre as ações e a estrutura, entre a história individual e a história social.

Dosse (2009, p. 254) esclarece que, influenciado pela produção italiana dos anos 1980, a discussão historiográfica da segunda geração dos *Annales* abriu outra frente de trabalho. Nesta época nascia uma coleção da editora Einaudi, dirigida por Carlo Guinzburg, Edoardo Grendi, Carlo Poni e Giovanni Levi intitulada *Microstorie*. Ao longo da década, a editora e as obras aí publicadas ajudaram a consolidar os conceitos desta que passou a ser uma abordagem: a Micro-História.

A micro-história não se resume ao que está presente nessa coleção de livros. Pelo contrário, ela adquiriu certa autonomia e passou a adquirir características singulares em cada estudioso que a utilizou, devido a sua proposta interdisciplinar e também por se constituir um método.

Surgida sob a influência dos *Annales*, a micro-história, foi um dos exemplos mais convincentes da oposição aos métodos tradicionais de investigação e à concepção corrente da história, a história dos grandes feitos. Seu desenvolvimento favorece até um rompimento com as tradicionais barreiras disciplinares, abrindo espaço para a pesquisa interdisciplinar. Conforme Burke (1991, p. 11), as diretrizes dadas pelos *Annales* propunham,

(...) em primeiro lugar, a substituição da tradicional narrativa de acontecimentos por uma história-problema. Em segundo lugar, a história de todas as atividades humanas e não apenas da história política. Em terceiro lugar, visando completar os dois primeiros objetivos, a colaboração com outras disciplinas, tais como a geografia, a sociologia, a psicologia, a economia, a linguística, a antropologia social, e tantas outras.

Preocupada com a problematização mais nítida do objeto de investigação, especialmente quanto às hierarquias e conflitos sociais, a micro-história trouxe à luz importantes biografias extraídas desta nova prática historiográfica.

Enredos ilustrativos deste tipo de narrativa seriam o clássico *O queijo e os vermes*, de Carlo Guinzburg, cujo personagem é um moleiro friulano, Domenico Scandella, conhecido por Mennochio; a história de *O retorno de Martin Guerre*, de Natalie Davis, a trajetória de um impostor que se faz passar por marido de uma camponesa do sul da França; e *A herança Imaterial*, escrita por Giovanni Levi.

Nessas obras, ficam evidentes algumas das características que, de fato, distinguem a micro-história da História das Mentalidades: a ênfase nos conflitos de classe, a despreocupação com os contextos amplos e a longa duração, a renúncia à história totalizante. A micro-história se preocupa com o tempo significativo de fatos, ações e representações que cercam o indivíduo.

Sob este prisma, a reabilitação da biografia histórica integrou as aquisições da história social e cultural, oferecendo aos diferentes atores históricos uma importância diferenciada, distinta, individual. Não se tratava mais de fazer, simplesmente, a história dos grandes nomes, sem problemas, nem máculas, mas de examinar os atores célebres ou não, como testemunhas, como reveladores de uma época.

A micro-história nasceu como uma reação, como uma tomada de posição frente a um certo estado da história social, da qual ela sugere reformular concepções, exigências e procedimentos. Ela pode ter, nesse ponto, valor de sintoma historiográfico (REVEL *apud* REVEL, 1998, p. 16).

A descrição micro-histórica tem como objetivo registrar uma série de acontecimentos ou fatos significativos que, de outra forma, seriam imperceptíveis e que podem ser interpretados por sua inserção num contexto mais amplo. Tem se centralizado na busca de uma descrição mais realista do comportamento humano, empregando um modelo de ação que possa dar voz a personagens que nem sempre estão em evidência dentro de um cenário mais amplo.

A abordagem micro-histórica dedica-se ao problema de como obtemos acesso ao conhecimento do passado através de vários indícios, sinais e sintomas. Esse é um procedimento que toma o particular como seu ponto de partida (um particular que com frequência é altamente específico e individual, e seria impossível descrever como um caso típico) e prossegue, identificando seu significado à luz de seu próprio contexto específico (LEVI, 2011, p. 156).

A micro-história tende a envolver-se cada vez mais com o privado, o pessoal, o vivido. Mostra ainda mais a representação de indivíduos, pequenos grupos e suas identidades, delimitadas experiências de vida.

Para Levi (2011, p. 139), a micro-história é uma prática que visa essencialmente à redução da escala de observação, em uma análise microscópica, com base em um estudo intensivo do material documental. A redução de escala é um procedimento analítico, que pode ser aplicado em qualquer lugar, independentemente das dimensões do objeto analisado.

Portanto, o método da micro-história consiste principalmente na redução da escala de análise da investigação para em seguida, estabelecer um jogo entre a dimensão detalhada do enfoque de pesquisa e a escala ampliada do contexto social que lhe atribui sentido e que é enriquecido com as novidades provenientes da micro análise. Assim, a volta a um história global não pode ser separada da reflexão sobre as variações de escalas em história, como observa Ricoeur (cf. Chartier, 2009, p. 54)

“em cada escala vemos coisas que não se veem em outra escala, e cada escala tem sua própria regra”.

Desse modo, a perspectiva da micro-história, segundo Ginzburg (1991, p. 177), através de “uma escala reduzida, permite em muitos casos uma reconstituição do vivido impensável noutros tipos de historiografia, procurando indagar as estruturas invisíveis dentro das quais aquele vivido se articula”, o que significa perceber aspectos que, de outro modo, passariam despercebidos. Quando um micro-historiador estuda uma pequena comunidade, ele não estuda propriamente a pequena comunidade, mas estuda através da pequena comunidade, ou seja, busca analisar o todo a partir das partes.

Burke (2002) evidencia que utilizando a metáfora de que o micro-historiador examina uma gota d’água para enxergar algo do oceano, não significa dizer que o objetivo seja enxergar o oceano inteiro através de uma simples gota d’água. A ideia é que embora não seja possível enxergar a sociedade inteira a partir de um fragmento social, será possível, dependendo do problema abordado, enxergar algo da realidade social que envolve o fragmento humano examinado.

É a partir de exemplo como este que Levi (2011) assevera que a micro-história lida com o fragmento como meio através do qual se pretende enxergar uma questão social mais ampla ou um problema histórico ou cultural significativo. O fragmento é o que se apresenta ao historiador como caminho para realizar a sua descrição densa, que tem como objetivo

(...) registrar por escrito uma série de acontecimentos ou fatos significativos que de outra forma seriam imperceptíveis, mas que podem ser interpretados por sua inserção no contexto, ou seja, no fluxo do discurso social. Essa abordagem é bem sucedida na utilização da análise microscópica dos acontecimentos mais insignificantes, como um meio de se chegar a conclusões de mais amplo alcance (LEVI, 2011, p. 144).

Nessa perspectiva, a micro-história permite um enriquecimento da análise social, tornando-a complexa ao levar em conta aspectos inesperados. Para o autor o princípio unificador de toda pesquisa micro-histórica se baseia na crença de que a análise microscópica revelará fatores previamente não observados.

A micro-história tenta não sacrificar o conhecimento dos elementos individuais a uma generalização mais ampla, e de fato acentua as vidas e os acontecimentos individuais. Mas ao mesmo tempo, tenta não rejeitar todas as formas de abstração, pois fatos insignificantes e casos individuais podem servir para revelar um fenômeno mais geral (LEVI, 2011, p. 160).

Nesse contexto, a biografia não era mais a de um indivíduo isolado, mas, a história de uma época vista através de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos.

Ele ou eles não eram mais apresentados como heróis, mas como uma espécie de receptáculo de correntes de pensamentos e de movimentos que a narrativa de suas vidas torna mais palpáveis, deixando mais sensível a significação histórica geral de uma vida individual.

Loriga, *apud* Dosse (2009, p. 258), defende o ponto de vista da pluralidade na biografia.

O discurso histórico tende a excluir o singular e a perceber o indivíduo apenas como representante de uma categoria (social ou cultural). Ele não busca tomar os indivíduos como elementos típicos de uma experiência comum, ao contrário, o material biográfico se torna a base privilegiada para reconstituir até o contexto histórico.

Segundo Le Goff *apud* Dosse (2009) a introdução do gênero biográfico na história atual é um instrumento útil e suplementar usado pela história cultural. É uma maneira “de continuar a fazer história por outros meios”, como explicou o historiador quando interpelado sobre suas pesquisas para os estudos de São Francisco de Assis e depois, de São Luiz Rei da França.

Para Dosse (2009), Le Goff é o melhor exemplo do que propunham os historiadores franceses ao reinventar a biografia. Na tradição do espírito dos *Annales*, ela deve se instaurar por uma “questão” e se formular como um caso de “história-problema”. Como toda narrativa de vida, ela precisa se submeter a uma cronologia de fatos, mas, contrariamente, à vida, ao destino, é “uma construção feita de acasos, hesitações e escolhas” que permitem ao biógrafo, escapar à tal ilusão biográfica fustigada por Bourdieu. “A biografia só me atrai quando posso – e foi o que aconteceu no caso de São Luís – reunir em volta do personagem documentos capazes de esclarecer uma sociedade, uma civilização, uma época” (DOSSE, 2009, p. 277).

Esta abordagem apresentou o interesse de ultrapassar a oposição entre história narrativa e história estruturalista. Incentivou a encontrar as estruturas por outro recorte. A biografia desfez também a falsa oposição entre indivíduo e sociedade. O indivíduo não existe só. Ele só existe numa rede de relações sociais diversificadas. Na vida de um indivíduo, convergem fatos e forças sociais, assim como o indivíduo, suas ideias, representações e imaginário convergem para o contexto social ao qual ele pertence. A biografia permitiu então a abordagem histórica pelo foco num indivíduo, seja ele ilustre ou desconhecido. Wachtel, *apud* Dosse (2009), reitera que isto é possível, pois os destinos individuais estão situados

em diversas redes que se cruzam: a casa e a família, o espaço regional, o universo espiritual, os fatos de uma época.

Segundo Le Goff, a biografia individual ou coletiva implica o estudo de um indivíduo ou de grupo de indivíduos que representam uma classe social, uma profissão, uma fé ou crença, desde que se defina, previamente, a estrutura social a que pertencem. Pode-se igualmente examinar a maneira pelas quais as crises pessoais de um indivíduo complexo refletem as tensões de uma época, e como as soluções pessoais do conflito fazem eco, se apropriam ou se impregnam das transformações de uma cultura.

Assim, o indivíduo é, ao mesmo tempo, ator crítico e produto de sua época, seu percurso iluminando a história por dois ângulos distintos. Um explícito, pela iniciativa voluntária do observador que propõe uma análise da sociedade na qual o personagem está inscrito. O outro, implícito, avaliado no percurso do personagem que ilustra, por sua vez, as tensões, conflitos e contradições de um tempo, todos essenciais para a compreensão do período. Neste caso, o indivíduo encarna, ele mesmo, tais tensões (DOSSE, 2009).

O autor afirma que em relação à escrita da biografia, graças ao gênero, o historiador se tornou um escritor que se dirige a um público que aguarda uma narrativa de acontecimentos encadeados e uma intriga codificada por fatos reais, interpretados. Ao fim das contas, a estrutura da biografia apresenta uma característica essencial: os eventos contados pela narrativa do historiador são impostos por documentos e não nascidos da imaginação.

Com essa leitura, ao se estudar um pequeno evento, circunscrito historicamente no tempo e no espaço como é o caso da história de vida de Willie Maurer, permite a compreensão, em escala e análise microscópica, de uma realidade mais ampla. Nesse sentido, na tentativa de compor uma micro-história, a pesquisa pode ser realizada utilizando os vários tipos de fontes. Item que será abordado a seguir.

2.2. Fontes Históricas

Influenciados pela historiografia dos *Analles*, os seguidores da Nova História, na segunda metade do século XX, abarcaram em seus estudos históricos as mais diversas fontes, como a literatura, as imagens ou a cultura material. Este fator modificou o conceito de fontes históricas, que passaram a ser entendidos como vestígios, registros do passado ligados diretamente aos estudos, como o cotidiano, o imaginário, a alimentação, as tradições, entre outros. No entanto, os documentos escritos não perderam seu valor, mas passaram a ser reinterpretados partindo de técnicas interdisciplinares.

As fontes históricas se constituem no material dos quais os historiadores se apropriam por meio de abordagens específicas, métodos diferentes, técnicas variadas para tecerem seus discursos históricos. Nas últimas décadas, o conceito de fonte histórica ampliou-se significativamente, e elas passaram a ser vistas como vestígios de diversas naturezas deixados por sociedades do passado.

Assim, sem deixar de ser representação construída socialmente por um ator, por um grupo social ou por uma instituição qualquer, a fonte é uma evidência de um processo ou de um evento ocorrido, cujo estabelecimento do dado bruto é apenas o começo de um processo de interpretação com muitas variáveis (NAPOLITANO, 2011, p. 240).

Quando o historiador trabalha com as fontes históricas tece determinadas interpretações, influenciado pelo seu presente. No entanto, o historiador, a partir de outros textos, de elementos diversos inscritos em uma historicidade específica, contextualizada, busca a compreensão do significado de tal fonte, busca em qual representação de mundo está inserido o grupo. As fontes são, nesse sentido, artefatos culturalmente construídos e repletos de intencionalidade pelos grupos que as originaram. Assim, “tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo o que toca pode e deve informar sobre ele” (BLOCH, 2001, p. 79), pode ser considerado como fonte histórica.

No processo de elaboração das verdades evidenciadas pela organização das informações históricas, “o historiador vai e vem do presente ao passado, realiza dois movimentos contrários e complementares do presente à origem, da origem ao presente”. A operacionalização dessa dinâmica tem como ponto de partida e de chegada, a verdade histórica como forma de construção e validação de uma

realidade que visa dar novo significado ao contexto investigado, quer seja ele local ou global.

Acredita-se que, ao lidar com a escrita de biografias, o historiador precisa inserir o biografado em seu contexto, analisar sua representatividade mesmo em sua singularidade, mostrar como ele faz parte de um momento histórico e como se pode, por meio de sua trajetória individual, compreender esse momento da história. A existência e acesso à documentação são, portanto, a primeira preocupação do historiador que pretende escrever uma biografia.

Para Le Goff (1996), vê-se, então, que essa multiplicidade de abordagens origina uma variedade de fontes de pesquisa que tem como finalidade principal instituir, da maneira mais próxima possível do real, as informações históricas, com vistas a transparecer um panorama de continuidade na realidade construída. Tais fontes, na maioria das vezes, surgem nos processos estabelecidos durante a operacionalização das pesquisas nas Ciências Humanas e Sociais, como a Antropologia, a História e a Sociologia.

É dessa reorganização metodológica de pesquisa caracterizada por uma combinação de técnicas, que o historiador traça seus planos de estudos e pesquisas de modo a aproximar-se, o máximo possível, da verdade que pretende instituir no seu percurso historiográfico. Isso significa buscar, cada vez mais, as mais variadas fontes informativas que possam auxiliar o historiador na (re) constituição do fato a ser narrado na história que está sendo construída por ele. Assim essa história se torna uma possibilidade viável, de acordo com as fontes nas quais se apoiou o pesquisador para constituir tal história.

Para se ter uma concepção mais fiel do objeto investigado, faz-se necessário recorrer a técnicas de fazer observações, revisar documentos, obras, realizar entrevistas com pessoas vinculadas ao sujeito pesquisado. Para o historiador essa verificação das fontes é sempre necessária, portanto, será dada atenção especial às fontes utilizadas no presente estudo.

Entrevista

Desejando recolher o máximo de informações pertinentes, os pesquisadores combinam, usualmente, várias técnicas. Triviños (2012) ressalta que, geralmente, uma das técnicas utilizada para investigação é a entrevista.

Não é raro ouvir dizer que dirigir uma entrevista é uma arte. Ainda que existam divergências sobre o que implica essa arte, não resta dúvida de que a entrevista, pouco importa sua forma, sempre foi considerada como um meio adequado para levar uma pessoa a dizer o que pensa, a descrever o que viveu ou o que viu, ou aquilo de que foi testemunha. Há, certamente, uma espécie de convicção de base, de que, idealmente, uma boa entrevista deveria permitir que o entrevistado se reporte satisfatoriamente, e que aquilo que ele diz seja considerado, segundo as posições epistemológicas dos pesquisadores, como uma história verdadeira, uma reconstrução da realidade ou uma mera encenação da mesma (POUPART, 2010, p. 227).

A entrevista na pesquisa qualitativa, ao privilegiar a fala dos atores sociais, permite atingir um nível de compreensão da realidade humana que se torna acessível por meio de discursos, sendo apropriada para investigações cujo objetivo é conhecer como as pessoas percebem o mundo. A forma específica de conversação que se estabelece em uma entrevista para fins de pesquisa favorece o acesso direto ou indireto às opiniões, às crenças, aos valores e aos significados que as pessoas atribuem a si, aos outros e ao mundo circundante.

Romanelli (1998) assevera que a entrevista também é marcada por essa dimensão do social. Ela não se reduz a uma troca de perguntas e respostas previamente preparadas, mas é concebida como uma produção de linguagem, portanto, dialógica. Os sentidos são criados na interlocução e dependem da situação experienciada, dos horizontes espaciais ocupados pelo pesquisador e pelo entrevistado. As enunciações acontecidas dependem da situação concreta em que se realizam, da relação que se estabelece entre os interlocutores, depende de com quem se fala. Na entrevista é o sujeito que se expressa, mas sua voz carrega o tom de outras vozes, refletindo a realidade de seu grupo, gênero, etnia, classe, momento histórico e social.

A entrevista é processo de construção de dados sobre experiências diversas dos sujeitos e é expressa pela linguagem, constituindo um produto cultural. Como tal, o que está presente na fala do sujeito são fatos de duas ordens: descrições de acontecimentos vividos por ele e interpretações, ou representações, acerca dessas vivências. Representações constituem imagens, ideias coletivas partilhadas por um segmento específico de pessoas e são constantemente reproduzidas na prática social (ROMANELLI, 1998, p. 129).

Desse modo, a entrevista dá voz ao interlocutor para que ele fale do que está acessível a sua mente no momento da interação com o entrevistador em um processo de influência mútua e produz um discurso compartilhado pelos dois atores: pesquisador e participante. Para Alberti (2005, p. 102) a entrevista deve ser

(...) tomada e analisada como um todo, levando-se em conta todos os passos percorridos, as mudanças na situação de entrevista, o modo como são feitas as perguntas e as características das respostas, enfim, todo indício de como efetivamente se deu aquela relação particular. (...) O ideal,

numa situação de entrevista, é que se caminhe em direção a um diálogo informal e sincero, que permita a cumplicidade entre entrevistado e entrevistador, à medida que ambos se engajam na reconstrução, na reflexão e na interpretação do passado. Essa cumplicidade pressupõe necessariamente que ambos reconheçam suas diferenças e respeitem o outro enquanto portador de uma visão de mundo diferente, dada por sua experiência de vida, sua formação e sua cultura específica.

Em relação a sua estruturação, por sua vez, as entrevistas podem ser estruturadas, semiestruturadas ou não estruturadas.

As entrevistas estruturadas ou fechadas são utilizadas, frequentemente, em pesquisas quantitativas e experimentais. Esta modalidade de entrevista se caracteriza por uma estruturação rígida do roteiro e oferece pouco espaço para a fala espontânea do entrevistado. O roteiro da entrevista é pré-elaborado e testado, assim como as questões obedecem a uma sequência rigorosa com pouca flexibilidade para a formulação das perguntas e para o subsequente aproveitamento de comentários adicionais dos entrevistados. A posição esperada do entrevistador é a mais neutra possível, devendo evitar esboçar qualquer opinião que possa sugerir a sua visão pessoal e, diante de qualquer dúvida do entrevistado a respeito do conteúdo da pergunta formulada, o entrevistador deve apenas repetir o enunciado, sem oferecer explicações complementares que não tenham sido previstas pelo roteiro inicial. Dessa forma, os procedimentos se uniformizam para todos os entrevistados e entrevistadores (ROSA; ARNOLDI, 2006).

As entrevistas mais comumente utilizadas nas pesquisas qualitativas são as semiestruturadas e as não estruturadas. A opção por uma delas está relacionada com o nível de diretividade que o pesquisador pretende seguir, variando desde a entrevista na qual o entrevistador introduz o tema da pesquisa e deixa o entrevistado livre para discorrer sobre o mesmo, fazendo apenas interferências pontuais, até a entrevista semiestruturada, que segue um roteiro de tópicos ou perguntas gerais (POUPART, 2010).

Em relação à entrevista não estruturada ou livres, esta forma de entrevista na qual o entrevistador, depois de ter dado uma instrução inicial, visando nortear o entrevistado sobre o tema da pesquisa, confere-lhe o máximo de liberdade no que diz respeito à maneira de tratar o assunto, e tenta orientar seus relances sobre as dimensões abordadas pelo interlocutor. A entrevista não estruturada apresenta inicialmente a vantagem de se basear adequadamente na realidade do entrevistado.

As entrevistas livres são feitas através de um relato oral que coleta informações em que o interlocutor desenvolve suas ideias quase sem interferência do entrevistador. Tem-se uma narrativa que segue uma sequência em função do que e como o sujeito recorda, da seleção que ele faz de acontecimentos e pessoas a ele relacionadas e do que ele pretende relatar (FERNANDES (1991) *apud* ROSA; ARNOLDI, 2006, p. 31).

Em relação à entrevista semiestruturada, é prática comum a elaboração de um roteiro apresentado sob a forma de tópicos guia que oriente a condução da entrevista, mas que de modo algum impeça o aprofundamento de aspectos que possam ser relevantes ao entendimento do objeto ou do tema em estudo.

Para a elaboração dos tópicos, é importante que o pesquisador avalie seus interesses de investigação e faça uma leitura crítica da literatura sobre o tema. Além de ser um instrumento orientador para a entrevista, o tópico guia pode ser útil para a elaboração e antecipação de categorias de análise dos resultados.

No contexto das entrevistas, Poupart (2010, p. 228), afirma que alguns princípios são comumente alegados, com o objetivo de fazer com que o entrevistado possa verdadeiramente dar conta de sua visão ou de sua experiência: “obter a melhor colaboração do entrevistado; colocá-lo o mais a vontade possível na situação de entrevista; ganhar sua confiança e, enfim, fazer com que ele fale espontaneamente e aceite se envolver”.

Conforme Poupart (2010) a realização de uma boa entrevista exige: a) que o pesquisador tenha muito bem definido os objetivos de sua pesquisa; b) que ele conheça, com alguma profundidade, o contexto em que pretende realizar sua investigação (a experiência pessoal, conversas com pessoas que participam daquele universo, leitura de estudos precedentes e uma cuidadosa revisão bibliográfica são requisitos fundamentais para a entrada do pesquisador no campo); c) a introjeção, pelo entrevistador, do roteiro da entrevista; d) segurança e autoconfiança; e) algum nível de informalidade, sem jamais perder de vista os objetivos que levaram a buscar aquele sujeito específico como fonte de material empírico para sua investigação.

O resultado que se pretende, é além de conhecer as opiniões das pessoas sobre determinado tema, é entender as motivações, os significados e os valores que sustentam as opiniões e as visões de mundo. Em outras palavras é dar voz ao outro e compreender de que perspectiva ele fala. Para atingir esse objetivo, o entrevistador assume um papel menos diretivo para favorecer o diálogo mais aberto com o entrevistado e fazer emergir novos aspectos significativos sobre o tema. A

relação intersubjetiva, então, é condição para o aprofundamento, visto que a realidade social não tem existência objetiva independente dos atores sociais, mas ao contrário, é construída nos processos de interações sociais.

Assim, a entrevista pode ser utilizada como técnica de pesquisa, como técnica preliminar ou ainda associada a outras técnicas. Desse modo, conforme Alberti (2005) é importante ter clareza de que a entrevista visa a compreensão parcial de uma realidade multifacetada concernente a tempo e contexto sócio-histórico específicos. Isto não significa, no entanto, defender um relativismo subjetivista, de acordo com o qual cada um tem a sua 'verdade', mas reconhecer que as visões de mundo de grupos humanos se sustentam nos níveis de compartilhamento vivenciados por eles: época, lugar, processos de socialização, de desenvolvimento da sociedade, hábitos e costumes culturais, língua, ambiente, dentre outros.

Assim, a entrevista é essencialmente uma comunicação verbal e consiste em um tipo de interação com objetivos específicos, que visa a compreensão de como os sujeitos percebem e vivenciam determinada situação ou evento que está sendo focalizado.

Fotografia

A fotografia surge no ocidente sob o signo da modernidade, sob a razão iluminista e sob a influência renascentista. Nesse rico e vasto universo da história dos homens e das linguagens, dos discursos e das interpretações que eles constroem, é que se discute a possibilidade de investigação, adotando a interpretação da fotografia como fonte histórica (FRANCO, 1999 *apud* GOMES, 2003).

Invenção burguesa por excelência, a fotografia popularizou o retrato e levou aos “recantos mais distantes do mundo essa “caixa de pandora”, contendo paisagens de lugares exóticos, de monumentos, de tipos humanos, imagens de guerra e de conquistas científicas” (LIMA; CARVALHO, 2009, p. 30).

Nos últimos anos, a fotografia deixou de ser um mero instrumento ilustrativo da pesquisa para assumir o *status* de documento, uma matéria-prima fundamental na produção do conhecimento sobre determinados períodos da história, acontecimentos e grupos sociais. Segundo as autoras Lima & Carvalho (2009), se,

por um lado, a fotografia foi e ainda é utilizada como *janela* para o passado, fornecendo, portanto, dados que os documentos textuais não registraram, por outro, a compreensão da fotografia como uma forma de representação abriu inúmeras possibilidades de análise de problemas históricos associados à construção da imagem.

Desde o seu surgimento, o ato de fotografar vem acompanhando os mais variados acontecimentos do mundo, até os dias atuais. Por meio de sua linguagem é possível evidenciar ou omitir comportamentos, valores e ideias, além de suscitar um vínculo estreito com a construção da memória, seja ela individual ou coletiva. Compreende-se aqui a fotografia, em primeiro lugar, como um documento histórico, cuja análise (assim como na documentação escrita, é claro que levando em consideração as devidas particularidades) pode conduzir o pesquisador a pistas importantes para a recuperação e posterior interpretação dos fatos ocorridos em outras épocas. Como documento histórico, a fotografia é fonte ativadora da memória, capaz de suscitar incontáveis recordações.

Com apoio a essa metodologia, nota-se que a fotografia adquire uma capacidade de atuar como ponto de partida da memória, sintetizando sentimentos de pertencimento aos grupos sejam eles, familiares, de moradores de um mesmo bairro, dentre outros. Pode-se afirmar que a imagem fotográfica atua como um instrumento socializador da memória de indivíduos, grupos ou instituições, ao ser considerada um tipo de linguagem que possui a capacidade de interpretar histórias de vida dos mais variados segmentos de uma sociedade.

Segundo Lima & Carvalho (2009) a fotografia possibilita a transmissão direta de informações contidas em sua materialidade enquanto artefato, e portadora de modos de ver particularizados pelo contexto histórico no qual foi produzida. Uma única imagem contém em si um inventário de informações acerca de um determinado momento passado; ela sintetiza do documento um fragmento do real visível, destacando-o do contínuo da vida.

A fotografia é uma fonte histórica que demanda um novo tipo de crítica e uma nova postura teórica de caráter transdisciplinar. As imagens por ela geradas são históricas e dependem das variáveis técnicas e estéticas do contexto que as produziram, assim como das diferentes visões de mundo que concorreram no jogo das relações sociais.

Através das imagens, busca-se a verdade dos fatos, mas o que se encontra são apenas imagens da verdade, os fatos em sua forma aparente. O que se faz é a arqueologia da imagem, a crítica interna das ideologias de legitimação da realidade ou das formas como a realidade é apresentada pela fotografia. Independentemente se o registro fotográfico foi feito para documentar uma passagem ou representar um estilo de vida, a fotografia é um testemunho válido.

Trabalhos realizados em outras pesquisas que se utilizam das fotos chamadas históricas têm mostrado que o procedimento mais vantajoso é aquele que utiliza a fotografia conjuntamente com outros tipos de dados. Valer-se de fontes diferentes como o depoimento oral referentes ao período estudado, além de documentos como jornais, atas e documentos antigos é fundamental para a reconstituição da memória e para que as informações que contém possam ser visualizadas pelo pesquisador dentro de um contexto mais amplo, que permitirá a ele explorar ao máximo os dados registrados naquele suporte fotográfico.

Assim, diante de fontes fotográficas, o historiador não pode prescindir de métodos de análise que partam das especificidades da imagem, mas que devem alcançar sempre uma perspectiva plural, quer dizer, relacionando-a com outras. Além disso, as fontes fotográficas sozinhas não se bastam. A problemática histórica é que deve guiar a abordagem das fontes (LIMA; CARVALHO, 2009, p. 45).

Assim, a reflexão sobre a dimensão histórica da fotografia é importante para evidenciar o quanto ela pode enriquecer os estudos e as pesquisas do historiador.

Documentos Históricos

Fotografias, imagens, documentos escritos, textos de livros didáticos, revistas, enciclopédias, réplicas de papiros e outros documentos históricos, são instrumentos dotados de significados dentro de um contexto cultural e social, que fornecem informações sobre os acontecimentos e transformações ocorridas nas civilizações ao longo de toda a história da humanidade.

Ação da mão sobre papeis, sobre telas, sobre pedras e onde mais for possível deixar traços, a escrita registra, inventa e conserva sempre mais ou menos, ao contar, muitos atos da experiência humana. Como ferramenta de uso social, a escrita pode salvar do esquecimento ao fixar no tempo vestígios de passados e, assim, escrever se constitui em uma forma de produção de memória e, por conseguinte, em instrumento de construção do passado (CUNHA, 2009, p. 251).

Desde o primeiro rabisco feito por nossos antepassados nas paredes das cavernas até a mais recente crônica de jornal, não faltam registros escritos para contar um pouco da realidade vivida em cada época pela humanidade. A categoria documento define uma parte importante do campo de atuação do historiador e a amplitude da sua busca. Desse modo, a existência e acesso à documentação são, portanto, a primeira preocupação do historiador que pretende escrever uma biografia.

No século XX ocorreu uma expansão na possibilidade de tipos de fontes históricas disponíveis ao historiador. A expansão documental começa com a gradual multiplicação de possibilidades de fontes textuais, isto é, fontes tradicionalmente registradas pela escrita, e terminam por atingir também os tipos de suporte, abrindo para o historiador a possibilidade de também trabalhar com fontes não textuais: as fontes orais, as fontes iconográficas, as fontes materiais, ou mesmo as fontes naturais.

Um documento é dado como documento histórico em função de uma determinada visão de uma época. Isso introduz no conceito de documento um dado importantíssimo: o documento existe em relação ao meio social que o conserva. Documentos são todas as realizações produzidas pelo homem que se mostram como indícios de sua ação e que podem revelar suas ideias, opiniões e formas de atuar e viver. Assim, para o historiador, o documento atinge seu valor pela teia social que o envolve e pelo que revela de mais amplo de uma época e de uma sociedade. Em suma, tudo o que foi criado ou modificado pelo ser humano, desde que possa sobreviver a seu tempo, pode servir como documento, fonte de estudo para o historiador.

Os documentos são fontes de dados brutos para o investigador e a sua análise implica um conjunto de transformações, operações e verificações realizadas a partir dos mesmos com a finalidade de lhes ser atribuído um significado relevante em relação a um problema de investigação. Todo esse trabalho com os documentos é compreendido em dois momentos distintos: o primeiro de coleta de documentos e outro de análise do conteúdo.

A coleta de documentos apresenta-se como importante fase da pesquisa documental, exigindo do pesquisador alguns cuidados e procedimentos técnicos acerca da aproximação do local onde se pretende realizar a busca das fontes que lhes pareçam relevantes a sua investigação. Formalizar esta aproximação com o

intuito de esclarecer os objetivos da pesquisa e a importância desta, constitui-se um dos artifícios necessários nos primeiros contatos e, principalmente, para que o acesso aos acervos e fontes seja autorizado.

Bacellar (2011) afirma que ao recolher documentos de forma criteriosa o pesquisador passa a gerenciar melhor o tempo e a relevância do material recolhido, o que para alguns autores constitui a pré-análise. A atividade de coleta e pré-análise do documento, são duas tarefas que se completam e que se condicionam mutuamente.

Deste modo, a tarefa de pré-análise passa a orientar novas coletas de dados, considerando que o processo é realizado de forma mais prudente e cautelosa com a intenção de alcançar melhores resultados na análise crítica do material recolhido. Esta, por sua vez, tem como objetivo central averiguar a veracidade e credibilidade dos documentos adquiridos e a adequação destes às finalidades do projeto.

A análise de conteúdo é para Triviños (2012) a técnica mais elaborada e de maior prestígio no campo da observação documental e constitui-se como meio para estudar as comunicações entre os homens enfatizando o conteúdo das mensagens por eles emitidas.

É um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição dos conteúdos das mensagens, obter indicadores quantitativos ou não que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/ recepção (variáveis inferidas) das mensagens (BARDIN apud TRIVIÑOS, 2012, p. 160).

Configura-se como fase de grande relevância no método da pesquisa documental, pois nessa etapa os documentos são estudados e analisados de forma minuciosa. O pesquisador descreve e interpreta o conteúdo das mensagens, buscando dar respostas à problemática que motivou a pesquisa e, assim, corrobora com a produção de conhecimento teórico relevante.

Assim, as fontes históricas, além de permitirem que o historiador concretize o seu acesso a determinadas realidades ou representações que já não tem diante de si, também contribui para que o historiador aprenda novas maneiras de enxergar a história e formas de expressão que poderá empregar em seu texto historiográfico.

Autobiografia

Para justificar a relevância da autobiografia como fonte para a história é preciso lembrar que a memória individual não está inteiramente isolada, fechada. Para evocar seu próprio passado, um homem tem a necessidade de apelar às lembranças dos outros, a pontos de referências que existem fora dele, na sociedade. A memória autobiográfica se apoia na memória social, pois toda a história de vida faz parte de uma história geral. Para Paul Ricoeur (*apud* SILVA, 2002), a memória é mais do que simples objeto da história, pois, permanece como a guardiã de algo que efetivamente ocorreu e aproxima-se da história pela sua “ambição de veracidade”.

A autobiografia é reconstrução do passado a partir da perspectiva de alguém que considera sua história digna de registro e nunca olha para o ontem de modo descompromissado. Ela se enquadra na categoria de história de vida, cuja única intermediação está no registro escrito. Assim sendo, não se pode esquecer que, quando se lê narrativas de memórias, não se lê a própria memória, mas suas transformações através da escrita (BURKE, 2000). Assim sendo, cabe à história, em razão mesmo de sua função crítica, remediar e corrigir, as fragilidades e os abusos da memória (RICOEUR *apud* SILVA, 2002).

Com base nessa variedade e abundância de documentos, o diálogo entre as fontes, que pode se estabelecer num trabalho, passa a procurar contemplar experiências e pontos de vista distintos, contraditórios, ambíguos, tendendo a se completar mutuamente, pois argumentam coletivamente diante de uma problemática comum.

3. A VIDA

O presente capítulo tem como objetivo fazer uma reconstituição da trajetória de vida de Willie Maurer, do período de 1907 a 1999, em ordem cronológica, na qual explicita as etapas de vida de sua vida, sua origem, nascimento, juventude, formação, ambiente familiar, social e sua atuação profissional nas instituições: Universidade Presbiteriana Mackenzie, Universidade Federal de Goiás, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Universidade Federal de Uberlândia e Universidade de Brasília. Com o propósito de ser fidedigno aos fatos ocorridos, serão utilizados documentos escritos e orais, fotografias e principalmente sua autobiografia.

Willie Alfredo Maurer, obstinado estudioso da Ciência Matemática, foi, em quase todos os 91 anos de sua profícua existência, um pesquisador e professor dedicado ao ensino da Matemática e da Física, nos diversos níveis de formação de sua época.

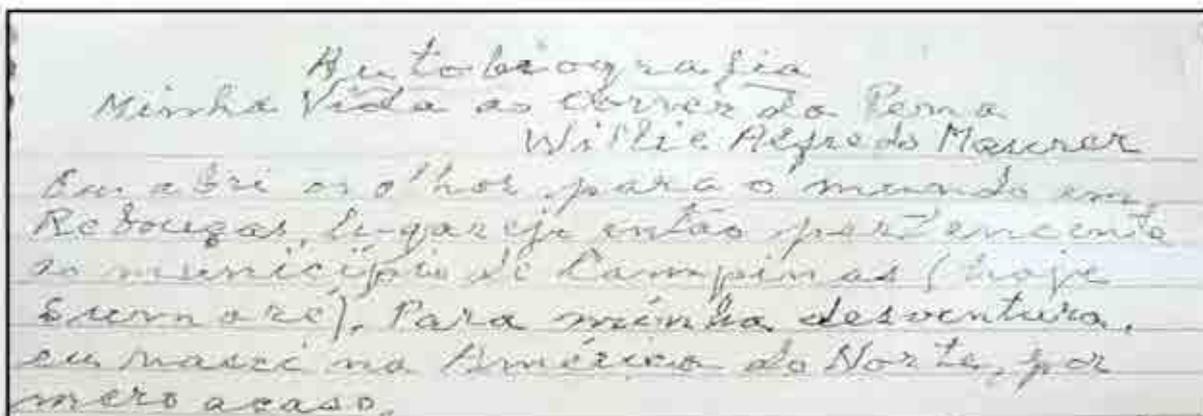


Figura 6: Willie Alfredo Maurer
Fonte: Acervo nosso – fevereiro/2011

Foi admirado por todos que tiveram o prazer de sua convivência, sobretudo em função de sua dedicação e retidão profissional. Contribuiu de forma

significativa, direta e indiretamente, para a formação de professores e pesquisadores na área de Matemática e Física, nos estados de Goiás, Minas Gerais, Brasília e São Paulo.

Maurer relata, em sua autobiografia, o seu despertar para o mundo da seguinte forma:



Transcrição
Autobiografia
Minha Vida ao Correr da Pena

Willie Alfredo Maurer

Eu abri os olhos para o mundo em Rebouças, lugarejo então pertencente ao município de Campinas (hoje Sumaré). Para minha desventura, eu nasci na América do Norte, por mero acaso.

Willie Alfredo Maurer nasceu no Estado de Minnesota, nos Estados Unidos da América (EUA), em 05 de outubro de 1907.

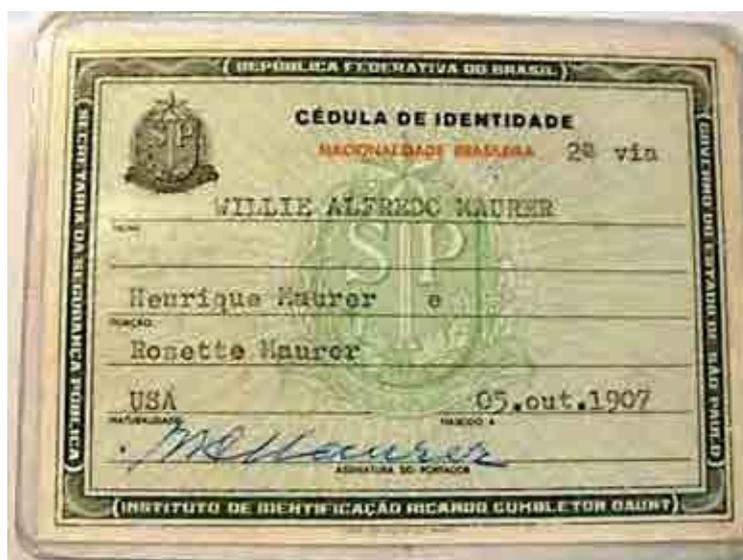


Figura 7: Cédula de Identidade de Willie Alfredo Maurer
Fonte: Acervo nosso – fevereiro/2012

Seus pais, Henrique Maurer e Rosette Maurer, vieram de Zurique na Suíça para o Brasil em 1898 e se estabeleceram na colônia suíça de Campos Sales, instalada pelo governo do Estado de São Paulo, localizada em Cosmópolis, que, na época, pertencia ao município de Campinas-SP, onde nasceram seus quatro irmãos mais velhos. Por volta de 1906, um irmão de seu pai, que tinha se emigrado para os EUA, convenceu-o a vender a propriedade em Cosmópolis e, juntamente com sua família, também emigrou para lá, local onde Willie Maurer nasceu. Conforme a sua autobiografia “meu pai já se havia afeito ao clima ameno do Brasil e não conseguiu ajustar-se ao frio americano, de modo que resolveu voltar ao Brasil; isto por volta de 1911 (dizem que eu tinha 3 anos e meio)”.

De volta ao Brasil, seu pai foi se instalar em Rebouças, hoje Sumaré-SP, onde adquiriu um lote de terras pertencentes a uma antiga fazenda que o Governo do Estado loteou, a fim de formar uma colônia, que seria povoada por italianos vindos de Joaquim Egídio e Arraial de Sousa, município de Campinas-SP.

O prof. Willie Maurer explicita na autobiografia os detalhes da fazenda onde passou sua infância. Segundo ele a casa era enorme, tinha onze cômodos, o assoalho e o forro eram de madeira, tinha um alpendre e era a única que tinha vidraça nas janelas. Sentiu-se um tanto desapontado com o fato de o engenho de cana e o de moinho de fubá, com sua oficina e sua enorme roda d’água, ficarem para um vizinho que transformou o engenho em fábrica de pinga. O seu desgosto provinha de uma inclinação inata pelas artes mecânicas.

Afirma que cresceu em um ambiente racialmente heterogêneo.

Havia nas vizinhanças, além dos italianos, uma família de espanhóis, uma família de russos, um polaco, um francês, um americano, um alemão degenerado, uma família de matutos e mesmo um quilombo de negros, sem falar nos portugueses e turcos que moravam na vila. Só não conheci japoneses e judeus (MAURER, Autobiografia, s/d, p. 2).

Em Nova Odessa, que era a vila mais próxima, havia uma colônia de letões batistas, refugiados da Rússia, com os quais sua família estabeleceu relação logo cedo.

Sua lembrança mais antiga é a do trabalho que começava às seis horas da manhã com a ordenha das vacas no curral, sendo o seu salário o leite tomado direto da teta da vaca com torrões de açúcar mascavo. Enquanto ele e seus dois irmãos mais velhos ordenhavam as vacas, sua mãe preparava o café da manhã, sempre acompanhado de mingau de fubá. O ritmo de trabalho continuava até a

noite. Ele, por ser o caçula, era o mais poupado e se tornou mensageiro do pai. Sua obrigação era ir até a vila, em seu cavalo de estimação, buscar a correspondência e despachar a manteiga e os ovos que seu pai fornecia a dois fregueses de São Paulo. Entre outras tarefas ele tinha que pôr em um envelope a correspondência e postá-la. Aconteceu uma vez de ele trocar a correspondência, de modo que um freguês recebeu a do outro. Fato que ele nunca esqueceu e descreve: “pode se imaginar a carraspana que eu recebi, mas o meu remorso foi maior do que a carraspana e o fato nunca mais se repetiu” (MAURER, Autobiografia, s/d, p. 5).

Outro fato que ocorreu e que Maurer não esqueceu foi o seu primeiro e único tombo do cavalo. O seu segundo cavalo era “passarinheiro” e ele não sabia. “Eu vinha em um galope desabrido e despreocupado quando, ao passar por um brejo, um passarinho espevitado levantou vôo e meu cavalo fez um rodopio de 180° e eu fui atirado ao chão, felizmente caí sobre os pés, como gato” (MAURER, Autobiografia, s/d, p. 5).

Mais um incidente que ficou gravado em sua memória aconteceu com seu cabriolé⁸, quando ia levando um porco esquartejado para um freguês da vila e uma das rodas se desmantelou. Seus irmãos foram em seu socorro com a carroça, transportaram a carga e levaram o cabriolé ao ferreiro. Este consertou a roda e a pintou de vermelho sem tocar na outra roda, de modo que seu cabriolé ficou com uma roda vermelha e outra sem cor. “Escusado é dizer que, para meu grande dissabor, meu cabriolé foi alvo da troça da garotada da vila” (MAURER, Autobiografia, s/d, p. 6).

No que diz respeito a sua saúde ele descreve que sempre foi precária: na infância sofria de incontinência urinária e estava constantemente resfriado. Segundo ele, seu aparelho digestivo era muito delicado e as indigestões eram frequentes. A mais forte foi com carne de porco, a ponto de nunca mais poder comê-la. Certa vez seu pai o levou a um médico judeu em Nova Odessa, e, apesar de tê-lo tratado muito bem, continuou na mesma.

Ele sempre foi uma criança muito tímida e, ao contrário de seu irmão Henrique, fugia das brigas, e no futebol ficava sempre no gol porque não tinha fôlego

⁸ Cabriolé: (do francês cabriolet) é uma carruagem leve de duas rodas, puxada por um cavalo. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/cabriole/>

para correr, provavelmente uma consequência da pneumonia que o atacou na viagem dos EUA para o Brasil.

Em relação a sua educação, esta foi profundamente religiosa, seu pai era “austero e zeloso como um huguenote⁹” (MAURER, Autobiografia, s/d, p. 6). Não sentava à mesa das refeições sem dar graças e no café da manhã ele lia um trecho da Bíblia, e todos ajoelhados, faziam uma oração em voz alta. Já sua mãe era persuasiva e tolerante, nunca ensinou o catecismo e nem pregava sermões. Seu cristianismo se limitava a certos preceitos de conduta, opondo o bem ao mal. Maurer entende que “nessa atmosfera se tornou profundamente religioso, atormentado pelo temor e pelo remorso”. Nesse contexto, Maurer afirma:

minha mãe ^{foi} o meu anjo da guarda que moldou a minha consciência infantil na prática do bem e no respeito à vida que me acompanhou ao longo de toda a vida. Acomodou-se a contra gosto aos imperativos de meu pai que criava porcos para engordar o orçamento doméstico.

(10) Meu pai era um homem como os outros e só me ensinou coisas erradas no que diz respeito à alimentação do corpo e do espírito.

Transcrição

(...) minha mãe foi o meu anjo da guarda que moldou a minha consciência infantil na prática do bem e no respeito à vida que me acompanhou ao longo de toda a vida. Acomodou-se a contra gosto aos imperativos de meu pai que criava porcos para engordar o orçamento doméstico.

Meu pai era um homem como os outros e só me ensinou coisas erradas no que diz respeito à alimentação do corpo e do espírito.

Já sua vida escolar foi acidentada e pouco profícua. Começou indo a escola da vila com seus irmãos, onde pouco aprendeu e o que se lembrava era do castigo que um professor o fez passar no canto da sala de aula por ter ido brincar

⁹ Huguenote é a denominação dada aos calvinistas franceses pelos seus inimigos nos séculos XVI e XVII.

com outros garotos nos vagões da estrada de ferro estacionados na frente da escola, da rapadura, das cocadinhas e do sorvete de carrinho comprados na saída da escola.

Sem se lembrar de como nem quando, aprendeu a ler e a escrever com sua irmã, oito anos mais velha, nomeada professora em uma escola isolada, instalada em uma sala da casa do sítio do seu pai, cedida gratuitamente ao governo do Estado. Em 1917, aos dez anos, Willie Maurer, recebeu um prêmio escolar por um trabalho que escreveu, de cujo conteúdo não teve lembrança, apenas que o prêmio foi o livro “A Árvore” de Júlia Lopes de Almeida¹⁰ e mais tarde recebeu outro prêmio: a biografia do Barão de Rio Branco, considerado por ele pouco apropriado para um garoto da roça. Esses dois livros se tornaram o núcleo de sua futura biblioteca.

Seu pendor pelas artes mecânicas foi pouco frutífero, construiu rodinhas d’água com varetas cruzadas e uma “espingardinha” com cano de guarda-chuva que segundo ele, bem ou mal, atirava. Sua grande paixão era a máquina a vapor, mas só tinha um livro à disposição que era Físico-química da editora FTD, no qual estudou minuciosamente seu funcionamento e por falta de ferramenta adequada não foi possível construí-la.

Willie Maurer descreve seu pai como um agricultor progressista, plantava arroz, feijão, milho e cana-de-açúcar e na época mais propícia plantava algodão e melancia em grande escala. Seu pai também era um leitor infatigável, não dispensava o jornal e, como não lia português, seu jornal era o Deutsche Zeitung¹¹, para os demais assinou o Correio Paulistano¹² e para a mãe a revista O Fazendeiro¹³ e o Jornal do Criador. Em se tratando de livros, a fonte era escassa, em geral eram livros de cunho religioso fornecidos por sua irmã mais velha.

Willie Maurer entrou logo em contato com a língua alemã, graças ao empenho de sua mãe que, após o almoço, o colocava à mesa com a cartilha alemã e o fazia ler e escrever o alfabeto gótico. Seu pai o chamava de “o pequeno pretenso

¹⁰ Júlia Valentim da Silveira Lopes de Almeida (Rio de Janeiro 24/09/1862 a 30/05/1934) escritora, com vasta produção literária e abolicionista brasileira. Viveu parte da infância em Campinas-SP.

¹¹ O Deutsche Zeitung foi um periódico editado totalmente no idioma alemão e publicado quinzenalmente de 1897 até 1917. O jornal buscou ser a ligação cultural das comunidades alemãs, austríacas e suíças radicadas no Brasil. O redator do jornal era o engenheiro alemão Dr. Peter Klemm.

¹² O Correio Paulistano foi o primeiro jornal diário publicado no estado de São Paulo e o terceiro do Brasil. Lançado em 26 de junho de 1854, circulou até 1963 e retornou nos anos de 1980.

¹³ O Fazendeiro – revista mensal de agricultura, indústria e comércio, dedicada especialmente aos interesses da lavoura cafeeira.

grande” por sempre aspirar liderança. “A princípio queria ser carreiro, depois maquinista, depois engenheiro, só não pensava em ser professor” (MAURER, Autobiografia, s/d, p. 11).

Apesar de viver na zona rural até a adolescência e conviver com as dificuldades de se obter informações atualizadas, comuns à época, nada impediu que Willie Maurer e seus irmãos tivessem acesso à leitura de jornais e revistas, devido à preocupação de seus pais com a educação deles, o que indubitavelmente contribuiu para que tivessem uma formação sólida no sentido do exercício da cidadania e de possibilitar o sucesso profissional através dos estudos posteriores.

Preocupado com a educação dos filhos, em 1921 seus pais se mudaram para a cidade de Campinas-SP e passaram a frequentar a Igreja Presbiteriana, onde estabeleceu uma relação de estreita amizade com a família Voguel, composta de nove pessoas: o pai, Dr. Henrique Voguel, lente do Ginásio do Estado (não frequentava as reuniões que faziam e nem a igreja, era professor de grego e considerado como o homem mais culto da cidade), sua esposa, Sr.^a Eduarda, e seus sete filhos, sendo três mulheres e quatro homens. Esse relacionamento exerceu uma influência benéfica à família Maurer.

Para o grande pesar de Willie Maurer, seu pai o fez frequentar a Escola Alemã do Zink¹⁴, atualmente Colégio Rio Branco de Campinas-SP, o resto do ano de 1921 e o primeiro semestre do ano seguinte. Ele não conseguia se ajustar aos padrões da escola, era mais velho e maior que todos os seus colegas de classe, e também era despreparado para acompanhar o curso, o que o deixava bastante frustrado. Segundo ele, suas piores notas foram de canto e ginástica. No final do primeiro semestre de 1922, ele se rebelou, abandonou a escola e foi trabalhar. “Com todas essas peripécias eu nunca cheguei a possuir um diploma do curso primário” (MAURER, Autobiografia, s/d, p. 13).

Ao decidir trabalhar, procurou o Instituto Bento Quirino¹⁵, era uma instituição benemerita que tinha como finalidade formar profissionais em marcenaria e serralheria. Seu propósito era se inscrever na seção de serralheria, porém, como

¹⁴ Originária da Escola Alemã a Neue Deutsche Schule, ligada à comunidade luterana de Campinas, fundada pelo pastor luterano Johann Jacob Zink, que viera para o Brasil em 1869 posteriormente foi incorporada pela Deutsche Schule, passando a ser administrada, sucessivamente, por Carlos Cristóvão Zink e Ernesto Manuel Zink, respectivamente filho e neto de Johann.

¹⁵Instituto Bento Quirino: Instituto de ensino profissional masculino instalado em um prédio na região central de Campinas-SP, construído em 1916 e preservado até hoje. Posteriormente passou a ser o Ginásio Industrial Bento Quirino, atualmente Colégio Técnico de Campinas (COTUCA), subordinado à UNICAMP. Disponível em: www.ifi.unicamp.br

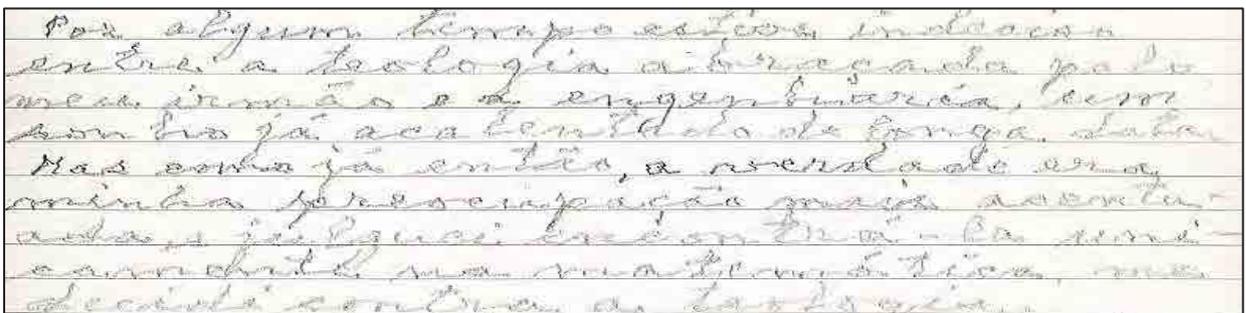
não havia vaga, aceitou ficar na marcenaria à espera de uma vaga na serralheria, o que ocorreu uns três meses depois.

O Instituto fabricava corrente e a tarefa do principiante era dobrar os elos para serem soldados na forja. O mestre da oficina era um homem circunspecto, de poucas palavras, mas de um senso humano incomum.

Um dia eu estava suando, martelando meus anéis no torno, quando ele parou junto a mim e me perguntou de supetão, quanto eu estava ganhando. Eu disse e ele continuou andando sem dizer nada. No fim da semana, quando fui receber meu envelope, meu ordenado tinha duplicado. São coisas que dignificam um homem e a gente não se esquece jamais (MAURER, Autobiografia, s/d, p. 13).

Pouco tempo depois, Willie Maurer começou a trabalhar na forja como ferreiro e passou a ganhar um salário bastante elevado para a época, e isso possibilitou que ele montasse sua própria fábrica de correntes, instalada em um anexo da casa onde morava com a sua família. Sua bigorna era um pedaço de trilho adaptado e seu pai, que se tornara caixeiro viajante, encarregava-se de vender as correntes no interior por onde passava. Nessa época, despertou em Willie Maurer a vontade de estudar. Vendeu a fábrica a um amigo dentista chamado João Vieira.

Ao ver seu irmão Theodoro Henrique (Apêndice), que decidiu ser pastor e passou a estudar sozinho preparando-se para entrar no Seminário Presbiteriano de Campinas, imitando-o, colocou-se a estudar por conta própria. Em uma livraria de livros usados, em Campinas-SP, adquiriu a Gramática Elementar de Joao Ribeiro¹⁶, e a Aritmética Progressiva e a Álgebra Elementar do Trajano¹⁷, suas primeiras fontes de Matemática. Ao se identificar com a Matemática de Trajano, passou a se aventurar na Aritmética, na Álgebra e na Geometria.



¹⁶ João Ribeiro, filho de Manoel Joaquim Fernandes e D. Guilhermina Ribeiro Fernandes, nasceu a 24 de junho de 1860 na cidade de Laranjeiras-SE. Tradutor admirável e filólogo distinto, publicou três gramáticas da língua portuguesa, correspondente aos três graus do ensino da língua, – primário, médio e superior – as quais foram adotadas no ensino oficial da época.

¹⁷ Antonio Bandeira Trajano (Vila Pouca de Aguiar, Portugal, 30 de agosto de 1843 — Rio de Janeiro, 23 de dezembro de 1921) foi um professor e autor de livros didáticos de matemática e membro da Comissão Tradutora da Bíblia. Veio ao Brasil por volta de 1859, transformando-se em um dos fundadores da Igreja Presbiteriana de São Paulo.

Transcrição

Por algum tempo estive indeciso entre a teologia abraçada pelo meu irmão e a engenharia, um sonho já acalentado de longa data. Mas como já então, a verdade era minha preocupação mais acentuada, e julguei encontrá-la unicamente na matemática, me decidi contra a teologia.

A Matemática ficou sendo a minha disciplina preferida. Encontrei nela a verdade que eu procurava com tanto empenho: $2+2 = 4$ tanto aqui como no Japão não há o que discutir sobre o fato.

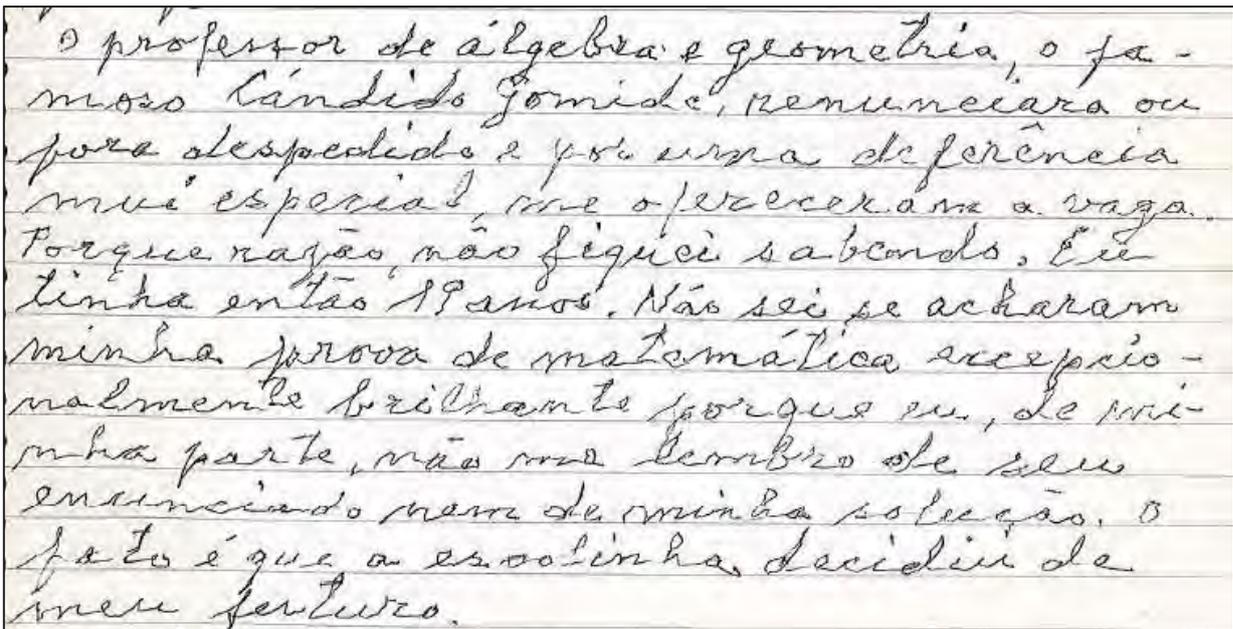
Segundo Willie Maurer (Autobiografia, s/d, p. 17)

Naquele tempo havia um regime de estudos que chamavam de Exames Parcelados, para atender aqueles candidatos aos cursos superiores que não podiam frequentar o Ginásio. O candidato tinha que apresentar o certificado de 12 matérias, podendo realizar os exames de 4 matérias no máximo cada ano. Era para mim, que não podia frequentar o Ginásio, o caminho de acesso ao curso superior. Comecei a me preparar com denodo em 4 matérias, creio que eram Aritmética, Álgebra, Geometria e Francês ou Geografia (naquele tempo Matemática não era esta vala comum de hoje). Infelizmente para mim, exatamente naquele ano, o Diretor do Departamento do Ensino Superior (não havia MEC), um tal Rocha Vaz¹⁸ se não me engano, resolveu suprimir os Exames Parcelados e eu fiquei desamparado, mas não desanimei. Perdi uma batalha, mas não a guerra.

Em razão disso, Willie Maurer buscou alternativas para continuar sua formação acadêmica e nessa época havia em São Paulo uma escola particular bem conceituada, chamada Escola Superior de Mecânica e Eletricidade (ESME), fundada por três engenheiros, no molde alemão. Na realidade formavam técnicos com o título atrativo de técnico-engenheiro e o curso compreendia um preparatório de dois anos e um técnico de três anos. O ingresso no preparatório se fazia com o simples certificado da escola primária, ou quem se julgasse habilitado poderia prestar exame

¹⁸ Reforma Rocha Vaz, em 1925. Durante 6 anos a reforma tentou romper com a ideia dos preparatórios ou parcelados, deixando, como única opção educativa, o modo de ensino seriado, e forçando a continuidade e a articulação dos estudos obrigatórios com duração de 5 anos no secundário. Esta reforma não foi totalmente aplicada, pois em 1929 ainda existiam escolas com exames preparatórios, sem currículo definido. Visou à moralização do ensino, não tendo nenhum sentido inovador, foi mais uma reforma com características administrativas, tal como as demais que caracterizaram a época.
<http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/EDU/edu2014.htm>

das matérias do preparatório e ingressar diretamente no curso técnico. Como Willie Maurer não tinha o certificado do curso primário prestou o exame e foi aprovado, porém não tinha condições financeiras para pagar a mensalidade. O acaso fez com que ele, em vez de entrar como aluno, fosse contratado como professor do preparatório.



O professor de álgebra e geometria, o famoso Cândido Gomide, renunciara ou fora despedido e por uma deferência mui especial, me ofereceram a vaga. Porque razão, não fiquei sabendo. Eu tinha então 19 anos. Não sei se acharam minha prova de matemática excepcionalmente brilhante porque eu, de minha parte, não me lembro de seu enunciado nem de minha solução. O fato é que a escolinha decidiu de meu futuro.

Transcrição

O professor de álgebra e geometria, o famoso Cândido Gomide, renunciara ou fora despedido e por uma deferência mui especial, me ofereceram a vaga. Porque razão, não fiquei sabendo. Eu tinha então 19 anos. Não sei se acharam minha prova de matemática excepcionalmente brilhante porque eu, de minha parte, não me lembro de seu enunciado nem de minha solução. O fato é que a escolinha decidiu o meu futuro.

Embora não pudesse frequentar o curso técnico, adquiriu os livros indicados de Eletricidade, Mecânica, Física, Geometria Analítica, Álgebra, Cálculo e as obras da F.T.D. Dentre todos o que mais o atraiu foi o livro de Cálculo do Granville¹⁹, do qual resolveu todos os seus exercícios com grande prazer, sobretudo os de máximo e mínimos.

¹⁹ GRANVILLE, William Anthony. Elements of the differential and integral calculus. 2ed. Boston-USA: Ginn and company, 1911.

Na escola o seu salário era pouco, iniciou ganhando 144 mil réis, que segundo ele mal dava para custear a pensão. Em pouco tempo sua atividade docente se multiplicou e aos poucos deram a ele outras disciplinas como Aritmética, História do Brasil, Francês e até mesmo Português. Chegou a lecionar Física e Cálculo, que eram matérias do curso técnico.

A direção da escola era composta por três sócios proprietários. O diretor nominal era Américo Landuci, engenheiro formado pela Politécnica e como estava mais interessado em sua fábrica de material elétrico, que funcionava no prédio da escola, pouco intervinha no funcionamento dos cursos. O vice-diretor era Otávio Goulard Penteado, formado em uma escola técnica americana de nível médio, uma figura apenas decorativa. Na realidade quem dirigia a escola era o secretário Luiz Dias da Silva, paraense, formado pela politécnica e assistente da cadeira de Física da mesma escola. O curso preparatório era dirigido pelo Kurt Menantsau, um engenheiro-técnico, alemão, vindo para Brasil depois da primeira guerra mundial.

Nessa época Willie Maurer conheceu Luiz de Freitas, que veio a ser seu amigo inseparável de 30 anos, até a morte daquele. O Freitas, como costumava chamá-lo, não tinha nenhum diploma da escola superior, mas tinha uma cultura enciclopédica graças a sua imensa sede de saber. Chegou à escola para ser professor de Português e História do Brasil. Tornaram-se amigos graças a uma afinidade espiritual centrada na cultura. Saíam da escola ao término das aulas e iam percorrer as livrarias e sebos que ficava no começo da Rua da Glória, em São Paulo. Era raro o dia que voltavam para casa sem um pacote de livros. Tão habitual era a corrida dos dois pelas livrarias que eram conhecidos como “a dupla” e quando, por acaso, um entrava sozinho numa livraria logo perguntavam onde estava o companheiro.

Nestas andanças, vi nascer a livraria Triângulo lá no Largo do Theatro e a livraria Franca na rua Benjamin Constant. Também a livraria Italiana de Dona Arcélia era freqüentada por nós. Só não freqüentamos a Francisco Alves, não sei porque. As preferidas de livros novos, eram a Civilização Brasileira e a Freitas Bastos que ficavam ali na rua 15 de Novembro. Tudo se reduziu a um passado de saudososa memória.

Transcrição

Nestas andanças, vi nascer a Livraria Triângulo lá no Largo do Thesouro e a Livraria Francesa na Rua Benjamin Constant. Também a Livraria Italiana de Dona Amélia era frequentada por nós. Só não frequentamos a Francisco Alves, não sei porquê. As preferidas de livros novos eram a Civilização Brasileira e a Freitas Bastos que ficavam ali na Rua 15 de novembro. Tudo se reduziu a um passado da saudosa memória.

Willie Maurer casou-se em 1930, com uma lituana, cujo nome era Apolônia, mas a chamavam de “Pola”, que conheceu na pensão de Dona Emília, uma letã vinda de Nova Odessa.



Figura 8.: Apolônia e Willie Maurer
Fonte: Acervo nosso – fevereiro/2012

Apolônia veio para o Brasil com o pai, que era um boêmio e aventureiro, em busca de fortuna fácil. Mal sucedido, morreu na indigência. O casamento perdurou por 44 anos, até 23 de abril de 1975, quando um câncer a levou aos 69 anos.

Ela começou a ter um problema de estômago, mas ela relutava muito para ir ao médico, pois ela tinha um trauma de guerra, em relação a hospital, trazido da Europa, tanto é que a Sílvia nasceu em casa, ela não quis ir para maternidade. Devido a essa relutância, seu problema gástrico foi piorando, foi complicando, a gente insistia com ela para que buscasse tratamento e ela acabou procurando um médico especialista, ele tirou as “chapas”,

examinou e então disse que era simples e que ia operá-la, mas ela continuou relutando, relutando... e a coisa começou a piorar porque a comida já não parava no estômago e então não teve jeito, ela voltou ao médico. Era um grande médico na época e se não me engano seu nome era Dr. Raissen e ele disse pra ela ir para o Hospital Albert Einstein, que era onde ele ia operá-la e pronto. Só que ele falou tudo isso, baseado em todos os laudos que ele tinha feito há cinco ou seis meses atrás, aí quando chegou no hospital para realizar a cirurgia, estávamos no quarto, eu, a Silvia e o Willie. Foi quando veio uma enfermeira pedindo para descermos na sala de operação. Descemos os três e o Dr. Raissen chegou e disse “olha, infelizmente em decorrência desses cinco meses, a coisa que era pequena explodiu e se tornou um câncer que tomou conta de tudo, então não tem mais possibilidade de nada, agora é só uma questão de tempo para ela morrer”. Como ele sabia da dificuldade dela para ir ao hospital falou: “eu agora não sei o que vocês decidem, eu posso mantê-la sedada, e ela não vai sentir dor, não vai acordar e a após um período de tempo ela morre ou deixo-a normal, mas nesse caso ela vai sentir muitas dores, enfim vocês decidam. O Maurer ficou desolado, muito atrapalhado, sem ação nenhuma e a Silvia também. Foi quando interfeiri e falei “olha, ela tinha pavor de hospital, mas ela vai sofrer, então deixa ela sedada, dormindo quietinha e pronto”. Fizeram isso e em 48 horas ela morreu (FRED LANE, Entrevista 10, 2012, p. 8).

Durante a realização da entrevista, o Sr. Fred. Lane ofereceu uma cópia da fotografia da família de Willie Maurer.



Em pé da esquerda para direita: Willie Alfredo Maurer, João Miranda, Theodoro Henrique Maurer Jr, Mary Blanche Vogel Maurer, José Henrique Maurer, Octacília Borges Maurer, Paulo Maurer, Ernest Graff, Clara Maurer Miranda.

Sentados da direita para a esquerda: Yolanda Maurer Gigs, Frida Maurer Miranda, Henrique Maurer, Rosette Hunziker Maurer, Anna Maurer Miranda, Ina Miranda Maurer, Apolônia Maurer e Silvia Tatiana Maurer Lane.

Figura 9: Família Maurer

Fonte: fotografia cedida pelo Sr. Fred Lane em 27/04/2012

Em sua autobiografia, Willie Maurer destaca que dentre as muitas virtudes de sua esposa, uma não poderia deixar de ser evidenciada, que é o fato de que ela jamais reclamava quando ele chegava em casa abraçado à pacotes de livros, fruto de suas peregrinações pelas livrarias. Ele cita que certa vez seu colega Abraão de

Morais, que era casado com uma colega de faculdade, tinha de entrar escondido em casa quando estava com pacotes de livros para evitar uma tempestade doméstica. Segundo ele, naquela época, eram raras as mulheres compreensivas neste particular e apesar de sua mulher não ser muito culta e nem possuir diploma universitário, sabia apreciar seu afã pela cultura. Ela conhecia diversas línguas, inclusive o alemão, que era a língua em que se comunicavam. Só aprendeu o português quando sua filha Sílvia começou a dominar a conversa no lar, que por força das circunstâncias era em português.



Figura 10: Willie Maurer, Sílvia T Lane Maurer e Apolônia Maurer.
Fonte: www.abrapso.org.br, acessado em 24/09/2012

De volta à sua vida social, Maurer afirma que para reforçar o orçamento doméstico teve que lecionar em escolas noturnas de comércio, dentre as quais destacou a escola de comércio do Bernardo Leite da Silva e cita uma palestra que fez, a pedido dele, no dia da Constituição, em 24 de fevereiro de 1930. “O que eu disse não me recordo, mas parece que causei boa impressão porque fui sempre constitucionalista” (MAURER, Autobiografia, s/d, p. 25). Relata ainda que o que mais queria nessa época era ser revisor de jornal e recebeu várias apresentações do Sr. Plínio Salgado, quando ainda não era “chefe nacional” do partido político Ação Integralista Brasileira (AIB). Nada conseguiu neste terreno e jamais ingressou no

jornalismo, apenas escreveu alguns artigos para o Correio Paulistano e para a Gazeta de São Paulo.

Com a Revolução Constitucionalista de 1932, a Escola Superior de Mecânica e Eletricidade entrou em crise, porque os alunos convocados para a guerra se recusaram a pagar as mensalidades atrasadas. Em razão disso,

a Escola foi encampada por três adventícios, para não dizer aventureiros. O chefe da trinca era um tal Athaulpa Guimarães que havia feito um curso técnico de nível médio na América do Norte e ficou sendo o Diretor do Instituto de Tecnologia de São Paulo, como passou a se chamar a Escola. Por inépcia deram com os burros n'água e o Instituto deixou de existir em 1937. Eu e o Luiz de Freitas nos propusemos a encampar o Instituto e continuar os cursos, mas nossa proposta foi rejeitada. Em desespero de causa, dirigi-me ao Mackenzie que havia criado um curso técnico nos moldes da Escola, a pedido dos alunos dissidentes.

Transcrição

(...) “a escola foi encampada por três adventícios, para não dizer aventureiros. O chefe da trinca era um tal Athaulpa Guimarães que havia feito um curso técnico de nível médio na América do Norte e ficou sendo o Diretor do Instituto de Tecnologia de São Paulo, como passou a se chamar a Escola. Por inépcia deram com os burros n'água e o Instituto deixou de existir em 1937. Eu e o Luiz de Freitas nos propusemos a encampar o Instituto e continuar os cursos, mas nossa proposta foi rejeitada. Em desespero de causa, dirigi-me ao Mackenzie que havia criado um curso técnico nos moldes da Escola, a pedido dos alunos dissidentes”.

Na época, o vice-presidente do Instituto Presbiteriano Mackenzie Dr. Eduardo Horácio Weeden, quem, efetivamente, dirigia o Instituto, ofereceu ao professor Willie Maurer algumas aulas de Álgebra e Geometria, na recém-criada Escola Técnica do Mackenzie.

Segundo Maurer (Autobiografia, s/d, p. 30), “tamanha era minha penúria que precisei deixar minha mulher e filha (nascida em 1933), em casa de meus pais, em Campinas, por algum tempo. Mas logo as coisas melhoraram com o aumento do número de aulas”. Passou a lecionar em várias escolas de São Paulo, tais como: Ginásio Saldanha da Gama, Colégio Bandeirantes, dentre outras. Passou, inclusive, a ministrar um curso de Física no curso técnico noturno do Mackenzie, onde ocorreu seu primeiro contato com o laboratório de Física, em precárias condições de uso, e que servia à Escola de Engenharia.

**GINÁSIO
SALDANHA DA GAMA**

(Sob Inspeção Federal)

AV. ANGÉLICA, 696 — TELEFONE: 5-3521

DIRETOR:
João Ernesto de Souza Campos

CURSOS:
**JARDIM DA INFÂNCIA
PRIMÁRIO - GINASIAL**

**Corpo Docente de Licenciados pela Faculdade
de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade
de S. Paulo**

Abrahão de Moraes
Francisco Antônio Lúcas Netto
Willie Maurer
Alberto de Melo
Antônio Soares Amora
José Cresta Junior
Maria Pia Macedo Toledo Sitta
Theodoro Henrique Maurer
Maria Lucia Sampalo Pinte
Ciro Monteiro Brisolla
J. Ribeiro de Araújo Filho
Cecil de Souza Moraes

Figura 11: Ginásio Saldanha da Gama
Fonte: Jornal Folha da Manhã – Primeira Seção
p.14, 24/02/1944. Disponível em:
<http://acervo.folha.com.br/>

COLÉGIO BANDEIRANTES

Sob regime de inspeção federal permanente pelo decreto 11 486 de 5-3-1943 — Autorizado
a funcionar como Colégio pelo decreto n.º 11 796 de 4-3-1943

DIRETORES: Dr. Otávio de Carvalho
Eng. Antônio de Carvalho Aguiar

VICE-DIRETOR: Prof. Hygino Allandro

ASSISTENTE DA DIRETORIA: Prof. Jorge B. Hirs

EXTERNATOS PARA AMBOS OS SEXOS

CURSOS: Pré — Primário (J. da Infância), Primário e Admissão.

SECUNDÁRIO: 1.º ciclo (diurno) GINASIAL
2.º ciclo (diurno e noturno) CLASSICO E CIENTIFICO

CORPO DOCENTE

CURSOS CLASSICO E CIENTIFICO

<p>PORTUGUES Prof. Antônio B. Amora</p> <p>LATIM Prof. José B. Castelões</p> <p>FRANÇES Prof. Dr. Rolando Corbater Prof. Hygino Allandro</p> <p>INGLES Prof. Hygino Allandro</p> <p>ESPAÑHOL Prof. Elio Randoval Petzold</p> <p>MATEMATICA Prof. F. A. Lucas Netto Prof. Abrão de Moraes Eng. A. de C. Aguiar Prof. Luis A. Berthel Prof. Fumato W. de Lima Prof. Luis de Queiroz Gostini Prof. Jorge B. Hirs Prof. Willie Maurer</p> <p>FISICA Prof. Abrão de Moraes Prof. Walter Toledo Silva Prof. Luis A. Berthel Prof. Willie Maurer</p>	<p>BIOLOGIA Dr. Clemente Pereira Dr. J. A. de Alencar Barros (Botânica) Dr. Waldemar P. de Almeida (Ecologia) Prof. Moisés Carreras (Zoologia) Prof. Ibanes de Carvalho (Botânica) Dr. Fabus Oliveira</p> <p>HISTÓRIA GERAL E DO BRASIL Prof. José B. Castelões Prof. Tibor David Dr. Francisco Ribeiro dos Santos Dr. Eduardo França</p> <p>GEOGRAFIA GERAL E DO BRASIL Dr. Moyses Oliveira Prof. Elio B. Martins Prof. Maria de Lourdes P. Rabessa</p> <p>FILOSOFIA Dr. Francisco R. dos Santos Prof. Tibor David</p> <p>DESENHO Prof. Waldemar da Costa Eng. Carlos Decourt Eng. José E. P. Guimarães</p>
--	---

Figura 12: Colégio Bandeirantes
Fonte: Jornal Folha da Manhã – Primeira Seção p.23, 06/02/1944.
Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/>

Em 1934, o Governo do Estado de São Paulo fundou a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da Universidade de São Paulo (USP), que teve como primeiro diretor o Sr. Theodoro Augusto Ramos, professor da Escola Politécnica de São Paulo. Foi designado pelo então Governador de São Paulo, o Sr. Armando de Salles Oliveira, para chefiar a comitiva acadêmica que foi à Europa, em

1934, para contratar professores e pesquisadores para a recém-criada faculdade. Segundo Maurer (Autobiografia, s/d, p. 25) “causou certo descontentamento entre os patrioteiros da terra que achavam que havia aqui gente suficientemente capacitada para ocupar as cátedras, o que certamente era excesso de pretensão”. Para a Matemática e Física foram contratados três professores italianos: Luigi Fontappié para Análise, Giacomino Albanese para Geometria e Gleb Wataghin para a Física.

Neste interim, Willie Maurer e seu irmão, Theodoro Henrique, que lecionavam em uma dependência do Mackenzie, se interessaram pela FFCL da (USP), mas nenhum dos dois tinha certificado do Colégio Oficial, requisito indispensável para o ingresso.

Naquela época havia o Exame de Madureza, com o objetivo de atender os estudantes que não podiam frequentar o ginásio. O curso tinha duração de três anos, divididos em três etapas, cujos exames eram prestados em um ginásio reconhecido. Maurer e seu irmão se prepararam em casa, por conta própria, e, em 1936 prestaram os primeiros exames no Ginásio Ypiranga. Aprovados, prestaram o segundo exame em 1937, e o terceiro em 1938.

Concluíram o Exame de Madureza em janeiro de 1938 e se inscreveram no vestibular da USP, que seria realizado em fevereiro do mesmo ano. Ele se inscreveu para Matemática e seu irmão para Letras. O vestibular constava de quatro disciplinas: Matemática, Física, Lógica e Sociologia. Ambos foram aprovados, segundo ele, “com distinção”. Era oferecida uma bolsa de estudos para os candidatos aprovados com nota igual ou superior a 7, requisito que ele preenchia, mas era preciso ser brasileiro, o que ele não era, e também não se havia naturalizado, o que o impediu de ser beneficiado com a bolsa. Maurer justificou o fato de não ter se naturalizado em razão de uma lei que obrigava todo estrangeiro, abaixo de quarenta anos, a prestar um ano de serviço militar, o que ele não poderia fazer por ter esposa e filha. Afirma ainda que sua carreira na faculdade não foi das mais brilhantes por ter que trabalhar para sustentar a família.

Só depois de casado é que ele se formou, ou seja, que fez a universidade na USP, ele e o irmão. O irmão Theodoro Maurer se tornou catedrático de Filologia Românica e o Maurer ficou na Matemática e dava aula nos cursos de Engenharia, Matemática, Física e Filosofia também. Ele era muito calmo, super estudioso, com um “cabedal” de conhecimento muito grande. E eu até brincava, dizendo que ele vivia com livros, era no sábado, domingo e feriado, não tinha nada que o afastasse dos livros, estava sempre estudando (FRED LANE, Entrevista 10, 2012, p. 5).



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

Fls. 5
R.P. 5

São Paulo (Brasil) de _____ de 195 _____

MATEMÁTICA

Turma de 1936:

- 1 - ALMEIDA, Fernando Furquim de (L)
- 2 - DAMATO, Carmello (L)
- 3 - DIAS, Cândido Lima da Silva (L)
- 4 - LACAZ Netto, Francisco Antonio (L)
- 5 - RABIN, Julio (L)
- 6 - SCHENBERG, Mario (L)

Turma de 1937:

- 1 - BREVES Filho, João Augusto (L)
- 2 - CAMARGO, Maria Izabel Arruda (L)
- 3 - MONTEUX, Yolanda (L)

Turma de 1938:

- 1 - CAMARGO, Maria Izabel Arruda (P.S)
- 2 - MORAES, Abrahão de (L)

Turma de 1939:

- 1 - ABDELHAY, José (L e P.S)
- 2 - CASTRUCCI, Benedito (L)
- 3 - MESQUITA, Zillah Barretto de (L e P.S)

Turma de 1940:

- 1 - CORRÊA, Celia Alvares (L e P.S)
- 2 - MAURER, Wile Alfredo (L)
- 3 - SOUZA Filho, Arthur de (L)
- 4 - ZION, Hermann (L)

Figura 13: Lista de formandos da USP - 1940
Fonte: Documentos pessoais / Acervo nosso – fevereiro/2012

Maurer faz uma referência especial ao prof. Gleb Wataghin²⁰, que, segundo ele, foi o verdadeiro criador do Instituto de Física da USP. Cita que quando a FFCL iniciou, os departamentos de Matemática e Física foram instalados na Escola Politécnica, em salas insalubres, que mais pareciam salas de despejo. A Escola Politécnica dispunha de um bom laboratório de Física, entretanto seu acesso era proibido aos alunos dos cursos de Matemática e Física. Diante disso, o prof. Wataghin angariou recursos financeiros e alugou um casarão antigo, na Av.

²⁰ Gleb Vassielievich Wataghin foi um físico ucraniano nascido na cidade de Birsula, naturalizado italiano. Foi um líder científico que deu grande impulso às pesquisas no Brasil e foi professor e pesquisador em física na Universidade de São Paulo (USP). Foi tutor de, dentre outros, César Lattes, Oscar Sala, Mário Schenberg, Roberto Salmeron, Marcelo Damy de Souza Santos e Jayme Tiomno. O Instituto de Física Gleb Wataghin da Unicamp foi nomeado em sua homenagem. (<http://pt.wikipedia.org>, acessado 06/04/2013)

Tiradentes, e iniciou seu próprio laboratório. Aos sábados à tarde, Maurer e mais dois engenheiros matriculados na FFCL da USP, por diletantismo, iam ajudá-lo a desempacotar e montar os equipamentos. Para Maurer (Autobiografia, s/d, p. 29), “o professor Gleb Wataghin é ainda mais digno de nosso respeito e admiração porque, ao receber uma justa homenagem da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), declarou peremptoriamente que nunca trabalhou e jamais trabalharia na confecção de uma bomba atômica”.

Em 1946, o Instituto Presbiteriano Mackenzie decidiu criar a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de acordo com o padrão oficial já estabelecido pelo Governo Federal. Para tanto, foi instituída uma comissão sob a presidência do prof. Lívio Teixeira, e os professores João Baptista Damasco Pena, Aroldo de Azevedo, Isaac Nicolau Salum e Willie Alfredo Maurer. A Faculdade começou a funcionar em 1947, com os cursos de Matemática, Física e Letras. “O Lívio, como não tinha aulas a dar, se desinteressou da Faculdade, ficando a direção praticamente a meu cargo que dava o maior número de aulas e vivia praticamente na Faculdade” (MAURER, Autobiografia, s/d, p. 32).

Maurer destaca a importância do seu ingresso como professor no curso preparatório para vestibular do Curso Pandiá Calógeras, de propriedade do professor José Egídio, que também lecionava no Mackenzie, entretanto, não se conheciam, pois lecionavam em departamentos diferentes. Willie Maurer também era professor de Física no Externato Elvira Brandão, onde tinha como aluna uma sobrinha de José Egídio. Ela tanto o elogiou ao tio que certo dia ele foi procurá-lo para convidá-lo a lecionar em seu cursinho com uma remuneração bastante razoável para a época.

Aceitei e desde então nos tornamos grandes amigos. Tanto era sua deferência para comigo que um belo dia me propôs uma sociedade incomum: ele entrava com tudo e eu com nada. Graças a esta generosidade ímpar, eu consegui comprar minha casa em 1950 (MAURER, Autobiografia, s/d, p. 32).

Por volta de 1950, Maurer e a esposa adquiriram um sítio em Mairinque, mas segundo o relato do sr. Fred Lane (Entrevista 10, 2012, p. 4),

(...) quem adorava o sítio na verdade era a sua mulher, a Pola. Ela trabalhava, plantava, fazia coisas, mexia e tudo mais. Ele chegava no sítio e ficava estudando... (risos). Era sempre a Matemática a preferida da história toda. Mas ele também gostava de fazer as coisas tipo, ele mesmo construir a casa. Ele comprou o sítio em um acerto com parentes e lá não tinha casa, só tinha uma casa do caseiro, um casebre de pau-a-pique e ele resolveu construir a casa, então eu ajudei muito, quer dizer (risos) a gente ia derrubar

árvore lá no mato para fazer o telhado, assentar os tijolos com barro, enfim montamos a casa todinha, então essa parte ele gostava de fazer. Ele montou um carneiro mecânico para bombear água de um córrego, que passava na parte baixa, no fundo do sítio, para uma caixa situada na parte alta da propriedade pra depois distribuir para casa. Ele estudava a parte de melhor aproveitamento de tudo. Também montamos lá no sítio, eu e ele, um moinho de vento para bombear água de um poço, carregar baterias, quer dizer ele gostava muito de todas essas coisas e o resto era ler Matemática, estudar Matemática.



Figura 14: Fotografia do sítio do prof. Willie Maurer em Mairinque (SP), cedida por seus netos Guilherme e Lilian M. Lane
Fonte: Acervo Willie Maurer – fevereiro/2012

Em 1952, o prof. Willie Maurer passou a lecionar na Escola de Engenharia da Universidade Mackenzie, graças à pressão exercida, sobre o diretor, pelos alunos que vinham do cursinho do José Egídio, onde haviam estudado com ele. Na época, o curso de Cálculo Diferencial e Integral era ministrado por um professor cuja atividade principal era exercida na prefeitura de São Paulo, de modo que seu ensino deixava a desejar. Os alunos, descontentes com o curso, solicitaram à Direção da Escola de Engenharia a criação da cadeira de Cálculo II e exigiram que a mesma fosse confiada ao prof. Willie Maurer. Também lecionou Física, para a qual escreveu uma apostila em dois volumes. Nesse mesmo ano, o prof. Willie foi eleito representante da congregação no conselho universitário da Universidade Mackenzie e, permanecendo no cargo até 1962.

Em 1953, o prof. Lívio Teixeira passou a exercer suas funções, em tempo integral na USP e foi substituído, interinamente, pelo prof. Isaac Salum, que era o

vice-diretor e pertencia ao Departamento de Letras. Por esta razão, a congregação se reuniu para elaborar a lista tríplice que seria enviada ao Conselho Deliberativo do Instituto Presbiteriano Mackenzie, a quem caberia a escolha do novo Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Mackenzie. O nome de Maurer foi incluído na lista, por unanimidade, com exceção do próprio voto.

O Pegado, como Reitor, era membro do Conselho Deliberativo e já não me tolerava em virtude de minhas escaramuças com a Escola de Engenharia. Dizia a quem quisesse ouvir que eu era radical e até mesmo comunista. Não obstante sua oposição, fui escolhido como diretor da Faculdade. Furtou-se a me dar posse, alegando uma viagem urgente. Tomei posse na presença da minha Congregação que era o que importava.

Transcrição

O Pegado, como Reitor, era membro do Conselho Deliberativo e já não me tolerava em virtude de minhas escaramuças com a Escola de Engenharia. Dizia a quem quisesse ouvir que eu era radical e até mesmo comunista. Não obstante sua oposição fui escolhido como Diretor da Faculdade. Furtou-se a me dar posse, alegando uma viagem urgente. Tomei posse na presença da minha Congregação que era o que importava.

Devido ao bom relacionamento com os alunos, algum tempo depois, os mesmos o fizeram sócio Honorário do Centro Acadêmico de Filosofia da Universidade Mackenzie.

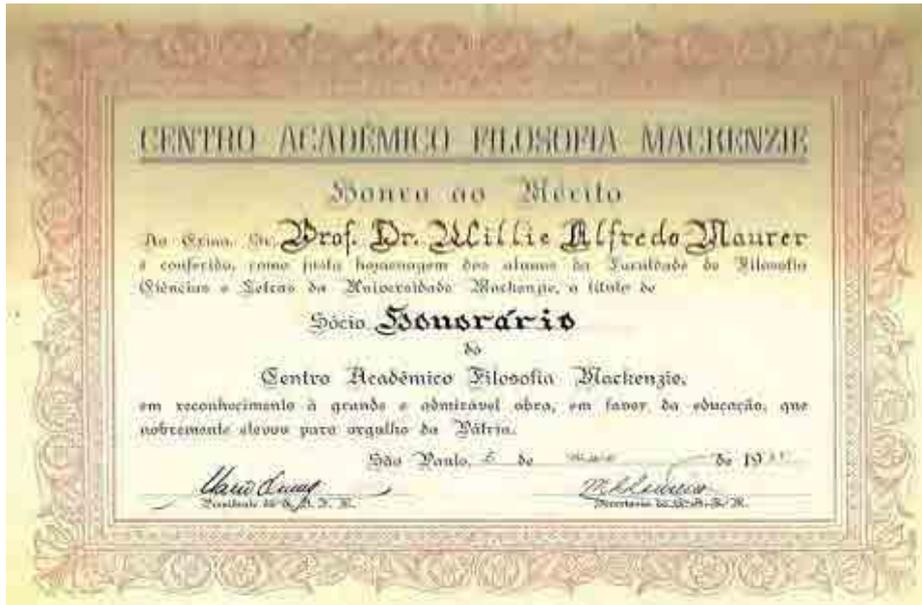


Figura 15: Certificado de Sócio Honorário
Fonte: Acervo nosso – fevereiro/2011

Segundo Maurer, nem tudo em sua carreira foram triunfos e sua luta mais improfícua na Universidade Mackenzie girou em torno dos salários, que, além de mesquinhos eram injustos por serem baseados no número de alunos em sala de aula, e com esse critério, o salário dos professores da FFCL era menor do que os da Escola de Engenharia e da Faculdade de Direito. Essa luta o indispôs com a Administração e até mesmo com parte do Conselho Universitário. “O Reitor que nesta época já era o Thut, recebeu de mim um ofício assás (sic) franco e contundente que naturalmente não surtiu nenhum efeito positivo. Era um servil serviçal da Administração” (MAURER, Autobiografia, s/d, p. 40). (referido ofício, Anexo 3).

Além de lutar por melhorias salariais e melhores condições de trabalho para a classe de professores, ele, por ser considerado uma pessoa justa e imparcial foi chamado pelos alunos para mediar os conflitos de greve.

Não posso deixar de falar nas greves repetidas dos alunos da Engenharia. Quase sempre os alunos tinham uma boa dose de razão, sobretudo quando se revoltavam contra mestres incompetentes. Em uma dessas greves a mais acirrada e demorada, os alunos vieram me procurar para servir de mediador entre eles e o CTA da Escola (Centro Técnico Administrativo). Embora de má vontade, o CTA cedeu, mas minha missão fracassou, como último recurso, apelaram para Brasília, que enviou um emissário cujo nome não me lembro, que, mediante promessas que não seriam cumpridas, conseguiu conciliar o inconciliável e a greve terminou sem que nada mudasse (MAURER, Autobiografia, s/d, p. 40).

Nesse contexto, foram publicadas algumas reportagens no Jornal A Folha de São Paulo, (Anexo 4), em 1960, em que Willie Maurer é citado como mediador entre os alunos e o Centro Técnico Administrativo da Universidade Mackenzie.

Dentre as atividades profissionais, Maurer também foi convidado a integrar a Congregação Especial da FFCL da Universidade de São Paulo, por ocasião da realização dos concursos para provimento efetivo das cadeiras de Física Geral e Experimental (1954), de Física Nuclear (1962), e dos concursos de livre docência das cadeiras de Análise Matemática, Física Nuclear e Cálculo Infinitesimal (1962).

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS



São Paulo (Brasil), 30 de Julho de 1954

N.º 1205
2.001-58
GC-8
Ref. F. 1420-58

Señor Professor:

Tenho a honra de comunicar-lhe que a Congregação desta Faculdade, nos termos do art. 1.º da Lei (51), de 7-10-1949, nome para se escolher V. Excia., para integrar a Congregação Especial, tem dever de acompanhar a realização do concurso para o provimento efetivo da Cadeira de Física Geral e Experimental desta Instituto Universitário.

A disposição legal citada, assim diz:

"A Congregação de Instrução do Ensino Superior de Universidade, que tiver vagas de dois tempos de professoras catedráticas, indicará para completar esta número, professores catedráticos efetivos de outras instituições congêneres, de preferência entre os que tenham a mesma especialidade ou em Cadeira posta em concurso, os profissionais de alta qualificação, com atividades em obras científicas, artísticas e outras de sua especialidade."

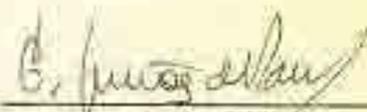
"Indicará a Congregação Especial, na forma desta Lei, participar, com direito de voto, dos membros da Congregação convocados ao concurso, e ministiar-se-á a aprovação desta e proceder à nomeação final."

De acordo com a resolução do Conselho Nacional de Educação, a Congregação Especial a que se refere a Lei supra, deverá emitir-se para assistir ao processo de seleção de base a História e ao julgamento final de concurso. Tal processo está em curso para se regularizar dizer:

F, quinta-feira, às 14 horas, Refoca do Inoco
T, sexta-feira, às 19,30 horas, Praça Sébastião, Instituto de Física, para o julgamento final de concurso.

As provas estão realizadas na sala de aula da Faculdade.

Contando com a valiosa colaboração de V. Excia., principalmente no ato de julgamento final de concurso, agradeço o desejo para solicitar-lhe tem protestos de consideração e apreço.


B. Maurer
Diretor

Do Livro. Sr. Prof. Dr. Willis Alfredo Maurer.

Figura 16: Ofício da USP – 1954
Fonte: Acervo nosso – fevereiro/2011

Em 1959 foi membro da comissão julgadora do concurso para provimento efetivo do cargo de professor catedrático da cadeira de Matemática da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ), de Piracicaba-SP.

Pag. 6 — Assuntos Especializados — FOLHA DA MANHÃ — Quinta-feira, 19 de março de 1959

Concurso para docencia de Matemática na Escola “Luís de Queirós”, de Piracicaba

Realizar-se-á a partir do dia 22 de abril, às 9 horas, no salão nobre da Escola Superior de Agricultura «Luís de Queirós» em Piracicaba, um concurso para provimento efetivo do cargo de professor catedrático da 16.a cadeira, (Matemática). A comissão examinadora do referido concurso ficou assim constituída: prof. Edison Farah, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da U.S.P., prof. Hilton Sales, da Escola Nacional de Agronomia da Universidade Rural; prof. Wille Maurer, da Escola de Engenharia da Universidade Mackenzie; e profs. Hugo de Almeida Leme e Admar Cervellini, da Escola Superior de Agricultura «Luís de Queirós». Acha-se inscrito o candidato, sr. Frederico Pimentel Gomes, Assistente e Livre-Docente da «Luís de Queirós».

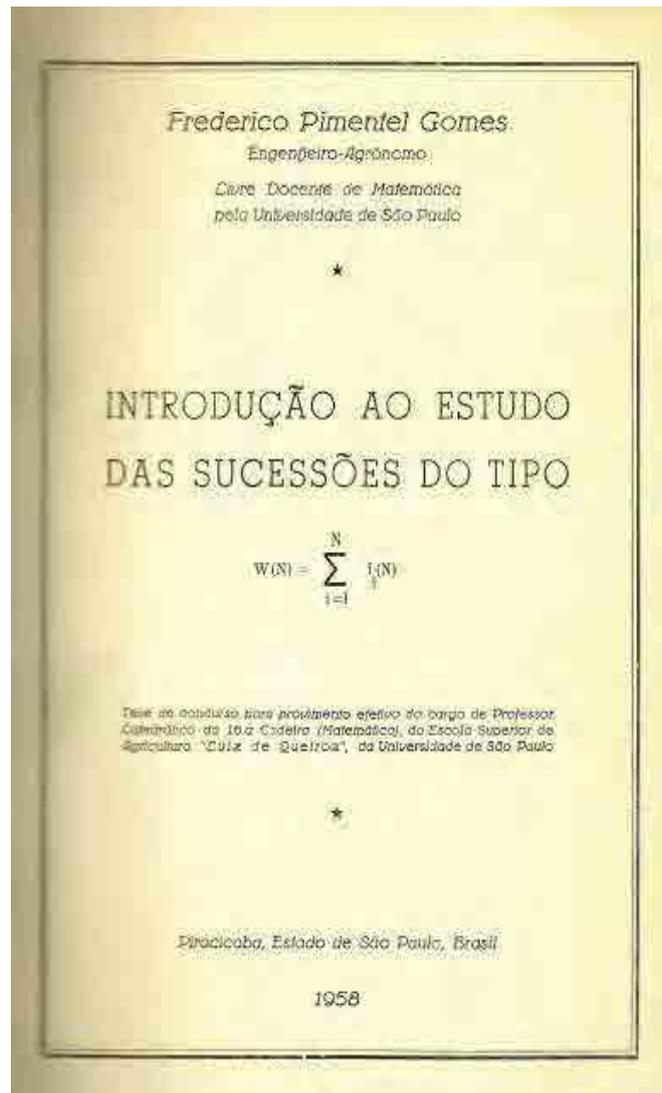


Figura 17: Jornal Folha de São Paulo
Fonte: Jornal Folha da Manhã – p. 06, 19/03/1959.
Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/>

Figura 18: Tese de concurso para provimento efetivo do cargo de professor catedrático
Fonte: Acervo nosso – fevereiro/2011

Participou e representou a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Mackenzie na XII Conferência Nacional de Educação, realizada em Salvador-BA, de 01 a 09 de julho de 1956 e do Simpósio das Faculdades de Filosofia, realizado em Brasília-DF, em 1963. Também foi membro da comissão organizadora da XIII Conferência Nacional de Educação, em 1961.

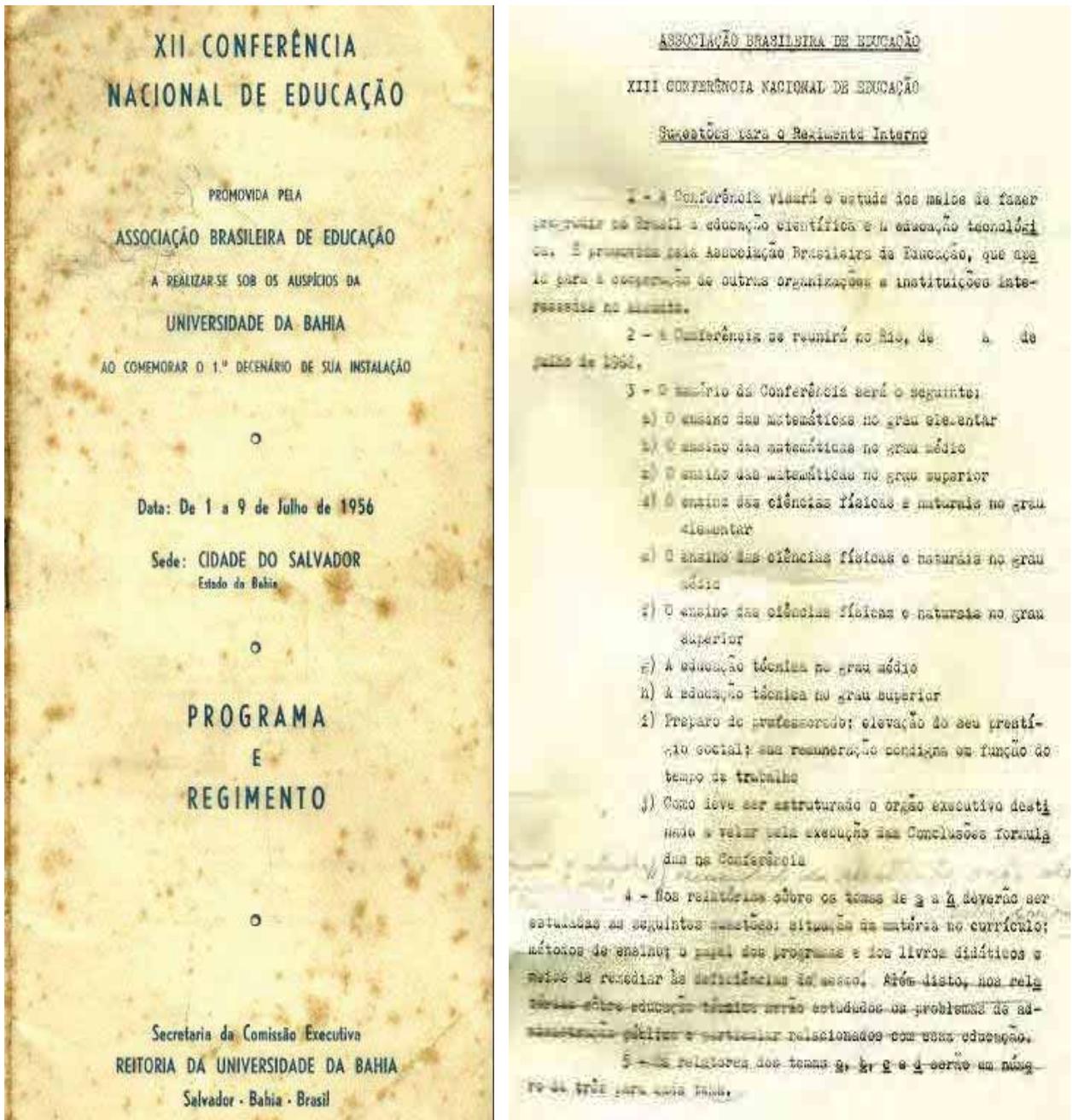


Figura 19: XII Conferência Nacional de Educação e XIII Conferência Nacional de Educação
Fonte: Acervo nosso – fevereiro/2011

O prof. Willie Maurer foi procurado, em 1956, pela Campanha do Livro Didático e Manuais de Ensino (CALDEME), para elaborar o plano do manual destinado ao ensino da Matemática do curso ginásial.


 INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS
 CAMPANHA DO LIVRO DIDÁTICO E MANUAIS DE ENSINO (CALDEME)
 Rua do Maracanã, 100 - Rio de Janeiro - RJ
 Caixa Postal 2000 - Instituto Pedagógico
 Rua de Ipanema, 10 - Rio de Janeiro - RJ

Rio de Janeiro, 3 de abril de 1956

Dr. W. A. Maurer
 Praça Vilatorrada, 100
 São Paulo, SP.

Prezado Dr. Maurer:

Conforme V. S. deve ter tido conhecimento por ocasião do Seminário convocado, em abril de 1953, pelo Instituto Nacional de Aeronáutica e pela Campanha do Livro Didático e Manuais de Ensino (CALDEME), o principal objetivo visado por esta última é introduzir em nosso país novos pontos de vista sobre o ensino das matérias do curso secundário, de maneira a tornar tal ensino mais adequado às necessidades dos adolescentes. Para isto mestres destacados foram incumbidos de redigir manuais contendo, ao mesmo tempo, a matéria a ser ensinada e os princípios que devem orientar o respectivo ensino.

Como no Seminário acima referido, foi resolvido, com a aprovação do Dr. Anísio Teixeira, Diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, a publicação da obra do Dr. Murnaghan sobre Álgebra e trigonometria elementar, resolvemos consagrar os nossos esforços à obtenção de manuais relativos a outras matérias cujo ensino nos parecia necessitar de mais urgente renovação. Este ano esperamos colher os frutos desses esforços.

É, pois, agora oportuno voltarmos a atenção para o ensino da matemática (a obra do Dr. Murnaghan, pelo espaço limitado e pelos motivos descritos no prefácio da mesma, não podia ser logo apontada como um guia para todos os professores secundários do país). Venho assim apelar para V. S. a fim de que se incumba da elaboração de plano do manual destinado ao ensino da matemática do curso ginasial. Segundo a praxe adotada, antes de ser lavrado o acordo respectivo, o plano da obra deve ser aprovado pela CALDEME, após discussão com o autor e outras autoridades no assunto.

O autor não fica adstrito aos programas oficiais, nem mesmo à orientação oficial, se por acaso achar necessária a sua modificação e fundamentar tal necessidade.

Incluso lhe envio, como uma simples indicação, o texto do acordo sobre o manual de química. Talvez, porém, V. S. julgue conveniente, antes de proferir a sua decisão, vir ao Rio para uma conversa preliminar conosco. Caso assim seja, peço-lhe comunicar-me a data, a fim de lhe ser enviada a requisição de passagem (via aérea), a CALDEME de Rio de Janeiro, e as despesas de dois dias de sua estada aqui.

Estou seguramente informado de que a sua competência e a sua dedicação ao ensino constituem a melhor justificativa para a escolha da CALDEME.

Cordialmente,


 Mário F. de Brito

Figura 20: Carta da Campanha do Livro Didático e Manuais de Ensino (CALDEME),
 Fonte: Acervo nosso – fevereiro/2011

Em 12 de abril de 1956 o prof. Maurer envia uma carta em resposta, aceitando o convite e, juntamente a esta, anexou uma proposta elaborada por ele. (Carta resposta, na íntegra, encontra-se no Anexo 5).

Maurer também foi um dos sócios fundadores da Sociedade de Matemática de São Paulo.

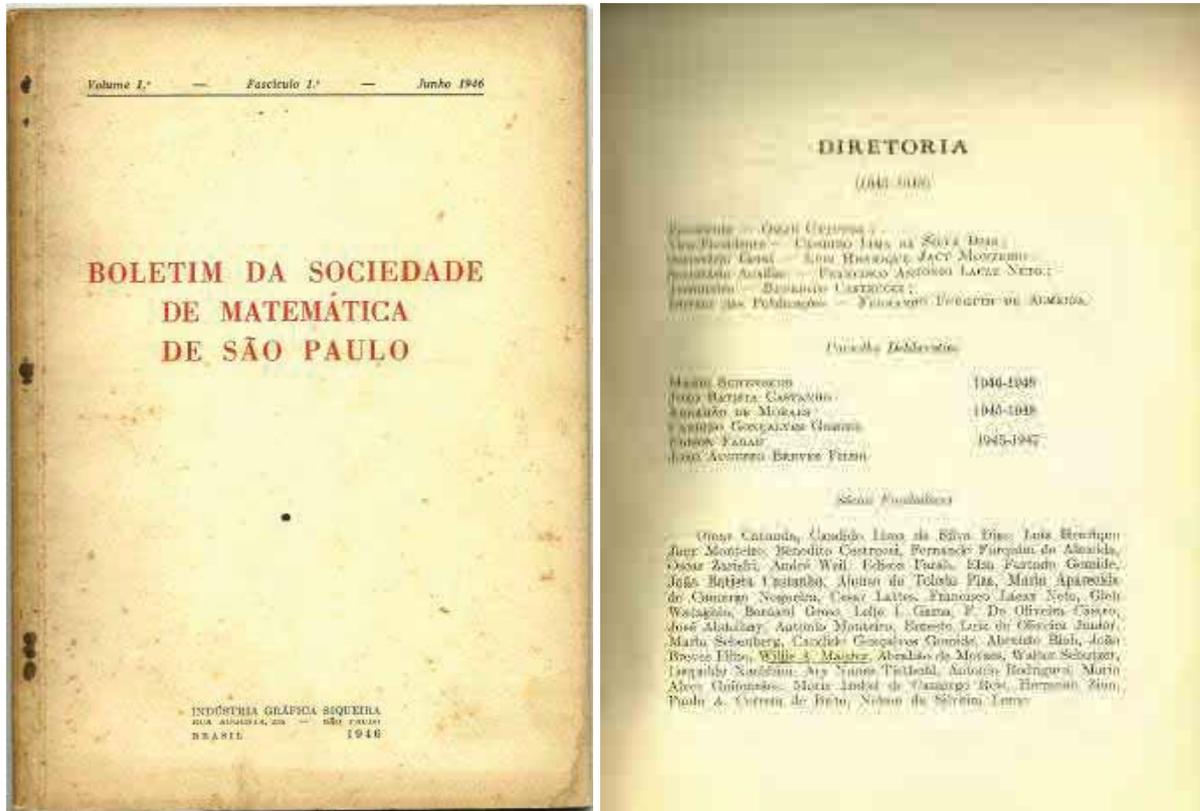


Figura 21: Boletim da Sociedade de Matemática de São Paulo
Fonte: Acervo nosso – fevereiro/2011

Participou do III Simpósio Nacional do Ensino de Física, organizado pela Sociedade Brasileira de Física da qual também era sócio.



Figura 22: Certificado da Sociedade Brasileira de Física
Fonte: Acervo nosso – fevereiro/2011

Em 1961 o prof. Maurer, enquanto diretor da FFCL da Universidade Mackenzie, incentivou e apoiou a criação do Grupo de Estudo do Ensino da Matemática (GEEM) de São Paulo. Conforme relato do prof. Pierre Kaufmann,

Em um de seus mandatos de Diretor na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade Mackenzie, foi criado um grupo de estudo para o ensino da Matemática moderna liderado pelo professor Oswaldo Sangiorgi²¹ e mais uma vez foi um empreendimento muito estimulado pelo prof. Willie Maurer. O prof. Willie tinha essa característica, ele estimulava, ele promovia empreendimentos e quando ele achava que era sério, dava todo apoio, fomentava e o mais interessante é que ele não queria ser o diretor, o patrão, essa coisa toda. Realmente como pessoa humana é uma das pessoas mais admiráveis que eu conheci. Foi meu inspirador, sem dúvida alguma (Entrevista 8, 2012, p. 5).

Em 23 de setembro de 1960, foi assinado por Maurer, então Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Mackenzie, o ato de criação do Grupo de Radio Astronomia Mackenzie (GRAM), posteriormente transformado no Centro de Radio Astronomia e Astrofísica Mackenzie (CRAAM). (transcrição na íntegra na página seguinte).

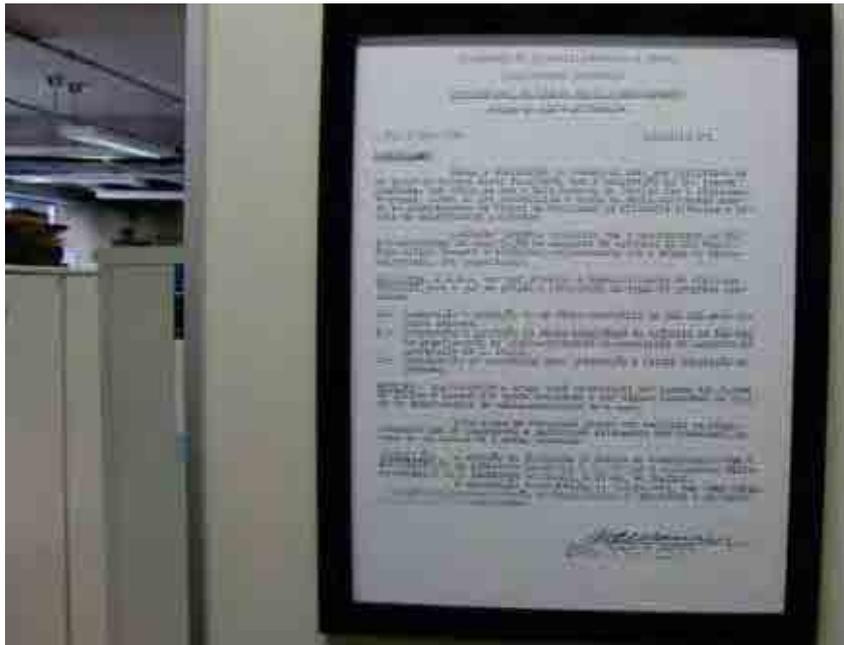


Figura 23: Fotografia do Documento de criação do Grupo de Rádio Astronomia Mackenzie (GRAM)
Fonte: Acervo nosso – fevereiro/2011

²¹ Em convênio com Secretaria de Educação, Sangiorgi obtém a liberação de ponto para a participação de professores da rede pública, num total de 25. Essa atividade abre caminho para a criação, aos moldes do School Mathematics Study Group, dos EUA, do GEEM – Grupo de Estudos do Ensino da Matemática, em outubro de 1961. A professora Renate Gompertz Watanabe, guarda em seu acervo pessoal, o diploma recebido no curso. Nele consta “Curso de Especialização em Matemática”, com aprovação nas provas e trabalhos exigidos no curso, nas disciplinas de “Lógica Matemática e Aplicações”, “Teoria dos Conjuntos”, “Álgebra Moderna” e “Seminários de Ensino de Matemática”. Assinam o documento o reitor da Universidade Mackenzie, Henrique Thut; o diretor da Faculdade de Filosofia, Willie Maurer; o professor George Springer, da Universidade de Kansas-EUA; o professor Oswaldo Sangiorgi, da Universidade Mackenzie; o professor Luiz Jacy Monteiro, da Universidade de São Paulo e o professor Alésio De Caroli, da Universidade de São Paulo. (VALENTE, W.R. Oswaldo Sangiorgi e o movimento da matemática moderna no Brasil. IN: Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v 8, n 25, p. 583-613, set./dez., 2008).

Transcrição
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras
Universidade Mackenzie
Departamento de Física Geral e Experimental
GRUPO DE RÁDIO-ASTRONOMIA

S. Paulo, 23/9/1960

Relatório nº 1

COMUNICADO:

Tenho a satisfação de comunicar que, por iniciativa de um grupo de alunos desta Faculdade, sob a orientação do Sr. Pierre Kaufmann que cerca de ano e meio acha-se em contato com a Rádio-Astronomia, acaba de ser constituído o Grupo de Rádio-Astronomia anexo ao Departamento de Física da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade Mackenzie.

Mediante convênio celebrado com o Departamento de Rádio-Astronomia da Associação de Amadores de Astronomia de São Paulo, este último passará a trabalhar conjuntamente com o Grupo de Rádio-Astronomia, ora instituído.

Objetivos. O G.R.A. tem por objetivo o desenvolvimento da Rádio-Astronomia para o que se propõe à realização do seguinte programa imediato:

- a) construção e operação de um rádio-telescópio de 300 MHz para estudos solares.
- b) manutenção e operação do rádio-telescópio de trânsito de 300 MHz do Departamento de Rádio-Astronomia da Associação de Amadores de Astronomia de São Paulo.
- c) organização de seminários para preparação e melhor adaptação do pessoal.

Pessoal – inicialmente o Grupo está constituído por alunos dos cursos de Física e Matemática desta Faculdade e por alguns elementos da equipe do Departamento de Rádio-Astronomia da A.A.A.

Instalação – a Direção da Faculdade já entrou em entendimentos com a Administração do Instituto Mackenzie a fim de que o equipamento rádio astronômico seja instalado no Cabuçú, a 32 km. da Capital.

A manutenção e construção do equipamento, bem como cursos e seminários processar-se-ão em dependências da Faculdade e do Departamento de Rádio-Astronomia.

Prof. WILLIE MAURER
Diretor F.F.C.L.U.M.

GRUPO DE RADIASTRONOMIA ORGANIZADO NO MACKENZIE COMEÇA COM ESTUDO SOLAR

Foi organizado nesta capital o Grupo de Radiastronomia do Departamento de Física da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Mackenzie, que já estabeleceu convenio com o Departamento de Radiastronomia da Associação dos Amadores de Astronomia e instalará o seu equipamento em Cabuçu a 32 quilômetros da capital.

Segundo esclarecimentos prestados pelo prof. Willie A. Maurer, diretor da FFCL da UM, já se processam entendimentos para a construção, instalação, operação e manutenção do referido equipamento, cujo programa imediato serão os estudos solares. O citado Grupo de Radiastronomia será dirigido pelo sr. Pierre Kaufmann, organizador do Departamento de Radiastronomia da AAA e será constituído inicialmente por alunos dos cursos de Física e Matemática da aludida Faculdade e de elementos da AAA.

Radiotelescópio

Já foram tomadas as primeiras medidas para a construção do

radiotelescópio, assim como para a organização de seminários visando à preparação de pessoal para a operação e manutenção do equipamento, que inclui o radiotelescópio de trânsito da AAA, instalado no Ibirapuera. Qualquer aluno da FFCL da UM poderá ser admitido no Grupo desde que se comprometa a participar ativamente dos trabalhos na base mínima de 5 horas semanais.

Amplia-se assim em São Paulo o quadro de estudiosos de problemas radiastronômicos, que adquirem importância cada vez maior em todos os países.

O mais importante Grupo de Radiastronomia está sendo organizado na Cidade Universitária e é integrado por elementos do Centro de Estudos de Radiopropagação da Escola Politécnica, em colaboração com o Instituto de Pesquisas da Marinha, e do Instituto Astronômico e Astrofísico da Universidade de São Paulo.

Figura 24: Jornal Folha de São Paulo

Fonte: Folha de São Paulo – Primeiro caderno p.10, 09/10/1960.

Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/>

Em março de 1963 terminava o segundo mandato do prof. Maurer como diretor da FFCL da Universidade Mackenzie, e segundo ele afirma em sua autobiografia, p. 41, ele não tinha pretensão de continuar na direção. “Aliás, eu já era demissionário, mas o vice-diretor Damasco Penna²², meu substituto legal, negou-se a assumir o cargo por solidariedade comigo. Um gesto verdadeiramente incomum que não podia deixar de me sensibilizar profundamente”.

Em abril deste mesmo ano, por indicação dos professores Lacaz Neto²³ e Leônidas Hegenberg²⁴, ambos do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), ele foi

²² João Batista Damasco Penna foi professor do Colégio Universitário anexo à Universidade de São Paulo, Da Universidade Mackenzie e do Colégio Rio Branco em São Paulo. Foi o diretor da coleção “Atualidades Pedagógicas” da Companhia Editora Nacional. Essa coleção foi responsável pela publicação dos livros do intelectual cubano Alfredo Miguel Aguayo no Brasil. (www.histedbr.fae.unicamp.br, acessado 04/04/2013).

²³ Francisco Antônio Lacaz Netto nasceu em 6 de fevereiro de 1911, na cidade de Guaratinguetá, São Paulo. Graduou-se em Farmácia em 1929 e em Engenharia Geográfica em 1932, pela Escola Politécnica da USP e em

procurado pelo professor Gabriel Roriz²⁵, Diretor da Escola de Engenharia da Universidade Federal de Goiás (UFG), para convidá-lo a participar da criação do Instituto de Matemática da UFG, sendo que o Instituto de Física seria organizado pelo João N. Martins que era professor de Física no ITA.

Na época, os professores da UFG Gabriel Roriz, Marcelo Cunha Moraes, vice-diretor da Escola de Engenharia, e Helder Rocha Lima, representante da Congregação da Escola de Engenharia no Conselho Universitário, estavam entusiasmados com a ideia de criação dos Institutos de pesquisa preconizadas pela Comissão Supervisora do Plano dos Institutos (COSUPI)²⁶. Eles pretendiam criar os institutos de Matemática e de Física na UFG com o beneplácito do Reitor professor Colemar Natal e Silva.

Maurer, a princípio, tinha a intensão de recusar o convite de Roriz, mas após conversar com Apolônia, sua esposa, que concordou em ir para Goiânia, resolveu fazer uma visita de alguns dias à UFG, acompanhado do João Martins e do Gabriel Roriz.

Chegamos à tardinha onde esperavam o Marcelo e Dona Lurdes, esposa do Gabriel. Hospedaram-nos no Hotel Dom Bosco, pouco confortável. Em se tratando de dinheiro público, o Gabriel era bastante pão-duro. À noite, o Marcelo nos levou de automóvel a ver a cidade. Fiquei em Goiânia até 5ª feira, véspera da paixão. Voltei mais ou menos comprometido de aceitar (MAURER, Autobiografia, s/d, p. 42).

Matemática em 1936, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras também da USP. Foi professor em diversos colégios na cidade de São Paulo e nas Universidades: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Universidade Mackenzie, Universidade de São Paulo (USP) e Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP). Ingressou no ITA em 1950, onde foi Professor Adjunto, Titular, Conferencista e Professor Emérito. Também foi Reitor do ITA de 1966 a 1973. Escreveu 25 livros e diversos artigos e monografias sobre Matemática. (www.aeitaonline.com.br, acessado em 05/04/2013).

²⁴ Leônidas Helmuth Baebler Hegenberg nasceu em 14 de março de 1925 na cidade de Curitiba, no Paraná. Em 1947, ingressa na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Instituto Presbiteriano Mackenzie, onde se graduou em Matemática e Física. Neste período, destacam-se como seus mestres os professores Abrahão de Moraes, Francisco A. Lacaz Netto e Willie A. Maurer. O professor Leônidas teve um papel muito importante na história da lógica principalmente pela divulgação da lógica no Brasil com a publicação de vários livros e artigos. Trabalhou 38 anos (1950 – 1988) no Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA) e também em outras instituições de ensino superior no Brasil. (www.aeitaonline.com.br, acessado em 05/04/2013).

²⁵ Gabriel Roriz nasceu na cidade de São João del Rei no estado de Minas Gerais, onde concluiu o curso de Engenharia Civil em 1947. No principio do ano seguinte, mudou-se para a cidade de Araguari-MG para trabalhar na companhia "Estrada de Ferro Goiás" e em 1949 recebeu uma proposta para trabalhar no projeto de construção do prolongamento da estrada de ferro de Goiânia para o Mato Grosso e muda-se para Goiânia. Foi o primeiro diretor da Faculdade de Engenharia (FE) da UFG (criada a partir da incorporação da Escola de Engenharia do Brasil Central à UFG) e considerado o grande mentor da proposta de implantação do Instituto de Matemática e Física (IMF) dentro da UFG. (www.ufg.br/uploads/files/revistaafirmativa, acessado em 05/04/2013).

²⁶ A Comissão Supervisora do Plano dos Institutos (COSUPI) foi criada pelo decreto nº 49.355 de 28 de novembro de 1960, pelo então Presidente da República Juscelino Kubitschek. Tinha como objetivo modificar as estruturas das universidades brasileiras e das Escolas Superiores de Tecnologia, visando promover reformulações profundas em relação às cátedras e a carreira docente das universidades, apoiando a formação de técnicos para elevar o seu nível de conhecimento e aumentar o número de vagas nos cursos de Engenharia, objetivando com isso o desenvolvimento social do país. Disponível em: www.cle.unicamp.br Acessado em: 24/01/2013.

No dia 13 de abril de 1963, Willie Maurer já de volta à São Paulo teve um desmaio em consequência de uma hemorragia de úlcera e foi internado no Hospital Samaritano de São Paulo, onde permaneceu por uma semana. Em função de sua internação, solicitou ao seu secretário da FFCL da Universidade Mackenzie, Raul Anacleto, que avisasse, via telegrama, o Gabriel Roriz em Goiânia, que devido ao seu estado de saúde não sabia se retornaria e nem quando.

“Enquanto estava hospitalizado, recebi uma carta extremamente comovedora dos meus alunos da faculdade que me fez chorar, certamente por estar muito debilitado. Guardo essa carta com todo carinho até hoje” (MAURER, Autobiografia, s/d, p. 44). Em sua autobiografia ele faz a transcrição completa desta carta.

Centro Acadêmico Filosofia Mackenzie
DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DA UNIVERSIDADE MACKENZIE
 RUA MARIA ANTÔNIA, 403 - TEL. 32-6161 Ramal 45
 SÃO PAULO

São Paulo, 17 de Abril de 1963.

Exmo. Sr. Prof. Willie Alfredo Maurer

Vimos participar-vos que reunidos em Assembleia realizada em 15 e 16 do corrente mês deliberamos no sentido de, mais uma vez, apoiar as corajosas atitudes por vós tomadas, levando a nossa solidariedade irrestrita.

Pesa-nos que tenhamos de fazê-lo nas condições atuais - quase que a pré-agonia da nossa Faculdade.

Entristece-nos, ainda, que tudo culmine de maneira a provocar a vossa retirada. Éreis o último obstáculo à marcha destruidora dos ineptos que infestam a Universidade Mackenzie, impedindo que esta o seja de fato. Somos testemunhas, todos nós - professores e alunos - do vosso trabalho, muito além do dever, na tentativa de vivificar a Universidade através do perfeito funcionamento da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Mas propalam a dissolução da Universidade Mackenzie ...

Afinal, sentíamos-nos seguros, embora as pressões da Administração. Havia quem nos dirigisse na luta de todos os dias contra a ignorância, aliada à incompetência. A bem da verdade, éreis aquele que mais lutava.

Sabemos que os incapazes, os mal-intencionados, os que se ocultam na sombra - prosseguem no afã covarde, a destruir e a impedir que se construa. Sabemos que, como cupins, solapam as já frágeis bases da Universidade Mackenzie.

Afinal, sentíamo-nos seguros convosco.

Talvez percamos a luta, que é desigual. São muitos, os mesquinhos de espírito e faltos de idéias; somos poucos, os que anseiam por Cultura.

Somos fortes, contudo. Aprendemos convosco

a batalhar por um ideal - e nós o temos.

Faltará sempre um entre nós. Dói-nos que assim seja. Perdemos mais que um Professor: perdemos o guia, o que indica. Devemos compreender, porém, que a vossa grandeza impede que sejais restrito à Universidade Mackenzie. Sabemos que onde estiverdes trabalhar-se-á pela Cultura, pelo agigantamento da nação.

Sois um Educador.

Theophile Darcy Guimarães

Antônio Tereza Diniz

José Ulisses de Almeida e Almeida

Paulo Roberto Leão

Walter Wolfhoff Neto

José Souto

Pedro Paulo de Almeida

Luiz Antônio

Antônio Marques de Rezende

João Francisco de Souza

Samuel Xavier

Albino Melgado

Antônio Rodrigues

Francisco Assis Carralho

Venâncio Bastiani

José Eduardo Leão Salgado

Luiz Roque

Alfonso de B. Marcondes Jr.

Wladimir Cantor

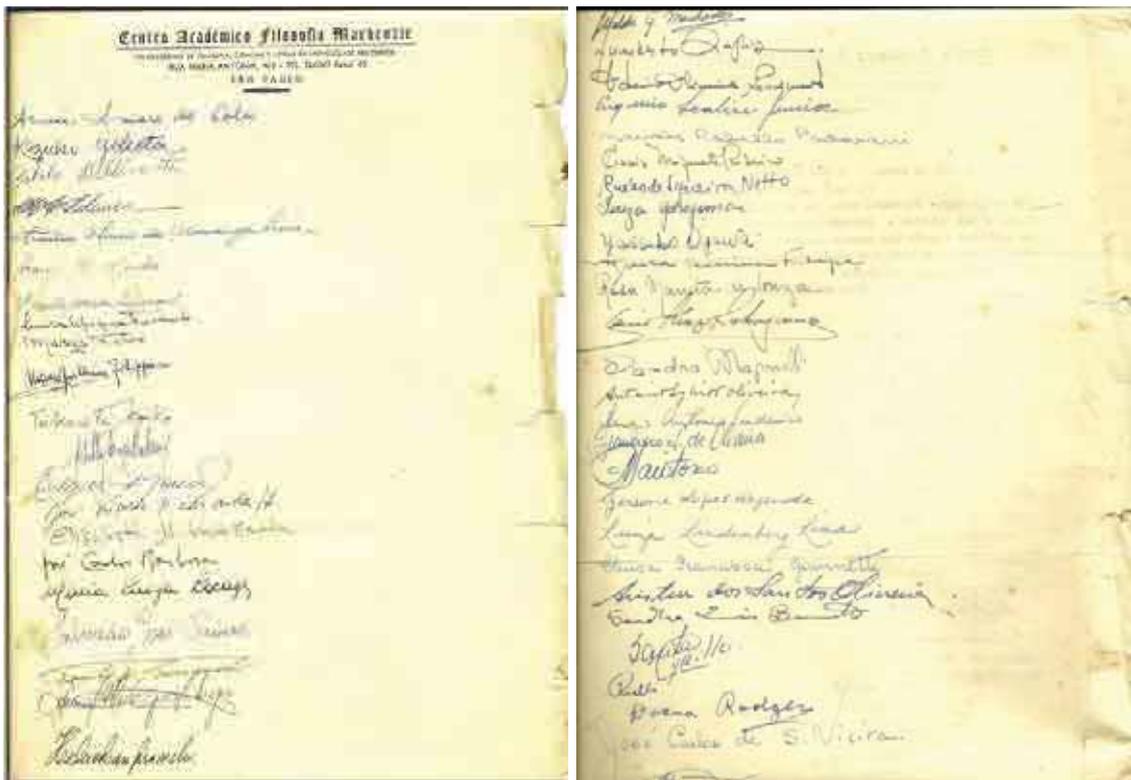


Figura 25: Carta dos alunos do Centro Acadêmico de Filosofia,
 Fonte: MAURER, Autobiografia, s/d, p. 43.

Para Maurer, a última frase escrita na carta: *Sois um educador*, “vale por um diploma conferido por quem tem competência para julgar” (Autobiografia, s/d, p. 45).

Em maio de 1963, já reestabelecido de sua saúde, o prof. Willie Maurer retornou à Goiânia. Desta vez em companhia da sua esposa e foi contratado pela Universidade Federal de Goiás, a partir de 21 de maio daquele ano para organizar e estruturar o Instituto de Matemática. Também já se encontrava em Goiânia o prof. João Martins, inicialmente encarregado da criação do Instituto de Física, porém sem nenhum plano definido. Por motivos pessoais retornou ao ITA e para substituí-lo foi convidado o prof. Nicolau Jannuzzi, que também não permaneceu no cargo. Sozinho e com a missão de criar os dois institutos, Willie Maurer propôs ao Reitor e ao Conselho Universitário que fosse criado um único instituto que contemplasse a Matemática e a Física, visto que a Universidade tinha poucos recursos humanos, materiais e financeiros e também poucos alunos. A proposta foi aceita e ele inicia os trabalhos para criação do Instituto de Matemática e Física (IMF) da Universidade Federal de Goiás, conforme contrato de trabalho feito pela UFG, em 1963 (Anexo 6).

Para um melhor entendimento sobre a criação do IMF, faz-se necessária, uma breve contextualização sobre a origem da Universidade Federal de Goiás.

A UFG foi criada em 14 de dezembro de 1960, por meio da Lei número 3.834-C, com a união de cinco escolas superiores já existentes no Estado de Goiás: a Faculdade de Direito, (fundada em 1898 na Cidade de Goiás, antiga capital do Estado), a Faculdade de Farmácia e Odontologia (1945), a Escola de Engenharia do Brasil Central (1952), o conservatório de Música (1956) e a Faculdade de Medicina (1960).

Sua criação tornou possível a materialização de um antigo sonho da sociedade goiana que era o de criação da Universidade do Brasil Central, aprovada pela Assembleia Legislativa Estadual, em 1948. Apesar de essa Universidade não ter sido instalada, a lei nº 192 de 20 de outubro de 1948 que a criou deixou no povo e no meio estudantil goiano a convicção de que Goiás precisava de uma universidade.

Em 1957 e 1958 a Escola de Engenharia atravessou uma crise muito grande e quase fechou, “ficou sem aula quase um semestre, com um único professor dando aulas” segundo afirmação do professor Orlando Ferreira de Castro²⁷ (cf. REIS et al., 2010, p. 35).

Na tentativa de salvar a situação da escola o prof. Orlando se candidatou a Presidente do Diretório Acadêmico da Escola de Engenharia. Eleito e conhecedor dos tramites dos processos no Conselho Nacional de Educação passou a discutir e propor nas reuniões do Diretório Acadêmico a federalização do ensino superior. No dia 23 de abril de 1959, em assembleia na sede da União Estadual dos Estudantes foi eleito presidente de uma entidade informal com o nome de Frente Universitária Pró Ensino Federal e nessa reunião foi pronunciado pela primeira vez entre os estudantes presentes o nome Universidade Federal de Goiás.

A partir da instalação dessa “frente”, iniciou-se uma enorme campanha pela criação da Universidade Federal de Goiás através de visitas a instituições, autoridades e pessoas influentes como o objetivo de obter apoio para a citada causa. Nessa época a Escola de Engenharia do Brasil Central tinha cerca de 40 alunos, mas, apesar de a turma ser pequena, lutou muito pela federalização do

²⁷ Orlando Ferreira de Castro é natural de Buriti Alegre, Estado de Goiás. Fez o curso primário em sua cidade natal e o Curso Ginásial e Científico no Colégio Dom Bosco, em Goiânia, no período de 1944 a 1951. Concluiu o curso Superior na Escola de Engenharia do Brasil Central em 1959. Foi professor na Escola de Engenharia e na Faculdade de Artes Visuais da UFG.

ensino, que era vista como a salvação da crise instalada na escola. Para reforçar o movimento a “frente” buscou o apoio da Faculdade de Farmácia e Odontologia e também da Faculdade de Direito de Goiás, que, devido a grande quantidade de alunos e a própria característica do curso, assumiu o movimento da “frente”.

A participação dos alunos foi intensa. Promoveram comícios, participaram de debates, fizeram varias viagens ao Rio de Janeiro e a Brasília, confeccionaram diversas faixas e as fixaram pelas ruas de Goiânia e, principalmente, deram imenso apoio ao professor Colemar Natal e Silva²⁸ que aderira ao movimento estudantil. Participava do movimento o aluno da Faculdade de Farmácia, Manoel Berilo, amigo do deputado federal Gerson de Castro Costa, ao qual solicitou apoio no sentido de apresentar o projeto de lei que criaria a Universidade Federal de Goiás. O então deputado se comprometeu com uma comissão de alunos do movimento a apresentar o projeto, o que ocorreu em junho de 1959, provocando uma grande movimentação na comunidade estudantil goiana. No ano seguinte foi sancionada a Lei 3.834-C que criava a UFG pelo então Presidente da República Dr. Juscelino Kubitschek.



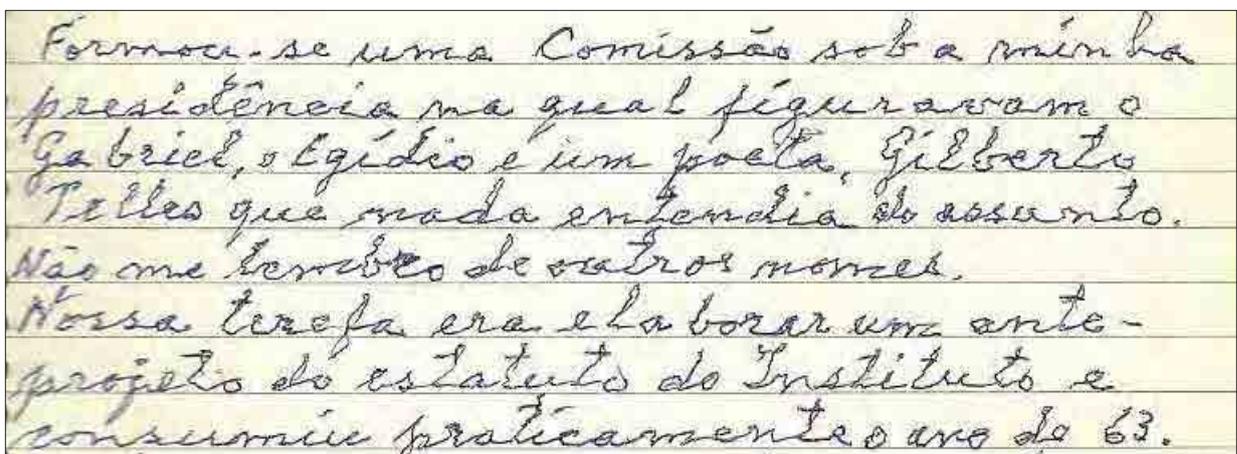
Figura 26: Presidente Juscelino Kubitschek, no dia 18 de dezembro de 1960 participou da solenidade oficial de assinatura da Lei nº 3.834-C, que cria a UFG
Fonte: REIS (2010, p. 28)

²⁸ Colemar Natal e Silva, nasceu em Niquelândia-GO, no dia 24 de agosto de 1907. Fez o estudo primário na Cidade de Goiás e o Ginásio no Colégio Lyceu de Goiás. Fez o curso Jurídico na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Foi professor na Faculdade de Direito de Goiás e secretário da comissão encarregada de escolher o local para a edificação de Goiânia. Fundou a Academia Goiana de Letras e a Universidade Federal de Goiás, sendo seu primeiro Reitor. Faleceu em Goiânia em 23 de fevereiro de 1996.

Retomando a criação do IMF, o prof. Juarez Milano relata em seu pronunciamento dos 23 anos de criação do IMF (Anexo 7) que duas instituições influenciaram diretamente a criação e o desenvolvimento do IMF da UFG: a Universidade de Brasília (UnB), fundada em 21 de abril de 1962, com a promessa de modificar a educação superior vigente no país e também por sua proximidade com a UFG. A outra foi o ITA, fundado em 16 de janeiro de 1950 na cidade de São José dos Campos-SP, cujo modelo não era mais estruturado em termos de cátedras e sim em Departamentos que estabelecia uma carreira docente em uma escala que iniciava com o Auxiliar de Ensino, passando pelos cargos de professor assistente, associado, até o cargo de professor titular. A ascensão na carreira era pautada especialmente no aperfeiçoamento do docente por meio de cursos de pós-graduação e em sua produção científica.

Do ITA saíram professores, pesquisadores, engenheiros e técnicos que se espalharam pelo país, inclusive para o Estado de Goiás, semeando as ideias que lá foram produzidas, dentre elas o regime de trabalho de tempo integral e dedicação exclusiva.

Pelos esforços dos professores Gabriel Roriz, Marcelo da Cunha Moraes e Elder Rocha Lima, todos da Escola de Engenharia da UFG, apoiados pela comunidade estudantil goiana e, sobretudo, contando com a experiência e conhecimento do educador Willie Maurer, o ano todo de 1963 foi dedicado ao projeto de criação e instalação do Instituto de Matemática e Física da UFG, estruturado principalmente nos moldes do ITA.



Formou-se uma Comissão sob a minha
presidência na qual figuravam o
Gabriel, o Egídio e um poeta, Gilberto
Telles que nada entendia do assunto.
Não me lembro de outros nomes.
Nossa tarefa era elaborar um ante-
projeto do estatuto do Instituto e
consumir praticamente o ano de 63.

Transcrição

Formou-se uma comissão sobre a minha presidência na qual figuravam o Gabriel, Egídio²⁹ e um poeta, Gilberto Telles³⁰ o que nada entendia do assunto. Não me lembro de outros nomes.

Nossa tarefa era elaborar um anteprojeto do estatuto do Instituto e consumiu praticamente o ano de 63.

Segundo Maurer, ao finalizarem os trabalhos de elaboração do projeto para a criação do IMF, o mesmo foi enviado ao Conselho Universitário e aprovado. Apesar de criado em novembro de 1963, o IMF só iniciou suas atividades acadêmicas no dia 16 de março de 1964, quando foi ministrada a aula inaugural proferida pelo prof. Coleman Natal e Silva, Reitor da UFG, a convite, por meio do ofício 02/64 (Anexo 8) do prof. Willie Maurer, já designado diretor do IMF por meio da portaria nº 186/63 de 28 de novembro de 1963, transcrita na página seguinte.

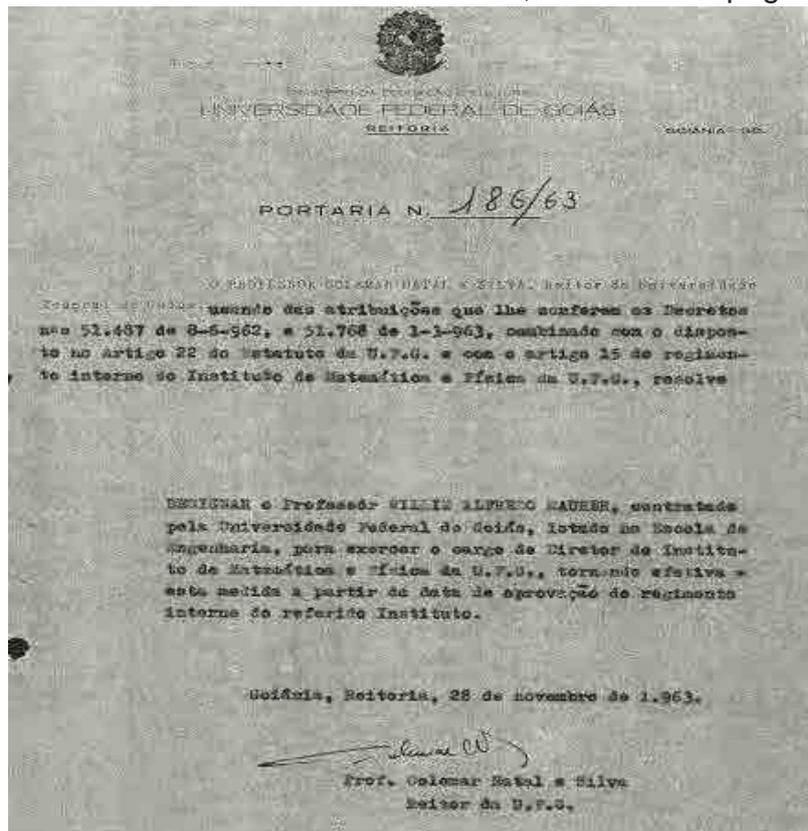


Figura 27: Portaria nº 186/63 de 28 de novembro de 1963
Fonte: Acervo nosso – fevereiro/2011

²⁹ Egídio Turchi, italiano de nascimento, veio para o Brasil aos 16 anos de idade. Foi fundador da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFG, da qual foi o primeiro diretor. Pesquisou e ensinou Filologia Românica e Latim. Também foi o primeiro Presidente do Conselho Estadual de Educação de Goiás. (www.fapeg.go.gov.br)

³⁰ Gilberto Mendonça Teles, nasceu em Bela Vista de Goiás, poeta e crítico literário brasileiro. Formou-se em Direito e Letras Neolatinas pela Faculdade de Filosofia da PUC-Goiás. Foi professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFG e atualmente ocupa a cadeira número 11 da Academia Goiana de Letras.

Transcrição

PORTARIA 186/63

O PROFESSOR COLEMAR NATAL E SILVA, Reitor da Universidade Federal de Goiás, usando das atribuições que lhe conferem os Decretos nº 51.487 de 8-6-962, a 51.768 de 1-3-963, combinados com o disposto no Artigo 22 do Estatuto da UFG e com o artigo 15 do regimento interno do Instituto de Matemática e Física da UFG, resolve:

DESIGNAR o professor WILLIE ALFREDO MAURER, contratado pela Universidade Federal de Goiás, lotado na Escola de Engenharia, para exercer o cargo de Diretor do Instituto de Matemática e Física da UFG, tornando efetiva esta medida a partir da data de aprovação do regimento interno do referido Instituto.

Goiânia, Reitoria, 28 de novembro de 1963.

Prof. Colemar Natal e Silva
Reitor da UFG

Em março de 1964 foi celebrado o segundo contrato de trabalho entre o prof. Willie e a Universidade Federal de Goiás, pelo período de doze meses, compreendidos entre 1 de março de 1964 a 28 de fevereiro de 1965 (Anexo 9). Para exercer o cargo de Diretor do IMF foi lhe concedida uma gratificação com base na Portaria nº 43/64 (Anexo 10).

A partir de dezembro de 1963 o prof. Willie Maurer, já empossado Diretor do recém criado IMF, passou a enfrentar outro desafio, o de contratar pessoal especializado para o funcionamento do Instituto nos níveis desejados. Naquela época não havia em Goiás, pessoas em número suficiente, com habilitação desejável em Matemática e Física. Os poucos existentes estavam lotados na Escola de Engenharia da UFG, sendo necessário então buscar reforço fora de Goiás, tarefa difícil, pois o IMF na prática, ainda era um projeto e o Estado de Goiás no cenário científico ainda não era conhecido.

No ano de 1964 o prof. Maurer não lecionou devido aos encargos de direção do Instituto. Nesse ano aconteceu o Golpe Militar, também denominado de “Revolução de 64”, que encerrou o governo do Presidente João Goulart e teve início uma ditadura militar que durou até 1985.

Os reflexos do golpe militar atingiram profundamente a UFG, período em que foi criada, pelo Reitor Colemar Natal e Silva, uma comissão, cujos membros eram os líderes da “corrente dos oportunistas”, tendo o trabalho da mesma se limitado a encaminhar ao Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) a lista dos nomes dos professores e funcionários da Universidade, a fim de que fossem assinalados aqueles que defendiam ideias contrárias às do regime no poder. Com fundamentos nas informações colhidas, vários professores da Escola de Engenharia foram sumariamente afastados por portaria do Reitor, acusados de atividades subversivas, ligados a “corrente dos idealistas”, dentre eles os professores Gabriel Roriz, Marcelo Cunha Moraes e Elder Rocha Lima.

Em 1965, mesmo estando desvinculado da UFG, o prof Willie Maurer envia para a Reitoria da UFG uma declaração (Anexo 11) em defesa dos professores Gabriel Roriz, Marcelo Cunha Moraes e Elder Rocha Lima.

O Grapearari desempenhou neste episódio sordido, um papel realmente indigno. Foi o delator de seus colegas e o delator duro da polícia ao lado do coronel Danilo por parte do Exército. Comigo não os usaram nem mexer, porque estava bem guardado, escondido em um discurso que eu proferia pouco antes em São Paulo e publicado pelo "Estado". Aliás, diga-se passagem, que este discurso causou grande reboliço no Mackenzie onde eu proferi como Paraminha dos em- genhadores de 63 da Escola.

Neste discurso eu ataquei encetivamente o regime do Fango o que causou grande alvoroço entre os patriotas. Diziam-se que os Militares presentes à mesa, retiraram a palavra de me retirar, e que eu deveria ser a pastado do Mackenzie. Houve mesmo quem pretendia se pedir ao MEC a minha cassação. A Revolução não ignora na denúncia e eu me retiro.

Transcrição

O Irapuan³¹ desempenhou neste episódio sórdido, um papel realmente indigno. Foi o delator de seus colegas e dedo-duro da polícia ao lado do Coronel Danilo por parte do Exército.

Comigo não ousaram mexer, porque estava bem garantido, escudado em um discurso que eu proferi pouco antes em São Paulo e publicado pelo "Estado". Aliás, diga-se de passagem, que este discurso causou grande reboição no Mackenzie onde eu proferi como Paraninfo dos Engenheiros de 63 da Escola.

Neste discurso eu ataquei energicamente o regime de Jango o que causou grande alvoroço entre os patrioteiros. Dizia-se que os Militares presentes à mesa, estavam a ponto de retirar e que eu deveria ser afastado do Mackenzie. Houve mesmo quem pretendesse pedir ao MEC a minha cassação. A Revolução foi água na fervura e eu me salvei.

No final do ano de 1964 expirava a licença de dois anos que o prof. Maurer tinha conseguido na Universidade Mackenzie. Assim ele teria que decidir entre retornar a São Paulo ou permanecer em Goiânia. Em uma visita que fez a São Paulo, o prof. Maurer foi procurado pelo vice-presidente do Instituto Presbiteriano Mackenzie Guaracy Adiron Ribeiro e pelo tesoureiro Cel. Theodoro de Almeida Pupo, que pediram sua colaboração, caso vencessem o embate contra o Presidente Oswaldo Müller da Silva, junto ao Conselho Deliberativo do Instituto Mackenzie.

Diante da situação o prof. Willie Maurer decidiu por reassumir suas funções na Universidade Mackenzie e pedir demissão da UFG. Sua decisão foi comunicada ao Reitor da UFG por meio do ofício nº 32/65, datado de 15 de fevereiro de 1965 (Anexo12), no qual ele sugeriu o nome do prof. Juarez Milano para substituí-lo por considerá-lo o mais capacitado e comprometido com o Instituto para dar continuidade às atividades do IMF nos moldes estabelecidos. O prof. Maurer permaneceu no cargo de Diretor do IMF até 25 de fevereiro de 1965 quando entrega o cargo ao prof. Jerônimo Geraldo de Queiroz, Reitor da UFG, mediante ofício nº 041/65 (Anexo 13).

³¹ Irapuan Costa Júnior nasceu no dia 23 de dezembro de 1937. Formou-se em Engenharia Civil e Física Atômica e Nuclear pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi Professor da Escola de Engenharia da UFG, fundador e Diretor da Engenharia e Comércio Ltda (ENCOL). Presidente do Banco Brasileiro Comercial S/A (BBC); Diretor Técnico e Presidente da Centrais Elétricas de Goiás (CELG). Foi prefeito da cidade de Anápolis-GO em 1973, Governador do Estado de Goiás (1975-1979); Deputado Federal (1983-1987), PMDB- GO e Senador (1987-1995).

O prof. Willie Maurer teve uma breve passagem pela Universidade de Brasília, em 1966, quando foi convidado, pelo prof. Laerte Ramos de Carvalho, Reitor da UnB na época, para integrar uma comissão encarregada de organizar o Instituto de Tecnologia da UnB (Anexo 14). Após aceitar o convite, passou alguns dias em Brasília para conhecer a real situação em que se encontrava o Instituto e ao final da visita apresentou um relatório (Anexo 15) pouco animador ao prof. Laerte. Após sua terceira visita, apresentou à Reitoria da UnB, algumas exigências para sua permanência na comissão. Como não foi atendido, desligou-se dela.

De volta ao Instituto Mackenzie, tomou conhecimento da decisão do Conselho deliberativo de demitir o vice-presidente e o tesoureiro dos seus cargos, mantendo na presidência o Sr. Oswaldo Müller. Apesar do ambiente um pouco hostil, não teve outra opção a não ser permanecer na Instituição. Diante da situação, o prof. Maurer não reassumiu suas cadeiras na Escola de Engenharia e, limitou-se a suas atividades docentes na FFCL da Universidade Mackenzie.

Nessa época foi convidado pela Reitora da Universidade Mackenzie, Dra. Esther de Figueiredo Ferraz³², para colaborar na elaboração do novo Estatuto da Universidade e da Reforma Universitária.

Fig-êhe que eu era pessoa não grata da Administração, ao que ela respondeu que isto se arran- jaria sem dificuldade. Chamou o Oswaldo Müller, chefe Gabinete era pegado ao seu, e lhe disse sem pestamejar que precisava da minha colaboração a que ele fizesse uma pedra sobre o parafuso, ao que ele aceitou pron- tamente e tudo acabou, na santa paz do Senhor.

Parecia colaborar estreitamente com ela que me pôs em contato com o Waldir Chagas, membro do Con- selho Federal de Educação e mentor da Reforma em andamento.

A despeito das muitas intrigas, ela jamais me abandonou e meu trabalho surtiu alguns resultados positivos.

³² Esther de Figueiredo Ferraz (São Paulo, 6 de fevereiro de 1915 – 23 de setembro de 2008), advogada, professora, Secretária do Estado em São Paulo e a primeira mulher Ministra da Educação do Brasil no governo do General João Figueiredo de 1982 a 1985. Também foi a primeira reitora da Universidade Mackenzie.

Transcrição

Fiz-lhe saber que eu era persona não grata da Administração, ao que ela respondeu que isto se arranjaría sem dificuldade. Chamou o Osvaldo Müller, cujo Gabinete era pregado ao seu, e lhe disse sem pestanejar que precisava da minha colaboração e que ele pusesse uma pedra sobre o passado, ao que ele atendeu prontamente e tudo acabou na santa paz do Senhor.

Passei a colaborar estreitamente com ela que me pôs em contato com o Walmir Chagas (sic) membro do Conselho Federal de Educação e mentor da Reforma em andamento. A despeito das muitas intrigas, ela jamais me abandonou e meu trabalho surtiu alguns resultados positivos.

Segundo relatou na Autobiografia, no final de maio de 1969, ele entregou o cargo de Presidente da Comissão de Implantação da Reforma Universitária da Universidade Mackenzie por não ter conseguido apoio da comunidade universitária (Anexo 16). Como seu afastamento foi negado pela Reitoria, em junho do mesmo ano ele enviou um novo ofício (Anexo 17) à reitoria, reiterando os termos do ofício anterior e em caráter irrevogável, explicitando os motivos que o levaram a tomar a decisão de entregar o cargo.

O prof. Pierre Kaufman (Entrevista 8, 2012, p. 3) descreve o desligamento do prof. Maurer da seguinte forma:

(...) sei que lá “pelas tantas”, ele acabou tendo uns desentendimentos com a entidade mantenedora, (...) entrou em rota de colisão com a administração da universidade, por não concordar com a situação imposta na época. (...) onde o clima de trabalho pra ele ficou bastante insustentável e ele pediu demissão, foi quando ele foi pra Goiás.

No final do ano de 1969, o prof. Maurer tomou a decisão de se aposentar e desligou-se definitivamente do Mackenzie em fevereiro de 1970.



Figura 28: Carteira de Trabalho – Contrato de Trabalho Instituto Mackenzie
Fonte: Acervo nosso – fevereiro/2011

Informado da situação profissional do prof. Willie Maurer em São Paulo, o prof. Juarez Milano convidou-o para retornar ao IMF em Goiânia-GO.

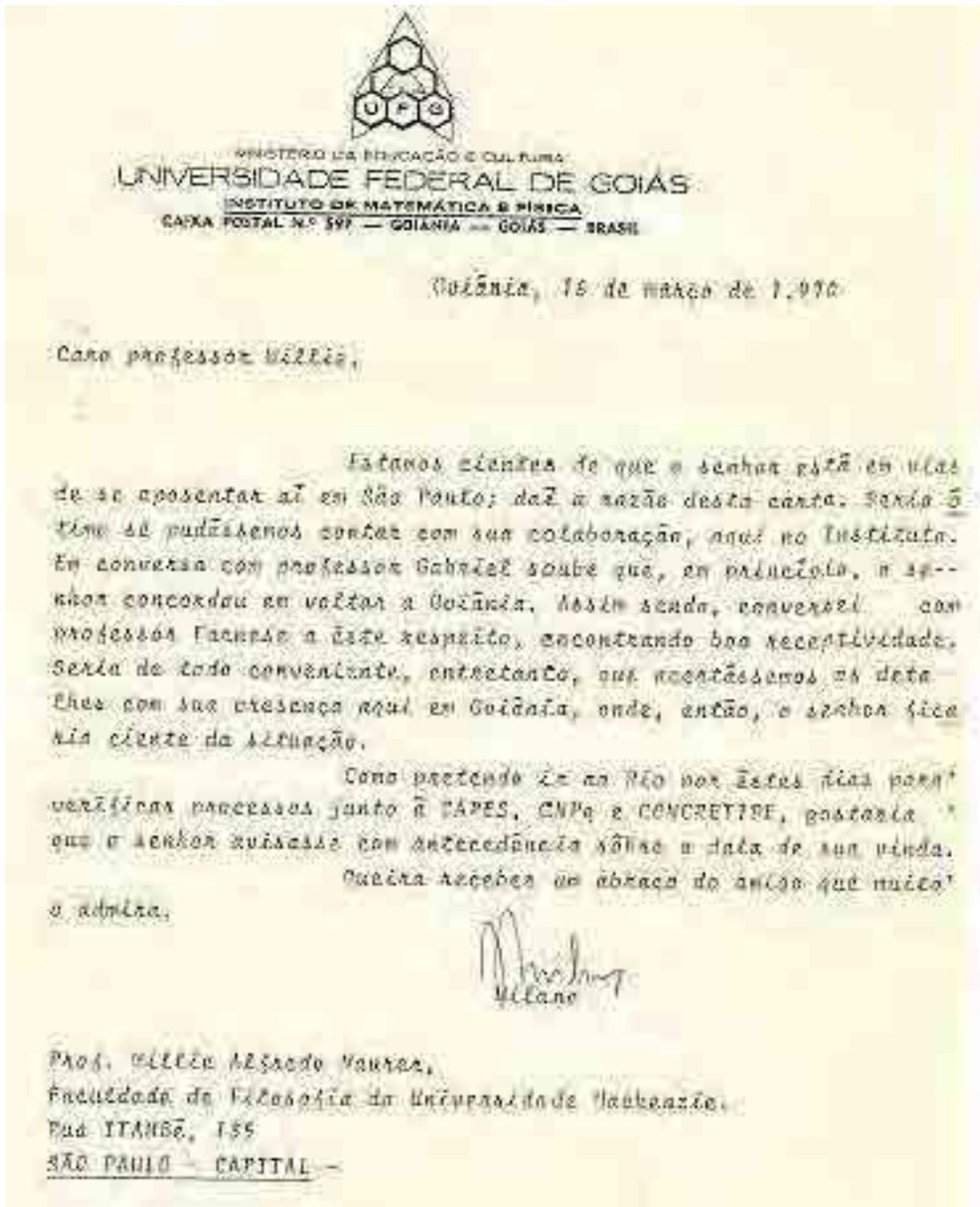


Figura 29: Convite para retornar ao IMF da UFG em Goiânia-GO
 Fonte: Acervo nosso – fevereiro/2011

O prof. Maurer aceitou o convite e voltou para Goiânia com a ideia de lá ficar em definitivo. Em 1970 foi contratado novamente pela UFG onde permaneceu até 1972.

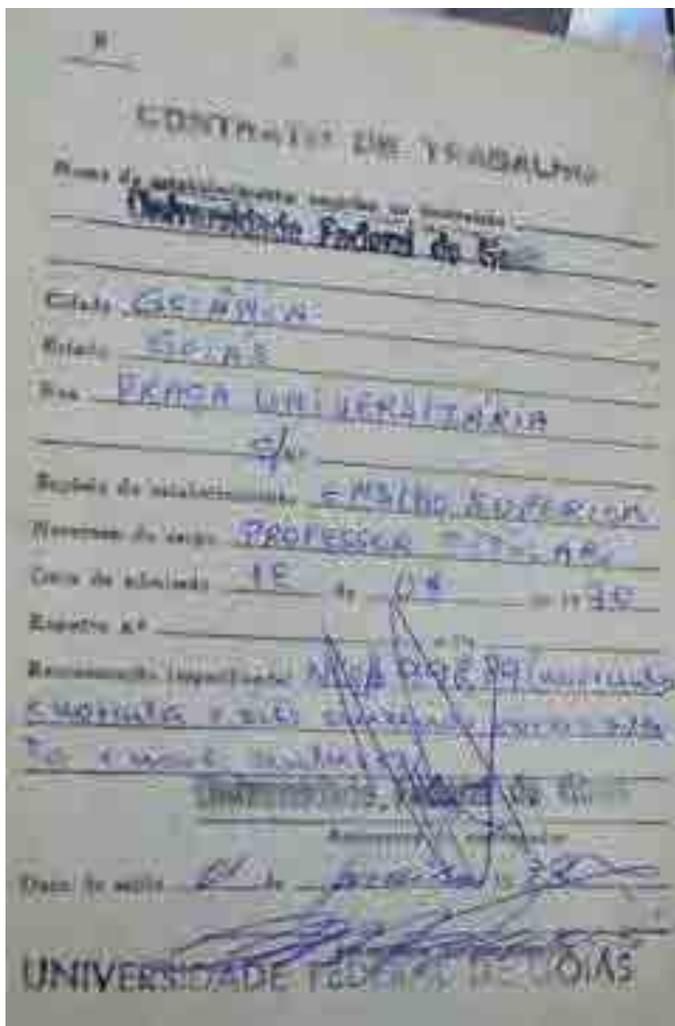


Figura 30: Contrato de Trabalho UFG
Fonte: Acervo nosso – fevereiro/2011

Nesse segundo contrato, ficou mais ligado ao Departamento de Física do IMF. Posteriormente, as salas, tanto da Diretoria quanto a da Secretaria, receberam seu nome como homenagem.





Figura 31: Placas em homenagem a Willie Maurer - UFG
 Fonte: Acervo do IF da UFG – fevereiro/2011

Nessa época, segundo Maurer, ele alugou uma casa próximo da residência do prof. Gabriel Roriz. Entretanto sua esposa, por não se adaptar ao clima de Goiânia, retornou para São Paulo no final de 1970.

Aí me estrambiquei todo e fiquei com o aparelho digestivo em petição de miséria. Minha mulher veio em meu socorro e ficamos uns tempos na casa do Gabriel. Para cúmulo do azar, fui atacado por cálculos renais que só o Instituto de Gastroenterologia de São Paulo descobriu. Com tantos contratempos, resolvi ficar por aqui e cuidar do meu sitinho em Mairinque.

Transcrição

Aí me estrambiquei todo e fiquei com o aparelho digestivo em petição de miséria. Minha mulher veio em meu socorro e ficamos uns tempos na casa do Gabriel. Para cúmulo do azar, fui atacado por cálculos renais que só o Instituto de Gastroenterologia de São Paulo descobriu. Com tantos contratempos resolvi ficar por aqui e cuidar do meu sitinho em Mairinque.

No final de 1971 o prof. Willie Maurer solicitou sua rescisão contratual com a UFG, concretizada com a portaria nº 01517/71 (Anexo 18), assinada pelo Reitor no dia 29 de dezembro de 1971. De volta a São Paulo, o prof. Maurer passou a se dedicar à família, aos afazeres do seu sítio em Mairinque-SP e também à

escrita do livro: “O culto da mediocridade eficiente”, que não foi publicado. Nos anos de 1974 e 1975, foi assessor do Centro Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal para a Formação Profissional - CENAFOR³³, em São Paulo. No dia 23 de abril de 1975 perdeu sua esposa, vítima de câncer. Para o Sr. Fred Lane (Entrevista 9, 2012, p. 5), “o Willie foi sempre fixado numa pessoa só, claro na esposa, quer dizer ele era um cara assim, de uma retidão total, muito correto. Depois que a esposa morreu ele foi morar comigo e a Silvia para não ficar sozinho”.

Em 1976 e 1977 o prof. Maurer foi trabalhar na Universidade Federal de Uberlândia, onde lecionou disciplinas de Matemática na Faculdade de Engenharia. Foi homenageado como paraninfo de duas turmas de formandos do Curso de Engenharia Civil.

CONTRATO DE TRABALHO

Nome do estabelecimento completo em letras maiúsculas _____

FACULDADE FEDERAL DE ENGENHARIA
UNIVERSIDADE DE UBERLÂNDIA

Cidade _____
 Av. Universitária, s/n° - Fone: 27-33
 Estado _____
 Rua _____
 Uberlândia - M. Gerais

Espécie do estabelecimento *Ensino Superior*

Natureza do cargo *Professor*

Data da admissão *01* de *Março* de 19 *76*

Registro n.º _____ a fl. _____

Remuneração (especificada) *Crp 13.394,00*
(Treceze mil, trezentos e noventa e quatro centavos)

Antonia Mariana da Silva Junior
 Assinatura do empregado

Data da saída *27* de *Dezembro* de *1978*

Fundação Universidade de Uberlândia
 Assinatura do empregador

Figura 32: Contrato de Trabalho – Universidade de Uberlândia
 Fonte: Acervo nosso – fevereiro/2011

³³ Centro Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal para a Formação Profissional – CENAFOR foi instituído pelo Decreto Lei nº 616, de 9 de junho de 1969, sob a forma de fundos, vinculado ao Ministério da Educação e Cultura com sede e foro na cidade de São Paulo-SP, cuja finalidade era a preparação e o aperfeiçoamento de docentes, técnicos e especialistas. (Estatuto: Anexo 19).

No período de 1978 a 1981 ele voltou a morar com sua filha em São Paulo, dedicando-se à leitura, principalmente de Matemática.

Então, na época a Silvia trouxe ele para morar na nossa casa. Aí ele ficou morando lá, e realmente foi envelhecendo e foi impressionante como o Willie foi definhando, quer dizer, foi encurvando coisa e tal. Mas mesmo assim voce chegava perto e ele tava lá com livro, então eu brincava que ele tava lendo a mesma página o dia inteiro... (risos). Ele lia, cochilava e depois voltava a ler de novo, quer dizer, a ideia dele era ler Matemática. (...) se ele ficasse em São Paulo ele ficava estudando Matemática, se ele fosse para o sítio ele ficava estudando Matemática, ele fazia as coisas no sítio assim, o que interessava, mas basicamente, a ideia dele era Matemática e que eu me lembro, ele não tinha hobby nenhum (FRED LANE, Entrevista 9, 2012, p. 5).

Em 1982 o prof. Willie Maurer foi convidado pelo prof. Augusto Fleury, Vice-Reitor para assuntos administrativos da PUC Goiás, para ser professor do Departamento de Matemática e Física – MAF.

(...) quando ele esteve comigo no início dos anos 80, o que eu achei mais marcante nele, foi perceber que “aquela alegria” ainda estava com ele, que aquela vontade de fazer ainda estava com ele, que ele tinha planos, planos e planos, como se ele estivesse começado tudo outra vez. (...) me impressionava ver uma figura como o prof. Willie com tanto entusiasmo, tanta vontade, tantos projetos, tantas expectativas e também por isso, nós o trouxemos aqui, para PUC Goiás (AUGUSTO FLEURY, Entrevista 6, 2012, p. 5).

A forma encontrada pela Administração da Universidade para fazer a contratação dele sem a realização de concurso foi em função do seu currículo e da sua notoriedade do saber. Seu contrato inicial foi como professor adjunto visitante, que segundo o prof. Luiz de Gonzaga (Entrevista 3, 2012, p. 4; 5)

(...) foi uma forma de ele ter uma remuneração que fosse o suficiente para ele se manter em Goiânia, porque ele teria inicialmente que morar em um hotel. (...) Inclusive o que ele me falou na primeira visita, antes de contratá-lo foi: “Luiz eu quero o suficiente para me manter e fazer minhas viagens, pois, precisarei ir a São Paulo pelo menos uma vez por mês. É o que eu quero, não quero ganhar nada, porque o meu prazer é estar trabalhando, estar no convívio universitário, é só isso que quero”.

No dia 30 de julho de 1982, o prof. Luiz de Gonzaga enviou uma carta ao prof. Willie Maurer informando-o sobre o andamento de sua contratação.

Goiânia, 30 de julho de 1982.

Prezado Prof. Willie,

As providências necessárias para a contratação de V. Sa. já foram iniciadas, mas necessitamos também de xerox dos diplomas das cursos feitos por V. Sa. (principalmente do curso de graduação).

Se a vossa vinda em definitivo para Goiânia acontecer na próxima semana, poderia trazer em mãos as xerox dos diplomas, histórico escolar, etc, bem como as originais dos documentos pessoais. Caso venha somente para a início das aulas (dia 09/08) poderia nos enviar urgentemente pelo menos as xerox já mencionadas.

Sem mais para o momento subscrevemo-nos:

Atenciosamente,



Luiz de Gonzaga Vieira

Diretor de NAF

Figura 33: Carta sobre andamento de contrato na PUC Goiás
Fonte: Acervo nosso – fevereiro/2011

Seu contrato foi realizado em 23 de agosto de 1982, com prazo determinado até 30 de novembro de 1982. Em 01 de março de 1983 seu contrato passou a ser como professor adjunto e por tempo indeterminado, permanecendo até 02 de dezembro de 1987.

Com as informações funcionais de:

WILLIE ALFREDO MAURER - RE: 2.548

Brasileiro naturalizado em 07/03/1950, nascido em 05/10/1907, viuvo, natural de Minnesota-EUA, filho de Henrique Maurer e Rosette Maurer, inscrito no CPF sob o nº 007948308-97, C.I. nº148.740 DEIC/SP, PASEP nº 10101138153, portador da CTPS nº 468.814, série 034-SP. Reservista S.A categoria nº 422.141, carteira de saúde nº 256 de 10/09/1983.

O Professor Teve dois Contratos de Trabalho na UCG, conforme dados abaixo relacionados.

1º Contrato de Trabalho:

- Admissão : 23/08/1982
- Cargo atual : Professor Adjunto
- Lotação : MAF
- Rescisão do contrato : 30/11/1982

- Admitido, com contrato de trabalho por prazo determinado de 23/08/1982 a 30/11/1982, como Professor Adjunto Visitante, conforme Port. 367/82-R e Proc. 234/1982-PES.

2º Contrato de Trabalho:

- Admissão : 01/03/1983
- Cargo atual : Professor Adjunto
- Lotação : MAF
- Rescisão do Contrato : 02/12/1987

- Admitido, com contrato de trabalho por prazo indeterminado a partir de 01/03/1983, como Professor Adjunto, conforme Port. 77/83-R
- Enquadrado, nos termos do Estatuto da Carreira Docente, Resolução nº 06/85-COU, a partir 01/09/1985 de Professor Adjunto para Professor Adjunto I, conforme Port. 509/1985-GR

SARH, 19/02/2009.

Simone Pereira Matos

Conforme o prof. Augusto Fleury (Entrevista 6, 2012, p. 7), na década de 1980, a titulação do docente já estava sendo valorizada e considerada importante para o desenvolvimento institucional tanto na UFG como na PUC Goiás, o que não permitiu a contratação do prof. Maurer na categoria de professor titular. “Negociamos a aquisição de um marco referencial para o MAF. (...) ele era um doutor de ideias”.

Em sua autobiografia Willie Maurer afirma que fez bons amigos na PUC Goiás, em especial a inesquecível Maria Angélica (...) “se revelou uma amiga devotada e perene. Foi, sem favor, meu anjo da guarda em Goiânia, meu consolo e conforto em todas as agruras. Guardo-lhe, por isso, eterna gratidão e sua imagem querida me acompanhará até o túmulo” (Autobiografia, s/d, p. 60).



Figura 35: Prof. Willie Maurere e profa. Maria Angélica - março de 1986
Fonte: Cedida pelo prof. Clarimar José Coelho / PUC Goiás – agosto/2013

Segundo a profa. Maria Angélica (Entrevista 5, 2012, p. 4) “Ele me considerava como uma filha. Não sei explicar como aconteceu essa aproximação tão espontânea, mas as vezes as almas se entendem”.

Durante o tempo em que trabalhou na PUC Goiás, o prof. Willie Maurer morou em um hotel, nas proximidades da Universidade. Como se tornou amigo particular da profa. Maria Angélica, normalmente, nas sextas-feiras ele ia almoçar em sua companhia e segundo ela “ele comia igual a um passarinho, comia quase nada, pouquinho mesmo e não comia carne”. (...) “sempre que possível eu ia lá no hotel levar uma sopinha, uma fruta e lhe fazer companhia e ele dizia assim: Angélica eu estou pagando para trabalhar, mas é a minha vida” (Entrevista 5, 2012, p. 4).

O prof. Armando Paulino (Entrevista 7, 2012, p. 6) afirma que sempre que era possível levava o prof. Maurer até o hotel onde morava e em uma das vezes foi até o seu quarto e observou que

(...) “o mesmo estava repleto de livros, tinha estante cheia de livros e em meio a esse amontoado de livros ficava a cama dele. Um dia cheguei no MAF e ele falou: “Armando, ainda bem que você está aqui”. Então falei: o que foi professor? Está precisando de alguma coisa? “Eu quero que você me leve em casa, porque eu não dou conta de ir sozinho hoje”. Falei: o que foi? O senhor está passando mal? Ele me falou: “é que, eu estou muito depressivo e esqueci de trazer o remédio”.

O período em que esteve trabalhando em Goiânia, o prof. Maurer viajava com certa regularidade para São Paulo onde residiam sua filha e netos. Em uma dessas viagens, resolveu trazer seu carro para Goiânia e veio dirigindo sozinho. Foi quando aconteceu um acidente gravíssimo. De acordo com o Sr. Fred Lane (Entrevista 9, 2012, p. 8),

(...) nessa época ele vai sozinho num fusca, eu estudei tudo para saber o que tinha acontecido e cheguei a seguinte conclusão: no fim de tarde quando o sol vai baixando, fica aquela dificuldade para exergar. Ele devia estar bastante cansado, porque já estava próximo de Goiânia, ele também era bem surdo e tinha dificuldades de visão. Imaginei o seguinte, ele estava dirigindo e provavelmente o carro balançou na estrada, quer dizer, ele saiu da mão dele e entrou pela contra-mão e nesta entrada na contra-mão veio um caminhão do outro lado, o cara do caminhão se assustou com ele completamente na conta-mão e tirou o caminhão para tentar escapar dele e os grampos da carroceria do caminhão pegaram na frente, na estrutura do fusca, com vidro da frente e tudo, mas com uma velocidade tão grande, que o caminhão bateu e arrancou a capota do fusca inteirinha fazendo só “zup”, não espirrou vidro nem nada nele e ele continuou dirigindo. O caminhão nem parou, o caminhão foi embora, mas houve aquele barulho e assim, a uns 50 metros do local tinha um posto de gasolina e aí a turma toda do posto ficou gritando ou, ou, ou...aí acho que ele percebeu e parou, encostou no posto e arrumou um taxi que o levou para Goiânia. Só depois removeram o fusca para Goiânia para colocar outra capota e depois do acontecido acho que ele desistiu de dirigir.

Atendendo aos inúmeros pedidos de sua filha, preocupada com seu estado de saúde, o prof. Willie Maurer decidiu encerrar suas atividades na PUC Goiás, e em 02 de dezembro de 1987 fez a rescisão contratual e retornou para São Paulo. Nos anos seguintes passou a dedicar-se à leitura, a escrita de sua autobiografia, livros e também foi convidado algumas vezes para ministrar palestras e seminários em Goiânia. Conforme seu neto Guilherme (Entrevista 10, 2012, p. 4), “eu me lembro que ele era bem quietinho aqui em casa, calado, mas quando voltava de Goiânia, chegava falando muito mais, muito mais empolgado, principalmente a última vez que ele foi, em 1991”.

Os últimos anos de vida do prof. Willie Maurer foram marcados por problemas de saúde comuns a uma pessoa com idade avançada, mas

(...) Ele sempre foi muito ativo. Ele pegava a bengalhinha dele e ia lá embaixo comprar alguma coisa, ele não ficava dependendo dos outros não, sempre queria ajudar aqui em casa, ele falava assim: “deixa que eu lavo a louça”, ele tinha que está participando. Só que depois de um tempo é que ele começou a cair, caiu aqui em casa e se machucou. Caiu lá na Rua Raposo Tavares e ligaram para minha mãe ir buscá-lo. (...) aí ele meio que se entregou, começou a ficar mais na cama, como que desistiu de viver. (...) os dois últimos anos foram ruins. Se alimentava na cama, saia só pra tomar banho e logo tivemos que pôr cama hospitalar. Com isso ele ficava lendo, o tempo todo lendo, estava de cama, mas, a cabeça funcionava cem por cento, era totalmente lúcido e lembrava-se de tudo (GUILHERME; LILIAN, Entrevista 10, 2012, p. 6).

O prof. Willie Maurer faleceu em casa no dia 16 de maio de 1999, em função de uma broncopneumonia.

The image shows a handwritten death certificate (Declaração de Óbito) for Willie Alfredo Maurer. The document is from the Brazilian Ministry of Health (Ministério da Saúde) and contains the following information:

- Title:** DECLARAÇÃO DE ÓBITO nº 2200612
- Name:** Willie Alfredo Maurer
- Date of Death:** 16-05-99
- Time of Death:** 08:10:00
- Place of Birth:** São Paulo
- Place of Death:** São Paulo
- Address:** Rua Adin 297
- Marital Status:** Casado
- Spouse:** Rosette Maurer
- Profession:** Professor
- Cause of Death:** Broncopneumonia
- Signature:** Mônica Koba
- Address of Signatory:** Av. Paulista 2164
- Date of Signature:** 16-05-99

Figura 36: Declaração de Óbito
Fonte: Acervo nosso – fevereiro/2011

O prof. Maurer deixou a filha Silvia Lane (1933 – 2006), os netos Ingrid Maurer Lane (1964 - ?), Lilian Maurer Lane (1965), Guilherme Maurer Lane (13/04/1970), Eduardo Maurer Lane (1971) e o bisneto João Vitor Lane (2002).



Silvia T. Maurer Lane
Fonte: Acervo nosso, 27/04/2012



Ingridi Maurer (Neta).
Fonte: Acervo nosso, 27/04/2012



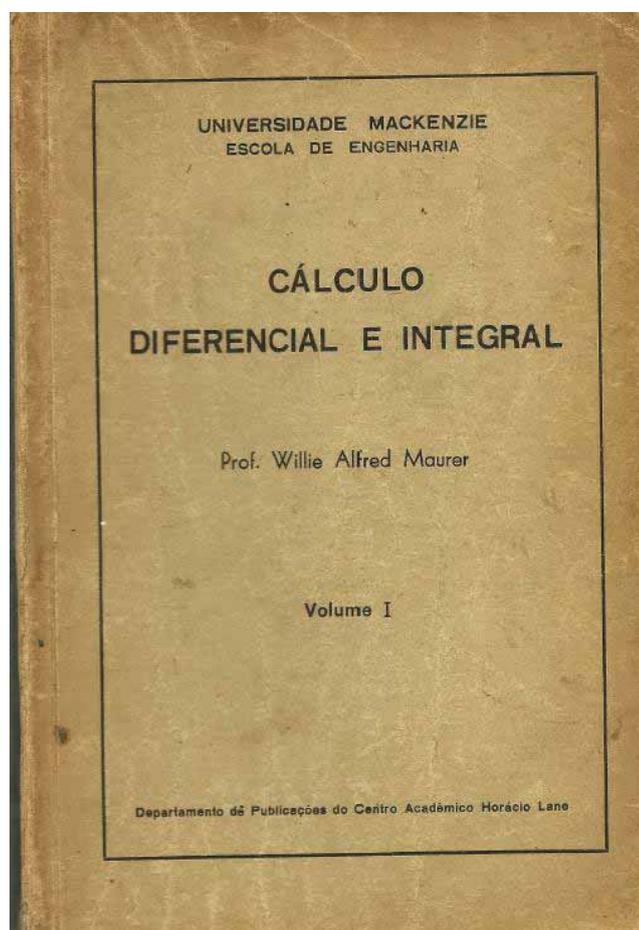
Guilherme (Neto), João Vitor (Bisneto) e Lilian (Neta).
Fonte: Acervo nosso, 27/04/2012

4. A OBRA

Nesse capítulo serão apresentados os livros escritos e publicados pelo prof. Willie Maurer, mediante exposição da capa e índice de cada volume. Quanto aos livros não publicados será exibido apenas um breve resumo a respeito do conteúdo. Também serão comentados alguns discursos e artigos por ele escritos.

4.1. Livros Publicados

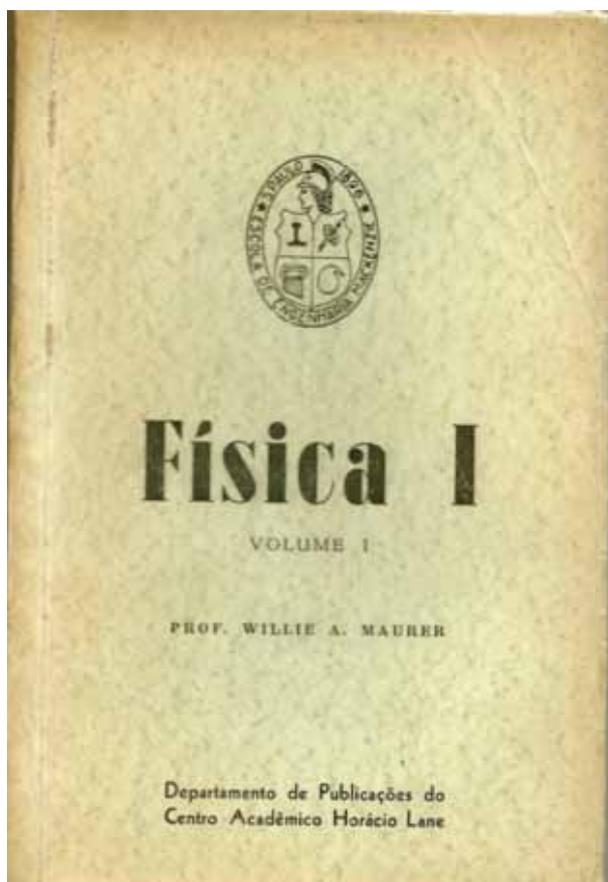
O prof. Willie Maurer foi autor de livros da área de Matemática do nível ginásial até o superior. Em 1952, quando foi encarregado da cadeira de Cálculo II da Escola de Engenharia da Universidade Mackenzie, escreveu uma apostila de Cálculo, em dois volumes, impressos no Centro Acadêmico Horácio Lane da Escola de Engenharia .



ÍNDICE		Pág.
Funções de várias variáveis- Conjuntos Planos- Introdução- Generalidades sobre conjuntos planos		
1. Conjuntos planos; 2. Entornos circulares e quadrados; 3. Pontos isolados e pontos de acumulação.....		1
4. Pontos interiores, exteriores e pontos fronteiros;		
5. Conjuntos abertos e fechados; 6. Conjuntos confinados; 7. Encaixe de entornos.....		4
8. Princípio de encaixe de retângulos; 9. Teorema de Bolzano-Weierstrass.....		8
10. Teorema de Heine-Borel.....		4
11. Curva contínua de Jordan; 12. Conjuntos conexos.....		8
13. Regiões e domínios.....		8
CAPÍTULO I		
Funções de Várias variáveis		
Lição 1. Funções de 2 ou mais variáveis		
14. Dependência entre grandezas-Fórmulas.....		8
15. Função de duas variáveis; 16. Representação Gráfica		7
17. Funções confinadas- Extremos.....		8
18. Oscilação; 19. Máximo e mínimo absoluto; 20. Teorema de Weierstrass.....		8
COMPLEMENTOS		
21. Funções de três e mais variáveis.....		10
Lição 2. Funções contínuas- Propriedades.		
22. Definição; 23. Ilustração gráfica.....		11
24. Propriedades das funções contínuas. Teorema de Cauchy.....		11
25. Corolário-Teorema da continuidade uniforme.....		14
26. Teorema de Weierstrass para funções contínuas.....		13
Lição 2a. Complementos		
27. Funções de variáveis complexas.....		16
28. Variável complexa.....		16
29. Funções elementares.....		18
Lição 3. Derivadas Parciais		
30. Definição.....		20
31. Interpretação geométrica; 32. Equação do plano tangente.....		21
33. Equação da normal.....		23
34. Derivadas de ordem superior.....		24
Lição 3a. Complementos		
35. Funções de três ou mais variáveis.....		26
36. Invertibilidade da ordem de derivação.....		27
Exercícios.....		33
Lição 4. Diferencial total		
37. Incremento total; 38. Diferencial total.....		39
39. Aplicação-Cálculo de erros.....		43
40. Diferenciais de ordem superior.....		45
41. Cálculo da diferencial de 2ª ordem.....		46
42. Caso de 3 ou mais variáveis.....		49
Complementos		
43. Limite de uma função no campo complexo.....		51
44. Continuidade; 45. Continuidade uniforme.....		53
46. Derivadas no campo complexo; 47. Fórmulas de derivação.....		55
48. Equações de Cauchy-Riemann- Condições de monogenicidade.....		56
49. Exemplos de funções não monógenas.....		60
50. Funções analíticas; 51. Equação de Laplace.....		63
Exercícios.....		64
Lição 5. Funções compostas		
52. Funções compostas de uma variável independente.....		66
53. Derivação.....		66
54. Caso de duas variáveis independentes.....		69
55. Generalização.....		70
56. Diferenciais de funções compostas.....		71
57. Funções homogêneas.....		72
58. Teorema de Euler.....		73
Exercícios.....		74
Lição 6. Derivadas sucessivas das funções compostas		
59. Derivada de 2ª ordem.....		79
60. Caso de duas variáveis independentes.....		81
Exercícios.....		83
Lição 7. Fórmulas de Taylor e Mac Laurin		
210		
61. Fórmula de Taylor para funções de duas variáveis.....		85
62. Série de Taylor; Fórmula de Maclaurin. (63.).....		87
64. Caso de três ou mais variáveis.....		88
Exercícios.....		90
Lição 8. Máximos e mínimos		
65. Máximos e mínimos de funções de duas variáveis.....		93
66. Ilustração Geométrica.....		93
67. Condição necessária para a existência de um máximo ou de um mínimo.....		94
68. Discussão da suficiência.....		95
69. Resumo. Hessianos.....		101
70. Caso de três ou mais variáveis.....		104
Lição 9. Máximos e mínimos condicionados		
71. Introdução Prática.....		105
72. Método dos multiplicadores.....		106
73. Exposição Teórica.....		107
74. Caso de 3 variáveis e duas relações de condição.....		109
Exercícios.....		114
Lição 10. Derivadas direcionais		
75. Razão da variação de uma função de duas variáveis.....		117
76. Derivadas direcionais; 77. Derivada direcional em função da inclinação.....		118
78. Curvas de Nível.....		119
79. Máximo da derivada direcional. Gradiente.....		121
80. Interpretação Geométrica.....		123
81. Interpretação Física.....		124
82. Derivadas direcionais no espaço.....		126
Exercícios.....		130
Lição 11. Funções Implícitas		
83. Equações e funções implícitas.....		135
84. Interpretação Geométrica.....		135
85. Variação do sinal de uma função; 86. Teorema da existência.....		137
87. Derivação sucessiva da funções implícitas.....		141
Lição 11a. Complementos		
88. Existência do teorema para.....		140
211		
Lição 12. Sistemas de funções implícitas		
89. Introdução prática-Sistemas lineares.....		152
90. Jacobiano.....		153
91. Sistemas de duas funções implícitas.....		154
92. Generalização por indução. Teorema.....		157
Lição 13. Dependência funcional		
93. Interdependência de duas funções a duas variáveis.....		165
94. Condição de dependência. Teorema.....		166
95. Caso de duas funções.....		166
96. Caso de três funções.....		169
Exercícios.....		175
Lição 14. Aplicações Máximos e mínimos. Pontos Singulares.		
97. Máximos e mínimos de funções implícitas.....		184
98. Caso de duas ou mais variáveis independentes.....		186
99. Pontos singulares.....		186
100. Pontos triplos.....		192
Exercícios.....		194
Lição 15. Curvas no espaço		
101. Equações; 102. Tangente a uma curva reversa.....		196
103. Plano normal; 104. Plano osculador.....		199
105. Comprimento de um arco.....		202
106. Equações paramétricas.....		203
Exercícios.....		204
Índice.....		208

Figura 37: Capa e sumário da apostila de Cálculo Diferencial e Integral
 Fonte: Acervo nosso

Nessa mesma época também escreveu uma apostila de Física, em dois volumes.



330

	Pág
LIÇÃO 5- COMPOSIÇÃO DE MOVIMENTOS:	
1. Princípio da superposição de movimentos.....	28
2. Verificação experimental.....	28
3. Cálculo do módulo da velocidade resultante...	29
4. Componentes cartesianas (no plano).....	29
5. Expressões trigonométricas das componentes...	30
6. Componentes cartesianas no espaço.....	30
7. Expressão trigonométrica.....	31
LIÇÃO 6- COMPONENTES DA VELOCIDADE COMO DERIVADAS	
1. Componentes cartesianas da derivada do vetor posição (no plano).....	33
2. Componentes cartesianas da derivada do vetor de posição no espaço.....	35
LIÇÃO 7	
ACELERAÇÃO VETORIAL- COMPONENTES DA ACELERAÇÃO	
1. Expressão cartesiana do versor tangente.....	43
2. Derivada do versor tangente.....	43
3. Cálculo da aceleração. Componente tangencial e normal.....	45
4. Componentes cartesianas da aceleração.....	46
LIÇÃO 8	
MOVIMENTO CIRCULAR UNIFORME-MOVIMENTO HARMÔNICO	
1. Movimento circular uniforme.....	48
2. Frequência.....	48
3. Velocidade angular- 4. Aceleração.....	49
5. Movimento harmônico.....	50
6. Gráfico do movimento harmônico.....	52
LIÇÃO 9. COMPOSIÇÃO DE MOVIMENTOS HARMÔNICOS	
1. Composição de movimentos harmônicos sobre o mesmo eixo.....	57
2. Composição de movimentos harmônicos sobre eixos concorrentes.....	64

329

Í N D I C E

	Pág
LIÇÃO 1 - INTRODUÇÃO	
1. Física- Objeto- Método e divisão.....	1
2. Grandezas físicas e sua classificação.....	2
3. Grandezas fundamentais e derivadas.....	2
LIÇÃO 2.	
MOVIMENTO RETILÍNEO-VELOCIDADE E ACELERAÇÃO ESCALARES	
1. Mecânica e suas divisões.....	7
2. Cinemática: Movimentos e sua classificação..	7
3. Movimento retilíneo- Conceito de velocidade média (escalar).....	8
4. Velocidade instantânea.....	9
5. Aceleração.....	10
6. Notação de Newton.....	11
7. Cálculo da velocidade em queda livre.....	11
8. Cálculo da aceleração.....	13
9. Unidades de velocidade e de aceleração.....	13
10. Equações dimensionais.....	14
LIÇÃO 3	
MOVIMENTO RETILÍNEO- DEDUÇÃO DA EQUAÇÃO HORÁRIA	
1. Movimento retilíneo uniforme.....	16
2. Movimento uniformemente variado.....	17
3. Dedução por integração.....	20
EXERCÍCIOS.....	23
LIÇÃO 4	
VELOCIDADE VETORIAL- COMPOSIÇÃO DE MOVIMENTOS	
1. Movimento curvilíneo.....	24
2. Velocidade vetorial média.....	24
3. Velocidade instantânea (vetorial).....	25
4. Curvatura da trajetória.....	26
5. Raio de curvatura.....	26
331	
LIÇÃO 10- OS FUNDAMENTOS DINÂMICOS DO MOVIMENTO	
1. O movimento retilíneo uniforme e o princípio da inércia.....	68
2. Aceleração e a segunda lei do movimento. Força e massa.....	69
3. Unidades de massa e força.....	71
4. Força centrípeta.....	72
5. Princípio da ação e reação.....	73
6. Força centrífuga.....	75
LIÇÃO 11. FÓRCAS- MEDIÇÃO E DECOMPOSIÇÃO	
1. Noção estática de força.....	79
2. Composição de forças.....	80
3. Componentes cartesianas de uma força.....	81
4. Componentes cartesianas da equação fundamental da dinâmica.....	83
5. Sistema de forças.....	83
LIÇÃO 12: MOMENTO DE ROTAÇÃO- COMPONENTES CARTESIANAS- TEOREMA DE VARIGNON	
1. Corpo rígido: Translação e rotação.....	89
2. Ponto de aplicação e linha de ação de uma força.....	91
3. Resultante de duas forças-Momentos.....	92
4. Momento de rotação.....	95
5. Componentes cartesianas do momento.....	95
6. Teorema de Varignon.....	97
7. Condições gerais de equilíbrio de um corpo rígido.....	97
LIÇÃO 13. MOMENTO DE INÉRCIA	
1. Momento de inércia de um ponto material.....	101
2. Momento de inércia de um sistema de pontos materiais.....	102
3. Cálculo do momento de inércia de alguns corpos regulares.....	105
LIÇÃO 14. IMPULSO E QUANTIDADE DE MOVIMENTO	
1. Efeitos significantes de uma força.....	113

332	Pág
2. Impulso e quantidade de movimento.....	113
3. Impulso de uma força variável.....	115
4. Princípio da conservação do impulso.....	117
5. Propulsão de foguetes.....	119
6. Força exercida por um jato sobre uma parede..	121
LICÃO 15. TRABALHO- POTÊNCIA E RENDIMENTO-	
TRABALHO DE UMA FORÇA VARIÁVEL	
1. Trabalho de uma força constante.....	123
2. Unidades de trabalho.....	124
3. Potência- Unidades de potência.....	124
4. Máquinas- Rendimento.....	126
5. Trabalho de uma força variável.....	127
6. Representação gráfica.....	129
7. Trabalho de uma força variável sobre curva..	133
8. Resistência ao movimento- Atrito.....	134
LICÃO 16- ENERGIA CINÉTICA E POTENCIAL	
1. Energia.....	139
2. Energia cinética.....	140
3. Outra dedução.....	141
4. Energia cinética de rotação.....	143
5. Energia potencial.....	146
6. Conservação da energia.....	147
7. Choque central de duas esferas.....	149
8. Perda de energia cinética no choque anelástico	151
LICÃO 17. LEIS DE KEPLER- GRAVITAÇÃO UNIVERSAL	
1. Leis de Kepler. 2. Equação das órbitas.....	153
3. Velocidade areolar.....	155
4. Componentes radial e transversal da velocidade..	156
5. Componentes radial e transversal da aceleração..	157
LICÃO 18. CAMPO GRAVITACIONAL	
1. Campo de forças.....	162
2. Intensidade do campo.....	163
3. Linhas de força.....	164
334	Pág
1. Pêndulo-2 Equação do movimento.....	230
3. Caso das pequenas oscilações.....	233
4. Oscilações de uma amplitude qualquer.....	234
LICÃO 24- PÊNDULO COMPOSTO	
1. Pêndulo composto.....	239
2. Caso das pequenas oscilações- 3. Comprimento- reduzido do pêndulo composto.....	240
4. Teorema dos eixos paralelos.....	241
5. Centro de oscilação- Pêndulo reversível.....	242
LICÃO 19a. CAMPO DE UMA ESFERA OCA OU MACIÇA	
1. Potencial de um extrato esférico em um ponto- externo. Atração.....	248
2. Potencial e atração de uma esfera maciça.....	250
3. Potencial de um ponto interno a um extrato es- férico. Atração.....	250
4. Potencial e atração em um ponto interno a uma esfera maciça.....	251
LICÃO 25. EFEITO GIROSTÁTICO-MOVIMENTO EM TORNO- DE UM PONTO	
1. Quantidade de movimento de um sistema.....	254
2. Momento cinético.....	255
3. Teorema do momento cinético.....	256
4. Momento cinético de um corpo em movimento de- rotação em torno do eixo Oz.....	258
5. Giroscópio.....	260
6. Efeito giroscópico e inércia.....	263
7. Precessão do pião.....	265
8. Precessão e nutação da Terra.....	267
OS FUNDAMENTOS DA MECÂNICA ANALÍTICA-	
LICÃO 26- PRINCÍPIOS DE TORRICELLI	
1. Estática e dinâmica- Síntese.....	272
2. Graus de liberdade de um sistema de pontos ma- teriais.....	272
3. Sistemas vinculados.....	276
4. Deslocamentos virtuais.....	277
5. Reações vinculares.....	279

333	Pág
4. Lei da gravitação de Newton.....	165
5. Movimento da Lua e queda livre.....	166
6. Lei da gravitação universal.....	167
LICÃO 19. POTENCIAL	
1. Trabalho no campo gravitacional. Energia Po- tencial.....	169
2. Potencial do campo gravitacional.....	172
3. Superfícies equipotenciais.....	173
4. Superfícies equipotenciais e linhas de força	175
5. Campo conservativo.....	176
6. Lançamento de foguetes interplanetários....	181
LICÃO 20. CENTRO DE GRAVIDADE	
1. Centro de massa ou centróide.....	183
2. Coordenadas cartesianas do centróide.....	185
3. Centro de gravidade ou baricentro.....	186
4. Propriedade aditiva.....	186
5. Distribuição contínua de massa.....	188
6. Baricentro e simetria.....	189
7. Estabilidade de equilíbrio.....	203
LICÃO 21. MOVIMENTO RELATIVO. ACELERAÇÃO COMPLEMEN- TAR.	
1. Movimento relativo. 2. Composição de velocidade- des.....	208
3. Composição das acelerações. Aceleração com- plementar.....	210
4. Relações de Poisson e aceleração complemen- tar.....	212
5. Movimento de uma esfera sobre um disco gira- tório.....	213
6. Força de Coriolis.....	221
LICÃO 22. ESTUDO DO MOVIMENTO RELATIVO A SUPER- FÍCIE DA TERRA.	
1. Queda vertical.....	224
2. Movimento horizontal.....	227
LICÃO 23. PÊNDULOS SIMPLES	
335	Pág
6. Sistema ponderado-Princípio de Torricelli...	280
LICÃO 27. PRINCÍPIO DOS TRABALHOS VIRTUAIS- POR MUITA FUNDAMENTAL DA ESTATICA- MÁQUINAS SIMPLES	
1. Trabalho virtual.....	292
2. Princípio dos trabalhos virtuais.....	294
3. Fórmula fundamental da estática.....	297
4. Alavancas.....	298
5. Polia móvel.....	299
6. Parafuso.....	300
7. Talha diferencial.....	301
LICÃO 28. PRINCÍPIO DE D'ALEMBERT- EQUAÇÃO GE- RAL DA DINÂMICA	
1. Forças aplicadas. Comp. eficazes e perdas.....	304
2. Princípio de D'Alembert.....	306
3. Equação geral da dinâmica.....	306
LICÃO 29. EQUAÇÕES DE LAGRANGE	
1. Coordenadas generalizadas.....	312
2. Equações de Lagrange para um ponto material.	312
3. Caso do campo conservativo.....	319
4. Movimento de um elétron.....	326
INDICE.....	329

Figura 38: Capa e sumário da apostila de Física
Fonte: Acervo nosso

Em 1953 publicou dois livros direcionados ao preparatório para o vestibular, intitulados Lições de Geometria Analítica e Lições de Trigonometria. O livro de Geometria Analítica foi dividido em 19 lições, totalizando 150 páginas.

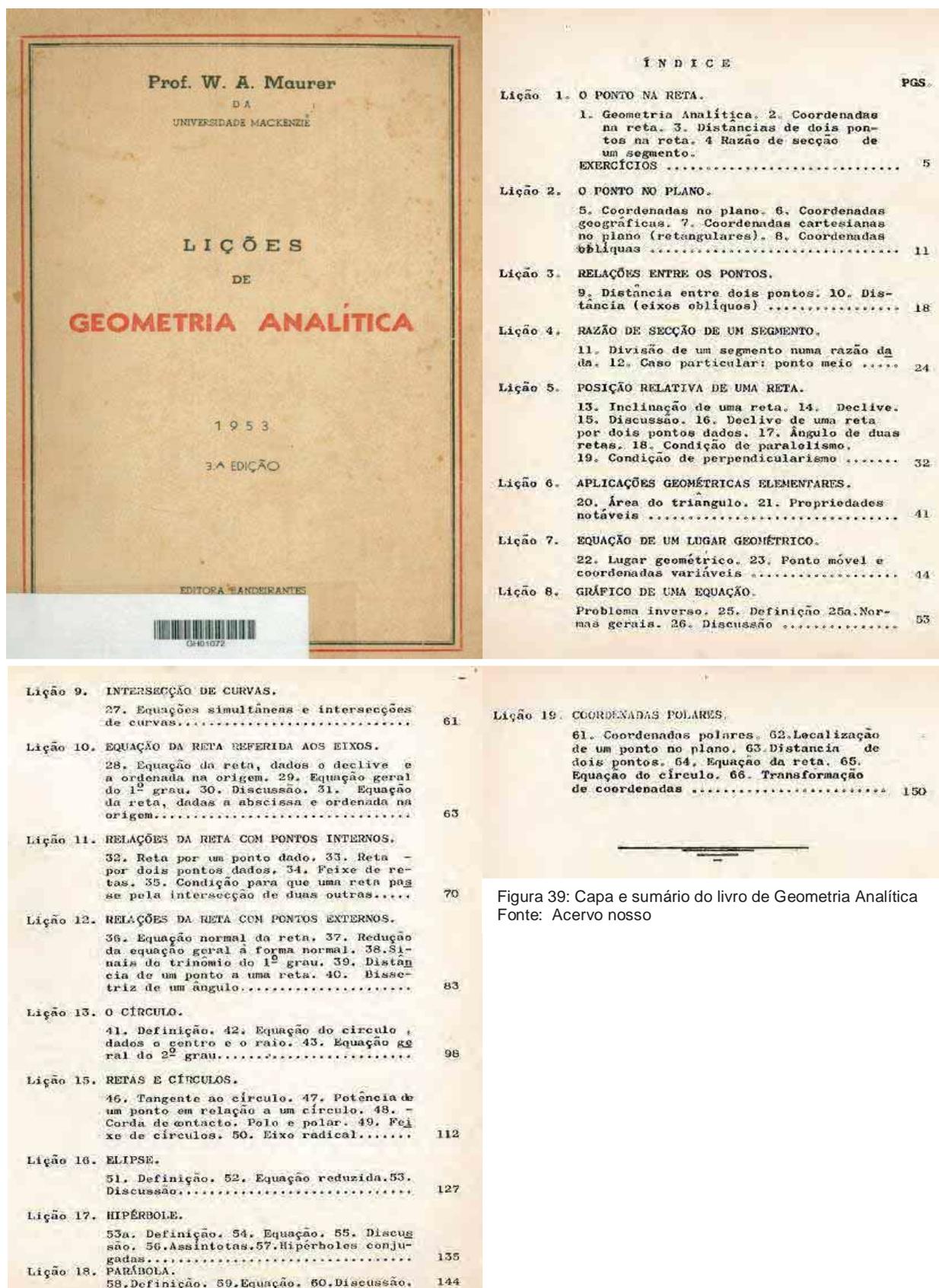


Figura 39: Capa e sumário do livro de Geometria Analítica
Fonte: Acervo nosso

O livro de Trigonometria contém 17 lições distribuídas em 128 páginas.

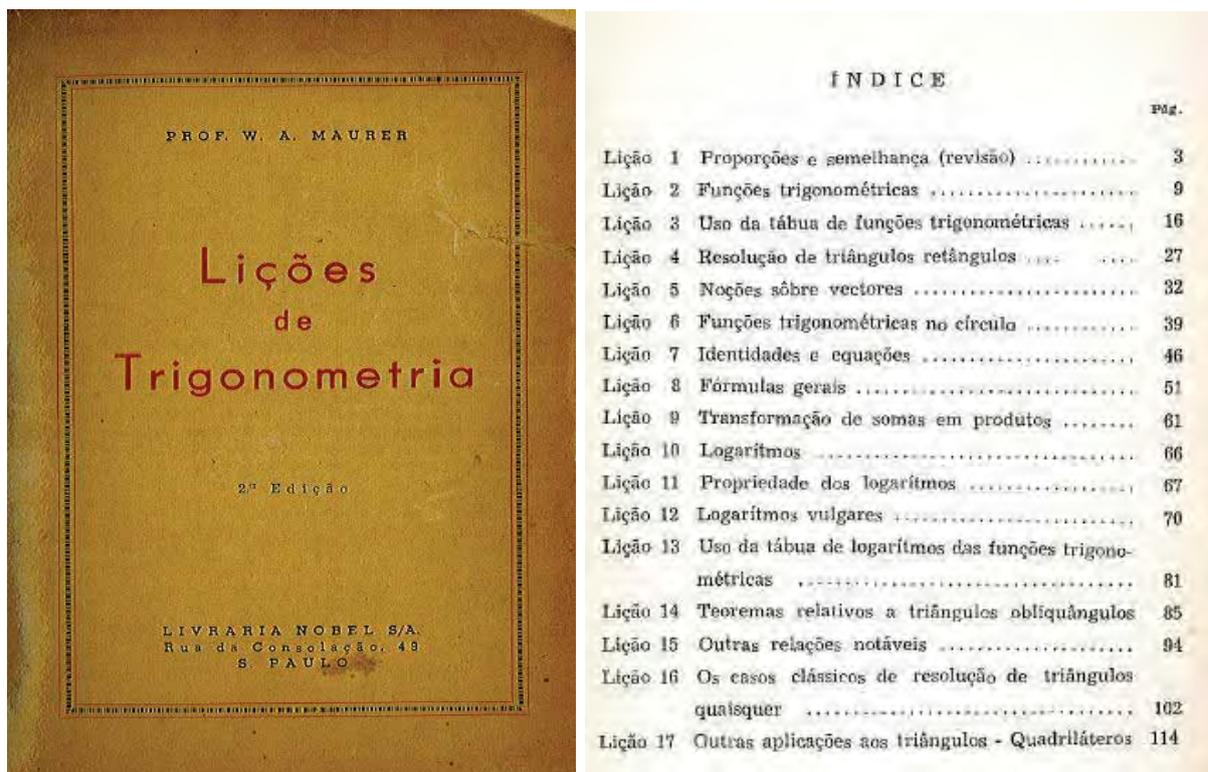


Figura 40: Capa e sumário do livro de Lições de Trigonometria
Fonte: Acervo nosso

Em ambos os livros é feita a demonstração das principais proposições e propriedades. No desenvolvimento de cada lição são apresentados exemplos e no final é proposta uma lista de exercícios com as respectivas respostas.

Em 1958 o prof. Maurer, em colaboração com o prof. Francisco A. Lacaz Netto, publicou uma coleção de Matemática em quatro volumes, destinada ao curso ginásial.

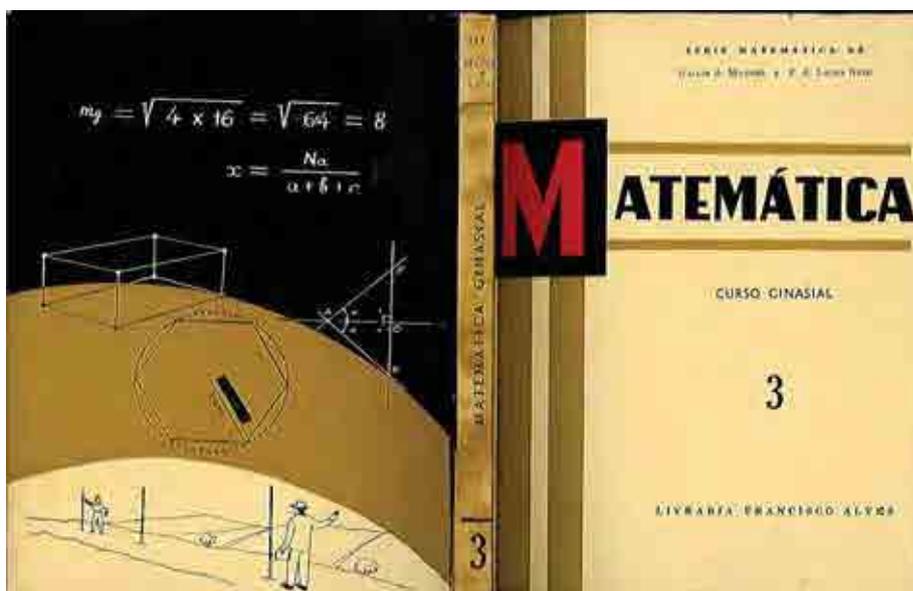


Figura 41: Capa do livro Matemática Ginásial
Fonte: Acervo nosso

No primeiro volume são abordados os tópicos: números naturais, inteiros e fracionários com suas operações fundamentais; números absolutos e relativos; divisibilidade, números primos e sistema legal de medidas. Total de 296 páginas.

O segundo volume consta de 162 páginas, nas quais são estudadas: operações com potências e raízes; expressões irracionais; polinômios; propriedades das frações algébricas; equações e inequações do 1º grau com uma incógnita e sistemas lineares com duas incógnitas.

No terceiro volume os temas abordados foram divididos em quatro partes, sendo:

I parte: razões e proporções; regra de três simples e composta; porcentagem e juros simples.

II parte: as origens da Geometria; figuras geométricas; ângulos; linhas poligonais; teorema do ângulo externo; mediatriz e bissetriz como lugares geométricos; soma dos ângulos internos e externos de um triângulo; quadriláteros; circunferência e círculos e a correspondência entre arcos e ângulos.

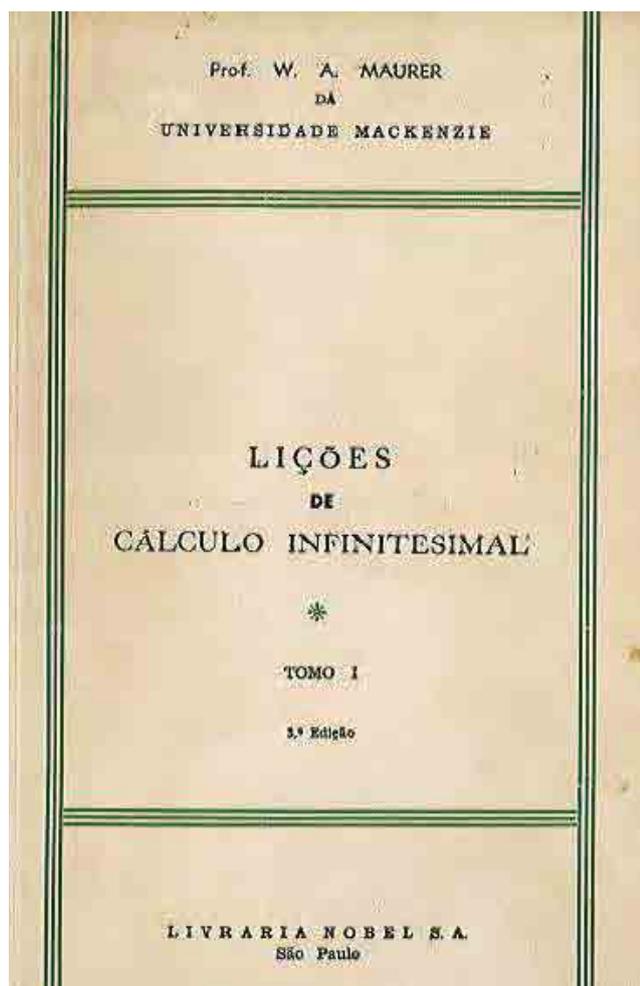
III parte: divisão de segmentos de reta e divisão harmônica; linhas proporcionais no triângulo e semelhança de triângulos.

IV parte: relações trigonométricas no triângulo retângulo.

O quarto volume contém 176 páginas e também foi dividido em duas partes. A primeira contemplou a área de Álgebra, na qual são estudadas as equações do segundo grau; sistemas de equações do segundo grau e o trinômio do segundo grau. A segunda parte aborda tópicos de geometria e trigonometria, especificamente o teorema de Pitágoras; relações métricas em um triângulo qualquer; relações métricas no círculo; polígonos inscritíveis e circunscritíveis; teorema de Hiparco; teorema de Pitot; polígonos regulares e áreas das figuras planas.

Nos quatro volumes há exemplos do conteúdo e, no final de cada tópico, é apresentada uma lista de exercício com as respectivas respostas.

Em 1959/1960 foi publicada, pela Livraria Nobel S.A., uma coleção de livros intitulada “Lições de Cálculo Infinitesimal”, em cinco volumes, direcionada ao ensino superior.



ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO. GRANDEZAS E NÚMEROS

1. Objeto do Cálculo Infinitesimal	5
2. Grandezas e números	5
3. A operação de medir e os números fracionários	6
4. Grandezas comensuráveis e incommensuráveis	6
5. Medida absoluta e relativa	8
6. Números reais	9
7. Correspondência entre o conjunto dos números reais e os pontos da reta	10
8. Grandezas constantes e variáveis	11
9. Grandezas compostas e o Cálculo Infinitesimal	12

LIÇÃO 1

INTRODUÇÃO AOS PROCESSOS INFINITOS

A. QUESTÕES PREPARATÓRIAS	13
B. EXPOSIÇÃO	15
1.1. Processos infinitos	15
1.2. Formação de uma sucessão	16
1.3. Aproximações e quocientes variáveis	17
1.4. Aproximações e limites. Infinitésimos	17
1.5. Variáveis contínuas e progressivas. Intervalo	22
1.6. Encaixe de intervalos	23
1.7. Vizinhança de um ponto. Ponto de acumulação	25
C. RESUMO TEÓRICO	26
1.8. As noções básicas	26
1.9. Conjuntos	26
1.10. Conjuntos finitos e infinitos	26
1.11. Correspondência biunívoca entre dois conjuntos	27
1.12. Grandezas	27

1.13. Conjuntos lineares	28
1.14. Conjuntos confinados	28
1.15. Extremos superior e inferior	29
1.16. Conceito da variável. Limite	30
1.17. Vizinhança de um ponto	30
1.18. Ponto de acumulação	31
1.19. O postulado da continuidade	32
EXERCÍCIOS E COMPLEMENTOS	32

LIÇÃO 2

FUNÇÕES REAIS

A. QUESTÕES PREPARATÓRIAS	55
B. EXPOSIÇÃO	57
2.1. Dependência e fórmulas. Funções	57
2.2. Funções trigonométricas	61
2.3. Lugares geométricos e sua representação analítica	62
2.4. Valor local ou numérico de uma função	65
C. RESUMO TEÓRICO	66
2.5. Conceito de função	66
2.6. Funções pares e ímpares	67
2.7. Funções algébricas e transcendentess	68
2.8. Extremos de uma função. Oscilação	70
EXERCÍCIOS	73

LIÇÃO 3

LIMITES. PONTOS DE INDETERMINAÇÃO

A. QUESTÕES PREPARATÓRIAS	85
B. EXPOSIÇÃO	86
3.1. Estudo local de uma função	86
3.2. Limite num ponto	87
3.3. Formas indeterminadas	90

C. RESUMO TEÓRICO	95
3.4. Propriedade fundamental dos infinitésimos	95
3.5. Propriedades fundamentais dos limites	96
EXERCÍCIOS	100

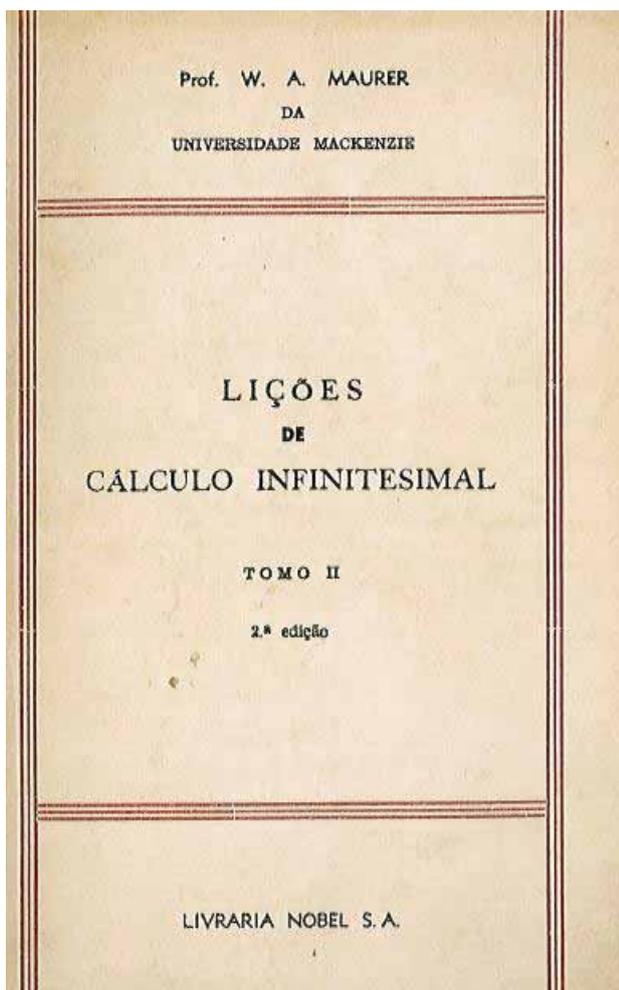
LIÇÃO 4

FUNÇÕES CONTÍNUAS

A. QUESTÕES PREPARATÓRIAS	103
B. EXPOSIÇÃO	104
4.1. Continuidade em um ponto	104
4.2. Estudo local da continuidade	105
C. RESUMO TEÓRICO	112
4.3. Conceito de continuidade	112
4.4. Conceito de continuidade uniforme	114
4.5. Propriedades das funções contínuas	114
4.6. Classificação das descontinuidades	115
EXERCÍCIOS E COMPLEMENTOS	117



Texto datilografado por
Toshiro Iqueda



Í N D E X E R G E R A L

CAPÍTULO I

PROCESSOS INFINITÉSIMOS. PROBLEMAS FUNDAMENTAIS.

Lição 5

O problema da tangente. Derivadas	5
A - QUESTÕES PREPARATÓRIAS	5
B - EXPOSIÇÃO	6
5.1. - Grandezas compostas por quociente	6
5.2. - Conceito de tangente	6
5.3. - Símbolos	9
5.4. - Fórmula geral da derivada	10
5.5. - Derivada de um polinômio inteiro	11
5.6. - Derivada de uma função racional	13
Exercícios	14

Lição 6

SIGNIFICADO CINEMÁTICO DE DERIVADA

A - QUESTÃO PREPARATÓRIA	16
B - EXPOSIÇÃO	16
6.1. - Problema de movimento	16
6.2. - Significado da 2ª derivada. Aceleração	19
Exercícios	20

Lição 7

CONCEITOS DE DERIVADAS E DE DIFERENCIAL. RESUMO TEÓRICO

7.1. - Conceito de derivada	25
-----------------------------------	----

7.2. - Derivadas à direita e à esquerda	26
7.3. - Derivada imprópria	27
7.4. - Derivabilidade e continuidade	28
7.5. - Conceito de diferencial	30
7.6. - Interpretação Geométrica	32

Lição 8

CÁLCULO DE ÁREAS E INTEGRAL DEFINIDA

A - QUESTÕES PREPARATÓRIAS	34
8.1. - Grandezas compostas por produto. Áreas planas	44
8.2. - Definição construtiva de área. Integral definida	45
Exercícios	54

Lição 9

APLICAÇÕES GEOMÉTRICAS. CÁLCULO DE VOLUMES

9.1. - Volume da pirâmide	56
9.2. - Sólidos de revolução	60
Exercícios	65

Lição 10

INTEGRAÇÃO COMO OPERAÇÃO INVERSA DA DERIVAÇÃO.
TEOREMA DE BARROW

A - QUESTÕES PREPARATÓRIAS	68
B - EXPOSIÇÃO	71
10.1. - Conexão entre a integração e a derivação. Teorema de Barrow	71

10.2. - Constante de integração. Integral indefinida ..	74
10.3. - Constante de integração e condições iniciais ..	76
10.4. - Integração de potências inteiras de x	78
10.5. - Sinal de uma área. O sinal da integral	85
Exercícios	89

Lição 11

INVERSÃO DOS PROBLEMAS FUNDAMENTAIS

11.1. - Problema da tangente	93
11.2. - Problema do movimento	94
Exercícios	97

Lição 12

CONCEITO DE INTEGRAL DEFINIDA. RESUMO TEÓRICO

12.1. - Soma superior e inferior relativos a uma decomposição	104
12.2. - Propriedades	106
12.3. - Condição de integrabilidade de Riemann	113
12.4. - Funções integráveis	114

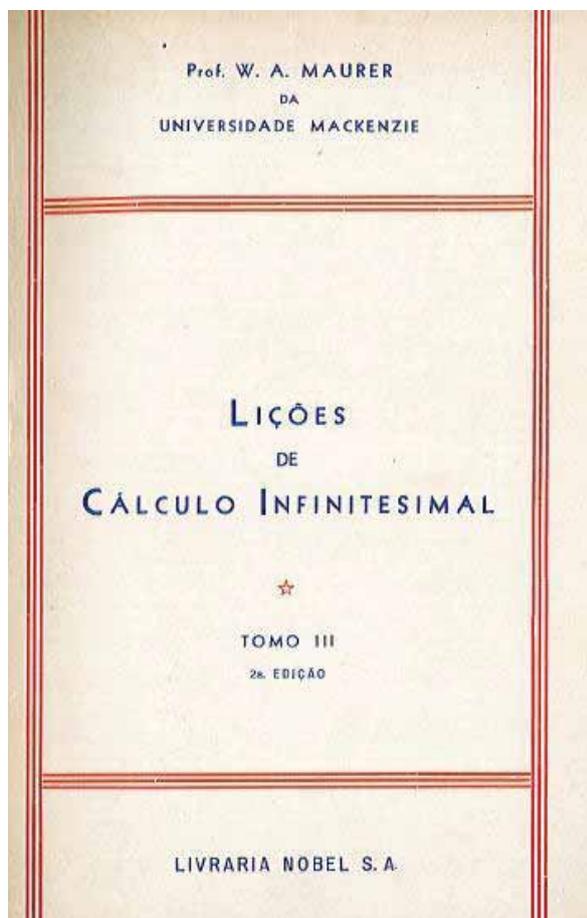
Lição 13

PROPRIEDADES DA INTEGRAL DEFINIDA

13.1. - Sentido de integração	118
13.2. - Coeficiente constante	119
13.3. - Integral de uma soma	120
13.4. - Relação de desigualdade	120

13.5. - Relações de módulo. Corolários	122
13.6. - Integral de um produto	123
13.7. - Integral da recíproca de uma função integrável	125
13.8. - Propriedade aditiva	127
13.9. - Teoremas da média	128

Texto datilografado por
Toshiro Iqueda



ÍNDICE GERAL

Lição 14	
Derivada de uma potência de x . Polinômios	5
A. Questões Preparatórias	5
14.1. Derivada de $y = cx^n$ (inteiro positivo e c constante)	5
14.2. Interpretação geométrica	7
14.3. Derivada de uma soma	8
Lição 15	
Derivadas de produtos e quocientes. Consequências	10
15.1. Derivada de um produto	10
15.2. Ilustração física	11
15.3. Fórmula geral	13
15.4. Corolário. Derivada de uma potência de uma função de x	15
15.5. Derivada de um quociente de funções de x	18
15.6. Casos particulares	20
15.7. Corolário. Derivada de uma potência negativa.	21
Lição 16	
Funções compostas e inversas. Derivadas	22
16.1. Função de função	22
16.2. Derivada de uma função de função	23
16.3. Derivação por substituição	25
16.4. Funções inversas	25
16.5. Funções uniformes e monótonas. Invertibilidade	26
16.6. Derivação das funções inversas	30
16.7. Ilustração geométrica	31
Exercícios	32

Respostas 35

Lição 17 35

Funções trigonométricas. Derivadas 40

A. Questões Preparatórias 40

B. Exposição 48

17.1. Introdução. Limite da razão $\frac{\text{sen } x}{x}$ 48

17.2. Derivada de $y = \text{sen } v$ 50

17.3. Ilustração geométrica 52

17.4. Derivação de $y = \text{cos } v$ 54

17.5. Derivação de $y = \text{tg } v$ e $y = \text{cotg } v$ 55

17.6. Derivação de $y = \text{sec } v$ e $y = \text{cosec } v$ 56

17.7. Interpretação física. Movimento harmônico 58

Exercícios 61

Respostas 63

Lição 18 66

Funções trigonométricas inversas 66

18.1. Introdução 66

18.2. Campo de valores das funções inversas 66

18.3. Derivadas de $y = \text{arc sen } v$ e $y = \text{arc cos } v$ sendo $v = f(x)$ 67

Exercícios 72

Respostas 74

Lição 19 75

Funções exponenciais e logarítmicas 75

A. Questões preparatórias 75

B. Exposição 79

19.1. Função exponencial 79

19.2. Limite da função exponencial 80

19.3. Função logarítmica 84

19.4. Limite da função logarítmica 84

Lição 20 88

Derivação das funções exponencial e logarítmicas 88

A. Questões preparatórias 88

B. Exposição 97

20.1. Limite fundamental 97

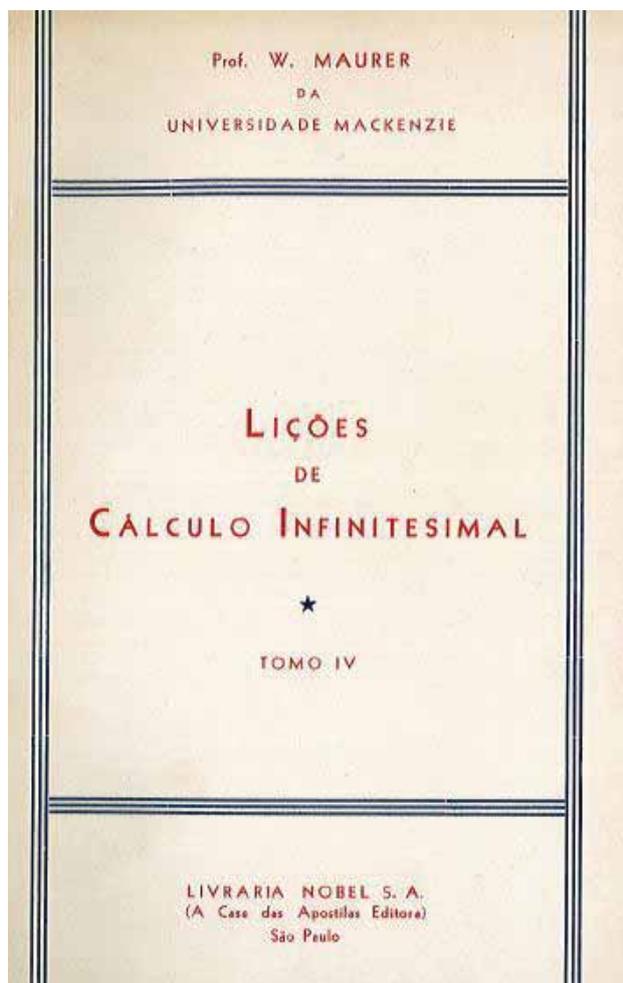
20.2. Derivada da função exponencial 98

20.3. Derivada da função logarítmica 100

Exercícios 103

Respostas 105

+++



INDICE GERAL

DERIVADAS E DIFERENCIAIS SUCESSIVAS

Lição 21

21.1 - Derivadas sucessivas 1

21.2 - Diferenciais sucessivas 5

21.3 - Diferenciação sucessiva de uma função de função 6

21.4 - Derivação sucessiva de uma função de função .. 9

21.5 - Derivadas sucessivas de um produto Fórmula de Leibniz 9

EXERCÍCIOS 13

Lição 22

Teorema de Rolle. Fórmula da média

22.1 - Teorema de Rolle 16

22.2 - Teorema do valor médio 19

22.3 - Primeiro teorema da média no cálculo integral. 21

Lição 23

Fórmula de Taylor. Aplicações

23.1 - Objeto 23

23.2 - Dedução da fórmula de Taylor 23

23.3 - Forma do resto 26

23.4 - Extensão da fórmula do binômio 30

23.5 - Desenvolvimento em séries de funções trigonométricas	32
23.6 - Fórmulas de Euler	34
23.7 - Cálculo de funções trigonométricas	37
23.8 - Cálculo de logaritmos	40
EXERCÍCIOS	45

Lição 24

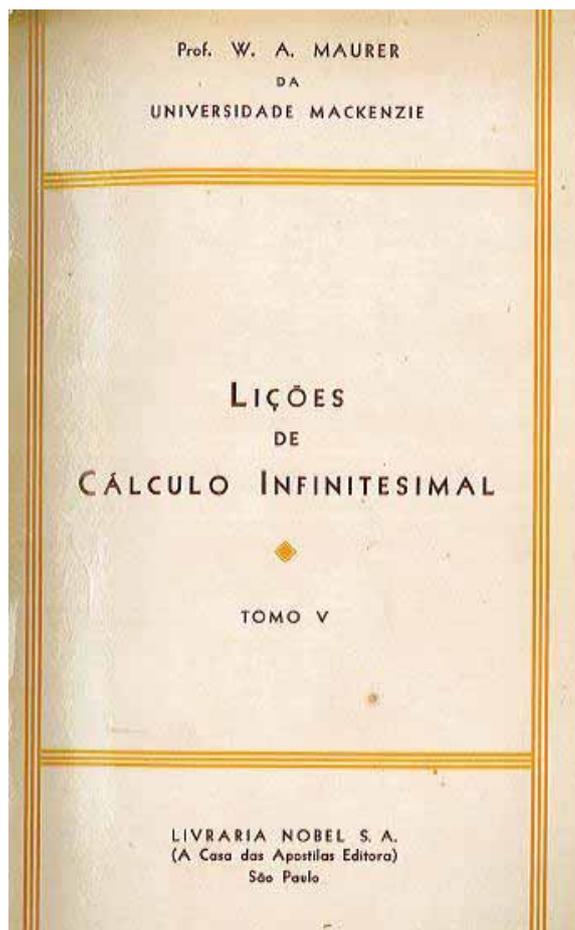
Regra de L'Hospital

24.1 - Expressões indeterminadas	48
24.2 - Indeterminação da forma $\frac{0}{0}$	48
24.3 - Indeterminação da forma $\frac{\infty}{\infty}$	52
24.4 - Indeterminação da forma $0 \cdot \infty$	54
24.5 - Indeterminação da forma $\infty - \infty$	55
24.6 - Indeterminações da forma 0^0 , ∞^0 , 1^∞	57
EXERCÍCIOS	58

Lição 25

Derivação de funções de várias variáveis independentes, diferencial total.

25.1 - Funções de duas ou mais variáveis independentes	62
25.2 - Derivadas parciais	63
25.3 - Interpretação geométrica	67
25.4 - Equação do plano tangente	69
25.5 - Equações da normal	71
25.6 - Derivadas parciais de ordem superior	73
25.7 - Diferencial total	76
EXERCÍCIOS	83



- 147 -

ÍNDICE GERAL

CAPÍTULO III. Técnicas da integração

Lição 26

INTEGRAÇÃO COMO OPERAÇÃO INVERSA DA DIFERENCIAÇÃO

26.1 - Conceito da integral indefinida	1
26.2 - Integração imediata	1
EXERCÍCIOS	6

Lição 27

INTEGRAIS IMEDIATAS

27.1 - Derivadas e diferenciais	10
27.2 - Integrais imediatas	12
27.3 - Justificação e aplicação das fórmulas I a XII (1ª série)	14
EXERCÍCIOS	19

Lição 28

INTEGRAIS REDUTÍVEIS A IMEDIATAS

28.1 - Integração da fórmula XIII	27
28.2 - Integração da fórmula XIV	27
28.3 - Integração da fórmula XV	28
28.4 - Integração da fórmula XVI	29
28.5 - Integração da fórmula XVII	29
28.6 - Integração da fórmula XVIII	29
28.7 - Integração da fórmula XIX	30
EXERCÍCIOS	34

Lição 29

INTEGRAÇÃO POR SUBSTITUIÇÕES TRIGONOMETRICAS, DECOMPOSIÇÃO EM FRAÇÕES PARCIAIS

29.1 - Racionalização	38
29.2 - Integração de XX e XXI	40
29.3 - Integração de XXII e XXIII	41
EXERCÍCIOS	46

Lição 30

INTEGRAÇÃO POR PARTES

30.1 - Integração da diferencial de um produto	42
30.2 - Integração por recorrência	54
30.3 - Fórmula de Wallis	57
EXERCÍCIOS	59

Lição 31

INTEGRAÇÃO DE FUNÇÕES RACIONAIS

31.1 - Funções racionais	62
31.2 - Operação prévia	62
31.3 - Decomposição do denominador	63
31.4 - Integração das frações parciais	81
EXERCÍCIOS	90

Lição 32

RACIONALIZAÇÃO - I. CASO

32.1 - I Tipo	94
32.2 - Generalização	95
EXERCÍCIOS	99

Lição 33

RACIONALIZAÇÃO - II. CASO

33.1 - Irracionais quadráticas	105
EXERCÍCIOS	109

Lição 34

OUTRAS TÉCNICAS A RACIONAIS POR SUBSTITUIÇÃO

34.1 - Diferenciais binômias	111
EXERCÍCIOS	118

Lição 35

REDUÇÃO DE INTEGRANDOS TRANSCENDENTES A ALGÉBRICOS

35.1 - Integrando da forma $P(\cos x, \sin x) dx$	121
35.2 - Outras técnicas redutíveis a algébricas por substituição	125
EXERCÍCIOS	134

Lição 36

FÓRMULAS DE REDUÇÃO

36.1 - Fórmulas de redução algébricas	138
---	-----

- o(1) -

Figura 42: Capas e sumários dos livros da coleção de Lições de Cálculo Infinitesimal – volumes I, II, III, IV e V
Fonte: Acervo nosso

Em 1967 o prof. Willie Maurer, com a colaboração da Universidade de São Paulo (USP), publicou a coleção de Cálculo Diferencial e Integral, em quatro volumes, pela Editora Edgard Blucher.

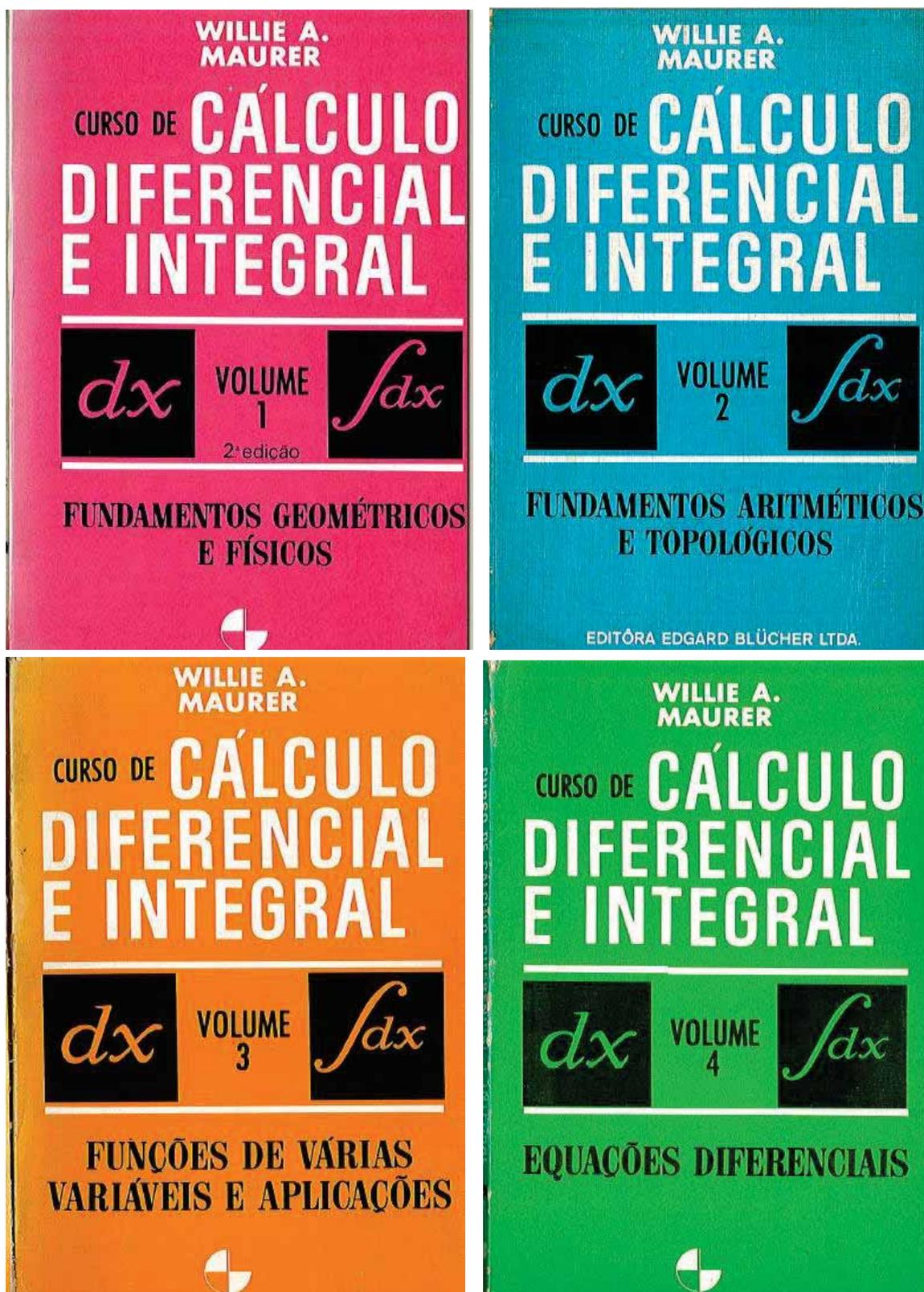


Figura 43: Capas dos livros da coleção de Cálculo Diferencial e Integral – volumes 1, 2, 3 e 4
Fonte: Acervo nosso

Essa coleção foi sua obra mais conhecida da comunidade universitária, pois na maioria das bibliotecas das Universidades Federais do Brasil podiam e ainda podem ser encontrados livros desta coleção. Nos locais onde o prof. Maurer atuou profissionalmente a divulgação foi ainda maior porque alcançou também outras bibliotecas além das Universidades onde trabalhava, como no caso do Estado de São Paulo, em que ainda são encontrados exemplares para consulta, nas bibliotecas da USP, UNESP e UNICAMP.

Durante a realização das entrevistas, foi possível obter algumas informações a respeito dessa coleção.

Eu tive a honra de adotar alguns livros dele. (...) Os livros de cálculo eu usei todos eles do 1º ao 4º volume. (...) Quanto à exposição, ele escrevia de uma forma leve e às vezes pecava pelo excesso de clareza. (...) eram simples, com clareza e com rigor. Continham vários exemplos, bem criativos e oportunos, ou seja, bem elaborados e no lugar certo. A teoria é muito clara e a lista de exercícios é extensa, com exercícios bem fundamentados e com respostas. Seus livros são muito bem estruturados. (...) os alunos usavam os livros do professor Willie Maurer como referência, isso quando não eram adotados (VENÍCIO BORGES, Entrevista 2, 2012, p. 4).

O prof. Adelino Pimenta (Entrevista 4, 2012, p. 5), utilizou, em suas aulas, na PUC Goiás, os livros de Cálculo, que “para aquela época, na década de 80, era um livro bastante expressivo. Se eles estivessem sendo aprimorados talvez hoje poderiam ser uma excelente obra didática para o ensino de cálculo”.

A profa. Berchiolina (Entrevista 11, 2012, p. 4), afirma ter utilizado os livros de Cálculo quando cursava Licenciatura em Matemática, na PUC Goiás e também depois, quando se tornou professora na mesma Instituição. “Eu usava seus livros, principalmente por conter bastantes aplicações na Física e Engenharia. (...) Acredito que qualquer curso de Cálculo que eu for ministrar nos dias de hoje é perfeitamente possível desenvolver usando os livros de cálculo dele”.

Com base nessas afirmações, percebe-se a relevância da obra, principalmente por se tratar de livros de excelente qualidade em uma época em que havia uma carência de livros, destinados ao ensino de Cálculo, na língua portuguesa.

A coleção de livros de Cálculo Diferencial e Integral originou-se dos livros de Lições de Cálculo Infinitesimal (1960) e da apostila de Cálculo II (1952). Mesmo com as modificações, tanto na disposição como no aprofundamento do conteúdo da nova coleção, Maurer conservou o caráter didático predominante nas obras de referência.

A coleção foi dividida em quatro volumes, de forma que os conteúdos pudessem atender os currículos dos cursos superiores da área de Ciências Exatas, instituídas com a Reforma Universitária de 1968, em que, os dois primeiros anos eram denominados cursos básicos, para os quais, cada volume da coleção se ajustaria a um semestre letivo.

O volume 1 trata de um curso introdutório ao Cálculo Infinitesimal, justificando sua origem através de problemas das áreas de Física e Geometria. O livro contém cerca de 1.200 exercícios com respostas, dos quais, 120 estão resolvidos.

ÍNDICE

CAPÍTULO 1

GRANDEZAS E NÚMEROS 1

1.1. *Objeto do Cálculo Diferencial e Integral.* 1.2. Grandezas e números. 1.3. A operação de medir e os números fracionários. 1.4. Grandezas comensuráveis e incommensuráveis. 1.5. Medida absoluta e relativa. 1.6. Números reais. 1.7. Correspondência entre o conjunto dos números reais e os pontos da reta. 1.8. Grandezas constantes e variáveis. 1.9. Grandezas compostas e o Cálculo Diferencial e Integral. 1.10. Grandezas escalares e vetoriais.

CAPÍTULO 2

RELAÇÕES ENTRE GRANDEZAS E A NOÇÃO DE FUNÇÃO 9

2.1. Conceção física de variável. 2.2. Conceituação matemática. 2.3. Variáveis contínuas e discretas. 2.4. Intervalo. 2.5. Conceção física de função. 2.6. Conceituação matemática. 2.7. Funções e seu campo de definição. Exemplos. 2.8. Funções implícitas. 2.9. Valor local ou numérico de uma função. *Exercícios.*

CAPÍTULO 3

INTRODUÇÃO AOS PROCESSOS INFINITOS. LIMITES 26

3.1. Os processos infinitos. 3.2. Formação de uma sucessão. 3.3. Sucessões convergentes. 3.4. Aproximações e limites. 3.5. Vizinhaça de um ponto. Ponto de acumulação. 3.6. Propriedade fundamental dos infinitésimos. 3.7. Estudo local de uma função. 3.8. Limite em um ponto. Continuidade. 3.9. Operações racionais com limites. 3.10. Formas indeterminadas. 3.11. Aplicações geométricas. *Exercícios.*

CAPÍTULO 4

RAZÃO DE VARIAÇÃO E A NOÇÃO DE DERIVADA ... 52

§1. *Significado físico e geométrico de derivada* 52
4.1. Grandezas compostas por quociente. 4.2. Conceção física de derivada. *Exercícios.* 4.3. Significado geométrico de derivada. 4.4. Fórmula geral de derivação. 4.5. Símbolos. *Exercícios.*

§2. *Regras práticas de derivação* 68
4.6. Derivada de uma potência de x . Constantes. 4.7. Derivada de um polinómio inteiro. 4.8. Derivada de um produto. *Fórmulas.* 4.9. Derivada de um quociente. *Fórmula.* 4.10. Derivada de uma função irracional. 4.11. Derivação de funções compostas. *Fórmulas.* 4.12. Derivada de uma função implícita. 4.13. Funções inversas. Derivação. 4.14. Derivadas sucessivas. *Exercícios.*

CAPÍTULO 5

GRANDEZAS COMPOSTAS POR PRODUTO 80

§1. *Cálculo de áreas e a noção de integral definida* ... 80
5.1. Áreas planas. 5.2. Definição construtiva de área. 5.3. Conceção geométrica de integral. *Exercícios.*

§2. *Diferencial e integral indefinida* 98
5.4. Diferencial de uma função. 5.5. Conexão entre integração e derivação. 5.6. Integral definida e constante de integração. 5.7. Constante de integração e condições iniciais. 5.8. Práticas regras de integração. *Exercícios.*

§3. *Inversa dos problemas fundamentais* 112
5.9. Problema da tangente. 5.10. Problema do movimento. *Exercícios.*

§4. *Aplicações geométricas da integral definida* ... 120
5.11. Sinal de uma área. 5.12. Área da região compreendida entre duas curvas. *Exercícios.* 5.13. Volume da pirâmide. 5.14. Sólidos de revolução. *Exercícios.*

§5. *Aplicações físicas* 136
5.15. Trabalho de uma força variável. 5.16. Representação gráfica. Existência do limite. 5.17. Resultante das forças de pressão sobre uma parede. 5.18. Centro de pressão. 5.19. Centro de gravidade. 5.20. Momento de inércia. *Exercícios.*

CAPÍTULO 6

FUNÇÕES TRANSCENDENTES. DERIVADAS 159

§1. *Funções trigonométricas* 159
6.1. Correspondência entre graus e radianos. 6.2. Gráfico de $y = \sin x$. 6.3. Gráfico de $y = \cos x$. 6.4. Gráfico de $y = \operatorname{tg} x$ e $y = \operatorname{cotg} x$. 6.5. Gráficos de $y = \sec x$ e $y = \operatorname{cosec} x$. 6.6. Derivada de $y = \sin u$. 6.7. Derivada de $y = \cos u$. 6.8. Derivadas de $y = \operatorname{tg} u$ e $y = \operatorname{cotg} u$. 6.9. Derivadas de $y = \sec u$ e $y = \operatorname{cosec} u$. 6.10. Ilustração física. Movimento harmónico. *Exercícios.*

§2. Funções trigonométricas inversas	177		
6.11. Introdução. 6.12. Campo de valores das funções inversas.			
6.13. Derivadas de $y = \arcsen u$ e $y = \arccos u$, sendo $u = f(x)$.			
6.14. Derivadas de $y = \operatorname{arctg} u$ e $y = \operatorname{arccotg} u$. 6.15. Derivadas de $y = \operatorname{arcsec} u$ e $y = \operatorname{arccosec} u$. <i>Exercícios.</i>			
§3. Funções exponenciais e logarítmicas	184		
6.16. Propriedades dos expoentes. 6.17. Gráfico da função $y = 2^x$. 6.18. Propriedades dos logaritmos. 6.19. Mudança de base. 6.20. Gráfico da função $y = \log_2 z$. 6.21. Função exponencial. 6.22. Função logarítmica. 6.23. Número e . 6.24. Logaritmos naturais. 6.25. Derivadas das funções logarítmicas. 6.26. Derivadas das funções exponenciais. <i>Exercícios.</i>			
CAPÍTULO 7			
APLICAÇÕES GEOMÉTRICAS E FÍSICAS DAS DERIVADAS.....			
108			
§1. Máximos e mínimos. <i>Discussão geométrica</i>	108		
7.1. Funções crescentes e decrescentes. 7.2. Interpretação geométrica. 7.3. Máximos e mínimos. 7.4. Interpretação geométrica. 7.5. Significado da 2ª derivada. 7.6. Ponto de inflexão. 7.7. Aplicações geométricas e físicas. <i>Exercícios.</i>			
§2. Tangente e normal. <i>Relações métricas. Assíntotas</i>	221		
7.8. Equações da tangente e da normal. 7.9. Relações métricas. 7.10. Ângulo de interseção de duas curvas. 7.11. Assíntotas. <i>Exercícios.</i>			
§3. Curvas em coordenadas polares	230		
7.12. Coordenadas polares. 7.13. Localização de um ponto no plano. 7.14. Distância de dois pontos. 7.15. Equação da reta. 7.16. Equação do círculo. 7.17. Transformação de coordenadas. <i>Exercícios.</i> 7.18. Declive da tangente. 7.19. Relações métricas. 7.20. Assíntotas. <i>Exercícios.</i>			
§4. Equações paramétricas	255		
7.21. Conceção física. 7.22. Curva lisa. 7.23. Declive da tangente. 7.24. Equações paramétricas de algumas curvas notáveis.			
§5. Representação vetorial. <i>Movimento curvilíneo</i>	265		
7.25. Vetor de posição. Funções vetoriais. 7.26. Componentes cartesianas. 7.27. Movimento curvilíneo. 7.28. Componentes cartesianas da velocidade. 7.29. Componentes cartesianas da aceleração. <i>Exercícios.</i> 7.30. Curvatura e raio de curvatura. 7.31. Redução a coordenadas cartesianas. 7.32. Centro e círculo de curvatura. 7.33. Aceleração. Componentes tangencial e normal. <i>Exercícios.</i>			
		CAPÍTULO 8	
		INTEGRAÇÃO. FÓRMULAS E MÉTODOS	292
		§1. <i>Formalização da integração</i>	292
		8.1. Derivadas e diferenciais. 8.2. Fórmulas de integração. 8.3. Justificação e aplicação das fórmulas I a XII (1.ª série) <i>Exercícios.</i> 8.4. Integrais quase imediatas. <i>Exercícios.</i> 8.5. Integrais condicionadas à racionalização ou decomposição. <i>Exercícios.</i>	
		§2. <i>Integração por partes</i>	315
		8.6. Integração da diferencial de um produto. 8.7. Integração por recorrência. 8.8. Fórmula de Wallis. <i>Exercícios.</i>	
		§3. <i>Racionalização</i>	325
		8.9. Racionalização trigonométrica. 8.10. Racionalização por substituição algébrica. <i>Exercícios.</i>	
		§4. <i>Integração de funções racionais</i>	332
		8.11. Funções racionais. 8.12. Frações parciais. <i>Exercícios.</i>	
		§5. <i>Aplicações geométricas e físicas</i>	340
		8.13. Áreas em coordenadas polares. <i>Exercícios.</i> 8.14. Comprimento de um arco. Definição construtiva. 8.15. Comprimento em forma paramétrica. 8.16. Comprimento de um arco em coordenadas polares. 8.17. Superfícies de revolução. 8.18. Centro de gravidade. Curvas e superfícies planas. 8.19. Teoremas de Gulkin. <i>Exercícios.</i>	

Figura 44: Sumário do livro da coleção de Cálculo Diferencial e Integral – volume 1
Fonte: Acervo nosso

O volume 2 constitui um complemento em profundidade e extensão do primeiro, examinando as funções reais e suas propriedades, principalmente em relação à continuidade, derivabilidade e integrabilidade. Esse volume contém aproximadamente 600 exercícios com respostas e destes, cerca de 100 estão resolvidos.

ÍNDICE

CAPÍTULO 1

NÚMEROS REAIS. FUNDAMENTAÇÃO CONSTRUTIVA	1
§ 1. <i>Generalidades sobre conjuntos</i>	1
1.1. As noções básicas. 1.2. Conjuntos. 1.3. Símbolos. Pertinência. 1.4. Representação de conjuntos. 1.5. Conjuntos iguais e parciais. 1.6. Complemento e diferença. 1.7. Conjunto vazio. 1.8. Reunião. 1.9. Interseção. 1.10. Proposições e implicações. 1.11. Correspondência biunívoca. Equivalência. 1.12. Conjuntos discretos e números naturais. 1.13. Conjuntos infinitos.	
<i>Exercícios</i>	12
§ 2. <i>Números naturais. Propriedades</i>	15
2.1. Equivalência e igualdade. 2.2. Inclusão e ordem natural. 2.3. Adição e multiplicação. 2.4. Indução completa.	
<i>Exercícios</i>	20
§ 3. <i>Operações inversas e ampliação do conjunto dos números. Números racionais</i>	20
3.1. Subtração e divisão. 3.2. Fundamentação construtiva. Reta numérica. 3.3. Conjuntos orientados e inversos aditivos. 3.4. Conjuntos densos e inversos multiplicativos. 3.5. Construção do conjunto dos números racionais.	
<i>Exercícios</i>	33
§ 4. <i>Continuidade e número real definidos por seções</i>	35
4.1. Números racionais e pontos da reta. 4.2. Definição do número real. 4.3. Propriedades dos números reais. 4.4. Operações com números reais. 4.5. Seção no conjunto dos números reais.	
§ 5. <i>Continuidade e número real definidos por intervalos encaixados</i>	46
5.1. Sucessões de segmentos. 5.2. Pares de sucessões convergentes e continuidade da reta. 5.3. Encaixe de segmentos. Postulado de Cantor-Dedekind. 5.4. Sucessões convergentes de números racionais. 5.5. Encaixe de intervalos e número real. 5.6. Confronto de encaixes.	
<i>Exercícios</i>	54

CAPÍTULO 4

FUNÇÕES DERIVÁVEIS. PROPRIEDADES E APLICAÇÕES	129
§ 1. <i>Derivadas e diferenciais</i>	129
1.1. Conceito de derivada. 1.2. Derivadas à direita e à esquerda. 1.3. Derivada imprópria. 1.4. Derivabilidade e continuidade. 1.5. Conceito de diferencial. 1.6. Interpretação geométrica.	
§ 2. <i>Técnica da derivação. Revisão</i>	136
2.1. Funções algébricas. 2.2. Funções trigonométricas.	
§ 3. <i>Funções compostas e inversas. Derivadas</i>	142
3.1. Função composta. 3.2. Derivação das funções compostas. 3.3. Funções inversas. 3.4. Funções uniformes e monótonas. Invertibilidade. 3.5. Derivação das funções inversas. 3.6. Ilustração geométrica.	
§ 4. <i>Funções exponenciais e logarítmicas. Revisão. Funções hiperbólicas</i>	151
4.1. Expoente irracional. 4.2. Limite fundamental. 4.3. Derivação das funções exponenciais. 4.4. Derivação das funções logarítmicas. 4.5. Funções hiperbólicas. 4.6. Derivação. 4.7. Integração. 4.8. Correlação entre as funções hiperbólicas e trigonométricas. 4.9. Funções hiperbólicas inversas.	
<i>Exercícios</i>	167

CAPÍTULO 5

APLICAÇÃO DAS DERIVADAS	173
§ 1. <i>Derivadas e diferenciais sucessivas</i>	173
1.1. Derivadas sucessivas. 1.2. Diferenciais sucessivas. 1.3. Diferenciação sucessiva de uma função composta. 1.4. Derivação sucessiva de uma função composta. 1.5. Derivadas sucessivas de um produto. Fórmula de Leibniz.	
<i>Exercícios</i>	181
§ 2. <i>Teorema de Rolle. Teorema do valor médio</i>	183
2.1. Teorema de Rolle. 2.2. Teorema do valor médio. 2.3. Teorema generalizado do valor médio.	
<i>Exercícios</i>	189

CAPÍTULO 2

CONJUNTOS LINEARES. SUCESSÕES	58
§ 1. <i>Conjuntos lineares. Propriedades algébricas e topológicas da reta numérica</i>	68
1.1. Propriedades métricas da reta. 1.2. Conjuntos lineares. 1.3. Conjuntos majorados. 1.4. Extremos superior e inferior. 1.5. Teorema de existência. 1.6. Intervalos. 1.7. Eufórno. 1.8. Ponto de acumulação. 1.9. Teorema de Bolzano-Weierstrass. 1.10. Conjuntos abertos e fechados. 1.11. Teorema de Heine-Borel.	
§ 2. <i>Sucessões e limites</i>	70
2.1. Sucessões de números reais. 2.2. Sucessões convergentes. 2.3. Pontos de acumulação de uma sucessão. Limites superior e inferior. 2.4. Critério geral de convergência (Cauchy). 2.5. Sucessões de Cauchy.	
§ 3. <i>Operações com limites</i>	79
3.1. Operações racionais. 3.2. Sucessão logarítmica. 3.3. Sucessão exponencial. 3.4. Alguns limites notáveis.	
<i>Exercícios</i>	86

CAPÍTULO 3

FUNÇÕES REAIS. LIMITES E CONTINUIDADE	93
§ 1. <i>Correspondência entre conjuntos. Aplicações e funções</i>	93
1.1. Conceito de função. 1.2. Aplicações e funções. 1.3. Restrições. 1.4. Classificação das aplicações. Funções inversas.	
§ 2. <i>Funções reais. Propriedades</i>	99
2.1. Definição e domínios. 2.2. Funções pares e ímpares. 2.3. Extremos de uma função. Oscilação. 2.4. Limite de uma função. 2.5. Operações com limites.	
§ 3. <i>Funções contínuas. Propriedades</i>	116
3.1. Continuidade em um ponto. Extensão a um intervalo. 3.2. Pontos de descontinuidade. 3.3. Conceito de continuidade uniforme. 3.4. Teorema da continuidade uniforme (Heine-Cantor). 3.5. Propriedades relativas a extremos. 3.6. Propriedades relativas a valores intermediários.	
<i>Exercícios</i>	126

§ 3. *Fórmulas de Taylor e Maclaurin. Aplicações*

1.1. Objeto. 3.2. Dedução da fórmula de Taylor. 3.3. Forma do resto. 3.4. Extensão da fórmula de binômio. 3.5. Desenvolvimento em série de funções trigonométricas. 3.6. Fórmulas de Euler. 3.7. Cálculo de funções trigonométricas. 3.8. Cálculo de logaritmos.	191
<i>Exercícios</i>	209
§ 4. <i>Regra de L'Hospital</i>	211
4.1. Expressões indeterminadas. 4.2. Indeterminação da forma 0/0. 4.3. Indeterminação da forma ∞/∞ . 4.4. Indeterminação da forma 0. ∞ . 4.5. Indeterminação da forma $\infty - \infty$. 4.6. Indeterminações da forma 0^0 , ∞^0 , 1^∞ .	
<i>Exercícios</i>	219
§ 5. <i>Máximos e mínimos. Discussão algébrica</i>	221
5.1. Extremos. Condição necessária. 5.2. Discussão da suficiência. Discriminação entre máximos e mínimos. 5.3. Concauidade e convexidade. Inflexão. 5.4. Funções convexas.	
<i>Exercícios</i>	231
§ 6. <i>Contacto de curvas planas. Curvas osculatrizes</i>	233
6.1. Contacto de curvas planas. 6.2. Curvas osculatrizes. 6.3. Reta osculatrix (tangente). 6.4. Assintotas. 6.5. Círculo osculador. 6.6. Evoluta.	
<i>Exercícios</i>	242

CAPÍTULO 6

FUNÇÕES INTEGRÁVEIS. PROPRIEDADES E APLICAÇÕES	244
§ 1. <i>Integral de Cauchy-Riemann</i>	244
1.1. Somas superior e inferior relativas a uma decomposição. 1.2. Propriedades. 1.3. Condição de integrabilidade de Riemann. 1.4. Funções integráveis.	
§ 2. <i>Propriedades da integral definida</i>	254
2.1. Sentido de integração. 2.2. Coeficiente constante. 2.3. Integral de uma soma. 2.4. Relação de desigualdade. 2.5. Relações de módulo. Corolários. 2.6. Integral de um produto. 2.7. Integral da recíproca de uma função integrável. 2.8. Propriedade aditiva. 2.9. Teoremas da média. 2.10. Integral como função do seu limite superior. 2.11. Primitivas. Integral indefinida.	

2.12. Primitivas e integral definida. 2.13. Cálculo de primitivas. 2.14. Integral dependente de um parâmetro. Ilustração geométrica. 2.15. Derivação da integral definida em relação ao parâmetro. 2.16. Generalização. Limites variáveis como parâmetro.	
§ 3. <i>Integrais impróprias: Funções gama</i>	274
3.1. Extensão do conceito de integral definida. 3.2. Intervalo infinito. 3.3. Função integranda ilimitada no intervalo de integração. 3.4. Integral de Gauss. 3.5. Funções gama.	
<i>Exercícios</i>	285
CAPÍTULO 7	
MÉTODOS GERAIS DE INTEGRAÇÃO	289
§ 1. <i>Integração de funções racionais</i>	289
1.1. Funções racionais. 1.2. Operação preliminar. 1.3. Decomposição do denominador. 1.4. Integração das frações parciais.	
<i>Exercícios</i>	308
§ 2. <i>Racionalização. I caso</i>	311
2.1. I Tipo. 2.2. Generalização.	
<i>Exercícios</i>	315
§ 3. <i>Racionalização. II Caso</i>	316
3.1. Irracionais quadráticas.	
<i>Exercícios</i>	321
§ 4. <i>Outras reduções a racionais por substituição</i>	322
4.1. Diferenciais binômias.	
<i>Exercícios</i>	327
§ 5. <i>Redução de integrandos transcendentais a algébricos</i>	329
5.1. Integrandos da forma $\int(\sin x, \cos x)dx$. 5.2. Outros tipos redutíveis a algébricos por substituição.	
<i>Exercícios</i>	338
§ 6. <i>Fórmulas de redução</i>	340
6.1. Fórmulas de redução algébricas. 6.2. Fórmulas de redução trigonométricas.	
<i>Exercícios</i>	346
CAPÍTULO 8	
SÉRIES	348
§ 1. <i>Séries. Convergência</i>	348
1.1. Sucessões e séries. 1.2. Série geométrica. 1.3. Condição necessária de convergência. 1.4. Condição necessária e suficiente. 1.5. Séries alternadas. Teorema de Leibniz. 1.6. Convergência absoluta.	
§ 2. <i>Séries de termos positivos. Critérios de convergência</i>	355
2.1. Teorema de Abel. 2.2. Critério de confronto. 2.3. Critério da razão. 2.4. Critério de Kummer. 2.5. Corolário. Critério de Raabe. 2.6. Divergência. 2.7. Critério da raiz. 2.8. Corolário. 2.9. Critério da integral de Cauchy.	
§ 3. <i>Integração e derivação de séries. Integrais elípticas</i>	367
3.1. Série de Funções. Convergência uniforme. 3.2. Critério de Weierstrass. 3.3. Integração termo a termo. 3.4. Derivação termo a termo. 3.5. Integrais elípticas.	
<i>Exercícios</i>	373

Figura 45: Sumário do livro da coleção de Cálculo Diferencial e Integral – volume 2
Fonte: Acervo nosso

O volume 3 é dedicado ao estudo das funções reais de duas ou mais variáveis, derivadas parciais, integrais múltiplas e suas aplicações. Contém uma média de 600 exercícios com respostas e aproximadamente 60 estão resolvidos.

ÍNDICE

CAPÍTULO 1

NOÇÕES DE GEOMETRIA ANALÍTICA NO ESPAÇO....	1
§ 1. <i>A Reta</i>	1
1.1. Coordenadas no espaço. 1.2. Coordenadas cartesianas (ortogonais). 1.3. Coordenadas esféricas. 1.4. Coordenadas cilíndricas. 1.5. Co-senos diretores. 1.6. Distância entre dois pontos. 1.7. Ângulo entre duas retas. 1.8. Equações da reta. 1.9. Equações da reta por dois pontos. 1.10. Equações em função dos co-senos diretores. 1.11. Equações em função de parâmetros diretores.	0
<i>Exercícios</i>	9
§ 2. <i>O Plano</i>	11
2.1. Equação do plano por três pontos. 2.2. Equação geral do plano. 2.3. Equação simétrica. 2.4. Equação normal. 2.5. Distância de um ponto a um plano. 2.6. Redução da equação normal à forma geral. 2.7. Projecção de uma área. 2.8. Volume do tetraedro. 2.9. Transformação de coordenadas	21
<i>Exercícios</i>	21
§ 3. <i>Algumas Superfícies Notáveis</i>	28
3.1. Superfícies de revolução. 3.2. Generalização. 3.3. Cilindro. 3.4. Cone. 3.5. Esfera. 3.6. Elipsóide. 3.7. Hiperbolóides. 3.8. Parabolóides.	36
<i>Exercícios</i>	36

CAPÍTULO 2

DERIVADAS PARCIAIS	37
§ 1. <i>Generalidades sobre Conjuntos</i>	37
1.1. Espaços métricos. 1.2. Entornos. Pontos de acumulação. 1.3. Conjuntos planos. 1.4. Encaixe de entornos. 1.5. Princípios	46
§ 2. <i>Derivadas Sucessivas das Funções Compostas</i>	106
2.1. Derivada de 2. ^a ordem. 2.2. Caso de duas variáveis independentes	110
<i>Exercícios</i>	110

CAPÍTULO 3

FÓRMULA DE TAYLOR. MÁXIMOS E MÍNIMOS	113
§ 1. <i>Fórmulas de Taylor e Maclaurin</i>	113
1.1. Fórmula de Taylor para funções de duas variáveis. 1.2. Série de Taylor. 1.3. Fórmula de Maclaurin. 1.4. Caso de três ou mais variáveis.	119
<i>Exercícios</i>	119
§ 2. <i>Máximos e Mínimos</i>	121
2.1. Máximos e mínimos de funções de duas variáveis. 2.2. Ilustração geométrica. 2.3. Condição necessária para a existência de um máximo ou um mínimo. 2.4. Discussão da suficiência. 2.5. Resumo. Hessiano. 2.6. Caso de três ou mais variáveis	133
§ 3. <i>Máximos e Mínimos Condicionados</i>	133
3.1. Introdução prática. 3.2. Método dos multiplicadores. 3.3. Exposição teórica. 3.4. Caso de três variáveis e duas relações de condição.	141
<i>Exercícios</i>	141

CAPÍTULO 4

DERIVADAS DIRECIONAIS. INTEGRAIS CURVILÍNEAS	145
§ 1. <i>Derivadas Direcionais</i>	145
1.1. Razão de variação de uma função de duas variáveis. 1.2. Derivadas direcionais. 1.3. Derivada direcional em função de inclinação. 1.4. Curvas de nível. 1.5. Máximo da derivada direcional. Gradiente. 1.6. Interpretação geométrica. 1.7. Interpretação física. 1.8. Derivadas direcionais no espaço.	161
<i>Exercícios</i>	161

pio dos retângulos encaixantes. 1.6. Teorema de Bolzano-Weierstrass. 1.7. Teorema de Heine-Borel. 1.8. Curva contínua de Jordan. 1.9. Conjuntos conexos. Domínios.

§ 2. <i>Funções de Duas e Mais Variáveis</i>	49
2.1. Funções de duas variáveis. Definição. 2.2. Representação gráfica. 2.3. Funções confinadas. Extremos. Oscilação. 2.4. Máximos e mínimos absolutos. 2.5. Teorema de Weierstrass. 2.6. Funções de três e mais variáveis.	54
§ 3. <i>Funções Contínuas. Propriedades</i>	54
3.1. Definição. 3.2. Ilustração gráfica. 3.3. Teorema de Cantor. 3.4. Corolário. Teorema da continuidade uniforme. 3.5. Teorema de Weierstrass para funções contínuas.	59
§ 4. <i>Derivadas Parciais</i>	59
4.1. Definição. 4.2. Interpretação geométrica. 4.3. Equação do plano tangente. 4.4. Equações da normal. 4.5. Derivadas de ordem superior. 4.6. Funções de três ou mais variáveis. 4.7. Invertibilidade da ordem de derivação. Teorema de Schwarz.	73
<i>Exercícios</i>	73

CAPÍTULO 5

DIFERENCIAÇÃO. FUNÇÕES COMPOSTAS	78
§ 1. <i>Diferencial Total</i>	78
1.1. Incremento total. 1.2. Diferencial total. 1.3. Aplicações. Cálculo de erros. 1.4. Diferenciais de ordem superior. 1.5. Cálculo da diferencial de 2. ^a ordem. 1.6. Caso de três ou mais variáveis.	91
<i>Exercícios</i>	91
§ 2. <i>Funções Compostas</i>	93
2.1. Funções compostas de uma variável independente. 2.2. Derivação. 2.3. Caso de duas variáveis independentes. 2.4. Generalização. 2.5. Diferenciais de funções compostas. 2.6. Funções homogêneas. 2.7. Teorema de Euler.	102
<i>Exercícios</i>	102

§ 2. <i>Integrais Curvilíneas</i>	165
2.1. Introdução. Trabalho de uma força variável. 2.2. Integrais curvilíneas de 1. ^a espécie. Definição construtiva. 2.3. Integrais curvilíneas de 2. ^a espécie. Definição construtiva. 2.4. Integrais curvilíneas no espaço. 2.5. Redução a uma integral de Riemann. 2.6. Sentido e aditividade da integral curvilínea. 2.7. Integração ao longo de uma curva fechada. 2.8. Cálculo de áreas.	194
<i>Exercícios</i>	194

CAPÍTULO 6

INTEGRAIS MÚLTIPLAS	199
§ 1. <i>Integrais Duplas e Triplas</i>	199
1.1. Introdução geométrica. Definição construtiva de volume. 1.2. Fundamentação aritmética. 1.3. Integração dupla estendida a uma região retangular. 1.4. Convenção de ordem. 1.5. Região não retangular. 1.6. Integrais triplas. 1.7. Propriedades fundamentais das integrais múltiplas. 1.8. Coordenadas esféricas. Elementos de volume e de área.	230
<i>Exercícios</i>	230
§ 2. <i>Integrais de Superfície. Fórmulas de Transformação</i>	236
2.1. Área de uma superfície. 2.2. Integrais de superfície. 2.3. Fórmula de Green (no plano). 2.4. Integrais curvilíneas independentes do caminho. 2.5. Diferencial exata. 2.6. Pontos de descontinuidade e regiões múltiplamente conexas. Constantes cíclicas. 2.7. Potencial. Campo conservativo. 2.8. Superfícies orientadas. 2.9. Fórmulas de Stokes. 2.10. Expressão vetorial.	278
§ 3. <i>Fluxo de um Vetor. Fórmula de Gauss-Ostrogradsky</i>	278
3.1. Vazão de um líquido. 3.2. Fluxo de um vetor. 3.3. Exposição cartesiana do fluxo. 3.4. Variação do fluxo. Divergência. 3.5. Fórmula de Gauss-Ostrogradsky. 3.6. Mudança de variáveis. Integrais duplas.	301
<i>Exercícios</i>	301

CAPÍTULO 7	
FUNÇÕES IMPLÍCITAS. SISTEMAS. APLICAÇÕES....	310
§ 1. <i>Funções Implícitas</i>	310
1.1. Equações e funções implícitas. 1.2. Interpretação geométrica. 1.3. Variação de sinal de uma função. 1.4. Teorema de existência. 1.5. Derivação sucessiva de funções implícitas. 1.6. Generalização. Teorema. 1.7. Equação do plano tangente. 1.8. Equações da normal.	
§ 2. <i>Sistemas de Funções Implícitas</i>	326
2.1. Introdução. Sistemas lineares. 2.2. Jacobiano. 2.3. Sistema de duas funções implícitas. 2.4. Generalização por indução.	
§ 3. <i>Dependência Funcional</i>	337
3.1. Interdependência de duas funções a duas variáveis. 3.2. Condição de dependência.	
<i>Exercícios</i>	347
§ 4. <i>Máximos e Mínimos. Pontos singulares</i>	353
4.1. Máximos e mínimos de funções implícitas. 4.2. Caso de duas ou mais variáveis independentes. 4.3. Pontos singulares. 4.4. Pontos triplos.	
<i>Exercícios</i>	364
§ 5. <i>Curvas no Espaço</i>	365
5.1. Equações. 5.2. Tangente a uma curva reversa. 5.3. Plano normal. 5.4. Plano osculador. 5.5. Comprimento de um arco. 5.6. Equações paramétricas.	
<i>Exercícios</i>	374

Figura 46: Sumário do livro da coleção de Cálculo Diferencial e Integral – volume 3
Fonte: Acervo nosso

O volume 4 destina-se ao estudo das equações diferenciais ordinárias e suas aplicações na solução de problemas na área de Ciências Exatas. Este volume também apresenta uma variedade de exercícios com respostas, bem como vários resolvidos.

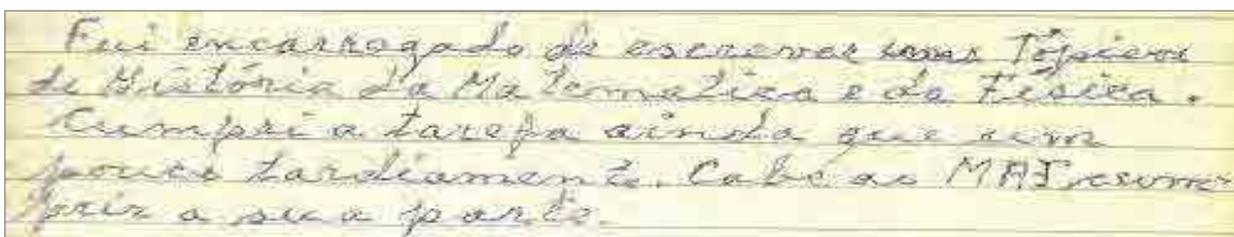
ÍNDICE

CAPÍTULO 1	
EQUAÇÕES DIFERENCIAIS. CLASSIFICAÇÃO E SOLUÇÕES	1
1.1. Introdução. 1.2. Formação de equações diferenciais. 1.3. Definições. 1.4. Grau. 1.5. Equações lineares. 1.6. Soluções. 1.7. Solução geral. 1.8. Soluções particulares. 1.9. Condições iniciais. 1.10. Soluções singulares. <i>Exercícios</i>	11
CAPÍTULO 2	
VARIÁVEIS SEPARÁVEIS. CASOS REDUTÍVEIS	13
2.1. Equações diferenciais de 1. ^a ordem. 2.2. Equações a variáveis separadas. 2.3. Equações a variáveis separáveis. 2.4. Aplicações geométricas. 2.5. Aplicações físicas. <i>Exercícios</i>	24
2.6. Coeficientes homogêneos. 2.7. Redução a coeficientes homogêneos. <i>Exercícios</i>	35
CAPÍTULO 3	
DIFERENCIAL EXATA. FATORES INTEGRANTES	37
3.1. Equação diferencial exata. 3.2. Fatores integrantes. 3.3. Grupamentos integráveis. <i>Exercícios</i>	47
3.4. Equação linear incompleta. 3.5. Equação linear completa. 3.6. Equação de Bernoulli. 3.7. Equação de Riccati. <i>Exercícios</i>	65
CAPÍTULO 4	
TIPOS ESPECIAIS. SOLUÇÕES SINGULARES	70
4.1. Solução em y' . Fatoração. 4.2. Solução por derivação. 4.3. Equações de Lagrange e de Clairaut. <i>Exercícios</i>	80
4.4. Soluções singulares. Envolvórias. 4.5. Determinação de envoltórias a partir da equação geral. 4.6. Lugares geométricos de pontos nodais e angulosos. 4.7. Determinação da envoltória a partir da equação diferencial. 4.8. Lugares geométricos dos pontos angulosos e dos pontos de contato. <i>Exercícios</i>	98
CAPÍTULO 5	
MÉTODO DE PICARD. TEOREMA DE EXISTÊNCIA	100
5.1. Solução por aproximações sucessivas. Método de Picard. <i>Exercícios</i>	108
5.2. Teorema de existência e unicidade.....	114
EXERCÍCIOS DE REVISÃO	
CAPÍTULO 6	
EQUAÇÕES DIFERENCIAIS DE 2.^a ORDEM	119
6.1. Interpretação geométrica. 6.2. Existência e unicidade da solução. 6.3. Solução de alguns tipos especiais. <i>Exercícios</i>	132
6.4. Equações lineares de 2. ^a ordem. 6.5. Equação incompleta. Propriedades. 6.6. Determinação de soluções independentes de uma solução dada y_1 . 6.7. Equação linear a coeficientes constantes. 6.8. Equação linear completa. <i>Exercícios</i>	160
CAPÍTULO 7	
EQUAÇÕES LINEARES. PROPRIEDADES GERAIS	163
7.1. Equação linear de ordem n . 7.2. Equação completa e incompleta. 7.3. Operador diferencial. 7.4. Operadores lineares. 7.5. Propriedades dos operadores D e $L(D)$. 7.6. Propriedades da equação linear <i>incompleta</i> . 7.7. Equação incompleta a coeficientes constantes. Soluções particulares. 7.8. Método dos operadores. 7.9. Solução geral. <i>Exercícios</i>	176
CAPÍTULO 8	
EQUAÇÃO LINEAR COMPLETA	177
8.1. Propriedades da equação linear completa. 8.2. Solução da equação completa. Método de Lagrange. 8.3. Método dos operadores inversos. 8.4. Casos de raízes múltiplas. <i>Exercícios</i>	191
CAPÍTULO 9	
EQUAÇÕES A COEFICIENTES VARIÁVEIS. TIPOS ESPECIAIS	193
9.1. Equação de Euler. 9.2. Equações em duas derivadas consecutivas. 9.3. Depressão da ordem quando se conhece uma solução particular. <i>Exercícios</i>	205
CAPÍTULO 10	
SOLUÇÕES POR DESENVOLVIMENTO EM SÉRIES	207
10.1. Desenvolvimento em série de Taylor. 10.2. Método dos coeficientes a determinar. 10.3. Pontos ordinários e singulares de uma equação diferencial. 10.4. Método de Frobenius. 10.5. Casos de exceção. <i>Exercícios</i>	234
CAPÍTULO 11	
SISTEMAS DE EQUAÇÕES DIFERENCIAIS	237
11.1. Sistemas de 1. ^a ordem. 11.2. Integração de um sistema de 1. ^a ordem. 11.3. Equações simultâneas a três variáveis. Interpretação geométrica. 11.4. Integração do sistema simétrico. 11.5. Método de D'Alembert. 11.6. Sistemas de equações de ordem superior. 11.7. Teorema de existência. <i>Exercícios</i>	255

Figura 47: Sumário do livro da coleção de Cálculo Diferencial e Integral – volume 4
 Fonte: Acervo nosso

4.2. Livros não Publicados

O prof. Willie Maurer escreveu o livro “Tópicos da História da Matemática e da Física” a pedido de seus colegas professores do MAF da PUC Goiás, que se comprometeram a fazer as correções e publicá-lo, fato que não ocorreu.



Transcrição

Fui encarregado de escrever uns Tópicos de História da Matemática e da Física. Cumpri a tarefa ainda que um pouco tardiamente. Cabe ao MAF cumprir a sua parte.

Os originais desse livro chegaram a ser datilografado pelo prof. Marcos Antônio de Queiroz, que também foi colega do prof. Maurer na PUC Goiás. Em função da grande quantidade de símbolos da numeração chinesa, indiana, grega, romana, dentre outros, era necessário que esses originais datilografados passassem por uma correção criteriosa. O fato é que tal correção não ocorreu e a obra não foi publicada.

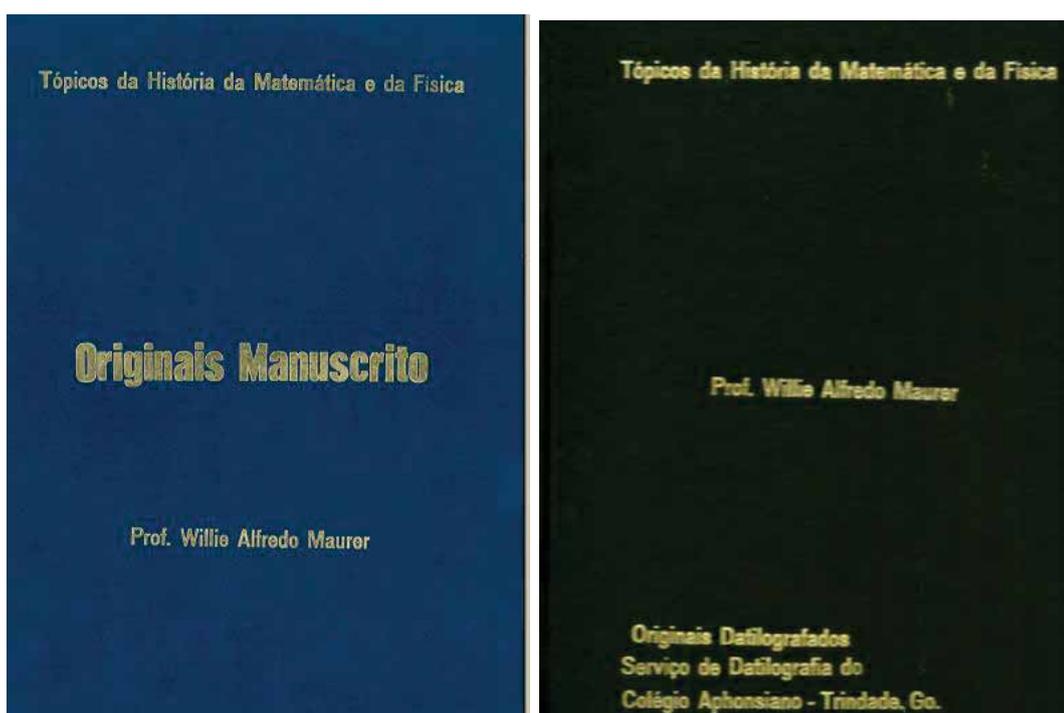


Figura 48: Livro de Tópicos da História da Matemática e da Física – originais manuscrito e datilografado
Fonte: Acervo nosso

O livro contém 192 páginas manuscritas e faz uma incursão na pré-história, exibindo diversos sistemas de numeração, como se constituíram nas grandes civilizações do passado com ênfase ao valor posicional dos algarismos e a invenção do zero. Também aborda a criação e o desenvolvimento dos diversos ramos da Matemática: Aritmética, Geometria, Álgebra até o Cálculo Infinitesimal no século XVII. Examina o papel da Matemática na investigação do mundo físico, graças aos trabalhos dos grandes matemáticos do século XVIII: os Bernoulli, Euler, D'Alembert e Lagrange. Faz ainda um apanhado geral das correntes predominantes do pensamento matemático dos séculos XIX e XX.

Outro livro que o prof. Maurer estava escrevendo e que não chegou a ser publicado foi “O Culto da Mediocridade Eficiente”, dividido em oito partes, sendo:

- I – Sob a Égide do Homem-massa;
- II – Obsolescência e Neofilia;
- III – Educação em ritmo de mediocridade eficiente;
- IV – A Universidade e a investigação global;
- V – Os mitos da sociedade abastada;
- VI – Eficiência no consumo e produtividade na Ciência;
- VII – O Mimetismo universal;
- VIII – Reforma em ritmo de mediocridade eficiente.

4.3. Discursos

Desde jovem, o prof. Willie Maurer tanto gostava como tinha facilidade de falar em público. Em razão disso proferiu vários discursos nas instituições onde atuou. Dentre esses, por considerá-los mais importantes, ele destaca alguns em sua autobiografia.

Seu primeiro discurso foi proferido no dia 19 de novembro de 1925, durante uma passeata de estudantes em comemoração ao Dia da Bandeira. O segundo foi pronunciado no Grêmio Estudantil da Escola Superior de Mecânica e Eletricidade (ESME) de São Paulo, que segundo ele: “só me lembro que ataquei a intolerância da igreja, o que me valeu os cumprimentos do vice diretor Otávio Goulard Penteado e a desaprovação do diretor Américo Landucci” (Autobiografia, s/d, p. 49). De acordo com ele, esses dois discursos foram feitos de improviso.

O primeiro discurso escrito pelo prof. Willie foi em 1930, na solenidade de formatura da ESME, e ocorreu um fato que o marcou e fez com que ele não se esquecesse:

Não foi um discurso de paraninfo, mas de aluno. O orador da turma, incapaz de preparar um discurso, veio me procurar para escrevê-lo. O que eu fiz. Terminada a cerimônia, ele foi efusivamente cumprimentado por todos os componentes da mesa pelo brilhante discurso proferido, mais do que o paraninfo. Mesmo eu estando a seu lado, não teve a hombridade de declarar que eu era o autor, o que não impediu que eu me sentisse desvanecido pelos cumprimentos que ele recebia. São fraquezas humanas que se devem perdoar (Autobiografia, s/d, p.50).

A partir daí o prof. Maurer passou a ser convidado à paraninfar turmas de formandos, dentre elas a primeira turma do Ginásio Saldanha da Gama (Anexo 20), na qual ele também era professor. Era uma escola particular em São Paulo, criada por professores formados pela FFCL da USP. Nesse discurso o prof. Willie destaca a função do ensino secundário:

Eu tenho para mim, que o objetivo primordial do ensino secundário deve ser não a cultura em si, o enciclopedismo pedante, mas antes a formação da personalidade, a aquisição de conhecimentos e hábitos que revertam em benefício da coletividade. É no cumprimento dos pequenos deveres escolares que nós temperamos o nosso caráter, preparando-nos para saber cumprir, no futuro, os grandes deveres que a sociedade nos impõe. Lembrando que do vosso trabalho depende uma parcela da grandeza de vossa pátria e do bem estar de vossos semelhantes (MAURER, Discurso, Anexo 20).

Outro destaque foi para o discurso proferido por ocasião da formatura da segunda turma de formandos do Externato Elvira Brandão, em que também lecionava. Esse discurso causou boa impressão, pois na ocasião recebeu vários cumprimentos e em particular o do Deputado Federal Alarico Franco Cauby, que chegou a sugerir que fosse publicado. Nesse discurso foi ressaltada a importância do intercâmbio entre os povos, traçando um paralelo entre a Grécia e a China.

Um discurso digno de proeminência foi o que proferiu por ocasião da formatura da turma de Engenharia da UFG, no dia 22 de dezembro de 1967. Turma para a qual lecionou Cálculo, assim que chegou a Goiânia. Esse discurso, intitulado Educação para o Desenvolvimento (Anexo 21), relembra sua passagem pela UFG de 1963 a 1965, período em que foi criado o IMF.

Se minha atuação junto à Universidade Federal de Goiás foi coroada de êxito e hoje o Instituto de Matemática e Física é uma realidade irreversível, isto se deve sobretudo à ventura que tive de encontrar aqui uma plêiade de mestres de primeira grandeza, lúcidos e decididos, secundados por uma juventude consciente e entusiasta, sempre pronta a inovar a fim de melhorar (MAURER, Anexo 21, p. 1).

Discorre também sobre o momento crítico por que o sistema universitário atravessava e enfatiza a necessidade de reformar toda a estrutura universitária, em termos de uma nova política educacional, capaz de atender às necessidades do processo desenvolvimentista em andamento no país. Faz uma breve exposição sobre o analfabetismo, o desenvolvimento da agricultura e a expansão industrial.

“Estes três problemas, na realidade, se reduzem a um só porque não se pode pretender isolar um dentre eles dos demais. Não se alfabetiza por simples decreto como não se moderniza e desenvolve a produção agrícola sem a devida preparação do homem e uma adequada industrialização” (MAURER, Anexo 21, p. 3).

Fez críticas à reforma agrária imposta pelo Governo Federal, através do Estatuto da Terra Lei nº 4.504, de 1964, e aos órgãos Instituto Brasileiro de Reforma Agrária (IBRA) e Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário (INDA).

“O que os inefáveis promotores da reforma agrária parecem ter esquecido é que a posse da terra é o que menos conta na produção agrícola moderna. A exploração racional e eficiente da terra requer máquinas e, por conseguinte homens preparados para a sua manipulação. (...) Os teóricos da reforma agrária poderiam ter extraído da amarga experiência russa cuja mecanização da agricultura foi entravada e traumatizada pela inadequada preparação do elemento humano. Os burocratas soviéticos, inspirados no exemplo americano, acreditaram que bastaria reproduzir as máquinas americanas para obter uma produção agrícola igualmente eficiente. Na sua simplicidade de técnicos de alto nível, copiaram as máquinas e esqueceram de copiar os maquinistas” (MAURER, Anexo 21, p. 4).

O prof. Willie Maurer compara a reestruturação da universidade com a reforma agrária, por ter sido planejada por técnicos de alto nível e consumada por decreto que impôs às universidades brasileiras uma estrutura artificial, uniforme e limitada.

“A técnica requintada destes conspícuos planejadores se parece muito com o método experimental de certo “cientista” que empenhado em determinar a causa da embriaguez, submeteu seu paciente, em testes sucessivos, a uma dose de gim e soda, uma dose de uísque e soda e, por fim, uma dose de vodca e soda. Tendo observado que as três misturas causavam o mesmo estado inebriante, concluiu, muito seguro de si, que só podia ser a soda o agente da embriaguez. Este raciocínio falacioso pode parecer-vos hilariante à primeira vista, mas a verdade é que se trata de prática corrente entre os doutos planejadores, para não dizer os solertes plagiadores” (MAURER, Anexo 21, p. 5).

Ainda no âmbito da reforma universitária, pondera que:

“A pesquisa como investimento deveria ser predominantemente ancilar, integrada com o ensino na expansão das forças produtivas do país e no aproveitamento de suas reservas naturais. A palavra de ordem é pesquisar, pouco importando quais as implicações e os objetivos da pesquisa. Não basta fomentar uma pesquisa pedantesca de mera exibição, de adestramento e promoção pessoal. (...) A nossa insipiente pesquisa, inspirada em padrões alheios e promovida em nível de competição está ameaçada de vir a ser tão estéril com a erudita pesquisa dos doutores medievais. Ignorando a realidade que nos cerca, preferimos comungar e

rivalizar com os centros altamente aparelhados de recursos materiais e humanos, a investigar a nossa realidade, o que a muita gente parece por demais vulgar e indigno da atenção de prolectos mestres e doutores moldados a estereótipos alienígenas, preparados para concorrer no mercado internacional e não para participar no processo de desenvolvimento interno. (...) O Brasil é um todo indissolúvel que não pode ser cindido em uma superestrutura cultural e tecnologicamente avançada, divorciada da infraestrutura subdesenvolvida, à mercê de analfabetos e suas técnicas primitivas. Pesquisa e planejamento, educação e construção são palavras que para nós possuem um significado específico todo especial, cujas implicações estão condicionadas pelo processo de desenvolvimento total em que estamos arduamente empenhados” (MAURER, Anexo 21, p. 7).

Em sua autobiografia, o prof. Willie Maurer relata sua passagem pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), onde foi professor por dois anos. Foi paraninfo de duas turmas da Escola de Engenharia e recebeu inúmeros cumprimentos, principalmente pelo discurso proferido no dia 18 de julho de 1980 (Anexo 22), por ter criticado, com muita veemência, as pesquisas com a energia nuclear e destacou a bomba atômica.

“É deveras insólita e leviana para não dizer criminosa a atitude assumida por cientistas e tecnólogos, meros aprendizes de feiticeiros, ao abrirem as comportas da energia nuclear de efeitos ainda imprevisíveis e mal controlados, a políticos ambiciosos e irresponsáveis que se comprazem em disseminar armas e engenhos que põem em risco o próprio futuro da humanidade” (MAURER, Anexo 22, p. 2).

Nesse discurso também faz críticas ao papel da universidade no processo desenvolvimentista imposto pela sociedade industrial ao afirmar que a “universidade tem por objeto, em última análise, o homem e o seu mundo, seus problemas, suas manifestações culturais, suas relações com o universo e não apenas sua formação profissional cada vez mais bitolada, mais especializada e mais utilitária”. Afirmou ainda que o autêntico universitário não se deixa cegar pelo brilho excessivo da tecnologia, trabalha para o bem do homem, respeita a natureza e promove o desenvolvimento global da humanidade.

O prof. Maurer não quantifica as vezes em que foi paraninfo das turmas de formandos nos locais onde atuou profissionalmente, mas humildemente afirma que “posso considerar minha atividade de paraninfo como um coroamento honroso de minha carreira docente e um testemunho inconfundível da estima de meus alunos, que é a maior recompensa de um mestre” (Autobiografia, s/d, p. 52).

Durante a pesquisa realizada nos arquivos pessoais do prof. Willie Maurer foram localizadas cópias de grande parte dos discursos que ele escreveu e que não foram citados anteriormente e cabe aqui relacionar alguns.

- Pronunciamento no Teatro Municipal de São Paulo no dia 23 de dezembro de 1946 aos formandos da Escola Técnica Mackenzie.
- Discurso de paraninfo pronunciado no salão nobre do Instituto Presbiteriano Mackenzie em 20 de dezembro de 1952, aos formandos da FFCL da Universidade Mackenzie.
- Discurso de paraninfo proferido no Teatro da Cultura Artística em São Paulo no dia 23 de dezembro de 1952, aos formandos da Escola Técnica Mackenzie.
- Discurso de paraninfo aos formandos da FFCL da Universidade Mackenzie, em 1961.

4.4. Artigos

Durante o desenvolvimento da pesquisa foi localizada uma pasta nomeada pelo prof. Willie Maurer como “documentos magnos” que continha originais de artigos por ele escritos e dois recortes do jornal Folha de São Paulo em que foram publicados dois de seus artigos (Anexo 23).

No primeiro, “A Universidade e o Homem”, publicado no dia 06 de agosto de 1967, o prof. Maurer faz uma breve análise da situação em que se encontra o sistema educacional brasileiro. Afirma que “a educação é ao mesmo tempo um investimento e um bem de consumo” (MAURER, Folha de São Paulo, 1967). Entende-se que como investimento deve ser capaz de atender o interesse coletivo, no sentido de promover o desenvolvimento do país e o bem estar coletivo. Como bem de consumo deve promover os meios para que cada membro da sociedade se realize como homem e também cidadão.

Segundo Maurer, (Folha de São Paulo, 1967), “nosso sistema de ensino, em todos os escalões, não está equacionado com a realidade brasileira. Estamos por demais apegados a modelos importados ou pré-fabricados que, embora de boa qualidade no mais das vezes, não se adaptam às condições presentes e locais do complexo nacional”. Também faz críticas ao ensino primário, secundário e superior. “É uma ilusão supor que todo mundo está ansioso por aprender o *abc*”. Nesse sentido, ele compara a proposta da escola primária rural com a urbana, enfatizando que a escola rural não possui as mesmas condições favoráveis ao aprendizado que possuem as escolas urbanas e por isso devem ser observadas as peculiaridades

regionais. Quanto ao ensino médio, “está igualmente mal afinado com a realidade nacional. Excessivamente, livresco e bitolado”.

Em relação ao ensino superior profissional que antecederam a organização das universidades brasileiras, destaca as contribuições das Faculdades de Direito e das Escolas Politécnicas no desenvolvimento político e econômico do país. Porém faz críticas às Faculdades de Medicina que,

(...) em geral, sejam de alto nível, jamais apresentaram as condições necessárias para resolver os problemas sanitários do país. Foram e continuam a ser escolas de elites para elites. (...) as Universidades que se constituíram pela simples agregação, destas e outras escolas de caráter profissional, tiveram como única inovação a anexação de uma Faculdade de Filosofia. (...) no mais, tudo continuou como se nada tivesse acontecido. O problema está em equacionar a Universidade com a realidade nacional. A realidade brasileira não é um ente metafísico, alheio ao homem, suas características passadas, presentes e futuras são a obra e o fruto do homem em ação (MAURER, Folha de São Paulo, 1967).

Também faz severas críticas a UnB ao afirmar:

(...) não se pode dizer que a UnB seja uma Universidade brasileira, equacionada com a realidade nacional, adequada ao meio em que foi implantada. (...) na verdade, o mínimo que se pode dizer da UnB é que ela nasceu de costas voltada para o Brasil. Destinada a ser, desde o início, um grande centro de alta pesquisa, sobretudo em ciências pura e em tecnologia avançada, no melhor estilo das mais renomadas universidades americanas, não lhe cabe nenhum papel de destaque na solução dos genuínos problemas nacionais ou mesmo regionais, mais modestos, menos espalhafatosos, mas nem por isso menos importantes. (...) A verdade inexorável é que só teremos uma autêntica universidade brasileira quando, libertados da mística dos paradigmas importados e dos preconceitos dos padrões rígidos e intangíveis, fizermos do Homem, em toda sua plenitude, o objeto e o objetivo do ensino em geral e da universidade em particular, visando aperfeiçoar lhe as aptidões de modo que venha a fazer melhor aquilo que já está fazendo (MAURER, Folha de São Paulo, 1967).

O segundo artigo escrito pelo prof. Willie Maurer, com o título “O fantasma da mediocridade eficiente” também foi publicado na Folha de São Paulo, no dia 12 de outubro de 1973, e tema do livro “O culto da mediocridade eficiente”, que estava escrevendo. Faz críticas ao sistema de ensino vigente à época e ao papel do professor. Discorre sobre o baixo salário do professor no Brasil, sobretudo o da escola primária e secundária. Critica a reforma do ensino ao desdobrar para oito anos o ensino de 1º grau. “Acho que na reforma há coisas grandiosas, mas nunca referentes ao professor primário e secundário”. Aborda ainda:

- a obrigatoriedade do ensino por oito anos, ao seu ver, desastrosa não só para nosso país, mas no resto do mundo;
- o papel artificial da escola;
- os cursos de pós-graduação;

- a subserviência dos professores, que segundo ele:

(...) se não fossem tão subservientes, as escolas mediócras acabariam por si mesmas. (...) os professores trabalham contra si próprios quando acatam a mediocridade das indústrias de educação: trabalham contra a profissão, desmoralizando-se e desonrando o papel que o mestre deveria desempenhar na comunidade (MAURER, Folha de São Paulo, 1973).

5. CONTRIBUIÇÕES A INSTITUIÇÕES E AO ENSINO DE MATEMÁTICA

O presente capítulo tem o intuito de apresentar as contribuições do prof. Willie Maurer para o ensino da Matemática, sobretudo nos Estados de Goiás e São Paulo, especificamente na Universidade Federal de Goiás, PUC Goiás e Universidade Presbiteriana Mackenzie. Para tanto, serão utilizados documentos escritos encontrados em seu arquivo pessoal e os fornecidos pelas referidas instituições, bem como depoimentos obtidos por meio das entrevistas.

5.1. Contribuições ao Ensino de Matemática no Estado de São Paulo

Em sua autobiografia, o prof. Willie Maurer afirma que em 1946, quando o Instituto Presbiteriano Mackenzie instituiu a comissão formada de cinco professores para elaborar o projeto de criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, ele foi um dos integrantes e as reuniões se faziam em sua casa, com a finalidade de elaborarem um anteprojeto dos estatutos e organização do corpo docente. Coube a ele a escolha dos profissionais das áreas de Matemática e Física, fazendo opção pelos professores Francisco Antônio Lacaz Netto, para Geometria, Abrãao de Moraes, para Vetores, Mecânica Racional e Mecânica Celeste, Lauro Monteiro da Cruz, para Física, dentre outros, e reservou para si próprio a cadeira de Análise Matemática.

Então ele, o prof. Maurer, teve uma importantíssima participação na constituição da Universidade Mackenzie que até o início dos anos 50 não era uma universidade, eram faculdades, e eu sei que ele teve muita contribuição para a consolidação da mesma, que foi reconhecida como uma universidade por meio de decreto assinado pelo então presidente Getúlio Vargas em 1952 (PIERRE KAUFMANN, Entrevista 9, 2012, p. 4).

Enquanto membro do Conselho Universitário da recém-criada Universidade Presbiteriana Mackenzie, em 1952, Maurer já conhecia a realidade do laboratório de Física e solicitou ao professor de Física Lauro M. da Cruz que fizesse uma vistoria no laboratório. O relatório apresentado por ele foi desolador. Com base nos dados apresentados nesse relatório, Maurer solicitou ao Reitor da Universidade, que na época era o Dr. Henrique Pegado, um projeto para organização do laboratório. O mesmo foi apresentado ao conselho, que em reunião, decidiria a quem caberia a supervisão do laboratório.

Nessa reunião, houve uma passagem bem característica do ambiente em que vivíamos. O Cristiano das Neves, diretor da Arquitetura, sentado a minha frente, acompanhava muito atentamente minha exposição; num dado momento, não se conteve e, interrompendo-me, exclamou: Vejo do que se trata: qualidade contra quantidade; eu sou pela qualidade, o que não obstou que votasse a favor da Engenharia. É escusado dizer que fui derrotado. Tive um consolo na confissão do Gastão Negro, representante da Engenharia no Conselho. Encontrando-me no pátio, depois da reunião, ele me dizia que estava de pleno acordo comigo, mas temia a vingança dos maiores da Escola que certamente não lhe perdoariam a defeção. Aceitei a desculpa como bastante justificável, dado o ambiente reinante nas altas esferas da Universidade.

Sai derrotado mas não vencido.

Transcrição

Nessa reunião, houve uma passagem bem característica do ambiente em que vivíamos. Cristiano das Neves, diretor da Arquitetura, sentado a minha frente, acompanhava muito atentamente minha exposição; num dado momento, não se conteve, e interrompendo-me, exclamou: Vejo do que se trata: qualidade contra quantidade; eu sou pela qualidade, o que não obstou que votasse a favor da Engenharia. É escusado dizer que fui derrotado. Tive um consolo na confissão do Gastão Negro, representante da Engenharia no Conselho. Encontrando-me no pátio, depois da reunião, ele me dizia que estava em pleno acordo comigo, mas temia a vingança dos maiores da Escola, que certamente não lhe perdoariam a defeção. Aceitei a desculpa como bastante justificável, dado o ambiente reinante nas altas esferas da Universidade. Saí derrotado, mas não vencido.

Willie Maurer decidiu montar seu próprio laboratório, e para isso recorreu à amizade de seu irmão Theodoro Maurer com Mr. Charles Roy Happer, que trabalhava na Administração do Instituto Mackenzie. Com esse apoio adquiriu um primoroso equipamento da Phywe, uma empresa alemã, especializada em equipamento didático destinado à formação de professores de Física. O laboratório foi instalado no próprio edifício da Faculdade e funcionou enquanto ele lá esteve.

Ele foi diretor desta Faculdade por bastante tempo, durante o qual ele teve várias iniciativas, tais como, implementar o laboratório de Física dentro de uma instituição de ensino privado, que não disponibilizava de muitos recursos, mas era um macro laboratório de Física, inclusive com microscopia eletrônica (PIERRE KAUFMANN, Entrevista 9, 2012, p. 5).

Como diretor da FFCL da Universidade Mackenzie, Maurer continuou com sua árdua tarefa de melhorar o ensino, sobretudo o da Física. Conseguiu com o Governador de São Paulo, Carlos Alberto A. de Carvalho Pinto, uma verba para a compra de um microscópio Japonês, e contou com a colaboração do professor Paulo Ribeiro de Arruda, da Escola Politécnica, especialista no assunto, que ficou responsável pela capacitação de alunos para manusear o equipamento.

Então ele o instalou e foram treinados estudantes para operá-lo e um desses estudantes, mais tarde se tornou um dos mais importantes microscopistas eletrônicos do Brasil, a Cecilia Alvarenga, já falecida infelizmente, que também foi subproduto do departamento de Física da FFCL Mackenzie, também implementada pelo prof. Willie Maurer (PIERRE KAUFMANN, Entrevista 9, 2012, p. 8).

Conseguiu, também, uma verba para ampliar o laboratório com Ernesto Luiz de Oliveira, seu conterrâneo da cidade de Campinas-SP, então presidente de uma instituição criada pelo Presidente da República, Juscelino Kubitschek, que tinha como objetivo dar assistência financeira às Escolas de Engenharia que se dispusessem a desenvolver pesquisas tecnológicas. Embora onde trabalhava não fosse Escola de Engenharia, conseguiu uma boa subvenção que permitiu ampliar o laboratório e comprar um equipamento mais sofisticado, da marca Leybold, outra empresa alemã especializada em equipamentos didáticos.

Segundo relata o prof. Pierre, “o professor Willie, para a época teve grandes empreendimentos e iniciativas dentro do Mackenzie que resultaram em progressos expressivos” (Entrevista 9, 2012, p. 3).

Durante o seu segundo mandato, enquanto diretor da FFCL da Universidade Mackenzie, Maurer assinou o ato de criação do GRAM, em 1960, e o mesmo ficou vinculado ao Departamento de Física da Universidade. Juntamente

com esta criação foi firmado um convênio com a Associação de Amadores de Astronomia de São Paulo (hoje extinta), constituída por estudantes de Física, Engenharia, técnicos e aficionados por Radioastronomia. Para a coordenação do GRAM ele designou o prof. Pierre Kaufmann que na época era seu assistente no Departamento de Física. “o prof. Maurer era o meu superior, orientador, inspirador e talvez tenha sido o meu principal professor no Mackenzie” (Entrevista 9, 2012, p. 2).

A criação do GRAM consolidou as atividades pioneiras de Radioastronomia no Brasil, que eram realizadas no planetário de São Paulo desde meados de 1958. As atividades experimentais eram realizadas no planetário do Ibirapuera-SP até o início de 1964 e após esse período prosseguiram nas instalações da Comissão Nacional de Atividades Espaciais (CNAE), em São José dos Campos (1964-1965), consolidando-se no Rádio observatório do Umuarama, em Campos do Jordão-SP.

Em 29 de agosto de 1968, a Reitora da Universidade Mackenzie Dr^a Esther de Figueiredo Ferraz, transformou o GRAM em Centro de Rádio Astronomia e Astrofísica Mackenzie (CRAAM), com o objetivo de realizar pesquisas puras, aplicadas e atividades de ensino nos níveis de graduação e de pós-graduação, nas áreas de Rádio Ciências, Rádioastronomia, Física Solar, Física da Ionosfera, Astrofísica, Instrumentação Rádio Científica e Ciências Espaciais.

No período de 1970 a 1973 as atividades de pesquisas desenvolvidas no CRAAM foram aprovadas como Centro de Excelência pelo CNPq e o Curso de Pós-graduação em Astrofísica da Universidade Mackenzie foi credenciado pelo Conselho Federal de Educação, do Ministério da Educação e Cultura (MEC). O CRAAM participou da primeira missão brasileira à Antártica em cooperação com a Marinha do Brasil. Em 1989 o CRAAM integrou um consórcio tendo como parceiros a USP, a UNICAMP e o INPE. Dentre as principais realizações alcançadas por esta parceria está o Laboratório de Geodésia Espacial, operando em Eusébio-CE, o Rádio Telescópio Solar Submilimétrico, operando nos Andes argentinos, e os experimentos ionosféricos na estação científica brasileira Comandante Ferraz, instalada na Antártica.

Atualmente destacam-se os projetos que integram o Laboratório de Heliogeofísica no Complejo Astronômico El Leoncito nos Andes Argentinos, o Rádio Observatório do Itapetinga em Atibaia-SP, operando mediante convenio com o INPE, o Rádio Observatório Espacial do Nordeste em Eusébio-CE, dedicado à

geodésia espacial, operado mediante convênio entre a Agência Espacial Brasileira (AEB) e a NASA dos EUA, onde parte dos custos operacionais, de recursos humanos e de infraestrutura é provida pelo INPE e pelo Mackenzie. Outros projetos se encontram em desenvolvimento com a cooperação da UNICAMP, com a Universidade da Califórnia, em Berkeley e o Instituto Lebedev de Física de Moscou.

Pierre Kaufmann destaca a atuação de Maurer como professor ao afirmar:

Eu acredito que teve e tem grandes professores no Mackenzie, mas entre os contemporâneos da época do prof. Willie Maurer, ele era destacadamente um dos melhores, se não o melhor professor de cálculo do Mackenzie e um dos melhores do Brasil. (...) ele tinha uma característica própria como professor, como didático, como formador de outros professores no caso da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras e formador de Engenheiros no caso na Escola de Engenharia Mackenzie, que naquela época, era uma escola de Engenharia em pé de igualdade, principalmente na área de civil, a outra escola que era a Politécnica e que em grande parte se devia a um excelente conteúdo de Matemática em todos os níveis que era conduzido e ensinado pelo prof. Willie na época. Então eu tenho plena convicção de que a contribuição dele foi absolutamente única e destacada, em termos de Mackenzie, em termos de São Paulo e em termos Brasil. Estou falando nos anos 60 e a repercussão que teve nos anos imediatamente depois. (...) sou, por exemplo, um seguidor dele quanto a filosofia de vida, quanto ao rigor no trabalho, quanto a seriedade nas abordagens e quanto ao gosto, ele gostava de dar aula e realmente foi uma pessoa que marcou por onde atuou. Enfim, o prof. Willie Maurer se destacou como professor, principalmente como professor de cálculo, era um cara idealista, coisa que é extremamente rara já naquela época e hoje muito mais rara ainda, ele era uma pessoa de uma correção total e não tinha ambições políticas como por exemplo de querer ser diretor, querer ser o melhor, ou seja, ele é realmente um exemplo que está faltando hoje em dia. (...) realmente é uma personalidade que deixou marcas não só no Mackenzie, como em outras instituições e na Matemática Brasileira, como professor, como professor de Matemática avançada (Entrevista 9, 2012, p.7).

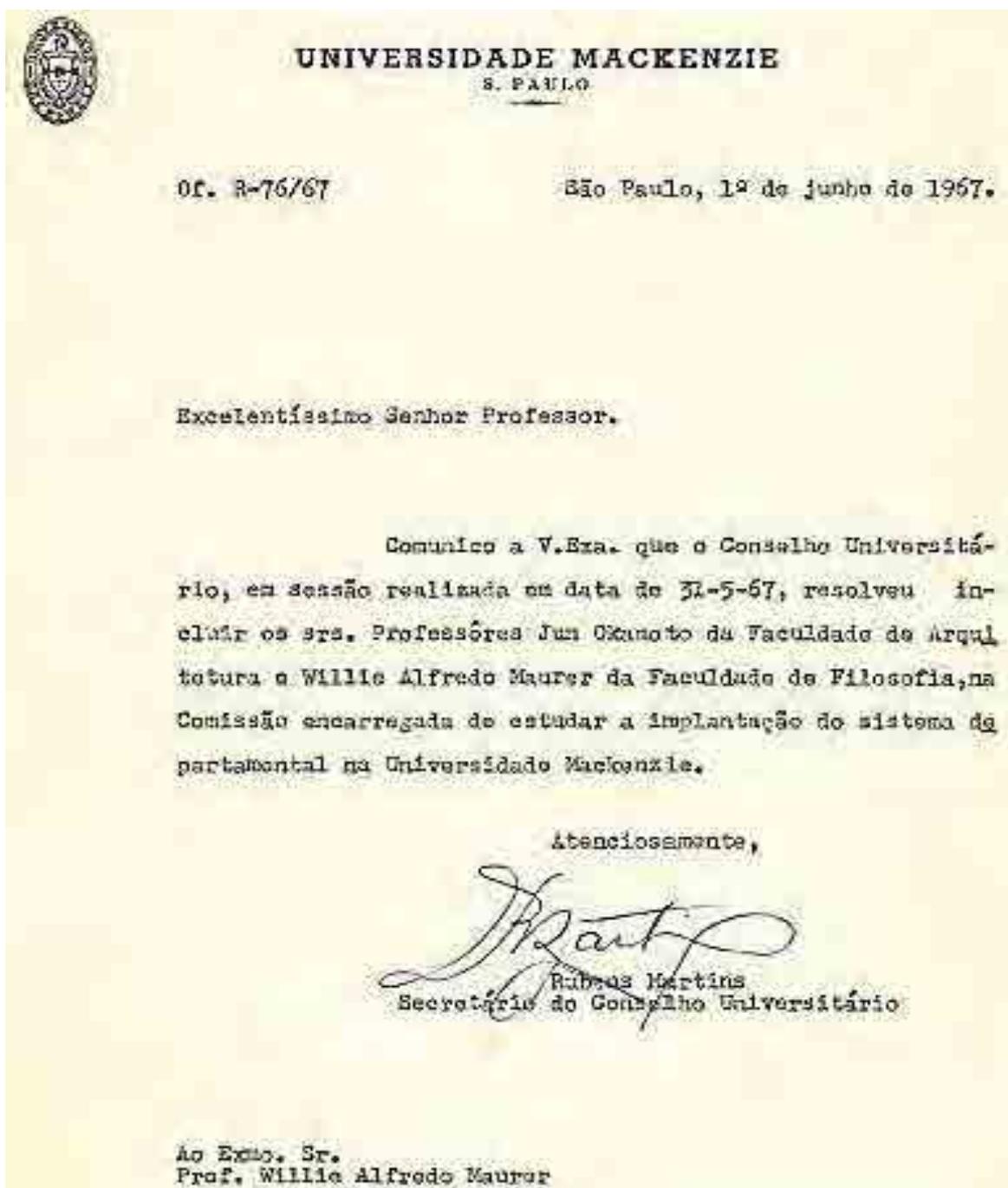
Enquanto gestor/administrador, o prof. Pierre assevera que

(...) mesmo com todo o rigor dele, esse aparente rigor, esse conservadorismo, ele tinha espírito empreendedor, ele percebia estudantes com ideias e com vontade de empreender, ele dava “aquela força”, isso era uma característica dele, enquanto que outros professores “puxavam o breque”, dava um passo pra trás. Ele era mais arriscado, ele achava que valia a pena empreender, arriscar, promovia e estimulava por motivo próprio, porque se não fosse o estímulo dele, ele não teria constituído grupo de pesquisa. Absolutamente, isso era uma característica dele, ele promovia empreendimentos, ele era sensível a propostas, sem perder o rigor do que ensinava, por isso que ele era tão respeitado (Entrevista 9, 2012, p.9).

No final da década de 1960 foi dado início, pelo prof. Willie Maurer, ao processo de implantação do curso de Pós-graduação na área de Radio Astronomia e Astrofísica na Universidade Mackenzie credenciado pelo Conselho Federal de Educação após serem estabelecidas as regras de cursos de Pós-graduação stricto sensu no Brasil. “O credenciamento saiu entre 72 e 73, mas o processo de

implantação desse curso de pós-graduação na Universidade Mackenzie foi promovido pelo prof. Willie Maurer quando ele era diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Mackenzie” (PIERRE, Entrevista 9, 2012, p. 5).

No mês de junho de 1967, Maurer foi incluído na comissão encarregada de estudar a implantação do sistema departamental na Universidade Mackenzie e em 10 de julho de 1967 foi nomeado Coordenador da Comissão Especial de reestruturação da Universidade, de maneira a enquadrá-la dentro das normas traçadas pelo decreto-lei nº 53, de 18 de novembro de 1966, que fixava princípios e normas de organização para as universidades federais.



ATO nº 10/67

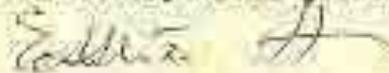
À Reitora da Universidade Mackenzie, no uso de suas atribuições, considerando:

- a) que a Comissão Especial constituída nos 24 de janeiro de corrente ano para estudar a reestruturação da Universidade Mackenzie, de maneira a enquadrá-la dentro das normas traçadas pelo decreto-lei nº 53, de 18 de novembro de 1966, não pode dar andamento normal aos seus trabalhos, por motivos vários inclusive sua reduzido número de elementos componentes;
- b) que essa reestruturação é imadiável, face, sobretudo, ao que estabelece o art. 10 do mencionado decreto-lei.

RESOLVE:

- Art. 1º - Passará a fazer parte da Comissão Especial de reestruturação da Universidade Mackenzie, além de todos os diretores das várias unidades universitárias, os professores JUN OKAMOTO e WILLIE MAURER, respectivamente da Faculdade de Arquitetura e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.
- Art. 2º - A Comissão será presidida pelo Reitor e terá como coordenador o professor WILLIE MAURER o qual, dado o especial regime de trabalho a que se submete, nesta Universidade, está em condições de dedicar todo o tempo necessário a seus novo encargo, sendo, ademais, notório os resultados de atividade congênere que desenvolve, na Universidade Federal de Goiânia.
- Art. 3º - O Coordenador designará o Secretária da Comissão e poderá se fazer assessorar dos elementos que julgar indispensáveis ao bom andamento dos trabalhos, submetendo-lhes previamente os nomes à apreciação desta Reitoria.
- Art. 4º - Este ATO entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

São Paulo, 10 de junho de 1967.



Esther de Figueiredo Ferraz

REITOR

Em novembro de 1967 o prof. Maurer apresenta à Reitoria da Universidade Mackenzie o Plano de Reestruturação da Universidade (Anexo 24), justificando, na exposição de motivos, que a reforma por ele sugerida constituía uma tentativa de ajustar a Universidade Mackenzie ao “espírito” do decreto e o plano sugerido foi aprovado pelo Conselho Universitário em 26 de março de 1968. Com a finalidade de nortear os trabalhos da comissão especial, Maurer, que era seu coordenador, encaminhou a cada professor da universidade o plano de reestruturação aprovado, oportunidade em que faz uma breve explanação sobre a organização departamental e solicita a colaboração de cada um.

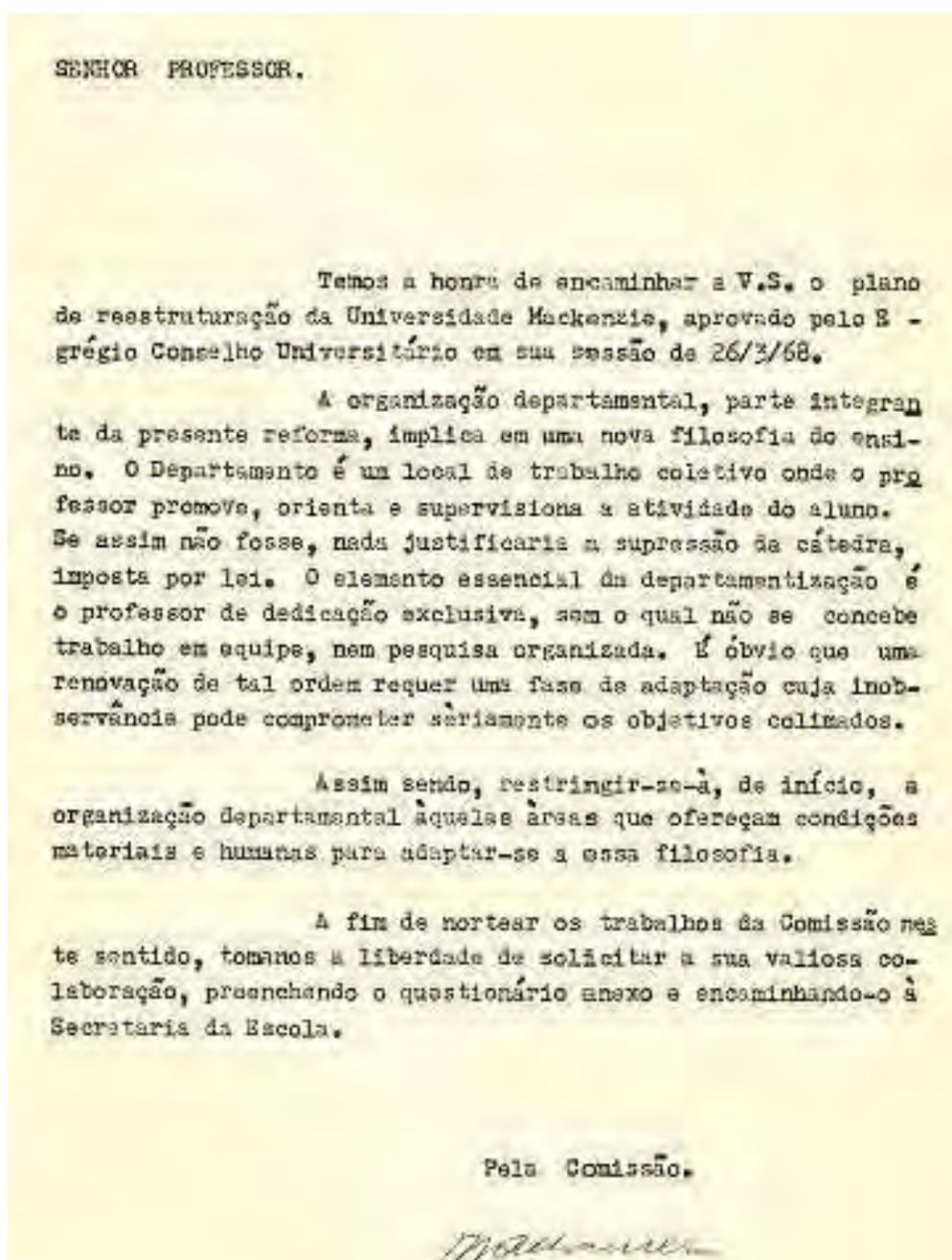


Figura 50: Carta de encaminhamento do plano de reestruturação da Universidade Mackenzie
Fonte: Acervo nosso – fevereiro/2011

Em 14 de fevereiro de 1969, a Reitora da Universidade Mackenzie assinou o Ato nº 10/69, em que nomeava uma comissão especial encarregada de promover a implantação da reforma universitária. Essa comissão foi integrada por um grupo denominado Grupo Central Executivo, composto por quatro professores, dentre eles, Willie Maurer, designado presidente do mesmo e por grupos auxiliares constituídos pelos diretores de cada unidade e dois professores por eles escolhidos. Em dois Atos seguintes, o de nº 12/69 designou o prof. Willie para elaborar o anteprojeto de adaptação do Estatuto da Universidade às normas do decreto-lei nº 464, de 11 de fevereiro de 1969 e o Ato nº 21/69 que o credenciou, como presidente da comissão de implantação da reforma, a solicitar diretamente das unidades universitárias, dados e subsídios que julgasse necessários (Anexo 25).

5.2. Contribuições ao Ensino de Matemática no Estado de Goiás

5.2.1. Willie Maurer e o Instituto de Matemática e Física da UFG

A criação do IMF não ocorreu de maneira totalmente pacífica porque existiram, na época, alguns interesses conflitantes com a proposta de criação dos Institutos, sobretudo a extinção das chamadas cátedras, ocorrida em função da implantação da nova carreira docente, que tinha o regime de tempo integral e dedicação exclusiva. Surgiu então um delicado jogo entre os professores defensores da criação do instituto e os contrários, que desejavam manter a situação vigente, que por várias vezes quase fizeram com que o IMF fosse extinto, antes mesmo do seu nascimento.

O prof. Willie Maurer, que trazia consigo uma vasta experiência profissional, adquirida ao longo dos anos na Universidade Mackenzie (SP), e era um grande defensor da criação dos departamentos, cujo objetivo era reunir recursos humanos e materiais para obter maior eficiência e economia no ensino, conseguiu expor suas convicções nas reuniões do Conselho Universitário de que participou ao longo do ano de 1963.

O prof. Gabriel Roriz relatou, em uma entrevista concedida ao Jornal UFG, como foram os primeiros momentos do prof. Maurer na UFG, em 1963, principalmente junto ao Conselho Universitário.

“Mas seu nome ainda não era consenso. A turma do contra não desistia, mas conseguimos com o Conselho permissão para que ele participasse das reuniões, embora sem direito a voto, mas com direito à palavra para expor algumas ideias. Suas argumentações surtiram efeito, tanto que efetivamos a criação do IMF com intensa participação dos estudantes” (Revista Afirmativa, vol.3, set. 2009, p. 12).

O Regimento Interno do IMF (Anexo 26), elaborado pelo prof. Willie Maurer e sua equipe, foi aprovado pelo Conselho Universitário da UFG no dia 25 de novembro de 1963, e do qual se destacam:

As finalidades do IMF:

- Centralizar em um organismo único o ensino da Matemática e da Física constantes dos currículos das diversas unidades que integram a Universidade;
- Congregar, em um centro de ensino e pesquisa, professores especializados, de preferencia em regime de dedicação exclusiva, a fim de promover o estudo e a pesquisa nos diversos domínios da Matemática e da Física;
- Formar especialistas em Matemática e Física, visando, principalmente, a preparação de candidatos ao Magistério.

Estruturado em dois departamentos, o de Matemática e o de Física, caberia ao Instituto ministrar os seguintes cursos:

- Curso básico de 2 anos, destinado aos candidatos ao bacharelado, à licenciatura e aos diversos ramos da engenharia;
- Cursos de bacharelado em Matemática e em Física de 4 anos, incluindo o curso básico;
- Curso de formação científica constante dos currículos de licenciatura em Matemática e em Física;
- Cursos diversificados em Matemática, Física e Desenho constante dos currículos de outras unidades universitárias;
- Curso de divulgação científica e de aperfeiçoamento de professores secundários;
- Curso de especialização e de pós-graduação, a serem regulamentados oportunamente.

Os dois primeiros anos dos cursos de Matemática, Física e Engenharia da UFG eram denominados de Curso Básico em que os alunos faziam disciplinas em comum, tais como: Cálculo Diferencial e Integral, Geometria Analítica e Álgebra Vetorial, Física Geral, Geometria Descritiva, Desenho Geométrico, Cálculo

Numérico, Mecânica Geral, Probabilidade e Estatística, Química e Matérias eletivas. Após a conclusão do curso básico iniciava a formação específica de cada curso.

Em relação à organização administrativa, o IMF era constituído por uma Comissão Coordenadora, Conselho Departamental, Diretoria e Secretaria. A partir da criação do IMF, implementou-se a carreira docente estruturada nos estágios: instrutor, professor auxiliar, professor associado e professor titular. “Os critérios de seleção e promoção de um estágio ao subsequente serão fixados pelo Conselho Departamental e submetidos à aprovação do Conselho Universitário” (Art. 20, parágrafo único do Regimento Interno do IMF).

Conforme afirmação do prof. Juarez Milano,

O professor Gabriel Roriz convidou o prof. Willie Maurer que estava na Universidade Mackenzie e ele veio para UFG em 1963 e começou organizar o IMF, já com uma ideia mais progressista, ou seja, propôs a substituição das cátedras por uma nova carreira docente, pois não queríamos o cargo de professor catedrático, e sim um departamento de Matemática onde haveria uma sequência na carreira, cujos cargos iriam de Auxiliar até a classe de Professor Titular (Entrevista, 1, 2012, p. 3).

O prof. Maurer defendia a ideia do regime de trabalho em tempo integral, também denominado de dedicação exclusiva (DE), conforme é assim explicitado no Regimento Interno do IMF:

Salvo os casos excepcionais, a juízo do Conselho Departamental, todo o pessoal docente estará sujeito a regime de dedicação exclusiva”. (...) Os professores das diversas categorias, contratados em regime de dedicação exclusiva, serão vinculados ao Instituto e não a uma cadeira ou disciplina em particular (Regimento Interno do IMF, artigos 21 e 22).

No ofício 174/64 (Anexo 27), o prof. Maurer descreve que a criação do IMF “foi condicionada por uma série de circunstâncias fortuitas, resultantes de um delicado jogo de forças cujas tendências predominantes podem ser distribuídas em três correntes de contornos mais ou menos definidos”.

A primeira corrente era representada por um pequeno grupo de idealistas atuantes, professores da Escola de Engenharia e adeptos fervorosos do plano dos Institutos, liderados pelos professores Gabriel Roriz, Diretor da Escola de engenharia, Marcelo Cunha Moraes, Vice-Diretor e Elder Rocha Lima, representante da congregação no Conselho Universitário.

A segunda congregava os oportunistas com diferentes opiniões, liderados por um grupo de professores para os quais os interesses do ensino se confundiam com os seus interesses pessoais. A criação de Institutos, confiados a especialistas em regime de tempo integral, vinha privá-los de outros tipos de ganhos.

Faziam parte desse grupo o prof. Saleh Jorge Daher que acumulava as cadeiras de Geometria Descritiva da Escola de Engenharia e de Fundamentos de Matemática Elementar da Faculdade de Filosofia; o Instrutor Irapuan Costa Júnior, que acumulava as cadeiras de Física I e Cálculo Numérico da Escola de Engenharia e de Física I da Faculdade de Filosofia, e o instrutor Jaime Marcos Cohen, que acumulava as cadeiras de Cálculo I e Cálculo II da Escola de Engenharia e Análise Matemática da Faculdade de Filosofia.

A terceira corrente era constituída por professores que se mantinham à margem da luta, mas que nas horas decisiva se colocavam, em sua maior parte, ao lado dos idealistas.

Outro desafio enfrentado pelo prof. Willie Maurer foi constituir o corpo docente do IMF e para isso foi necessário buscar reforço em São Paulo, de onde vieram os professores: Germano Braga Rego, Geraldo Alves Ferreira, Gerson Muccilo, Guy Ribeiro de Andrade, Odécio Sanches, Juarez Milano, Agenor Cortarelli, todos oriundos da FFCL de Rio Claro e o professor Sérgio Pedro Schneider, formado pela FFCL da Universidade Mackenzie. Segundo o prof. Milano “dois motivos principais motivaram esses professores a vir trabalhar em Goiânia: a remuneração e a possibilidade de construir algo que vinha ao encontro de suas aspirações” (Anexo 7, p. 4).

Da Escola de Engenharia da UFG foram aproveitados os professores Elder Rocha Lima, Eurico Calixto Godoy, Hermógenes Coelho Jr., René Aryes Carvalho, Saleh Jorge Daher, Tiettre Couto Rosa e Walter Brokes. Da Escola de Agronomia foi contratado o prof. Wilson Natal e Silva.

O IMF adquiriu uma substância muito boa em consequência de o prof. Willie conseguir trazer grandes profissionais para Goiânia e esses profissionais também marcaram a história do IMF com o talento natural que tinham, com a postura que apresentavam diante do desafio que enfrentavam e com as lições de abnegação, de dedicação, de vontade de fazer e da vontade de produzir ciência (AUGUSTO FLEURY, Entrevista 6, 2012, p. 4).

Este núcleo de professores tinha à frente o prof. Maurer “que os inspirava, que era digamos assim, o “orientador-mor” da atividade das pessoas e eu não consigo encontrar palavras para definir o que ele fez. Ele era uma pessoa diferente, era uma pessoa que tinha alguma coisa a mais e que eu não saberia dizer o que é” (AUGUSTO FLEURY, Entrevista 6, 2012, p. 4).

Dos professores que vieram de São Paulo, o único que ficou em Goiânia foi o prof. Juarez Milano, que trabalhou no IMF de 1964 até se aposentar em 1991 e

foi indicado pelo prof. Willie Maurer como seu sucessor na direção do IMF, em 1965. O prof. Milano atuou como professor no IMF por cerca de 30 anos, tendo assumido por mais de uma vez os cargos de coordenador da área de Matemática e também de Diretor do Instituto.

As contribuições do prof. Maurer na criação do IMF podem ser verificadas no próprio Regimento Interno e que também foram evidenciadas pelo prof. Venício V. Borges (Entrevista 2, 2012, p. 4), ao afirmar: “quando ele veio para cá, primava em oferecer um ensino eficiente e com economia, sem desperdício de coisas materiais e humanas, ou seja, queria racionalizar o ensino da Matemática”.

Após a criação, a consolidação do IMF foi conturbada, pois em Goiânia existiam pessoas interessadas em aproveitar o momento agitado do golpe militar de 64 para liquidá-lo. Foi salvo em virtude do movimento em prol da Reforma Universitária que acontecia no país, e principalmente ao comprometimento do prof. Willie Maurer com sua manutenção, comprovado pelos relatórios e ofícios por ele elaborados e encaminhados à Reitoria da UFG, no decorrer do ano de 1964. Em julho de 1964 foi elaborado pelo prof. Maurer o primeiro desses relatórios sobre as atividades do IMF (Anexo 28), no qual é informada a sua infraestrutura, corpo docente, corpo discente e corpo técnico administrativo.

Nesse ano aconteceu a intervenção na UFG decretada pelo Egrégio Conselho Federal de Educação e o professor José Martins d’Alvarez foi empossado Reitor Pro tempore da UFG no lugar do prof. Colemar Natal e Silva. Com isso surgiram novas perspectivas para UFG e também incertezas em relações ao destino do IMF.

Preocupado com o futuro do Instituto, o prof. Maurer enviou ao Reitor Pro tempore o ofício 151/64 de 24/08/1964 (Anexo 29). Nesse faz sugestões para o novo Estatuto Universitário, elaborado pela Reitoria, e o ofício 153/64 (Anexo 30) no qual solicita informações sobre como ficaria a situação do IMF e dos professores contratados pela UFG para prestação de serviços no decorrer daquele ano, face à intervenção Federal. Nessa mesma data envia uma carta com a cópia do ofício 151/64 ao prof. Valnir Chagas³⁴, membro do Conselho Federal de Educação para que apreciasse as sugestões sobre a reforma do Estatuto da UFG.

³⁴ Raimundo Valnir Cavalcante Chagas (1921-2006), autor da obra *Didática Especial de Línguas Modernas* (1957). Foi membro do Conselho Federal de Educação de 1962 a 1976, quando idealizou a Lei de Diretrizes e Bases nº 5.692/1971, e um dos principais autores do projeto da Reforma Universitária de 1968 e também co-fundador da Universidade de Brasília (UNB). www.helb.org.br

Como não obteve resposta do ofício 153/64, em 31 de agosto de 1964 enviou o ofício 155/64 (Anexo 31), no qual relata que após ouvir o relato verbal de uma comissão de alunos do IMF que tinham se reunido com o Reitor, foi informado pelos mesmos que a reitoria da UFG

(...) teria recebido instruções formais do senhor Ministro da Educação no sentido de serem extintos todos os órgãos da UFG não previstos em lei, entre os quais se inclui o Instituto de Matemática e Física. Fui informado, outrossim, de fonte insuspeita, que no remanejamento orçamentário que ora se processa, bem como na previsão orçamentária de 1965, já elaborada, não tomou conhecimento da existência do IMF. (...) Se a criação e as dotações do IMF não se cingiram às normas legais, cumpre, sem dúvida, fixar responsabilidades e corrigir irregularidades e erros cometidos. Mas, a simples dissolução do IMF, por certo, não é o bastante para resolver as aperturas orçamentárias que uma administração financeira imprevidente e leviana lhe legou (OFÍCIO nº155/64, folhas 1; 2).

Nesse ofício o prof. Maurer também apresenta o ônus que o desdobramento do Instituto teria com duas Escolas, a de Engenharia e a de Filosofia, caso o IMF fosse dissolvido. Apresentou os valores detalhados em mais de um quadro comparativo e concluiu que, com a dissolução do IMF as despesas orçamentárias mensais sofreriam acréscimos na ordem de Cr\$ 3.000.000,00 (três milhões de cruzeiros), cerca de trinta por cento do valor do orçamento mensal. Reforça também a ideia de agrupamento e fusão de cadeiras afins e a centralização do ensino básico com a finalidade de economia orçamentária.

Devido às incertezas em relação ao destino e futuro do IMF, o prof. Willie Maurer dá como cumprida sua missão junto a UFG e coloca seu cargo de Diretor à disposição do Reitor Pro tempore, prof. José Martins D'Alvares, visto que Maurer foi nomeado pelo Reitor afastado prof. Colemar Natal e Silva e por deliberação do Conselho Universitário, que também deixou de existir oficialmente.

No dia 16 de setembro de 1964, o prof. Maurer encaminhou o ofício 174/64 (Anexo 27) à reitoria da UFG, no qual reiterava as informações do ofício 155/64 e também fez um relatório minucioso das condições e dificuldades que ocorreram durante a criação do IMF. Este ofício merece uma atenção especial, haja vista que nele o prof. Willie Maurer forneceu informações para que o Reitor tomasse conhecimento da realidade do Instituto, cujas informações possibilitariam uma tomada de decisão definitiva quanto ao futuro do IMF. Esse ofício contém 16 páginas, nas quais ele narra sua vinda para Goiânia, em 1963, para estruturar o IMF e as condições em que ocorreram os primeiros contatos com os professores que já se encontravam na UFG, bem como com o Conselho Universitário. Discorre também

sobre as consequências do golpe militar de 1964 e as perspectivas com o advento da intervenção federal na UFG.

No dia 24 de novembro de 1964, o prof. Jerônimo Geraldo de Queiroz foi nomeado Reitor da UFG pelo então presidente Castelo Branco³⁵. Como o Reitor Pro tempore não havia tomado a decisão de extinguir o IMF, o novo Reitor solicitou ao prof. Willie Maurer, por meio do ofício 379/64, alguns esclarecimentos sobre a situação em que se encontrava o Instituto. O mesmo foi respondido com o ofício 233/64 (Anexo 32) ao qual foi anexado as cópias dos diversos ofícios (151/64, 153/64, 155/64 e 174/64) que já haviam sido enviados ao Reitor Pro tempore, e deixa clara sua posição em favor da continuidade do IMF nos moldes propostos na sua criação.

Em 1º de dezembro de 1964, o prof. Maurer enviou à Reitoria da UFG o ofício 234/64 (Anexo 33) no qual apresentou um relatório sobre a situação em que se encontrava o IMF, destacando sua estruturação, seu funcionamento e seu futuro. Após análise desse relatório, o Reitor Jerônimo Geraldo de Queiroz apoiou a permanência do Instituto, mantendo-o diretamente ligado à Reitoria e o IMF se consolidou. Em 1972 foram construídas as instalações físicas do IMF no Campus Samambaia da UFG. O IMF se desenvolveu nos anos seguintes tendo como principal objetivo a formação do seu corpo docente.

O IMF primou pelo espírito de eficiência e modernidade de trabalho formando principalmente professores e pesquisadores para o ensino superior. Foi o efeito da dedicação do prof. Willie Maurer e também do prof. Juarez Milano. (...) graças ao trabalho desses dois “pioneiros professores de Matemática superior” em Goiás, é que temos hoje o IMF consolidado, como já disse antes, até com cursos de mestrado e doutorado em Matemática. (...) Os dois formaram uma frente através da grande experiência, tanto didática quanto administrativa de ambos, o que possibilitou consolidar o Instituto, porque desde o início não foi só como um prestador de serviço para a engenharia, mas teve personalidade própria (VENÍCIO BORGES, Entrevista 2, 2012, p. 7).

O prof. Augusto Fleury (Entrevista 6, 2012, p. 4) assevera que,

O professor Willie Maurer teve um trabalho interessantíssimo na estruturação do Instituto de Matemática e Física quando ele foi criado a partir da Escola de Engenharia, já existente. O IMF foi criado numa óptica de abrir espaços, para que os conhecimentos científicos na área de Matemática e na área de Física, tivessem “leito próprio” e não estivesse exclusivamente a serviço de um único curso, no caso o curso de Engenharia. O prof. Willie era uma pessoa extraordinária e como tal, ele executou muito bem essa tarefa e muito rapidamente o Instituto de Matemática e Física assumiu uma posição referencial.

³⁵ Humberto de Alencar Castelo Branco (1897 – 1967) foi militar e político brasileiro, primeiro presidente do governo militar instaurado pela revolução de 1964 e foi um de seus principais líderes.

Em 1986 o prof. Willie Maurer foi homenageado pela UFG em um evento promovido pelo IMF denominado “Semana do IMF – Homenagem a Willie Maurer”, realizado do período de 23 a 28 de novembro de 1986. Nesse encontro o prof. Juarez Milano elaborou um documento em comemoração aos 23 anos de existência do IMF que foi distribuído aos participantes do evento.



Figura 51: Folder de divulgação da Semana do IMF da UFG
Fonte: Acervo nosso – fevereiro/2012

No dia 05 de setembro de 1996 o Instituto de Matemática e Física foi desmembrado nos Institutos de Matemática e Estatística (IME), Instituto de Física (IF), e o Instituto de Informática (INF).

5.2.2. Atuação no MAF da PUC Goiás

Ao ser contratado pela PUC Goiás, já existiam expectativas por parte das pessoas que articularam a vinda do prof. Willie Maurer para Goiânia. Segundo o prof. Augusto Fleury, pessoa responsável pelo convite ao prof. Maurer para trabalhar no MAF,

Se fazia necessária uma orientação adicional, experiente, robusta, consistente, fruto de muita reflexão, para que o Departamento de Matemática e Física (MAF) tivesse ganhos, desenvolvimentos e acredito que ele, nos anos que esteve aqui, emprestou essa contribuição. (...) Eu vejo o prof. Willie, como uma pessoa dotada de uma inata disposição para missões, acredito que ele se autogovernava com objetivos e fazia isso de uma forma suave, agradável, receptiva e eu acho que alcançava resultados, porque ele formava um conjunto consistente e convincente. Eu o via assim, era difícil aproximar do prof. Willie Maurer sem sair com uma “boa pitada” de admiração (Entrevista 6, 2012, p. 6).

O prof. Willie Maurer foi contratado para lecionar no Curso de Licenciatura em Matemática, principalmente com disciplinas do final do curso, tais como Matemática Aplicada II e Análise Matemática II. Na disciplina de Análise Matemática ele procurava trabalhar com os alunos a questão das demonstrações, que segundo ele, “nosso aluno não estava preparado para demonstrar nada e não conseguia escrever nada na linguagem Matemática” (LUIZ DE GONZAGA, Entrevista 3, 2012, p. 7).

Sua atuação no MAF não se limitou apenas à atividade docente, conforme relatos de pessoas que conviveram com ele na época.

Para a UCG naquele momento foi assim um fato extraordinário a contratação de um professor com aquele gabarito. Foi assim muito forte, teve um impacto bastante positivo dentro do departamento. (...) A contratação dele, na minha interpretação, foi para movimentar o MAF, ou seja, reoxigenar o departamento e motivar os professores que lá atuavam. E pelo que me lembro era só para os cursos Matemática e Física que ele trabalhava, ele não trabalhava para outros cursos e sua atuação era quase que exclusivamente com a formação de professores mesmo. (...) O curso de Matemática da UCG é um dos mais antigos do Centro Oeste e naquele momento passava por crises seríssimas. O quadro de professores deixava a desejar porque devido aos baixos salários e então ele foi contratado para dar uma “sacudida” e sou convicto que isso ele fez e bem. O tempo que ele esteve lá foram significativos, os professores mais jovens que conviveram com ele perceberam que precisava movimentar, fazer alguma coisa e acima de tudo precisava estudar (ADELINO PIMENTA, Entrevista 4, 2012, p. 4; 7).

Para o prof. Luiz de Gonzaga, o prof. Willie Maurer se transformou em um orientador dos alunos que estavam prestes a iniciar o exercício da docência, dos próprios professores que trabalhavam no MAF e, inclusive, de alguns professores da UFG que o procuravam.

(...) solicitamos à administração da universidade um espaço para abrigar o prof. Willie Maurer e construímos uma salinha para ele na antiga sala dos professores do departamento, ao lado da sala do diretor, a qual passamos chamar “salinha do prof. Willie”. (...) Foi inegável a dimensão que o departamento tomou com a presença do prof. Willie, porque ele era uma pessoa de renome nacional. Então, a presença dele no MAF valorizou muito o departamento dentro da estrutura da universidade. Ele deu ao MAF uma “cor diferente”. O prof. Willie foi contratado na UCG para trabalhar na licenciatura, na formação de professores de Matemática e de Física (Entrevista 3, 2012, p. 8)

Ainda, segundo entrevista do prof. Luiz de Gonzaga, apesar de solicitações feitas por outros Departamentos, também interessados em suas contribuições, o prof. Maurer trabalhou exclusivamente no MAF, especialmente no projeto da reforma curricular das licenciaturas de Matemática e da Física.

O prof. Willie, naquela época, era visto e considerado por todos no MAF, como se ele fosse um “dicionário vivo” disponível para a gente ir tirar dúvidas. Tudo que queríamos saber, principalmente sobre Física, Estatística e Matemática íamos a sua procura para tirar as dúvidas e o prof. Willie se tornou o ponto de referência de “todo mundo”. (...) O prof. Willie era muito zeloso com o nível e a qualidade das aulas dos professores do MAF (ARMANDO PAULINO, Entrevista 7, 2012, p. 7).

O prof. Maurer recebeu duas homenagens na PUC Goiás, sendo a primeira por ocasião de um encontro de Matemática, em 1985, que recebeu seu nome e nessa mesma oportunidade a sala dos professores do MAF recebeu o nome de sala prof. Willie Maurer.

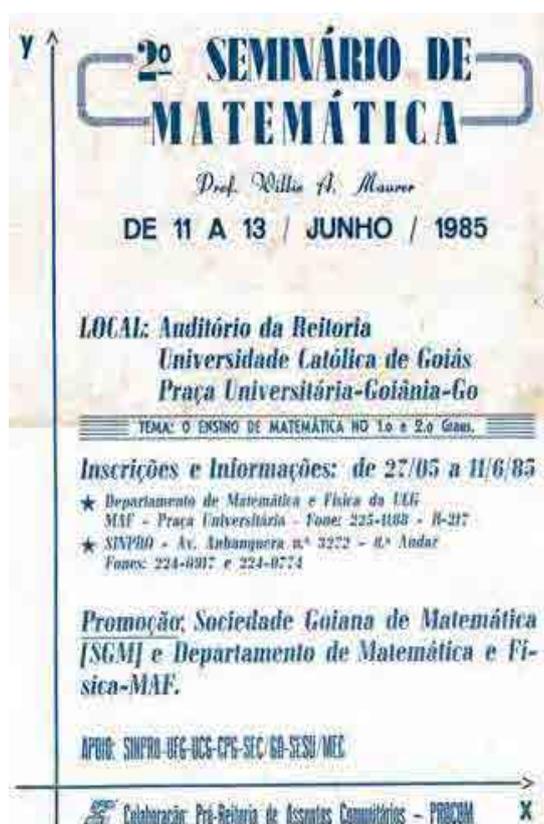


Figura 52: Cartaz do 2º Seminário de Matemática prof. Willie A. Maurer da PUC Goiás
Fonte: Acervo nosso – fevereiro/2012

A segunda foi de Professor Emérito em 1991, circunstância em que ele apresentou o seminário da História do Sino Mudo, evento bastante prestigiado pela comunidade universitária goiana.

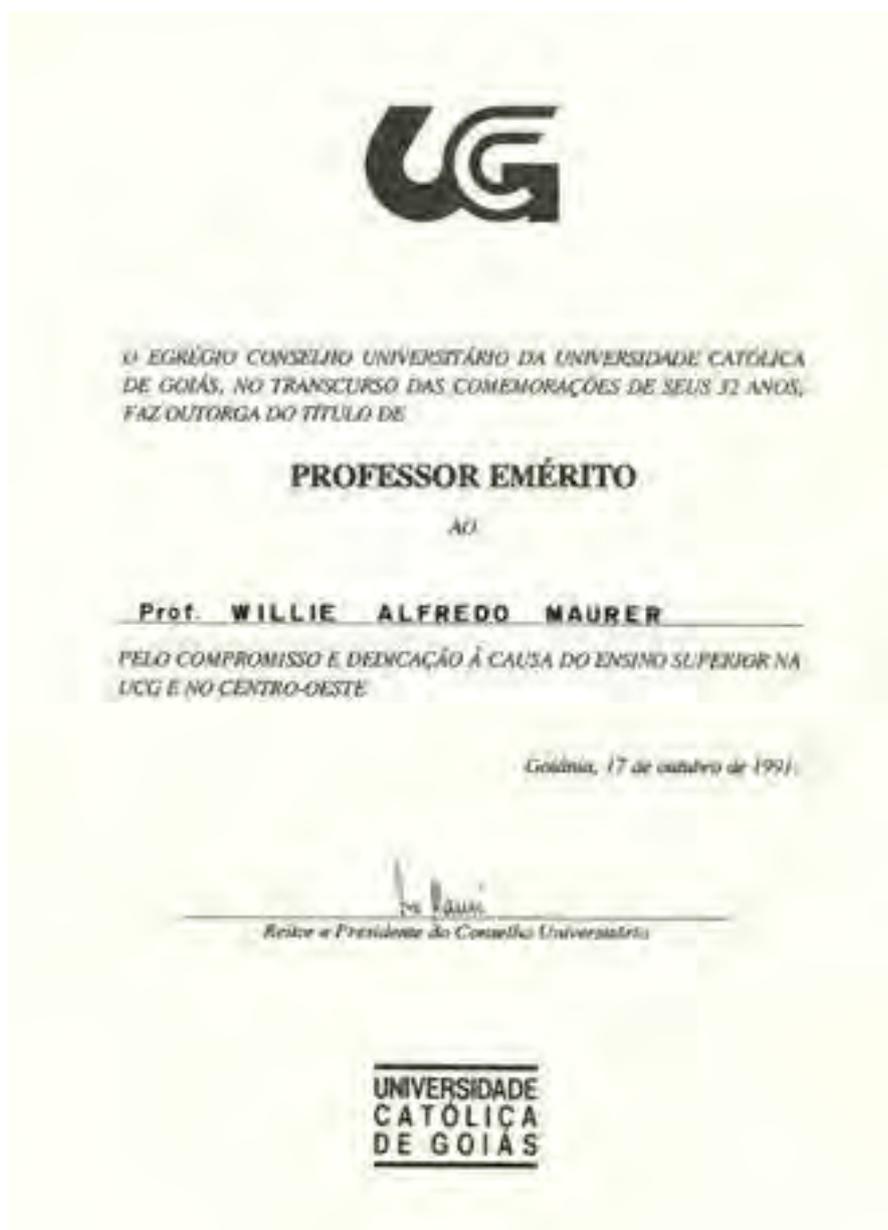


Figura 53: Título de Professor Emérito
Fonte: Acervo nosso – fevereiro/2012

Conforme Entrevista 3, (2012) o prof. Luiz de Gonzaga afirma que o prof. Maurer contou, pela primeira vez, a História do Sino Mudo em uma aula da saudade, quando ainda trabalhava na PUC Goiás, e que posteriormente deu origem ao seminário: a História do Sino Mudo contada Matematicamente.



Figura 54: Aula da Saudade da turma de formandos em Licenciatura em Matemática da PUC Goiás, em julho 1986.
Fonte: fotografia cedida pela profa. Bercholina H. Alves.

Nesse seminário, além de contar a história ele apresentou, em detalhes, as contas e resolveu as equações Matemáticas. Um dos alunos que assistiu o seminário adquiriu o autógrafo do prof. Willie Maurer.

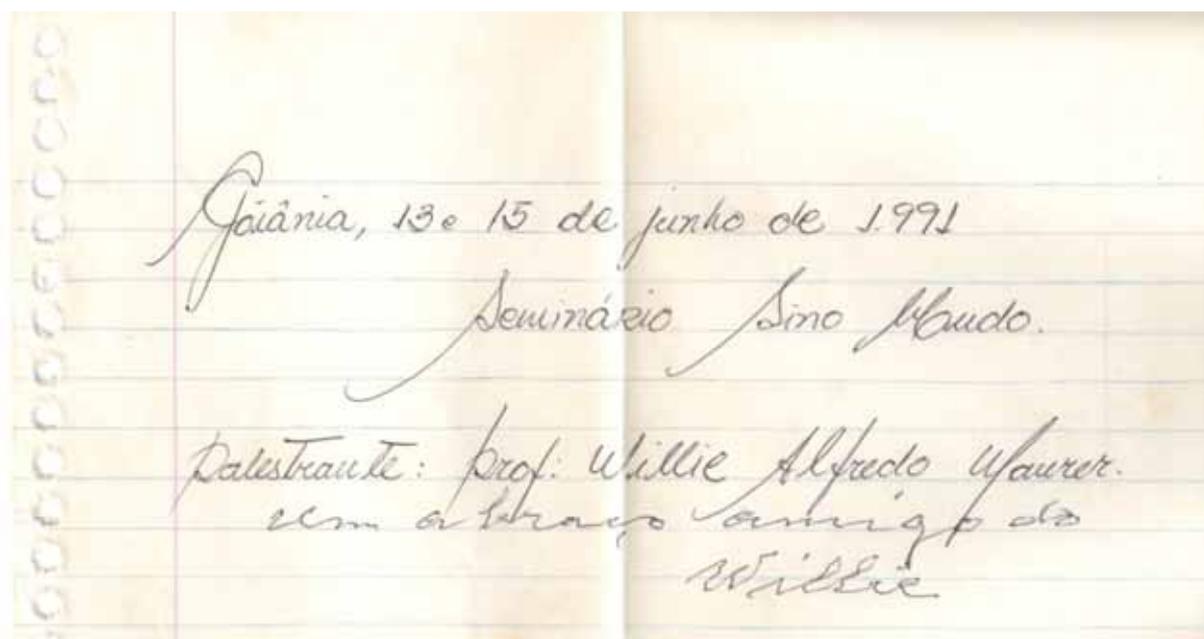


Figura 55: Autógrafo concedido no seminário "A História do Sino Mudo"
Fonte: Cedido pelo prof. Maxwell Gonçalves Araújo – fevereiro/2012

Para a profa. Maria Angélica (Entrevista 5, 2012, 2012, p. 8), “foi uma das maiores tensões que eu passei. Eu pensava: ele não vai conseguir terminar esse tanto de conta, mesmo com muita dificuldade ele conseguiu e foi um sucesso”.

A atuação do prof. Willie Maurer como professor também merece destaques e para fazê-los recorrer-se-á aos depoimentos fornecidos pelas entrevistas realizadas com pessoas que conviveram com ele como colega ou aluno.

Lembro-me de um episódio que talvez mostre um pouco do humor do prof. Willie em sala de aula, que foi o seguinte: num determinado dia durante uma aula de cálculo sobre convergência de seqüências ele afirmou “o sujeito não pode ser muito afoito ao falar sobre convergência de seqüências com base em 1, 2 ou 3 termos”, ou seja, você não pode ainda intuir a forma do termo geral. E deu um exemplo onde a seqüência mantinha o mesmo padrão até o terceiro termo, mas o quarto termo era diferente, deu outro onde no quinto diferia dos anteriores e foi dando exemplos até o sexto termo e parou. Aí um aluno perguntou: “professor e se... o sétimo termo for diferente?” Nesse momento o professor Willie calmamente disse: “olha, com a idade que eu tenho, nunca vi uma”...(risos). (...) Eu acredito que o professor Willie Maurer acabou por formar um tipo de escola, porque muitos professores de Matemática foram “moldados” em seu estilo, ou seja, pelo modo do professor Maurer ensinar e escrever. Eu mesmo absorvi muito do seu estilo ao escrever textos de Matemática (VENÍCIO BORGES, Entrevista 2, 2012, p. 5).

Em relação às atividades acadêmicas, o prof. Luiz de Gonzaga (Entrevista 3, 2012, p. 12) relata que

Um dia ele me mostrou uma prova que ele tinha aplicado e já tinha corrigido. Ele resolveu me mostrar para reforçar uma afirmação que sempre dizia: “o nosso aluno não sabe escrever Matemática”, era incrível, ele fazia anotações em vermelho e essa prova estava inteirinha rabiscada por ele. Quero dizer, ele refazia a prova em cima da prova do aluno. Eu tenho a impressão que ele gastava horas e horas para corrigir as provas devido ao seu elevado grau de exigência.

De acordo com a profa. Maria Angélica (Entrevista 5, 2012, p. 5), ele defendia a ideia de que se devia

(...) dar mais atenção aos “mais fracos”; nisso ele insistia muito e dizia sempre “dar aulas para os bons é muito fácil, você tem que se dedicar aos mais fracos”. O prof. Willie afirmava sempre que para ser um bom professor: “a primeira coisa é saber conduzir um aluno para que ele aprenda de fato, para que ele entenda de fato e não ficar demonstrando conhecimento para meia dúzia de gente”. Essa era uma característica muito forte do Willie, ele era uma pessoa muito doce, mas ao mesmo tempo muito enérgico e disciplinado.

Como aluna do prof. Willie Maurer na PUC Goiás, a profa. Bercholina H. Alves (Entrevista 11, 2012, p. 3; 5; 6; 7) declara que

O prof. Willie Maurer era uma pessoa que entendia não só de Matemática, parecia que sabia de tudo um pouco. (...) O quadro dele era perfeito, mesmo já estando um pouco trêmulo. Ele era muito calmo e de uma clareza espantosa. Ele ia escrevendo no quadro e explicando pausadamente e no final ele marcava os exercícios do livro que ele estava usando. Os exercícios que não conseguíamos resolver, íamos à sua procura e ele

ajudava ou indicava o caminho, dava sugestões e se mesmo assim não conseguíssemos resolver, ele resolvia no quadro para todo mundo ver. No final das aulas ele ficava tirando dúvidas, passava do horário fazendo exercícios no quadro até o aluno entender. (...) ele era uma pessoa dotada de enorme conhecimento e o interessante é que ele conseguia descer ao nível do aluno. O aluno conseguia perceber para que servia a teoria Matemática que estava sendo estudada, principalmente por causa dos exemplos que ele utilizava. A maneira que ele ia desenvolvendo a teoria era diferente, porque ele tinha uma tranquilidade, uma calma nas exposições. (...) ele tinha uma alegria contagiante durante suas aulas. A postura dele era muito correta, o semblante sempre alegre, ele ficava muito feliz na sala de aula. (...) Uma coisa que eu achava muito interessante era quando ele terminava de fazer uma demonstração ele suspirava de alegria, mesmo com toda sua experiência, ele vibrava internamente, parecia que era a primeira vez que ele estava fazendo aquilo. O seu entusiasmo era algo que o tornava tão diferente dos demais professores. (...) Eu, por exemplo, aprendi muito com ele. Eu ficava observando sua postura e suas atitudes na sala de aula.

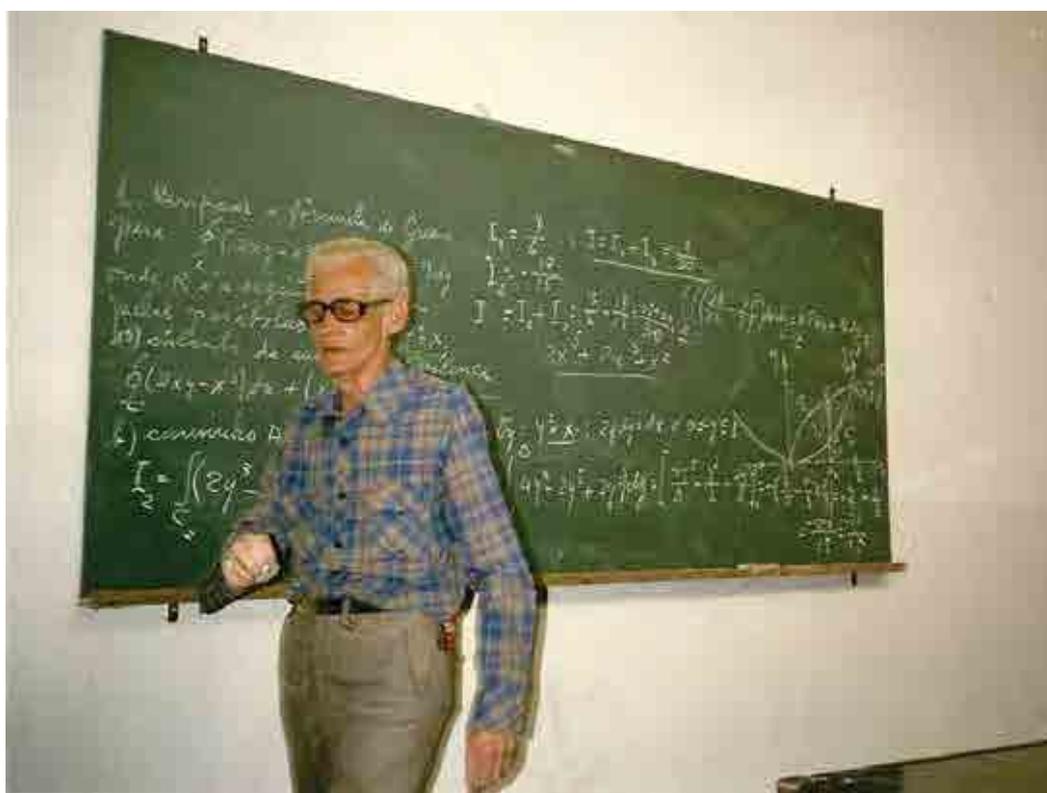


Figura 56: Prof. Willie Maurer em sala de aula - setembro de 1986
Fonte: Cedida pelo prof. Clarimar José Coelho / PUC Goiás – agosto/2013

Outra característica apontada pela profa. Bercholina Alves era o respeito e a calma que o prof. Maurer tinha diante de algumas situações em sala de aula, tal como quando um aluno fazia uma pergunta sem sentido

(...) ele ficava se recompondo para não dar uma má resposta para aquele aluno. Eu nunca o vi maltratar ou dar uma má resposta em nenhum aluno. Às vezes ele parava, passava mão no pescoço, falava assim “é... vamos ver”, de vez em quando fazia uma brincadeira, dava uma risadinha para tentar amenizar a situação, mas de forma alguma maltratava o aluno. O

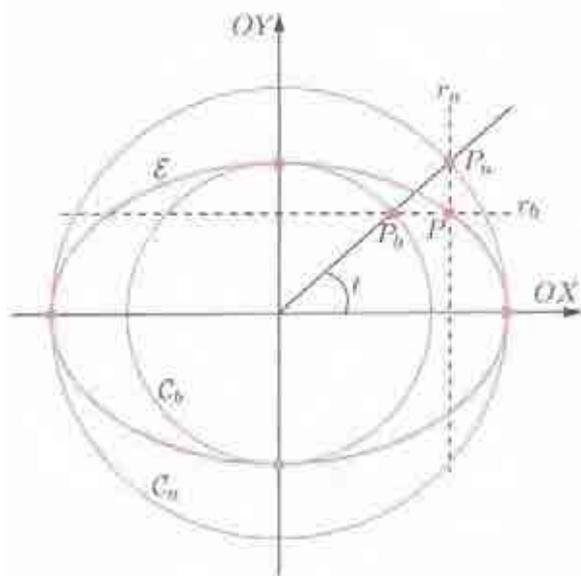
prof. Willie tinha muita paciência, nunca distrajava o aluno e também nunca demonstrava estar nervoso (Entrevista 11, 2012, p. 5).

Todos os professores do MAF, que foram entrevistados, ressaltaram que, dentre as qualidades que o prof. Maurer tinha, destacavam-se a disposição e a vontade de servir. Estava sempre pronto para ajudar. O prof. Armando Paulino (Entrevista 7, 2012, p. 2; 3; 5) ressalta um fato que jamais se esqueceu:

Em uma aula de Cálculo II, mostrei como calcular o comprimento de um arco usando integral e coloquei como exemplo o comprimento de arco da elipse e claro, me dei mal. Primeiro porque não consegui parametrizar a elipse, pensava que conseguia e segundo não conseguindo, peguei uma forma cartesiana mesmo, “dei com os burros n’agua com a integral”. Terminei a aula e fui atrás dele, nessa época o prof. Willie tinha uma “salinha” dentro do MAF. (...) Eu fui fazer as contas para ele lá no dia e ele só me deixando fazer... e falou: “vamos ver até onde que ele vai”, e parei na

integral: $\int \sqrt{\frac{a^2 - e^2 x^2}{a^2 - x^2}} dx$ e ele disse: “pois é Armando, agora você caiu

numa integral elíptica”. Falei: o que que é isso? E ele foi contar: “é um grupo de integrais que você não resolve algebricamente, só por métodos numéricos e a origem desse nome é exatamente por causa desse problema do comprimento do arco da elipse”. (...) Aí perguntei para ele: professor como é que parametriza uma Elipse? O que é o parâmetro? Aí ele fez esta construção “bonitinha” aqui, que guardo até hoje.



Então ele disse assim: Armando, primeiro você esboça no plano xy a elipse de equação $\frac{x^2}{a^2} + \frac{y^2}{b^2} = 1$. Tome um ponto $P(x, y)$ na elipse e sobre ele trace a reta r_b paralela ao eixo x e r_a paralela ao eixo y . Agora trace duas circunferências, uma C_a de raio “ a ”, a outra C_b de raio b , ambas centradas na origem. Marque o ponto P_a de abscissa x na interseção da reta r_a com a circunferência de raio “ a ”, analogamente o

ponto P_b de ordenada y com a reta r_b . Como P_a pertence a circunferência C_a , suas coordenadas em função do ângulo t em radianos, no sentido anti-horário, como eixo “ x ” podem ser escritas como $P_a(a \cos t, a \sin t)$. Analogamente, P_b pertence a circunferência C_b e então $P_b(b \cos t, b \sin t)$. Então, como o ponto $P(x, y)$ tem a mesma abscissa do ponto P_a e a mesma ordenada do ponto P_b , ele pode ser escrito como $P(a \cos t, b \sin t)$ que pertence à elipse $\varepsilon: \frac{x^2}{a^2} + \frac{y^2}{b^2} = 1$.

$$\text{Portanto, } \varepsilon: \begin{cases} x = a \cos t \\ y = b \sin t \end{cases}, \quad t \in [0, 2\pi]$$

Ainda de acordo com o prof. Armando “ele expunha o assunto de uma maneira cadenciada, sua didática ao abordar temas de Matemática era diferente, tinha uma clareza e uma leveza própria. (...) Ele enriqueceu e deixou marcas no MAF, no meu caso, por exemplo, jamais esqueci a parametrização da Elipse” (Entrevista 7, 2012, p. 11; 15).

Na época, nós do MAF, tínhamos vamos dizer assim, até um certo orgulho em saber que existia entre nós um professor do “naipe” do prof. Willie Maurer. Realmente na época foi muito bom, o departamento cresceu muito com a presença dele e a universidade também (VALDEMAR LOPES, Entrevista 7, 2012, p. 15).

Na opinião da profa. Bercholina, o professor Maurer era um educador nato e

(...) quando ele encerrou suas atividades aqui na PUC Goiás, fiquei com uma sensação de insegurança muito grande, porque perdemos uma pessoa que podia nos auxiliar em tudo. No meu entendimento a passagem dele pela PUC Goiás foi extremamente positiva, principalmente no aspecto de formação de professores de Matemática, uma vez que ele atuou diretamente ministrando disciplinas por vários anos aqui no MAF e isso, indiretamente, acabou atingindo outras instituições do nosso Estado (Entrevista 11, 2012, p. 8).

Outra grande contribuição do prof. Willie Maurer para o ensino e aprendizagem da Matemática foram seus livros, principalmente os de Cálculo.

Quando entrei na graduação, na década de 1970, tive um pouco de dificuldade porque eram adotados alguns livros em língua estrangeira. (...) os alunos usavam os livros do professor Willie Maurer como referência, isso quando não eram adotados. (...) É inquestionável a marca que ele deixou no ensino de Goiás, principalmente pelos seus livros, que até hoje são usados como referência. Ele formou adeptos de ensino e incentivava pessoas que tinham interesse em pesquisa (VENÍCIO BORGES, Entrevista 2, 2012, p. 5; 6).

O prof. Armando Paulino afirma que, quando estudou na UFG, “eu usava muito a biblioteca de lá e os livros dele foram meu suporte na área de cálculo. (...)

Eu usei muito o de Cálculo I, Cálculo II e Equações Diferenciais. (...) Mantinha o rigor matemático e eram muito bem escritos” (Entrevista 7, 2012, p. 8; 12; 13)

Quando eu fiz o curso de Matemática na Universidade Católica, eu também usei basicamente os livros dele, aqueles quatro volumes de cálculo. (...) Eu sempre gostei de adotar os livros do prof. Willie nos cursos de Cálculo e Equações Diferenciais. A dificuldade que a gente tinha era exatamente fazer com que o aluno adquirisse o exemplar, porque na época eles não eram mais publicados e não era muito fácil encontrá-los no mercado (VALDEMAR LOPES, Entrevista 7, 2012, p. 8; 13).

Apesar de não ocupar cargo de destaque na PUC Goiás, o prof. Willie Maurer deixou sua marca como um grande educador ao trabalhar diretamente com a formação de futuros professores.



Figura 57: Prof. Willie Maurer reunido com colegas de trabalho e alunos do Curso de Licenciatura em Matemática – PUC-Goiás - março de 1986

Fonte: Cedidas pelo prof. Clarimar José Coelho / PUC Goiás – agosto/2013

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo reconstituir a história de vida de Willie Maurer e suas contribuições para o ensino de Matemática no Brasil. Convicto da dificuldade ou mesmo da impossibilidade de ressuscitar o passado, ousamos fazer essa reconstituição ancorado em fontes escritas e orais, tais como autobiografia, documentos pessoais e institucionais, e depoimentos de pessoas que conviveram com ele.

As entrevistas realizadas forneceram informações indispensáveis à pesquisa, complementaram e enriqueceram os dados e informações contidas nos documentos escritos, o que possibilitou atingir os objetivos propostos da forma mais fidedigna possível.

Durante a realização da pesquisa foi possível fazer o resgate de dois livros, não publicados, escritos pelo prof. Willie Maurer, e que certamente constituem fontes preciosas para pesquisas futuras.

A localização dos livros que integravam a biblioteca de uso pessoal do prof. Maurer, possibilitou localizar o endereço dos seus familiares em São Paulo, e o agrupamento desses livros, que se encontravam parte na UFG e parte na PUC Goiás formou a coleção prof. Willie A. Maurer, que conta com obras raras, e hoje encontra disponível para pesquisa na biblioteca central da UFG.

Ao perscrutar a vida do prof. Willie Maurer, constatamos ter sido ele autodidata, pois na maior parte de sua vida acadêmica não seguiu os cursos regulares da época, o que não o impediu de se tornar um grande professor e educador da ciência Matemática, merecendo o respeito e admiração de todos os que o conheceram.

O prof. Willie Maurer, ficou claro, não se prendia a bens materiais, não tinha ambições políticas nem interesse em ocupar cargos importantes. Entretanto, desempenhou funções de destaque por onde passou, graças à sua competência e capacidade profissional. Sempre trabalhou com o pensamento de melhorar o ensino da Matemática e da Física, visando ao desenvolvimento científico e tecnológico do país. “São os professores mais do que qualquer outro profissional que devem fazer da perfeição um lema e da autocrítica uma norma” (Maurer).

A pesquisa também revelou que o prof. Willie Maurer escreveu livros de Matemática em vários níveis de ensino. Verificamos que a coleção de Cálculo

Diferencial e Integral, publicado em 1967, merece destaque especial por surgir em uma época em que havia no Brasil uma grande carência de livros sobre o assunto na língua portuguesa. Também foi possível constatar que esses livros encontram-se espalhados por todo o país, principalmente nas bibliotecas das instituições públicas do Brasil. As pessoas entrevistadas que utilizaram os livros de Cálculo do prof. Maurer, quer como alunos ou como professores, foram unânimes ao afirmar que a exposição dos conteúdos era feita de forma a permitir que o principiante no assunto conseguisse entendê-los de fato, pois a abordagem apesar de contemplar o rigor da Matemática, era feita de modo simples e objetiva. O diferencial de seus livros é a grande quantidade de exemplos criativos e bem elaborados para mostrar aplicações práticas dos tópicos abordados.

Outra evidência da pesquisa foram as inúmeras contribuições do prof. Willie Maurer para o desenvolvimento do ensino da Matemática no Brasil, de modo significativo nos Estados de São Paulo e Goiás. Ele participou ativamente da criação da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo, onde trabalhou por mais de trinta anos, sempre dedicado à melhoria do ensino de Matemática e Física.

Nas vezes em que foi diretor da FFCL da Universidade Mackenzie conseguiu, por iniciativa própria, instalar um laboratório de Física, com equipamentos didáticos e também apoiou a iniciativa do prof. Osvaldo Sangiorgi de criar o Grupo de Estudos do Ensino da Matemática de São Paulo. Por ter um espírito empreendedor, outra de suas ações na Universidade Mackenzie foi o incentivo e apoio à criação do GRAM, mais tarde transformado no Centro de Rádio Astronomia e Astrofísica Mackenzie, até hoje atuante e reconhecido pela comunidade científica ligada à área, que inclusive oferece curso de pós-graduação em nível de mestrado e doutorado.

No Estado de Goiás, a atuação profissional do prof. Maurer ocorreu em dois momentos: na criação e consolidação do Instituto de Matemática e Física da UFG e na PUC Goiás. Em relação a criação do IMF, apesar das dificuldades por ele enfrentadas, graças à sua determinação e competência, conseguiu consolidá-lo em plena crise política que assolava o Brasil com o golpe militar de 1964. O passo seguinte foi a constituição do primeiro corpo docente do IMF. O prof. Maurer conseguiu levar grandes profissionais para Goiás e os mesmos foram responsáveis pela formação dos futuros professores, priorizando a qualificação dos naturais de Goiás e tornando o IMF um referencial nas áreas de Matemática e Física da região

Centro-Oeste, oferecendo inclusive cursos de mestrado e doutorado. O IMF foi e é o núcleo da comunidade acadêmica de matemáticos goianos.

Incontestavelmente a consolidação do IMF foi fruto da persistência, dedicação e convicção de um grupo de professores que tinham como líder o experiente e idealista prof. Willie Maurer, detentor de posições fortes e coerentes. Mesmo com todas as dificuldades que encontrou não desistiu da sua missão junto a UFG.

Na PUC Goiás, sua atuação foi basicamente a de professor, educador e orientador de futuros professores de Matemática e Física. A presença do prof. Willie Maurer no Departamento de Matemática foi responsável pela motivação dos demais professores em continuar aprimorando seus conhecimentos e conseqüentemente a qualidade de suas aulas. Sua postura e atitudes tanto em sala de aula como fora dela se tornaram referência para vários professores que com ele conviveram.

Vale destacar que ele, enquanto professor e educador sempre teve a preocupação com os alunos que apresentavam maior dificuldades com a aprendizagem, e na busca de soluções apresentava exemplos práticos do dia a dia ligados ao conteúdo em estudo. Desse modo o aluno conseguia perceber para que servia a teoria Matemática que estava sendo estudada. Em sua opinião, “para ser um bom professor: a primeira coisa é saber conduzir um aluno para que ele aprenda de fato, para que ele entenda de fato e não ficar demonstrando conhecimento para meia dúzia de gente” (Maria Angélica, Entrevista 5, 2012, p. 5).

Na concepção do prof. Maurer como educador, o objetivo principal da educação deveria priorizar, acima de tudo, a “formação da personalidade, a aquisição de conhecimentos e hábitos que revertam em benefício da coletividade. (...) pesquisa e planejamento, educação e construção” não devem seguir uma estrutura importada nos moldes de países desenvolvidos e sim serem planejadas conforme a realidade brasileira.

No Brasil, o sistema de ensino, em todos os níveis, continua alheio à realidade, e só teremos uma educação autêntica, genuinamente brasileira

(...) quando, libertados da mística dos paradigmas importados e dos preconceitos dos padrões rígidos e intangíveis, fizemos do Homem, em toda sua plenitude, o objeto e o objetivo do ensino em geral e da universidade em particular, visando aperfeiçoar as aptidões de modo que venha a fazer melhor aquilo que já está fazendo. (...) A realidade brasileira não é um ente metafísico, alheio ao homem, suas características passadas, presentes e futuras são a obra e o fruto do homem em ação (MAURER, Folha de São Paulo, 1967).

Quando apresentamos a relação de Droysen (cf. LORIGA, 2011, p. 14) em que $A = a + x$, e afirmamos que daríamos ênfase ao pequeno x , não tínhamos noção de sua dimensão. Com o aprofundamento da pesquisa concluímos que a grandiosidade desse “pequeno” x deve-se às suas contribuições ao ensino e desenvolvimento da Matemática no Brasil, aos livros, artigos e aos inúmeros discursos proferidos nos locais por onde atuou e, principalmente, por ter sido um grande educador durante toda a sua atuação profissional.

Compreendemos que o prof. Willie Maurer, mesmo sem conhecer os princípios que norteiam a Educação Matemática de hoje, já os seguia e praticava, por isso o consideramos como um dos pioneiros da Educação Matemática no Brasil, e que esse trabalho represente, ainda que tardiamente, uma justa homenagem como reconhecimento do grandioso trabalho em prol do desenvolvimento do ensino da Matemática no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERT, Verena. *Manual de historia oral*. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- BACELLAR, Carlos. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2011.
- BARONI, R. L. S.; TEIXEIRA, M. V.; NOBRE, S. R. A investigação científica em história da Matemática e suas relações com o programa de pós-graduação em educação Matemática. In: BICUDO, M. A. V; BORBA, M. C. *Educação Matemática: pesquisa em movimento*. São Paulo: Cortez, 2004.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. Características da investigação qualitativa. In: *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.
- BURKE, Peter. História como memória social. In: *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- _____. *O que é história cultural*. 2ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- _____. *Historia e teoria social*. São Paulo: UNESP, 2002.
- _____. *A revolução francesa da historiografia: a escola dos Annales (1929-1989)*. São Paulo: UNESP, 1991.
- CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- CHIZOTTI, A. *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. São Paulo: Cortez, 1991.
- CUNHA, Maria Tereza. Diários pessoais: territórios abertos para a história. In: PINSKY, Carla Barssanezi; LUCA, Tânia Regina de. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.
- DEL PRIORE, M. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. *Revista Topoi*. Rio de Janeiro, v.10, n.19, jul-dez. 2009.

DESLAURIERS, Jean-Pierre; KERISIT, Michele. O delineamento da pesquisa. In: *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2010.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

_____. *A História*. 1 ed. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). *O método (auto) biográfico e a formação*. Lisboa: Ministério da Saúde. Depart. de Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988.

Jornal Folha da Manhã. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br> .

Jornal Folha de São Paulo. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br> .

GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Rio de Janeiro/Lisboa: Bertrand/ Difel, 1991.

GOMES, Luiz Claudio Gonçalves. A história da educação através de imagens complementares: vários espelhos de um mesmo objeto. In: *Revista Vertices*. Ano 5, nº 2, maio/ago., 2003.

GOLDEMBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

KARNAL, Leandro; TATSCH, Flávia Galli. Documento e história: a memória evanescente. In: PINSKY, Carla Barssanezi; LUCA, Tânia Regina de. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

LIMA, Solange Ferraz de Lima; CARVALHO, Vânia Carneiro de. Fotografias: usos sociais e historiográficos. In: PINSKY, Carla Barssanezi; LUCA, Tânia Regina de. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

LORIGA, Sabina. *O pequeno X: da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. *O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 2.ed., São Paulo: Hucitec/ Abrasco, 1993.

POUPART, Jean. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2010.

NAPOLITANO, Marcos. Fontes audiovisuais: a história depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2011.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

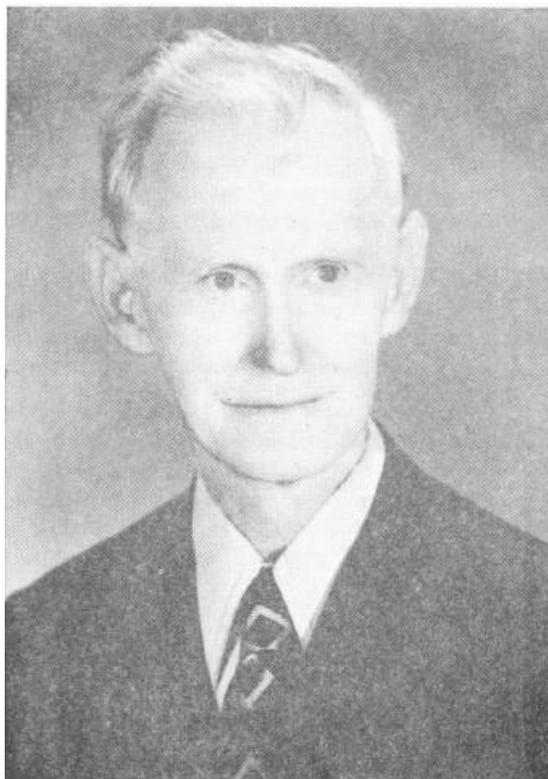
ROMANELLI, Geraldo. A entrevista antropológica: troca e alteridade. In: ROMANELLI, G.; BIAZOLI-ALVIS, Z. (orgs.). *Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa*. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1998.

ROSA, M. V. F. P. C.; ARNOLDI, M. A. G. C. *A entrevista qualitativa: mecanismos para validação dos resultados*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SILVA, Helenice Rodrigues da. "Rememoração"/comemoração: as utilizações sociais da memória. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, n. 44, p.425-438, 2002.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

APÊNDICE



Theodoro Henrique Maurer Junior.
Fonte: seer.fclar.unesp.br/alfa/article.
Acessado em 24/09/2012

Theodoro Henrique Maurer Junior nasceu na Colônia Suíça "Campos Sales", estabelecida em Cosmópolis-SP, em 13 de maio de 1906, filho de Henrique Maurer e Rosette Maurer, que vieram de Zurique na Suíça, para o Brasil em 1898. Passou a infância até os cinco anos no interior dos Estados Unidos da América do Norte, para onde seus pais se transferiram temporariamente.

De volta ao Brasil, foram residir em Rebouças, hoje Sumaré-SP, onde ele viveu dos 5 aos 15 anos e realizou os estudos primários. Os secundários foram feitos como autodidata, em Campinas-SP, enquanto se preparava para prestar os exames das disciplinas ginasiais com o objetivo de ingressar no Seminário Teológico Presbiteriano de Campinas, no qual fez Cursos Teológicos de 1925 a 1928. Na época que estudava como autodidata fez anotações a lápis nas edições escolares das obras de Cícero, Vergílio, Horácio e Ovídio, edições essas que provavelmente serviram e ainda servirão de inspiração para futuros estudantes de Latim.

Casou-se em Campinas no dia 24 de junho de 1931, com Maria Branca Vogel, filha do Prof. Henrique Vogel e de D. Eduarda Andrade Vogel, indo residir em Franca-SP, onde era Pastor da Igreja Presbiteriana.

De 1930 a 1934, foi professor de Inglês e de Latim na Escola Normal Livre de Franca. Em maio de 1934, prestou concurso para a cadeira de Latim do Ginásio do Estado, de Campinas, onde defendeu a tese "O Caso Ablativo (estudo sintático)", tendo sido classificado em primeiro lugar pela Comissão Examinadora. Porém, a Congregação do Ginásio, ao organizar a lista tríplice, alterou a classificação e ele não foi nomeado. Transferiu-se então para São Paulo, onde se dedicou ao ensino secundário.

De 1935 a 1938, foi professor de Latim e Português no Ginásio do Instituto Presbiteriano Mackenzie, na cidade de São Paulo. Lecionou também Exegese do Velho e do Novo Testamento e Arqueologia Bíblica, na Faculdade de Teologia da Igreja Presbiteriana Independente e Português, Francês, Latim e Grego no Instituto José Manuel da Conceição, em Jandira-SP. Nessa época o diploma do Curso Teológico não dava direito ao aluno prestar exame de ingresso no curso superior, por isso ele se submeteu ao Exame de Madureza que permitiu que ele prestasse o vestibular em 1938 e ingressasse na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da Universidade de São Paulo (USP), onde se licenciou em Letras Clássicas e Português, em 1940.

Foi professor de Grego no Colégio Oswaldo Cruz, de 1943 a 1945 e de Filosofia e Lógica na Faculdade de Teologia da Igreja Metodista do Brasil, de 1944 a 1952. Após licenciar-se na USP ingressou nessa instituição como Professor Assistente de Grego e de Latim. Doutorou-se em Latim em 1944, tendo defendido a tese "A Morfologia e a Sintaxe do Genitivo Latino (estudo histórico)".

Recebeu uma bolsa da Rockefeller Foundation de Research Fellow na Universidade de Yale, durante o ano letivo de 1945-1946, onde realizou estudos de Linguística Indo-Europeia, Sânscrito e Hitita, tendo sido aluno de eminentes linguistas como Leonard Bloomfield, Franklin Edgerton e Edgard Sturtevant. Resultados desses estudos são os dois artigos que ele publicou no periódico *Language*:

1) "Unity of the Indo-European Ablaut System: The Dissyllabic Roots" (*Language*, vol. 23, 1947, p. 1-22);

2) "The Romance Conjugation in-esco (isco)/- ire" (Language, vol. 27,1951, p. 135-145).

Ao regressar da Universidade de Yale, em 1947, o prof. Theodoro Maurer foi contratado para reger a Cadeira de Filologia Românica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, tendo como assistente o professor Isaac Nicolau Salum. Na época ambos já tinham uma respeitável experiência no ensino de línguas românicas e clássicas em faculdades, cursos de teologia e também na escola secundária. Cabe observar que além do latim, do grego e das línguas românicas, Theodoro Maurer e Salum eram profundos conhecedores da Bíblia e da língua hebraica, devido à sua formação religiosa de orientação presbiteriana. Dedicou-se então aos estudos românicos, ficando também encarregado do curso de Glotología Clássica, que por sua sugestão passou a denominar-se Linguística Indo-Europeia,

Em 1951 realizou brilhantes provas no Concurso de Livre-Docência em Filologia Românica, no qual defendeu a tese "A Unidade da România Ocidental" e em 1952, submeteu-se a Concurso de Cátedra, com a tese "O Latim Vulgar: Estudo Crítico", também defendida de forma brilhante. Foi então nomeado Professor Catedrático de Filologia Românica, em Regime de Tempo Integral, quando criou o curso de Linguística Indo-Europeia, que consistia na descrição da estrutura e da evolução das línguas indo-europeias (grego, latim, sânscrito, e outras.). A partir daí, o professor Theodoro Maurer iniciou os estudos de Linguística Geral nos cursos de Especialização da FFCL da USP antes mesmo que essa disciplina se tornasse obrigatória no currículo mínimo do curso de Letras. Desde então, ficou encarregado do Curso de Linguística nos cursos de graduação e pós-graduação até se aposentar em março de 1967, quando o sucedeu o professor Salum, que permaneceu como titular da área até se aposentar também, em 1983.

Após 1967, o professor Theodoro Maurer continuou a dedicar-se aos estudos linguísticos, assim como aos estudos cooperativistas e políticos. Mesmo depois de aposentado continuou prestando excelente colaboração pela sua participação em Bancas examinadoras de teses de Doutorado e de Livre-Docência, assim como pela publicação de trabalhos de alto valor científico, tanto pelos resultados a que chegaram como pelas sugestões metodológicas indiretas e pela atitude crítica, de modéstia, seriedade e rigor.

A soma de seus estudos portugueses (*o problema da partícula apassivadora se, o do infinitivo pessoal, o do condicional românico, o do futuro do subjuntivo, o da*

crase, o do perfeito simples e composto português) representa a exploração de veios muito originais nos estudos românicos. É pena que seus trabalhos se achem esgotados e assim inacessíveis às novas gerações de estudiosos.

Passaremos agora a mencioná-los:

I - DOMÍNIO LINGUÍSTICO

1934 - *O caso Ablativo (estudo sintático)*. Franca (edição particular), 150 p.

1943 - *Perto e Varão, duas etimologias*. In.: Boletim da Sociedade de Estudos Filológicos de São Paulo, 1943, p. 70-74.

1945 - *A Voz Médio-Passiva e o Impessoal do Indo-Europeu*. In.: Boletim da Sociedade de Estudos Filológicos de São Paulo, 1945, p. 307-319.

1947 - *Unity of the Indo-European Ablaut System: the Dissyllabic Roots*. In.: Language, vol. 23, nº 1, Jan./Mar., 1947, p. 1-22.

1948 - *A Morfologia e a Sintaxe do Genitivo Latino (estudo histórico)*. São Paulo: Boletim LV da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1948, 96 p. (Tese de Doutorado).

1949 - *O Catalão, o Ibero-Romance e o Provençal*. In.: Filosofia, Ciências e Letras (órgão do Grêmio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo), nº 12, 1949, p. 11-41.

1951 - *A Unidade da România Ocidental*. São Paulo: Boletim nº 118 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1951. (Tese de Livre-Docência).

1951 - *Dois Problemas da Língua Portuguesa*. São Paulo: Boletim nº 128 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1951.

1951 - *O superlativo latino em -issimus: sua identidade original com a forma em -rimus e com o superlativo céltico*. Humanitas vol.III. Coimbra: Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1951, p. 207-214.

1951 - *The Romance Conjugation in -esco (-isco)/-ire, its origin in Vulgar Latin*. Language, vol. 27, nº 2, April/June, 1951, p. 135-145.

1953 - *A Linguística e a Gramática*. Filosofia, Ciências e Letras (órgão do Grêmio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo), nº 14, 1953, p. 5-25.

1957 - *O Emprego do Infinito Pessoal e Impessoal*. Revista Brasileira de Filologia. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, vol. 3, tomo 1, junho de 1957, p. 19-57.

1959 - *Gramática do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

1962 - *O Problema do Latim, Vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1962.

1967 - *A Origem da Locução Conjuntiva do que introdutora do segundo termo de comparação em Português, Estudos Filológicos, Homenagem a Serafim da Silva Neto*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967, p. 269-286.

1968 - *O Infinito Flexionado Português*. São Paulo: Companhia Editora Nacional em coedição com a Editora da Universidade de São Paulo, 1968.

II - OUTROS DOMÍNIOS

1950 - *O Cooperativismo: Um Ideal de Solidariedade Humana na Vida Econômica*. São Paulo: Edição particular, 1950.

1960 - *A Democracia Integral*. São Paulo: Edição particular, 1960.

____ - *Cristianismo e Cooperativismo*. São Paulo: Igreja Cristã de São Paulo, s/d.

1966 - *O Cooperativismo: Uma Economia Humana*. São Paulo: Edição particular, 1966.

1973 - *As Cooperativas de Consumo Brasileiras: Crise, Recuperação e Necessidades na Conjuntura Nacional, A Problemática Cooperativista no Desenvolvimento Econômico*. São Paulo, 1973, p. 201-234.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BLIKSTEIN, Izidoro. Maurer, Salum e a Romanística: pioneirismo, sabedoria e humildade. 1994, vol. 8, n. 22, p. 259-262. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141994000300031> Acesso em 21 de março de 2013.

ALFA: Revista de Linguística. FFCL de Marília, Departamento de Letras, vol. 18/19 1972/73, p. 6-15. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/issue/view/276> Acesso em 21 de março de 2013.

ANEXOS

Autobiografía

Willie A. Maurer

Autobiografia

Minha Vida ao Carreir da Pena

Willie Alfredo Maurer

Eu abri os olhos para o mundo em Rebouças, lugar que então pertencente ao município de Campinas (hoje Leme), Para minha desventura, eu nasci na América do Norte, por certo acaso.

Meus pais que eram originários da Suíça, vieram ao Brasil em fins do século passado e se instalaram em Cosmópolis (município de Campinas), onde o governo do Estado havia instalado uma colônia suíça. Em Cosmópolis eles nasceram os 4 filhos mais velhos. Um irmão de meu pai que emigrou para os USA, tanto insistiu que ele vendesse sua propriedade e os mandou para a América do Norte, onde eu nasci a 5 de outubro de 1903.

Meu pai já se havia afeito ao clima ameno do Brasil e não conseguiu aguentar-se ao frio americano, de modo que resolveu voltar ao Brasil certo por volta de 1911 (dizem que tinha 3 anos e pouco).

Meu pai, de volta ao Brasil não retornou a Cosmópolis, mas foi se instalar em Rebouças, onde adquiriu um lote de 30 alqueires da antiga fazenda de um tal Joaquim de Mattos, que o governo do Estado encampou e tornou a fim de formar uma colônia que foi povoada por italianos ou filhos de italianos, vindo da Joaquim Eugênio e Arciaia de Sousas (muni-

pis de Campinas).

Para nossa grande satisfação, em nossas terras estava sediada a Casa Grande, residência do fazendeiro, além de uma paiol, uma casa de colono e ~~uma~~ galinheiro e uma estabaria, tudo de tijolo. Nossa casa era a única que tinha vidraças nas janelas, coelho e forno de cozimento, além de um alpendre.

A casa era enorme, com todos os todos e cômodos. Havia mesmo uma instalação de iluminação a gás que não funcionava por falta do gás ^{em} metros. É escusado dizer que esta residência principessa era causa de não pouca inveja da parte de nossos vizinhos.

É uma coisa me causar certo desapontamento: é que o engenho de cana e o moinho de fubá com sua oficina e sua enorme roda d'água, que ficaram junto ao nosso sítio, ficou para um vizinho que transformou o engenho em fábrica de perua.

Meu desgosto provinha de uma inclinação inata pelas artes mecânicas. No mais tudo estava bem desde que eu tomei consciência dos fatos circundantes, sem que eu possa precisar com que idade isto aconteceu.

E que é certo é que cresci em um ambiente socialmente heterogêneo. Havia nas vizinhanças, além dos italianos, uma família de espanhóis, uma família de russos, um polaco, um francês, um

(2) Não posso esquecer as duas
louceiras de bambu, junto à
casa, que periodicamente
eram assaltadas por uma
nuvem de periquitos bulhêm-
tos que faziam a mesa alogria

americanos, um alemão degenerado, negro família de matutos e mesmo um gíngombo de negros, e em falar nos portugueses e turcos que moravam na vila. Só não conheci japoneses e judeos.

Em Nova Odessa, a vila mais próxima, havia uma colônia de leões batistas, refugiados da Rússia, com os quais nos relacionamos logo cedo.

Não me lembro quando meem como me tornei consciente da vida. Minha lembrança mais antiga, é a do trabalho. Às 6 horas da manhã, éramos despertados para ir ordenhar as vacas na estrebaria. Cada um de nós (os três irmãos) tinha a sua vaca a ordenhar. Naquele tempo não havia açúcar refinado. Meem ^{pai} comprava açúcar mascavo em sacos, em geral providos de bons torrões. A gente levava um torrão de açúcar à estrebaria e injetava um jacto de leite directamente da teta e o sugar-tia com gosto. Era o nosso salário. Enquanto ordenhávamos as vacas, a mãe preparava o café da manhã que era sempre acompanhado de uma mingau de fubá.

Até ao meio-dia o dia com trabalho e continuava no mesmo ritmo até à noite, porque na noite não havia trabalho.

Em, como eu sei, era o mais poupado dos meus e me tornei o menorzinho da minha família. No meu caso tinha de se-

limasão, eu ia à vila buscar a correspondência e despachar a mariteiga e os ovos que meu pai fornecia a dois freqüentes do S. Paulo. Entre outras coisas, eu tinha que pôr em um envelope o conhecimento da estrada de ferro e postal - Oconteceu uma vez que eu trocasse os conhecimentos, de modo que, um freqüente recebeu o conhecimento do outro. Podo-se imaginar a carrapana que eu recebi. Mas, o meu remorso foi maior do que a carrapana e o fato nunca mais se repetiu.

Um incidente que nunca pude esquecer, foi meu primeiro e único tombo do cavalo. O meu cavalo (o, 3^o) era passarimheiro e eu não sabia. Eu vinha em um galopado desatendido e despreocupado quando, ao passar por um beijo, um passarinho espantado levantou vôo e meu cavalo fez um rodopio de 180° e eu fui atirado às costas; felizmente caí sobre os pés, como o gato. Minha vergonha eu descarreguei no pobre cavalo. Outro incidente que me ficou na memória, ocorreu com meu velho cabriolé. Eu ia levando uma porca esquadrejado para um freqüente da vila, quando uma das rodas se desmontou. Veio meu nome a paranoia, transportou a carga e levou o cabriolé ao primeiro. Este conservou a roda e a pintou de vermelho. Com isso me trouxe de um modo que

meu cabriolé ficou com uma roda vermelha e outra sem cor. Escusado é dizer que, para meu grande desabor, meu cabriolé foi alvo da briga da garotada da vila.

Em matéria de incidentes, não me lembro mais de menhuns.

Quanto à saúde, foi sempre precária. Sofria de incontinência urinária e estava sempre resfriado. Meu aparelho digestivo era muito delicado e não podia ter uma indigestão. A mais forte foi com carne de porco, a ponto de nunca mais poder comê-la.

Lembro-me que uma vez meu pai me levou a um médico judeu em Nova Odessa (em Reboças não havia médicos). Tratou-me muito bem, mas continuei na mesma. Foi sempre um tímido e, contrariamente ao Henrique (o 2º da Trêmpa), fugia das brigas. Poderia chamar a isto de covardia, que não me incomoda. No futebol eu sempre ficava no gol, como nós dizíamos, porque não tinha fôlego para correr. Certamente uma consequência da pmerimonia que me atacou na viagem, segundo me contaram.

Minha educação foi profundamente religiosa. Meu pai era um zelo zeloso como um hereje. Não sentava à mesa das refeições sem dar graças. No café da manhã,

ele lia um trecho da Bíblia e, todas de joelhos, fazia uma oração em voz alta. Já minha mãe do outro lado do rio Perseuava e tolerante, nunca me ensinou o catolicismo, nem me pregou sermões. Seu cristianismo se limitava a certos preceitos de conduta, opondo o bem ao mal. Esta atmosfera eu me tornei profundamente religiosa, atormentado pelo temor e pela remorso.

Minha conscienciosa despertou cedo, não sei quando nem como. Sai uma vez com dois passarinhos e em ambos os casos senti remorso e nunca mais o fiz. Nós iam pescar trairas e bagres no riacho e os levávamos à mãe para ^{cozinhar} fritar. Ela se condeia dos pobres peixes e me recitava uma poesia alemã que falava do pobre peixinho pisgado no anzol. Isto bastou para me fixar o gosto da pescaria e a abandonar. - Ela nunca caça nem pesca, nunca mais.

É verdade que a gente armava armadilhas para caçar colinhos e jurutis, mas era para vender. - Era a escrevença da vila que tinha um grande viveiro onde elas continham um viveiro embocia prasas.

Em suma, minha mãe ^{foi} meu anjo da guarda que moldou a minha

consciência infantil na prática do
 bem. E no respeito à vida que
 me acompanhou ao longo de
 de toda a vida. Acomodou-se a
 contragosto aos imperativos de
 meu pai que criava porcos para
 engordar o gado em currais domésticos.
 Minha vida escolar foi aciden-
 tada e pouco profícua. Comecei ir
 à escola da vila com meus ir-
 mãos, onde, ao que me lembro, não
 aprendi nada. Só me lembro do
 professor Guvernecindo e depois
 dona Sinira, que vinham de Cam-
 pinas desceriammente ministrarem
 o ensino. Só me lembro que uma
 vez o Guvernecindo me pôs de casti-
 tigo no canto, por ter ido com
 outros garotos ^{brincos} nos vagões da
 estrada de ferro, estacionados
 em frente à escola. No mais só
 me lembro da rapadura, das
 cacadinhas e do sorvete de car-
 rimbo que a gente comprava ao
 sair da escola.

Por esta época o Patronato Agri-
 cola do Estado criou uma es-
 cola em nosso sítio, para o que
 meu pai cedeu uma sala a
 título gratuito ao Estado. A minha
 irmã de Santos mais velha que
 eu, foi nomeada professora por
 concurso. Lá aprendi a ler e
 a escrever, não ^{me lembro} lembro quem me ensi-
 nava. Só sei que em 1917, aos 10

(X) Meu pai era um homem como os
outros ^{so} e me ensinou coisas erradas no
que diz respeito à alimentação do corpo
e do espírito.

anos, recebi um prêmio escolar do Patronato por um Trabalho que escrevi. Do seu conteúdo ^{não} me lembro, o prêmio era A Arte de Julia Lopes de Almeida depois recebi ainda um 2º prêmio - a biografia do Barão do Rio Branco, pouco depois - criada para um jardim da rosa foram o núcleo de minha futura biblioteca. Um que, era encadernado, ainda sobrevive; e outro que era uma brochura se de esgarçou.

Meu pendão pelas artes mecânicas foi pouco frutífero. Construí no jardim da água com varrelas cruzadas e uma espingarda linha feica - pau de cano de guarda-chuva, que bem ou mal, atirava. Minha grande paixão era a máquina a vapor. Eu só tinha um livro a disposição que era a Física - Química do F.T.D. onde estudei minuciosamente seu funcionamento. Mas, como não possuía ferramenta adequada, não pude realizá-la

Meu pai era um agricultor progressista, provavelmente aprendeu muita coisa boa na América do Norte. Aproveitava o esturmo das vacas (levava as cabeças) para adubar a terra. Plantava arroz, feijão, milho

e cana de açúcar. Na época mais
propícia, plantou algodão e me-
lancou em grande escala,
com esta nacionalização, liquidou
sua dívida para com o Estado
em 10 anos.

Meu pai era um leitor infatigável.
Não dispensava o jornal. Como
não lia português, seu jornal
era o *Deutsches Zeitung*. Para
mós ele assinou o *Correio da*
Paulista tanto que era o órgão do
governo. Além disso, assinou para
mós a *Revista do Fazendeiro* e
o jornal *o (?) do Criador*. Era uma
tênia de livros, mais a fonte era
escassa; em geral, livros de
cunho religioso, fornecidos
pela minha irmã mais velha.
Entrei logo cedo em contacto com
o alemão, graças ao empurro da
minha mãe. Depois do almoço,
ela me punha à mesa com a
Bibel (a cartilha alemã) e me
fazia ler e escrever o alfabeto
gótico.

Via por aí passar em silêncio nossos sonhos,
fantasias de crianças que sonham
como os adultos, onde a gente realimenta o que
não é possível na vida real.

Para meu desdouro, eu sempre aspirei a
liderança. Meu pai me chamava de
"kleine große Person" (o pequeno porém
grande). A princípio quis ser médico,
depois maquinista, depois Pa-

genteiros. Só não pensari em ser
professor.

Assim eu vivi na roça, até a
adolescência.

Em 1931 meu pai vendeu o sítio, certa-
mente pensando em nosso futuro.

Nesta transação, ele foi roubado na
quantia da quantia tratada, por um
patrão desonesto o que o deixou em
situação de dificuldade.

Associando-se a um tecelão patricio de
Nova Odessa, nos mudamos para lá
em 25 de julho, para uma casa pouco
confortável, a título precário.

Como eu devia me ocupar da parte
mecânica da fábrica e não havia
nenhuma escola técnica no local,
fui trabalhar na ferraria do valério
Edamson, um letão ranheta mas
meu de todo mau. Aprendi muita
coisa útil nessa ferraria. Conheci
um rebelde até e um mestre com-
preensível que era o regente do coro
da igreja batista dos letões.

Para encurtar ^{a história} a sociedade não deu
certo, e três meses depois, nos mudamos
para Campinaal onde meu pai adqui-
riu uma chácara com uma casarão
velho mas confortável.

Meu pai, preocupado com minha edu-
cação, me fez frequentar a Escola Alemã
do Tink o resto do ano e ainda o 1º se-
mestre do ano seguinte, para obter
o grande prêmio. Porém, em todo isso,
não consegui me ajustar as condições de

escola. Eu era mais velho e maior do que todos os meus colegas e des-
preparado para acompanhar o
curso e que me deixava frustrado. As
minhas piores matas foram de
canto e ginástica. Ainda bem.

No fim do 1º semestre de 62, eu me
rebeli e me recusei a continuar na
escola. Com todas estas peripécias, eu
nunca obtive a posse de um diplô-
ma de curso primário.

Saindo da escola, fui trabalhar.
Havia em Campinas, uma instituição
benemerita - O Instituto Bento Gui-
rino - cuja finalidade era formar
profissionais em marcenaria e em
serroalharria. Dirigi-me ao Instituto com
o propósito de me inscrever na seção de
serroalharria, mas não havia vaga no mo-
mento. Acomodei-me na marcenaria e
estava de uma vaga na serroalharria,
o que ocorreu em dois ou três meses de-
pois. Assim eu estava onde queria. Lá eu
fiz rápidos progressos.

O Instituto fabricava serradores e a
tarefa do principiante era dobrar os
elos no feite para serem montados
na torça.

O mestre da oficina era um homem
circunspeto de poucos falares mas de
um senso humano invejável, chamado
Domingos Fortes. Um dia eu estava quan-
do chegou o Lavado com os meus colegas no Laring,
quando ele parou junto a mim e me
perguntou de topografia, quanto eu

estava ganhando, eu disse, e ele
 continuou andando sem dizer
 nada. No fim da semana, quando
 fui receber meu envelope, meu
 pedido tinha duplicado. São
 coisas que dignificam um homem
 e a gente não esquece jamais.
 Pouco tempo depois, eu passei a
 trabalhar na forja como ferrador,
 ganhando um ordenado respeitável
 de 120 mil reis por mês, bastante
 elevado para a época.

Não obstante, eu resolvi fazer mi-
 nha própria fábrica de correntes
 em um apartamento anexa à nossa
 casa. Minha bigorna era um pedaço
 de trilho comumente aparado
 pelo pai, que por força das cir-
 cunstâncias, se tornara o único
 viajante, se encarregava de vendê-las
 no interior.

Foi nesta altura que despertou
 em mim a vontade de estabelecer
 minha fábrica a um amigo de in-
 fanta, chamado João Vieira, que
 não entendia de coisas e deu com
 os burros na água.

O João Vieira era espírita e minha
 discussão prometeu que ao morrer
 viria parar meu sobrilho. Morreu
 mas nunca cumpriu a promessa.

Essa minha história se torna um
 tanto confusa e não corrigo
 algumas cronologicamente os fatos.
 Sei que ao chegar aos Campos

passamos a frequentar a Igreja Presbiteriana, onde nos relacionamos de estreita amizade com a família Vogel, dona Eduarda e suas três filhas, Eduardina, Branca e Bessy. O pai da família, o Sr. Henrique Vogel, lente do Ginásio do Estado, não participava de nossas reuniões nem frequentava a Igreja. Seu único passatempo, eram o charuto e o chape. Frequentava o bar, onde era sempre bem-vindo e bem servido pelos seus alunos do Ginásio. Professor de grego e outras coisas mais, era uma enciclopédia ambulante, tido como o homem mais culto da cidade.

Voltando à família, a filha mais velha e a mais nova, eram parecidas nos traços do meio, a Branca, não quis ser professora e se formou em comércio pela Escola Bento Guirring.

Rememorar tinham 4 irmãos que como o pai, não participavam de nossas reuniões. O mais velho de nós era o René, formado em direito e como o pai a gente podia discutir um pouco de tudo.

Este relacionamento afetivamente nos deu uma influência benéfica sobre minha carreira futura. Comprou o que não sei se até quando

me decidi pelo estudo Provavelmente a influencia mais direta e sensivel veio de meus irmãos Henrique que decidiram ser pastores e se preparavam para estudar no Seminário Presbiteriano de Campinas.

Então como pais-me e estudar por conta propria. Havia em Campinas um "colégio" a Casa Brasileira de Estudos e de Artes e de Teoria e de Pratica da Engenharia e de Teoria e de Pratica da Astronomia e de Teoria e de Pratica da Geometria e de Teoria e de Pratica da Trigonometria que foram minha primeira fonte de matematica.

Por algum tempo estive indeciso entre a teologia abraçada pelo meu irmão e a engenharia, mas soube ja a cabalmente de longa data. Mas como ja então, a verdade era minha prescripção mais acertada e julguei encontrar-la semi-acasualmente na matematica, me decidi contra a teologia.

Mãe me dei bem com a gramatica e segundo dizia meu irmão, como dia (dei uma dentada de canino no João Bibiano e o atirei num canto. Eu não me lembro do incidente.

O certo é que me dei bem com o Trajano e mais tarde me aventurei na Aritmetica, na Algebra e na Geometria do Pappus e Marin, que era então lente do Ginasio de

Estado.

A matemática ficava sendo a minha disciplina preferida. Encontrei mais a verdade que eu procurava com tanta empolgação: $2+2=4$ tanto aqui como no Japão e não ^{há} quem discorde sobre o fato.

Naquele tempo havia um regime de estatuto que a Universidade de Exeter e Paris adotou, para atender aqueles candidatos aos seus cursos, pessoas que não poderiam frequentar o ginásio. O candidato tinha que apresentar o certificado do GCE A2 britânico, podendo realizar os exames de 4 matérias no máximo cada ano. Era para mim, que não podia frequentar o ginásio, o caminho de acesso às universidades. Comecei a me preparar com ênfase em 4 matérias, três que eram aritméticas, a saber, geometria e francês ou inglês (naquela época a matemática não era esta valia alguma de hoje).

Infelizmente para mim, exatamente naquele ano, o Diretor do Departamento de Ensino Superior (não havia MEC então), um tal Rocha Vaz se não me engano, resolveu suprimir os Exames Facultados e eu fiquei desamparado, mas não desanimado. Perdi uma batalha mas não a guerra.

Estava por esse tempo em Exeter, penso.

escola particular bem conceituada, chamada Escola Superior de Mecânica e Eletricidade, fundada por três engenheiros nos moldes das Technische Hochschulen alemãs. Na verdade, formava técnicos e não engenheiros, com o título atrativo de técnicos-engenheiros. O curso compreendia um preparatório de Banos e um Técnico de Banos. O ingresso no preparatório ^{de 1ª série} exigia certificado da escola primária. Quem se julgasse habilitado, podia prestar exame das matérias do preparatório e ingressar diretamente no Técnico.

Foi o que eu fiz. Mas, aprovado, eu não tinha condições de pagar a mensalidade de 100 mil réis que era cobrada. O acaso fez com que eu, ao invés de entrar como aluno, fosse contratado como professor do preparatório.

O professor de álgebra e geometria, o famoso Cândido Gomide, renunciara ou fora despedido e por uma deferência muito especial, me oferecera a vaga. Por que razão, não fiquei sabendo. Eu tinha então 19 anos. Não sei se acharam minha prova de matemática excepcionalmente brilhante porque eu, de minha parte, não me lembro de seu enunciado nem de minha solução. O fato é que a escolinha decidiu de meu futuro.

Embora não pudesse frequentar o

curso, adquirei os livros indicados; a *Elettricidade de Landucci*, o diretor da escola, que deveria custar 200 \$ 8 volumes e ficou no 1^o; a *Mecânica de Edmond Gabriel* (2 vols), a *Curso de Mecânica de Bazard* (4 vols), a *Física de Nobre* e o curso de *Física de Gamot*, o *Cálculo Diferencial e Integral de Granville* que foi o que mais me atraiu. Resolvi todos os seus exercícios com grande prazer, sobretudo os de máximos e mínimos. Comprei ainda ~~alguns~~ o *Sylvanus Thomson*. *Calculus Made Easy* e uma *Geometria Analítica Francesa*, cujo autor esqueci. Mais tarde, adquirei ainda a *Álgebra e a Geometria Analítica de Wentworth* e outros mais cujos nomes me fogem. Assim começou a minha biblioteca. Lá me esqueceu de *F. T. D.*, cujas obras comprei todas, inclusive a *História do Brasil*. Mas, nesta área, o livro que mais me agradou, foi a *História do Brasil de João Ribeiro*.

Na escola meu salário era muito. Iniciei ganhando 144 mil reis, que mal dava para custear a família. Eu me dedicava por fora com aulas particulares. Mas em pouco tempo, minha atividade docente se multiplicou. Teram-me aos poucos em outras disciplinas como *aritmética*, *História do Brasil*, *Francês* e até mesmo *Português*. Teram-me ainda uma espécie de fama para fazer todos os exames. Cheguei a tomar a *Física e o Cálculo* que eram matérias do curso Técnico.

Alguns incidentes merecem ser lembrados. Havia um aluno muito Tapado, que andava se queirando que não andava minhas aulas de geometria. Um dia me apareceu de improviso o Secretário da Escola que fazia às vezes de diretor do curso. Foi logo dizendo que vinha assistir a minha aula, ao que eu nada podia objetar. Assistiu calado e ao final da aula, apenas me fez umas sugestões de como eu poderia demonstrar um teorema de modo que já mais simples. Pelo jeito, saiu satisfeito porque nunca mais repetiu a façanha. Quanto ao aluno queiroso, desistiu logo do curso, para o qual não estava talhado.

Houve ainda uma greve dos alunos e um aluno pouco comunicativo foi escolhido como bode expiatório e ameaçado de expulsão. Eu que o conhecia bem, intercedi por ele e consegui sustentar sua expulsão. Ainda por ocasião de uma greve, um outro aluno neurótico, desafiou a ringar-teus e todo mundo, desafiando o diretor, sem que ninguém ousasse repreendê-lo. Ele foi chamado à diretoria e ia ser perdoado, quando eu intervinei dizendo que em minha aula ele não entraria mais. Ele estava fardado de soldado de ~~sabido~~ da linha de tiro e armado de uma facção. Torrei-me com o que eu disse e avançou contra mim, pretendendo agredir-me. Ila tinhaimento o seguinte saiu mas eu resisti atrás e ele voltou para a frente e entrou em minha aula. A justiça

foi sempre uma das minhas grandes preocupações de mestre, o que me valceu um prestígio invulgar entre meus discípulos. Fui promovida a consultor oficial do C. A. Horácio Lane e árbitro entre alunos em greve e a Administração da Escola.

* * *

Os três diretores proprietários da escolinha merecem uma referência especial, bem como o secretário ad-oc Kurt Menantzean.

O diretor nominal era o Américo Banducci, engenheiro formado pela Politécnica. Muito brabo, mais interessado em sua fábrica de material elétrico que funcionava no prédio da Escola, pouco intervenia no funcionamento dos cursos. O vice-diretor era o Otávio Goulard, Pentecado, formado em uma escola técnica americana de nível médio, cujo nome não me lembro. Era uma figura antes decorativa, de cuja atividade docente nada sei.

Quanto ao secretário, era o Luiz Dias da Silva, um paraense formado pela Politécnica e assistente da cadeira de Física da mesma Escola. Era quem na realidade dirigia a Escola. Era o que se pode chamar um homem de bem e eu, pessoalmente, muito lhe devo. Morreu novo, aos 40 anos, vítima de pneumonia. Não havia antibióticos naquele tempo. Mas quem dirigia efetivamente o

Curso preparatório, era o Kurt Memmstein, um engenheiro-técnico alemão, vindo ao Brasil depois da 1ª guerra mundial. Muito capaz, assimilou o português em pouco tempo, a ponto de corrigir a redação do Secretário Luiz Dias. Curiosamente este mesmo Kurt não conseguiu cursar a Universidade na Alemanha porque não conseguiu aprender Latim.

Dei-me bem com ele, embora sua índole fosse bem diferente da minha. Foi por essa época que conheci o Luiz de Freitas que viria a ser meu amigo inseparável de 30 anos, até que a morte o levou.

O Freitas não tinha nenhum diploma de escola superior, mas tinha uma cultura enciclopédica, graças a sua imensa sede de saber. Ele veio à Escola como professor de português e História do Brasil.

Tornamo-nos logo amigos, graças a uma afinidade espiritual centrada na cultura.

Às 4 e 10, saíamos da Escola, que ficava ali no começo da rua da Glória e íamos correr as livrarias, de preferência os sebos, principalmente a livraria do Povo e o Goyau. Era raro o dia em que a gente não voltava para casa com um pacote de livros debaixo do braço.

Tão habitual era nossa corrida em comum às livrarias que éramos

conhecidos como a "dupla" e quando, por acaso, uns entravam sozinhos numa livraria, logo perguntavam onde estava o companheiro.

Nestas andanças, vi nascer a livraria Triângulo lá no Largo do Theouero e a livraria Francêza na rua Benjamin Constant. Também a livraria Italiana de Dona Amélia era freqüentada por nós. Só não freqüentamos a Francisco Alvet, não sei porquê. As preferidas de livros novos eram a Civilização Brasileira e a Freitas Bastos que ficavam ali na rua 15 de Novembro, tudo se reduziu a um passado de saudosas memórias

x x

Obrig de Freitas era solteiro e nunca se casou. Orfão de pai, vivia com a mãe, Dona Mercedes que era espanhola e um irmão, Fernando, em um apartamento na rua Conde de S. Joaquim, na Bela Vista. (1930)

Por esta época, eu me casei com uma gentil lituana que eu conheci na pensão de Dona Emilia, uma letã vincha de Nova Olessa. R Apolônia (Pola como a chamávamos), viera com o pai, boêmio e aventureiro em busca de fortuna fácil. Foi mal sucedido e morreu na indigência. Vivemos razoavelmente bem juntos durante 44 anos até morrer com este maligno a levou em 23 de abril de 1975, aos 69 anos.

Entre suas muitas misturas, não

posso deixar de destacar o fato de que ela jamais reclamava quando eu vinha para casa sobraçando pacotes de livros, fruto de minhas peregrinações pelas livrarias. Lembro-me do que me disse uma vez o Albrão de Moraes que era casado com uma colega de Faculdade, que tinha de entrar escondido em casa, quando vinha com pacotes de livros, para evitar uma tempestade doméstica. São raras as mulheres compreensivas neste particular. Minha mulher não era muito culta e não possuía diploma universitário, mas sabia apreciar meu afã pela cultura. Ela conhecia diversas línguas, inclusive o alemão que era a língua em que nos entendíamos, porque ela não falava francês nem inglês nem português. Só aprendeu português quando a Sílvia, nossa filha única, começou a dominar a conversa no lar que, por força das circunstâncias, só podia ser português.

x x x

Mas, voltemos à minha vida social. Para reforçar meu orçamento doméstico, tive que lecionar em certas escolas de comércio noturnas, dentre as quais destaque a Escola de Comércio do Bernardo Leite de Silva, competindo com os ex. Pai-me-bom, como ele e não sei por que deixei a Escola. Do que me lembro é de um q. palestra que fiz a ser perdido no dia da

Constituições em 1930 (24 de fev). O que eu disse, não me recordo, mas parece que causei boa impressão, porque fui sempre constitucionalista.

Foi algum tempo, lecionei em uma escola de Comércio no Bras de dois irmãos anarquistas cujos nomes não me lembro. Só sei que o ambiente não me agradou e me desmiti logo. O que eu mais queria nessa época era ser revisor de jornal e recebi várias apresentações do Plínio Salgado quando ainda não era a chefe do Integralismo, graças a um amigo comum. Nada consegui neste terreno e jamais ingressei no jornalismo. Escrevi alguns artigos para o Correio Paulistano e para a Gazeta e foi só.

x⁷x

Foi esta época (1934), o Governo do Estado, sob a chefia de Armando Salles de Oliveira e a assessoria de Julio Mesquita Filho, Diretor do Estado, fundou a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de S. Paulo. Seu primeiro Diretor foi Theodoro Ramos, professor da Politécnica, que saiu a cáta de professores estrangeiros na Europa, o que causou certo desconforto entre os patriotas da terra, que até então não havia aqui gente suficientemente capacitada para ocupar

as catedras, o que certamente era
excesso de pretensão.

Para Matemática e Física, foram
contratados apenas três professores
italianos: o Fantapic para a Aná-
lise, o Albanese para Geometria
e o Wataghin para Física.

Eu e meu irmão Henrique já nesse
mesmo interím já meudara para
S. Paulo, onde lecionava em uma
Dependência do Mackenzie em
Jandira, nos interessamos logo
pela Faculdade, mas meus irmãos
dos dois tinha certificado do
Colégio oficial, requisito indis-
pensável para o ingresso.

Havia por esse tempo, o que chamavam
de Curso de Madureza para atender es-
tudentes que não podiam frequentar
o Ginásio. Era permitido fazer o curso
em 3 anos: na 1ª etapa correspon-
dia aos 3 primeiros anos; na 2ª etapa
se fazia a 4ª série e na 3ª a 5ª série.
A gente podia preparar-se onde se como-
quisse e prestar exames em um
ginásio reconhecido.

Preparamos-nos em casa por conta
própria e em 1936 prestamos os 1ºs
exames no Ginásio Ypiranga. Apro-
vados, prestamos os 2ºs exames em
1937 e os 3ºs em 1938, Terminando o
Madureza em janeiro de 38 nos ins-
crevamos no Vestibular da Facul-
dade a se realizar em fevereiro, meu
irmão para Letras e eu para

Matemática. Formos ambos aprovados com distinção. Meu Vestibular consistia de 4 disciplinas: Matemática, Física, Lógica e Sociologia. É escusado dizer que a minha pior nota foi a de Sociologia. A prova consistia do desenvolvimento de uma tese, cujo título já não me lembro. Só sei que entreguei o trabalho inacabado, porque estava na hora de ir dar minha aula no Mackenzie.

Importa assinalar que entre o ginásio e a Faculdade, havia um curso complementar de 2 anos que nos foi facultado saltar.

Sofri aqui minha primeira desventura por ter nascido no estrangeiro. Havia uma bolsa para os candidatos aprovados com nota igual ou superior a 7, requisito que eu preenchia. Mas era preciso ser brasileiro, o que eu não era. Porque eu não me naturalizei, poder-se-ia perguntar. É que havia uma lei do Getúlio que obrigava todo estrangeiro naturalizado a baixo de 40 anos a prestar tempo de serviços militares, o que eu não estava em condições de fazer, com mulher e filha a sustentar.

x x

Minha carreira na Faculdade não foi das mais brilhantes porque eu tinha que trabalhar

para me sustentar. Felizmente as aulas da Faculdade eram somente pela manhã.

Go falar da Faculdade e do meu tempo de estudante, não posso deixar de fazer uma referência especial ao meu saudoso mestre de Física, Gleb Wataghin, russo de nascimento, italiano de formação e humanista de coração.

Foi o verdadeiro criador do Instituto de Física da USP.

Sua luta tenaz para a criação de um laboratório de Física da Faculdade, muito se assemelha à que eu tive que sustentar mais tarde contra os mastodontes instalados na Escola de Engenharia de Marabá em 1954.

Quando se iniciou a Faculdade de Filosofia de S. Paulo, as Seções de Matemática e Física foram instaladas na Escola Politécnica, relegadas a um cubículo que nem merecia o nome de sala de aula; parecia antes um quarto de despejo.

A escola dispunha de um bem sucedido laboratório de Física, mas o seu acesso me era vedado. O Diretor da Escola, se não me engano, era o Cintra do Prado de triste memória. Heróicamente, o Wataghin arranjou um ponto, não sei de que maneira, e chegou um casarão velho nas imediações (av. Paracletos) e deu início ao seu

próprio laboratório. Nos sábados à tarde, o Saboga, o Veloso (olhos em-
genheiros que se matricularam na
Faculdade por dilettantismo) e eu,
vamos ajudar o Wataghin a desem-
pacotar e montar as novidades da
semana. É força de expressão por-
que nem toda semana havia no-
vidades, mas sempre encontramos
nos a lgo com que nos aliviaríamos.
Wataghin é ainda mais digno de
nosso respeito e admiração porque,
ao receber, numa justa homenagem
da UNICAMP, declarou peremptoria-
mente que nunca trabalhou e ja-
mais trabalharia na confecção
de uma bomba atômica. Uma boa
bofetada em Fermi.

Quando professor da Faculdade, sua
atividade estava voltada principal-
mente à pesquisa de radiações cos-
micas. Outra luta meritória em que
se empenhou, foi contra a Seção de
Matemática que pretendia encampar
o Cálculo Vetorial, assumindo que este
é mais um recurso da Física do que
uma especulação matemática.

x x

Aqui preciso voltar atrás e falar
mais um pouco de minha carreira
docente.

Em virtude da Revolução de 32, a
Escola Superior de Mecânica e Elétrica-
dade entrou em crise, porque seus
alunos que foram às trincheiras, se

recusaram a pagar as mensalidades atrasadas. Para encurtar a história, a Escola foi encampada por três advogados, para não dizer aversurceiros. O chefe da trinca era um tal Athaulpa Guimarães que havia feito um curso técnico de nível médio na América do Norte e ficou sendo o Diretor do Instituto de Tecnologia de São Paulo, como passou a se chamar a Escola.

Por inépcia, deixaram com os burros na mão e o Instituto deixou de existir em 1937. Eu e o Luiz de Freitas nos propuzemos a encampar o Instituto e continuar os cursos, mas nossa proposta foi rejeitada.

Em desespero da causa, dirigi-me ao Mackenzie que havia criado um curso técnico nos moldes da Escola, a pedido dos alunos dissidentes.

O vice Presidente, Dr. Woodem que dirigia efetivamente o Instituto, me deu umas aulas na escola técnica recém-criada. Comecei lecionando Álgebra e Geometria, ganhando 20 mil réis por mês. Tanta era minha penúria que precisei deixar minha mulher e a filha (nascida em 1933) em casa de meus pais em Campina do Paraçu. Mas logo as coisas melhoraram com o aumento do número de aulas. Passei inclusive

ministrar um curso de Física no Curso Técnico noturno, onde entrei em contacto com o Laboratório de Física em preparação estado. Era o laboratório que servia a Escola de Engenharia. Por volta de 1946, o Instituto Mackenzie resolveu criar uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de acordo com o padrão oficial, já então instituído pelo Governo Federal. Foi instituída uma Comissão de 5 membros sob a presidência do Sr. Teixeira que já era professor da Faculdade de Filosofia do Estado e que seria o 1.º diretor. Além dele, figuraram na Comissão o João Baptista Tramaço Penha, o Aroldo de Azevedo, o Isaac Nicolau Salurn e eu.

As reuniões se faziam, em geral, em minha casa, condimentadas com chá e biscoitos que minha mulher generosamente providenciava.

Elaboramos um ante-projecto dos estatutos que deveria ser submetido ao Conselho Deliberativo do Instituto. Organizamos o Corpo Docente, sabendo de antemão a escolha dos professores das Seções de Matemática e Física.

Escolhi o Lazary Netto para Geometria, o Abrão de Moraes para Vetores, Mecânica Racional e Mecânica Relativa e o Laurindo Cruz para Física e outros mais que não me recordo. Reservei para mim a Análise.

O curso começou a funcionar em 1947 com poucos alunos, tendo alcançado o mínimo de candidatos exigido, apenas as seções de Matemática, Física e Letras.

O brio, como não tinha aulas a dar, se desinteressou da Faculdade, ficando a direção praticamente a meu cargo que dava o maior número de aulas e vivia praticamente na Faculdade.

Em 1952, eu passei a lecionar na Escola de Engenharia graças à pressão exercida sobre o Diretor dos alunos que vinham do curso de Vestibular do José Egídio, onde tinham estudado comigo.

Meu ingresso como professor do Curso Pandiá Kalógeras, como se chamava o cursinho de Vestibular do Egídio, também tem uma história que me é muito grata.

Nós eramos, o Egídio e eu, colegas no Mackenzie, mas lecionando em departamentos diferentes, nem nos conhecíamos. Aconteceu que, sendo eu professor de Física do Externato Elvira Brancão, era professor de uma sobrinha do José Egídio que também falou de mim que um dia ele veio me procurar em casa, convidando-me a lecionar em seu cursinho com uma remuneração bastante boa para a época.

Passei e desde então nos tornamos grandes amigos. Tanto era

sua deferência para comigo que um belo dia me propôs uma sociedade incomum: ele entrava com tudo e eu com nada. Graças a esta generosidade ímpar, eu consegui comprar minha casa em 1950.

*
* *

Mas, voltemos ao Mackenzie e sua Escola de Engenharia. O curso de Cálculo Diferencial e Integral era dado por um professor, cuja atividade de mais rendosa, era a peritagem em assuntos da Prefeitura, de modo que seu ensino deixava muito a desejar. Foi quando os alunos descontentes com o curso, pediram à Direção da Escola, a criação de uma cadeira de Cálculo II e exigiram que ela me fosse confiada. Havia na Escola uma prevenção contra os "filósofos" e certos mestres achavam que só um engenheiro podia ministras a matemática adequada. Não obstante esta resistência, os alunos ganharam a parada e eu fui encarregado do curso de Cálculo II.

Para uso dos meus alunos, escrevi uma apostilha de Cálculo II em 2 vol. que foi editada pelo Centro Acadêmico Horácio Lane.

Nesse mesmo ano de 52, o Instituto criou a Universidade Mackenzie e eu fui eleito como representante

da Congregação no Conselho Uni-
versitário. Tive logo um desen-
tendimento com a Escola de
Engenharia com relação ao
laboratório de Física que eu
conhecia bem.

Pedi ao meu professor de Física,
Lauro Cruz que fosse fazer uma
visita no laboratório e o re-
latório que ele me apresentou
foi desolador.

Em uma reunião do Conse-
lho, o Pedagogo que era o Reitor,
apresentou a meu pedido, um
projeto de organização do labo-
ratório e entregou ao Vício que,
não entendendo do assunto, o
passou às minhas mãos.

Acabei-o tão mal feito que redigi
um outro e o apresentei ao Con-
selho na reunião seguinte.
Tratava-se de decidir a quem
devia caber a supervisão do
laboratório: a nós que tínhamos
a Física como especialidade
ou a Engenharia que a tinha
apenas como disciplina auxiliar.
A Engenharia estribava sua pretensão
no maior número de alunos e eu
me apoiava na qualidade do ensino
e seus objetivos.

Nessa reunião, houve uma pas-
sagem bem característica do
ambiente em que vivíamos.
O Cristiano das Neves, diretor

da Arquitetura, ser atado a minha frente, a compariar havia muito atentamente minha exposição; porém, dado o momento, não se contém e, interrompendo-me, exclamou: "Vejo do que se trata: qualidade contra quantidade; eu sou pela qualidade; o que não obsta que votasse a favor da Engenharia. É escusado dizer que fui derrotado. Tive um consolo na confissão do Gastão Negro, representante da Engenharia no Conselho. Encontrando-me no pátio, depois da reunião, ele me dizia que estava de pleno acordo comigo, mas temia a vingança dos maiores da Escola que certamente não lhe perdoariam a defeção. Excitei a desculpa como bastante justificável, dado o ambiente reinante nas altas esferas da Universidade.

Sai derrotado mas não vencido. Resolvi formar meu próprio laboratório. Apeli à Administração do Instituto, na pessoa de meu Tesoureiro, Sr. Harper, que era meu amigo do meu irmão. Consegui adquirir assim um primoroso equipamento da Thysse, uma firma alemã especializada em equipamento didático destinado a formar professores

de Física, Instalei o laboratório no próprio edifício da Faculdade onde funcionou enquanto eu lá estive.

Não posso passar em silêncio uma passagem cômica que se originou deste meu empapamento. A Escola de Engenharia encimada do meu belo equipamento, resolveu adquiri-lo também, sem se dar conta da sua objetivo, tal o seu desgarramento em matéria de Física.

xⁿ x

Em 1953, o Nívio Teixeira que entrara em tempo integral na Faculdade de do Estado e foi substituído novamente pelo Isaac Salum que era o vice-reitor. Pertencia a Seção de Letras.

A Congregação se reuniu a fim de elaborar a lista tríplice que seria enviada ao Conselho Deliberativo do Instituto a quem cabia a escolha.

Meu nome foi incluído na lista por unanimidade, com exceção do meu voto. Não me lembro dos outros nomes da lista.

Segada, como Reitor, era membro do Conselho Deliberativo e já não me tolerava em virtude de minhas incaramuças com a Escola de Engenharia. Dizia a quem quisesse ouvir que eu era radical e até mesmo

comunista. Não obstante, sua oposição, fui escolhido como diretor da Faculdade. Fuztouse a nome dar posse, e legem de uma viagem urgente. Tomei posse na presença da minha Congregação que era o que importava.

Na minha Faculdade não havia trote e a própria Associação Acadêmica assumiu como compromisso de jamais admiti-lo. Não havia trote mas cobravam uma taxa de calouro que era julgada desonesta porque atenuia os candidatos mesmo antes de serem aprovados. Um dia, voltando das férias, encontrei uma mesa no vestibulo, interrogando a Secretária soube que era do Grêmio e visava cobrar a taxa de calouros de todo candidato que se inscrevia no Concurso de Habilitação. Mandei retirar a mesa e concedi-lhes que cobrassem uma taxa dos candidatos uma vez aprovados. Não levaram a mal a medida e mais tarde me fizeram sócio Honorário do Grêmio. Tive sempre bom relacionamento com os alunos, que muito me conforta.

Como diretor continuei minha árdua tarefa de melhorar o ensino, sobretudo da Física.

Consegui do Carvalho Pinto, então Governador do Estado, uma verba

Para comprar um microscópio eletrônico japonês e conseguiu a colaboração do Paulo Ribeiro, professor da Politécnica, especialista no assunto. Ele se encarregou mesmo de treinar uma aluna, dona do labor, a Cecília, no manejo do aparelho, que foi instalado no antigo sala de laboratório gentilmente cedida por estes. Mais tarde, foi transferido para uma sala anexa ao prédio (antigo bar). Esse microscópio teve uma triste fim. Quando deixei a Faculdade em 63 meu sucessor tantas fez, que a Cecília se demitiu sem deixar um sucessor. A última notícia que tive dele, foi que estava trancafiado em um cubículo da Escola de Engenharia, coberto de poeira. Todo meu esforço foi soterrado no pó. Consegui ainda com o Ernesto Luiz de Oliveira (o Ernestinho como o chamavam), meu contemporâneo da Campinas, então presidente da COSUPE, uma verba para ampliar meu laboratório de Física. COSUPE é a sigla de um nome que não consigo memorizar, uma instituição criada pelo Juscelino quando presidente da República que visava dar assistência financeira à Escola de Engenharia que se dispusessem a desenvolver pesquisas tecnológicas. Com um encontro amistoso com o

Ernestinho, consegui uma boa subvenco para minha Faculdade, embora não fosse escola de engenharia. Com isto, consegui ampliar ainda mais o meu laboratório. Adqueri ainda um equipamento mais sofisticado da Lybold, outra firma alema especializada em equipamento didático.

Mas nem tudo em minha carreira foram triunfos.

Tive que sustentar combates acirrados e inglrios com a Administração, até minha renúncia ao cargo de 2.º mandado em 1963, quando fui para Goiânia, atendendo a um convite da Universidade Federal de Goiás.

Minha luta mais improfica no Mackenzie girou em torno dos salários que, além de mesquinhos eram inguos porque atribuidos no número de alunos em classe. Com tal critério, os professores da Faculdade eram mais mal remunerados do que os da Engenharia e os da Faculdade de Direito (já então criada), com sua polora de alunos.

Esta luta, como não podia deixar de ser, me indispo com a Administração e até mesmo com parte do Conselho Universitário. Eu são tinha de sólido o apoio de minha Congregação e de

meus alunos.

O Reitor, que nesta época já era o Thuet, recebeu de mim um ofício assás franco e contundente que naturalmente não surtiu nenhum efeito positivo. Era um servil servilismo da Administração. Antes de encerrar este capítulo escabroso, não posso deixar de falar nas greves repetidas dos alunos da Engenharia. Quase sempre os alunos tinham uma boa dose de razão e sobretudo quando se revoltavam contra mestres incompetentes.

Em uma dessas greves a mais acirrada e demorada, os alunos vieram me procurar para servir de mediador entre eles e o CTA da Escola (Centro Técnico Administrativo). Embora de má vontade, o CTA aceitou mas minha intervenção fracassou. Como último recurso, apelaram para Brasília, que enviou um emissário cujo nome não me lembro que, mediante promessas que não seriam cumpridas, conseguiu conciliar o inconciliável e a greve terminou sem que nada tivesse mudado.

É como voltei ao passado, parece-me oportuno contar como passei a lecionar Física na Escola de Engenharia. Os alunos descontentes com o titular da cadeira que era o José Egídio, levaram-me a se demitir e foram a Faculdade Estadual que funcionava

na rua Maria Antonia em frente ao Mackenzie, pediu ao Schützler se podia lhes indicar um professor de Física; ao que o Schützler respondeu: Vocês têm lá um Mestre e vêm procurar um professor aqui? Quando surpresos, lhe perguntaram quem era, ele respondeu sem hesitar: é o Wiltie. Foi, pelo menos, o que me contaram quando vieram me procurar. O CTA da Escola não criou dificuldades e eu fui nomeado. O ano não me lembro. Também para este curso, escrevi uma apostilha em 2 vol., de certo modo compelido pelas circunstâncias. Certo dia um aluno veio me pedir se podia tomar notas de minhas aulas e publicá-las. Accedi com a condição de que m'as submetesse antes de publicá-las. Quando ele me apresentou as primeiras notas, havia tantos erros que resolvi eu mesmo escrevê-las.

Mas, voltemos ao fio da meada.

Em março de 1963 terminava o meu 2º mandato e eu não pretendia continuar na direção. Aliás, eu já era demissionário, mas o Vice-Diretor Damasão Penna, meu substituto legal, se negava a assumir o cargo, por solidariedade comigo. Um gesto verdadeiramente incomum que não podia deixar de me sensibilizar profundamente.

Em principio do abril, fui procurado pelo Gabriel Rorig, Diretor da Escola de Engenharia da Universidade Federal de Goiás, que vinha do ITA, onde o Wacaz e o Wessidas haviam feito o meu cartaz, para me convidar a criar o Instituto de Matemática da UFG. O Instituto de Física seria organizado pelo João Martins do ITA.

O Gabriel e mais dois companheiros, o Vice-Diretor da Escola, Marcelo da Cunha Moraes e Heider da Rocha Lima, professor de Desenhos, estavam entusiasmados pelos Institutos de Pesquisa, preconizados pela COSUPE, e pretendiam criar os de Matemática e Física na sua Universidade com o benaplácido do Reitor Colomar Natal e Silva.

A principio minha intenção era recusar o convite; consultei minha mulher que assentiu em ir para Goiânia. Assim resolvi fazer uma visita de alguns dias à Universidade. Em companhia do Gabriel e do João Martins embarquei no domingo de Palmas no avião que me levaria a Goiânia. Chegamos à tarde onde nos esperavam o Marcelo e a Tardes, esposa do Gabriel. Hospedaram-nos no Hotel Dom Bosco, pouco confortável. Em se tratando de dinheiro público, o Gabriel era bastante pão-duro.

A noite, o Marcelo nos levou de automóvel a ver a cidade.

Tão espontânea e desvacadora é a carta, que ^{por} efeito data remota, transcrevi-la aqui.

São Paulo, 17 de abril de 1963

Exmo Sr Prof. Willie Alfredo Maurer

Vimos participar-vos que reunidos em Assembleia em 15 e 16 do corrente mês, deliberamos, no sentido de, mais uma vez, apoiar as corajosas atitudes por vós tomadas, levando a nossa solidariedade irrestrita.

Pesa-nos que tenhamos de fazê-lo nas condições atuais - quase que a pré-agonia da nossa Faculdade.

Intristece-nos, ainda, que tudo culmine de maneira a provocar a vossa retirada. Tais o últimos obstáculos a marcha destruidora dos ineptos - que infestam a Universidade Mackenzie, impedindo que esta o seja de fato. Somos testemunhas, todos nós, - professores e alunos - do vosso trabalho muito além do dever, na tentativa de vivificar a Universidade através do perfeito funcionamento da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Mas propalamos a dissolução da Universidade Mackenzie...

Finalmente, sentimos-nos seguros, embora as pressões da Administração. Havia quem nos dirigisse na luta de todos os dias contra a ignorância aliada à incompetência. A bem da

continuar seg

Fiquei em Goiânia até 5ª feira, ves-
pera da partida. Voltei mais ou menos
comprometido de aceitar.

No sábado de Aleluia tive um des-
maio em consequência de uma
hemorragia da úlcera e fui inter-
nado no Samaritano no domingo
de Passoa, onde fiquei por uma
semana. Pedi ao meu Secretário da
Faculdade, Rau Amarelto, que avisas-
se o Gabriel por telegrama, para dizer
que não sabia se voltava ou quando.
Enquanto estava hospitalizado,
recebi uma carta extremamente
comovedora dos meus alunos da
Faculdade que fez chorar, e certamente
por estar muito debilitado. Guardo
essa carta com todo cuidado até hoje. (x)

Uma vez restabelecido, fui descansar
uns dias na casa da Sílvia que na
época morava em Campinas.

Não me lembro exatamente em que
da voltei a Goiânia, já em compa-
nhia de minha mulher. Foi que
viajamos de automóvel e que caímos
em um buraco d'água nas proximidades
da cidade, onde chegamos às 8 horas
da noite.

O João Martins já lá estava mas
sem nenhuma plano definido, sur-
tindo a saudade da família.

Para me aproveitar ao máximo o Gabriel
me fez dar o curso de Cálculo no 1º ano,
da Escola.

O João Martins acabou não agüentando

verdade, éreis aquêles que mais lutava
Sabemos que os incapazes, os
mal-intencionados, os que se
ocultam na sombra - perseguem
no afã covarde de destruir e impedi-
do que se construa. Sabemos que,
como ocupantes, solapam as já
fragues bases da Universidade de
MacKenzie.

Afinal, sentiamo-nos seguros
conosco.

Talvez pensarmos a luta que é
desigual.

São muitos os mesquinhos de
espírito e faltos de idéias; somos
poucos os que ansiam por Custosa.

Somos fortes, contudo. Aparende-
mos conosco a batalhar por
um ideal e não o terror.

Faltará sempre um entre nós.
Dói-nos que o outro seja.

Perdemos mais do que um Professor;
perdemos o guia, o que indica, dese-
mos compreender, preferir, que a nossa
grandeza impede que sejais rea-
lidade a Universidade de MacKenzie.
Sabemos que onde estiverdes, tra-
balhareis pela Cultura e
pela agitação humana da nação,
Sois um Educador.

Seguem-se 46 assinaturas
Esta última frase vale por um
diploma conferido por quem tem
competência para julgar.

mais a situação e se mandou quase na
surdina de volta ao ITA. Veio o Jan-
nezi mas sem compromissos ele
ficar e, de fato, não demorou e não
fez nada.

Fiquei eu sozinho, para salvar
a situação, propus ao Reitor e ao
Conselho Universitário que se cri-
asse um único Instituto de Matemá-
tica e Física, visto que a Universi-
dade, afinal, tinha poucos
alunos e poucos recursos.

A proposta foi aceita e eu me
pôs a trabalhar.

Contei com a boa vontade do Egidio
Turschi, que era o Diretor da recém-
fundada Faculdade de Filosofia.

Mas encontrei forte resistência por
parte de certos professores da Escola
que viam lesados em seus interesses.

Entre estes, figurava o Graçuam
Costa que depois foi Governador do
Estado, fim propício para um opor-
tunista como ele era.

Formou-se uma Comissão sob a minha
presidência na qual figuravam o
Gabriel, o Egidio e um poeta, Gilberto
Telles que nada entendia do assunto.
Não me lembro de outros nomes.

Nossa tarefa era elaborar um ante-
projeto do estatuto do Instituto e
consumir praticamente o ano de 63.

Estávamos no final do nosso tra-
balho a 11 de novembro às 5 horas
da tarde, quando alguém entrou na

sala feita um fogueiro, exclamando:
"o Kennedy foi assassinado".
Escusado dizer que acabou a
reunião.

Esse projeto foi ao Conselho
Universitário que o aprovou sem
retiques substanciais. A data
não me lembra.

Fui escolhido como 1º Diretor a par-
tir de 1964, por 4 anos. Como Diretor,
coube-me a tarefa de organizar o
corpo docente. Havia nessa turma
da Faculdade Filosofia de Rio Claro,
desconfortante com a Administração
que veio em peso: o Germano Rego,
o Odécio Sanchez, o Gerson Mucielago
o Juarez Milano, o único que ficou,
Havia ainda o Cortarelli que não me
lembra donde vinha.

O Germano era físico e se encarregou
da Mecânica e da Física, o Milano se
encarregou da Matemática, Da Terra
só aprofundei o Helder para Descriptive
Com esta equipe eu estava bem
servido.

Esse ano eu não funcionei, dados os
encargos de direção. Foi o ano da Revo-
lução que traumatizou profundamente
a Universidade. O Coleman foi afastado
e com ele, foram cassados o Gabriel, o
Marelo e o Helder.

O Grazianni desempenhou neste episódio
sórdido, um papel realmente indigno.
Foi o delator de seus colegas e o desdo-
cluro da polícia ao lado do coronel

varidos por parte do Exército

Comigo não ousaram mexer, porque estava bem queanecido, sendo do em um discurso que eu proferira pouco antes em São Paulo e publicado pelo "Estado". Aliás, diga-se passagem, que este discurso causou grande reboliço no Mackenzie onde eu proferi como Paraminfo dos em- gen. visitandos de 63 da Escola.

Neste discurso eu ataquei energeticamente o regime do fango o que causou grande alvoroço entre os patriotas. Dizia-se que os Militares presentes à mesa, estavam a ponto de se retirar e que eu deveria ser expulso do Mackenzie. Houve mesmo quem pretendesse pedir ao M.E.C. a minha expulsão. A Revolução foi o que me salvou.

x x

É por falar em paraminfo, tomo a liberdade de examinar mais de perto os principais discursos dentre os muitos que proferi como atividade docente acessória. Não sei quantos foram; só sei que tenho uma gaveta cheia deles.

Alguns discursos esporádicos que não são de paraminfo, também merecem ser relembrados. O primeiro de que me recordo, foi proferido em 1925 a porta do Diário do Povo, em uma passeata de estudantes em comemoração do dia da Bandeira a 19 de novembro. Foi uma

improvisado, de modo que não tem registro. Só sei que o elogio do Alvaro Ribeiro, então chefe da Polícia, 2.º foi outro improvisado proferido na Grêmia da ESME. Só me lembro que eu ataquei a incoerência de Taqueja que me valeu os cumprimentos do Vice-Diretor Otávio Goulard Pennabede e a desaprovação do Diretor Américo Banducci que era um Beato.

3.º foi discutido com o oradorativo da Constituição da República Brasileira em 24 de fevereiro de 1930 na Escola de Comércio de Bernardino Dias Leite, o que eu disse não me lembro mais, do que parece, causou boa impressão.

O primeiro discurso que escrevi, tem uma história pitoresca.

Foi em 1930 quando pela primeira vez assisti a formatura dos técnicos engenheiros da ESME. Não foi um discurso de parâmetro, mas de aluno. O orador da turma, incapaz de preparar um discurso, veio me procurar para escrevê-lo. O que eu fiz.

Terminada a cerimônia, ele foi efusivamente cumprimentado por todos os componentes da mesa pelo brilhante discurso proferido, mais do que o parâmetro. Mesmo eu estando a seu lado, não teve a honrabilidade de declarar que eu era eu o autor, o que não impediu

que eu me sentisse desvanecido pelos
cumprimentos que ele recebia. São
fraquezas humanas que se devem
perdoar, mas

O primeiro discurso de paravinho,
ao que me lembro, foi proferido na
formatura da 1ª Turma de Forman-
dos do Ginásio Sa Eulália da Gama,
um ginásio criado por professores
saídos da Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras da Universidade
de São Paulo. Senti-me deveras des-
vanecido por ter sido escolhido entre
tantos mestres ilustres.

Mais ou menos pela mesma época,
coube paravinhar a 2ª Turma do
Externato Elvira Brandão, onde eu
era professor de Física.

O Externato que era propriamente
um curso primário, criou um
ginásio que chegou a formar
apenas duas turmas e deixou de
funcionar.

A 1ª Turma, como era de direito e
justiça, escolheu a Diretora
Aida Caiuby como paravinho; a
2ª escolheu a mim, o que muito
me desvanecia.

A formatura foi no Auditório da
Escola Eschavo de Campos, na Praça
da República. Ao que parece meu
discurso causou boa impressão e
me causou alguns cumprimentos
lisonjeiros, em particular do
deputado Alarico Caiuby, merido

da Diretora, que chegou a sugerir que fosse publicado. Não me lembro do seu conteúdo exato; só sei que acentuava a importância do intercâmbio entre os povos, traçam de um paralelo entre a Grécia e a China e coisas análogas. Não é de hoje que a história me atrai.

Digno de menção me parece ainda o discurso ~~de 1957~~ que proferi no Teatro de Goiânia quando parametrizei a Turma da Escola de Engenharia da UTFG que havia estudado Cálculo comigo, quando da minha chegada a Goiânia. Não me recordo dos seus dizeres, mas está registrado em meu arquivo.

Também em Uberlândia onde estive por 2 anos, causei-me para mimfar duas turmas da Escola de Engenharia e recebi muitos cumprimentos de gente desconhecida, porque ataquei sem dó nem piedade essa monstruosa aberração ^{da ciência} que é a bomba atômica.

Por último quero me referir a um ato de parametrização que causou um trauma no Mackenzie, quando parametrizei a 1ª Turma da Escola de Engenharia em 1957.

Era costume dos formandos fazer um carnaval de despedida movido a chope, o que me causava uma dolorosa impureza. Quando a Comissão de Formatura veio me convidar, pedi-lhe a convocação da turma para rema

conversa prévia, o que foi accito.

Reunida a Turma, fiz-lhe uma exigência: suprimir o carnaval. Condicionei em caráter irrevogável minha accitação a essa supressão, lembrando-lhes o que eu considero os três postulados fundamentais da democracia:

- a) não fazer a outros o que não queremos que nos façam;
- b) a liberdade de de um cessa onde começa o direito de outros;
- c) enquanto não houver melhor critério, o que decide é o número.

Minha proposta foi aprovada pela maioria e eu aceitei o encargo.

Infelizmente, uma minoria inconformada foi se queixar ao Diretor da Escola, que era um parente e qual procurou pôr mãos quentes no assunto, dizendo, sem me consultar, que eu certamente não era oporista a que eles fixassem sua paróquia regada a chope na chácara vizinha, contanto que não invadissem o pátio da Escola, o resultado foi, embora atenuada, a chopada se consumir. Eu não voltei a trás mas responsabilizei o Diretor pelo insucesso parcial.

Não posso dizer quantas vezes para mim foi Turma da Escola Técnica e da Faculdade de Filosofia o que, de resto, não tem importância. O fato é que posso considerar minha atividade de parágrafo

como um reconhecimento honroso de
minha carreira docente e um
testemunho inconfundível da
estima de meus alunos, que é a maior
recompensa de um mestre

x x

Em Goiânia não faltaram os que
pretenderam aproveitar a onda e fe-
char o Instituto. Este certamente só
foi poupado em virtude do movi-
mento de reforma que estava no ar
e culminou na Reforma de 68.

Em fins de 64 expira a minha
licença de banos no Mackenzie e eu
tinha que tomar uma decisão.

No Mackenzie as coisas não iam bem.
O Vice-Presidente e o Tesoureiro se
incompatibilizaram com o Presi-
dente Osvaldo Müller da Silva, um
adernarista mais político do que
educador.

Em uma visita que fiz a S. Paulo,
fui procurado pelos dois dissidentes
que pediram minha colaboração
para ganharem a parada, o que lhes
parecia certo. Nestas condições re-
solvi reassumir minhas funções
no Mackenzie e pedi demissão da
Universidade Federal de Goiás. Para
me substituir, eu tinha dois nomes
a indicar: o Germano e o Milano. O
Germano deixou o Instituto e foi para
a UNICAMP. Ficou o Milano que foi
nomeado diretor.

De volta ao Mackenzie tive a de-

repressão de ver derrotados os dissidentes que eram o Coronel Ruy Po e Guaracy Ribeiro. Não tive outra alternativa senão ficar e fiquei mesmo que o ambiente me fosse hostil.

Não reassumi minhas cadeiras na Escola de Engenharia que eu confiara ao meu assistente José Justino Castilho, limitando-me às minhas atividades docentes na Faculdade de Filosofia.

O Diretor era o Hoffmann que tinha sido meu assistente, presunoso e incompetente. Por um capricho pessoal, resolveu desfazer-se do Secretário que era o Raul Anacleto e da Secretária Dina Bresser, ambos excelentes funcionários. Fiz-lhe ver o erro que ele estava cometendo, afastando dois funcionários competentes, que conheciam o mecanismo da Administração a fundo, ao passo que ele nada conhecia) entendia do assunto. Ainda em si, resolveu chamar de volta o Raul, mas não a Dina. Resolveu assim caminhar tranqüilo o impasse.

Por esta época, a Esther Figueiredo Ferraz que era amiga íntima do Osvaldo Müller, foi nomeada Reitora. Eu não a conhecia pessoalmente.

Um dia ela me chamou ao

seu Gabinete. Recebeu-me muito amavelmente e convidou-me ou melhor, intimou-me a colaborar com ela na Reforma em perspectiva e na elaboração do novo Estatuto.

Fiz-lhe que eu era pessoa não grata da Administração, ao que ela respondeu que isto se arranjará sem dificuldade. Chamou o Osvaldo Müller, cujo Gabinete era pegado ao seu, e lhe disse sem hesitar que precisava da minha colaboração e que ele passasse uma pedra sobre o passado, ao que ele accedeu prontamente e tudo acabou na santa paz do Senhor.

Parecia colaborar estreitamente com ela que me pôs em contato com o Waldir Chagas, membro do Conselho Federal de Educação e mentor da Reforma em andamento.

A despeito das muitas intrigas, ela jamais me abandonou e meu trabalho surtiu alguns resultados positivos.

Um dia ela me chamou ao seu Gabinete para me anunciar que o seu 3º mandato estava a expirar e que não pretendia ser reconduzida. Achava que eu devia ser seu substituto e terminar minha carreira com dignidade como Rei Ló.

Tomado de surpresa pedi um
 dia para pensar e decidir.
 Ela concordou e no dia se-
 guinte voltei ao meu Gabinete
 para lhe dizer que em prin-
 cípio eu aceitava minha in-
 dicação. Quando o assunto foi
 levado ao Conselho Universita-
 rio a fim de elaborar a lista
 triplie, ela teve ~~uma~~ votação
 unânime em 1º lugar, em 2º
 ficou o Castilho que represen-
 tava a Escola de Engenharia
 com 7 votos; em 3º vinha eu
 com 5 votos. Fizei logo uma
 nobreza política, não do
 Castilho que era meu amigo
 mas dos seus companheiros da Escola.
 Em vista deste resultado des-
 airoso, voltei no dia seguinte à
 Reitoria para anunciar minha
 desistência da indicação,
 fazendo ver à Esther que a po-
 liticagem não me daria a
 chance de fazer uma adminis-
 tração profícua. Ela compre-
 endeu, mas deixou-se recon-
 duzir a um 3º mandato, vin-
 gando-se assim dos dissidentes.
 Mais tarde, por razões que desconheço, ela me
 retirou o seu apoio e eu me vi na con-
 tingência de renunciar a sua aceitação.
 Possivelmente foi minha ausência
 a um jantar que os professores lhe
 ofereceram o que, reconheço, foi uma

desfeita impossível e ainda hoje me penitencio por isso.

Em 1969, eu me apresentei no Mackenzie e em 1970 voltei a Goiânia com a intenção de ficar por lá definitivamente.

Voltei a trabalhar no Instituto, mas apenas como professor, mais ligado à Física do que à Matemática. Fiquei no Departamento de Física, onde compartilhei com o Gabriel uma sala que depois recebeu o meu nome.

Dei vários cursos, dentre os quais merecem menção especial a Mecânica Analítica, Métodos Matemáticos da Física e Funções de Variáveis Complexas, que não faziam parte do meu currículo. Promovi vários seminários e estava projetando uma tese sobre Unidades de Ensino Motivado que não cheguei a concretizar. Tive alguns alunos brilhantes, entre eles, o Alfredo Quad, a Rina Amélia e o José Inácio que abandonou a engenharia e ingressou na Física, por influência minha, segundo dizem.

O diretor era o Milano que, maneiroso como era, se desincumbiu bem do cargo. Da me esquecendo de relatar meu relacionamento passageiro com a Universidade de Brasília, ali por volta de 1965 ou 6, quando era seu Reitor o Laertes Carvalho. Um dia ele me procurou em casa, quando ainda morava em S. Paulo, convidando-me para dirigir o Ins-

tituto de Física que estava acéfalo.
 Resolvi passar alguns dias em
 Brasília, a fim de arcutar a situação.
 Passei 3 dias na Universidade, vas-
 cultando tudo minuciosamente.
 No fim da visita, apresentei-lhe
 um relatório pouco lisonjeiro, o
 que o fez virar-se para o seu secre-
 tário que era o Renato Brandão e
 dizer-lhe: "Está vendo Renato, nós
 estamos aqui há 3 meses e vem
 o prof. Willie e em 3 dias nos con-
 ta coisas que nós não sabíamos, o que,
 porém, não o predispõe a mudar
 a rotina."

Fui nomeado membro da Comissão
 de Organização do Instituto de Tec-
 nologia que seria a Escola de Enge-
 nharia. Pouco pude fazer ao lado
 dos madealhões que vinham do Rio
 de Janeiro, em bûidos de ideias
 arcaicas.

Depois de mais duas ou três visitas,
 deixei em suas mãos um elenco de
 exigências que ele trouxe por bem não
 atender e ficou tudo ~~pronto~~ ^{como} ~~mesmo~~.

Mas, voltemos a Goiânia

Desta vez eu fui de mudança para Goi-
 ânia e aluguei uma casa bastante com-
 fortável, perto da casa do Gabriel. Infeliz-
 mente, minha mulher já não suportou
 o calor da terra e decidiu voltar a S.
 Paulo em fins de 1970. Eu resolvi
 continuar sozinho e me hospedei no
 Hotel dos Esportistas (depois Diplomatas).

Ai me estrombiquei todo e fiquei com
 o aparelho digestivo em pédição de
 miséria. Minha mulher veio em
 meu socorro e ficamos uns tempos
 na casa do Gabriel. Para alívio
 do azar, fui atacado por cálculos re-
 nais que só o Instituto de Gastroen-
 terologia de S. Paulo descobriu. Com
 tantos contratempos, resolvi ficar
 por aqui e cuidar do meu silêncio
 em Mairimque.

Outra faceta da minha vida, que ia
 deixando de lado, é minha atividade de
 literária. Além das apostilas que es-
 crevi para a Escola de Engenharia, já
 mencionadas, escrevi para a Livraria
 Hótel, as apostilas de Trigonometria, de
 Geometria Analítica e de Cálculo Transi-
 cional em 5 volumes. As duas pri-
 meiras se destinavam ao Vestibular e
 a última já visava o Curso Superior.
 Por volta de 1965 fui procurado
 pelo Edgard Blücher que, como aluno,
 editava minhas apostilas da Engenha-
 ria e que acabava de fundar uma edi-
 tora própria. Pediu-me, ou antes, intermou-
 me a escrever um livro de Cálculo aos tem-
 po recorde. Aceitei e a obra foi publicada
 em 1967 em 4 volumes sob os auspícios
 da USP.

Confesso que a obra não saiu do
 meu volume agrado por excesso de
 pressa do editor. Propôs-me várias
 vezes reescrevê-la, mas ele não topou.
 Daqui por diante minha vida se

tornou por demais prosaico até que em 1982 voltei a atividade.

Para minha grande mágoa, em 1975, perdi minha mãe Ther, vítima de um câncer maligno que foi confundido com tumor cerebral de modo que, felizmente, ela morreu sem saber que tinha câncer. O dia 23 de abril será um dia de luto em família.

Em 1982, recebi um convite para trabalhar no MPE da Universidade Católica de Goiás, não obstante eu não fosse católico. Da época ou antes, a Igreja mudava muito, por que ali pelos anos 40, o Abão de Goiás, da pseudosa memória, quis me levar para a Faculdade de S. Bento e fui rejeitado por ser protestante.

Aceitei com prazer o convite e encarregado de ministrar o curso de Análise II e depois Matemática Aplicada II.

Ai fiz uns bons amigos como a Luíza, o Pedrao, os dois Armandos, o Salvador, o Juam, a Wanda, a Tsete e outros mais; e um pouco mais tarde, a inesquecível Maria Angélica. Deparei com ela, pela primeira vez, no Encontro dos Mestres de Cálculo, onde ela se revelou uma amiga devotada e parena. Foi, sem favor, meu anjo da guarda em Goiânia, meu consolo e conforto em todas as agruras. Quando lhe, por isso, eterna gratidão e sua imagem querida me acompanhará até o

Título.

Fui encarregado de escrever uma Tópica de História da Matemática e da Física. Cumpri a tarefa ainda que um pouco tardiamente. Cabe ao MAF cumprir a sua parte.

Anexo 2
ENTREVISTA 1

Tese de Doutorado: **WILLIE ALFREDO MAURER: VIDA, OBRAS E CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DA MATEMÁTICA NO BRASIL**

Entrevistador	Glen César Lemos
Entrevistado	Juarez Milano
Data	09/08/2011
Horário	14h
Local	Residência do prof. Milano
Vínculo com Willie Maurer	Colega de trabalho na época da estruturação do Instituto de Matemática e Física (IMF) da Universidade Federal de Goiás (UFG) em 1964 e indicado pelo prof. Maurer em 1965 como seu sucessor na direção do IMF.



Juarez Milano (Fonte: Acervo nosso, 09/08/2011)

O professor Juarez Milano nasceu em 01/12/1930, em São Paulo – SP. Fez o curso ginásial, período em que despertou seu interesse pela matemática, posteriormente cursou o Científico no Colégio Paulistano e ingressou na Escola Politécnica de São Paulo. Quando estava no segundo ano começou a lecionar matemática no colégio “Liceu Siqueira Campos”, no bairro do Cambuci em São Paulo. Fez o curso de Matemática (Bacharelado e Licenciatura) na PUC de São Paulo e no último ano do bacharelado, em 1960, o professor Carlos Alberto Callioli o indicou como professor de Matemática para o professor Leônidas Hegenberg do Instituto Tecnológico de Aeronáutica – ITA, sendo entrevistado e nomeado professor.

Em 1962, foi indicado para substituir o prof. Nelson Onuchic de Rio Claro-SP que iria se afastar por um ano para cursar pós-doutorado nos Estados Unidos da América. Ao regressar em 1963, o prof. Onuchic ofereceu dois cursos de pós-graduação: Topologia e Equações Diferenciais, reconhecidos pelo Instituto de Matemática da USP. O prof. Milano fez estes dois cursos também.

No final de 1963, um ex-aluno de Rio Claro-SP Agenor Cortarelli de Jaboticabal-SP, que estava lecionando Matemática e era assistente do professor Willie A. Maurer na UFG-Goiás, convidou o prof. Milano para vir para Goiânia. No início de 1964 o prof. Milano mudou para Goiânia e começou a lecionar no recém-criado Instituto de Matemática e Física – IMF¹. No fim de 1964, o professor Willie Maurer iria retornar ao Mackenzie em São Paulo e indicou o prof. Juarez Milano como seu sucessor e no início de 1965 foi nomeado Diretor Acadêmico do IMF, no qual trabalhou como professor, coordenador e diretor até 1991, quando se aposenta. Em 1995 foi convidado pelo diretor da Faculdade Objetivo de Goiânia para ministrar aulas na área de matemática, onde trabalhou até 2005, forçado a parar por problemas de saúde.

CONVERSA ANTES DA ENTREVISTA

O professor Juarez Milano me pergunta se eu tenho os documentos que contam parte da história do IMF que são os 23 e 40 anos de criação do IMF, e me mostra os seus exemplares dizendo que o que iríamos conversar era praticamente aquilo que estava lá. Eu disse que já tinha conseguido os dois documentos e a dissertação de mestrado do Fernando Guedes, que continha uma entrevista com ele.

Explico ao professor Milano a metodologia que será usada na entrevista, sua finalidade e utilização, e deixo claro que só será divulgado o que ele autorizar mediante termo de consentimento. Entrego a ele o roteiro da entrevista e ele volta a reforçar que quase tudo que iríamos conversar estava escrito nos dois documentos e é o que ele sabia e com que poderia contribuir.

¹ Instituto de Matemática e Física - IMF foi desmembrado em setembro de 1996, nos Institutos de Matemática e Estatística (IME) e Instituto de Física (IF) e o Instituto de informática (INF).

Enquanto eu montava o equipamento que seria utilizado na gravação da entrevista, o professor Milano começa a me contar sobre a sua recente mudança para aquela chácara (local onde realizaríamos a entrevista), dizendo que tinha se mudado de um apartamento do Jardim América e que muito de suas coisas ainda estavam encaixotadas. Terminei de arranjar o equipamento e iniciamos a entrevista.

ENTREVISTA

Legenda: M: Milano G: Glen

G: Bom Prof. Milano, diante do que eu já havia explicado para o senhor...

M: Aqui tem essas questões que você fez?

G: Isso, esse é um roteiro e eu não vejo necessidade de que o senhor faça a auto apresentação, em função do que o senhor escreveu nos documentos em comemoração aos 23 e aos 40 anos de criação do IMF, e, além disso, daquela entrevista que o senhor concedeu para o Fernando Guedes.

M: Fernando?

G: Fernando Guedes Cury, na entrevista também tem muita informação. Aí eu acho que esse primeiro item realmente podemos dispensar.

M: Podemos.

G: Então eu gostaria que o senhor tentasse se lembrar de quando conheceu o professor Willie Maurer e falar um pouco sobre ele, a convivência do senhor com ele...

M: Bem, isso vem de longe, o prof. Willie Maurer já conhecia o diretor da engenharia da UFG, certo? Era o Roriz, Miguel Roriz.

G: Gabriel Roriz, não?

M: É, Gabriel Roriz.

G: Eles já se conheciam?

M: Se conheceram no Mackenzie em São Paulo e se tornaram amigos. Então, o professor Gabriel Roriz convidou o prof. Willie Maurer que estava na Universidade Mackenzie e ele veio para UFG em 1963 e começou organizar o IMF, já com uma ideia mais progressista, ou seja, propôs a substituição das cátedras por uma nova

carreira docente, pois não queríamos o cargo de professor catedrático, e sim um departamento de matemática onde haveria uma sequência na carreira, cujos cargos iriam de Auxiliar até a classe de Professor Titular. Por isso digo que saímos até um pouco do “normal”, tem isso aí escrito nesse documento, depois você lê.

G: Certo...

M: Então, o Willie Maurer ficou lá no IMF em 1964 e eu fui convidado por ele para vir para cá (UFG). Não, não foi bem assim. Foi assim, um fala pro outro, outro fala pro outro e eu tinha lá um ex-aluno que se formou lá, na...

G: Na UNESP de Rio Claro?

M: É na UNESP em Rio Claro. Então, ele falou para mim vir pra cá e aí eu digo vou, vou fazer uma coisa nova. Eu e o prof. Willie, procuramos, contratamos professores e tudo mais... e, começamos então o IMF. Depois de fins de 1963 e início de 1964 é que eu fui para lá, fiquei quase um ano convivendo com ele sendo diretor e eu professor. Eu devo muito ao prof. Willie, inclusive, nossas ideias “batiam” de como devia ser “a coisa”, certo? Tem explicado aí, (referindo-se aos documentos sobre a mesa).

G: Isso...

M: Então, ele fazia como a gente gostava mesmo... (risos). Por que lá, nós colocamos uma parte de pessoas de Rio Claro que tinham o “espírito do ITA”. Quer dizer, eles tinham vindo lá do ITA como eu e no ITA a coisa era muito boa, não tinha esse negocio de professores catedráticos, isso, aquilo, aquilo outro. A minha formação e a prática de estudar para lecionar, foi obtida no ITA.

G: Correto.

M: Então eu fiquei lá um ano, ele estava lá como diretor e eu fiquei lá em 64 sob a direção dele, então, dessa forma é que conheci o prof. Willie Maurer, como professor.

G: O senhor e ele estabeleceram uma relação de amizade?

M: Eu tive amizade com ele, mas, uma amizade assim, não uma amizade pessoal, vamos dizer, de um ir na casa do outro, mas uma amizade boa entre profissionais.

G: Entendi.

M: Então, aprendi muito com o Willie Maurer, daí então ele saiu, e eu perdi mais ou menos o contato com ele, porque ele voltou inicialmente para o Mackenzie, tenho a impressão que acabou a licença dele lá. No último ano dele no IMF fiquei com ele e quando ele saiu me indicou como o seu sucessor, no lugar dele como diretor do IMF.

* Nesse momento somos interrompidos pela esposa do prof. Milano, a Sr^a Lidia que diz: aqui tem uma dissertação de mestrado (mostrando a dissertação do Fernando Guedes), eu agradeço e informo a ela que já tinha recebido uma cópia do próprio Fernando e continuamos com a entrevista.

G: Pois é prof. Milano, o contato entre o senhor e ele foi no início do IMF e de certa forma breve, certo?

M: É foi breve, conheci o prof. Willie e fiquei um ano trabalhando com ele, ele era o diretor e aprendi muito com ele. Ele foi um bom diretor, professor e tudo mais.

G: Eu li alguma coisa a respeito, mas fiquei na dúvida: a ideia do regime de trabalho em tempo integral ou a também chamada Dedicção Exclusiva (DE) no IMF, era defendida por ele na época?

M: Isso, exatamente, já era defendida na época. E todos nós já éramos de tempo integral. O nome do cargo não era o de professor catedrático e sim, professor auxiliar, assistente, titular. (referindo-se a ideia do quadro de carreira dos professores na época). A gente escapava um pouco do padrão considerado normal naquele tempo... (risos), mas, naquela época era uma certa bagunça, um fazia uma coisa e o outro ia fazendo também, mas acredito que fizemos bem, pois mais tarde ficou lá o IMF, que existe até hoje.

G: O que perdura, é o “espírito” de dedicação exclusiva que vocês implantaram na época e é defendido até hoje, tanto é que praticamente todos os concursos para contratação de professores no IME são para dedicação exclusiva, certo?

M: Exatamente, só um ou outro professor que não era DE, mas naquela época também faltava professor, não tinha, por isso fomos “catar” o pessoal do ITA e de Rio Claro para começar e depois nós percebemos que tínhamos que formar os professores. Então logo de cara, entrava lá um sujeito no instituto para estudar e ele já começava... como se fala? Como ajudante, assim tal e coisa, ia fazendo, fazendo,... até que chegava no final, eu “mandava” ele para fazer uma pós-graduação, voltava e era professor com o “espírito” da gente.

G: É, pelo que li nesse documentário que senhor escreveu, que incentivar a formação do professor da região acredito que foi o diferencial para o IMF se tornar o que é hoje, porque o professor da região se qualifica e retorna. Mas essa ideia já foi na gestão do senhor, certo?

M: Sim foi, mas, ele também pensava dessa forma, pois, como são professores daqui, vão para outros centros se qualificar e voltam.

G: Prof. Milano o senhor conheceu às obras que ele escreveu?

M: Para dizer a verdade, eu conheço de vista os livros de cálculo, não parei para ficar lendo, mas eu sei que são livros bons para ensino e tudo mais. E eu até recomendava para os alunos, não como livro texto, mas como leitura complementar.

G: O prof. Willie Maurer já estava bem adaptado dentro do Mackenzie na época, era um professor de renome, ocupava cargos importantes. Na opinião do senhor o que o convenceu a sair de São Paulo e vir para Goiás, quando tudo estava começando?

M: Porque ele sentiu que ia fazer uma coisa nova, ele percebeu isto através das ideias do Gabriel Roriz, que depois se tornou muito amigo dele e ele então, queria fazer uma coisa nova e nós tínhamos então, uma coisa nova para ser feita (risos) e fizemos.

G: O senhor sabe quem indicou o prof. Willie Maurer para o prof. Gabriel Roriz?

M: Não sei.

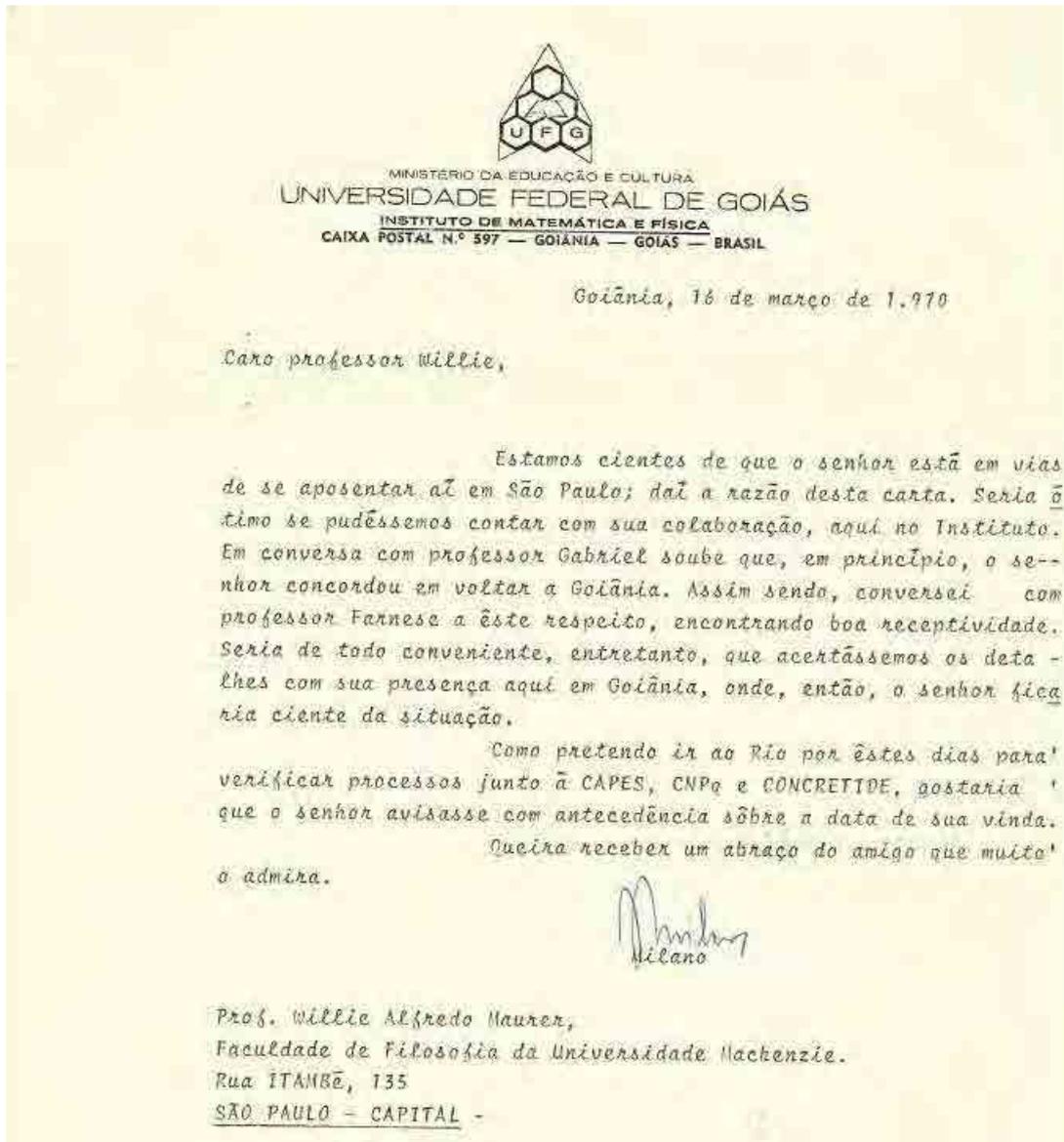
G: Bom, pelo que li sobre o prof. Willie Maurer, ele ficou aqui em 1963/64 e no início de 1965 ele retorna para o Mackenzie. Então, acredito que ele veio de lá licenciado, certo?

M: Certo.

G: Ele retorna ao Mackenzie em 1965 e se aposenta em 1969. Depois que se aposenta, eu tenho inclusive uma carta que estava nos pertences dele, que o senhor enviou a ele antes de ele se aposentar, convidando-o para retornar para o IMF, o senhor se lembra?

M: Não, realmente não lembro...

G: Vou até mostrar para o senhor, pois eu pensei, pode ser que o professor Milano não se lembre. Estava no material pessoal dele que a filha passou para a Maria Angélica, professora da Universidade Católica e esse material me foi repassado. Está aqui, foi em 1970 que o senhor escreveu a carta para ele, convidando-o para retornar ao IMF. (Nesse momento entrego a carta a ele que começa a ler).



M: Pois é, então mandei para ele. Certamente ele deve ter vindo depois, não tão logo assim. Depois ele veio e também foi professor na Universidade Católica de Goiás - UCG.

G: Na autobiografia ele diz que, quando retorna para UFG em 1970, vai para o departamento de Física e não entendi, pois, ele era matemático. O senhor sabe por quê?

M: Porque lá inicialmente estava a Matemática e a Física juntas. Apesar de ser matemático certamente gostava de Física e tinha uma base boa também.

G: Parece que tinha uma sala no IMF, com o nome dele. O senhor lembra se tem ou tinha?

M: Atualmente eu não me lembro. Aliás, tem até uma bem velhinha com o meu nome.

G: O senhor sabe se na secretaria do IMF eu conseguirei encontrar documentos da época da fundação do Instituto?

M: Há sim, certamente, se ninguém “cismou” de jogar fora, deve ter. Aliás, até eu após 23 anos de criação do IMF, achei que devia escrever isso daqui... (mostrando o documento 23 anos da criação do IMF), para dar uma ideia de como foi o início e depois de 40 anos eu fiz de novo, aliás, eu não, outras pessoas fizeram e eu contribuí com uma pequena parte.

G: Quanto à atuação do professor Willie Maurer aqui em Goiás, uma das coisas que considero de fundamental importância foi a criação do IMF, o senhor concorda?

M: Plenamente, a criação dos Institutos foi uma ideia brilhante, com um desejo que acontecesse no Brasil todo, nós fomos um Instituto que era para os outros também serem, como se fala, fazerem a mesma coisa, enfim, que o IMF servisse de modelo para outros.

G: Correto e com relação às obras dele, o senhor não teve um contato, digamos mais profundo, certo?

M: Correto, não tive porque foi só um ano de convivência, depois ele foi para outros lugares. Os livros dele eu tinha, olhava e considerava bons livros.

M: Na Católica até me lembro, mas no IMF eu não me lembro, sinceramente não me lembro.

G: Li na autobiografia dele que também teve uma passagem por Uberlândia, o senhor sabe alguma coisa?

M: Pois é, sobre isso, não sei, não sabia disso.

G: E na UnB em Brasília?

M: Acho que esteve por lá, certamente vinham atrás dele, ver o que ele estava fazendo aqui e tudo mais.

G: Bom, eu gostaria agora que o senhor falasse um pouquinho como o senhor analisa a vinda do prof. Willie Maurer para Goiás, com relação à contribuição dele para o ensino de matemática em nosso estado.

M: A vinda dele para Goiás foi muito boa, porque eu, por exemplo, sozinho não iria conseguir fazer isso tudo aí e ele já era um professor conhecido e tudo mais. Ele era muito respeitado e considerado pelos outros professores. Eu acredito que ele sendo discípulo do “Pegado” (prof. Henrique Pegado, fundador e primeiro reitor da Universidade Mackenzie) e naquela época sendo o “Colemar e Silva” (prof. Colemar

Natal e Silva, fundador e primeiro reitor da UFG) o reitor da UFG, ele já veio como diretor do IMF, mas era uma “coisa” que estava sendo implantada...

G: Entendi.

M: E ele implantou e o que ele estava pensando era tocar para frente, crescer e motivar os outros professores a acreditar e defender a ideia dos institutos, tá certo? Então, na UFG o Instituto de Matemática e Física-IMF, foi ele que fundou e fez “a coisa andar”. E a gente acreditou e ajudou, foi muito bom.

G: A época da estruturação e implantação do IMF em 1963/64, foi uma época de dificuldades devido ao golpe militar e politicamente acredito que foi uma tarefa muito difícil, não?

M: Foi muito difícil sim, mas, ao mesmo tempo ajudou a modificar as coisas e modificando a gente conseguiu implantar o IMF. Na época não existia Matemática e Física, aliás até está escrito no documento 23 anos de criação do IMF, que havia uma “briga” com o pessoal da Filosofia.

G: Certo.

M: Então, mas... nós tocamos... foi embora e com isso o IMF tornou-se depois um exemplo para os demais.

G: Depois do golpe militar de 1964, quando os militares assumiram o poder, o senhor já estava no IMF. Não houve muita dificuldade para as universidades?

M: Não, porque eu acho que “eles mesmos”, entenderam que aquilo estava bom, sabe... (risos). Então, a gente ficava um pouco “á margem da lei”, mas a gente ia indo até que no final se consolidou.

G: Não houve perseguição política aos professores do IMF que apoiavam a ideia dos institutos?

M: Não me lembro se existiu ou não. Naquela época o que havia entre nós, eram três categorias. Uma categoria que era a dos idealistas, certo? Uma outra parte, que era contra a implantação do IMF, que eram os oportunistas. Que a gente sabe o que são e a outra que ficava esperando as coisas acontecerem. Os oportunistas queriam continuar com aquilo do jeito que estava, porque tinha cadeira daqui, cadeira de lá, cadeira acolá e no instituto não tinha isso, tinha era categoria de professor auxiliar, assistente, adjunto e titular que detinham os créditos de sua formatura, de coisas que tinham feito e tudo mais. Então era isso, no instituto o professor ia subindo de cargo de acordo com o seu grau de formação e dedicação. Uma coisa importante era o pensamento de formar outros professores, principalmente os da região.

Primeiro veio um monte de gente de Rio Claro e esses começaram a formar as pessoas daqui, logo de cara, os melhores ficavam lá no IMF como ajudante, isso e aquilo.

G: Prof. Milano, antes dos Institutos, às vezes um professor tinha duas ou três cadeiras? E para cada cadeira recebia um salário?

M: É... (risos). Tinham os “donos”, os donos disso, os donos daquilo, daquilo outro, uma cadeira era minha, outra era ... (risos). Funcionava desse jeito e nós colocamos uma situação que não era bem assim, o que provocou a discórdia de alguns.

G: Então, no IMF mesmo na época de sua criação, a formação do professor já era muito valorizada, certo?

M: É..., mas, veja bem, tinha a ideia, mas legalmente isso não existia. O IMF quando foi criado, assumiu essa ideia e fez isso se consolidar, de modo que isso foi se firmando e todo mundo depois começou a olhar para o IMF e o seu modo de ser.

G: Pelo que eu li no documentário que o senhor escreveu, o senhor foi um grande incentivador para os professores saírem para cursar a pós-graduação. É inegável a importância que teve o professor Willie Maurer na criação do IMF, mas a partir daí foi senhor quem o consolidou...

M: Não é bem assim, tudo começou bem antes, o início, a ideia, tudo que estava lá era comandado pelo Willie Maurer.

G: Prof. Milano, farei a transcrição da gravação, trago para você ler e alterar o que julgar necessário. Em seguida será feita a redação final e com o seu consentimento passará a integrar a tese. Entendeu?

M: Tá certo.

G: O senhor sabe se depois do documento “40 anos de criação do IMF” foi feita mais alguma coisa sobre a história do Instituto?

M: Do Instituto não. Eu fiz questão de que tudo que era papel que documentasse a história do IMF ficasse guardado lá, espero que ainda esteja.

G: Bom, para mim tá ótimo. Se o senhor quiser acrescentar alguma coisa, fique à vontade.

M: Não, não. Em síntese, o que está escrito nesses dois documentos aí (referindo-se aos documentos 23 e 40 anos de criação do IMF) é o dito.

G: Tá certo. Bom professor Milano, eu só tenho a agradecer pela paciência e atenção, muito obrigado.

Fim

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS:

Goiânia, 10 de setembro de 2012

Eu, Juarez Milano, carteira de identidade número 1043790, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista gravada, concedida no dia 09 de agosto de 2011, para o Prof. Glen César Lemos usar, para fins acadêmicos, integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a terceiros o uso do texto final produzido, ficando a audição vinculada ao controle do Prof. Glen César Lemos, que detêm sua guarda.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

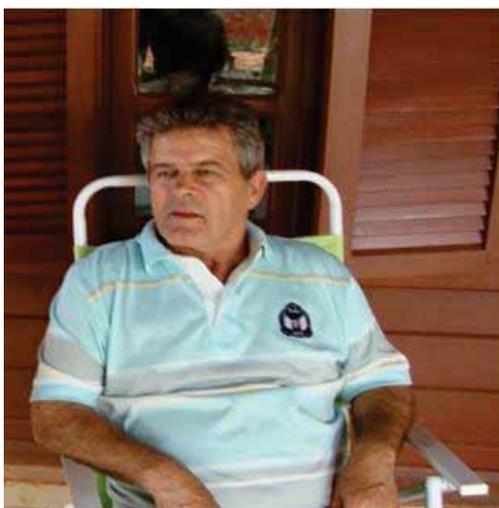


Juarez Milano

ENTREVISTA 2

Tese de Doutorado: **WILLIE ALFREDO MAURER: VIDA, OBRAS E CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DA MATEMÁTICA NO BRASIL**

Entrevistador	Glen César Lemos
Entrevistado	Venício Veloso Borges
Data	17/08/2011
Horário	14h
Local	Residência do entrevistador
Vínculo com Willie Maurer	Aluno do Instituto de Matemática e Física (IMF) da Universidade Federal de Goiás (UFG) na época em que Willie Maurer foi professor.



Venício V. Borges (Fonte: Acervo nosso, 09/08/2011)

O Professor Venício Veloso Borges é natural de Trindade, Estado de Goiás, possui graduação (bacharelado) em Matemática pela Universidade Federal de Goiás (UFG-1972), mestrado em Matemática pela Universidade Federal de Goiás (1980) e doutorado em Matemática pela Universidade de São Paulo (USP-1988). Foi docente no Instituto de Matemática e Estatística da UFG no período de 1973 a 1996, quando se aposentou como professor titular. Nessa instituição, coordenou o Curso de Mestrado em Matemática por seis anos. Atualmente é professor adjunto da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). Tem experiência na área de Matemática, com ênfase em Análise Matemática, atuando principalmente nos seguintes temas: Caos, Sequências de Sarkovskii, Planejamento Acadêmico Integrado, Equações Diferenciais e Fractais.

ENTREVISTA

Legenda: V: Venício G: Glen

G: Bom prof. Venício, como já tínhamos conversado antes, a tese que estou desenvolvendo é sobre o prof. Willie Alfredo Maurer, com foco em sua “vida e obra” e gostaria de contar com a colaboração do senhor. Elaborei este roteiro para nossa entrevista (nesse momento entrego uma cópia do roteiro a ele), e acredito que podemos dispensar a auto apresentação, por constar em seu currículo Lattes, certo?

V: Correto, e muito obrigado professor, pelo convite para falar sobre essa figura que muito contribuiu para a Matemática no Brasil, principalmente na área de ensino e pesquisa.

G: O senhor se lembra de quando e como conheceu o prof. Willie Maurer?

V: Eu o conheci como professor do IMF, logo que eu entrei lá. Entrei em 1969, mas eu o conheci em 1970/71, porque ele era professor de algumas disciplinas e assisti algumas aulas como ouvinte, por curiosidade, por referência de alguns colegas.

G: Correto. Ele esteve no IMF como professor em 1970 e 71. O senhor chegou a ser aluno dele?

V: Pena que não, queria ter sido, mas como disse antes, assisti algumas aulas dele e fiquei muito impressionado com a clareza das exposições e a segurança com que ele ensinava para os alunos.

G: Fiz uma entrevista com o professor Milano e uma das coisas que ele contou foi o quanto ele se esforçou para formar professores da terra. Incentivava os alunos de Matemática da UFG a fazer pós-graduação, como aconteceu com o senhor, e que seriam os futuros professores do IMF, não é isso?

V: Eu percebi isso, tanto quanto. Eu fazia graduação, fui aluno do prof. Milano em diversas disciplinas e ele dizia que primava em formar professores e pesquisadores de alta qualidade, não se importando muito com a quantidade de formandos. Quer dizer, ele pretendia que quem saísse do IMF pudesse fazer cursos de pós-graduação em qualquer instituição do País e exterior, com muita chance de sucesso.

G: Entendi.

V: Eu percebi que diversos professores, tanto na minha época de graduação, quanto na época que coordenei o mestrado, eram professores nômades, ficavam pouco tempo lá e saíam; entre eles vários professores aqui do Brasil e estrangeiros, foi quando percebi que o mestrado lá no IMF, só ia se consolidar quando a gente tivesse professores com raízes goianas. Diversos professores da terra que saíram para fazer o doutorado voltaram, e hoje, o curso de mestrado já está consolidado, com diversos professores que não têm nenhuma intenção de sair do Estado de Goiás e o mestrado ficou tão forte que propiciou a criação do Doutorado.

G: Em 1963 e 1964, o prof. Willie Maurer veio para a UFG a convite do professor Gabriel Roriz, que era diretor da Engenharia. O senhor tem alguma informação a respeito?

V: Tenho. A aula inaugural do IMF foi no dia 16 de março de 1964, mas a convite do professor Gabriel Roriz, o prof. Willie Maurer que exercia a direção da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Mackenzie, veio em 1963 e em novembro de 1963 estava criado o IMF, mas a aula inaugural foi só em 1964. Foi o prof. Willie Maurer o autor do projeto de criação do IMF e foi o primeiro diretor de lá.

G: O prof. Willie Maurer quando foi convidado a vir para Goiás já era diretor da Faculdade de Filosofia do Mackenzie. Em sua opinião, o que o motivou a aceitar o convite de vir para Goiás para estruturar o IMF?

V: Na verdade, o professor Gabriel Roriz tinha problema aqui. Ele era diretor da Faculdade de Engenharia e na Escola de Engenharia eles não tinham professores aptos para ministrar determinadas disciplinas de Matemática. Eles eram técnicos, não eram professores, não tinham formação para dar aula de Matemática. Então ele teve a ideia de criação do Instituto. De fato o IMF começou como um prestador de serviço para a Escola de Engenharia e ele pediu para que o professor Willie Maurer viesse, e de fato veio, felizmente veio e articulou a criação do IMF.

G: Naquela época, será que houve algum incentivo financeiro ou foi simplesmente por dedicação à profissão?

V: Eu acredito que ambas as coisas. O professor Willie Maurer era um aficionado pelo ensino da Matemática, tanto que foi escritor de vários livros

didáticos na área de Matemática, como Cálculo Diferencial e Integral, e Lições de Cálculo Infinitesimal. Eu tive a honra de adotar alguns livros dele.

G: Então o senhor conhece e utilizou livros que ele publicou?

V: Várias vezes. Os livros de cálculo eu usei todos eles do 1º ao 4º volume, e um livrinho que não é muito divulgado, que é Lições de Cálculo Infinitesimal que complementava o meu trabalho. Mas então, quando ele veio para cá, primava em oferecer um ensino eficiente e com economia, sem desperdício de coisas materiais e humanas, ou seja, queria racionalizar o ensino da Matemática. Agora, realmente eu acredito que houve um bom incentivo financeiro, porque o prof. Milano que também veio com ele a convite do professor Roriz, dizia “que o salário de um professor titular, na época, era equiparado ao de um Desembargador” e hoje, veja bem, um professor pesquisador com muitos trabalhos publicados, recebe muito aquém de um Desembargador.

G: Professor Venício, o senhor poderia falar um pouco sobre as obras que ele publicou e que o senhor adotou?

V: Há sim, eu me sinto à vontade de falar sobre as obras dele porque adotei várias, principalmente as de cálculo. Quanto à exposição, ele escrevia de uma forma leve e às vezes pecava pelo excesso de clareza. Muitas vezes, eu ia estudar alguma coisa nos livros dele, apesar de que eu já tinha entendido, ele ainda continuava explicando... (risos). Por isso, os alunos tanto gostavam de usar os livros dele.

G: As obras tinham “rigor matemático”?

V: Sim, sim. Não perdia o rigor, eram simples, com clareza e com rigor. Continham vários exemplos, bem criativos e oportunos, ou seja, bem elaborados e no lugar certo. A teoria é muito clara e a lista de exercícios é extensa, com exercícios bem fundamentados e com respostas. Seus livros são muito bem estruturados.

G: Professor Venício, na época que o senhor estudou como era o acesso aos livros?

V: Não tinha pra todos, apesar de que existiam vários volumes na biblioteca. Quando entrei na graduação, na década de 1970, tive um pouco de dificuldade porque eram adotados alguns livros em língua estrangeira, no cálculo, a professora gostava de adotar o livro do Piskounov, Serge Lang e também do

Thomas. Mas mesmo com esses livros sendo adotados, os alunos usavam os livros do professor Willie Maurer como referência, isso quando não eram adotados.

G: Entendi. As obras dele de fato contribuíram com formação em Matemática de alunos daquela época, correto?

V: Com certeza. Eu acredito que o professor Willie Maurer acabou por formar um tipo de escola, porque muitos professores de Matemática foram “moldados” em seu estilo, ou seja, pelo modo do professor Maurer ensinar e escrever. Eu mesmo, absorvi muito do seu estilo ao escrever textos de Matemática, sob influência dos escritos do professor Maurer e também do professor Milano.

Lembro-me de um episódio que talvez mostre um pouco do humor do prof. Willie em sala de aula, que foi o seguinte: num determinado dia durante uma aula de cálculo sobre convergência de sequências ele afirmou “o sujeito não pode ser muito afoito ao falar sobre convergência de sequências com base em 1, 2 ou 3 termos”, ou seja, você não pode ainda intuir a forma do termo geral. E deu um exemplo onde a sequência mantinha o mesmo padrão até o terceiro termo, mas o quarto termo era diferente, deu outro onde no quinto diferia dos anteriores e foi dando exemplos até o sexto termo e parou. Aí um aluno perguntou: “professor e se... o sétimo termo for diferente?” Nesse momento o professor Willie calmamente disse: “olha, com a idade que eu tenho, nunca vi uma”...(risos). E se você verificar, nos exemplos dos livros de cálculo que ele escreveu, ele não escreve apenas 1, 2 ou 3 termos de uma sequência e sim vários termos.

G: No roteiro eu tinha colocado alguma referência sobre a passagem dele pela Católica, Uberlândia e UNB, mas o senhor já me adiantou que não se lembra...

V: Não. Só fiquei sabendo que da UFG ele foi para a Católica, ficou lá um tempo também.

G: Certo. Quando conversamos informalmente a respeito do meu trabalho, o senhor me contou uma história, que foi a de buscar a biblioteca dele em São Paulo. Gostaria que o senhor relembresse isso, se for possível.

V: Eu lembro muito bem. Aconteceram coisas interessantes e até pitorescas. Fomos uma equipe de professores, por volta de 1975, para buscar esses livros que estavam em sua biblioteca em São Paulo, numa cidade próxima da capital, Mairinque. Ele tinha um sítio lá, onde guardava maior parte do seu acervo.

Esses livros teriam sido oferecidos por ele para compor a biblioteca da Universidade Católica, mas esta achou muito difícil buscar esses livros. Eu era professor da Universidade Federal, fui convidado a integrar uma equipe para ir lá buscar esses livros. Fomos uns oito professores. Então embalamos esses livros em caixas que nós levamos e deixamos lá para serem trazidos posteriormente, por um caminhão. Mas achávamos interessante o grande apego que ele tinha por determinadas obras, tanto é que, antes de encaixotar ele segurava essas obras apertando no peito dizendo assim: “esse não vai, esse não pode, esse eu fico com ele”. Realmente ele foi um aficionado em livro, pelo que pude notar ele comprou livro a vida inteira. E não era só livro de Matemática não, era livro sobre Filosofia, Direito e Literatura em geral. Os livros que ele doou para a Universidade Federal deram origem a uma área na biblioteca central denominada Seção Prof. Willie Maurer, onde está a maior parte do seu acervo. Ele lia varias obras, não só de Matemática, porque ele costumava anotar nesses livros, à lápis, alguma impressão que tinha “daquele assunto”. Ele fazia algumas “notinhas” igual “Fermat ” costumava fazer... (risos).

Dentre os livros que ele tinha, existiam obras preciosíssimas tipo: “os Elementos de Euclides”, que vieram parar no acervo da Universidade Federal. E obras em diversas línguas. Ele mesmo pelo que eu soube, além de português e inglês, falava alemão e francês.

G: Prof. Venício, o que o senhor poderia dizer sobre as contribuições do prof. Willie Maurer para o ensino de matemática no IMF e também um pouco mais geral?

V: Bem, é inquestionável a marca que ele deixou no ensino de Goiás, principalmente pelos seus livros, que até hoje são usados como referência. Ele formou adeptos de ensino e incentivava pessoas que tinham interesse em pesquisa. Afinal de contas ele veio de um centro que na época era considerado o mais desenvolvido do país, que era São Paulo e mais especificamente da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Mackenzie que primava pela eficiência e modernidade.

G: Certo.

V: Então, felizmente ele trouxe essa experiência para cá, para o IMF. E o IMF primou por esse “espírito” de trabalho formando principalmente professores e pesquisadores para o ensino superior. Foi o efeito da dedicação do prof. Willie

Maurer e também do prof. Juarez Milano que trouxe sua valiosa experiência da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Rio Claro-SP e também do ITA. Então, graças ao trabalho desses dois “pioneiros professores de matemática superior” em Goiás, é que temos hoje o IMF consolidado, como já disse antes, até com cursos de mestrado e doutorado em matemática.

G: E de certa forma ele contribui com a formação de professores de matemática tanto para o Estado quanto para o País, correto?

V: Exatamente, e o espírito era de formar pesquisadores e professores de alta qualidade, muito competentes e a ideia do prof. Milano era: quem tivesse a formação acadêmica pelo IMF, seria capaz de fazer cursos de pós-graduação em qualquer instituição de ensino, e eu, pelo que me lembro todos que formaram lá e tentaram fazer o doutorado conseguiram.

G: Na entrevista que fiz com o prof. Milano, ele disse que um dos fatores que contribuíram para que desse certo o IMF foi justamente o fato de que as ideias que prof. Willie Maurer defendia, concordavam com as do ITA que o prof. Milano apoiava, quer dizer, houve um consenso e de certa maneira uma harmonia que permitiu consolidar o então recém criado IMF.

V: Os dois formaram uma frente através da grande experiência, tanto didática quanto administrativa de ambos, o que possibilitou consolidar o Instituto, porque desde o início não foi só como um prestador de serviço para a engenharia, mas teve personalidade própria. Com o curso de bacharelado em matemática, foi fortalecida a vinda de professores, tanto brasileiros como estrangeiros para cá, ficando o IMF cada vez mais forte. Eu mesmo me lembro de que fui aluno de alguns professores indianos, americanos e italianos.

G: Foi possível detectar com desenvolvimento da pesquisa sobre o prof. Willie Maurer, que a vida dele foi toda dedicada ao estudo e à melhoria do ensino da matemática.

V: É verdade, eu acredito que ele gastava quase todas suas economias em livros. Foi a maior biblioteca particular que eu já conheci e não eram só livros de matemática. Nós trouxemos o acervo dele de São Paulo e eram quase 100 caixas de livros. Existiam obras importantíssimas e também raríssimas.

G: E essas obras estão na biblioteca da Universidade Federal?

V: Sim, acredito que elas compõem o acervo da biblioteca da Universidade Federal. Não sei se foi criada uma área em homenagem a ele, tipo: “Seção Prof. Willie Maurer”.

G: Muito bem professor Venício, o senhor gostaria de acrescentar, comentar ou sugerir mais alguma coisa? Fique a vontade.

V: Bem, eu gostaria de elogiar sua iniciativa, bem como de seu orientador prof. Irineu Bicudo, em homenagear esse grande matemático brasileiro, tudo bem, ele era natural dos Estados Unidos, mas se naturalizou e se considerava brasileiro. E aqui ele fez seu nome, criou sua personalidade acadêmica, formou escola, conseguiu muitos simpatizantes e é inegável a sua contribuição para o desenvolvimento da Matemática no Brasil.

G: Obrigado professor Venício, vou fazer a transcrição da gravação e trago para o senhor ler e alterar o que julgar necessário. Em seguida será feita a redação final e com o seu consentimento passará a integrar a tese.

V: Tudo bem.

G: Eu só tenho a agradecer a sua gentileza e pedir desculpas pelo tempo que tomei do senhor.

V: Não tomou tempo nenhum, foi um prazer, e acredito que além de nossa amizade pessoal estou contribuindo para a formação de um novo pesquisador aqui em Goiás, pois você logo vai concluir seu doutorado e só lamento não ter tido um contato maior com o prof. Willie Maurer, que com certeza teria moldado melhor a minha formação acadêmica.

Fim

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS:

Goiânia, 13 de dezembro de 2012

Eu, Venício Veloso Borges carteira de identidade número 83.341, SSP-GO, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista gravada, concedida no dia 18 de agosto de 2011, para Glen Cézar Lemos usar, para fins acadêmicos, integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a terceiros o uso do texto final produzido, ficando a audição vinculada ao controle de Glen Cézar Lemos, que detém sua guarda.

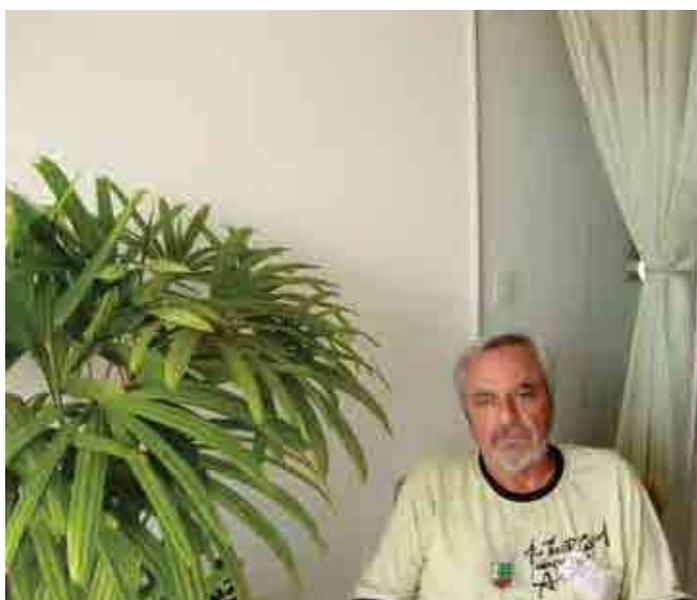
Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.


Venício Veloso Borges

ENTREVISTA 3

Tese de Doutorado: **WILLIE ALFREDO MAURER: VIDA, OBRAS E CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DA MATEMÁTICA NO BRASIL**

Entrevistador	Glen Cézar Lemos
Entrevistado	Luiz de Gonzaga Vieira
Data	09/11/2011
Horário	09h
Local	Residência do entrevistado
Vínculo com Willie Maurer	Diretor do Departamento de Matemática e Física (MAF) da PUC GOIÁS na época da contratação do prof. Maurer em 1982.



Luiz de Gonzaga Vieira (Fonte: Acervo nosso, 09/11/2011)

Luiz de Gonzaga Vieira nasceu em Araguari - MG, no dia 31 de julho de 1947, possui graduação em Matemática pela Universidade Católica de Goiás, atualmente Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC GOIÁS), especialização em Estatística e Métodos Quantitativos pela Universidade de Brasília (UnB). Foi professor por mais de trinta anos na Escola Técnica Federal de Goiás, atualmente Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG) e também na PUC GOIÁS.

ENTREVISTA

LEGENDA: L: Luiz G: Glen

G: Prof. Luiz, conforme já havíamos conversado antes, faço doutorado na UNESP, na área de Educação Matemática e minha tese é sobre o professor Willie Maurer, que foi contratado pela PUC GOIÁS em 1982, época em que o senhor era o diretor do MAF. Após a realização da entrevista farei a transcrição da gravação, trago para o senhor ler e alterar o que julgar necessário. Em seguida será feita a redação final e com o seu consentimento passará a integrar a tese. Entendeu?

L: Correto. Você chegou a falar com o Augusto Fleury?

G: Ainda não, mas vou tentar conversar com ele.

L: O prof. Fleury é importante porque ele foi o pivô da vinda do prof. Willie Maurer aqui pra PUC.

- Enquanto eu terminava de organizar o equipamento o prof. Luiz ficou lendo o roteiro que eu lhe entreguei.

G: Deu para o senhor ter uma ideia do que vamos conversar?

L: Sim, você pede no começo para eu falar um pouquinho de mim, certo?

G: Isto mesmo, gostaria que o senhor começasse fazendo uma breve auto apresentação.

L: Nasci em Araguari-MG, no dia 31 de julho de 1947 e meu sonho de estudante era fazer geologia lá em Ouro Preto. Mas quando terminei o científico percebi que eu não tinha preparo nenhum para fazer o vestibular, que era muito concorrido, aí eu entrei num “cursinho”. Quando iniciei o cursinho fui procurado pelo diretor do colégio estadual lá de Araguari onde estudei para me convidar pra dar aula, a aula era de desenho geométrico. Na época eu me assustei, pois nunca tinha pensado nisso. Aí eu pedi alguns dias para pensar e aí eu resolvi aceitar. Fiquei pensando vou ser professor enquanto eu estou estudando. Isso foi em 1966. Lecionei em Araguari, gostei e no final do ano eu falei: quer saber de uma coisa, eu não vou ser geólogo, vou ser professor de matemática. Fiz vestibular em Uberlândia que é bem próximo de Araguari, ainda não existia a Universidade Federal de Uberlândia (UFU), eram faculdades isoladas e fiz o vestibular em Goiânia também.

G: Como era antes da UFU?

L: Era faculdade, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, o curso de matemática era das Freiras que depois veio integrar a UFU. O curso de matemática é mais antigo que a própria universidade. Passei em Uberlândia e aqui em Goiânia também. Vim passear em Goiânia depois que já tinha passado lá em Uberlândia e estava tendo vestibular na católica. Prestei, passei e fiquei por aqui. Demorei seis anos para fazer o meu curso, tive que trancar duas vezes para trabalhar e logo que terminei o curso de matemática fiz concurso na Escola Técnica e também na Católica sendo aprovado em ambos. Comecei a trabalhar simultaneamente nas duas instituições. Na Escola Técnica eu comecei como professor e cheguei até diretor. E na Católica também eu ocupei uma porção de funções, fui diretor do Departamento de Matemática e Física, fui decano do centro técnico científico e vice-reitor acadêmico.

G: O que seria o decano?

L: A universidade era dividida em duas áreas: área técnica científica e área de humanas, então era uma espécie de coordenador da área, embora decano signifique o mais velho, mas a conotação na época era um pouquinho diferente, era na verdade uma coordenação de área. Fui também Vice-Reitor na Vice-Reitoria Acadêmica (VA) durante um período de 02 anos. Saí pra fazer um mestrado na UnB em Brasília, fui licenciado tanto pela Católica como pela Escola Técnica Federal e passei 02 anos em Brasília. Mas na época, infelizmente não consegui prorrogação por parte da Escola Técnica para terminar. Fiz os créditos em 03 semestres, fiz a prova de qualificação e comecei desenvolver minha dissertação, foi quando tive a infelicidade da minha orientadora ter voltado para a Argentina. Perdi a orientadora e praticamente teria que começar tudo de novo. Aí eu pedi prorrogação que todo mundo conseguia na época, a Católica concedeu, mas a Escola Técnica na época não. Na época não era política da instituição. O Hélio Naves era o diretor e o Antônio Carlos era o gestor de recursos humanos. Eles achavam que não tinha sentido, achavam que eram dois anos e acabou, mas mesmo assim eu tentei ir continuando, mas trabalhando não dá. Quando a Católica percebeu que eu estava trabalhando na Escola Técnica, me obrigou a voltar também. Quando percebi que não ia ter jeito mesmo, peguei o título de Especialização e foi o que eu consegui na área de formação acadêmica. Aposentei-me em 1995 na

Escola Técnica e na Católica este ano, no mês de agosto participei do plano de demissão voluntária – PDV e deixei a universidade.

G: Prof. Luiz como o senhor conheceu o prof. Willie Maurer, gostaria que relatasse o que lembrar.

L: Eu era diretor do MAF, as datas não me lembro, sei que fui procurado pelo prof. Augusto Fleury, que na época era Vice-Reitor Administrativo da UCG. Ele me procurou, aliás, ele me chamou lá na sala dele e me perguntou: você conhece o prof. Willie Maurer? Eu falei, de nome. Aí ele falou: você não quer trazer ele pra cá? Respondi assim: nunca me passou pela cabeça. E ele disse: vou te contar uma coisa, ele foi o fundador do Instituto de Matemática e Física (IMF) da UFG e que o conheceu quando era aluno na UFG. Disse-me ainda que, o prof. Willie Maurer tinha trabalhado em Uberlândia, que também foi professor no Mackenzie em São Paulo durante muitos anos, que recentemente tinha se aposentado e estava em São Paulo sem uma atividade laboral. Embora fosse uma pessoa de idade um pouco avançada, era uma pessoa muito dinâmica e ainda tinha muito a contribuir, principalmente com o ensino da matemática, da física...

G: Isso foi em 1982?

L: É, o ano eu não sei, eu sei que eu era o Diretor do MAF nessa época. Aí eu falei: claro, a gente tem a oportunidade de trazer uma personalidade tão importante como o prof. Willie Maurer que com certeza será muito importante para UCG. Aí ele me disse: então deixa comigo a questão da contratação dele. Você simplesmente vai me fazer um memorando solicitando a contratação dele e eu resolvo aqui na administração da universidade. Aí eu fiz a solicitação e o prof. Augusto Fleury cuidou do resto. A forma que ele encontrou foi que existia no estatuto da universidade uma forma de fazer essa contratação sem a realização de concurso, que seria através da categoria de professor visitante, porque, como já existia o plano de carreira, o ingresso na UCG só era possível mediante concurso. O prof. Willie entrou sem concurso em função do seu currículo e da sua notoriedade do saber e isso foi a justificativa da universidade para fazer o contrato dele como professor visitante. O que nós arranjamos na época foi uma forma de ele ter uma remuneração que fosse o suficiente para ele se manter em Goiânia, porque ele teria inicialmente que morar em um hotel.

Ele começou morando num hotel, ali na Av. Anhanguera, perto do Instituto de Educação de Goiás.

G: A Maria Angélica me contou.

L: Era um hotelzinho que tinha por ali, logo a remuneração tinha que dar essa condição para ele, porque ele também não ia pagar pra trabalhar aqui, né? Inclusive o que ele me falou na primeira visita, antes de contratá-lo foi: “Luiz eu quero o suficiente para me manter e fazer minhas viagens, pois, precisarei ir a São Paulo pelo menos uma vez por mês. É o que eu quero, não quero ganhar nada, porque o meu prazer é estar trabalhando, estar no convívio universitário, é só isso que quero”.

G: E na época ele já era viúvo?

L: Sim, já era viúvo.

G: Esse aqui é um documento que o senhor enviou para ele na época, é uma carta quando ele foi convidado para vir pra cá. (entrego o documento para o Luiz ler).



L: Nem me lembrava mais disso... (risos). Então, a gente acertou com a universidade e chegamos a conclusão que o contrato inicial dele teria que ser de 36 horas no nível adjunto, que era o que proporcionaria a remuneração que calculamos que daria pra ele se manter aqui em Goiânia. Embora ele ficasse o dia inteiro no departamento, aliás, ele ficava os dois turnos na universidade. Ele ficava a manhã “todinha” de segunda a sexta feira e a noite também ficava todos os dias, apesar da sua jornada de trabalho não ser 40 horas. Então é isso aí, quem cuidou de tudo foi o professor Augusto Fleury, embora o pedido tenha saído do Departamento. Me lembro que levei o caso para a comissão auxiliar que a gente tinha no Departamento, que era formada pelo prof. Hélio Correia da Silva, prof. Luiz Macedo e o prof. Mauro Urbano. Discutimos muito a sua contratação e inclusive solicitamos à administração da universidade um espaço para abrigar o prof. Willie Maurer e construímos uma salinha para ele na antiga sala dos professores do departamento, ao lado da sala do diretor, a qual passamos chamar “salinha do prof. Willie”. Era bem simples com divisão de Eucatex, mas com prateleiras para ele colocar seus livros, pois ele trouxe parte da biblioteca dele para cá. O acordo que eu fiz com ele é que ele trabalharia somente com alunos do final do Curso de Matemática, se não me engano as disciplinas eram Análise II e Matemática Aplicada II.

G: Ele afirma isso na sua autobiografia.

L: No começo ele trabalharia com essas duas disciplinas e o semestre foi passando, ele foi ficando mais debilitado e então eu o deixei com uma disciplina só, porque ao mesmo ele se transformou em um orientador da meninada de final de curso e também dos professores que trabalhavam no departamento e não só professores da Católica (UCG), mas professores da UFG também. Muitos deles iam conversar com ele, trocar ideias e outros porque eram amigos dele da época da fundação do IMF. Eu sei por exemplo de um que foi lá muitas vezes foi o prof. Gabriel Roriz.

G: E o Gabriel Roriz, pelas informações que tenho, dividia sala com ele no IMF e se tornaram muito amigos.

L: Eram muito amigos, e nessa permanência dele lá na Católica, o prof. Gabriel Roriz foi um dos que o visitava sempre e outros que eu não conhecia e não lembro o nome agora, mas sempre ele comentava comigo “há o professor

fulano veio e eu achei muito bom, tinha muito tempo que eu não o via”(palavras do prof. Willie Maurer). Então, era o “pessoal da época” do tempo dele e outros mais novos, mas que conheciam o trabalho dele e que iam lá para trocar uma ideia ou para conversar alguma coisa com ele.

G: Prof. Luiz, pelo que tenho percebido o prof. Willie Maurer era uma pessoa de extrema competência e também muito carismático, concorda?

L: Quanto a isso não existe dúvida nenhuma, porque a gente percebia o envolvimento dele e teve também um episódio que marcou bastante: eu queria que ele deixasse uma marca importante dentro da universidade. Então nós programamos um curso de aperfeiçoamento para os professores da UCG. Inclusive se você tiver condição de entrevistar o Armandinho (Armando Paulino da Costa) e o Valdé (Valdemar Pereira Lopes), eles podem falar um pouquinho sobre esse curso. Foi nesse curso que ele perguntou pro Valdé porque que ele chamava Valdemar. Perguntou assim: “Valdemar quantas vezes você foi ao mar?” O Valdé falou: “professor, eu nunca fui no mar”. Aí ele perguntou: “e no bar, quantas vezes você já foi?” Aí o Valdé falou: “no bar eu vou quase todo dia”. Aí ele falou: “então você não será mais chamado de Valdemar, nós vamos chamá-lo de Valdebar”. Essa foi a sua primeira piadinha lá no curso que ele trabalhou com o pessoal. Uma coisa também, que ele comentava muito e se queixava comigo era que o nosso aluno não conseguia escrever usando a linguagem matemática e tinham uma dificuldade tremenda em Análise Matemática. Ele estava dando o burilamento final para um futuro professor de matemática, pois, ele achava um absurdo a falta de habilidade do nosso aluno e afirmava que faltava “cultura matemática”. Na disciplina de Análise Matemática ele procurava trabalhar com os alunos a questão das demonstrações, que segundo ele, “nosso aluno não estava preparado para demonstrar nada e não conseguia escrever nada na linguagem matemática”. Também participou ativamente de uma reforma curricular que fizemos na época e “brigou” e “batia o pé” nessas questões, na própria formação do currículo do nosso futuro professor de matemática.

G: Prof. Luiz, como o senhor avalia a passagem do prof. Willie pela UCG?

L: Foi inegável a dimensão que o departamento tomou com a presença do prof. Willie, porque ele era uma pessoa de renome nacional. Então, a presença dele no MAF valorizou muito o departamento dentro da estrutura da universidade e

isso eu considero muito importante. Na época eu me inspirava no que o departamento de Arquitetura fazia com um arquiteto muito famoso, que também teve esse tipo de participação e sua contribuição na Arquitetura. Acredito que foi na mesma proporção a presença do prof. Willie no MAF, ou seja, ele deu ao MAF uma “cor diferente”, porque o MAF embora fosse um departamento participativo na vida da universidade, pois era um prestador de serviço, mas naquilo que se referia à formação de professores deixava a desejar, porque sabemos que a Licenciatura sempre foi desvalorizada tanto pela própria universidade como pelo país. Devido à essa desvalorização do profissional, de certa forma faz com que sua formação seja também humilde e bem acanhada dentro das universidades. A presença de uma pessoa como o prof. Willie valorizava imensamente o departamento, a profissão e é por isso que eu nunca permiti, enquanto estive na direção do MAF, que ele ministrasse aula para outros departamentos, embora os outros diretores solicitassem, com a alegação de que seria importante na hora de reconhecimento do curso, valorizaria a formação básica do curso, mas eu nunca permiti. O prof. Willie foi contratado na UCG para trabalhar na licenciatura, na formação de professores de Matemática e de Física, porque é bom a gente ressaltar que ele gostava tanto de Física como de Matemática. Ele dizia que a Física era a maior motivadora da Matemática e se não existisse a Física, a Matemática também não existiria.

G: O senhor chegou a conhecer os livros que ele publicou?

L: Não, eu não. Porque eu sempre trabalhei com a área de Estatística, tal e coisa, então eu não tive a oportunidade de conhecer o material dele não. Ele era apaixonado pela Física e os exemplos que ele sempre fazia eram da Física. Ele achava que a Física e a Matemática eram indissociáveis, dizia que o ensino da Matemática e da Física tinham que caminhar juntos, sempre foi um defensor disso.

G: Prof. Luiz, durante o desenvolvimento da pesquisa foi possível constatar que o prof. Willie Maurer, na maioria das instituições por onde passou, também desempenhou funções administrativas relevantes e na UCG me parece que ele atuou somente como professor. Gostaria de ouvir sua opinião.

L: O prof. Willie Maurer não tinha mais idade para isso. Porque quando ele esteve na UFG e também em Uberlândia, ele era bem mais jovem. Então,

quando ele esteve conosco ele não tinha condição física para assumir a responsabilidade de uma coordenação. Entretanto, ele participava ativamente dos projetos e um que me lembro, foi o projeto da reforma curricular no qual ele participou como membro da comissão. Mas não o indiquei para coordenar exatamente pela precariedade da condição de saúde dele. Ele já era um pouco idoso, apesar de que eu não lembro exatamente quantos anos ele tinha, só sei que ele era quase octogenário quando esteve aqui.

G: Ele recebeu duas homenagens na UCG. Em uma delas, a de professor emérito em 1991 e a outra por ocasião do 2º Seminário de Matemática em 1985. O senhor lembra alguma coisa? (momento em que mostro ao prof. Luiz cópia dos documentos).



L: Engraçado, eu acho que a de 1985 foi bem no finalzinho da minha gestão, porque eu fui diretor de 1981 a 1984, pois o mandato era de dois anos, então eu já não era mais diretor. Eu não estou lembrado de ter participado da organização ou coisas desse tipo. Quando deixei de ser diretor do MAF assumi imediatamente uma função na Escola Técnica Federal e de certa forma com a Católica fiquei só com o compromisso das aulas e me desvinculei completamente da parte administrativa e acadêmica do MAF. Talvez Glen, seja bom você verificar quem era diretor do departamento na época, pois deve ser

quem propôs o título, sei que alguém propôs, talvez possa ter sido até o prof. Augusto Fleury.

G: Obrigado prof. Luiz, vou procurar o prof. Augusto Fleury. E o seminário que ele fez em 1991 intitulado A História do Sino Mudo Contada Matematicamente, o senhor assistiu?

L: Há... isso foi em uma aula da saudade, que ele apresentou essa história do sino e não foi só uma vez que ele apresentou isso não. Estou lembrando que eu assisti e o pessoal que assistiu achou muito interessante. Em quase toda colação de grau, ele era homenageado, porque ele lecionava no último semestre do curso de matemática e era muito querido pelos alunos. Por mais de uma vez ele fez a aula da saudade para o pessoal, e numa dessas aulas ele contou a história do sino mudo, esse “negócio” fez tanto sucesso que deu origem a esse seminário.

Glen, quanto à minha contribuição, eu acredito que você tem três faces sobre a história do Willie Maurer na UCG. Uma é no campo administrativo e as informações que tenho são basicamente nessa área. A segunda é a parte pessoal e quem vai te ajudar é a Angélica que era amiga inseparável dele, buscava e levava-o para todo lugar. E a terceira é parte do trabalho propriamente dito, como professor e sua relação com os colegas e os alunos. Para essa, eu indicaria o Valdé e o Armandinho. Valeria a pena você procurá-los e o Augusto Fleury é o responsável pela parte “macro” da coisa, que foi a vinda dele para UCG.

G: Prof. Luiz, o prof. Maurer perdeu a esposa em 1975 e em 1976 ele foi para Uberlândia trabalhar como professor, o senhor sabe de alguma coisa?

L: Em 1976,... deixe-me ver se o “Fernandinho”(Fernando Antônio de Freitas) poderia estar por lá nessa época, acho que não, tenho a impressão de que, quando o prof. Willie Maurer esteve em Uberlândia, o “Fernandinho” estava pro-mestrado, mas, mesmo assim vou te passar o telefone dele. Ele é meu amigo e você pode procurá-lo em meu nome.

G: Vou ligar para o prof. Fernando esta semana. De 1978 até 1981 não tenho informação. De 1982 a 1987 ele fica na UCG e de 1988 para frente não tenho nenhuma informação. O senhor sabe alguma coisa?

L: Não, não sei. Eu sei de outras coisas. Você sabe alguma coisa sobre história da biblioteca dele?

G: O prof. Milano me contou alguma coisa, mas a memória dele está falhando muito. O prof. Nelson Amaral da UFG também me contou um pouco sobre a história de como a biblioteca pessoal do prof. Willie Maurer veio parar na UFG.

L: Você sabe que ele quis doar essa biblioteca para a Católica? Eu não era mais o diretor, mas ele queria doar para a UCG, mas, a Católica não arrumou um jeito de mandar buscar. Talvez a Católica quisesse que ele pagasse um caminhão para trazer a sua biblioteca pra cá. Como ele não conseguiu doar para Católica, ligou para os amigos dele na UFG e no instantinho eles arrumaram um jeito e buscaram a biblioteca dele.

G: Inclusive os professores Venício e Valdir foram nessa comitiva encarregada de trazer a biblioteca. O prof. Venício me contou que em alguns momentos quando pegava o livro na prateleira, o prof. Willie Maurer abraçava e falava “não, esse aqui não, esse aqui é pessoal”, ou seja, não deixava levá-lo devido ao amor que tinha pelo livro.

L: Para “esses livros pessoais”, ele me pediu para fazer duas prateleiras na sala dele lá no MAF. Se você visse o tanto de caixa que ele trouxe, o tanto de livro que tinha no “quartinho” dele no Hotel e é claro que ele guardou aqueles que mais gostava.

L: Glen, tinha outra coisa que também gostaria de falar, mas esqueci agora. O que era hem? Há, lembrei, eu queria era perguntar se você sabe que ele não era brasileiro.

G: Sei. Ele era americano e naturalizou-se depois.

L: Então você já sabe. Apesar de que ele dizia que só nasceu nos Estados Unidos e realmente se considerava um brasileiro.

G: Ele descreveu isso na autobiografia, o senhor chegou a ver a autobiografia que ele escreveu?

L: Não. Realmente, ele nunca se considerou um americano.

G: Tenho a impressão de que Willie Maurer era um professor muito criterioso e exigente no âmbito acadêmico, correto?

L: Ao extremo. Eu tive a oportunidade de ver isto. Um dia ele me mostrou uma prova que ele tinha aplicado e já tinha corrigido. Ele resolveu me mostrar para reforçar uma afirmação que sempre dizia: “o nosso aluno não sabe escrever matemática”, era incrível, ele fazia anotações em vermelho e essa prova estava inteirinha rabiscada por ele. Quero dizer, ele refazia a prova em cima da prova

do aluno. Eu tenho a impressão que ele gastava horas e horas para corrigir as provas devido ao seu elevado grau de exigência e também porque naquela época ele já tremia muito, apesar de que no quadro não era tanto. O motivo não era só pela questão da idade, mas a saúde dele também já não estava muito boa. Por isso, que depois de certo tempo, eu o deixei apenas uma disciplina. Ele começou trabalhando com Análise Matemática e Matemática Aplicada II, depois ficou só com Análise Matemática.

G: Prof. Luiz, agora olhando para o lado humano, o senhor que conviveu com ele poderia falar alguma coisa?

L: Eu talvez não tenha muita condição de avaliar bem esse aspecto, mas pelo que percebi, principalmente no aspecto do relacionamento com o pessoal que ele recebia lá na “salinha dele”, não tinha limitação de horário e se chegasse um aluno em sua sala, não importava o horário, que ele seria atendido. Aconteceu uma vez de um aluno que nem da matemática era, se não me engano, era um aluno da computação ou engenharia que estava com uma dúvida de Física ou alguma coisa assim. Eu sei que ele ficou com esse aluno por mais de duas horas, me lembro bem desse episódio, porque fui em casa, almocei e quando voltei a tarde ele ainda estava com aquele menino e acredito que era um aluno que ele nem conhecia.

G: Interessante...

L: Então, é um fato assim que mostra realmente a preocupação dele com as pessoas, ele só tinha horário para chegar que era por volta das 08h e nisso ele era “britânico”. Nessa época ele morava num hotel relativamente próximo da universidade e ia sempre a pé. Teve uma época que ele queria trazer um carro para Goiânia, mas, se não me engano houve um acidente, a Angélica é que vai te contar. Eu sei que ele queria trazer um carro pra cá, mas ele não tinha condição de dirigir mais, né?

G: Ele era muito sério?

L: Não muito, ele era bastante crítico, vou só te dar um exemplo: ele e o Armandinho estavam saindo da universidade, ele carregando seus livros segurando com a mão direita, levantada na altura do ouvido, quase encostado no ouvido direito e fumando seu cachimbo andando bem devagar, passando do lado de umas alunas da Arquitetura muito bonitas, ele deu uma suspirada e falou assim: “eu não posso deixar isso aqui, isso aqui é muito bom”. (risos)

Ele estava com cerca de oitenta anos, magrinho, cabeça branquinha e por falar nisso, tinha uma fotografia grande dele lá na sala dos professores do MAF, não sei o que fizeram com ela. Eu não tenho certeza da época, mas aquela sala dos professores do MAF tinha o nome dele, chamava-se “sala prof. Willie Alfredo Maurer”. Por isso é que colocaram aquela fotografia grande na sala dos professores, mas eu não tenho certeza disso não, porque a minha memória também falha.

G: Sobre a família dele, o senhor tem alguma informação?

L: Infelizmente não. Eu sei que ele tinha uma chácara no interior de São Paulo.

G: Um sítio em Mairinque?

L: É, esse sítio.

G: Mudando um pouco de assunto, o senhor tem alguma informação sobre a formação acadêmica do prof. Maurer?

L: Sei que ele só tinha a graduação. Alguém me contou que ele fez parte de muitas bancas de concursos de nível superior, livre docência, entre outras, embora só tivesse o curso de graduação. Antigamente não existia cursos de pós-graduação no Brasil.

G: Bom prof. Luiz, para finalizar gostaria que o senhor falasse sua opinião a respeito das contribuições do prof. Willie Maurer para o ensino de Matemática em Goiás.

L: Bom, ele trabalhou em pelo menos dez turmas do curso de matemática da UCG e com isso uma quantidade razoável de alunos de matemática passaram por ele. Embora o tempo físico seja pequeno, pois ele trabalhou com esse pessoal só com uma disciplina ou no máximo duas, mesmo assim tenho certeza que ele deixou muita coisa boa na formação desse pessoal, desses professores de matemática. O depoimento desses alunos durante as cerimônias de colação de grau foi sempre muito positivo, a avaliação que eles faziam eram sempre de reconhecimento e gratidão a ele, ou seja, é aquilo que te falei, no começo eles tinham uma certa dificuldade no relacionamento coisa e tal, mas no final do semestre eles percebiam o quanto tinha sido importante o trabalho do prof. Willie. Também com relação aos professores de matemática, também tenho certeza que ele ajudou e contribuiu muito com a formação daqueles que estavam no MAF naquela época. Então, acredito que tenha sido muito positiva a passagem dele pela UCG. O relacionamento que ele teve com

os professores que realmente se interessavam pelo ensino da Matemática e de Física também, tenho plena certeza que foi muito enriquecedora. Avalio como extremamente positiva a passagem dele por Goiânia e a sua contribuição para o ensino de Matemática. Acredito que quantitativamente pode não ter sido tão relevante, mas qualitativamente tenho certeza absoluta que foi muito benéfica e importante a participação dele para melhoria do ensino de matemática em nosso estado.

G: Muito bem prof. Luiz, caso o senhor queira acrescentar alguma coisa fique a vontade.

L: Não, acho que é isso aí Glen e sucesso no seu trabalho.

G: Então, muito obrigado prof. Luiz.

Fim

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Goiânia, 20 de março de 2013

Eu, Luiz de Gonzaga Vieira carteira de identidade número 269.011 SSP GO, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista gravada, concedida no dia 09 de novembro de 2011, para Glen César Lemos usar, para fins acadêmicos, integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a terceiros o uso do texto final produzido, ficando a audição vinculada ao controle de Glen César Lemos, que detém sua guarda.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.



Luiz de Gonzaga Vieira

ENTREVISTA 4

Tese de Doutorado: **WILLIE ALFREDO MAURER: VIDA, OBRAS E CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DA MATEMÁTICA NO BRASIL**

Entrevistador	Glen César Lemos
Entrevistado	Adelino Cândido Pimenta
Data	09/12/2011
Horário	10h
Local	Coordenação de Matemática do IFG
Vínculo com Willie Maurer	Colega de trabalho na PUC GOIÁS na década de 1980



Adelino Cândido Pimenta (Fonte: Acervo nosso, 09/12/2011)

Adelino Cândido Pimenta possui Licenciatura em Matemática pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC GOIÁS), Especialização em Matemática Superior pela PUC Minas Gerais, Mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás e Doutorado em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Atualmente é Professor no Instituto Federal de Goiás (IFG) e Professor Adjunto na PUC GOIÁS. Experiência na área de Educação Matemática, com ênfase em Tecnologias no ensino e na aprendizagem e na formação de professores.

ENTREVISTA

LEGENDA: A: Adelino e G: Glen

G: Prof. Adelino, como já havia lhe explicado vamos fazer uma entrevista sobre o prof. Willie Maurer e após a transcrição da gravação, trago para o senhor ler e alterar o que julgar necessário. Em seguida será feita a redação final e com o seu consentimento passará a integrar a tese.

A: Estou plenamente de acordo.

G: Inicialmente gostaria que o senhor relatasse como conheceu o prof. Willie Maurer.

A: Sim, eu ingressei na Universidade Católica de Goiás (UCG) em 1986, atualmente PUC GOIÁS, na categoria chamada professor convidado e somente ingressei como professor efetivo em 87 e quando lá ingressei foi que conheci o prof. Willie Maurer. Convivi com ele cerca de uns três anos mais ou menos. Ele havia sido contratado pela UCG, mas devido a sua idade já avançada, ele não tinha uma função específica de ser professor em sala de aula, claro que ele atuava em sala de aula, mais especificamente no curso de Licenciatura em Matemática e ao mesmo tempo ele cumpria uma carga horária que era como se ele fosse um tipo de consultor, uma consultoria para os professores do Departamento de Matemática e Física (MAF). Na época eu era muito jovem e com pouca experiência no ensino superior, assim como outros professores que ingressaram naquela época. Então nós o procurávamos constantemente para esclarecer dúvidas, as vezes até para resolver exercícios ou indicar o melhor caminho.

G: No caso, essas consultorias eram específicos de conteúdos de matemática?

A: Conteúdo de matemática.

G: Não era na parte didática, devido à experiência que ele tinha?

A: Não, era conteúdo de Matemática mesmo e ele sempre “puxava” para a Física também. Glen, ele tinha um extremo cuidado de falar sobre o conteúdo de matemática, mas sempre que possível fazia links com física, que era a grande paixão dele. No meu modo de ver a grande paixão dele era ver o que a matemática podia fazer a favor da física, o que que ela podia estar contribuindo para a física. Nossa me lembro como se fosse hoje ele com aquela calma de sempre e o “cachimbão” do lado. Era fabuloso a gente ir falar, conversar com ele, tirar dúvidas. Às vezes até a gente fugia do conteúdo só pra ir lá conversar com ele, ouvir as

historias que ele contava sobre matemática, sobre os lugares por onde ele havia passado.

G: Ele era uma pessoa receptiva?

A: Nossa! Muito aberto, bem humorado naquela ocasião, muito bem humorado, boas brincadeiras. Interessante, foi uma convivência valiosíssima para min e acho que pra todos que trabalhavam lá na época.

G: Prof. Adelino o senhor sabe que ele atuou na UFG, inclusive na criação do Instituto de Matemática e Física (IMF), o senhor sabe alguma coisa a respeito?

A: Não. Quanto ao trabalho dele na Federal eu não sei muita coisa, a não ser ouvir uma coisa e outra. Eu sei que o nome dele consta na enciclopédia mirador como sendo um dos precursores da matemática no Estado de Goiás e na UFG. Tem essa historia mais ou menos assim, de maneira que eu não tenho nada a contribuir sobre o trabalho dele na Universidade Federal de Goiás.

G: Voltando agora para a Universidade Católica então, que foi onde o senhor conviveu com ele. Consta na documentação que ele foi contratado em 82 como professor adjunto visitante e ficou na UCG até 1987.

A: Exatamente.

G: O plano de carreira nessa época na UCG era assim, um professor com título de mestre era classificado no cargo de adjunto e doutorado o de titular. Certo?

A: A equivalência era mais ou menos essa.

G: Entretanto ele foi contratado na Católica direto como adjunto e nós sabemos que ele tinha apenas a graduação. O senhor poderia falar um pouco a respeito?

A: O que a gente ouvia pelos corredores era que ele era um leigo em termos de formação acadêmica e tudo que ele produziu foi por capacidade própria e pra gente na época isso era um mito, né? Mas, dele mesmo eu nunca ouvi isso. Quanto à contratação dele como adjunto, eu não sei a que se deve, mas pode ser talvez pelo salário que na época, não era assim tão expressivo. Pode ser que essa contratação como adjunto tenha sido para compensar a remuneração que havia sido negociada com ele.

G: É mais ou menos essa ideia que o Luiz de Gonzaga me passou, que na época ele era o Diretor do MAF.

A: Então isso tem sentido, porque o salário não era “lá essas coisas”. Naquela época a UCG pagava muito pouco, o salário de um auxiliar na carreira inicial era “mixaria” e aí adjunto já melhorava um pouco.

G: Acredito que devido a competência dele como matemático e a experiência que ele tinha de outras instituições contribuíram para que ele fosse enquadrado dessa forma, apesar de ele não ter título de mestre.

A: O currículo dele era fantástico na época e ele era uma expressão reconhecida na matemática do País. Na época então, pra UCG naquele momento foi assim um fato extraordinário a contratação de um professor com aquele gabarito. Foi assim muito forte, teve um impacto bastante positivo dentro do departamento, né? Ele era o que a gente chama de “vaca sagrada” no hinduísmo ou seja o símbolo da renovação.

G: Durante o desenvolvimento da pesquisa foi possível constatar que o prof. Willie Maurer na maioria dos lugares por onde passou, também desempenhou funções administrativas relevantes para as instituições e na UCG me parece que ele atuou somente como professor, certo? Gostaria de ouvir sua opinião.

A: Sim, como professor, orientador e consultor. A função dele era essa e nas horas vagas ficava estudando lá e fumando o “cachimbão” dele. Quanto ao fato de não assumir cargos, acredito que primeiro porque ele não tinha mais interesse e segundo devido à idade dele, que era um fator que limitava bastante, até mesmo pra aulas que ele tinha que dar para licenciatura já era pesado para ele, de fato tinha oitenta e tantos anos. Então não era fácil pra ele lidar com mais coisa. Não era interesse dele assumir outros cargos e também a contratação dele não foi pra esse fim. A contratação dele, na minha interpretação, foi para movimentar o MAF ou seja, reoxigenar o departamento e motivar os professores que lá atuavam. E pelo que me lembro era só para os cursos Matemática e Física que ele trabalhava, ele não trabalhava para outros cursos e sua atuação era quase que exclusivamente com a formação de professores mesmo.

G: Prof. Adelino o senhor a assistiu um seminário que ele expôs em junho 1991, intitulado “Historia do Sino Mudo Contada Matematicamente”? Segundo relatou a profa. Maria Angélica, encantou a todos que assistiram. O senhor poderia falar um pouco sobre este episódio?

A: Eu sinto-me orgulhoso ao falar sobre isto porque eu fui o tesoureiro daquele evento e como tesoureiro, fiquei responsável pela arrecadação da verba para confeccionar uma placa para homenageá-lo e também para o lanche. Então, trabalhei naquele evento e também assisti sua apresentação. A palestra foi muito prestigiada por professores e alunos. Realmente encantou a todos os presentes e foi realizada numa sala com capacidade para mais de 60 pessoas. Inclusive na época,

ele concedeu até uma entrevista para a TV Anhanguera (afiliada da Rede Globo em Goiás) no dia do evento. Eu já tentei resgatar isso pra você mas não consegui.

G: É, o senhor me disse...

A: Mas o que mais me marca é a figura dele, quer dizer, a imagem dele. Ele já estava bem “capenga”, bem lento, bastante trêmulo, mas com uma lucidez espantosa.

G: O senhor conhece os livros que ele publicou? O senhor utilizou algum?

A: conheço só os de Cálculo Diferencial e Integral, os volumes 1, 2, 3 e 4, que eu tenho, inclusive dois volumes são autografados por ele. Bom, para aquela época, na década de 80, era um livro bastante expressivo. É uma pena que ele não tenha tido tempo e talvez nem interesse de atualizar as obras, porque se elas estivessem sendo aprimoradas talvez hoje poderiam ser uma excelente obra didática para o ensino de cálculo.

G: Segundo ele diz na autobiografia, ele tentou reeditar, corrigir essas obras junto à Editora Edgar Blucher, mas, ela não se interessou.

A: Eu também não tenho conhecimento dessa informação.

G: Na época que o senhor usou o livro de cálculo dele, evidentemente existiam outros autores, certo?

A: Tinha na época o Thomas e o Leithold, que eram os livros mais comuns naquela época, mas, os dele estavam na “parada” isto é, concorrendo com eles.

G: Além desses que o senhor usou, não sei se o senhor sabia, ele publicou livros de Geometria, Trigonometria, Física e Matemática Ginásial.

A: É, eu não conheço nenhum deles.

G: Prof. Adelino, sobre a biblioteca pessoal do prof. Willie Maurer, obtive informações que era um acervo bastante numero e foi acolhida pela UFG, o senhor sabe alguma coisa a respeito?

A: Glen, eu tomei conhecimento assim, por informações de terceiros, mas agora eu tenho convicção de que parte desse acervo foi doado também para PUC. É possível que você encontre, na sala onde são guardados alguns livros doados por outros professores, livros que foram doados por ele, porque ele doou uma boa parte para PUC antes dele ir embora, porque ele morava num hotel, um hotelzinho que tem ali ao lado da “cical”, do lado direito...

G: Sei, sei onde fica...

A: Ele morava neste hotel. Ele morou lá o tempo que ele trabalhou na UCG e quando ele foi embora destinou parte dos livros para o MAF.

G: Na época que trouxeram o resto da biblioteca dele de São Paulo para Goiânia, o senhor tem alguma informação?

A: Não, infelizmente não. Acho que isso foi a Angélica que acompanhou.

G: O senhor sabe alguma coisa sobre a passagem dele pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e também pela Universidade de Brasília (UnB)?

A: Não, infelizmente não tenho informação.

G: O senhor poderia falar um pouco sobre o prof. Willie Maurer como professor, colega, amigo...?

A: Então, o respeito que a gente tinha por ele era muito grande, imenso mesmo, ao ponto da gente ficar até inibido de se aproximar dele. Porque, como eu disse, ele era uma “estrela” mesmo, é como se você tivesse diante de um ídolo que você jamais poderia imaginar conviver e de repente ele está ao seu lado e você fica inibido até de conversar com ele... (risos). Coisas do tipo, o que eu vou conversar com um homem desse?... (risos). O que que eu posso perguntar para ele? Qualquer coisa que eu disser pode ser besteira, ele vai achar que sou um idiota, é... é adoração, a palavra é essa. Nunca o vi destratar ninguém, sempre muito respeitoso e educado com todo mundo.

G: Prof. Adelino, o senhor que é um educador matemático, poderia fazer uma breve análise da passagem do prof. Willie Maurer pela UCG e também sobre as contribuições dele para o ensino de matemática em Goiás?

A: Eu começaria dizendo assim Glen, hoje eu entendo que o prof. Willie Murer praticou Educação Matemática sem saber ou talvez sem saber o que seria essa nova frente, a Educação Matemática. Ele era um verdadeiro Educador Matemático, e como Educador Matemático acho que a contribuição dele vai ficar marcada principalmente pelo trabalho que você está desenvolvendo. Acredito que, a pesquisa que você está desenvolvendo e culminará na sua tese de doutorado, deixará comprovada e legitimada a contribuição do prof. Willie Maurer para o ensino de matemática em nosso estado e também no Brasil. É justamente isso que vai legitimar o trabalho que ele desenvolveu como Educador Matemático. Para UCG, em particular, eu disse pra você no começo da entrevista, ele foi contratado para reoxigenar o departamento de matemática. O curso de matemática da UCG é um dos mais antigos do Centro Oeste e naquele momento passava por crises

seríssimas. O quadro de professores deixava a desejar porque devido aos baixos salários e então ele foi contratado para dar uma “sacudida” e sou convicto que isso ele fez e bem. O tempo que ele esteve lá foram significativos, os professores mais jovens que conviveram com ele perceberam que precisava movimentar, fazer alguma coisa e acima de tudo precisava estudar. Então, eu vejo que pode se considerar como uma contribuição para UCG expressiva e pode até talvez ter sido um “divisor de águas”, isso aí, acho que na sua análise você poderá até concluir isso com mais legitimidade.

G: Prof. Adelino, achei interessante a seguinte afirmação do Luiz de Gonzaga, “as contribuições dele não foram tantas, se a gente olhar o aspecto quantitativo, mas, qualitativamente foi esplendorosa”.

A: Concordo plenamente com isso.

G: Bom prof. Adelino, até o momento não tenho nenhuma informação sobre o falecimento dele e nem endereço de contato com a família dele em São Paulo. O senhor sabe alguma coisa?

A: É... não tenho, porque todas as notícias que tínhamos dele era através da Maria Angélica.

G: Certo, vou entrevistá-la na próxima semana.

A: Todas as informações sobre o prof. Maurer, notícias, se estava doente, se estava em São Paulo ou em outro lugar, eram por intermédio da profa. Angélica.

G: Outra coisa interessante é sobre fotografias, eu não tenho fotografias dele, só consegui aquela fotografia que o senhor e o Valdemar resgataram no meio das caixas de livros doados ao curso de matemática da UCG. Segundo o Luiz, essa fotografia ficava na sala dos professores, que em algum momento foi chamada de “sala prof. Willie Maurer” e tinha essa fotografia na sala.

A: É essa foto.

G: Tenho muito material dele guardado, discursos que ele escrevia...

A: Você consegue ler a letra dele?

G: Sim consigo. A autobiografia dele está toda manuscrita e eu consegui ler. Bom prof. Adelino, está ótimo. Se o senhor quiser acrescentar alguma coisa, sugerir...

A: Vou dizer apenas o seguinte: sua tese vai resgatar, com muita justiça, a necessidade de se documentar contribuições de pessoas até então esquecidas.

G: Obrigado pela atenção e desculpe-me tomar seu tempo.

A: Que isso, imagina.

FIM.

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Goiânia, 14 de março de 2013

Eu, Adelino Cândido Pimenta carteira de identidade número 444954, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista gravada, concedida no dia 09 de novembro de 2011, para Glen César Lemos usar, para fins acadêmicos, integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a terceiros o uso do texto final produzido, ficando a audição vinculada ao controle de Glen César Lemos, que detém sua guarda.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.



Adelino Cândido Pimenta

ENTREVISTA 5

Tese de Doutorado: **WILLIE ALFREDO MAURER: VIDA, OBRAS E CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DA MATEMATICA NO BRASIL**

Entrevistador	Glen César Lemos
Entrevistado	Maria Angélica Ferreira Lombardi
Data	13/12/2011
Horário	09h
Local	Residência da profa. Maria Angélica
Vínculo com Willie Maurer	Colega de trabalho na PUC Goiás na década de 1982 com quem Willie Maurer estabeleceu uma grande relação de amizade e consideração.



Maria Angélica Lombardi (Fonte: Acervo nosso, 13/12/2011)

A professora Maria Angélica Lombardi é natural de Comendador Gomes, Minas Gerais, possui licenciatura e especialização em matemática pela Universidade Católica de Goiás, atualmente Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC GOIÁS) onde também foi docente durante 31 anos e aposentou-se em 2007. Também lecionou no Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás (CEFET/GO), atualmente Instituto Federal de Goiás (IFG).

CONVERSA ANTES DA ENTREVISTA

LEGENDA: MA: Maria Angélica (Angélica) e G: Glen

Antes de iniciar a entrevista, enquanto eu montava o equipamento de gravação, conversamos sobre a provável data de falecimento do prof. Willie Maurer, que segundo a ela, ocorreu em 1999 aos 91 anos. Mostro as capas dos livros que ele publicou e ela afirma conhecer só os de cálculo e o de geometria analítica.

MA: Glen, você pegou “aquela obra” que não foi publicada?

G: A autobiografia você me entregou, mas o livro Tópicos de História da Matemática e da Física ainda está com o Pedro Cesar Rocha Coimbra (Pedrão).

MA: Pois é, o importante é o original, porque essa cópia datilografada tem muito erro e muita coisa que não conseguiram desvendar. Quer dizer que o original você nunca viu?

G: O original não.

MA: Se eu soubesse, naquela época poderia ter “explorado” muito mais seus conhecimentos, toda sexta-feira ele vinha almoçar aqui em casa comigo, eu ia buscá-lo lá no quarto do hotel onde ele morava e eu nunca imaginaria que algum dia alguém iria fazer uma pesquisa sobre ele.

G: Esse aqui é o original datilografado que foi produzido no Colégio Aphonsiano, de propriedade do prof. Marcos Queiroz (Marcão), na cidade de Trindade ...

MA: Sim, primeiro o Marcão pegou e não conseguiu ler tudo. Aí o Pedrão falou: “não, me dá aqui que vou fazer” e também não conseguiu.

G: Então, este aqui que foi datilografado está faltando muita coisa que não conseguiram ler?

MA: É verdade, inclusive tem muito símbolo que foi feito à mão e não conseguiram entender. Realmente você precisa conseguir pegar o original que está com o Pedrão e um detalhe, você poderá verificar na versão original que este trabalho foi dedicado a mim.

A ENTREVISTA

G: Bom Angélica, inicialmente vou te explicar como tudo funciona. Este é o roteiro que usaremos como guia para o desenvolvimento da entrevista e vou deixar com você ao término da mesma. Vou chamá-la de Angélica e você, sem o formalismo habitual devido à nossa amizade. Após a realização da entrevista farei a transcrição da gravação, trago para você ler e alterar o que julgar necessário. Em seguida será feita a redação final e com o seu consentimento passará a integrar a tese. Entendeu?

MA: Sim

G: Inicialmente gostaria que você relatasse o que se lembrar do prof. Willie Maurer.

MA: O professor Willie eu conheci quando ele foi dar aula na Católica, mas eu não me lembro de como surgiu nossa afinidade. Ele me considerava como uma filha e como seu anjo da guarda. Não sei explicar como aconteceu essa aproximação tão espontânea, mas às vezes as almas se entendem. Naturalmente e eu me sentia um pouco inibida devido ao grande conhecimento que o Willie Maurer tinha. Então, no início eu o via como uma figura muito longe de eu poder conviver, mas isso foi superado a ponto do Willie ser meu amigo particular, vinha almoçar na minha casa todas as sextas feiras. “Comia igual a um passarinho”, comia quase nada, pouquinho mesmo. Ele comia uma folha de alface, uma rodelinha de tomate, uma colherzinha de verdura, uma colher de arroz e não comia carne. Nossas conversas eram com se fosse uma criança “explorando os conhecimentos” de um professor, eu o “especulava” muito, porque o Willie sabia tudo de tudo, eu nunca conheci uma pessoa que tivesse o conhecimento tão amplo em todas as áreas. Então, eu perguntava para o Willie sobre a civilização do mundo, sobre o Egito, sobre a bíblia, sobre tudo e ele sempre tinha uma resposta, eu acredito que ele lia dia e noite...

G: Incrível mesmo.

MA: Ele sabia tudo e engraçado que de matemática a gente falava muito pouco. Tenho a impressão que isso se devia ao fato da nossa amizade ser muito grande. Ele morava no Hotel Diplomata na Avenida Anhanguera e sempre que possível eu ia lá levar uma sopinha, uma fruta e lhe fazer companhia...

G: Nessa época ele morava sozinho?

MA: Sozinho, e ele me falava assim: “Angélica eu estou pagando para trabalhar, mas é a minha vida”. Um dia cheguei lá e ele estava lendo alguma coisa e eu perguntei, o que você está lendo Willie? Ele me respondeu: “estou lendo uma coisa muito ruim” e eu: para que Willie você vai ler uma coisa que não é boa? e ele: “é porque eu preciso saber” e nessa época ele tinha cerca de 80 anos. Então, ele tinha “sede” de saber tudo, pelo que eu sei o Willie lia, em português, espanhol, inglês, francês, alemão... parece que tinha mais uma. Ele lia nessas línguas tranquilamente, essas que eu disse eu tenho certeza.

G: Angélica o que você sabe sobre a formação acadêmica do prof. Willie Maurer?

MA: Na verdade o Willie Maurer frequentou muito pouco a escola. Eu sei que ele fez madureza (equivalente ao supletivo de hoje) para ingressar na universidade, pois na época ele já dava aula e precisava de um diploma. Então ele fez o curso de matemática na USP, não por vaidade e sim por necessidade. Eu diria que uma das suas grandes virtudes, era a humildade de reconhecer sua própria capacidade. Ele tinha consciência de que era uma pessoa sábia e que seus princípios eram um pouco diferentes da maioria das pessoas. O prof. Willie Maurer era uma pessoa muito séria e tinha muito conflito interno com as coisas erradas que a gente via no País, nas escolas e em tudo mais. Então eu acho que se fosse para as coisas serem como o Willie queria tudo seria perfeito, ele era uma pessoa fantástica e de um conhecimento extraordinário. Ele defendia a ideia de que o ensino tinha que ser feito de maneira suave, dando mais atenção aos “mais fracos”; nisso ele insistia muito e dizia sempre “dar aulas para os bons é muito fácil, você tem que se dedicar aos mais fracos”. Ele tinha esse pensamento e devido a influência dele, eu também ficava horas depois do encerramento das minhas aulas na Universidade Católica com os alunos que tinham dificuldades. O Willie também falava assim: “no Brasil dá-se muito valor a papel, mas a gente tem é que saber ensinar”. Então, ele de certa forma não apoiava a exigência do título de mestrado, doutorado como fator mais importante no julgamento da capacidade para lecionar no curso superior e às vezes nem todo mundo que tem, consegue transmitir seus conhecimentos com clareza. O prof. Willie afirmava sempre que para ser um bom professor: “a primeira coisa é saber conduzir um aluno para que ele aprenda de fato, para que ele entenda de fato e não ficar

demonstrando conhecimento para meia dúzia de gente”. Essa era uma característica muito forte do Willie, ele era uma pessoa muito doce, mas ao mesmo tempo muito enérgico e disciplinado.

G: Angélica, durante o desenvolvimento da pesquisa, foi possível constatar que o prof. Willie Maurer ocupava lugar de destaque e cargos importantes nas instituições por onde passava e na UCG ele atuou somente como professor. Você sabe por quê?

MA: Acredito que quando o Willie veio para UCG, as pessoas pensavam que ele já não tinha mais idade para lecionar e assumir cargos de chefia, mas hoje eu acredito que ele tinha sim, o Willie ainda tinha condição de ser diretor ou coordenador mesmo próximo aos 80 anos de idade, mas ele ficou lá, apenas como professor. Como eu me dedicava muito só a sala de aula, por isso até acho que tive culpa nisso, porque o Willie passou pelo MAF “em brancas nuvens”.

G: Entendi.

MA: Estou falando isso aqui, porque eu senti isso. Depois que ele foi embora eu me senti culpada por pensar que eu “aproveitei” demais o Willie como um amigo, como um doce amigo e acho que descuidei de mostrar para a comunidade da Universidade Católica, quem era que estava ali dentro daquele departamento, ou seja, o nível profissional do prof. Willie Maurer. Eu tenho coragem de dizer que naquela época a UCG não tinha nenhuma pessoa com o conhecimento dele.

G: Em sua opinião o prof. Willie Maurer não foi valorizado na UCG como realmente deveria ser, certo?

MA: Sim, ele não foi valorizado e culpo a nós mesmos professores do MAF, porque deveríamos ter insistido em apresentá-lo a um público maior, talvez levado o Willie para palestras mais amplas, ou seja, além do ambiente do MAF para que as pessoas vissem a lucidez no que se refere ao ato de ensinar. Então, eu acho que nós tivemos culpa, nós do MAF ficamos ali explorando aquela pessoa maravilhosa com certo egoísmo, mas ele tinha que ter sido notado e conhecido dentro da universidade. Eu costumava falar pras pessoas, você já se imaginou conversando com “um Einstein”? eu tive essa experiência, tive um amigo nesse nível, ele era fantástico.

G: Angélica, com relação à Universidade Federal de Goiás, você deve ter conhecimento de que ele veio para Goiânia em 1963 para estruturar e dirigir o IMF e depois retorna em 1970 como professor a convite do prof. Milano, você sabe alguma coisa a respeito?

MA: Não, dessa época ele me contava só coisas da sua vida particular, que ele tinha uma esposa e que ela morreu. Nesse tempo a gente falava mais da vida pessoal mesmo.

G: O prof. Willie Maurer relata em sua autobiografia que, no ano de 1970, estava voltando à Goiânia para “ficar de vez”. Entretanto permanece apenas por dois anos, mesmo já estando aposentado no Mackenzie. Ele chegou a comentar alguma coisa com você a esse respeito?

MA: Não me lembro, já passou muito tempo, mas vamos ver se consigo. Eu me lembro vagamente, não sei se o motivo dele não ficar na UFG foi por questão administrativa ou se foi pessoal, ou mesmo, se foram as duas coisas. Acredito que ele teve algum dissabor lá e talvez na época a esposa dele já estivesse doente, não tenho certeza.

G: Com os documentos que tenho, ainda faltam informações sobre alguns períodos da vida dele, que são 1972/73, de 1978 até 1981 e de 1988 para frente. Talvez você possa me ajudar.

MA: Vamos ver, em 1972/73 acredito que ele permanece em São Paulo para tratamento de saúde e deve ter ficado no anonimato escrevendo seus livros e artigos na sua casa em São Paulo.

G: Em 1974/75 ele assume uma assessoria no Centro Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal (CENAFOR) na área de Física.

MA: Mas isso foi em São Paulo?

G: Sim, foi em São Paulo. Em 1976/77 ele vai para Universidade Federal de Uberlândia (UFU), que nessa época ainda era Faculdade Federal de Uberlândia. Ele comentou alguma coisa com você?

MA: Não, dessa fase de Uberlândia não me lembro de nada.

G: Se você se lembrar de alguma coisa depois, você me fala. Depois de 1978 até 1981 ainda não tenho nenhuma informação.

MA: Ele não estava aqui?

G: Acredito que não, ele veio para Goiânia em 1982. Ele foi contratado na Católica em 1982 e fica até 1987.

MA: É isso que também sei.

G: Sobre o endereço do prof. Willie Maurer em São Paulo o único que tenho é esse da Praça Villaboim número 23, você sabe se esse endereço era o da casa dele?

MA: Não, porque ele morava na vila Inah, isso eu tenho certeza, pois, no final da vida dele, eu o visitei várias vezes, principalmente quando ele já estava doente. Me lembro que era Rua Éden, Vila Inah, tem um “h” no fim do nome e essa vila é perto do Morumbi, lá para os lados do Butantã, sabe?

G: Era casa?

MA: Era casa. E esse número? Sabe o que é toda hora você pensar que sabe e não lembra. E eu não guardei nenhum envelope das cartas que ele me escreveu, como é que eu sou tonta desse jeito né?

G: Ainda não estive no Mackenzie, talvez consiga alguma coisa lá.

MA: Até me dá vontade de ir na casa dele de novo, eu dou conta de encontrar o endereço. Eu acho que vou a São Paulo ver meu filho mês que vem e vou tentar localizar o endereço para você.

G: Você conheceu a família do prof. Willie Maurer?

MA: Conheci e convivi com sua única filha, a Silvia Lane, que era doutora em Psicologia Social e professora na PUC de São Paulo e seus quatro filhos a Ingrid, a Lilian, o Guilherme e o Eduardo. Estive mais com a Ingrid que era a filha mais velha, que se não me engano era pintora. Se conseguirmos localizar o endereço... pode ser que ainda tenha algum deles morando lá, pois a Silvia já faleceu e agora restam os netos. Você pode procurá-los em meu nome, pois eles sabiam da minha amizade e consideração com avô deles.

G: Quando ele deixa a Universidade Católica em 1987, ele volta para São Paulo?

MA: Sim, volta pra São Paulo e fica morando com a Silvia na casa da vila Inah. Quando ele estava “bastante doente” já acamado havia certo tempo, eu o visitei e ele até não quis nem falar comigo, talvez para que eu não o visse “naquele estado” e esta foi a última vez que o visitei. Uma vez que eu levei um pijama de presente pra ele, se não me engano ele falou assim: “presente de grego né Angélica?” Como quem diz, é pra ficar na cama mesmo. Ele era terrível, tinha uma presença de espírito incrível e apesar de ser uma pessoa muito séria, também tinha seu lado cômico. Outras vezes ele ainda estava bem

e conversamos muito. Também estive na casa de praia deles em Boiçucanga (uma praia em um bairro do distrito de Maresias, no município de São Sebastião, no estado de São Paulo) para visitá-lo.

G: Quando o prof. Maurer chegou à UCG, ele já era uma pessoa consagrada e com larga experiência no ensino superior, mesmo não possuindo títulos de pós-graduação, certo?

MA: Sim, mas ele era um verdadeiro mestre em se tratando de conhecimento. Agora deixando de lado a relação de amizade e afeto que tínhamos, eu não conheci ninguém até hoje com o conhecimento, que eu acredito ser insuperável em qualquer assunto da matemática e da física, e em todas as outras áreas de conhecimento.

G: O prof. Willie Maurer relata em sua autobiografia, que foi contratado na UCG para lecionar as disciplinas de Análise II e Matemática Aplicada II, ambas do curso de Matemática. Você sabe se ele lecionou em outros cursos?

MA: Não, eu penso que apenas no de matemática. Eu não me lembro de o terem colocado em outros cursos e eu acredito que ele não conseguiria dar aula em outros cursos, porque ele gostava mesmo era de trabalhar com a formação de professores.

G: Angélica, você assistiu ao seminário que ele expôs, na UCG em 1991, que foi intitulado “Historia do Sino Mudo Contada Matematicamente”?

MA: Veja você, ele nasceu em 1907, então ele já tinha 84 anos. Foi uma das maiores tensões que eu passei. Eu pensava: ele não vai conseguir terminar esse tanto de conta, mesmo com muita dificuldade ele conseguiu e foi um sucesso. Aconteceu um fato interessante, que foi eu ter ficado muito ligada no desenvolvimento da parte matemática mesmo, eu até perdi parte da historia que ele contou, porque fiquei totalmente concentrada no desenvolvimento das equações que eram enormes. Eu ficava pensando que ele ia se perder, pois ele já estava um pouco fraco naquela época. Teve um momento que ele ficou em silêncio olhando para uma equação como se estivesse perdido e eu falei: “professor foi bem aqui ó” e aí ele falou: “eu não falo, que ela é meu anjo da guarda mesmo”. É lógico que a plateia não tinha condição de entender tudo aquilo que ele estava fazendo, mas ele continuou até o final.

G: Como que surgiu essa ideia, de onde que ele tirou? Ele chegou a comentar com você?

MA: Não, eu me lembro de ter lido isso em algum lugar, mas não me lembro. Engraçado que ele me contou essa história sem a parte matemática, ou seja, sobre a história de um sino que foi instalado em uma igreja na Alemanha e quando foram estreá-lo o dito cujo não tocou.

G: Sobre a biblioteca de uso pessoal dele, obtive informações que era um acervo bastante numeroso e encontra-se na UFG, você sabe alguma coisa a esse respeito?

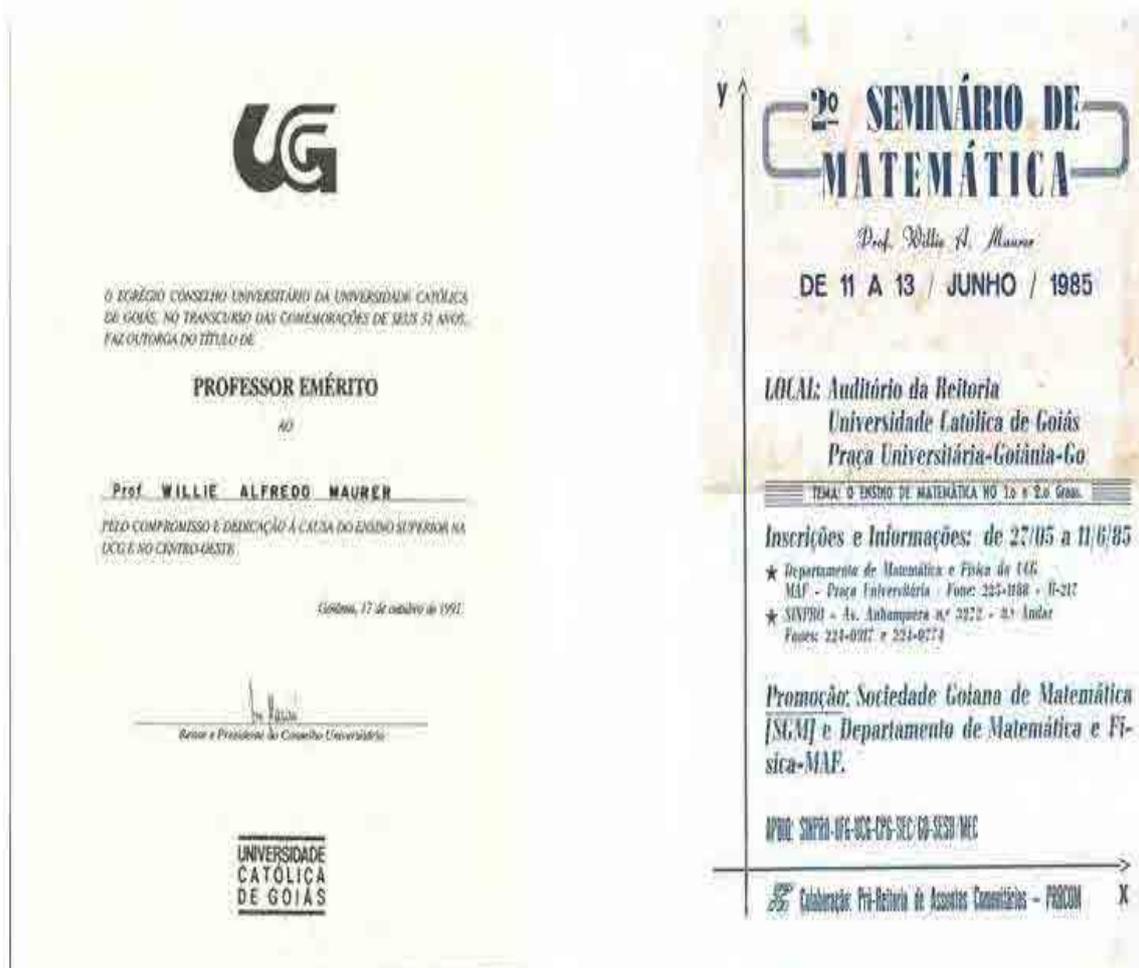
MA: Eu sei que a Silvia sua filha me ligou dizendo: “Angélica verifica quem quer os livros que eram do meu pai, porque é bastante livro”. A Católica não se interessou porque que tinha que buscá-los em São Paulo. Olha, realmente era livro demais, a casa dele era tomada por esses livros.

G: Como era o temperamento, comportamento, ou seja, o ser humano Willie Maurer?

MA: O Willie era enérgico, corretíssimo, muito calmo e bastante crítico. Lembrei-me de uma coisa que ele dizia e nunca esqueci, ele falava assim: “Jesus Cristo foi o homem mais sábio de todos” (isso sem relacioná-lo como o filho de Deus, mas como homem comum). Falava também: “Se a humanidade seguisse os ensinamentos de Jesus Cristo seria tudo perfeito”. Ele era um admirador de Jesus independente da religião, até porque ele não professava mesmo nenhuma religião. Ele foi protestante na criação, mas depois ele brincava, escrevia alguma coisa de Deus nas minhas cartas, mas assim, brincando comigo, porque ele não tinha mesmo essa relação com a religião. Eu não estou dizendo que ele se considerava um ateu, mas era mais ou menos isso, ele não relacionava Jesus com Deus, mas sim como o maior homem que ele considerava que deveria ser o exemplo da humanidade. A conduta do Willie foi sempre de um “homem reto”, desejava que tudo fosse correto e lícito. Ele não se calava naquilo que considerava não estar correto e talvez por isso, ele se tornava uma pessoa um pouco arredia, de pouca conversa e também de poucas amizades.

G: Na Universidade Católica ele recebeu essas duas homenagens aqui documentadas (mostro para Angélica os certificados apresentados abaixo). Uma foi de “Honra ao mérito”, em 1991, e a outra foi por ocasião de um encontro de matemática em 1985, você se lembra?

MA: Claro que sim, acho que foi nessa de 1985 que “batizamos” a sala dos professores do MAF como nome sala prof. Willie Maurer, ocasião também em que colocamos lá aquela foto grande dele, que você já conseguiu. A de 1991 foi na época do seminário do sino mudo.



G: Mudando um pouco de assunto, sobre os livros que ele publicou, aqueles que lhe mostrei no início da entrevista, você pode falar um pouco?

MA: Eu tinha a coleção de cálculo e a utilizei muito. O livro não era muito atraente para o aluno na época, porque o aluno gosta de livro mais ilustrado, com a letra maior e o dele era um livro mais clássico, de acordo com a época de sua publicação. Mas, a partir do momento que você se detinha a lê-los, era possível perceber que os exercícios começavam de forma muito simples e iam aprofundando, mas dificilmente tinha coisas assim do tipo que o aluno interessado não entendesse. A gente não adotava o livro até por isso, porque era de outra época e já existiam outros livros mais ilustrados e atraentes, mais recentes. Mas assim, seus livros de cálculo eram muito didáticos. Eu usei mais

os volumes 1 e 2. Eu tinha muita afinidade com os livros do Willie, eram livros didáticos, bastante explicativos e os exercícios não eram tão cansativos para o aluno.

G: Ele afirma na autobiografia que ele tentou reeditar esses livros na editora Edgar Blucher, cujo editor foi seu aluno no Mackenzie, mas o editor não quis.

MA: Talvez até fosse por isso, talvez ele quisesse dar mais suavidade à leitura, ilustrar mais, colocar exemplos mais recentes ou talvez tivesse alguma coisa para corrigir mesmo.

G: Angélica, como você descreveria a passagem e atuação do prof. Willie Maurer em Goiás ou mais especificamente na UCG?

MA: Vou ser muito sincera. Eu acho que foi meio obscura, ou melhor, foi como uma nuvem que passou e não foi dado o devido valor. Na época eu não tinha essa visão, me parece que deixei-o escapar, as vezes eu me culpo sabe? Penso: gente, eu tive tão próxima dele, mas na época eu também não tinha noção de quem era o Willie Maurer, eu fui descobrindo aos poucos, mas depois com esse apego mais pessoal, eu fiquei meio que aproveitando a presença do Willie, desfrutando de conhecimentos que ele tinha. Eu acho que ele tinha que ter feito várias aulas públicas, isto é, convidar alunos de outras instituições e professores de matemática de nosso Estado, devia ter sido uma coisa menos formal e mais abrangente. Ele não podia ser professor de uma sala de aula apenas, de certa forma foi muito egoísmo da nossa parte. Ele poderia ter contribuído muito mais, especificamente na Universidade Católica, a sensação que eu tenho é que ele foi tratado como um professor comum. Agora a única coisa que pode ser feita para reconhecer a importância do trabalho desenvolvido pelo prof. Willie Maurer, é o trabalho que você está fazendo, contando a história da vida dele e com isso, mesmo que tardiamente, as pessoas possam conhecer e reconhecer o seu valor profissional.

G: Para finalizar Angélica, como que você descreveria o prof. Willie Maurer para quem não o conhecesse?

MA: Na sala de aula eu falava para meus alunos: “gente eu tive um guru na minha vida, eu tive um Einstein como colega”, (que era o primeiro nome de um gênio que vem na cabeça). Então, eu falava muito sobre ele, como sendo uma pessoa que sabia tudo de tudo. Falava: ele foi um inspirador na minha vida, ele era muito elegante, até na matemática ele era elegante, ele era um profundo

conhecedor de Física, Matemática, da Bíblia, da civilização do mundo e de tudo que você quisesse saber. Impressionante, para tudo ele tinha resposta, então penso assim, o Willie era um ser diferente de muitos outros, porque ele não tinha dificuldade para falar em nenhum nível e se fosse para citar um professor exemplar, eu o citaria na hora, sem pestanejar.

G: Angélica, para finalizar gostaria de agradecê-la imensamente pela entrevista e também por confiar a mim a guarda da documentação pessoal do prof. Willie Maurer que foi lhe entregue pela Silvia. E dizer-lhe também, que essa pesquisa só está sendo possível, graças em grande parte, ao material que você me repassou no início da mesma e para os quais tenho planos futuros quanto à conservação e guarda.

MA: Não podemos esquecer que daqui alguns anos pode ter alguém interessado nesse material.

G: É isso, muito obrigado por tudo.

Fim

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS:

Goiânia, 15 de março de 2013

Eu, Maria Angélica Ferreira Lombardi carteira de identidade número 287003, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista gravada, concedida no dia 13 de dezembro de 2011, para Glen Cézar Lemos usar, para fins acadêmicos, integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a terceiros o uso do texto final produzido, ficando a audição vinculada ao controle de Glen Cézar Lemos, que detém sua guarda.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.



Maria Angélica F. Lombardi

ENTREVISTA 6

Tese de Doutorado: **WILLIE ALFREDO MAURER: VIDA, OBRAS E CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DA MATEMATICA NO BRASIL**

Entrevistador	Glen Cézar Lemos
Entrevistado	Augusto Fleury Veloso da Silveira
Data	15/12/2011
Horário	09h
Local	PUC GOIÁS
Vínculo com Willie Maurer	Foi o responsável pela contratação do prof. Willie Maurer pela PUC GOIÁS em 1982, onde na época era o Vice-Reitor para Assuntos Administrativos.



Augusto Fleury Veloso da Silveira (Fonte: Acervo nosso, 15/12/2011)

Augusto Fleury Veloso da Silveira nasceu em Goiânia, em 30 de agosto de 1953. Possui graduação em Engenharia Elétrica e também em Física, pela Universidade Federal de Goiás (UFG), mestrado em Física pela mesma universidade, doutorado e pós-doutorado em Engenharia Elétrica pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Atualmente é professor na Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC GOIÁS), onde foi fundador e Diretor do Departamento de Engenharia, Vice-Reitor para Assuntos Administrativos e Coordenador do Curso de Engenharia Elétrica. Também é professor na Universidade Estadual de Goiás (UEG), onde foi Presidente da Assembléia Estatuinte, Secretário Geral e Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa. Atuou como Engenheiro consultor sênior na Engevix S/A e foi Engenheiro da Eletronorte S/A durante oito anos. Tem dezenas de trabalhos científicos publicados em eventos e em periódicos nacionais e internacionais.

ENTREVISTA

LEGENDA: AF: Augusto Fleury e G: Glen

G: Bom prof. Augusto, como eu já tinha antecipado ao senhor, meu trabalho é uma tese de doutorado sobre o prof. Willie Maurer na qual estou fazendo um estudo sobre a vida, obras e contribuições dele para o ensino de matemática. Inicialmente gostaria que o senhor falasse um pouco sobre o senhor, ou seja, uma auto apresentação de forma resumida.

AF: Bom dia Prof. Glen. Bem, eu nasci nesta cidade de Goiânia, quando ela ainda era uma pequena cidade de 50.000 habitantes e não essa metrópole moderna e tão atrativa como é hoje. Fiz meus estudos nas escolas pioneiras da cidade, no caso começando pelo Externato São José, com as “Irmãs Dominicanas”, muitas missionárias europeias, e sob a orientação da Madre Colomba. Mais tarde eu ingressei na primeira turma do então nascente Colégio Marista de Goiânia, onde conclui o ensino primário e o ginásial. Posteriormente me transferi para o Ateneu Dom Bosco, com os Padres Salesianos, onde fiz o segundo grau. O terceiro grau fiz na Universidade Federal de Goiás, basicamente na Escola de Engenharia e no Instituto de Matemática e Física, onde tive a oportunidade de cursar Engenharia Elétrica e bacharelado em Física, numa época em que os professores ainda eram os pioneiros e criadores das coisas, na então também nascente UFG. Mais tarde, já fora daqui eu fiz especialização em pequenas centrais hidrelétricas na USP, mestrado em Física na própria UFG e o doutorado na Universidade Federal de Uberlândia, onde também fiz o estágio pós-doutoral. De modo geral a minha formação acadêmica foi basicamente UFG, USP e UFU. Com referência a minha atividade profissional eu trabalhei na iniciativa privada como engenheiro e trabalhei na UFG como professor. Também como professor trabalhei na PUC quando ainda era Universidade Católica de Goiás e nela ainda trabalho enquanto PUC. Estou, ainda, na Universidade Estadual de Goiás onde estive desde o seu nascimento, e lá estava inclusive antes, na gênese da UEG, quando ela se chamava Uniana. Profissionalmente atuei também em consultoria na área de Engenharia numa grande empresa consultora, a Engevix S/A, de alcance nacional, e na Eletronorte S/A local onde realizei trabalhos relacionados ao sistema elétrico dos Estados do Tocantins, Mato

Grosso, Rondônia, Acre, Amazonas, Maranhão, Pará, Amapá e Roraima. Eu tive a felicidade e a oportunidade de conhecer a Amazônia brasileira a partir desses trabalhos que eram, em parte, feitos em campo. Mas vamos falar do Prof. Willie.

G: Então Prof. Augusto, gostaria que o senhor me contasse o que se lembrar do prof. Willie Maurer e depois eu começo fazer algumas perguntas, pode ser?

AF: Sim, claro. Bem o professor... talvez eu deva dizer da seguinte forma, não só no caso da Universidade Federal de Goiás, mas também no caso de outras instituições brasileiras, como as que eu acabei de citar, e também na Universidade Federal de Uberlândia, o certo é que o nascimento da instituição, enquanto universidade, se deu basicamente a partir de faculdades que foram criadas por pessoas interessadas numa área de conhecimento específico. A educação superior brasileira tem uma origem muito recente em relação à outros países, e esse desabrochar da educação brasileira começou a se intensificar só nos anos 1950. Nesta ocasião, aqui em Goiás, um grupo de pessoas fundou a escola de Engenharia do Brasil central, né? Entre essas pessoas eu devo destacar o prof. Orlando de Castro, mas não só ele. Outras pessoas fundaram outras faculdades. Na Faculdade de Direito, que já havia sido transferida da Cidade de Goiás para Goiânia havia a liderança do Professor Colemar Natal e Silva, depois pioneiro Reitor da UFG. Havia escolas de Farmácia, Enfermagem, Odontologia, Economia, Filosofia, Belas Artes, Música e outras iniciativas. Um grupo dessas escolas associado a outras do grupo que, por inspiração do Dom Fernando Gomes dos Santos - pioneiro e visionário que já havia criado a Universidade do Brasil Central, depois UCG -, havia também criado várias faculdades, e algumas elas se uniram e criaram, em seguida, em 1960, a Universidade Federal de Goiás, devo dizer que em condições desafiadoras. Ao fazerem isto, ficou diante dessas pessoas e daqueles que aderiram à ideia e para cá vieram, um imenso desafio a ser vencido. A vontade de criar uma escola de Engenharia não é igual à capacidade de realizá-la imediatamente e plenamente, então era necessário que Goiás abrisse as portas para “talentos”, vocações, boas vontades que quisessem vir para cá e desbravar fronteiras do conhecimento. No caso específico da Escola de Engenharia, da então nascente Universidade Federal de Goiás, eu diria que duas pessoas me vêm à memória como marcos

relevantes, não desmerecendo outras tantas, entre as quais eu citei o professor Orlando de Castro e as duas às quais eu me refiro agora, são o gigantes prof. Gabriel Roriz e prof. Willie Maurer, amigos, que tiveram passagens muito interessantes pela Escola de Engenharia e foram os criadores do Instituto de Matemática e Física (IMF) da UFG. O prof. Gabriel Roriz basicamente o idealizador do IMF voltado para área da Física e o prof. Willie Maurer voltado para área de matemática. Tornaram-se, assim, também grandes amigos e são pessoas inesquecíveis na historia da educação superior no Estado de Goiás. Eles são também pessoas referenciais em todos os sentidos na historia de criação e implantação do IMF. O professor Willie Maurer teve um trabalho interessantíssimo na estruturação do Instituto de Matemática e Física quando ele foi criado a partir da Escola de Engenharia, já existente. O IMF foi criado numa óptica de abrir espaços, para que os conhecimentos científicos na área de matemática e na área de física, ciências básicas, tivessem “leito próprio” e não estivesse exclusivamente a serviço de um único curso, no caso o curso de Engenharia. O prof. Willie era uma pessoa extraordinária e como tal, ele executou muito bem essa tarefa e muito rapidamente o Instituto de Matemática e Física assumiu uma posição referencial. O IMF adquiriu uma substância muito boa em consequência do prof. Willie conseguir trazer grandes profissionais para Goiânia e esses profissionais também marcaram a historia do IMF com o talento natural que tinham, com a postura que apresentavam diante do desafio que enfrentavam e com as lições de abnegação, de dedicação, de vontade de fazer e da vontade de produzir ciência. Eu sentia que “aquilo” estava sempre muito relacionado à dedicação do professor Willie Maurer, que os inspirava, que era digamos assim, o “orientador-mor” da atividade das pessoas e eu não consigo encontrar palavras para definir o que ele fez. Ele era uma pessoa diferente, era uma pessoa que tinha alguma coisa a mais e que eu não saberia dizer o que é. Mas, mesmo assim, todos viam com certa unanimidade e profundo respeito.

G: Em 1963/64 o prof. Maurer trabalhou na UFG e em 1965 retorna ao Mackenzie, onde trabalha até se aposentar em 1969. Em 1970 ele é convidado pelo prof. Juarez Milano a retornar para o IMF, onde ele ficou 1970/71 trabalhando como professor, mas o que de certa forma me intriga é o fato dele

afirmar na sua autobiografia que estava voltando para Goiânia para ficar em definitivo, só que...

AF: Ele não ficou. Olha ao certo eu não sei, mas a percepção que me vem da época é que o retorno dele foi por razões pessoais e familiares que eu não saberia dizer quais são. No aspecto profissional possivelmente foi devido à sua personalidade, pela forma como ele se doava as coisas e como já disse, o professor Willie tinha a característica de ser determinado e ele veio realmente para ficar em Goiás, tinha sim planos e sonhos, mas não foi possível.

G: Entendi.

AF: Mais tarde quando ele retornou para a UCG em 1982, ele me disse que pretendia ficar em Goiás definitivamente e novamente ele não ficou.

G: Quanto a UCG, consta que ele foi admitido em agosto de 1982 permanecendo na instituição até dezembro de 1987. Recentemente entrevistei o prof. Luiz de Gonzaga e ele sugeriu que eu o procurasse, pois segundo ele, na época, o senhor articulou a vinda do prof. Willie Maurer para a UCG. Gostaria que o senhor falasse um pouco sobre isso.

AF: Olha, como eu disse, no início dos anos 70, ele faz uma passagem rápida por aqui como já foi detectado e voltou para São Paulo, aparentemente não atendendo ao seu projeto inicial. Sei que ele esteve adoentado e que finalmente já não assumia disciplinas e sim a condição de conselheiro e orientador, mas assíduo e atuante. Creio que continuou referencial até se afastar de vez.

G: Certo.

AF: Voltou a São Paulo por necessidade pessoal e quando ele esteve comigo no início dos anos 80, o que eu achei mais marcante nele, foi perceber que “aquela alegria” ainda estava com ele, que aquela vontade de fazer ainda estava com ele, que ele tinha planos, planos e planos, como se ele estivesse começado tudo outra vez “ontem”, não é? Parecia que ele, involuntariamente, estava dando notícia de que ele ainda era o mesmo, as coisas estavam aí, mas ele dava essa notícia “no ser” e não no falar, no anunciar, ele não anunciava isso, a gente é que percebia isso. Eu não sei se era eu quem via, acho que não, mas me impressionava ver uma figura como o prof. Willie com tanto entusiasmo, tanta vontade, tantos projetos, tantas expectativas e também por isso, nós o trouxemos aqui, para PUC-Goiás, onde também se fazia necessária

uma orientação adicional, experiente, robusta, consistente, fruto de muita reflexão, para que o Departamento de Matemática e Física (MAF) tivesse ganhos, desenvolvimentos e acredito que ele, nos anos que esteve aqui, emprestou essa contribuição. Antes que você me pergunte, eu não saberia dizer se em 1987 ele saiu porque cansou ou seja o que for, porque em 1986 eu estava trabalhando em Brasília pela Engevix e esse período durou até 1988 e foi quando ele se afastou. Eu não tive contato com ele nesse período, mas eu tive informação de que ele ia sair, era só mais um ano. Eu tenho a impressão de que a saída do prof. Willie foi planejada, né?

G: Certo.

AF: Lembro-me que em uma das últimas conversas que tive com ele, pouco antes de eu ir para Brasília, ele me disse que ele tinha algumas coisas para fazer, metas que ele queria alcançar e que após isso ele daria a missão dele como cumprida, estaria cumprida, né? Eu não diria que ele daria sua como missão finalmente cumprida, pois, ele tinha propósitos sempre.

G: Certamente.

AF: Acredito que os marcos que ele tinha alcançado aqui, aqueles que ele tinha planejado, estabelecidos como propósitos, estavam prestes a serem alcançados e com certeza ele já tinha outros planos.

G: Entendi.

AF: Então, eu vejo o prof. Willie, como uma pessoa dotada de uma inata disposição para missões, acredito que ele se autogovernava com objetivos e fazia isso de uma forma suave, apazível, receptiva e eu acho que alcançava resultados, porque ele formava um conjunto consistente e convincente. Eu o via assim, era difícil aproximar do prof. Willie Maurer sem sair com uma “boa pitada” de admiração.

G: Prof. Augusto, com relação à passagem dele pela UNB em Brasília e na UFU em Uberlândia, o senhor tem conhecimento de alguma coisa?

AF: Não tenho, eu sei que ele passou, mas eu não tenho conhecimento do trabalho dele lá, nem na UNB e nem na Universidade Federal de Uberlândia. Ele não me falou nada a esse respeito.

G: Professor, outra questão que tenho buscado responder é sobre a contratação do prof. Willie Maurer pela UFG e UCG, onde ele foi lotado em

cargos destinados a quem era portador do título de doutor ou mestre, que não era o caso dele. O senhor poderia me ajudar a esclarecer isso?

AF: Nós temos que contextualizar né? As coisas são na ocasião em que elas são e nas circunstâncias em que elas são. Eu estudei na Universidade Federal de Goiás nessa época que você está falando aí e ela estava longe, muito longe de estar consolidada, sequer existia o Campus II, que só começou funcionar em 1973 e foi construído sob a “batuta” do prof. Irineu Borges. Então, a UFG não tinha essa estrutura que tem hoje, ela era uma universidade da praça universitária, certo?

G: Certo.

AF: E disso eu me lembro muito bem, porque a construção da Praça Universitária de Goiânia foi tocada pelo meu pai. Era a empresa do meu pai que executou a obra do projeto do arquiteto Eurico Godoi. Eu fiz, simultaneamente, dois cursos na UFG, Física e Engenharia Elétrica e os cursos eram cursos de “seu tempo” não é? A dizer na engenharia nós tínhamos um professor doutor de “moto própria” (de sua iniciativa própria), que era o professor “Colemar Arruda”, que ainda está na ativa. No departamento de Física naquela ocasião, nós tínhamos também um professor com doutorado que era o professor “José Valter Pélico” e um professor com mestrado que era o professor “Valdemar Volnei Filho”, que aposentou há pouco tempo atrás. Então todo quadro docente era formado por graduados, sequer especialistas, tanto na Escola de Engenharia na parte civil como na elétrica, assim como o Instituto de Matemática e Física. Na matemática havia um pouco mais de pessoas fazendo mestrado, uns poucos tinham concluído, mas não me lembro de doutores, ou seja, a maioria não tinha esse nível de formação. Então, naquela época o critério de titularidade na Universidade Federal, não só na Escola de Engenharia, mas nas outras escolas todas, era a proficiência, era a “notoriedade do conhecimento”, era a expectativa do volume de contribuições que a pessoa poderia trazer. No caso do retorno dele em 1970, à Universidade Federal de Goiás como professor titular é perfeitamente compreensível, ele foi o criador do IMF e trazê-lo com menos do que isso não seria justo, não é? E eu acho que fizeram muito bem e não havia então essa exigência de titulação para que ele fosse contratado como titular. Na década de 80 quando ele veio para Católica, o cenário já havia mudado um pouco, o título já estava aparecendo,

sua importância já era considerada tanto na Federal como na Católica em termos de desenvolvimento institucional, o que impossibilitou conseguir trazê-lo como titular naquela ocasião, eu até pretendia contratá-lo como titular por “notório saber”, mas não existia documentação relacionada a isso e então eu consegui contratá-lo como adjunto. Na época os argumentos que levantei sobre as perspectivas que o prof. Willie traziam com sua vinda para o MAF me permitiram conseguir “um enquadramento adequado”, e ele veio como adjunto apesar dele não ter a titulação acadêmica formal, entretanto “ele era um doutor de ideias” e isso pesou muito. Então se dizia assim: bom ele é um interessante e um doutor ingressa como adjunto, está certo então, enfim foi uma “solução negociada” né? Nós, vamos dizer assim, negociamos a aquisição de um “marco referencial” para o MAF, dentro do cenário de possibilidades na Universidade Católica de Goiás e esse acolhimento me pareceu contemporâneo na ocasião, tanto que eu o patrocinei certo?

G: Tá certo.

AF: Eu estive a favor disto, eu lutei por isso e acredito que foi um acerto. Acredito que o próprio trabalho seu de doutorado, tantos anos depois, cerca de 30 anos, é sinal que ele veio e “deixou pegadas” nas calçadas por onde andou e nas ideias das pessoas, pegadas que não mais se apagaram.

G: Professor Augusto, o senhor conhece os livros que ele publicou?

AF: Bom, você é matemático e eu físico e engenheiro, então eu não ia à matemática além do necessário para minhas outras necessidades e especialidades profissionais, então eu não sou uma pessoa boa para falar da qualidade do trabalho dele como matemático. Como professor eu diria para você que já está dito na nossa conversa o quanto ele era, ele era inclassificável, era uma pessoa... quero dizer, dessas que “Deus faz e joga a receita fora”. Agora, do matemático Willie Maurer eu me sinto incapaz de falar, eu não tenho preparo para isso.

G: Sobre a biblioteca de uso pessoal do prof. Maurer, me disseram que era um acervo bastante numeroso e foi trazida de São Paulo inicialmente para o IMF e hoje se encontra no acervo da biblioteca central da UFG. O senhor tem conhecimento disso?

AF: Eu tenho conhecimento de que nós fizemos um esforço grande para trazer essa biblioteca para o MAF, mas naquela ocasião não fomos capazes de

convencer, acho que não fomos eficientes em convencer a Universidade Católica ou mostrar o quanto era singular dispor daquela biblioteca. Não que a UCG não a quisesse, mas detalhes da acomodação dessa biblioteca aqui dentro, enxergava-se que ela teria que ter, ela teria que ser acolhida como “uma biblioteca de pessoa” dentro da instituição, enfim, que ela teria que ter o nome dele e ter um espaço específico, o que acabou não acontecendo, nem na Universidade Federal, começou assim, mas depois deixou de ser. E ele estava aqui conosco, nós sentíamos um certo constrangimento de não ser assim, né?

G: Entendi.

AF: E é bom dizer, para que não haja dúvida, “ele nunca pediu isso”, certo? Então, na verdade nós fomos protelando fazer isso, protelando e mais tarde o que eu posso dizer é que aconteceu dele ir embora para São Paulo e deixar lá no IMF, talvez porque o IMF tenha sido mais perceptivo naquela ocasião e tenha arranjado uma solução de colocar numa sala lá, a biblioteca Willie Maurer, depois mais tarde a Universidade Federal de Goiás levou aquele acervo para a Biblioteca Central. O que eu é que, em se tratando de certas presenças como o caso do prof. Willie, eu acho que é um erro, porque até certo ponto, isso ajuda até a esquecer a história, eu acho que deveria preservar como Biblioteca Willie Maurer, porque aquilo ali tem toda uma passagem importante associada. Ela se esvairá à medida em que você não preserva coisas que são tradicionais. Aqui na Católica nós tentamos preservar, como não foi possível ficamos constrangidos e protelamos o assunto, comentava-se assim: “não, ele está aí, ainda não está saindo e tal”, enfim, houve uma espécie de impotência ou mesmo incompetência, sei lá, eu não saberia me julgar, porque eu não vi o processo, o desfecho, eu não estava no desfecho, nesse meio tempo eu deixei a vice-reitoria, mas na ocasião eu contava como certo, que nós teríamos a “Biblioteca Willie Maurer” no MAF, entendeu?

G: Certo.

AF: Se mais tarde, aconteceu de forma diferente é talvez porque os outros encontraram a mesma dificuldade que eu encontrei, talvez de ordem intelectual, talvez de ordem operacional, eu não saberia dizer tantos anos depois como foi, mas na minha percepção ela existiria dentro do MAF na saída do prof. Willie Maurer. Foi o próprio prof. Luiz de Gonzaga que me disse que o prof. Willie havia feito a doação da sua biblioteca para o IMF. Com isso,

ocorreu de não haver a biblioteca do prof. Willie Maurer aqui no MAF, mas o importante é que ela existisse e só agora estou vendo que nem na UFG isso aconteceu. É uma pena, né? Eu sinto uma pena.

G: Na conversa que eu tive com o prof. Nelson Amaral da UFG, ele me falou que na época os professores do IMF se reuniram e com recursos próprios conseguiram trazer esse acervo para o IMF que posteriormente foi integrado ao acervo da biblioteca central da UFG. A intenção dos professores do IMF era de criar uma seção dentro da biblioteca que se chamaria “Seção prof. Willie Maurer”, mas também não conseguiram, talvez por causa das normas internas da biblioteca.

AF: São dois extremos, um de descaso e outro de ter uma sala reservada específica para isso, podia pelo menos ter uma estante lá com o nome dele, seção Willie Maurer e tal... Como ocorre com luminares no mundo mais civilizado.

G: O senhor assistiu um seminário que ele expôs em junho 1991, intitulado “Historia do Sino Mudo Contada Matematicamente”?

AF: Não, não assisti. Eu morava em Brasília.

G: Professor Augusto, o senhor gostaria de acrescentar, comentar ou sugerir mais alguma coisa? Fique a vontade.

AF: Bom, eu queria era cumprimentar o seu e outros trabalhos que forem feitos nessa linha, porque eu acredito que esses resgates de memória são muito importantes. O Brasil é uma nação relativamente nova e o Brasil não tem sido muito eficiente em preservar sua trajetória e seus valores, para que sejam conhecidos pelas próximas gerações, não como forma de “brindar” os presentes com reconhecimento de gerações futuras, mas como forma de “brindar” as gerações futuras com informações sobre de onde elas vieram, porque um povo que não sabe de onde veio é um povo que não sabe que povo é, essa é a pura verdade. Se daqui a alguns anos não se souber nada ou muito pouco com relação a formação da academia em Goiás, essa academia será mais pobre, mais fraca e com menos referências, e se permitirá mais deslizos que são inerentes, sempre tem, né? Mas aquilo que tem uma âncora firme na historia costuma deslizar menos e volto a repetir, se um povo não sabe de onde vem, o povo não sabe que povo é. Penso que isso precisa ser

considerado como um desafio que vocês estão ajudando a vencer, certo? Eu acho muito importante esse tipo de trabalho.

G: Prof. Augusto, vou fazer a transcrição da gravação e trago para o senhor ler e alterar o que julgar necessário. Em seguida será feita a redação final e com o seu consentimento passará a integrar a tese.

AF: Pois não, perfeitamente.

G: Muito obrigado pela paciência e atenção que teve comigo.

AF: Que é isso! Falar sobre o prof. Willie Maurer é um prazer e uma dádiva para mim.

Fim.

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Goiânia, 18 de março de 2013.

Eu, Augusto Fleury Veloso da Silveira carteira de identidade número 239240 SSP Go, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista gravada, concedida no dia 15 de dezembro de 2011, para Glen César Lemos usar, para fins acadêmicos, integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a terceiros o uso do texto final produzido, ficando a audição vinculada ao controle de Glen César Lemos, que detém sua guarda.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.


Augusto Fleury Veloso da Silveira

ENTREVISTA 7

Tese de Doutorado: **WILLIE ALFREDO MAURER: VIDA, OBRAS E CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DA MATEMÁTICA NO BRASIL**

Entrevistador	Glen César Lemos
Entrevistados	Armando Paulino da Costa e Valdemar Pereira Lopes
Data	14/12/2011
Horário	15h
Local	Residência do prof. Armando Paulino
Vínculo com Willie Maurer	Colegas de trabalho na PUC GOIÁS na década de 1980



Valdemar Pereira Lopes e Armando Paulino da Costa (Fonte: Acervo nosso, 14/12/2011)

Valdemar Pereira Lopes, possui graduação em Matemática pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (1972) e Engenharia Civil pela Universidade Federal de Goiás (1982). Trabalhou como professor na rede estadual de Goiás, no Instituto Federal de Goiás e na Pontifícia Universidade Católica de Goiás desde 1976, onde permanece até hoje.

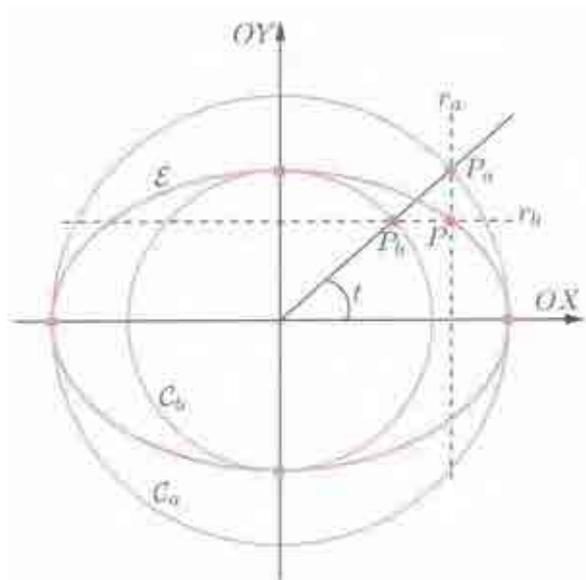
Armando Paulino da Costa, possui graduação em Engenharia Elétrica pela Universidade Federal de Goiás (1978), especialização em Matemática Superior pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1991) e mestrado em Matemática pela Universidade Federal de Goiás (2002). Atualmente é Professor Adjunto da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

ENTREVISTA

LEGENDA: AP: Armando Paulino V: Valdemar G: Glen

Antes da entrevista, enquanto montava o equipamento iniciamos a conversa na qual o professor Armando Paulino começa a relembrar um fato ocorrido entre ele e o prof. Willie Maurer e passa a nos contar.

AP: Um dia fui procurar o prof. Willie para tirar uma dúvida e ele logo falou “Você já vem armando confusão comigo, né?” Aí perguntei para ele: professor como é que parametriza uma Elipse? O que é o parâmetro? Aí ele fez esta construção “bonitinha” aqui, que guardo até hoje, mostrando-nos o desenho (fig. abaixo) e explicando, detalhadamente, como fazer. Ele era bom para desenhar, meio tremulo, mas “seu quadro” era muito bom.



AP: Então ele disse assim: Armando, primeiro você esboce no plano xy a elipse de equação $\frac{x^2}{a^2} + \frac{y^2}{b^2} = 1$. Tome um ponto $P(x, y)$ na elipse e sobre ele trace a reta r_b paralela ao eixo x e r_a paralela ao eixo y . Agora trace duas circunferências, uma C_a de raio “ a ”, a outra C_b de raio b , ambas centradas na origem. Marque o ponto P_a de abscissa x na interseção da reta r_a com a circunferência de raio “ a ”, analogamente o ponto P_b de ordenada y com a reta r_b . Como P_a pertence a circunferência C_a , suas coordenadas em função

do ângulo t em radianos, no sentido anti-horário, como eixo “ x ” podem ser escritas como $P_a(a \cos t, a \sin t)$. Analogamente, P_b pertence a circunferência C_b e então $P_b(b \cos t, b \sin t)$. Então, como o ponto $P(x, y)$ tem a mesma abscissa do ponto P_a e a mesma ordenada do ponto P_b , ele pode ser escrito como $P(a \cos t, b \sin t)$ que pertence à elipse $\varepsilon: \frac{x^2}{a^2} + \frac{y^2}{b^2} = 1$. Portanto,

$$\varepsilon: \begin{cases} x = a \cos t \\ y = b \sin t \end{cases}, \quad t \in \mathbb{R}$$

V: Durante a semana de matemática do MAF ele mostrou para nós a construção da parábola. Eu procurei para ver se achava, tenho certeza que copiei, mas não encontrei.

AP: É, ele falou sobre a parábola usando “sistema de alavanca”. Foi uma aula linda mesmo, sabe? Como é feita a quadratura da parábola usando sistema de alavanca, que foi uma demonstração que Arquimedes.

G: Eu vou explicar para vocês como é que a gente vai fazer.

AP: Você tá montando uma historia completa da vida dele?

G: Estou. Depois que fiz a entrevista com o prof. Adelino e com o prof. Luiz de Gonzaga, ambos sugeriram que eu conversasse com os senhores. Eu vou abordar alguns assuntos e o que os senhores forem lembrando podem falar a vontade. Farei algumas perguntas e quem souber responde e conduzimos o trabalho.

V: Certo.

G: Após a realização da entrevista farei a transcrição da gravação, trago para cada um ler e alterar o que julgar necessário. Em seguida será feita a redação final, que acompanhada do termo de autorização assinado pelos senhores passará a integrar a tese.

AP: Entendi, vamos lá.

V: Está claro, pode começar.

G: Gostaria que os senhores iniciassem fazendo uma auto apresentação, começando pelo prof. Armando, pode ser?

AP: Bom, eu nasci em Pires do Rio, em 1951, onde fiz o primeiro grau, até o primeiro ano científico e a partir daí eu já vim para Goiânia, fiz o segundo científico no Colégio Estadual Pedro Gomes e o terceiro no Colégio Estadual

Presidente Costa e Silva (COLU). Aí prestei o vestibular para Engenharia Elétrica e não passei. Então fiz um ano de cursinho no ano de 1973 e em 1974 prestei de novo e passei para Engenharia Elétrica, colando grau em dezembro de 1978. Em 1976 comecei a dar aula no Estado, lá naquele Colégio Rui Barbosa e era meu sustento. Naquela época tinha o crédito educativo para ajuda de custo, você lembra não é Valdé?

V: Lembro.

AP: Todo mundo que quisesse fazia, era uma coisa boa demais. Depois você pagava “aquilo” em suaves prestações. Aí comecei, em 1976, a trabalhar no Estado, me formei em 1978 e em setembro de 1979 eu prestei concurso na Universidade Católica e passei. Fui contratado dia 11 de setembro de 1979 e fiquei até hoje. Quando comecei lá, o Valdé era o coordenador da equipe.

G: Agora você Valdé.

V: Comecei estudando o primário em Jandaia e depois fui para Palmeiras de Goiás onde fiz o segundo grau e de lá vim direto para Goiânia estudar no Liceu e tive o prazer de ficar conhecendo o professor Genésio Lima dos Reis e ser colega do irmão dele, o Geraldo. Então, através do Geraldo fiquei amigo do Genésio e, na época, minha empolgação pela matemática deve-se muito a ele, mas a minha intenção era fazer um curso de Engenharia Civil. Aí eu fiz meu primeiro vestibular para matemática aqui na Universidade Católica e fiz também na UFG para Engenharia, só que eu já sabia que tinha passado para matemática, então não realizei a última prova, prova prática, para o curso de Engenharia.

AP: Na Católica...

V: É, só que eu gostava muito de jogar futebol, a gente chegava a disputar campeonato amador e em um sábado tinha a última prova para ingressar na Engenharia e aí a turma do futebol me disse, você não vai fazer a prova não. Como eu já tinha passado para matemática, optei pelo futebol no sábado e aí dá para imaginar o resultado. Com isso, fiz o curso de matemática na Universidade Católica. Comecei o curso em 1967 só que logo depois eu adquiri um cartório na cidade de Jandaia, era um Cartório de Família e Órfãos. Na época, teve um Juiz que não permitiu que eu ficasse nessas idas e vindas e fui obrigado a perder dois anos do curso de matemática. Eu fazia um ano e perdia

outro, até que terminei o curso de matemática em 1972. Em 1975 eu fiz o vestibular para Engenharia Civil na UFG e fui fazer a Engenharia.

AP: Você aproveitou muitas matérias?

V: Aproveitei aquelas disciplinas básicas. Só que em 1970 comecei a dar aula no Colégio Agostiniano e na rede estadual. Em 1973 eu dava aula no Estado, no Colégio Agostiniano, no Instituto Joana D'arc e no Colégio B. Helou. Nessa época eu peguei meu contrato com o Estado e levei para Anápolis a disposição da Faculdade de Ciências Econômicas, onde trabalhei de 1973 a 1978. Em 1976 comecei o curso Engenharia e ingressei como professor na Universidade Católica, onde trabalho até hoje. Então eu fazia duas, três disciplinas... e terminei o curso de Engenharia em 1982, mas aí fiz opção para matemática. Também dei aula no Colégio Objetivo, no Colégio Visão e no CEFET-GO.

AP: Lembrei-me de mais uma coisa que ele me falou naquele dia que eu o procurei para tirar a dúvida a respeito da parametrização, que na realidade surgiu quando eu fui tentar calcular comprimento de arco de elipse. Em uma aula de Cálculo II, mostrei como calcular o comprimento de um arco usando integral e coloquei como exemplo o comprimento de arco da elipse e claro, me dei mal. Primeiro porque não consegui parametrizar a elipse, pensava que conseguia e segundo não conseguindo, peguei uma forma cartesiana mesmo, “dei com os burros n’agua com a integral”. Terminei a aula e fui atrás dele, nessa época o prof. Willie tinha uma “salinha” dentro do MAF, você lembra?

G: Não, eu não cheguei a conhecê-lo pessoalmente, só o vi algumas vezes de longe nos corredores do MAF.

AP: Aí eu perguntei para o prof. Willie: professor como é que calculamos o comprimento de um arco da elipse de equação $\frac{x^2}{a^2} + \frac{y^2}{b^2} = 1$?

Eu fui fazer as contas para ele lá no dia e ele só me deixando fazer... e falou:

“vamos ver até onde que ele vai”, e parei na integral: $\int \sqrt{\frac{a^2 - e^2 x^2}{a^2 - x^2}} dx$

e ele disse: “pois é Armando, agora você caiu numa integral elíptica”. Falei: o que que é isso? E ele foi contar: “é um grupo de integrais que você não resolve algebricamente, só por métodos numéricos e a origem desse nome é exatamente por causa desse problema do comprimento do arco da elipse”.

V: O que eu achava interessante no prof. Willie Maurer era o nível de conhecimento dele.

AP: Nossa, era uma coisa incrível.

G: A Angélica me falou a mesma coisa, disse que nunca viu uma pessoa com conhecimento igual ao dele.

AP: Conhecimento sólido mesmo.

V: E a Matemática integrada a Física?

AP: Matemática, Física, Estatística e Filosofia também. Ele era um filósofo.

V: Na linguagem comum “ele era o cão chupando manga” (risos). Ele era brilhante e muito competente.

AP: Muito mesmo e a maneira dele explicar no quadro Glen, era diferente de outros professores que conheci, se você o visse fazer uma figura dessa aqui da elipse e mesmo tremendo muito saía direitinho...

G: Ele era calmo, tranquilo... ?

AP: Muito calmo...

V: De vez em quando ele tinha aqueles “lances críticos” dele.

AP: De vez em quando ele tirava um “sarrinho” do cara.

AP: O Valdé já te contou a história das meninas no corredor do MAF?

G: O prof. Luiz me contou e o prof. Adelino também.

AP: Nesse dia eu fui levá-lo em casa, ele morava no Hotel Metrópole na Avenida Anhanguera, perto da Cical. Quando cheguei ao quarto do prof. Willie, observei que o mesmo estava repleto de livros, tinha estante cheia de livros para todo lado e no meio deste amontoado de livros ficava a cama dele. Inclusive quem o ajudava organizar tudo isso era a Angélica. Nessa época ele ficou com depressão, coitado, muito depressivo mesmo. Um dia eu cheguei lá no MAF, eu sempre que chegava ia à salinha dele, pois adorava bater papo com ele lá. Quando chego lá, ele falou: “ô Armando, ainda bem que você está aqui”, então falei: o que foi professor? Está precisando de alguma coisa? “Eu quero que você me leve em casa, porque eu não dou conta de ir sozinho hoje”. Falei: o que foi? O senhor está passando mal? Ele me falou: “é que, eu estou muito depressivo e esqueci de trazer o remédio”. Ele tomava, acho que era “prozac”, um remédio bravo mesmo. Aí falei: eu levo o senhor sim. Aí ele me disse: “então deixa eu arrumar minhas coisas” e catou os negocinhos dele.

Então saímos e era bem no intervalo da aula, no corredor do antigo MAF, você lembra?

V: Antigo MAF, aquele predinho antigo da Arquitetura...

G: Eu lembro, lembro sim...

AP: Tinha o corredor e o MAF era lá no final do corredor, ao lado tinha as salas da Arquitetura e ele foi passando no corredor e tinha uma “moça alta e muito bonita mesmo”, ele suspirou e falou: “é por isso que eu não posso largar isso aqui” (risos).

V: O Armando tinha uma convivência maior com ele do que eu, mas eu tenho duas lembranças interessantes dele. Uma foi o apelido que ele me “botou” de Valdebar (risos). Ele me perguntou assim: “Valdemar quantas vezes você já foi no mar?” Falei assim: umas duas ou três. “E no bar?” respondi: quase todo dia professor. Ele disse: “então seu nome de agora em diante é Valdebar”. Outra coisa que me lembrei agora, foi quando ele estava dando uma palestra, tinha muita gente, inclusive muitos professores da UFG também estavam assistindo e quando terminou tudo, todo mundo conversando descontraidamente, aí o prof. Willie falando em obras de arte me falou assim: “eu vou dar minha definição de obra de arte. A obra de arte é alguma coisa que você olha, você tem que falar que é bonito, que entendeu tudo, porque se você falar que não entendeu e não achou bonito, você é considerado um ignorante”.

AP: Tinha outra coisa que eu queria te falar... há...lembrei, foi que o prof. Willie, naquela época, era visto e considerado por todos no MAF, como se ele fosse um “dicionário vivo” disponível para gente ir tirar dúvidas.

V: Foi, é verdade.

AP: Tudo que queríamos saber, principalmente sobre Física, Estatística e Matemática íamos a sua procura para tirar as dúvidas e o prof. Willie se tornou o ponto de referência de “todo mundo”. Teve uma época que ele estava achando que nós estávamos meio relapsos, não estávamos indo procurá-lo e então ele falou “já que vocês não vêm a mim eu vou até vocês. Vou passar tarefas para vocês”. Nessa época eu era coordenador da equipe de matemática, e o Pedrão era o diretor do MAF. Então o prof. Willie me falou assim: “olha Armando, nós vamos criar um sistema da seguinte forma, toda semana um vai dar uma aula de um determinado assunto. Vamos fazer a

relação de alguns tópicos e sortear”. E para esse aqui (apontando para o Valdé), caiu “derivada direcional” não é Valdé?

V: Acho que foi... (risos)

G: Era um seminário?

AP: Era, tinha que ir para o quadro explicar e todos os professores da matemática do MAF iam assistir à aula, sempre sob a supervisão dele. Era bom demais, você precisava ver.

V: Foi uma época que melhorou muito o nível de conhecimento dos professores e principalmente a empolgação da equipe.

G: Na entrevista que fiz com a Angélica ela disse que na realidade o prof. Willie Maurer entrou no MAF de certa maneira para “oxigenar” o departamento, mas foi uma pena que ele foi muito pouco aproveitado e na realidade ele tinha muito mais a contribuir do que realmente contribuiu.

AP: Nossa! O potencial dele era enorme...

V: É, era excepcional mesmo.

AP: Existiram momentos quando o Luiz Gonzaga era o diretor do MAF, onde ele me falava assim: cadê Armandinho, cadê o povo? O prof. Willie tinha um horário rígido, sempre no horário marcado ele estava lá e ele não falhava de jeito nenhum.

G: Na época que o prof. Willie chegou na UCG, os senhores já eram professores?

V: Já...

G: Como foi que os senhores conheceram o prof. Willie Maurer? Gostaria que relatassem o que lembrar.

AP: Eu o conheci através dos seus livros. Quando eu estudava na Universidade Federal, eu usava muito a biblioteca de lá e os livros dele foram meu suporte na área de cálculo.

V: Quando eu fiz o curso de matemática na Universidade Católica, eu também usei basicamente os livros dele, aqueles quatro volumes de cálculo.

AP: O Curso de Equações Diferenciais que eu fiz na Federal foi usando o livro dele.

V: Eu conheci o prof. Willie primeiro através dos livros e foi por meio deles que fiquei sabendo que ele foi o fundador do IMF da UFG.

AP: Eu também.

G: O que os senhores sabem sobre a atuação do prof. Willie Maurer na UFG, especificamente no IMF?

AP: Na época que eu estudei ele estava para São Paulo e o que nós sabemos é que ele foi um dos fundadores lá do IMF.

V: É o que eu sei também, porque quando eu fiz Engenharia na UFG ele não estava por aqui também, já estava em São Paulo.

G: Na autobiografia do Willie Maurer, ele afirma que fez boas amizades na Universidade Católica e cita: os dois Armandos, você Valdé, o Pedrão, o Luiz de Gonzaga, a Maria Angélica, mas não cita ninguém da UFG a não ser o Gabriel Roriz, que foi quem o trouxe para Goiânia em 1963 e se tornaram grandes amigos. O interessante é que ele narra na autobiografia que vem para Goiânia para ficar definitivamente e fica somente dois anos. Perguntei para Angélica se ela sabia de alguma coisa e ela acha que ele deve ter tido algum...

AP: Desentendimento...

G: Pode ser ou algum problema de saúde dele ou da esposa que o fez retornar à São Paulo em 1972.

AP: Mas eu acho que foi a filha dele lá em São Paulo que pediu para ele voltar.

G: Nessa época acredito que não, pode ser quando ele estava na UCG, na década de 1980.

AP: Pode ser. Ele tinha uma filha que era psicóloga em São Paulo...

G: Silvia Lane, que faleceu em 2005.

AP: Faleceu? Ele falava muito nessa filha, que ela queria que ele fosse para lá, para morar com ela em São Paulo, pois, ele já estava de idade. Então, quando ele voltou aqui para Goiânia em 1982 ela não queria que ele voltasse de jeito nenhum. E ele veio assim mesmo e inclusive ele sofreu um acidente na estrada em uma dessas viagens de São Paulo para Goiânia.

G: Eu ouvi falar nesse acidente.

AP: Ele veio num fusca e um caminhão parece que ao cruzar com ele a carroceria pegou ali no teto do fusca e quase que decepa o “velhinho”...coitado.

G: Então foi grave o acidente?

AP: Foi gravíssimo e ele não machucou por pura sorte.

G: Os senhores assistiram ao seminário em que ele expôs, em junho 1991, o que foi intitulado “Historia do Sino Mudo Contada Matematicamente”?

AP: Há... foi, eu assisti, exatamente.

V: Eu acho que eu assisti também.

G: Vocês lembram alguma coisa?

AP: O pêndulo não batia no sino. Balançava-se o sino e o pêndulo não batia. Aí ele resolve o problema matematicamente.

V: Eu também me lembro, foi isso mesmo.

AP: Eu consegui assimilar bem, não sei o público de um modo geral, porque tinha aluno assistindo também. Se não me engano ele falou nessa historia do sino pela primeira vez em uma aula da saudade, não foi não Valdé?

V: É, eu acho que foi...

AP: Glen, outra coisa bonita que ele fez foi a equação do 3º grau, você lembra Valdé? Isso eu tinha guardado, pois, eu copiei. Ele fez uma demonstração bonita da fórmula do “Girolamo Cardano”. Ele também deduziu a equação da parábola por meio de alavanca.

V: É, essa eu tinha anotado, eu não encontrei, eu queria mostrar para o Glen.

G: Já que entramos nesse assunto, o prof. Luiz de Gonzaga me contou na entrevista, que o prof. Willie Maurer ofereceu um curso na época em que estava na UCG sobre formação de professores. Os senhores fizeram esse curso? Os senhores assistiram a alguma aula do prof. Maurer?

V: Lembro-me dessa época, mas, não fiz o curso.

AP: Também não fiz, nós assistimos algumas aulas esporádicas, mas não acompanhamos o curso todo. Existiram também aquelas aulas que te falei, que ele marcava cada semana para um fazer e ele fazia suas intervenções. O dia que o Valdé foi fazer a aula sobre derivada direcional, existe aquela figurinha geométrica tradicional, o Valdé fez “bonitinho” e o prof. Willie estava sentado em uma cadeira da primeira fila, quietinho, encostadinho e num dado momento virou-se para turma e falou “nossa, mas, ele é jeitosinho mesmo, viu” (risos)

V: É, ele sentado na primeira fila, olhou para trás e falou... (risos). É por isso, que eu falo que ele era crítico. Comigo foi o apelido de “Valdebar” e essa dele falar “ele é jeitosinho”.

G: Gostaria agora que os senhores me contassem como era o Willie Maurer enquanto professor de matemática sob alguns aspectos que vou citar a seguir:

- conhecimento e domínio do conteúdo.

AP: Nossa! Inquestionável.

V: Nesse aspecto acredito que há uma unanimidade, o prof. Willie era fantástico, eu o considerava “o mestre”. Era notável a segurança que ele tinha nas questões de Matemática, Física, Matemática Aplicada ou Física aplicada.

AP: Muito bom mesmo, ele era muito bom em tudo.

G: E sobre o aspecto clareza nas exposições?

AP: Cem por cento, ele expunha o assunto de uma maneira cadenciada, o prof. Willie era perfeito mesmo, sua didática ao abordar temas de matemática era diferente, tinha uma clareza e uma leveza própria.

V: A didática dele era muito boa mesmo. Eu o observava muito através daquela coleção de quatro volumes de cálculo que ele publicou...

AP: Glen você tem esses livros?

G: Tenho.

AP: Você tem um livro dele de Geometria Analítica também?

G: Tenho sim, o Valdé me emprestou.

V: A segurança com que ele fazia as aplicações na Física, também era uma característica muito forte e própria dele.

AP: O que ele mais gostava de trabalhar era com a parte da mecânica.

G: E sobre o aspecto disponibilidade para esclarecer dúvidas dos alunos e inclusive dos professores?

AP: O tempo que ele estava lá no MAF, ele estava totalmente disponível. Ele tinha uma disposição e vontade de servir invejáveis. Não tinha hora, qualquer hora que você chegasse na sala dele...

V: Ele parava o que estava fazendo e já estava pronto para atender.

G: Como era a relação dele com os alunos?

AP: Apesar de não ter sido aluno dele, sabia pelos comentários que era excelente.

G: E sobre o aspecto avaliação e incentivo?

AP: Não sei. Eu não vivi isso aí não.

V: Nesse sentido eu também não.

AP: O prof. Willie era muito zeloso com o nível e a qualidade das aulas dos professores do MAF. Ele se preocupava muito com isso. Ele me perguntava às vezes “Armando como é que estão os professores? Você tem acompanhado?” Porque eu era coordenador da área de matemática na época. Eu cheguei até mostrar muitas provas dos meus colegas professores e falava, olha aqui prof.

Willie a prova do fulano, do beltrano, a prova do sicrano e ele pegava as provas comigo olhava, analisava aquelas provas e falava assim “é está bom, estão conduzindo bem”. Realmente ele era muito prestativo e preocupado com a qualidade do ensino de matemática.

AP: Ele tinha o ensino como um sacerdócio mesmo.

G: Com relação ao aspecto pessoal, o que os senhores poderiam dizer sobre o prof. Willie Maurer?

AP: É Glen, eu percebia que ele era “meio melindroso” sabe?

V: Realmente ele era bastante sensível...

AP: Muito sensível, se a pessoa trapaceasse com ele, não tinha perdão, ele desprezava aquela pessoa, você tinha que agir certinho com ele, ser autêntico e sincero com ele.

G: E nas comemorações, festas, essas coisas, ele participava?

AP: O que me lembro, foi dele ter participado de um almoço na casa Angélica.

V: É, nesse ele foi, mas ele era um pouco arredio nesse ponto. Eu não sei se a culpa era dele ou se era até nossa mesmo. Falando por min, eu não tinha aquela liberdade de chegar nele com brincadeira, essas coisas, porque ele era uma pessoa séria.

AP: Muito séria.

V: Então acabava a gente ficando assim, muito restrito nessa questão...

AP: A brincadeira tinha que vir da parte dele, pois não ousávamos tomar a iniciativa.

V: Quando você precisava dele no sentido profissional ou de um esclarecimento, ele estava sempre disponível, mas a gente não tinha assim aquela liberdade de chegar e dizer para ele “professor tem uma festinha assim, vamos lá”... acho que faltou isso e realmente foi uma falha nossa.

G: Praticamente já consegui resgatar quase tudo o que ele escreveu, exceto o livro Tópicos da História da Matemática e da Física que não foi publicado e está com o senhor Pedro César (Pedrão). Solicitei várias vezes a ele que me entregasse, mas até hoje, sem êxito. Até a Angélica que detém a guarda desse material, também já pediu e ele prometeu enviar a ela em breve. Estou aguardando.

V: Qual interesse dele nisso?

G: Não sei. Os senhores chegaram a utilizar em suas aulas os livros que ele publicou?

AP: Eu usei muito o de Cálculo I, Cálculo II e Equações Diferenciais...

V: Eu também usei muito os de cálculo.

G: Qual a opinião dos senhores sobre os livros?

AP: Inclusive a aula que eu preparei para o concurso na Católica foi em cima do livro dele, que foi sobre máximo e mínimo de funções de várias variáveis. Os livros são excelentes, bons demais da conta...

V: Todos de muito boa qualidade, profundos, principalmente os livros de Cálculo, com os quais eu trabalhei.

AP: A teoria não é aquela coisa feita superficialmente, era profundo mesmo.

G: Tinha rigor matemático também?

AP: Mantinha o rigor matemático e eram muito bem escritos mesmo.

V: Eu sempre gostei de adotar os livros do prof. Willie nos cursos de Cálculo e Equações Diferenciais. A dificuldade que a gente tinha era exatamente fazer com que o aluno adquirisse o exemplar, porque na época eles não eram mais publicados e não era muito fácil encontrá-los no mercado.

AP: Era mais fácil encontra-los nos sebos. Não tem edição nova dele?

G: Sobre a reedição da coleção de cálculo, o prof. Willie narra na autobiografia, que ele tentou editar novamente com algumas alterações, mas, a Editora Edgar Blucher não se interessou na época.

AP: Já pensou se aqueles livros dele fossem reeditados com suas aplicações apoiadas nos recursos computacionais de hoje, que maravilha não seria...

G: Sobre a biblioteca de uso pessoal do prof. Willie Maurer, obtive informações que era um acervo bastante numeroso, os senhores sabem alguma coisa a respeito?

AP: Não está com o Nelson Amaral na UFG?

G: Sim, está na UFG. Conversei pessoalmente com o prof. Nelson Amaral e ele disse que na época os professores do IMF arrecadaram um dinheiro entre eles para buscar essa biblioteca. Inicialmente ela veio para o IMF que depois doou para a Biblioteca Central. Consta em um documento do prof. Willie Maurer que essa biblioteca tinha cerca de 5.000 exemplares.

AP: Esse material eles buscaram lá em São Paulo, na casa da filha dele.

G: Ele era vivo ainda?

AP: Quando eles buscaram, era.

V: Aquela pequena biblioteca do MAF, não tem mais livros que foram dele não.

G: Existem alguns livros, mas muito pouco...

AP: Quando ele veio aqui para a Universidade Católica ele ainda trouxe muito livro com ele. Só que como não existia controle, qualquer aluno pegava o que queria, alguns devolviam outros não e com isso vai acabando...

V: É..., o problema é que deixaram aquela salinha com os livros só para uso dos alunos do curso de matemática e na verdade essa sala era para ser usada por nós professores.

AP: Quando foi que ele nasceu?

G: O prof. Willie Maurer nasceu em 1907 e naturalizou-se em 1950.

AP: Ele era americano não é?

G: Ele nasceu nos Estados Unidos, mas, ele não se considerava americano porque ele veio ainda pequeno pro Brasil.

G: Sobre a passagem dele por Uberlândia e UNB, os senhores sabem alguma coisa?

AP: Não, não...

V: Eu também não.

G: Sobre a família do prof. Maurer, os senhores sabem alguma coisa?

AP: Só dessa filha dele em São Paulo. Acho que era filha única, não era?

G: Era sim e ela faleceu em 2005. Ela foi professora na PUC São Paulo por muitos anos.

AP: A Angélica chegou a ir lá na casa dela...

G: Isso, a Angélica a conheceu pessoalmente. Inclusive, grande parte do material pessoal do prof. Willie Maurer que estava em São Paulo, após seu falecimento, a filha dele entregou para a Angélica.

G: Para encerrarmos, gostaria que os senhores fizessem uma breve análise sobre a passagem do prof. Willie Maurer pela UCG e suas contribuições para o ensino da Matemática em Goiás.

AP: O que posso falar é sobre a UCG. Considero que o período que ele esteve aqui foi muito enriquecedor para o grupo de professores do MAF e para os alunos também. Ele tinha uma presteza, uma maneira muito especial de tratar com a gente.

V: Eu concordo com o Armandinho e eu como colega dele, eu me espelhava muito na sua maneira de trabalhar, quero dizer, os seus ensinamentos só trouxeram benefícios para o nosso departamento.

AP: Ele enriqueceu e deixou marcas no MAF, no meu caso, por exemplo, jamais esqueci a parametrização da Elipse.

V: Na época, nós do MAF, tínhamos vamos dizer assim, até um certo orgulho em saber que existia entre nós um professor do “naipe” do prof. Willie Maurer.

AP: O considerávamos como um porto seguro...

V: Realmente na época foi muito bom, o departamento cresceu muito com a presença dele e a universidade também.

AP: Hoje, por exemplo, se você tiver uma dúvida como o exemplo da Elipse, quem é que eu vou procurar no MAF? Acredito que hoje lá não tem ninguém com o nível de conhecimento do prof. Willie, apesar de contarmos com inúmeros doutores. Eu particularmente senti muito a falta do prof. Willie Maurer quando eu estava escrevendo minha dissertação de mestrado em matemática na UFG, até comentei com a minha esposa na época, falei assim: se o prof. Willie estivesse aqui ele ia me esclarecer, isto, aquilo... e pensava se ele estivesse aqui, eu ia “nadar de braçada” nas dúvidas que tinha.

V: Eu acho que a convivência do Armando com o prof. Willie Maurer foi bem maior do que a minha, até porque o Armando morava para o mesmo lado que ele.

AP: Eu sempre dava carona para ele, quase todo dia o deixava na porta do hotel que ele morava.

G: Bom, fiquem a vontade para acrescentar, comentar ou sugerir mais alguma coisa e muito obrigado aos senhores.

AP: Foi um prazer enorme falar sobre uma pessoa brilhante e encantadora como foi o prof. Willie Maurer.

V: Para mim também. Espero ver em breve seu trabalho concluído, que no meu entendimento, também fará uma justíssima homenagem a um profissional como o educador que foi o prof. Willie Maurer e de certa forma até então esquecido pela comunidade acadêmica.

Fim

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS:

Goiânia, 13 de março de 2013

Eu, Valdemar Pereira Lopes, carteira de identidade número 73.289, 2ª via, SSP/GO, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista gravada, concedida no dia 14 de dezembro de 2011, para Glen César Lemos usar, para fins acadêmicos, integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a terceiros o uso do texto final produzido, ficando a audição vinculada ao controle de Glen César Lemos, que detém sua guarda.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.



Valdemar Pereira Lopes

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Goiânia, 19 de março de 2013

Eu, Armando Paulino da Costa carteira de identidade número 32843255860 declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista gravada, concedida no dia 14 de dezembro de 2011, para Glen César Lemos usar, para fins acadêmicos, integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a terceiros o uso do texto final produzido, ficando a audição vinculada ao controle de Glen César Lemos, que detém sua guarda.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.



Armando Paulino da Costa

ENTREVISTA 8

Tese de Doutorado: **WILLIE ALFREDO MAURER: VIDA, OBRAS E CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DA MATEMATICA NO BRASIL**

Entrevistador	Glen César Lemos
Entrevistado	Pierre Kaufmann
Data	27/04/2012
Horário	09h
Local	Universidade Mackenzie - São Paulo
Vínculo com Willie Maurer	Aluno e assistente do prof. Willie Maurer na Universidade Mackenzie na década de 1960



Pierre Kaufmann (Fonte: Acervo nosso, 27/04/2012)

Professor Pierre Kaufmann possui Bacharelado e Licenciatura em Física, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Mackenzie (1961) e Doutorado em Física - Atribuído Por Notório Saber - CNPq (1970) CFE/MEC 1973 (1972). Foi Pesquisador Conferencista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, atualmente é Professor Titular da Universidade Presbiteriana Mackenzie, Pesquisador 1A do CNPq e pesquisador Senior, tempo parcial, da Universidade Estadual de Campinas (1989). Membro Titular da Academia Brasileira de Ciências (1987) Membro titular da Academia de Ciências do Estado de São Paulo (2012) e coordenador do Centro de Rádio Astronomia e Astrofísica Mackenzie (CRAAM), originalmente Grupo de Rádio e Astronomia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Mackenzie (GRAM).

ENTREVISTA

LEGENDA: P: Pierre Kaufmann G: Glen

G: Bom, prof. Pierre como tínhamos conversado anteriormente, eu faço doutorado na UNESP, na área de Educação Matemática e minha tese é sobre o professor Willie Maurer, abordando duas vertentes: a vida e obra. Como fiquei sabendo que o senhor conviveu com ele no Mackenzie, isso motivou o convite para realização da entrevista...

P: Isto...

G: O senhor pode ficar a vontade para falar aquilo que se lembrar, sem seguir o roteiro que elaborei.

P: Tá bom.

G: Professor Pierre, quando o senhor conheceu o prof. Willie Maurer?

P: Em fins dos anos 50, início dos anos 60, como aluno e posteriormente como assistente no laboratório de Física. O professor Willie Maurer talvez tenha sido o meu principal professor e orientador no Mackenzie e finalmente tendo me designado como coordenador do GRAM, cujo ato de criação foi assinado pelo professor Willie Alfredo Maurer em 1960, que na época fazia parte do Departamento de Física do Mackenzie onde eu também era seu Assistente. Além da Rádio e Astronomia, existia um laboratório de microscopia eletrônica, também implantado pelo prof. Willie Maurer. Então, eu cuidava de aulas, do laboratório, orientava estudantes e o prof. Maurer era o meu supervisor, orientador e inspirador.

G: Já que o senhor foi aluno dele, poderia falar um pouco sobre ele como professor de Matemática e Física?

P: Sim, com prazer. Eu o caracterizo como o mais rigoroso e completo professor que eu tive. Ele dava aula para alunos de física, matemática e engenharia. Ele era um professor extremamente completo e publicou livros baseados nos cursos que deu. Depois ficamos amigos e nos encontramos várias vezes depois que ele saiu do Mackenzie. Algumas vezes foi naquela propriedade que ele tinha em Mairinque, outras numa casa onde morava na Praça Vilaboim. Depois com a distância, pelo fato dele estar morando fora e eu

também, pois saí do Mackenzie no fim dos anos 70, perdemos um pouco o contato pessoal, mas sempre trocávamos um cartão de Natal, então nunca perdemos totalmente o contato. O prof. Willie, para época, teve grandes empreendimentos e iniciativas dentro do Mackenzie que resultavam em progressos expressivos e como professor na área de matemática, geralmente cálculo, ele foi realmente completo e rigoroso. É uma pena que atualmente não se encontra mais esse tipo de professor.

G: Prof. Pierre consta na documentação que está em meu poder que ele se desliga definitivamente do Mackenzie em 1969, será que foi por aposentadoria ou existiu outro motivo?

P: Eu era relativamente muito “junior” na época e acabei assumindo responsabilidades que estavam bastante além da minha própria idade, mas eu acho que as assumi a contento, porém eu nunca me envolvi mais profundamente nos relacionamentos dele com a administração da universidade exercida pelo Instituto Presbiteriano Mackenzie. Então, eu realmente não posso dizer muita coisa, só sei que lá “pelas tantas”, ele acabou tendo uns desentendimentos com a entidade mantenedora, razão pela qual ele acabou pedindo demissão e saindo do Mackenzie. Acredito que ele não saiu por aposentadoria, pois eu me lembro que ele saiu por pedir demissão quando entrou em rota de colisão com a administração da universidade, por não concordar com a situação imposta na época. Pelo que me lembro ele escreveu até um manifesto, é... ele realmente teve problemas, mas eu não vou entrar em detalhes porque eu não coparticipei e nem fui solicitado a ser solidário ou não às suas posições políticas, eu era solidário a ele como pessoa, a qual sempre admirei muito. Ele nunca me envolveu no sentido de me pedir para apoiá-lo ou não. As conjunturas políticas e administrativas nas quais ele se envolveu no Mackenzie, eu nunca estive familiarizado, eu sei que foram levadas a algum extremo, onde o clima de trabalho pra ele ficou bastante insustentável e ele pediu demissão, foi quando ele foi pra Goiás.

G: Prof. Pierre além das atividades docentes, o senhor tem conhecimento de outras atividades desenvolvidas pelo prof. Maurer no Mackenzie?

P: Tenho, pois inicialmente fui seu aluno e depois seu assistente. Eu sei que ele teve uma participação atuante e muito importante na implantação da própria Universidade Mackenzie, que foi a cerca de mais de cinquenta anos atrás.

Então ele, o prof. Maurer, teve uma importantíssima participação na constituição da Universidade Mackenzie que até o início dos anos 50 não era uma universidade, eram faculdades, e eu sei que ele teve muita contribuição para a consolidação da mesma, que foi reconhecida como uma universidade por meio de decreto assinado pelo então presidente Getúlio Vargas em 1952.

G: O prof. Maurer afirma na autobiografia, que quando retorna de Goiás para a Universidade Mackenzie, no início de 1965, ele vai para Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, onde assumiu a coordenação do curso de Física, certo?

P: Isso. O curso de Matemática e de Física da Universidade Mackenzie eram cursos excelentes na época, estavam em pé de igualdade com outros cursos que existiam em São Paulo, por exemplo o da USP, mas estou falando de anos 60. Tudo isso deve-se ao prof. Willie Maurer que convidou os melhores professores de todas as disciplinas que existiam em São Paulo e realmente ele fez uma Faculdade “top”.

G: Sobre a formação acadêmica do prof. Maurer, pergunto: como uma pessoa que tinha apenas a graduação, possuía uma formação tão sólida, sem ter cursado mestrado e doutorado?

P: É, mas veja bem, naquela época nós não tínhamos no Brasil mestrado e doutorado stricto sensu, isso somente foi estabelecido pelo Conselho Federal de Educação no fim dos anos 60 e antes disso não existia no Brasil. Então parte dos professores, que eram pouquíssimos, tinha oportunidade de estudar no exterior ou estudavam por aqui mesmo para obterem sua formação. Em minha opinião, um profissional não precisa ter um rótulo para ser competente. Eu mesmo não tive essa oportunidade e acabei no fim dos anos 70 implementando um curso de Pós-graduação stricto sensu no Mackenzie sob inspiração do próprio prof. Willie Maurer. Eu me tornei o coordenador desse curso, mas foi ele quem promoveu na Universidade Mackenzie a implementação do curso de Pós-graduação na área de Rádio, Astronomia e Astrofísica. Foi o primeiro curso a ser credenciado pelo Conselho Federal de Educação, após serem estabelecidas as regras de curso de Pós-graduação stricto sensu no Brasil, no final da década de 60 e finalmente o nosso laboratório foi credenciado como centro de excelência no CNPQ em 1970. O credenciamento saiu entre 72 e 73, mas o processo de implantação do curso de pós-graduação no Mackenzie foi promovido pelo prof. Willie Maurer quando

ele era diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Mackenzie. Ele foi diretor desta Faculdade por bastante tempo, durante o qual ele teve várias iniciativas, tais como, implementar o laboratório de Física dentro de uma instituição de ensino privado, que não disponibilizava de muitos recursos, mas era um macro laboratório de Física, inclusive com microscopia eletrônica.

G: Certo.

P: Estou com uma certa dúvida, se foi em um dos mandatos dele ou não, pois foram mais de um mandato de Diretor, onde na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade Mackenzie, quando foi criado um grupo de estudo para o ensino da matemática moderna liderado pelo professor Oswaldo Sangiorgi¹ e mais uma vez foi um empreendimento muito estimulado pelo prof. Willie Maurer. O prof. Willie tinha essa característica, ele estimulava, ele promovia empreendimentos e quando ele achava que era sério, dava todo apoio, fomentava e o mais interessante é que ele não queria ser o diretor, o patrão, essa coisa toda. Realmente como pessoa humana é uma das pessoas mais admiráveis que eu conheci. Foi meu inspirador, sem dúvida alguma.

G: Prof. Pierre, o Centro de Radioastronomia e Astrofísica Mackenzie (CRAAM) se originou do Grupo de Rádio Astronomia Mackenzie (GRAM), certo?

P: Exatamente, o GRAM teve início no departamento de Física da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras do Mackenzie cujo diretor era o prof. Willie Maurer.

G: Na época já existia ou ele criou esse grupo?

P: Eu e alguns colegas estudantes da universidade Mackenzie constituímos um grupo de estudos e também frequentávamos outro grupo que funcionava no planetário do Ibirapuera, o grupo de amadores, formado por técnicos,

¹ Em convênio com Secretaria de Educação, Sangiorgi obtém a liberação de ponto para a participação de professores da rede pública, num total de 25. Essa atividade abre caminho para a criação, aos moldes do School Mathematics Study Group, dos EUA, do GEEM – Grupo de Estudos do Ensino da Matemática, em outubro de 1961. A professora Renate Gompertz Watanabe, guarda em seu acervo pessoal, o diploma recebido no curso. Nele consta “Curso de Especialização em Matemática”, com aprovação nas provas e trabalhos exigidos no curso, nas disciplinas de “Lógica Matemática e Aplicações”, “Teoria dos Conjuntos”, “Álgebra Moderna” e “Seminários de Ensino de Matemática”. Assinam o documento o reitor da Universidade Mackenzie, Henrique Thut; o diretor da Faculdade de Filosofia, Willie Maurer; o professor George Springer, da Universidade de Kansas-EUA; o professor Oswaldo Sangiorgi, da Universidade Mackenzie; o professor Luiz Jacy Monteiro, da Universidade de São Paulo e o professor Alésio De Caroli, da Universidade de São Paulo. (VALENTE, W.R. Oswaldo Sangiorgi e o movimento da matemática moderna no Brasil. IN: Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v 8, n 25, p. 583-613, set./dez., 2008).

engenheiros e estudantes de Rádio Astronomia. Então, o prof. Maurer para oficializar o nosso grupo promoveu um acordo de cooperação com o planetário na época e também com esse grupo já existente. Então criamos o Grupo de Rádio Astronomia Mackenzie (GRAM), cujo termo de criação foi assinado por ele, isso no início dos anos 60. O GRAM foi pioneiro no Brasil em Rádio Astronomia, Física Solar e Física da Ionosfera. Talvez, hoje seja o centro mais importante na área de Física Solar que conheço.

G: O documento de criação que o senhor disse ter arquivado, eu poderia ter acesso a uma cópia dele?

P: Sim, claro que sim vou providenciar. (Nesse momento me entrega uma cópia do texto sobre o histórico do CRAAM que estava em seu computador e a cópia do documento de criação do GRAM).

G: Prof. Pierre, como o senhor já disse, as atividades dele fora do Mackenzie o senhor não sabe?

P: Não.

G: Prof. Pierre, o senhor conhece os livros que ele publicou?

P: Eu conheço os de cálculo, os quatro livros de cálculo.

G: O senhor chegou a usá-los?

P: Usei. Aliás, eu usava as apostilas que se acabaram transformando em livros, inclusive meus quatro livros com a dedicatória dele foram roubados e é uma pena, pois gostaria de tê-los.

G: Eu os tenho inclusive em arquivo digital, posso enviar para senhor...

P: Por favor, claro que não vou ter de volta a dedicatória dele (risos), não tem como, mas vou ter os livros originados das apostilas, que eram usadas no curso de Física, de Matemática e também na Engenharia.

G: Então tudo começou com as apostilas, ele atuando nos cursos do Mackenzie, e depois se tornaram livros?

P: Isso, isso, exatamente.

G: Prof. Pierre além dos livros o senhor conhece algum outro trabalho, artigo científico ou algum outro estudo que ele publicou?

P: Não. Ele era realmente mais professor do que pesquisador de matemática.

G: Eu pergunto porque ele cita em um currículo antigo, um chamado "o método de Arquimedes", segundo ele, publicou aqui na revista da Escola de Engenharia do Mackenzie.

P: A Revista de Engenharia do Mackenzie é uma revista completamente aperiódica, já desapareceu totalmente, agora eles estão querendo ressuscitar, mas não é uma revista com regularidade. Tinha um professor que era aqui do Mackenzie e era muito amigo dele, o Lacaz Neto que foi amigo meu também e pena que já faleceu, mas talvez tenha coisa na biblioteca do ITA. Se você me lembrar eu posso falar com o prof. Rodolpho Vilhena de Moraes, que também foi aluno do prof. Willie Maurer aqui no Mackenzie e posteriormente por indicação dele foi para o ITA, trabalhar com o prof. Lacaz, fez carreira no ITA, pesquisas e está ativo até hoje. Depois ele se aposentou no ITA e foi trabalhar na UNESP, se aposentou e agora está na UNIFESP em São José dos Campos. Vou ver se ele localiza esse artigo para você.

G: Prof. Pierre, sobre a biblioteca pessoal do prof. Willie Maurer, obtive informações que era um acervo bastante numeroso e foi acolhido pela Universidade Federal de Goiás, o senhor sabe alguma coisa a respeito?

P: Respeitável. Eu apenas vi na casa dele, não sei detalhes.

G: Prof. Pierre, como o senhor avalia as contribuições do prof. Willie Maurer para o ensino de matemática e física, olhando particularmente para o Mackenzie ou talvez de forma mais ampla, em termos de Brasil.

P: Eu acredito que teve e tem grandes professores no Mackenzie, mas entre os contemporâneos da época do prof. Willie Maurer, ele era destacadamente um dos melhores, se não o melhor professor de cálculo do Mackenzie e um dos melhores do Brasil. Existiam outras sumidades em matemática na época contemporânea e muitos deles também eram pesquisadores em matemática, o que não era bem o caso do prof. Willie. Estou tentando lembrar alguns nomes, mas acho que não seja válido fazer uma comparação direta, porque ele tinha uma característica própria como professor, como didático, como formador de outros professores no caso da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras e formador de Engenheiros no caso na Escola de Engenharia Mackenzie, que naquela época, era uma escola de Engenharia em pé de igualdade, principalmente na área de civil, a outra escola que era a Politécnica e que em grande parte se devia a um excelente conteúdo de matemática em todos os níveis que era conduzido e ensinado pelo prof. Willie na época. Então eu tenho plena convicção de que a contribuição dele foi absolutamente única e destacada, em termos de Mackenzie, em termos de São Paulo e em termos

Brasil. Estou falando nos anos 60 e a repercussão que teve nos anos imediatamente depois.

G: E de certa forma indiretamente, influencia até hoje.

P: Eu acho que sim, pois sou por exemplo, um seguidor dele quanto a filosofia de vida, quanto ao rigor no trabalho, quanto a seriedade nas abordagens e quanto ao gosto, ele gostava de dar aula e realmente foi uma pessoa que marcou por onde atuou. O professor Rodolpho Vilhena de Morars é um matemático, profissional e de renome e é digamos assim mais uma das “crias” do prof. Willie Maurer. Ele também “dava muita força” à física e alguns físicos que se tornaram importantes saíram da FFCL do Mackenzie. Naquela época não tinha bolsa, não tinha mestrado, doutorado, todos esses incentivos que existem hoje e se alguém quisesse trabalhar em algo relativo a atividade acadêmica tinha que ter um emprego fora, como eu tive. Teve um período inclusive do meu curso regular que eu trabalhava o dia inteiro, pegava matéria à noite com colegas, no sábado, domingo, eventualmente encontrava com o prof. Willie e falava “olha não ta dando, tenho que trabalhar”, mas como eu gostava e ele sabia, trabalhava nas coisas acadêmicas à noite e em fins de semana. Era uma época um pouco diferente, aliás, a dedicação é válida em qualquer época.

G: Claro.

P: Mas como não existiam essas oportunidades como as bolsas, tudo bem a bolsa não é grande coisa, mas você recebe só pra estudar e isso não existia.

G: Quer dizer, a pessoa fazia o curso por gosto.

P: É por gosto. Um dos primeiros microscópios eletrônicos do Brasil foi instalado no Mackenzie pelo prof. Willie Maurer no laboratório de microscopia eletrônica também implantado por ele. Então ele o instalou e foram treinados estudantes para operá-lo e um desses estudantes, mais tarde se tornou um dos mais importantes microscopistas eletrônicos do Brasil, a Cecilia Alvarenga, já falecida infelizmente, que também foi subproduto do departamento de Física FFCL Mackenzie, também implementada pelo prof. Willie Maurer.

G: Agora saindo um pouco do ambiente acadêmico, o senhor disse que conviveu com ele na época que ele tinha um sítio em Mairinque...

P: Tinha, tinha...

G: Fora do ambiente acadêmico, tenho a impressão que o prof. Maurer era uma pessoa muito séria, reservada e sem brincadeiras, então como ele era?

P: Brincava, brincava sim, mas não era um brincalhão como o professor Sangiorgi que era sempre muito alegre, também uma pessoa brilhante e outro grande matemático daquela época, dentre outros como o Catunda, Jacy Monteiro e não só em São Paulo, no Rio de Janeiro também. Enfim, o prof. Willie Maurer se destacou como professor, principalmente como professor de cálculo, era um cara idealista, coisa que é extremamente rara já naquela época e hoje muito mais rara ainda, ele era uma pessoa de uma correção total. Não tinha ambições políticas como, por exemplo, de querer ser diretor, querer ser o melhor, ou seja, buscar para si o reconhecimento do sucesso de uma determinada ação. Ele realmente é um exemplo que está faltando hoje em dia.

G: E mesmo ele não tendo esse interesse as coisas chegavam até ele, certo?

P: Sim, porque todos o respeitavam de uma tal maneira, que ele era respeitado intrinsecamente isto é, ele não se fazia respeitar.

G: É verdade, nas instituições por onde ele passou chegava e já assumia o comando das coisas e realmente “tomava conta” e a matemática hoje na UFG é o que é hoje, inclusive já com o doutorado, graças a ele que iniciou a estrutura do Instituto de Matemática e Física em 1963. Até hoje estão lá guardados os documentos escritos e assinados por ele, as atas, ofícios,...

P: Curiosamente não vou nem colocar nomes, mesmo com todo o rigor dele, esse aparente rigor, esse conservadorismo, ele tinha espírito empreendedor, ele percebia estudantes com ideias e com vontade de empreender, ele dava “aquela força”, isso era uma característica dele, enquanto que outros professores “puxavam o breque”, dava um passo pra trás. Ele era mais arriscado, ele achava que valia a pena empreender, arriscar, promovia e estimulava por motivo próprio, porque se não fosse o estímulo dele, ele não teria constituído grupo de pesquisa. Absolutamente, isso era uma característica dele, ele promovia empreendimentos, ele era sensível a propostas, sem perder o rigor do que ensinava, por isso que ele era tão respeitado.

G: Eu perguntei a algumas pessoas com quem conversei em Goiânia, que conviveram com ele na época, e elas disseram que ele era uma pessoa assim, tinha o humor dele como o senhor disse, mas ele era uma pessoa de certa

maneira mais recatada, não gostava de participar de ambientes sociais, reuniões...

P: Não, não. Era uma característica dele, não era festivo, não era mesmo. Ele era uma pessoa recatada, simples, super acessível, apesar “daquele jeitão dele” de rigoroso, quando você descobria que ele era também acessível aí você descobria tudo, ele era realmente acessível.

G: Bom prof. Pierre, se o senhor quiser acrescentar alguma coisa...

P: É tão difícil, né? Tanto tempo... mas realmente é uma personalidade que deixou marcas não só no Mackenzie, como em outras instituições e na Matemática Brasileira, como professor, como professor de matemática avançada.

G: Vou fazer a transcrição da entrevista e trago para o senhor ler e corrigir o que julgar necessário e após sua autorização passará a fazer parte da documentação da tese.

P: Com certeza.

G: Muito obrigado e desculpas por tomar o tempo do senhor.

P: Ora, de jeito nenhum.

Fim

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS:

São Paulo, 23 de novembro de 2012

Eu, Pierre Kaufmann, carteira de identidade número RG. 2354426, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista gravada, concedida no dia 27 de abril de 2012, para Glen César Lemos usar, para fins acadêmicos, integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a terceiros o uso do texto final produzido, ficando a audição vinculada ao controle de Glen César Lemos, que detém sua guarda.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

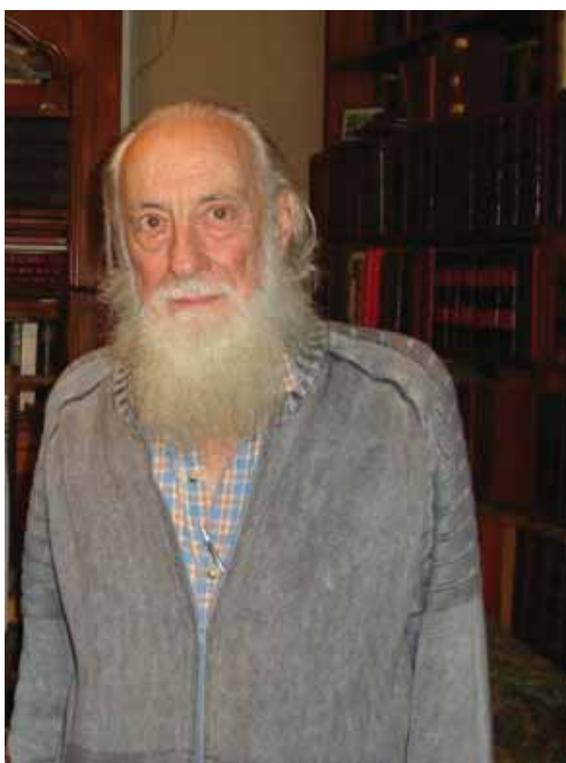


Pierre Kaufmann

ENTREVISTA 9

Tese de Doutorado: **WILLIE ALFREDO MAURER: VIDA, OBRAS E CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DA MATEMÁTICA NO BRASIL.**

Entrevistador	Glen César Lemos
Entrevistado	Fred Lane
Data	27 de abril de 2012
Horário	09h
Local	Residência do mesmo
Vínculo com Willie Maurer	Genro do prof. Maurer



Fred Lane (Fonte: Acervo nosso, 27/04/2012)

Fred Lane é natural de São Paulo, nasceu em 26 de fevereiro de 1932, filho de Frederico Lane, professor no Mackenzie, e bisneto de Dr. Horácio Lane que foi diretor do Mackenzie College, em 1890, encarregado de introduzir os métodos de ensino superior americanos no Brasil. O Sr. Fred Lane cursou, parcialmente, História Natural na USP e casou-se em 1960 com Silvia Tatiana Maurer, filha do professor Willie Maurer. Sua atividade atual é restaurador e encadernador de livros, profissão que aprendeu com sua mãe desde os 12 anos de idade.

A entrevista com o Sr. Fred Lane foi realizada sem agendamento prévio, pois ao terminar a entrevista com o prof. Pierre Kaufmann, no Mackenzie, telefonei para o Guilherme Maurer Lane pra confirmar a entrevista que seria realizada com ele e sua irmã Lilian Maurer Lane no dia seguinte. Na oportunidade o mesmo afirmou que eu estava próximo a casa de seu pai, o Sr. Fred Lane, onde mora também o irmão caçula Eduardo Maurer Lane. Forneceu o endereço e o número do telefone. Agradei pelas informações e me dirigi ao endereço, pois não consegui contato pelo telefone. Ao chegar, toquei a campainha, e após alguns minutos fui atendido por um senhor e perguntei se ele seria o Sr. Fred Lane e ele responde que sim. Nesse momento me identifico, informo que fui indicado pelo seu filho Guilherme e explico, de modo resumido, a pesquisa que estou desenvolvendo. Ao citar o nome do prof. Willie Maurer ele me convida a entrar e pergunta no que poderia ajudar. Por ser uma entrevista não programada e pra não perder a oportunidade, a partir desse momento ligo o gravador e começo a entrevista expondo sobre o estudo que estou realizando. Então ele me apresenta o seu filho Eduardo e explica a ele que sou de Goiânia e estou realizando uma pesquisa sobre o professor Willie Maurer e que gostaria de entrevistar a família. Como o Eduardo tinha que se ausentar, a entrevista foi realizada somente com o Sr. Fred para o qual solicitei permissão para gravar a conversa, explicando o caráter confidencial e que só seria divulgado as informações por ele autorizadas.

A ENTREVISTA

Legenda: F: Fred Lane G: Glen

G: Sr. Fred, após a gravação farei a transcrição e trago para o senhor ler e alterar o que julgar necessário. Em seguida será feita a redação final e com o seu consentimento passará a integrar a tese. O senhor entendeu? Alguma dúvida? Podemos começar?

F: Tudo bem, podemos.

G: O senhor é professor ?

F: Eu sou professor de encadernação de livros.

G: Sr. Fred como o senhor foi casado com a Silvia filha do prof. Maurer, gostaria que o senhor contasse o que se lembrar sobre sua convivência com ele.

F: Eu me casei com a Silvia em 1960, mas eu conheci o Willie Maurer quando eu tinha 7 anos de idade, porque ele era professor no Mackenzie e meu pai também. Eu estudava no primário do Mackenzie e a Silvia também estudava lá e na mesma classe que eu. Então, os dois pais se conheciam do Mackenzie e as duas mães que iam buscar os filhos na escola também se conheciam, então eu tive uma amizade com a Silvia desde os 7 anos de idade. Portanto mantinham contato, meu pai com o Willie, minha mãe com a “Pola”, enfim...

G: O senhor poderia me falar um pouco sobre a esposa do prof. Willie Maurer?

F: O nome dela era Apolônia, mas a gente a chamava de “Pola” e todo mundo a conhecia como “Pola”. Sua nacionalidade era “Letoniana” e o Willie era americano, mas ele era de origem “suiça-alemã”, seus pais emigraram para os Estados Unidos e dos Estados Unidos é que eles vieram para cá.

G: O prof. Maurer nasceu nos Estados Unidos, mas veio para o Brasil ainda criança, certo?

F: Sim, ele nasceu lá nos Estados Unidos. Depois seus pais voltam ao Brasil e vão morar em uma fazendinha perto de Campinas, numa cidadezinha aos arredores de Campinas, como agricultor e os filhos estudaram na Escola Alemã de Campinas. Consta que o Willie e seu irmão Theodoro Henrique não gostavam muito da Escola Alemã e inclusive acabaram fugindo da Escola e foram trabalhar, o Willie trabalhou em marcenaria.

G: Eu vi isso na autobiografia dele.

F: Depois ele veio pra São Paulo e só depois de casado é que ele se formou, ou seja que fez a universidade na USP, ele e o irmão. O irmão Theodoro Maurer se tornou catedrático de Filologia Românica e o Maurer ficou na matemática e dava aula nos cursos de Engenharia, Matemática, Física e Filosofia também. Ele era muito calmo, super estudioso, com um “cabedal” de conhecimento muito grande. E eu até brincava, dizendo que ele vivia com livros, era no sábado, domingo e feriado, não tinha nada que o afastasse dos livros, estava sempre estudando.

G: Fiquei sabendo que ele tinha um sítio no interior de São Paulo, o senhor poderia falar um pouco sobre isso?

Por volta de 1950, ele e a esposa adquiriram um sítio em Mairinque perto de São Roque.

G: É longe de São Paulo?

F: Não, é cinquenta e poucos quilômetros daqui, mas quem adorava o sítio na verdade era a sua mulher, a Pola. Ela trabalhava, plantava, fazia coisas, mexia e tudo mais. Ele chegava no sítio e ficava estudando... (risos). Era sempre a matemática a preferida da história toda. Mas ele também gostava de fazer as coisas tipo, ele mesmo construir a casa. Ele comprou o sítio em um acerto com parentes e lá não tinha casa, só tinha uma casa do caseiro, um casebre de pau-a-pique e ele resolveu construir a casa, então eu ajudei muito, quer dizer (risos) a gente ia derrubar árvore lá no mato para fazer o telhado, assentar os tijolos com barro, enfim montamos a casa todinha, então essa parte ele gostava de fazer. Ele montou um carneiro mecânico para bombear água de um correço, que passava na parte baixa, no fundo do sítio, para uma caixa situada na parte alta da propriedade pra depois distribuir para casa. Ele estudava a parte de melhor aproveitamento de tudo. Também montamos lá no sítio, eu e ele, um moinho de vento para bombear água de um poço, carragar baterias, quer dizer ele gostava muito de todas essas coisas e o resto era ler matemática, estudar matemática.

G: Eu tenho entrevistado pessoas e é inegável o conhecimento do professor Willie Maurer, a seriedade e a dedicação aos estudos. Agora, fora do ambiente acadêmico, como ele era no ambiente familiar?

F: O que eu posso dizer é o “caseiro”, ou seja, ele era um cara muito calmo, tranquilo e na verdade a mulher, vamos dizer, “teoricamente”, era que mandava, ela mandava em tudo, fazia tudo, coisa e tal, ele não interferia, agora de vez em quando ele dizia não e aí era não mesmo... (risos), mas pra ele dizer o não levava muito tempo e precisaria ser muito importante. Ele era um cara assim, ele não “guiava”, só veio a dirigir no fim da vida.

G: Parece que houve um acidente com ele numa viagem de São Paulo para Goiânia?

F: Isto, inclusive eu fui depois, lá em Goiânia, buscar o carro e tudo mais, mas ele entrava no carro, sentava do lado do passageiro, acendia o cachimbo e era a mulher quem dirigia... (risos). Ficava fumando, lendo, quer dizer, ele tinha

esse estilo de vida. Eu tenho uma fotografia que talvez depois até interessa para tese, porque “pega” toda a família dele.

G: Isso, claro que sim.

F: Na fotografia já tem a Silvia pequena, ela devia estar com uns seis ou sete anos, “pega” todos os parentes dele, eu vou dar a você e se voce quiser o telefone de um sobrinho dele que andou vendo uma série de coisas de família e tudo isso. Talvez possa ter alguma coisa. Dos irmãos e irmãs dele, acho que não tem ninguém mais vivo.

G: Correto.

F: Mas tem os sobrinhos dele, um sobrinho dele é pastor presbiteriano, da família lá de Campinas, esse outro que te falei está em São José do Rio Preto e a sua irmã está aqui em São Paulo, estava nos Estados Unidos até dois meses atrás, estava como americana, casou-se lá e aí voltou para Brasil, então eu posso te passar os contatos. Agora gostaria que você fizesse perguntas sobre o que você quer saber.

G: Tudo bem, estou deixando o senhor falar a vontade porque assim eu vou tendo uma visão geral, sem guiar muito a conversa, está bom do jeito que está. Após o falecimento da esposa em 1975, como que ele ficou, porque parece-me que ele era muito ligado à esposa, certo?

F: Sim, o Willie foi sempre fixado numa pessoa só, claro na esposa, quer dizer ele era um cara assim, de uma retidão total, muito correto. Depois que a esposa morreu ele foi morar comigo e a Silvia para não ficar sozinho. Então, na época a Silvia trouxe ele para morar na nossa casa, naquela casa onde voce vai encontrar o Guilherme e a Lilian, na rua Éden. Aí ele ficou morando lá, e realmente foi envelhecendo e foi impressionante como o Willie foi definhando, quer dizer, foi encurvando coisa e tal. Mas mesmo assim voce chegava perto e ele tava lá com livro, então eu brincava que ele tava lendo a mesma página o dia inteiro... (risos). Ele lia, cochilava e depois voltava a ler de novo, quer dizer, a ideia dele era ler matemática.

G: Além de ler, ele tinha algum passatempo preferido, um hobby, alguma coisa que ele gostasse a não ser estudar?

F: Que eu saiba não. Era só matemática e os amigos. Quando era professor no Mackenzie saía com outros professores e iam fazer o circuito das livrarias na cidade, esse era o seu hobby, procurar livros e comprar livros.

G: E no sítio ele ia para descansar, fazer outra coisa a não ser ler?

F: Eu não diria que era um lazer porque, se ele ficasse em São Paulo ele ficava estudando matemática, se ele fosse para o sítio ele ficava estudando matemática, ele fazia as coisas no sítio assim, o que interessava, mas basicamente, a ideia dele era matemática e que eu me lembro, ele não tinha hobby nenhum. (Neste momento o sr. Fred pede licença, se ausenta por alguns minutos e retorna com a fotografia da família do prof. Willie Maurer e começa a identificar as pessoas).



Fotografia da Família Maurer cedida pelo Sr. Fred Lane no dia 27/04/2012

F: Aqui está a fotografia que te falei, vamos dizer assim, aqui tá o Willie, aqui tá a Pola, a Silvia com quem me casei, aqui é o Teodoro que era professor de Filologia Romântica aqui na USP, Catedrático, com a esposa dele.

G: Como que era o nome dele?

F: Theodoro Henrique Maurer que era casado com ela, não tiveram filhos, aqui a outra irmã, aqui os pais, aqui o irmão dele o Paulo com a esposa e os dois filhos, aqui é a outra irmã, aqui é o cunhado, enfim é a família toda. Isso é o que te falei, eu tenho algumas dificuldades em nomes, não lembro o nome

desse ou aquele, mas o Silvío, que eu posso te dar o telefone, ele tem tudo isso direitinho.

G: Vou fazer o seguinte, vou pegar minha câmara e tirar uma foto e se eu não conseguir identificar as pessoas utilizando estas anotações que o senhor fez, ligo para o Sílvio e peço sua ajuda. Sr. Fred, quando ele foi para Goiânia em 1963 fundar o Instituto de Matemática e Física (IMF) da Universidade Federal de Goiás (UFG), o senhor sabe se a esposa dele foi com ele?

F: A primeira vez que ele foi acho que não, fomos só eu e ele. Na época ele tinha um jeep candango e para lá fomos, eu e ele de jeep candango para Goiânia, pegando chuva, muita lama na estrada e eu saí dirigindo o jeep daqui e como ele era mais velho coisa e tal, fui maneiro na velocidade, tudo controlado, bonitinho e quando paramos para tomar um café, revezamos e ele pegou o volante, aí eu falei, “olha mas o pé dele é de chumbo mesmo”... (risos).

G: Na época a estrada já era asfaltada?

F: Estavam fazendo ainda, tinha boa parte com asfalto, mas tinha que fazer desvios de terra e lama. Como a estrada é muito reta até cansava ao dirigir, mas ele mandava ver no carro. Depois a esposa dele foi para lá, morou lá com ele. Nessa época ele tinha uma casa aqui, na Praça Vilaboim, na frente da Praça e quando ele foi pra Goiânia eu e a Silvia ficamos morando nessa casa. Hoje a casa não existe mais, porque foi vendida e ficou servindo de garagem para o prédio de trás.

G: O senhor sabe se ele adquiriu algum imóvel em Goiânia?

F: Não, que eu saiba não. Ele teve uma irmã que estava morando perto de Goiânia, não sei onde, mas ele não comprou nada lá.

G: Sr. Fred, o acidente que aconteceu com ele na estrada, será que foi quando ele foi para Universidade Católica de Goiás (UCG) por volta de 1982?

F: Acredito que sim, porque nas primeiras idas quem dirigia basicamente era a mulher. Veja, eu fui dirigindo, ele pegou o volante, ele sabia dirigir, mas não gostava e ele dirigiu pouco. Mas nessa época ele vai sozinho num fusca, eu estudei tudo para saber o que tinha acontecido e cheguei a seguinte conclusão: no fim de tarde quando o sol vai baixando, fica aquela dificuldade para exergar, né? Ele devia estar bastante cansado, porque já estava próximo de Goiânia, ele também era bem surdo e tinha dificuldades de visão. Imaginei o seguinte,

ele estava dirigindo e provavelmente o carro balançou na estrada, quer dizer, ele saiu da mão dele e entrou pela contra-mão e nesta entrada na contra-mão veio um caminhão do outro lado, o cara do caminhão se assustou com ele completamente na conta-mão e tirou o caminhão para tentar escapar dele e os grampos da carroceria do caminhão pegaram na frente, na estrutura do fusca, com vidro da frente e tudo, mas com uma velocidade tão grande, que o caminhão bateu e arrancou a capota do fusca inteirinha fazendo só “zup”, não espirrou vidro, nem nada nele e ele continuou dirigindo. O caminhão nem parou, o caminhão foi embora, mas houve aquele barulho e assim, a uns 50 metros do local tinha um posto de gasolina e aí a turma toda do posto ficou gritando ou, ou, ou...aí acho que ele percebeu e parou, encostou no posto e arrumou um taxi que o levou para Goiânia. Só depois removeram o fusca para Goiânia para colocar outra capota e depois do acontecido acho que ele desistiu de dirigir.

G: O senhor fez um comentário sobre a surdez do prof. Maurer, nos livros dele encontrei várias correspondências sobre aparelhos de audição e fiquei na dúvida se ele tinha algum problema.

F: É, no final da vida ele tava bem surdo, quer dizer, não ouvia bem, tinha uma deficiência grande de audição, problema que ele já tinha há muito tempo, mas com a idade foi piorando.

G: E quando ele vai na segunda vez para Goiânia, na década de 70, ele relata na autobiografia que estava indo em definitivo, vamos dizer assim para ficar, a idéia dele, o projeto de vida dele era ir e ficar em Goiânia, só que ele fica pouco tempo, apenas dois anos, e acredito que ele retorna a São Paulo devido a problemas pessoais. O fato de ele ficar pouco tempo, de ele ir para Goiânia e voltar logo, o senhor lembra se ele comentou alguma coisa?

F: Não, não, eu não lembro, se ele comentou alguma coisa, eu não lembro.

G: A casa da rua Éden, foi ele quem comprou?

F: Não, não, ele ajudou a gente a dar um sinal para compra da casa. Quando ele vendeu a casa na Praça Vilaboim, ele recebeu um bom dinheiro e ajudou eu e a Silvia a dar um sinal para compra da casa. Na época eu trabalhava como gerente na Editora Abril e paguei o resto da casa, eu fiz a compra em 05 anos, para não ficar muito tempo pagando.

G: Sr. Fred, o senhor sabe se ele ou a esposa tinham algum problema de saúde no início da década de 1970?

F: Ele não e sua esposa também não. Ela começou a ter um problema de estômago, mas ela relutava muito para ir ao médico, pois ela tinha um trauma de guerra trazido da Europa, em relação a hospital, tanto é que a Silvia nasceu em casa, ela não quis ir para maternidade. Devido a essa relutância, seu problema gástrico foi piorando, foi complicando, a gente insistia com ela para que buscasse tratamento e ela acabou procurando um médico especialista, ele tirou as “chapas”, examinou e então disse que era simples e que ia operá-la, mas ela continuou relutando, relutando... e a coisa começou a piorar porque a comida já não parava no estômago e então não teve jeito, ela voltou ao médico. Era um grande médico na época, e se não me engano, seu nome era Dr. Raissen e ele disse para ela ir para o Hospital Albert Einstein, que era onde ele ia operá-la e pronto. Só que ele falou tudo isso, baseado em todos os laudos que ele tinha feito há cinco ou seis meses atrás, aí quando ele chegou no hospital para realizar a cirurgia, estávamos no quarto, eu, a Silvia e o Willie. Foi quando veio uma enfermeira pedindo para descermos na sala de operação. Descemos os três e o Dr. Raissen chegou e disse: “olha, infelizmente em decorrência desses cinco meses, a coisa que era pequena explodiu e se tornou um câncer que tomou conta de tudo, então não tem mais possibilidade de nada, agora é só uma questão de tempo para ela morrer”. Como ele sabia da dificuldade dela para ir ao hospital, falou: “eu agora não sei o que vocês decidem, eu posso mantê-la sedada, e ela não vai sentir dor, não vai acordar e a após um período de tempo ela morre, ou deixo-a normal, mas nesse caso ela vai sentir muitas dores, enfim vocês decidam. O Maurer ficou desolado, muito atrapalhado, sem ação nenhuma e a Silvia também. Foi quando interferi e falei “olha, ela tinha pavor de hospital, mas ela vai sofrer, então deixa ela sedada, dormindo quietinha e pronto”. Fizeram isso e em 48 horas ela morreu.

G: O senhor chegou a conhecer a Maria Angélica, uma professora da Universidade Católica de Goiás com quem ele estabeleceu uma grande amizade?

F: Não.

G: Foi através dela que cheguei até vocês, porque ela estava com boa parte do material pessoal dele entregue a ela pela Silvia após o falecimento do prof. Willie Maurer.

F: Sim. Voce falou agora a pouco que ele fez uma espécie de um diário?

G: Uma autobiografia.

F: Uma autobiografia, e isso tá onde?

G: Está comigo em Goiânia.

F: Bom, isto é uma coisa que eu gostaria de ter uma cópia.

G: Sem problema, a próxima vez que eu voltar aqui trago uma cópia para o senhor.

F: Aqui está tudo bagunçado, mas eu tenho aí na estante os livros dele, livro do meu tio, do meu pai, o que eu consigo guardar eu guardo, eu sou membro da familia Lane que guarda toda essa história de família. Este ano foi publicado no interior uma dissertação de mestrado sobre o “Horácio Lane” que era o presidente do Mackenzie, que é meu bisavô. Então, ele veio aqui fotografou a casa, cartas, diploma, toda essa parte e na pracinha do Mackenzie tem o busto dele.

G: Por isso o Centro Acadêmico da Engenhaia do Mackenzie se chama Centro Acadêmico Horácio Lane.

F: Isso.

G: O Guilherme conheceu a Maria Angélica, ela foi algumas vezes na casa da rua Éden visitar o prof. Willie Maurer.

F: Eu realmente não me lembro.

G: Segundo a Maria Angélica ele não comia carne, nunca comeu?

F: Não. Ele tinha problemas de estômago desde que o conheci. Então ele comia muito pouco, ele seguia um regime mais vegetariano, “as papinhas”. Ele não comia carne vermelha, tinha uma dificuldade para digestão.

G: Então quando ele volta de Goiânia para São Paulo em 1987, ele foi morar com a Silvia e fica com ela até o final de vida? Como foram seus últimos anos de vida?

F: Sim, quem cuidou muito dele foi minha filha, a Lílian, então como voce vai conversar com ela, ela pode te contar mais coisas, porque eu me separei da Silvia em 1983, sei que tinha uma empregada que a ajudava, porque no

finalzinho da vida ele “estava que nem um bebê”, magrinho, sabe... “pele e osso”, mas lúcido, só que ele foi definhando mesmo...

G: Não houve nenhuma doença mais grave que o acometesse?

F: Não. Ele foi definhando mesmo, com todas as dificuldades que podemos imaginar no final de vida de alguém, ele não tinha mais contenção, por isso tinha que usar fraldão, tinha que trocar, tinha que lavar, esses problemas de uma pessoa com muita idade.

G: Certo.

F: Então, como voce vê , depois que me separei fiquei mais afastado da situação.

G: Sr. Fred e com relação a parte financeira, parece-me que ele tinha uma certa estabilidade financeira ou não?

F: Ele tinha vamos dizer assim, como ele era uma pessoa muito contida com gastos e tinha um cargo razoável de professor, também recebia alguns direitos autorais dos livros que publicou, enfim, ele fez a compra da casa na praça Vilaboim, pois, antes ele morava numa pensão na rua Maranhão. Ele foi fazendo economias, comprou carro, mas o Maurer era muito contido, não tinha extravagância nenhuma, a não ser os livros, aí os livros ele comprava bastante. O único gasto que ele tinha, era com os livros e o fumo para o cachimbo...(risos).

G: Sobre a biblioteca de uso pessoal do prof. Willie Maurer, obtive informações que era um acervo bastante numero e hoje se encontra na UFG, o senhor sabe alguma coisa a respeito?

F: Isso eu não sei, realmente não sei. O que sei é que a Silvia, muito tempo depois que ele morreu, entrou em contato com uma faculdade lá em Goiânia para eles virem buscar um monte de livros dele que ainda estavam na casa dela e vieram com um carro e levaram grande parte da biblioteca referente à matemática. Depois disso a Silvia ainda andou doando um monte de livros, você vai ver que lá na Vila Inah que ainda tem muito livro dele, ele era um cara muito interessado também em Filosofia, Política ou seja, ele lia muito. Eu devo ter ainda uns dois caixotes de livros dele, eu estou querendo lembrar qual instituição que é ligada à filosofia de vida, alimentação, aqui em São Paulo, que ele tinha contato. Ele tinha muitos livros referentes a esse assunto que lhe interessava por causa do problema que ele tinha com alimentação, eram livros

sobre alimentação natural, sem agrotóxico e ele tinha muitos livros sobre esse assunto.

G: O senhor ficou de me passar o número do telefone do sobrinho dele.

F: É verdade. Deixa eu pegar e eu quero o seu também.

G: Vou deixar todos meus contatos anotados para o senhor e muitíssimo obrigado pela atenção sr. Fred, suas informações serão muito úteis para o sucesso da pesquisa que estou desenvolvendo. Espero voltar em breve para trazer o material para que o senhor possa ver.

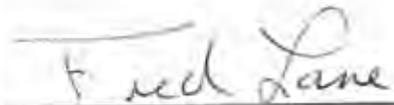
Fim.

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS:

São Paulo, 23 de novembro de 2012

Eu, Fred Lane, carteira de identidade número 1393.747.S.P. declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista gravada, concedida no dia 27 de abril de 2012, para Glen César Lemos usar, para fins acadêmicos, integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a terceiros o uso do texto final produzido, ficando a audição vinculada ao controle de Glen César Lemos, que detém sua guarda.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.



Fred Lane

ENTREVISTA 10

Tese de Doutorado: **WILLIE ALFREDO MAURER: VIDA, OBRAS E CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DA MATEMÁTICA NO BRASIL.**

Entrevistador	Glen César Lemos
Entrevistados	Guilherme Maurer Lane e Lilian Maurer Lane
Data	28 de abril de 2012
Horário	09h
Local	Casa dos entrevistados
Vínculo com Willie Maurer	Netos com quem ele morou até seus últimos dias



Guilherme Maurer Lane e Lilian Maurer Lane (Fonte: Acervo nosso, 28/04/2012)

Guilherme Maurer Lane e Lilian Maurer Lane, nasceram em São Paulo - SP, em 13/04/1970 e 25/08/1965, respectivamente, filhos de Fred Lane e Silvia Tatiana Maurer Lane. Guilherme fez o curso superior de Fotografia Digital na Universidade Paulista (UNIP) e Lilian fez o curso superior de Educação Física na PUC de Campinas.

ENTREVISTA

Legenda: Gui: Guilherme L: Lilian G: Glen

G: Inicialmente vou explicar o procedimento. Após a realização da entrevista farei a transcrição da gravação, trago para cada um ler e alterar o que julgar necessário. Em seguida será feita a redação final, que acompanhada do termo de autorização assinado por vocês passará a integrar a tese.

Gui: Tá ótimo.

L: Tudo bem.

G: A ideia inicial é que cada um de vocês me contassem o que se lembrar do seu avô, por exemplo, se ele era brincalhão ou sério?

L: Ele não era muito de brincar, era mais sério e o que eu lembro bem é dele ir para rede ler, pegava 4 ou 5 livros e ficava lendo. Ele era super calmo e sereno, não me lembro de vê-lo sair do sério nenhuma vez, sempre conversava de forma muito tranquila, com a voz sempre no mesmo tom.

Gui: Sempre com aquela voz suave, mantendo o mesmo tom e não era nada forçado, ele era daquele jeito.

L: Era o natural dele mesmo, não fazia nenhum esforço. Dar bronca na minha mãe, algumas vezes eu vi sim, mas foram poucas, muito poucas, o resto era tudo muito bem conversado.

G: Com relação ao sítio dele, o seu pai me disse ontem que ele gostava muito de ir pra lá. Ele gostava de mexer com coisas de roça?

Gui: Sim gostava, mas ele tinha o escritório dele lá também.

L: Acho que não muito, mas ele cuidava do sítio sim, só que, quem mais gostava do sítio era minha avó. Minha vó era a que mais passava tempo no sítio “tocando” as coisas, cuidando do sítio mesmo e ele ia mais lá para ficar no sossego do sítio mesmo.

Gui: Tinha o escritório dele lá e uma poltrona onde ele sentava e ficava lá com o “cachimbão” dele, ficava lendo, tinha bastante livros no sítio também.

L: Nossa, foi um caminhão de livros para Goiânia. Ele mandou quando vendeu o sítio.

G: Sobre esses livros que foram para Goiânia, talvez vocês não saibam, uma parte está na Universidade Federal de Goiás (UFG) e parte está na

Universidade Católica de Goiás (UCG). Com a pesquisa que estou realizando consegui “juntar” as duas partes e atualmente formam uma coleção denominada “Coleção prof. Willie Maurer”.

Gui: Que bom, ele gostava muito dos seus livros.

G: A terceira vez que ele vai para Goiânia, em 1982 quando foi trabalhar na UCG, vocês lembram alguma coisa?

Gui: Fui uma vez lá, quando meu pai trocou o carro com meu avô, aí meu pai levou a Variant para ele e trouxe o fusca e eu fui com ele.

G: Vocês lembram como era a vida cotidiana dele?

L: Meu avô gostava muito de medicina natural, ele tinha bastante livros de remédios a base de plantas medicinais.

Gui: Ele era vegetariano, não comia nada de carne, nenhuma carne, praticamente ele não comia nada.

G: Opção de vida?

L: Não. Acho que depois de um tempo ele teve muito problema de úlcera, então ele mudou realmente a alimentação. Na época que ele morava com a gente ele tinha uma preocupação muito grande com sua alimentação, mas isso por causa da úlcera, então ele tinha uma alimentação muito regrada, muito certinha, controlada, daí bem naturalista mesmo.

Gui: No sítio, as vezes que a gente fazia churrasco ou feijoada, o meu avô não comia, ele almoçava bem antes e só nos fazia companhia.

G: É, a Angélica me contou que nas sextas feiras almoçava com ele na casa dela e que ele “comia igual passarinho”, ou seja, era uma colherzinha de arroz, uma rodelinha de tomate...

L: E depois de umas três horas comia de novo, ele ia lá e fazia o mingalzinho dele de aveia, cereais...

G: E após a morte da avó de vocês, como que ele suportou essa falta, ou seja, como que ele ficou daí para frente?

L: Logo no começo eu não sei muito não, porque eu era pequena, eu tinha nove ou dez anos.

Gui: Sei que depois da morte da nossa avó até ele ir para Goiânia, ele ficou um tempo aqui com a gente, eu não lembro quanto tempo e quando ele voltou de Goiânia de vez ele ficou aqui com a gente até falecer.

G: Quando o prof. Willie Maurer volta para São Paulo em 1987, ele exerceu alguma atividade profissional a partir daí?

L: Eu não me lembro.

Gui: Não, ele ficou aqui sem trabalhar devido a idade já um pouco avançada, mas continuou lendo e escrevendo. Acho que ele foi duas vezes para Goiânia ministrar palestras, seminários, alguma coisa assim. Eu me lembro que ele era bem quietinho aqui em casa, calado, mas quando voltava de Goiânia, chegava falando muito mais, muito mais empolgado, principalmente a última vez que ele foi, em 1991.

G: Ele era uma pessoa muito querida em Goiânia, o pessoal com quem conversei admirava e continua admirando o prof Willie Maurer. Ele era uma pessoa muito carismática, uma pessoa muito querida. Conversando com o prof. Pierre aqui do Mackenzie, ele me disse que deve sua vida profissional à inspiração do prof. Willie Maurer, então é muito gratificante ouvir isso.

Gui: Eu também nunca vi um ponto negativo dele, também ele era muito sereno, muito tranquilo, de voz calma...

G: Sobre os livros dele, que foram levados para Goiânia, esse caminhão de livros que vocês falam que estavam no sítio, foi após a morte da esposa dele?

Gui: Foi. Ele quase não ia mais lá.

L: Ele vendeu o sítio depois que minha avó morreu. O sítio acabou que ficando meio abandonado, ninguém ia e nem cuidava dele.

Gui: Era minha avó que gostava mesmo do sítio.

L: Minha mãe quase não ia.

G: Sua mãe não gostava?

Gui: Ela ia dia de quinta feira e voltava segunda feira, minha avó ficava mais lá do que aqui. Na época da minha avó eles moravam na Praça Vilaboim.

G: Eu tive uma informação com relação a esses livros, de um professor da UFG, que na época juntaram um grupo de professores e fizeram um levantamento em dinheiro e passaram para seu avô. Vocês sabem alguma coisa a respeito?

Gui: Eu não lembro.

L: Talvez possam ter ajudado no transporte.

Gui: Arrumaram o caminhão para levar ou coisa assim.

G: O Professor Luiz de Gonzaga Vieira da UCG, que na época era Diretor do departamento de matemática, contou na entrevista que me concedeu, que na época da contratação do prof. Maurer, foi feito um acordo com ele no sentido de lotá-lo em uma categoria cujo salário era o suficiente para ele se manter, morar em um hotel e vir, uma vez por mês, a São Paulo. Então ele não queria ganhar dinheiro com o emprego, ele queria o suficiente para se manter, e esse foi o último emprego dele. Ele não tinha aspiração financeira em termos de trabalhar pelo dinheiro.

L: Tudo o que ele tinha, como o sítio, quando ele vendeu, passou todo o dinheiro para minha mãe, a casa, tudo que ele tinha passou para minha mãe em vida, então quando ele morreu, não tinha nada no nome dele. Realmente ele foi uma pessoa assim, muito lúcida nessas coisas, saber que vai morrer e não vai levar nada disso, então ele já deixou tudo certinho.

G: Soube que ele comprou uma casa na praia, onde fica?

Gui: Aqui perto de São Paulo. É em São Sebastião, dá uns 180 km daqui.

L: Meu avô quando vendeu o sítio comprou essa casa na praia. Ainda a temos, só que não a vendemos ainda, porque está no inventário da minha mãe. Lá na casa de praia ele aproveitava bastante, meu avô e minha mãe iam para lá em dezembro e só voltavam depois do carnaval.

Gui: É um terreno grande.

L: Ele ficava lendo o dia inteiro, ele odiava a praia, areia nem pensar dele ir, mas a coisa era assim, uma casa afastada, parecia um sítio mesmo, no meio do mato. Tinha um terraço e ele ficava na casa o tempo todo, só fumando o cachimbinho e lendo.

Gui: No começo ele ainda passeava no terreno da praia, andava um pouco na rua, passeava um pouquinho ali por perto.

G: Então o que ele ganhava de aposentadoria era suficiente para ele se manter. A “vida financeira” dele, estava mais ou menos organizada?

L: Estava sim. Acho até que ele ajudava minha mãe.

Gui: Ele dava mesada para os netos e o resto ele deixava com minha mãe.

G: Então ele não teve problemas financeiros?

L: Não, problemas financeiros, no final de vida não.

Gui: Acho até que ele ganhava bem na aposentadoria, acho que era o teto máximo.

G: Como foram seus últimos anos de vida? Como estava sua saúde?

L: Acho que os dois últimos anos foram os piores.

Gui: É aquela história, ele caiu aqui nessa escadinha e bateu a bacia, foi ao médico e não tinha quebrado nada, mas aí ele meio que se entregou, começou a ficar mais na cama, como que desistiu de viver.

L: Ele sempre foi muito ativo. Ele pegava a bengalhinha dele e ia lá embaixo comprar alguma coisa, ele não ficava dependendo dos outros não, sempre queria ajudar aqui em casa, ele falava assim: “deixa que eu lavo a louça”, ele tinha que está participando. Só que depois de um tempo é que ele começou a cair, caiu aqui em casa e se machucou...

Gui: Ele caiu lá na Rua Raposo Tavares e ligaram para minha mãe ir buscá-lo.

L: Eu lembro que ele caiu uma vez aqui em baixo e depois ele acabou ficando de cama.

G: Então ele ficou um período longo de cama?

Gui: É, dois anos.

L: Dois anos de cama, não porque ele não pudesse se levantar, mas ele acabou se entregando...

Gui: Acredito que ele pensava assim: criei minha filha, meus netos, estão todos grande, sabe tipo minha missão já foi cumprida.

L: Acho que ele ficou com medo de andar e aí começou a atrofiar mesmo, então tinha que leva-lo até para tomar banho, os dois últimos anos foram ruins por causa disso.

G: Se alimentava na cama também?

L: Se alimentava na cama, saia só pra tomar banho e logo tivemos que por cama hospitalar. Com isso ele ficava lendo, o tempo todo lendo, estava de cama, mas, a cabeça funcionava cem por cento, era totalmente lúcido e lembrava-se de tudo.

Gui: Mas sempre lendo.

L: Com o tempo ele começou a decair ao ponto da minha irmã que não morava aqui chegar para visitá-lo e ele não a reconhecer, ou seja, sua mente começou a falhar...

G: A Angélica me contou que o visitava de vez em quando.

Gui: É eu me lembro, ela vinha mesmo.

G: Ela disse que veio algumas vezes e uma vez ele já estava de cama, ela disse que trouxe um pijama para ele de presente, ela me contou isso e riu, disse que entregou o pijama e ele falou assim: “Angélica isso é um presente de grego, né?” Tipo assim, é para eu ficar na cama mesmo... depois disso ela voltou novamente e ele não quis nem recebê-la. Acredito que ele não queria que a Angélica o visse daquele jeito e a Angélica me falou que foi a última vez que o procurou. Ele tinha a Angélica como filha. Ele gostava muito dela, percebi nos escritos que ele deixou, ele a chamava de anjo da guarda dele.

Gui: Falando agora eu lembrei, o vô falava que a Angélica era o anjo da guarda dele em Goiânia, cuidava dele e tudo mais. Quando o vô faleceu ele estava escrevendo um livro ainda e a Angélica ia até arrumar alguém para digitar, porque ele estava escrevendo a mão.

L: Isso foi antes, porque depois que ele estava de cama esses últimos anos ele não estava mais nem escrevendo.

Gui: Ele só lia, mas no começo ele ainda escrevia, daí a Angélica pegava para levar para alguém datilografar lá em Goiânia.

G: Eu vou contar a historia desse livro, ele estava perdido na Bahia. Esse livro foi para Goiânia e a Angélica conseguiu ajuda de alguns professores da UCG, e o datilografaram em Trindade, uma cidade próxima de Goiânia. Após datilográ-lo passaram para um professor ler e tentar organizar as figuras, só que ele se aposentou e foi embora pra Bahia levando o material. Fiquei praticamente dois anos atrás desse livro, até que um dia consegui resgatá-lo. Então, hoje, esse livro está comigo, tanto o manuscrito como o datilografado.

L: É difícil, né? É muita coisa...

G: O que eu tenho pouco dele é fotografia. Eu tenho aquela que você me mostrou e uma que consegui com o seu pai de vocês ontem. Documentos pessoais, tipo carteira de identidade, trabalho, diploma, certificado de graduação, não tenho nada ainda. Vocês não sabem se ficou alguma coisa aqui?

L: O que eu encontrei foram esses documentos que te falei, que eu logo vou lembrar onde estão, porque faz uns quinze dias que a gente estava mexendo nos livros ali, eu encontrei e separei para você.

G: Não sei se vocês tiveram conhecimento, mas o prof. Willie Maurer escreveu sua autobiografia, vocês sabiam?

L: Fez? Eu não sabia

Gui: Eu também não.

G: Eu estou com o original e também o manuscrito. É um trabalho que está bem conciso. A ideia é, depois da defesa da tese, fazer um projeto de pesquisa para pegar essa documentação e arquivar numa instituição pública para não se perder.

Gui: Claro

G: Então, eu não sabia Lilian que ele ficou acamado esses dois anos. Ele faleceu em casa ou no hospital?

L: Foi em casa, pela manhã dormindo.

Gui: Fui eu que o achei. Meu avô ficava na cama lendo e a gata ficava no colo dele, essa gata ficou dois anos no colo dele. Daí um dia eu acordei e minha mãe falou: “Guilherme eu acho que seu avô faleceu”. Falei: “mãe você não foi lá”? Ela disse: “não, a gata entrou no quarto e começou a espernear”, isso foi no quarto dela. Na realidade a gata foi chamar atenção, então eu fui lá e encontrei ele, que estava com o semblante feliz.

G: Quantos anos você tinha quando ele faleceu? Ele faleceu em 16 de maio de 99.

Gui: Eu sou de 70, então tinha 29 anos.

G: E sua irmã?

Gui: Mais 5, estava com 34 anos.

G: Vocês são quantos irmãos?

Gui: Somos quatro, a Ingrid, que já faleceu, a Lilian, eu e o Eduardo.

G: O professor Pierre falou que ele gostava de ajudar os estudantes na área de matemática a se formarem, serem grandes profissionais, atingirem êxito e um deles é o próprio prof. Pierre. Eu gostaria de saber se com vocês ele orientava, conversava sobre esses valores e princípios que ele tanto defendia, ou seja, como era em casa?

L: Com relação ao estudo sim, ele sempre valorizou e incentivou muito para que estudássemos, nos ajudava, sentava com a gente para fazer a lição, principalmente de matemática. A gente tinha alguma dificuldade para compreendê-lo, era difícil porque era outra geração, mas ele sempre estava junto sim.

Gui: Comigo eu não lembro muito porque eu parei de estudar cedo. Eu era meio displicente, não conseguia assistir as aulas, então eu repeti algumas vezes e parei de estudar cedo. Daí uma época eu estava fazendo supletivo e eu, normalmente, que levava meu avô no médico e uma vez conversando com o médico ele falou que era preciso dar mais atenção a ele, fazer ele se sentir mais útil, então como eu estava no ensino supletivo falei: “vô me explica isso aqui”? Era uma coisa que eu já sabia. Aí ele me contou a história da matemática inteira, do começo ao fim... (risos). Esta é uma passagem que eu guardei na memória dele como professor.

G: Guilherme, você trabalha com fotografia digital?

Gui: Não. Na verdade eu queria ir para a Polícia Federal que exige ter nível superior, e eu juntei uma coisa que eu gosto que é fotografia para poder fazer o concurso, só que até hoje não abriu edital.

G: Você não está trabalhando no momento?

Gui: Não, estou pensando se vou um pouco para esse lado da fotografia como profissão mesmo, mas o problema é que o equipamento é caro.

G: E você Lilian, trabalha na área de Educação Física?

L: Não, trabalhei quando me formei, fiz especialização em voleibol que é a minha área, que gosto e jogo até hoje, mas eu comecei trabalhar junto com meu pai. Este ano estou meio afastada dele, devido às dificuldades de relacionamento, ele é muito difícil, mas eu sou sócia dele lá, eu gosto da empresa. Agora minha prima veio dos Estados Unidos para montar uma empresa e estou ajudando-a na empresa dela no momento.

G: O pai de vocês me contou que aprendeu o ofício de encadernar e restaurar livros com a mãe dele e ele tentou ensinar a vocês. Vocês trabalharam nessa área?

Gui: Ele ensinou a todos nós. Eu trabalhei com ele uma época, mas só que o meu temperamento não combina com o do meu pai, são personalidades totalmente diferentes, daí não deu muito certo e eu fui fazer outras coisas, eu gosto de mecânica, acho que foi uma das coisas que eu aprendi a gostar com meu avô. Ele, em três aniversários seguidos, me deu caixa de ferramenta de presente. A primeira uma caixa grande, uma mala de ferramentas de marcenaria, porque ele também foi marceneiro. No outro ano ele me deu uma de mecânica, meu avô gostava muito de fazer trabalhos manuais.

G: O Eduardo, vocês sabem a data de nascimento dele?

L: 18 de julho de 1971. Não concluiu o curso superior, desistiu no último semestre do curso de Biologia na USP.

G: O João Vitor é bisneto do prof. Willie Maurer?

L: É João Vitor Lane Teixeira da Silva. Uma das coisas que minha mãe brigava muito com minha irmã Ingrid foi ela ter tirado o Maurer do nome dele.

G: Qual a data de nascimento dele Lilian?

L: Vai fazer 10 anos, 12 de junho de 2002, estuda no Mackenzie e faz o quinto ano.

Gui: Então, quando eu estava falando das plantas eu lembrei de uma passagem no sítio, eu estava brincando e aí caiu uma caixa de marimondo no meu peito, bem no meio. Daí meu avô me colocou deitado no sofá, pegou uma folha de repolho, refogou e colocou em cima para tirar a dor. Não senti mais dor e isso ficou gravado em minha lembrança.

G: Guilherme e Lilian, muito obrigado pela atenção. As informações que vocês me forneceram serão de grande importância para a conclusão da minha pesquisa. Espero vê-los em breve.

Fim.

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS:

São Paulo, 23 de novembro de 2012.

Eu, Guilherme Maurer Lane, carteira de identidade número 21 473 145, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista gravada, concedida no dia 27 de abril de 2012, para Glen César Lemos usar, para fins acadêmicos, integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a terceiros o uso do texto final produzido, ficando a audição vinculada ao controle de Glen César Lemos, que detém sua guarda.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.


Guilherme Maurer Lane

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS:

São Paulo, 23 de novembro de 2012

Eu, Lilian Maurer Lane, carteira de identidade número 11.200.730-3 declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista gravada, concedida no dia 27 de abril de 2012, para Glen César Lemos usar, para fins acadêmicos, integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a terceiros o uso do texto final produzido, ficando a audição vinculada ao controle de Glen César Lemos, que detém sua guarda.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.


Lilian Maurer Lane

ENTREVISTA 11

Tese de Doutorado: **WILLIE ALFREDO MAURER: VIDA, OBRAS E CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DA MATEMÁTICA NO BRASIL**

Entrevistador	Glen César Lemos
Entrevistado	Bercholina Honorato Alves
Data	09/04/2013
Horário	14h
Local	PUC Goiás
Vínculo com Willie Maurer	Aluna e colega de trabalho do prof. Maurer na PUC GOIÁS



Bercholina H. Alves (Fonte: Acervo nosso, 09/04/2013)

ENTREVISTA

LEGENDA: B: Bercholina G: Glen

G: Profa. Bercholina, conforme já havíamos conversado antes, faço doutorado na UNESP, na área de Educação Matemática e minha tese é sobre o professor Willie Maurer. Após a realização da entrevista farei a transcrição da gravação, trago para a senhora ler e alterar o que julgar necessário. Em seguida será feita a redação final e com o seu consentimento passará a integrar a tese.

B: Sim.

G: Profa. Bercholina, gostaria que a senhora iniciasse fazendo uma auto apresentação.

B: Meu nome é Bercholina Honorato Alves, nasci em 23 de dezembro de 1959, em uma fazenda nas proximidades da cidade de Araçu, Estado de Goiás, onde fiquei até os 06 anos de idade. Depois fui para a cidade de Araçu estudar. Na época era uma cidade muito pequena e continha, para você ter uma ideia, hoje ela só tem 3.000 habitantes. Então, lá eu fiz o antigo pré¹ e voltamos para a roça e ficamos mais dois anos. Sei que quando voltei para estudar na cidade, eles me passaram para a segunda série, pois eu sabia mais que todos os outros meninos e só tirava em primeiro lugar. Com isso eu ganhava presentes dos professores como lanches, roupas, sorvete... e isso era muito importante para mim, porque naquele tempo a gente não tinha dinheiro para essas coisas. A gente até que vivia bem, mas não tinha dinheiro para lanche, refrigerante...

G: Correto, pode continuar.

B: Bom, então eu fiz só o segundo ano em Araçu e nos mudamos para Goiânia. Fiz exame de seleção na Escola Paulo VI e passei em primeiro lugar e me colocaram na sala chamada dos “mais fortes” e lá eu fiz e concluí o ensino primário juntamente com minha irmã dois anos mais velha. Depois prestei seleção no Colégio Estadual Castelo Branco de Goiânia, onde também passei em primeiro lugar e concluí o ginásio. O segundo grau, hoje ensino médio, eu fiz no Colégio Prof. Pardal que era uma escola particular e por isso tive que começar a trabalhar para pagar a mensalidade. Então eu trabalhava o dia todo e estudava a noite. Apesar de toda essa dificuldade tirei a melhor nota nas provas da escola, inclusive entre os alunos do matutino e com isso me concederam uma bolsa de estudos para que eu deixasse de trabalhar. Fiz o segundo grau em apenas dois anos e passei no vestibular para matemática na UCG, atualmente PUC Goiás, e para Engenharia Civil na UFG, em uma época em que a concorrência era de 26 candidatos por vaga. Olha Glen, vou te confessar uma coisa eu nunca fui muito estudiosa, não copiava matéria, só prestava atenção e o professor falava uma vez e pronto, eu já entendia. Nunca tive caderno. Como que eu estudo então? Eu olho as definições, teoremas e

¹ A educação infantil, educação pré-escolar ou educação pré-primária consiste na educação das crianças antes da sua entrada no ensino obrigatório. É ministrada normalmente no período compreendido entre os zero e os seis anos de idade de uma criança. <http://pt.wikipedia.org> Acessado em 08/04/2013.

tento entender sem ficar escrevendo e uma coisa que eu tenho é muita concentração. Fiz três anos de Engenharia e larguei porque quando vi que eu ia era dar aula, resolvi fazer o curso de Matemática. Posteriormente fiz uma especialização na própria PUC Goiás, mas ministrada por professores da UFG. Fiz também o mestrado em matemática na UFG. Infelizmente por causa de três meses não fui reclassificada no quadro de carreira da PUC Goiás e continuo como professora na categoria assistente até hoje, mesmo como os títulos de pós-graduação. Mas vamos voltar ao prof. Willie.

G: Profa. Bercholina, como e quando a senhora conheceu o prof. Willie Maurer? Gostaria que relatasse o que se lembrar.

B: O professor Willie mesmo antes de estudar com ele eu já o conhecia e percebia que ele era diferente. Vamos dizer assim, ele era uma figura diferente. Apesar da idade ele era um senhor muito elegante, andava de cabeça sempre erguida, mas não por orgulho ou presunção e sim por não querer ser visto como uma pessoa que necessitava de atenção especial por causa da sua idade um pouco avançada. Então eu o via de longe pelos corredores aqui da UCG, na época que eu fazia o curso de matemática. Depois eu fiz uma disciplina regular com ele, que foi a de Funções de Variáveis Complexas. Só que fazíamos as outras disciplinas como os Cálculos (Cálculo Diferencial e Integral I, II e III) e Equações Diferenciais nos livros dele. Então, o que acontecia era que eu ia atrás dele quando não entendia alguma coisa nos livros dele e mesmo depois que virei professora eu usava seus livros, principalmente por conter bastantes aplicações na Física e Engenharia. O prof. Willie Maurer era uma pessoa que entendia não só de matemática, parecia que sabia de tudo um pouco. É uma coisa assim Glen, que eu acho importante e que a maioria dos matemáticos não querem ver, que são as aplicações, pois o aluno tem que saber para que serve um determinado conteúdo.

G: Gostaria que senhora tentasse relatar como foi seu contato com os livros de cálculo do prof. Willie quando era aluna e depois como professora.

B: Eu quando era aluna não tinha livro e não tinha dinheiro para comprar os livros. Na época que eu era aluna tirava cópia das páginas dos exercícios que o professor marcava, tanto nos cursos de Cálculo como no de Equações Diferenciais e eu fui ter os livros depois que eu me tornei professora. Então, quando eu tinha dúvida eu procurava o prof. Willie Maurer e eu achava o

máximo, pois tirava dúvidas com o próprio autor dos livros. Realmente foi uma pena eu não ter os livros dele em casa na época que eu estudava, porque os livros dele como têm muitas aplicações, principalmente em Física, me deixava fascinada. Acredito que qualquer curso de Cálculo que eu for ministrar nos dias de hoje é perfeitamente possível desenvolver usando os livros de cálculo dele. Eu penso assim, os exemplos que tem nos livros dele é uma enorme riqueza para o aluno, eu vejo, por exemplo, que a maioria dos alunos dos cursos de Equações Diferenciais da PUC Goiás não entendem nada do que estão fazendo e fico pensando: “se esses alunos pegassem o livro do prof. Willie tenho certeza que pelo menos eles iam entender para que serve toda aquela teoria”, porque o prof. Willie nos seus livros buscou justificar a importância da teoria com inúmeras aplicações práticas.

G: Profa. Bercholina como a senhora foi aluna do prof. Willie Maurer poderia descrever como eram as aulas dele?

B: A letra dele era a coisa mais linda, o quadro dele era perfeito, mesmo já estando um pouco trêmulo. Ele começava escrevendo no lado esquerdo do quadro e ia escrevendo até encher todo o quadro e é claro que quem não prestasse atenção ficava perdido, porque quando alguém perguntava alguma coisa ele aproveitava os espaços no meio do quadro para escrever as explicações. Ele era muito calmo e de uma clareza espantosa. Ele ia escrevendo no quadro e explicando pausadamente e no final ele marcava os exercícios do livro que ele estava usando. Os exercícios que não conseguíamos resolver, íamos à sua procura e ele ajudava ou indicava o caminho, dava sugestões e se mesmo assim não conseguíssemos resolver, ele resolvia no quadro para todo mundo ver. No final das aulas ele ficava tirando dúvidas, passava do horário fazendo exercícios no quadro até o aluno entender. Ele realmente falava com conhecimento de causa. Quando eu comecei a dar aula fiquei desesperada porque eu tinha acabado de formar e por não ter experiência me sentia muito insegura e aí o procurei e falei assim: professor como vou fazer quando um aluno me perguntar alguma coisa que eu não souber responder? Ele falou assim: “Olha, daqui um certo tempo você vai pensar assim: quem dera esse aluno existisse” ou seja, existir um aluno com maturidade suficiente para fazer esse tipo de pergunta. Ele falou também: “vamos supor que alguém faça um pergunta que na hora você não tenha

condição de responder, então você fala assim: vamos pensar a respeito, eu vou pesquisar para te dar a resposta. Bercholina, você não tem que saber tudo”.

G: Também concordo.

B: Glen, ele era uma pessoa dotada de enorme conhecimento e o interessante é que ele conseguia descer ao nível do aluno. O aluno conseguia perceber para que servia a teoria matemática que estava sendo estudada, principalmente por causa dos exemplos que ele utilizava. A maneira que ele ia desenvolvendo a teoria era diferente, porque ele tinha uma tranquilidade, uma calma nas exposições, acredito que principalmente por já ter tudo na cabeça. Quando alguém fazia pergunta sem sentido, ou seja, aquele tipo de aluno que, pergunta por que pensa que tem que perguntar qualquer coisa...

G: Como ele reagia?

B: Ele calava, respirava fundo, levantava a cabeça, olhava para cima, coisa e tal. Eu percebia que ele ficava se recompondo para não dar uma má resposta para aquele aluno e olha Glen, eu nunca o vi maltratar ou dar uma má resposta em nenhum aluno. Às vezes ele parava, passava mão no pescoço, falava assim “é... vamos ver”, de vez em quando fazia uma brincadeira, dava uma risadinha para tentar amenizar a situação, mas de forma alguma maltratava o aluno. O prof. Willie tinha muita paciência, nunca distratava o aluno e também nunca demonstrava estar nervoso.

G: Profa. Bercholina com relação ao conhecimento de matemática dele?

B: Isso é inquestionável. Ele era aquele professor que não precisava de livros, não precisava de nada para dar suas aulas. Eu por exemplo aprendi muito com ele. Eu ficava observando sua postura e suas atitudes na sala de aula. Todas as vezes que eu o procurava para tirar dúvidas saía totalmente satisfeita, pois entendia tudo, principalmente porque ele conseguia explicar usando uma linguagem simples, no nível de compreensão do aluno.

G: Como eram as avaliações do prof. Willie Maurer?

B: Eu nunca tive problemas com provas individuais, sem consulta, mas ele sempre foi muito coerente, cobrava somente os conteúdos trabalhados em sala de aula, mesmo assim tinha aluno que não conseguia tirar nota, mas ninguém reclamava dele. Ele sempre colocava alguma questão que pouca gente fazia, acredito que para verificar se existia algum aluno com uma maturidade um

pouco maior e não com o intuito de reprovar ou prejudicar os alunos. Para você ter uma ideia, numa prova de cinco questões ele colocava apenas uma que o aluno, para resolver, tinha que pensar um pouco mais, mas não era nada que fosse impossível de resolver.

G: Profa. Bercholina, a senhora sabe alguma coisa sobre a atuação do prof. Willie Maurer na UFG?

B: Não. Eu nem sabia que o prof. Willie trabalhou na UFG.

G: Aqui na PUC Goiás foi como professor...

B: É, aqui no MAF ele foi meu professor e depois também colega. Durante o restante de tempo que ele permaneceu aqui não sei precisar as datas.

G: Além da atividade docente a senhora sabe se ele exerceu alguma outra atividade?

B: Não sei... Naquela época eu era novata aqui na instituição e por isso não prestava muita atenção nas atividades desenvolvidas pelo MAF.

G: Profa. Bercholina, poderia falar sobre o seminário que o prof. Willie expôs em 1991, intitulado "História do sino mudo contada matematicamente"?

B: Sim. Lembro que assisti, mas não foi o seminário. Ele falou sobre esse assunto na aula da saudade da nossa turma, não no formato de um seminário com as contas todas. Ele contou como foi o ocorrido, sem mostrar os detalhes e acredito que depois ele mostrou todos os detalhes dessa história nesse seminário que você falou, mas não me lembro de ter assistido. Uma coisa que eu achava muito interessante era quando ele terminava de fazer uma demonstração ele suspirava de alegria, mesmo com toda sua experiência, ele vibrava internamente, parecia que era a primeira vez que ele estava fazendo aquilo. O seu entusiasmo era algo que o tornava tão diferente dos demais professores. Eu tinha as fotos dessa aula da saudade, não sei se vou encontrar mas vou tentar encontrar para você. Vou tentar contactar alguns colegas da época para ver se consigo alguma coisa e depois te falo. Lembrei-me de um colega que acredito que tenha alguma coisa, vou ligar para ele e explicar o trabalho que você está fazendo e pedir a colaboração dele.

G: Muito obrigado. Agora com relação ao aspecto pessoal, o que a senhora poderia dizer sobre o ser humano Willie Maurer?

B: Eu convivi com ele basicamente só aqui na PUC Goiás, mas eu depois que me tornei professora o procurava com frequência. Ele tinha uma dignidade

muito grande, ele sempre foi muito respeitoso com a gente e ele estava sempre disposto a ajudar quem o procurava. Era incrível a disposição que ele tinha em ajudar um colega que o procurava para esclarecer qualquer tipo de dúvida e isso, apesar de sua idade um pouco avançada. No convívio social ele era muito reservado, não participava de festas, de comemorações e acredito que apenas a Maria Angélica era quem ainda conseguia levá-lo em alguns eventos fora do ambiente acadêmico. Eu nunca o vi beber, fazer brincadeiras com os outros e quando fazia eram brincadeiras muito leves dava uma risadinha assim muito tímida e só. Inclusive aquela brincadeira que o prof. Armando Paulino conta, das alunas no corredor do MAF, que acredito que você sabe, penso que não houve. Sua postura foi sempre muito séria e respeitosa. Nunca fiquei sabendo de que ele tenha feito alguma gracinha. Ele era sério, mas bem humorado, não era uma pessoa sisuda e carrancuda. Na época eu usava aquelas saias curtas e mesmo assim, ele nunca fez nenhum tipo de brincadeira. A cultura dele era de uma pessoa muito educada.

G: Profa. Bercholina, com relação a biblioteca de uso pessoal dele, a senhora sabe alguma coisa?

B: Sei apenas que veio uma parte aqui para a PUC Goiás.

G: Sobre a passagem dele por Uberlândia e Brasília, sabe de alguma coisa?

B: Não. Realmente não tenho conhecimento.

G: Profa. Bercholina gostaria que a senhora fizesse uma breve análise sobre a passagem do prof. Willie Maurer pela PUC Goiás e suas contribuições para o ensino da matemática em Goiás.

B: Apesar de ter convivido muito pouco com ele, mas assim, do que eu convivi com ele como aluna e depois como professora, diria assim: a grande contribuição dele foi como um verdadeiro educador, de ter muita paciência, sempre pronto para ajudar, a energia que ele tinha para dar aula, ele era corretíssimo. Veja bem, naquela época não existia controle de frequência dos professores. A maioria dos professores chegava atrasado e faltava aulas, mas ele era extremamente pontual e não faltava às aulas, apesar da sua idade. Então ele era muito rigoroso, correto e ele tinha uma alegria contagiante durante suas aulas. A postura dele era muito correta, o semblante sempre alegre, ele ficava muito feliz na sala de aula, ele curtia quando ia chegando ao final de uma demonstração. Às vezes fico me perguntando, será que ele fez

disciplinas da área de educação? Porque ele era um educador nato. Sei que quando ele encerrou suas atividades aqui na PUC Goiás, fiquei com uma sensação de insegurança muito grande, porque perdemos uma pessoa que podia nos auxiliar em tudo. No meu entendimento a passagem dele pela PUC Goiás foi extremamente positiva, principalmente no aspecto de formação de professores de matemática, uma vez que ele atuou diretamente ministrando disciplinas por vários anos aqui no MAF e isso, indiretamente, acabou atingindo outras instituições do nosso Estado, pois os alunos que estudaram com ele se tornaram professores tanto da rede pública como da particular.

G: Correto. Professora a senhora gostaria de acrescentar ou comentar mais alguma coisa?

B: Acho que disse o que lembrei.

G: Então, muito obrigado profa. Bercholina.

B: Não há de que e boa sorte.

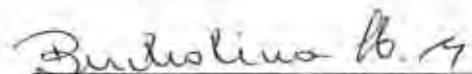
Fim.

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Goiânia, 20 de junho de 2013

Eu, Bercholina Honorato Alves carteira de identidade número 1078202 declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista gravada, concedida no dia 09 de abril de 2013, para Glen Cézar Lemos usar, para fins acadêmicos, integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a terceiros o uso do texto final produzido, ficando a audição vinculada ao controle de Glen Cézar Lemos, que detém sua guarda.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.



Bercholina Honorato Alves

São Paulo, 11 de fevereiro de 1963

Ofício F-14/63.

Magnífico Reitor.

Em resposta ao seu ofício de 30/1/63, solicitando a remessa da proposta do orçamento desta Faculdade para o exercício de 1963, cumpre-me expor e ponderar o seguinte:

Segundo se depreende dos atos nºs 145/63 e 147/63 dessa Reitoria, nenhuma providência foi tomada no sentido de sanar as falhas a cuja eliminação o C.T.A. desta Faculdade condicionara a elaboração de ulterior orçamento, conforme resolução encaminhada ao colendo Conselho Universitário em 16/3/62.

Nestas condições, só me resta informar a Vossa Magnificência que, à vista dos critérios fixados nos termos do ato nº 147/63 dessa Reitoria e em atendimento à supracitada resolução, a Faculdade de Filosofia não tem proposta orçamentária a apresentar.

Aliás, devo confessar que não foi sem uma sensação de profundo pesar que tomei conhecimento das referidos atos, onde são reproduzidos e consagrados, em toda a sua extensão, os erros do ano passado.

Naquela ocasião secundando as soluções cômodas e simplistas aventadas pela Administração do Instituto, Vossa Magnificência pretendeu contornar a questão salarial, alegando urgência na aprovação dos orçamentos e invocando, como último recurso, nos termos do ato nº 67/62, os acôrdos assinados com órgãos de classe, os quais, diga-se de passagem, não eram do conhecimento do ~~Sakuntalax~~ Conselho Universitário.

Não obstante as promessas de ulterior corretivo, endossadas por Vossa Magnificência, a despeito da "cordial recomendação" da douta Comissão de Finanças do Conselho Universitário, "de providências, de quem de direito, para regularizar tal situação", persiste-se na adoção da fórmula simplista de reajustamento indiscriminado de 50%, agravando, uma vez mais, o erro pelo fator 1,5.

Em decorrência desta contabilidade primária e equívoca, os professores contratados perceberão, em média, R\$ 290,89 menos por aula de que os catedráticos, embora exercendo idênticas funções. Ainda à guisa de exemplo, é oportuno assinalar que a diferença entre os salários dos secretários da Escola de Engenharia e da Faculdade de Filosofia, passa a ser anexas de R\$ 71.235,00. É o caso de perguntar até quando a Tesouraria do Instituto pretende ater-se à tabuada de multiplicar.... erros?

Fazendo caso omissis das recomendações de uns, da advertência de outros e dos compromissos formulados, preferiu-se, para evitar discussões embaraçosas e situações cruciantes, o recurso ao decreto puro e ^{simples}. Na verdade, as amplas consultas e a livre discussão que Vossa Magnificência tanto exalçava, como uma das virtudes da nova ordem, só interessavam na medida em que não colidiam com a linha justa traçada

pela Alta Administração do Instituto e não eram de molde a criar embaraços à Reitoria.

Voltamos, assim, ao regime que Vossa Magnificência chamava, com certo laivo de desdém, de ditadura financeira do Mr. Harper. Com a agravante de que se pretende disfarçar a ditadura, concedendo a Vossa Magnificência a prerrogativa de traduzir em atos da Reitoria o estôfo pré-fabricado pela Tesouraria do Instituto, e a nós, o privilégio de reduzi-lo a um orçamento puramente formal.

Em suma, reduzidos os fatos e suas justas proporções o nosso decantado privilégio de elaborar os próprios orçamentos, consiste apenas na execução de um trabalho de rotina contabilística, outrora efetuado pela Tesouraria; fato êste que me levou a afirmar, certa vez, no Conselho Universitário, que Mr. Harper nos prestava um excelente serviço ao elaborar a previsão orçamentária de cada escola e encaminhá-la ao órgão competente, a fim de receber sugestões e ser submetido à aprovação. Releva acentuar que naquela época não existia a Assistência Administrativa anexa à Reitoria para cuidar da contabilidade da Universidade.

Do exposto não se deve inferir que pretende negar à entidade mantenedora, como detentora da ordem econômica, a prerrogativa de estabelecer normas de classificação e padrões de vencimentos. Quero apenas salientar que, no gozo de sua autonomia administrativa e financeira, a Universidade não pode permitir que em seus quadros vigorem disparidades de classificações e discrepâncias salariais para funções equivalentes.

No entanto, embora reconhecendo haver discrepâncias salariais, bem como a necessidade de reestruturação orgânica das escolas, conforme se dizeres de seu ofício de 16/2/62, nada se fez no decorrer do ano para corrigir aquelas falhas e para levar a cabo essa reestruturação.

Inteiramente devotado a uma Administração que se compraz em tratar a Universidade como território conquistado, Vossa Magnificência empenhou-se em inglórias lutas intestinas, erigindo tribunais inquisitoriais e empreendendo incursões punitivas que visavam não os legítimos interesses do ensino, mas unicamente a satisfação de escusas razões políticas. Face aos magnos problemas do ensino e dos superiores interesses da Universidade, nenhuma diferença faz que o diretor da Escola de Engenharia seja A ou B, ou que o diretor da Faculdade de Arquitetura seja X ou Y, quando A, B, X e Y são igualmente avessos e refratários ao verdadeiro espírito universitário. A verdade é que o critério de escolha dos depositários de sua confiança não parece ter em mira os reais interesses do ensino; para os prepostos da entidade mantenedora, os quais encaram o assunto do ponto de vista puramente administrativo, e que importa é antes a submissão sem reserva de seus auxiliares, cujo valer, no seu entender, se mede pelo grau de subserviência e de plasticidade de caráter que apresentam.

Dixando-se envolver em mesquinhas querelas de frades, Vossa Magnificência preferiu comprometer o seu prestígio, desastrosamente, e dedicar suas energias a serviço de erigida p...

particularmente, nos preceitos do Plano Nacional de Educação. A entidade mantenedora, o Conselho Universitário e essa Reitoria parecem ter se esquecido de que, em matéria de ensino, a autoridade suprema está encarnada no egrégio Conselho Federal de Educação e que a Vossa Magnificência, mercê de sua alta investidura, cabe a responsabilidade de valer pelo fiel cumprimento de suas recomendações e de seus ditames. No desempenho desta incumbência, cumpria-lhe sobrepor-se às facções que se digladiam por meros interesses de grupos, emprestando seu prestígio, a sua autoridade e suas energias inteiramente à consecução das reformas preconizadas pelo egrégio Conselho Federal de Educação.

No entanto, lamentavelmente, nada se fez neste sentido. Passamos o ano de 1962, ano de adaptação à Lei de Diretrizes e Bases, sem formular nenhum plano concreto de reestruturação universitária. Entramos, assim, em 1963, pensando e agindo segundo os padrões rotineiros e ultrapassados, dispostos, ao que parece, a conservar intacta uma estrutura em flagrante contradição com o espírito inovador que inspirou a Lei de Diretrizes e Bases e anima os escalões mais representativos da educação nacional.

Enquanto outras Universidades dispendem esforços ingentes e verdadeiras fortunas para constituir-se em cidades universitárias, a fim de concentrar suas atividades, entrosar o seu ensino, articular os seus cursos e centralizar os seus laboratórios, em benefício de todos, nós, que já possuímos uma cidade universitária por força das circunstâncias, insistimos obstinadamente em conviver em regime de separação de bens, cada qual cuidando bem ou mal, mais mal do que bem, de sua seara, como se nada tivéssemos em comum.

O que estamos fazendo, estribados em um falso conceito de autonomia, a erigida "autonomia" das escolas que liquida qualquer tentativa de desenvolver programas comuns, segundo a expressão feliz do eminente Reitor da Universidade de Brasília e ex-Ministro da Educação, Prof. Darcy Ribeiro, equivale a um crime. Crime pelo qual o futuro nos pedirá contas. Eu, de minha parte, sinto-me quites com o presente e com o futuro. Procurei, por todos os meios, ao meu alcance, fazer do problema a preocupação central dos responsáveis pelos destinos da Universidade. Só encontrei surda indiferença quando não franca hostilidade em todos os sectores. A Reitoria, que deveria constituir-se em cidadela da reforma universitária, permaneceu omissa, permitindo mesmo que à sua sombra se tripudiassem os ideais reformistas. Em nossa instituição as razões políticas suplantam os interesses do ensino.

No limiar de um ano letivo concebido em novos moldes, não possuíamos nem mesmo estatuto universitário. Se existe e foi aprovado pelo egrégio Conselho Federal de Educação, a ninguém foi dado conhecer o seu texto. Conseqüentemente, não temos regimentos das escolas, os quais devem subordinar-se ao estatuto universitário. As escolas, mais do que nunca, estão separadas e relegadas à sua sorte e ao seu arbítrio.

A mudança de currículos, que não pode ser adiada nem ficar condicionada a interesses particulares não deixará de ocasionar delicados problemas de trabalho, que não podem ser tratados levemente. A criação do Colégio Universitário, bem como um desdobramento oportuno dos Cursos estariam, por certo, em condições de concorrer para apagar um impacto de conseqüências, na melhor das hipóteses, desagradáveis.

Fazendo caso omisso de tôdas estas intrincadas questões do complexo universitário e de suas implicações didático-administrativas, Vossa Magnificência elude a discussão do assunto, mediante um simples decreto de reajustamento de taxas e de vencimentos, segundo as normas ditas pela Tesouraria do Instituto.

São estas questões, Magnífico Reitor, que estão a reclamar uma solução adequada e imediata, e esta solução só poderá ser encontrada no âmbito universitário.

Mas, para tanto, mister se faz que Vossa Magnificência passe a exercer a Reitoria como executivo da Universidade, como depositário da confiança dos órgãos superiores da Educação, e não como simples interventor da entidade mantenedora. Se a nossa Universidade não está em condições de dispensar uma intervenção, que esta proceda de quem de direito, isto é, do Conselho Federal de Educação, único órgão competente para sustar a autonomia da Universidade que se mostra incapaz de usá-la em benefício da educação nacional.

Aproveito o ensejo para apresentar-lhe os meus cumprimentos.

Atenciosamente,

as. Willie Alfredo Maurer - Diretor.

Ap Exa^o Sr. Dr. Henrique Guilherme Thut
Magnífico Reitor da Universidade Mackenzie

FOLHA DE S. PAULO

Um jornal a serviço do Brasil



ANO XXXV



1.º caderno

São Paulo — Sexta-feira, 25 de março de 1960



N.º 11.020

POSSIBILIDADE DE GREVE NACIONAL DE APOIO AOS ESTUDANTES DO MACKENZIE

A greve dos alunos da Faculdade de Engenharia do Mackenzie continua sem perspectiva de solução imediata. O presidente do CA Horacio Lane afirma que os alunos, ao enviar novo ofício ao CTA da escola e ao entregar ao prof. Willie Maurer a missão de conciliar as partes, tomaram as iniciativas que lhes cabiam em busca de uma solução. Quanto à administração da Universidade Mackenzie — segundo ainda afirmação do presidente do CA, acadêmico Sergio Prandini — mantém-se ela irredutível, inclusive tendo afirmado aos estudantes que o patrimônio da Universidade (um bilhão de cruzeiros) não será afetado com a paralisação temporária da escola de Engenharia.

Os presidentes da União Nacional de Estudantes (UNE) e da União Estadual dos Estudantes (UEE), respectivamente João Mantel Ribeiro Conrado e Armando de Azevedo, estiveram ontem no CA Horacio Lane e hipotecaram solidariedade ao movimento, que visa a melhora do nível de ensino na escola. Segundo o presidente da UNE, há possibilidade de decretação de greve nacional dos universitários se não surgir, em tempo hábil,

uma solução para o impasse criado.

A UEE a qualquer momento poderá convocar um conselho de presidentes de centros acadêmicos para análise da situação no Mackenzie. Os organismos estudantis das demais escolas da Universidade Mackenzie estão solidários com o movimento dos alunos de Engenharia, e prontos a também decretar greve se isso for julgado útil para atendimento das reivindicações do CA Horacio Lane.

SEM SOLUÇÃO AINDA A GREVE NO MACKENZIE: O CTA APRESENTOU CONTRAPROPOSTA AOS ALUNOS

Permanece ainda sem solução a greve dos alunos da Escola de Engenharia da Universidade Mackenzie. O Conselho Técnico e Administrativo daquele estabelecimento de ensino superior fez ontem uma contraproposta, que foi transmitida aos alunos pelo prof. Willie Alfredo Maurer. A contraproposta, que se refere às reivindicações dos alunos, foi mantida em sigilo a pedido do CTA. O prof. Antonio Valente do Couto, presidente do CTA e diretor da Escola de Engenharia, apenas disse a reportagem que o caso da notícia publicada por um dos jornais da capital, de que "o CTA está atrasado 50 anos", a qual estava sendo atribuída a declarações de elemento do Centro Acadêmico Horacio Lane, acadêmico Sergio Prandini, está superado. Disse ainda que espera a resposta dos alunos à contraproposta.

O prof. Willie Alfredo Maurer declarou somente que propôs a designação de uma comissão de seis membros, três professores designados pelo CTA e três outros pelos alunos, a qual teria a incumbência de estudar as reivindicações dos alunos e apresentar medidas a longo prazo, com concessões de ambas as partes.

Contraproposta verbal

Por outro lado, os alunos em greve não se manifestam propensos a aceitar a contraproposta, porque ela não foi feita por escrito. Achem que ela se reveste de características de simples conversa. Tanto assim é que não marcaram assembleia para decidir se aceitarão ou não. A diretoria do Centro Acadêmico Horacio Lane também não quis revelar o conteúdo da contraproposta.

Com referência à resposta do CTA aos 25 professores que assinaram o manifesto pedindo a reconsideração da dispensa do prof. Hermann Schulte, este, através do Centro Acadêmico Horacio Lane, distribuiu ontem nota à imprensa, na qual diz que a carta-circular assinada pelo prof. Antonio Valente do Couto contém dados que, na sua maior parte, não correspon-

dem à verdade e sim a preocupação de justificar uma atitude drástica.

Interessado no inquerito o CA XI de Agosto

O Centro Acadêmico XI de Agosto, segundo conseguiu apurar a reportagem, cogita de iniciar um movimento no sentido de forçar a direção da Faculdade de Direito da USP a manifestar-se sobre o andamento do inquerito ali instaurado, para apurar fatos relacionados com a falsificação de notas, e no qual estão envolvidos vários formandos.

Inicialmente, a atual diretoria do grêmio acadêmico procuraria alcançar, por meios diplomáticos, o seu objetivo, falhando, iniciaria uma ampla campanha, até conseguir um pronunciamento oficial da direção do estabelecimento do largo de São Francisco.

Pelo que a reportagem foi informada, o movimento para esclarecer devidamente os fatos seria iniciado após a posse dos novos dirigentes do CA XI de Agosto, o que ocorrerá hoje, às 16 horas.

Continua a greve no Mackenzie

Com 22 dias e 117 páginas de assinaturas no "livro de presença" que será usado para a justificação das faltas, continua o movimento grevista dos estudantes de Engenharia do Mackenzie, sem apresentar perspectivas de solução imediata. O movimento deverá ser encerrado amanhã pela adesão de 200 alunos.

Ainda amanhã será realizada, à noite, uma reunião do comitê de greve para tratar da reestruturação do movimento.

Um dos membros do comitê informou ontem que caso as reivindicações não sejam logo atendidas existe a possibilidade de o movimento estender-se a outras faculdades e mesmo no interior, visto que a UEE o apóia.

Repúdio às resoluções

O Centro Acadêmico Horácio Lane, em seu Boletim n.º 6 lançado ontem repudia as resoluções tomadas pelo CTA, sob o n.º 34, e apresenta os motivos de sua atitude:

1) — As comunicações entre o CTA e o CAHL deveriam ser feitas através de trocas de ofício, o que não foi o caso das "resoluções".

2) — Uma vez aceito um mediador — prof. **Willy Maurer** — por ambas as partes, as resoluções deveriam ser encaminhadas através do intermediário. A atitude do CTA foi de menosprezo em relação ao mediador.

3) — Quanto à legalidade do movimento os membros do CTA invocaram leis trabalhistas de relação empregado-empregador que não existem entre alunos e escola.

4) — A insinuação de que a anormalidade foi gerada pelos alunos é inverídica. A situação foi iniciada pela administração não observando o regimento interno nas partes referentes a um estudo mais intenso e melhor.

O Boletim se entende por outros itens.

Engenharia Mackenzie: mestres e alunos não chegam a uma solução

Continua o impasse na Escola de Engenharia da Universidade Mackenzie. Os estudantes, que se encontram em greve há 23 dias, estiveram ontem reunidos em assembleia para decidir sobre a proposta de mediação apresentada pela Associação dos Antigos Alunos da Mackenzie. Na oportunidade foram analisados somente os dois primeiros itens da proposta, deixando os demais restantes para a plenária depois de amanhã, quando as grevistas se reunirão novamente.

Foi aprovada o primeiro item, que propõe seja readmitido "sem advertência" o prof. Herman Schultz, e rejeitada o segundo, que sugeria a formação de uma comissão para julgar e suspender momentaneamente os professores cuja exclusão é reivindicada pelos grevistas.

O Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura Mackenzie reuniu ontem um comitê de mesa diretora dos trabalhos da assembleia, no qual se diz inteiramente favorável à greve iniciada por seus órgãos, ao mesmo tempo que manifesta "irrestrita apoio ao sadio movimento".

Pronunciamento do CTA

O Conselho Técnico Administrativo da Escola de Engenharia, por seu lucro, decidiu divulgar manifesto destinado a esclarecer a opinião pública. Nela, frisam seus componentes que aquele órgão se surpreendeu, no início de ano, e reclusão da greve, sem ter conhecimento de seus motivos, recebendo, somente depois, ofício do CA Horácio Lane que, em linhas gerais, pretendia impor ao CTA diversas medidas de caráter didático e administrativo, mediante coação, afirmando categoricamente que só voltariam as atividades normais quando integralmente atendidas.

Esclarecem, a seguir, que o ofício foi rejeitado por não observar termos regimentais, tendo o CA enviado outro, a seguir, que foi objeto de alusão pelo CTA. Indicado pelos alunos como mediador, o prof. **Yvon Mauer** — prossegue — foi ele acerto e enviado em reunião de 23 do mês findo, e nos dias 19 e 20. Dela resultaram as resoluções já conhecidas, em que o CTA procurou atender o corpo docente, dentro dos limites extremos, que pode chegar sem destruir os princípios que regem a administração escolar. Na persuasão de haver feito realmente o máximo que estava ao seu alcance para por termo à greve, sente-se agora no dever de comunicar que, nos termos da legislação federal em vigor e do Regulamento Interno da Escola, atingido o limite de faltas permitidas, a consequência fatal será a perda do ano letivo. Esse triste fato, se verificado, será de exclusiva responsabilidade dos promotores da greve.

Confiança nos professores

Por último, frisa o manifesto que os professores atingidos e nominalmente citados pelos alunos continuam gozando da inteira confiança do CTA, e menos que, por meio de sindicância regular, se demonstre cabalmente ser ela merecida, e

que cada um dos membros do Conselho se coloca à inteira disposição dos interessados (alunos, ex-alunos, pais etc.) para maiores esclarecimentos que lhes parecerem necessários.

Posição de mediador

O prof. **Yvon** Alfredo Mauer, diretor da Faculdade de Filosofia, em carta enviada ao presidente do CA Horácio Lane, esclarece que não tem motivos para sentir-se menosprezado pelo CTA, quando este "embora de forma menos direta" se dignou examiná-lo, e atender até onde lhe permitiu a dignidade da instituição, as suas "leis e as solicitações formuladas". Desarte, contestou o que foi divulgado pelos alunos em greve, quando afirmaram que aquele professor, nas suas atribuições de mediador, teria sido tratado com menosprezo pelo CTA.

São Paulo, 12 de abril de 1956.

Dr. Mário P. de Brito
Av. Marechal Câmara, 160, 9º
Rio de Janeiro, D.F.

Prezado Dr. Brito.

Tenho a grata satisfação de acusar em meu poder a sua carta de 5 de corrente, e quero antes de mais nada deixar consignados aqui os meus agradecimentos pelos seus dizeres lisonjeiros.

Com relação ao apêlo que V.S. me faz, só tenho dizer que terei todo prazer em colaborar com a CALDEIRA em iniciativa tão oportuna quanto meritória. Podem Vs. Sr. contar com toda a minha boa vontade na consecução desta obra grandiosa de renovação educacional. De minha parte não pouparei esforços para corresponder à confiança em mim depositada.

Quanto ao plano do manual, tenho a honra de lhe remeter inclusive um esquema que poderá servir de base para um julgamento prévio da minha orientação e, eventualmente, para entendimentos futuros.

Caso V.S. julgue conveniente o meu comparecimento aí para uma conversa pessoal, terei todo o prazer em atender ao seu amável convite para a ocasião ou o dia que mais oportuno lhe pareça.

Atenciosamente

Willis Alfredo Maurer.

Segundo o meu ponto de vista já exposto e definido nos Colóquios realizados no Instituto Tecnológico de Aeronáutica, em S. José dos Campos, o manual de matemática para o ensino ginasial deve obedecer as seguintes normas:

A. Quanto aos princípios.

I - No curso secundário e, sobretudo, no curso ginasial, o professor não deve preocupar-se demasiadamente com o rigor das demonstrações, nem mesmo com a precisão dos conceitos. É preferível que o aluno tenha uma noção imperfeita de um ente ou de um princípio matemático, mas que compreenda o que aprendeu, do que decorrer para a simplesmente uma regra, uma definição ou um conceito que não entenda. De resto, é sabido que em matéria de conceitos os próprios mestres, em geral, não se entendem. É difícil encontrar um professor que não ache o que critica no que dizem os outros professores.

Não são, portanto, os conceitos e o rigor que devem constituir o objetivo principal do ensino secundário, mas sim, a segurança e o desenvolvimento nas operações matemáticas, em outras palavras, a técnica operatória.

II - Afim de que esta técnica operatória seja bem assimilada, o ensino deve ser essencialmente objetivo, orientado do concreto para o abstrato, do particular ao geral, da prática à teoria. Todas as definições apriorísticas, excessivamente formais ou abstratas, devem ser evitadas, bem como as demonstrações muito extensas e as generalizações demasiadamente complicadas.

III - Ao afirmar que se deve dar primazia à técnica operatória, não quero dizer que se deva unicamente ensinar ao aluno como se opera sem lhe explicar o porque da operação. As regras, os teoremas e as operações devem ser justificados e, na medida do possível, com fatos concretos, e impostos como dogmas a serem repetidos e aplicados. Ao formalismo puro deve-se contrapor um conteúdo real. Assim, por exemplo, a soma de vetores, não coincide no seu conteúdo com a soma de números reais, embora formalmente se apresente de modo idêntico.

IV - Sempre que assim o exija a clareza, a exposição deve cingir à ordem histórica, pois esta representa normalmente o caminho natural de acesso às operações, aos princípios e aos conceitos matemáticos. Assim, por exemplo, na exposição da teoria dos determinantes, é de toda vantagem que se mostre ao aluno como se originaram os determinantes da necessidade de resolver sistemas de equações lineares.

V - Por via de regra, o assunto de cada lição deve ser introduzido por meio de um exemplo, ou exemplos que visem, preparar o espírito do aluno e justificar a teoria a expor.

Cada lição ou ponto deverá vir acompanhado de uma série de exercícios bem graduados, com as devidas respostas e, quando necessário, uma sugestão sobre a maneira de abordá-lo. Ao professor se aconselha que procure incentivar seus alunos a formular suas próprias questões, a fim de despertar neles o espírito de iniciativa.

B. Quanto aos programas.

I - Será respeitada, salvo pequenas alterações, a seriação vigente. Na introdução do conceito de número e suas extensões sucessivas, destacar-se-á o papel preponderante que na sua elaboração desempenharam as operações de contar, medir e calcular relações geométricas. De modo que o estudo das grandezas comensuráveis e incommensuráveis que figura na 2ª série, deve ser relegado à 3ª série, onde se estudam as linhas proporcionais. Os números relativos serão subordinados às grandezas capazes de ser medidas em dois sentidos contrários.

II - No estudo dos polinômios dar-se-á atenção especial à fatoração e à pesquisa do M.D.C. e do M.M.C. de duas ou mais expressões algébricas.

III - No tocante às equações será acrescentado um capítulo sobre sistemas de 2º grau.

IV - Quanto à geometria, não há propriamente alterações substanciais a fazer. Seria talvez recomendável que fosse mais intuitiva do que dedutiva. Mas, neste caso, impor-se-ia a revisão integral da geometria plana no curso colegial, em nível mais elevado, o que exigiria uma alteração completa do respectivo programa.

V - A orientação do professor será feita através de oportunas observações e notas históricas, dando atenção, sobretudo, ao emprego adequado dos termos em matemática, precisando o seu sentido e sua diferenciação do sentido vulgar, sempre que tal discriminação se faça necessária.

Prof. Willie Maurer
Praça Vilboim, 23
Sao Paulo, SP.

PRDINOS SUA VINDA RIO DIA VINTESSETE PARA REUNIÃO
QUATORZE HORAS DISCUSSÃO PLANO REMETIDO pt
AGUARDAMOS RESPOSTA PARA REMESSA PASSAGEM pt
SAUDAÇÕES MÁRIO BRITO

Mário Brito

Av. Marechal Câmara, 160

32-8693

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

CONTRATO DE LOCAÇÃO DE SERVIÇO que entre si fazem, de um lado, a UNIVERSIDADE FEDERAL = DE GOIÁS, na pessoa de seu representante, o Magnífico Reitor Prof. Colemar Natal e Silva e, de outro lado, o Sr. Prof. WILLIE ALFREDO MAURER.

A UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, criada pela Lei nº 3.834-C, de 14 de dezembro de 1.960, com sede e fôro / na Cidade de Goiânia, Capital do Estado de Goiás, neste ato denominada CONTRATANTE e representada pelo Magnífico Reitor Prof. COLEMAR NATAL E SILVA, de acôrdo com a autorização do Conselho Universitário da U.F.G., contrata os serviços profissionais do Sr. Prof. WILLIE ALFREDO MAURER, *avulso* *brasileiro naturalizado*, residente nesta Capital, aqui denominado CONTRATADO, para o fim especial de organizar e estruturar o Instituto de Matemática da Universidade Federal de Goiás, dotando-o das condições técnicas e didáticas necessárias / ao seu perfeito funcionamento como instituição de ensino especializado e centralizado das disciplinas compreendidas no campo pedagógico da Matemática, sob as cláusulas abaixo:

C L Á U S U L A S

- PRIMEIRA O Contratado se obriga a organizar e estruturar o Instituto de Matemática da Universidade Federal de Goiás, dotando-o das condições técnicas e didáticas necessárias ao seu perfeito funcionamento como instituição de ensino especializado e centralizado das disciplinas / compreendidas no campo pedagógico da Matemática.
- SEGUNDA O prazo de validade deste contrato será compreendido / entre 21 de maio a 31 de dezembro de 1.963.
- TERCEIRA Todas as cláusulas e condições constantes deste contrato prevalecem a partir de 21 de maio de 1.963, constante da cláusula anterior, data essa que coincide com o início das funções exercidas pelo Contratado, sujeitando-se ambas as partes a todos e quaisquer efeitos que / porventura advierem dessa retroação de obrigações, inclusive os de pagamento de atrasados.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

QUARTA

O Contratado perceberá salários que importam em Cr\$ / 250.000,00 (duzentos e cinquenta mil cruzeiros) mensais, que serão pagos pela Verba de Pessoal da U.F.G.

QUINTA

O Contratado se obriga a fazer tempo integral ("full / time") na razão das necessidades dos trabalhos do Instituto de Matemática.

SEXTA

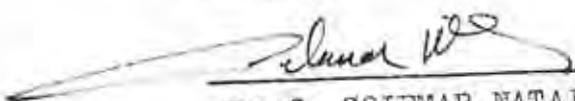
O inadimplemento de quaisquer das cláusulas do presente contrato, será motivo para rescisão do mesmo, ficando ambas as partes sujeitas às cominações legais e aplicáveis.

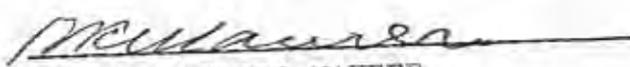
SÉTIMA

Se assim convier a uma das partes e desde que a outra / parte esteja de acôrdo, poderá êste contrato ser rescindido, devendo para tanto, juntar-se a êste instrumento uma declaração expressa da parte rescisória, seguida / da anuência da outra parte.

E por se acharem assim justos e de acôrdo, os contratados firmam o presente contrato, em quatro vias iguais, na presença de três testemunhas, que também as assinam.

Goiânia,


Prof. COLEMAR NATAL E SILVA


WILLIE ALFREDO MAURER

Testemunhas: ...

Anexo 7

23 ANOS DE IMF

JUAREZ MILANO

CURICULUM VITAE

PROF. WILLIE ALFREDO MAURER

Goiânia, 23 de novembro de 1986.

23 ANOS DE IMF.

JUAREZ MILANO.

Ao término de 23 anos de existência o Instituto de Matemática e Física da Universidade Federal de Goiás rejubiliza-se pela Instalação em seus prédios do novo Computador da UFG. Rejubiliza-se também pelo início do mandato de seu atual Diretor Professor Nelson Cardoso Amaral formado pelo IMF e eleito de maneira democrática pelo seu corpo docente, discente e administrativo. Nestas circunstâncias achei que bem cabia um resumo histórico da criação deste Instituto. Assim, o que segue é uma visão pessoal do autor. Ainda está por ser escrita a história do IMF e o papel que representou como Unidade integrante da Universidade Federal de Goiás. Espero que alguém o faça de maneira mais isenta que a minha, que foi apaixonada.

Em 1963 o Brasil estava tumultuado por uma inflação galopante, sucessivas greves e por movimentos que reivindicavam modificações profundas na estrutura do País. Um destes movimentos era o da Reforma Universitária que empolgava especialmente a área estudantil, sob a bandeira da UNE, e uma parte dos educadores brasileiros. O sistema educacional brasileiro, de uma forma geral, era mais elitista do que hoje e o Ensino Superior constituía a ponta do funil por onde poucos brasileiros, ao saírem, alimentavam a estrutura do poder econômico, social e cultural que dominava a nação. Era justo, portanto, o anseio daqueles que lutavam por uma Nova Escola, mais democrática e de alto

nível.

No Brasil daquele ano, algumas Instituições de Ensino Superior já tentavam realizar, pelo menos quanto à qualidade, uma obra significativa. Dentre estas podemos destacar as duas que mais influenciaram na criação e desenvolvimento do Instituto de Matemática e Física da UFG: a Universidade de Brasília (UnB) pela sua proximidade e exemplo e o Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), de São José dos Campos, S.P., pela sua ação quase que direta sobre aqueles que criaram o IMF. O ITA, criado especialmente para desenvolver a indústria aeronáutica brasileira, constituía uma das exceções, no Brasil daquela época, em termos de trabalho nas áreas de Ensino e Pesquisa. Estruturado, não mais em termos de cátedras, mas tendo por unidade mínima o Departamento, estabelecia uma carreira docente dentro do mesmo, numa escala que ia desde o Auxiliar de Ensino até o Professor Titular, passando pelos cargos de Professor Assistente e de Professor Associado, estabelecendo em cada categoria níveis intermediários. Cada Departamento era dirigido por um chefe e na ascensão de carreira levava-se em conta, além de outros fatores, especialmente o aperfeiçoamento do docente através de cursos de Pós-Graduação e a sua produção científica. O trabalho, desenvolvido em equipe, tinha por fundamento essencial o Regime de Tempo Integral e Dedicção Exclusiva. A convivência era regida por um Código de Ética não escrito, porém seguido por todos, tanto por alunos quanto por professores. Os alunos, professores e pessoal técnico, bem como os militares da Aeronáutica conviviam no Campus e, a bem da verdade, num certo isolamento, propiciado naquela época por falta de fatores externos como industrialização e conseqüente desenvolvimento da cidade de São José dos Campos. Em certo sentido a comunidade era um arremedo de Utopia, que desconhecia as forças externas que sua própria criação iria fazer aparecer, como de fato apareceram. Mas este é um assunto que pode ser discutido em outra ocasião. O que nos importa no momento é que o ITA foi o local de onde saíram, além do exemplo, ótimos profissionais (professores, pesquisadores, engenheiros e técnicos) que se espalharam pelo país semeando as idéias que lá foram produzidas (vide Enciclopédia Mirador Internacional - A Matemática no Brasil).

Ora, os movimentos de 1963, especialmente o da Reforma Educacional, encontraram eco em Goiás. O movimento estudantil goiano bem como vários professores desejosos de verem implantado em Goiás o espírito renovador que transbordava pelo Brasil, lutaram e conseguiram implantar, através de muito esforço e sacrifícios futuros, uma nova visão de ensino superior, baseada na idéia vitoriosa de São José dos Campos.

Assim, pelos esforços dos professores Gabriel Roriz, Marcelo da

Cunha Moraes e Elder Rocha Lima, da Escola de Engenharia, apoiados no entusiasmo estudantil e contando com o espírito esclarecido do Educador Willie Alfredo Maurer da Universidade Mackenzie, todo o ano de 1963 foi utilizado para o projeto de criação e instalação dos Institutos de Matemática e de Física da UFG, estruturados principalmente nos moldes do ITA. Naquele ano já prestavam serviços à UFG, em Goiânia, os professores João Martins, do ITA, e o professor Willie. Com a volta do Professor Martins ao ITA, por motivos pessoais, decidiu-se que, transitoriamente, os dois institutos seriam fundados em um único, o Instituto de Matemática e Física da UFG, sob a direção do Professor Willie.

Em 23 de novembro de 1963 o Conselho Universitário da UFG criou o IMF com previsão de início de suas atividades regulares a partir de março de 1964.

Embora possa parecer ter ocorrido pacificamente a criação do IMF, não foi assim que isto ocorreu. As lutas de interesses conflitantes que alicerçaram sua construção e que por várias vezes quase fizeram o IMF naufragar em seu nascendouro, ainda deverá ser contada em trabalho de maior fôlego.

A partir de dezembro de 1963 o trabalho maior do Professor Willie foi o de contratar pessoal especializado para o funcionamento do IMF nos moldes a que se pretendia. Em Goiás, naquela época, não havia pessoas em número suficiente com habilitação desejável em Matemática e Física para o pleno funcionamento do IMF nos níveis desejados. Os poucos existentes foram recrutados da Escola de Engenharia da UFG. Era necessário, portanto, que se recrutassem pessoas fora de Goiás, tarefa difícil, pois, o IMF na prática ainda era um projeto e a posição de Goiás em relação aos outros centros do país era, geográfica e cientificamente falando, uma ilustre desconhecida.

Entretanto, um fato ocorrido em São Paulo decidiu a real implantação do IMF. Naquela época o Governo do Estado de São Paulo mantinha um Sistema de Ensino Superior Isolado com Unidades em muitas cidades do interior do Estado (atualmente congregadas na UNESP). Estas unidades lutavam pela sua equiparação com a Universidade de São Paulo (USP), chegando a deflagrar uma greve em fins de 1963. O então Governador de São Paulo, Sr. Adhemar de Barros e o seu Secretário de Educação, o ilustre Professor Zeferino Vaz, prometiam essa equiparação sem, contudo concretizá-la. Dentre essas unidades sobressaía a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, cujos Departamentos de Matemática e de Física funcionavam segundo o "Espírito" do ITA, pois neles figuravam alguns professores oriundos daquela instituição. Com o fracasso da greve, devido à intransigência do Sr. Adhemar de

Barros em atender às reivindicações dos docentes do Sistema Isolado (estes, convocados para uma reunião com o então governador para a assinatura do documento, somente ouviram dele várias vezes, entre outras coisas, a frase "o pau vai comer...", "o pau vai comer...", como de fato começou a comer a partir de abril de 64, pois, àquela altura ele já estava comprometido com o golpe de 31 de março de 64), muitos deles decidiram-se pela saída do referido sistema indo trabalhar em outras instituições. Esta conjuntura veio de encontro aos esforços do Professor Willie pela contratação de professores. Assim, a grande maioria do Depto. de Física da F.F.C.L. de Rio Claro e um dos professores do Departamento de Matemática aceitaram o convite para vir trabalhar em Goiânia. Dois motivos principais motivaram esses professores: boa remuneração e a possibilidade de construir algo que vinha ao encontro de suas aspirações. Vieram para Goiânia os professores Germano Braga Rego, Geraldo Alves Ferreira, Gerson Muccillo, Guy Ribeiro de Andrade, Odécio Sanches e Juarez Milano. Aqui já trabalhava, desde 1963, o genor Cortarelli, formado pela F.F.C.L. do Rio Claro. Veio também Pedro Schneider professor formado pela F.F.C.L. da Universidade Mackenzie. Os professores que vieram da Escola de Engenharia da UFG eram Elder Rocha Lima, Eurico Calixto Godoy, Hermógenes Coelho Jr., René Ayres Carvalho, Saleh Jorge Daher, Tiettre Couto Rosa e Walter Brookes. Da Escola de Agronomia veio o Prof. Wilson Natal e Silva.

Este núcleo, tendo à frente o Prof. Wille Alfredo Maurer constituiu o primeiro corpo docente do IMF, distribuído pelos dois departamentos existentes em 1964: o de Matemática, que incluía também as disciplinas de Estatística, de Desenho e Geometria Descritiva, e o de Física.

Este grupo de professores contou com a colaboração relevante dos monitores Dickran Berberian, Genésio Lima dos Reis, Gesner do Espírito Santo, Marcos da Rocha Lima, Marcos Duarte Maia, Nazareno Ferreira da Silva, Nestor Guimarães, Otaciro Rangel Nascimento e Sebastião Muniz Granja.

Os funcionários administrativos e técnicos eram Osny de Souza, Antônio Raulino de Araújo, Esilo Costa Vilella, Horácio Claudino da Silva, Sebastião Ferreira de Freitas, Valdir Oliveira Borges, Wladimir Antonio Martins e Elton Divino Martins.

A este grupo de pioneiros e a muitos outros que trabalharam no IMF nos primeiros anos subsequentes devemos a sua implantação definitiva nos níveis que o tornaram respeitado em todos os centros científicos importantes do país.

O que se deve observar a esta altura é que embora o número de alu

nos nesse primeiro ano de funcionamento não fosse elevado (cerca de 150), foram admitidos 9 monitores dentro da filosofia de que era necessário, o mais rápido possível, preparar futuros professores para o IMF, recrutados dentre os alunos mais promissores e filhos de Goiás. Mais ainda, deve-se relevar que o IMF nasceu com objetivos bem definidos, com planejamento baseado em uma filosofia de Ensino e Pesquisa solidamente alicerçada em experiências bem sucedidas como as do ITA e da F.F.C.L. de Rio Claro. Havia a perfeita compreensão de que o IMF levaria vários anos para contar com um corpo docente estável e suficientemente qualificado para alcançar seus objetivos e que durante esses anos seria forçosa a contratação de pessoal fora do Estado de Goiás. Mais ainda, quaisquer que fossem as conjunturas e os princípios estabelecidos deveriam ser seguidos e os objetivos alcançados. Isto significou muitas lutas e sacrifícios no decorrer do tempo, porém, os frutos foram gratificantes. Assim foi feito e o mais surpreendente, até mesmo para seus professores, foi a rapidez com que o IMF firmou sua reputação de Instituição de boa qualidade em todos os centros importantes de Matemática e Física do Brasil. Isto foi conseguido através do bom nível de graduação que foi imprimido a seus diversos cursos e à política de aperfeiçoamento de seu pessoal docente. Seus alunos foram incentivados a obterem bolsas de estudos em outros centros e hoje bem representam a Terra Goiana em várias partes do país e do exterior. Além disso, há mais de 10 anos que a maioria dos professores do IMF é constituída por filhos de Goiás, que ostentam os títulos de Mestre e/ou de Doutor, constituindo, agora, exceções os professores que são contratados em outras terras.

Se quisermos analisar o desempenho do IMF durante estes 23 anos de existência há que julgá-lo à luz do que aconteceu à Universidade Brasileira durante 20 anos de autoritarismo. Nos primeiros anos de ditadura o IMF foi, por circunstâncias de sua criação (e por paradoxal que seja, pela sua situação legal indefinida), um Instituto diretamente ligado à Reitoria (na gestão do Professor Jerônimo Geraldo de Queiroz, que o apoiou) e que, relativamente, mantinha um grau de autonomia que lhe permitiu aplicar livremente sua filosofia para chegar aos objetivos desejados. Entretanto, com a Reforma Universitária, implantada em fins dos anos sessenta, foi perdendo sua mobilidade, sendo manietado pelos instrumentos legais que centralizaram todas as decisões neste país. A massificação do ensino obrigou, especialmente as universidades federais autárquicas, à contratação de docentes ainda não de todo preparados para a tarefa que os aguardava e, embora o IMF não tenha padecido deste mal devido à sua preocupação com o aperfeiçoamento daqueles que contratou, não deixou de sofrer os reflexos dessa situação. Na década de setenta, após o "milagre econômico", es-

ta instituição perdeu vários professores qualificados e os programas de aperfeiçoamento não seguiram os caminhos desejados; a falta de verbas e a deterioração dos salários levou as Universidades Federais a uma séria crise que culminou com uma greve geral em todo o país em 1980, greve essa deflagrada numa das salas do 2º andar do bloco 1 do IMF, fruto de seu espírito livre e lutador. Foi um movimento memorável que levou à criação da Associação Nacional dos Docentes de Ensino Superior (ANDES) e que obteve ganhos relevantes para as Universidades Federais. Mas, que também levou a certas medidas infelizes, como por exemplo, a efetivação e promoção indiscriminada de professores colaboradores, sem as devidas cautelas quanto aos méritos acadêmicos. A massificação do ensino (pseudo democratização, pois, a grande maioria do povo brasileiro, assalariado, continuou fora das escolas mais qualificadas), o baixo nível dos professores e, conseqüentemente, do ensino; as poucas verbas destinadas à Educação, o patrulhamento ideológico, a formação de toda uma geração alienada dos problemas fundamentais da nação, o mercantilismo e a corrupção desenfreada, a ausência de valores éticos, a incompreensão do que deve ser uma Universidade que diz respeito ao seu papel de geradora de novos conhecimentos e técnicas, levou a Universidade ao descalabro.

Evidentemente o IMF sofreu todas essas influências. Porém, podemos afirmar que ainda é um núcleo de resistência a esta situação. Com as mudanças havidas atualmente e com a participação entusiasmada das forças populares nos destinos do Brasil, acreditamos que a Universidade Brasileira há de retomar o caminho que havia iniciado e que, dentro dela, caberá um papel importante ao IMF para o desenvolvimento de Goiás e do Brasil, juntamente com todas as unidades que integram a Universidade Federal de Goiás.

Goiânia, 23 de novembro de 1986.

23º ano da criação do IMF.

" CURICULUM VITAE "

PROF. WILLIE ALFREDO MAURER

DADOS PESSOAIS

Nome: Willie Alfredo Maurer
Filiação: Henrique Maurer e Rosette Maurer
Data de Nascimento: 05 de outubro de 1907
Local de Nascimento: Estados Unidos da América do Norte
Naturalizado em 07 de março de 1950
Estado Civil: Viúvo
Esposa: Apolônia Maurer
Filha: Sílvia T. Maurer Lane
Nascida em 03/02/33

ESCOLARIDADE

Curso Primário - Escola Isolada de Rebouças (hoje Sumaré) de 1914 a 1917
Auto-didata aprovado nos exames de ingresso na Escola Superior de Mecânica e Eletrônica de São Paulo em 1926 (Escola Incorporada ao Instituto de Tecnologia de São Paulo em 1934).
Curso Secundário - Exames de Madureza prestados no Ginásio Ipiranga 1937/8
Curso Superior - Bacharel e Licenciado em Matemática pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo 1938/40

Atividades Didáticas

Professor de Matemática, Física e Mecânica na antiga Escola Superior de Mecânica e Eletricidade de São Paulo (1927/34).
Professor por concurso de Geometria Analítica e Cálculo Infinitesimal do extinto Instituto de Tecnologia de São Paulo (1934/38).
Professor de Matemática e Física da Escola Técnica Mackenzie (1937/53).
Professor titular da Cadeira de Análise Matemática e Análise Superior da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Mackenzie, desde sua fundação em 1947 até 1969.
Professor de Cálculo da Escola de Engenharia da UFG em 1963.
Professor contratado de Mecânica Racional (1952/68) e de Física (1965/67) da mesma Faculdade.
Professor de Cálculo Infinitesimal (1952/67) e de Física Geral e Experimental (1958/67) na Escola de Engenharia da Universidade Mackenzie.

Professor titular da Universidade Federal de Goiás, encarregado dos cursos de Funções de Variáveis Complexas, Métodos Matemáticos de Física e Mecânica Analítica (1970/71).

Professor da Faculdade Federal de Uberlândia (1976/77).

Professor da Universidade Católica de Goiás lecionando Análise Matemática e Matemática Aplicada a partir de 1982.

CARGOS E FUNÇÕES

Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Mackenzie (1957/62).

Encarregado da estruturação do Instituto de Matemática e Física da Universidade Federal de Goiás (1963) e seu primeiro Diretor (1964).

Diretor do Departamento de Física da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Mackenzie (1965/69).

Assessor do CENAFOR (Centro Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal para a Formação Profissional) na preparação do Curso de Física Aplicada (1974/75).

TRABALHOS PUBLICADOS

Matemática Ginásial (1960), em colaboração com o Professor F.A. Lacz Netto - Livraria Francisco Alves.

Lições de Trigonometria - Livraria Nobel.

Lições de Geometria Analítica - Livraria Nobel.

Lições de Cálculo Infinitesimal (5 tomos) - Livraria Nobel.

Curso de Cálculo Diferencial e Integral - 4 volumes - sob o patrocínio da Universidade de São Paulo - Editora Edgard Blucher (1967).

Lições de Física - 2 volumes - Centro Horácio Lane.

O "Método" de Arquimedes, na Revista da Escola de Engenharia Mackenzie.

ATIVIDADES CORRELATAS

Membro do Conselho Universitário da Universidade Mackenzie (1952/62).

Representante da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras na XII Conferência Nacional de Educação em Salvador (1956) e do Simpósio das Faculdades de Filosofia, realizado em Brasília (1963).

Membro da Comissão Organizadora da XIII Conferência Nacional de Educação (1961).

Membro da Comissão Julgadora do Concurso de Matemática da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" (1959).

Membro convidado para integrar a Congregação Especial da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, por ocasião da realização dos concursos para provimento efetivo das ca-

deiras de Física Geral e Experimental (1954) e de Física Nuclear (1962), e dos concursos de livre docência das cadeiras de Análise Matemática e Física Nuclear (1962).

Membro indicado para integrar a Comissão Julgadora do concurso de livre docência da cadeira de Cálculo Infinitesimal da mesma Faculdade.

Membro da Comissão Especial de Física do prêmio de 1961 da Fundação Moynho Santista.

Membro da Comissão de Estruturação da Faculdade de Tecnologia da Universidade de Brasília (1966).

ASSOCIAÇÕES

Sócio fundador da Sociedade de Matemática de São Paulo.

Membro fundador do Grupo de Estudos do Ensino de Matemática e do Grupo de Estudos de Ensino de Física de São Paulo.

Sócio da Sociedade Brasileira de Física.

Goiânia, 23 de novembro de 1986.

07/64.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

10. 02. 64.

Magnífico Reitor:

É com satisfação que, no cumprimento do que se me afigura um ato de justiça, tenho a honra de convidar Vossa Magnificência para proferir a aula inaugural do Instituto de Matemática e Física, a realizar-se na próxima segunda-feira, dia 16 de março, às 9 horas da manhã, em sua sede provisória no prédio da Escola de Engenharia.

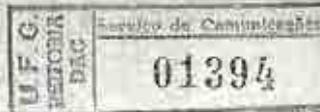
Certe d, que Vossa Magnificência não se furtará a abrilhantar com sua presença e sua palavra esse ato solene e memorável, aproveito o ensejo para apresentar-lhe os protestos de minha alta estima e consideração.

Willie Alfredo Maurer
Prof. Willie Alfredo Maurer
-DIRETOR-

As Exmo. Sr.
Dr. Prof. Colemar Natal e Silva
Magnífico Reitor da U.F.G.

M E S T A

Felipe



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REITORIA

GOIÂNIA - GO.

CONTRATO DE LOCAÇÃO DE SERVIÇO QUE ENTREM SI FAZEM, DE UM LADO, A UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, REPRESENTADA PELO MAGNÍFICO REITOR, PROFESSOR COLEMAR NATAL E SILVA E, DE OUTRO LADO, O PROFESSOR WILIE ALFRÉDO MAURER.

A UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, criada pela Lei nº 3.834-C, de 14/12/60, com sede e fôro na cidade de Goiânia, Capital do Estado de Goiás, representada pelo Magnífico Reitor, Prof. Colemar Natal e Silva, a seguir denominado simplesmente CONTRATANTE, observadas as disposições legais e estatutárias aplicáveis, contrata o Professor Willie Alfredo Maurer, brasileiro, casado, residente e domiciliado nesta Capital, para os trabalhos aqui estipulados pelas cláusulas que se seguem:

PRIMEIRA - O Professor Willie Alfredo Maurer, a seguir denominado simplesmente CONTRATADO, se obriga a exercer as atribuições inerentes ao seu cargo, junto ao INSTITUTO DE MATEMÁTICA E FÍSICA, qualificando-se como Professor Titular da Tabela de Pessoal Temporário da U.F.G.;

SEGUNDA - O contratado perceberá salários mensais no valor de Cr\$960.000,00 (quinhentos e sessenta mil cruzeiros), na forma da resolução do Egrégio Conselho Universitário, em sessão do dia 28 de fevereiro de 1.964, - Destacados das dotações consignadas no Instituto;

TERCEIRA - O prazo de validade deste contrato é de 12 (doze) meses, contados a partir de 1º de março de 1.964 a 28 de fevereiro de 1.965;

QUARTA - A contratante se obriga a prestar ao contratado a previdência social necessária, bem como a indenizar-lhe as despesas com mudança para Goiânia e vice-versa, ao término do contrato ou sua rescisão por iniciativa da contratante, exceto por inadimplemento do contratado, incluindo-se passagens para pessoas da família;



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REITORIA

GOIÂNIA - GO.

- 2 -

QUINTA - O contratado se obriga a prestar serviços em regime de dedicação exclusiva, observada a legislação e o regime jurídico deste contrato;

SEXTA - Se convier a uma das partes e desde que a outra parte esteja de acordo, poderá este instrumento ser rescindido, devendo, para tanto, juntar-se acordo escrito.

Goiania, 9 de março de 1.964.

Prof. Colemar Natal e Silva
Reitor da U.F.G.

Prof. Willie Alfredo Maurer
Contratado

Testemunhas:

Anexo 10



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REITORIA

GOIÂNIA - GO.

PORTARIA Nº

43/64

O Professor COLEMAR NATAL E SILVA, Reitor da Universidade Federal de Goiás, usando de atribuições constantes da alínea "p", do artigo 22, do Estatuto da U.F.G., combinado com o artigo 3º do Decreto nº 51.487, de 8 de junho de 1962,

R E S O L V E:

conceder ao Professor WILLIE ALFRÉDO MAURER, Diretor do Instituto de Matemática e Física da U.F.G. a gratificação de Cr\$ ----- 80.000,00 (oitenta mil cruzeiros), de que trata a Resolução do Egrégio Conselho Universitário baixada em sessão do dia 28 de fevereiro de 1964.

Goiânia, 12 de março de 1964.


Prof. Colemar Natal e Silva
Reitor da U.F.G.

DECLARAÇÃO

Declaro a bem da verdade e da justiça, que, durante a minha permanência de dois anos na Universidade Federal de Goiás, na qualidade de organizador e primeiro Diretor do Instituto de Matemática e Física, tive o ensejo de conhecer de perto os professores Gabriel Roriz, então Diretor da Escola de Engenharia, Marcelo da Cunha Moraes, vice-Diretor e Elder Rocha Lima, representante da Congregação no Conselho Universitário, a cujo empenho se deveu, aliás, a minha contratação para estruturar o Instituto da Matemática, recém criado por decisão do Conselho Universitário. Jamais tive conhecimento de qualquer ato desses professores que os compromettesse com a subversão em marcha. Se exerciam alguma atividade subversiva, deviam fazê-lo no mais completo segredo para que não chegasse nenhum eco aos meus ouvidos, o que não deixa de parecer assaz estranho e improvável, quando se sabe que nos idos do governo passado ser subversivo era perfeitamente legal.

O que realmente é do meu conhecimento, é que certos professores da Escola de Engenharia diretamente atingidos em seus interesses pecuniários com a contratação de professores de fora para organizar, dirigir e prover o Instituto, pretenderam identificar uma questão de caráter estritamente universitário com uma luta de cunho ideológico.

Neste sentido, não posso deixar de encarecer o fato de que na época de minha transferência para Goiânia, além de Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Mackenzie, eu ocupava a vice-presidência do Diretório Metropolitano do Partido Libertador de S. Paulo, e não era segredo para ninguém a minha posição frontalmente contrária à política subversiva da UNE. Seria deveras de estranhar que três professores comprometidos com o comuno-nacionalismo se empenhassem como se empenhassem, em confiar a estruturação do Instituto a um democrata militante que dera provas sobejas de sua oposição às correntes subversivas que ameaçavam o regime.

Conseqüentemente, sinto-me autorizado a crer que a tentativa de descobrir motivos políticos por traz das lutas em torno da criação do Insti

UNIVERSIDADE MACKENZIE

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

SÃO PAULO

tuto, não passou de manobra de um grupo de oportunistas que pretendia confiar os destinos do novo órgão a um elemento de sua confiança que lhes assegurasse a restauração dos privilégios perdidos ou ameaçados.

Declaro, outrossim, que estive presente à palestra que o prof. Elder Rocha Lima preferiu na semana do calouro em 1963. Embora não me sinta em condições de reconstituir o estôfo da preleção, posso assegurar que nada continha de subversivo, posto que, dada a minha posição francamente hostil à política dominante na época, por certo não me teria passado despercebido qualquer indício de comunização. Tenho plena consciência de que, na ocasião, como democrata e libertador, não teria nenhuma dúvida em endossar as palavras do orador. De resto, é oportuno assinalar que, na época, a ninguém ocorreu imputar idéias comunizantes ao conferencista.

Era o que, a bem da verdade, me cumpria declarar.

S. Paulo, 12 de março de 1965





Of. 32/65

GOIÂNIA - GO.

15.02.65.

Magnífico Reitor,

Achando-se prestes a expirar a minha licença de 2 anos na U.S., limite imposto por lei, devo reassumir as minhas atividades na referida Universidade, razão pela qual sou forçado a deixar a direção do IMF que me fora confiado pela Universidade Federal de Goiás.

Quer-me parecer que, na medida de minhas forças, dei integral cumprimento à tarefa que me foi confiada pela UFG, de estruturar o Instituto e dar-lhe as condições de perfeito funcionamento.

O futuro do Instituto depende muito mais da clarividência e do alto espírito de compreensão de Vossa Magnificência do que de minha presença à testa de sua administração.

Em aditamento aos entendimentos verbais que tive o ensejo de manter com Vossa Magnificência, apraz-me sugerir o nome do prof. Juarez Milano para assumir o cargo de Diretor do Instituto, em meu lugar, certo de que ninguém melhor do que ele estará em condições de dar continuidade às atividades do Instituto nos moldes estabelecidos.

O prof. Milano exerceu o magistério no Instituto Tecnológico de Aeronáutica em São José dos Campos e na Faculdade de Filosofia de Rio Claro.

Contratado no início do ano passado pela UFG, para prestar serviços docentes no IMF, deu provas de suas raras qualidades de professor quer como regente das cadeiras de Cálculo I e II, quer como organizador e orientador de seminários de Matemática. Coube-lhe ainda responder pelo Departamento de Matemática.

Confiando-lhe a direção do Instituto poderá Vossa Magnificência ter a certeza de dar ao Instituto o inestimável apoio de que ele necessita para a sua consolidação definitiva.

Grato por mais esta atenção de Vossa Magnifi



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE MATEMÁTICA E FÍSICA

GOIÂNIA - GO.

-fl.2-

cência tenho a honra de apresentar-lhe os protestos de minha
mais alta consideração.

Cordialmente

Prof. Willie Alfredo Maurer
- DIRETOR -

Exmo. Sr.
Prof. Jerônimo Geraldo de Queiroz
Magnífico Reitor da U.F.G.
N E S T A



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE MATEMÁTICA E FÍSICA

Of. 041/65

GOIÂNIA - GO.

Em 25 - 2 - 65

Magnífico Reitor,

Tenho a honra de depositar, nesta data, o cargo de Diretor do Instituto de Matemática e Física em suas mãos, de vez que, segundo sou informado, Vossa Magnificência já indicou o meu sucessor.

Sem mais, apresento a Vossa Magnificência os -/
meus respeitosos cumprimentos.


Prof. WILLIE ALFREDO MAURER

D I R E T O R

Exmo. Sr.

Prof. Jerônimo Geraldo de Queiroz,

Magnífico Reitor da Universidade Federal de Goiás

N e s t a.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
GABINETE DO REITOR

Of. FUB nº 1127/66

Brasília, 20 de maio de 1.966.

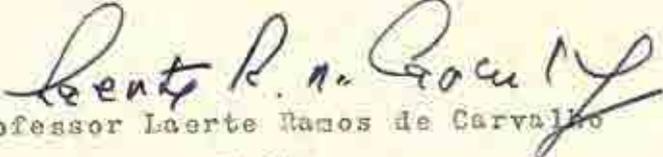
Senhor Professor:

Tenho a satisfação de dirigir-me a Vossa Excelência para convidá-lo a participar com a sua inestimável colaboração, na Comissão que se encarregará de promover as medidas necessárias para a implantação da Faculdade de Tecnologia desta Universidade.

Em face da importância e da complexidade dos problemas a serem abordados, esta Reitoria marcou o início dos trabalhos para o dia 25, prevendo que as reuniões estender-se-ão até o dia 27.

Na certeza de que Vossa Excelência nos honrará com a sua presença, emprestando aos trabalhos desta Comissão o brilho de sua experiência no trato dos problemas do ensino tecnológico, tomei a liberdade de colocar a disposição de Vossa Excelência, na Agência Central da VASP, nessa Cidade, uma passagem de ida e volta a Brasília.

Aproveite a oportunidade para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha elevada estima e distinta consideração.


Professor Laerte Ramos de Carvalho
- Reitor -

Ao Excelentíssimo Senhor
Professor WILLI MAURER
SÃO PAULO, SP

Magníficos Reitores

1) Depois de percorrer a um balanço meticoloso da situação vigente na UnB, cheguei à conclusão de que não me sinto em condições de emprestar à instituição V. Magn. a colaboração eficiente que era do meu desejo.

Existe uma filosofia comunitária que serve de fundamento à estrutura da UnB que, ao que me parece, não está sendo, suficientemente, interpretada. Esta filosofia, resumida em poucas palavras, consiste a UnB como uma comunidade orgânica, constituída de células que vivem continuamente, de modo e formar um todo harmônico e indivisível. Foi esta filosofia que me incluiu a aceitar de uma eventual colaboração com a reorganização de UnB. No entanto, e que me foi dado observar, foi um aglomerado de questões em formação que ameaçavam entrar qualquer esboço de articulação.

Prefero permanecer no terreno das generalidades, sem entrar em detalhes por pequenos fatos que, somados, dão um resultado pouco apreciável.

No tocante ao Exat. de Física, em particular, a minha presença, embora não basta para solucionar os seus inúmeros problemas.

A organização de pessoal docente é grandemente difícil, tanto pelas condições salariais e habitacionais, como pelas condições favoráveis que a UnB oferece. No que se refere às aulas, só se pode contar com principiantes, e com aposentados. Estes, últimos, salvo raras exceções, não imediatamente comprometidos com uma rotina que não se coaduna com o espírito da UnB; quanto aos principiantes, são poucos os que se comprometem, e, via de regra, encontram aqui condições vantajosas de trabalho e remuneração.

É a meu ver, imperativo, portanto, que a UnB melhore substancialmente os padrões de vencimentos do pessoal docente e providencie, com a máxima urgência, a construção de residências para os professores.

quanto à
19) não pode deixar de encarecer de passagem, os vícios da organização da Fac. de Teon / própria processo mania de organizar a Fac. de Teon. Não me parece que parafusos a seleção mais acertada seja confiar em comissão a um comitê com posto de mestres, que são elucubr, mas por demais, com promissões com um curso extralibre e rotineiro, que a UnB deve substituir.

Sobre a questão que é organização da Fac. de Teon, e isto vale para as demais Fac., deverei obedecer às seguintes normas:

- 19) determinação das áreas que deverão entrar em funcionamento, e os setores colonizados;
- 20) escolha dos professores de acordo com os currículos mínimos elaborados pelo CFE, cujos materiais constituirão os cadernos, os departamentos ou as unidades básicas de trabalho, servindo de núcleo ou parte de diversas disciplinas a serem ministradas, de acordo com o plano letural e seus auxiliares;
- 21) articulação com os Institutos Centrais.

Houve, e mais vez, a preocupação prematura de fixar currículos excessivamente rígidos e submerçados, sem atender devidamente à realidade do meio e às condições peculiares da UnB.

Uma das tarefas mais graves dos novos cursos de formação profissional é a exuberância de cadeiras constantes de seus currículos, herança de uma ultrapassada formação politécnica, na acepção lata do termo, e um sistema que se adapta muito bem com o tradicional regime de "bico", que requer muitos professores porque muitos pontos têm sempre fazer na escola (basta desmontar o negócio lá fora); quanto aos alunos, podem abarcar um vasto catálogo de matérias heterogêneas, porque não aprofundam nenhuma e se iniciam em qualquer dos muitos ramos da carreira a que têm acesso, como aprendizes, ou de, afinal, se vêm na contingência de começar tudo na estaca zero, de vez que a escola está divorciada da realidade profissional.

Há mais de 20 anos atrás, o prof. Carathéodory, então matemático da Universidade de Munique, incumbido de elaborar um plano de reestruturação da Universidade de Atenas, assinalava os mesmos vícios no regime de ensino da mesma instituição acusando, em particular, a existência de cinco cadeiras de matemática grande, diz o autor, uma ou, no máximo, duas seriam suficientes.

A UnB representa, exatamente, uma reação contra esse deplorável estado de coisas e, ao que tudo indica, a Comissão não tem na clivada conta este fato.

Tendo presente o regime de trabalho que se implantou ou se pretende implantar, na UnB, sob o boné político reduzir ao mínimo possível o número de cadeiras de cada currículo, o que equivale a dizer, tomar por base os currículos mínimos expedidos pelo C.F.E., deslocando, ulteriormente, as cadeiras em disciplinas de acordo com a conveniência ou a necessidade, visando, além e acima de tudo, atender às solicitações do meio e colaborar para o desenvolvimento das regiões. Cada cadeira ^{deve} constituir, assim, o núcleo de ensino de diversas disciplinas sob a orientação de um professor titular, assistido por um grupo de assistentes. Tal organização atenderia a todos os requisitos de um ensino atualizado, imprimindo aos currículos a indispensável flexibilidade, possibilitando, ao mesmo tempo, a introdução de seminários como parte integrante do ensino, bem como a realização

(3)

sistemática de atividades extra-curriculares de pesquisa ou de aplicações e treinamentos, conforme o caso, em termos de art. 17 da LDB.

Assim orientar ainda, a importância do sistema de rodéio regular dos professores vinculados a um departamento como medida salutar contra a rotina e a fossilização. "O maior incentivo à rotina", dizia o prof. Carathéodory, nunca citado, "é a prisão de um professor ficar repetindo, ano após ano, e mesmo curso?"

Não quero, por certo, esquecer a alguma importância do trabalho em pequenas equipes e da prática sistemática de seminários como fatores essenciais do ensino e da pesquisa. É esta a prática da universidade moderna e o espírito da UnB.

Obedecendo a esse esquema, a UnB terá a possibilidade de desenvolver e ampliar aquelas áreas de conhecimento que melhor atendam às necessidades presentes e futuras do meio.

Segundo me foi dado sentir, não apenas na Comissão de organização da Faculdade de Tecnologia, mas nos rápidos encontros que tive com diversos coordenadores, não existe a unidade de pontos de vista que era de desear, com relações a diretrizes e objetivos. Observa-se a falta de um plano de ação conjunta e uniforme, de autêntica integração dos cursos, já não direi na letra, mas no espírito do Estatuto da Universidade.

É preciso convir que os criadores da UnB se mostraram excessivamente preocupados com a simetria, e nem sempre a distribuição simétrica é a mais viável, ou mesmo a mais oportuna. A própria discriminação rígida entre Institutos e Faculdades, cada qual com o seu centro de pesquisas, não é isenta de sérias restrições.

Por estas e outras razões quer, no parecer que sirva, de todo oportuno, que Vossa Magnificência promovesse uma reunião dos coordenadores a fim de fixar, em termos o mais precisos possíveis, as normas gerais a serem adotadas na organização dos diversos cursos e na articulação dos currículos dos Institutos e das Faculdades. Seria, talvez, de bom alvitre proceder por etapas, reunindo, primeiramente, os coordenadores dos Institutos e, a seguir, promover uma reunião conjunta de todos os coordenadores.

Era o que, de momento, me cumpria expor.

Aproveito o ensejo para apresentar a Vossa Magnificência os protestos de minha mais alta consideração,

W. Willauer

Do Magnífico Rector da Universidade de Brasília
Professor Dante Ramos de Carvalho.

UNIVERSIDADE MACKENZIE

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

S.A.D. 14110

São Paulo, 27 de maio de 1969.

Magníficos Reitores

Não tendo recebido do Executivo universitário o apoio e a cooperação que tenho por indispensáveis, não vejo nenhuma perspectiva de realizar um trabalho eficiente e construtivo na consecução do plano de implantação da reforma universitária, razão pela qual tomo a liberdade de depor nas mãos de Vossa Magnificência o encargo que me foi cometido, cogito de que alguém mais categorizado esteja em melhores condições para desempenhá-lo.

Aproveito o ensejo para apresentar a Vossa Magnificência os meus respeitoses cumprimentos.

Prof. Willie A. Maurer

Exm. Srn.
Dra. Lecher de Figueiredo Ferraz
Magnífica Reitora da Universidade
Mackenzie

UNIVERSIDADE MACKENZIE

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

SÃO PAULO

São Paulo, 10 de junho de 1969.

Magnífica Reitora

Acabo de receber das mãos de um portador a devolução do meu ofício de 27 do mês passado. Se, de uma parte, tal atitude de Vossa Magnificência pode ser interpretada como uma deferência especial para com a minha pessoa, doutra parte, infelizmente, vem confirmar a sistemática já consuetudinária, para mim bastante esbarrada, de me pôr ao par de seu pensamento através de porta-vozes mais ou menos categorizados.

A implantação da reforma é tarefa aosaz delicada, que não comporta compromissos com interesses subalternos de pessoas, grupos ou escolas e exige, por vezes, atitudes desanunciadas e mesmo intransigentes, o que implica em uma tomada de posição firme e decisiva da Reitoria face ao problema, mediante um contacto estreito e constante com a Comissão. Ora, tal contacto existiu, não foi, por certo, através de seu presidente. A dificuldade que tenho encontrado para entendimentos verbais com Vossa Magnificência contrasta fundamentalmente com a responsabilidade do encargo que se foi confiado. É uma situação bastante estranha esta de uma Comissão cujo presidente é a última pessoa, dentre seus membros, a ser recebido e ouvido pela Reitoria. Os bem informados encarregam-se de transmitir ao presidente o pensamento da Reitoria e, mais infelizmente, levam directamente à Reitoria suas reivindicações mais ou menos frustradas. Para ser mais exacto, quer-se parecer que o presidente deveria ser a pessoa mais bem informada sobre o pensamento de Vossa Magnificência em matéria de reforma e a mais qualificada, outrossim, para falar em seu nome e, vice-versa, a pessoa mais credenciada para relatar a Vossa Magnificência os assuntos internos da Comissão. O presidente que não chega a usufruir desta regalia não está à altura do papel que lhe cabe desempenhar. É uma questão de confiança e de prestígio inerentes à sua investidura.

UNIVERSIDADE MACKENZIE

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

SÃO PAULO

Não possa deixar de acrescentar, na realidade, que não menos estranhável parou-me o fato de não ter ouvido de Vossa Magnificência nenhuma referência a uma certa aula inaugural e a me convite que lhe cabia formalizar por decisão do Conselho Universitário. É evidente que semelhante omissão da parte de Vossa Magnificência, embora não se comova pessoalmente, não é de molde a firmar o prestígio do presidente da Comissão de Implantação da Reforma, no âmbito da Universidade.

Quanto ao ofício ora devolvido, devo assalutar que os seus termos não excluem a possibilidade de uma explicação pessoal de parte a parte. Vossa Magnificência preferia, ainda uma vez, recorrer a um intérprete, pelo qual sou informado das razões que a impediram de atender ao meu pedido de modificação da Comissão de Implantação. Recordo a informação que me foi transmitida. Vossa Magnificência teria modificado o juízo que fazia do Prof. Benson, à vista do excelente trabalho de reforma em que estaria empenhado na Escola de Engenharia. Se não realmente éstas as razões, não posso deixar de estranhar, antes de mais nada, que se tolere sequer a consecução de uma reforma, qualquer que seja, no âmbito de uma escola no momento exato em que se processa a implantação da reforma universitária em sua totalidade, reforma que, por sua natureza, deveria sustar qualquer iniciativa de ordem particular. Doutra parte, na minha qualidade de presidente, cumpro-me apreciar o desamparo do referido professor no seio da Comissão e não através de atividades porventura exercidas em outro setor. E neste particular, considero sua contribuição de todo insatisfatória ou mesmo negativa, com base em fatos que não vem ao caso detalhar aqui. De resto, é óbvio que já não existe clima propício para o funcionamento da Comissão.

É vista do exposto e bem ponderados os fatos, sou de opinião que é a Vossa Magnificência que deve caber por natureza e por direito, a presidência da Comissão.

UNIVERSIDADE MACKENZIE
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
SÃO PAULO

Mein senhor, não posso senão reiterar os termos de meu officio anterior, já agora em caráter irreversível. Contudo, não significa isto que se negue a colaborar. Como já lhe assegurei certa vez, pode Vossa Magnificência contar com meu apoio e minha cooperação, se algum prático pensar ter, não apenas em caráter extrinsecamente assessoral. Prestarei de boa-ventade toda assistência que me fôr solicitada e quando solicitada.

Com meus respeitosos cumprimentos,



Prof. Wílvia Mirzade Maurer

Exma. Gra.
Dra. Esther de Figueiredo Ferraz
Magnífica Reitora da Universidade
Paulista

Anexo 18



UNIVERSITAT DE VALÈNCIA
INSTITUT DE CIÈNCIES DE LA LLINGÜA
VALÈNCIA

VALÈNCIA, el 01/07/1974

El Sr. D. FRANCISCO DE CANTERINO PASCUAL, de
nació, en consens de l'Institut, acord de l'any 1973,
després d'haver estat nomenat i nomenat en virtut de
la resolució nº 1100/73,

RESOLUCIÓ

Resolució, a petició, D. FRANCISCO PASCUAL
CANTERINO, llicenciat en Ciències, en virtut de l'any
1973 i nomenat nomenat (1973), acord de l'any
1973 de nomenar a l'Institut de València, en virtut de
la resolució nº 1100 de 1973.

València, el 01/07/1974


Prof. Paulo de Santos Pereira
Secretari de l'Institut de València

Anexo 19

ESTATUTO DO CENTRO NACIONAL DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL A FORMAÇÃO PROFISSIONAL - CENAFOR.

CAPÍTULO I

De denominação, sede duração e fins

Art. 1º. O Centro Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal para a Formação Profissional - CENAFOR, instituído pelo Decreto-lei nº 616, de 9 de junho de 1969, com juridificação em todo território nacional, terá sede e forô na cidade de São Paulo, Capital do Estado do mesmo nome, e reger-se-à pelo presente Estatuto.

Art. 2º. O CENAFOR adquirirá personalidade com a inscrição do presente estatuto no Registro Civil de Pessoas Judiciais, mediante a apresentação do seu texto e do decreto que o houver aprovado.

Parágrafo único. O CENAFOR terá duração por prazo indeterminado.

Art. 3º. Para a consecução de seus objetivos e finalidades, O CENAFOR gozará de autonomia técnica, didática, administrativa e financeira.

Parágrafo único. O CENAFOR equiparar-se às emprêsas públicas, exclusivamente para os fins da Supervisão ministerial de que trata o Artigo 26, do Decreto-lei nº 200, de 25 de fevereiro de 1967.

Art. 4º. São, entre outros, os objetivos do CENAFOR:

I - Preparar:

a) docentes para as disciplinas específicas dos cursos que objetivem a formação técnica e profissional, sejam êste ministrados em escolas, centro de treinamento ou emprêsas;

b) técnico ou dirigentes especializados em formação profissional;

c) pessoal de direção e supervisão de escolas e de ensino e treinamento em emprêsas.

II - Especializar:

a) orientadores de educação, psicólogos e professores em geral, nos aspectos peculiares à formação profissional.

III - Aperfeiçoar:

a) docentes, técnicos, pessoal de direção e de supervisão, que já estejam em serviço nas escolas, centros de treinamento e nas emprêsas;

b) pessoal para elaboração de material de instrução, documentação, divulgação técnica e recursos audiovisuais.

IV - Realizar levantamentos, estudos e pesquisas necessários ao aperfeiçoamento dos sistemas de formação profissional.

V - Organizar e divulgar documentação técnica e pedagógica relacionada com a formação profissional.

VI - Colaborar com os órgãos e entidades de formação profissional na elaboração de materiais didáticos e utilização de recursos audiovisuais.

VII - Prestar assistência técnica a instituições de objetivos congêneres existentes no País e manter intercâmbio com as mesma.

VIII - Colaborar, quando solicitado com os organismos internacionais de assistência técnica.

IX - Promover supervisão e acompanhamento de bolsistas de programas de treinamento e aperfeiçoamento, no país ou no exterior, colaborando com as entidades representadas na respectivas seleção e designação.

Art. 5º. A preparação, a especialização e o aperfeiçoamento de pessoal serão realizados mediante cursos, seminários, reuniões de estudos, encontros, estágios e outras formas e métodos de treinamento, considerando-se as peculiaridades de cada caso.

Parágrafo único. As atividades do CENAFOR, nos seus diferentes setores, serão organizadas com o objetivo de atender às necessidades indicadas prioritariamente pelo órgãos e entidades que se encarregam da formação profissional.

Art. 6º. O CENAFOR expedirá certificado de conclusão de estudos e atestados de outras atividades de treinamento, obedecida à legislação em vigor.

Art. 7º. Para o desempenho de suas atribuições, o CENAFOR poderá celebrar acórdos, contratos e convênios com os órgãos e entidades públicas e privadas agências governamentais estrangeiras e multinacional ou organismo internacionais de assistência técnica.

CAPÍTULO II

Da administração

Art. 8º. A administração do CENAFOR será exercida por um Conselho Técnico Administrativo (CTA) e por um Diretor. Cabendo ao primeiro funções executivas.

Art. 9º. O Conselho Técnico Administrativo será constituído de dez membros, a saber:

I - Cinco representantes do Ministério da Educação e Cultura, especialistas, respectivamente, em ensino industrial, comercial, agrícola, em administração e em legislação de

ensino.

II - Um representante do Ministério do Trabalho e Previdência Social, especialista no setor de mão-de-obra.

III - Um representante do Ministério do Planejamento e Coordenação Geral, especialista em recurso humanos.

IV - Um representante do Governo do Estado de São Paulo, especificalista em ensino técnico.

V - Um representante do Departamento Nacional do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI.

VI - Um representante do Departamento Nacional do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - SENAC.

Parágrafo único. Para cada Conselheiro haverá um suplente, cuja designação obedecerá as mesmas normas previstas para designação dos titulares.

Art. 10. Os membros do Conselho Técnico Administrativo terão mandato de quatro (4) anos.

§ 1º - De dois em dois anos, será feita a renovação de Conselho, alternativamente de 5 e 5 membros. Para êsse efeito, ao ser constituído o primeiro Conselho, cinco de seus membros terão mandato de dois anos e os restantes de quatro, sem recondução consecutiva.

§ 2º - Entender-se-á invado cada biênio em que se desdobra o mandato para todos os Conselhos, á data da designação daqueles com os quais se procedeu à renovação.

§ 3º - Caberá ao Ministério da Educação e Cultura expedir Portaria de designação dos Conselheiros, na qual também figurarão os nomes dos representantes indicados pelos Ministros do Trabalho e Previdência Social e do Planejamento e Coordenação Geral, e pelo Governador do Estado de São Paulo, bem como os dos representantes escolhidos nas listas tríplexes apresentadas, respectivamente, pelo Departamento Nacional do serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI, e pelo Departamento nacional do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - SENAC.

Art. 11. O Conselho Técnico-Administrativo (CTA) terá um Presidente e um Vice-Presidente, escolhido entre seus membros em votação uninominal e secreta.

Art. 12. O Diretor do CENAFOR será designado pelo Ministro da Educação e Cultura, mediante indicação em lista tríplex, pelo Conselho Técnico-Administrativo.

§ 1º - A indicação para composição da lista, a que se refere o artigo, deverá recair em educadores qualificados, estranhos ao conselho e que tenham experiência em cargos de direção no setor da formação profissional ou do ensino técnico.

§ 2º - O contrato do Diretor será feito por um período de 4 (quatro) anos, sendo permitida uma única prorrogação por igual tempo

§ 3º - O Diretor será auxiliado no desempenho de suas atribuições, especialmente as de supervisão pedagógica, por um Vice-Diretor de sua indicação, contrato mediante aprovação do CTA.

Art. 13. Compete ao Conselho Técnico-Administrativo:

I - elaborar o Regimento do CENAFOR e submetê-lo à aprovação do Ministério da Educação e Cultura.

II - Elaborar e aprovar o respectivo Regimento.

III - Aprovar os orçamentos e planos anuais propostos pelo Diretor do CENAFOR.

IV - Fixar normas sobre a organização dos quadros de pessoal, dos critérios de admissão e de política salarial, inclusive níveis de remunerações e demissões de pessoal.

V - Decidir sôbre a aplicação de recursos para a aquisição e locação de imóveis, obras ou adaptações, equipamentos e execução de demais serviços.

VI - aprovar, mediante proposta do Diretor, projetos extraordinários de atividades pertinentes aos objetivos do CENAFOR, eventualmente não inscritos nas propostas orçamentárias iniciais.

VII - Apresentar ao Ministro da Educação e Cultura, na época própria, lista tríplice para a nomeação do Diretor do CENAFOR.

VIII - Fiscalizar a execução do orçamento, com audiência de Auditoria externa, e autorizar as transferências de verbas propostas pelo Diretor.

IX - Aprovar o relatório e a prestação de contas apresentada pelo Diretor, observadas as normas e sistemáticas estabelecidas pela Inspeção Geral de Finanças do Ministério da Educação e Cultura, e a legislação aplicável.

X - Apreciar e encaminhar até 31 de março de cada ano. Às entidades representadas e às entidades superiores, o relatório anual das atividades do CENAFOR.

XI - Controlar o balanço físico anual e os valores patrimoniais do CENAFOR.

XII - Propor ao Ministro da Educação e Cultura modificações deste Estatuto.

XIII - Reunir-se, ordinariamente, uma vez por mês, e extraordinariamente, quando necessários, através de convocação fundamentada pelo Presidente ou pela maioria dos seus membros.

XIV - Promover as medidas indispensáveis para que o CENAFOR cumpra integralmente seus objetivos.

Parágrafo único. O exercício da supervisão pelo Ministro da Educação e Cultura, a qual se refere o parágrafo único do Art. 3º deste Estatuto, incluíra a fixação de diárias dos Conselheiros, pró sessão a que comparecerem.

Art. 14. Ao Diretor caberá orientar e decidir as atividades do CENAFOR, de acordo com o Regimento e as deliberações do Conselho, bem como:

I - Representá-lo em juízo ou fora dele, podendo inclusive delegar poderes e constituir mandato.

II - Receber bens, doações auxílios e subvenções concedidas à Formação.

III - Movimentar recursos, juntamente com o responsável pelo setor financeiro.

IV - Celebrar convênios, acordos ou contratos de qualquer natureza, de interesse da Fundação, dentro das normas aprovadas pelo CTA, submetendo-os à sua homologação.

V - Autorizar admissão, movimentação e dispensa do pessoal, realização das atividades programas, bem como conceder vantagens, na forma das normas fixadas pelo CTA.

Parágrafo único. O Diretor participará das sessões do Conselho, sem direito a voto.

CAPÍTULO III

Da Receita e do Patrimônio.

Art. 15. Receita do CENAFOR será constituída de:

I - Recursos consignados no Orçamento da União.

II - Auxílio e subvenções de órgãos e entidades públicas ou privadas, nacionais, internacionais ou multinacionais.

III - Doações e legados.

IV - Remuneração de serviços prestados.

V - Rendas eventuais.

Art. 16. O Patrimônio do CENAFOR será constituído de:

I - Imóveis que lhe sejam doados ou legados.

II - Direitos de fruição de bens estabelecidos em instrumentos públicos ou particulares.

III - Bens móveis, utilizados pelo Centro de Educação Técnica de São Paulo, na condição de órgãos vinculados à Diretoria do Ensino Industrial do Ministério da Educação e Cultura.

IV - Doações de bens ou imóveis, por entidades nacionais, internacionais ou multinacionais.

V - Bens móveis ou imóveis decorrentes de aquisição efetuadas com recurso orçamentários próprios.

Art. 17. Extinguindo-se por qualquer motivo o CENAFOR, reverterão à entidade, de acordo com o estabelecimento no instrumentos respectivos.

CAPÍTULO IV

Do Pessoal Técnico, Administrativo e Docente

Art. 18. Os quadros de pessoal do CENAFOR serão organizados pelo Diretor, obedecidas às normas fixadas pelo Conselho Técnico Administrativo.

Art. 19. O recrutamento de pessoal para as funções técnicas, administrativas e docentes será efetuado pelo sistema de mérito e por processos seletivos adequados.

Art. 20. A Política salarial, tendo em vista a necessidade de dotar o CENAFOR de pessoal de alta qualificação técnica, e a avaliação de desempenho, obedecidas às normas fixadas pelo Conselho Técnico Administrativo com as realidades do mercado de trabalho.

Art. 21. As relações de emprego do pessoal de direção, técnico, docente e administrativo, reger-se-ão pelo sistema jurídico da Consolidação das Leis de Trabalho e alterações subsequentes.

§ 1º - Serão admitidos, em casos especiais, a prestação de serviços eventuais de terceiros e a localização de serviços sem vínculo empregatício.

§ 2º - As entidades representadas poderão, à solicitação do CENAFOR, ceder ou pôr a sua disposição servidores dos respectivos quadros, mantendo as vantagens do cargo, sendo permitido, nesse caso, o pagamento de gratificações ou complementações de salários, à conta do CENAFOR, que responderá por todos os ônus dessa suplementação, decorrente das condições do mercado de trabalho e da política salarial adotada.

CAPÍTULO V

Das Disposições Gerais

Art. 22. O Ministério da Educação e Cultura poderá intervir na administração do CENFOR, para salvaguarda de seus objetivos e de sua gestão financeira.

Parágrafo. Único. Em tais casos será designado um Delegado do Ministério da Educação e Cultura, que ficará responsável pela administração do CENAFOR até escolha de novo Conselho.

Art. 23. O Ministério da Educação e Cultura, ou quem o mesmo designar, representará a União nos demais atos de constituição CENAFOR.

Art. 24. As despesas com a constituição no presente exercício, enquanto não se efetivarem as medidas de que trata o parágrafo único do artigo 6º, do Decreto-lei nº 616, de 9 de junho de 1969, serão atendidas pelas verbas próprias da Diretoria do Ensino Industrial do Ministério da Educação e Cultura.

Art. 25. Os casos omissos serão resolvidos pelo Conselho Técnico Administrativo, observadas as normas constantes da legislação aplicável, dando-se conhecimento, para fim de homologação, ao Ministério da Educação e Cultura.

Brasília, 10 de outubro de 1969.

TARSO DUTRA

Ministro da Educação e Cultura.

Ex^{ma} S^{ma} Inspectora Federal
 Ex^{mo}. S^{nr}. Director da Faculdade de Filosofia, Ciências
 e Letras. Salvador de Janeiro

Presados discípulos,

Cumpra-me em primeiro lugar, agradecer-vos o testemunho inequívoco de amizade e de confiança que acabais manifestar àquelle dentre os vossos professores que acreditava ter razões sobejas para não esperar de vós uma tal distinção.

Não pretendo naturalmente discutir o acerto da vossa escolha. Não obstante, dadas as circunstâncias especiais em que se deu a minha indicação, só tenho motivos para me sentir deveras lisonjeado.

Na qualidade de professor da metéria mais espinhosa do curso - a sempre detestada matemática - forjador de espectros como o cálculo de radicais, o cálculo de π , o teorema de Pitágoras e outros instrumentos de tortura, era natural que eu, identificado com os monstros que manejava, compartilhasse do horror que estes vos inspiravam.

Vejo com prazer que me enganai. Vós soubestes discriminar entre a minha pessoa e os meus sortilégios matemáticos, o que para mim é realmente confortante.

Há, porém, outro fato não menos significativo para mim.

Pela primeira vez a formatura dos licenciados pelo nosso Ginásio se celebra em sessão pública e solene, como convem a um ato de tal relevância.

Graças à vossa gentileza, coube a mim a honrosa missão de compartilhar convosco d'este privilégio na qualidade, de vosso paraninfo.



No desempenho desta missão sabe-me naturalmente uma parcela da justa alegria que enche os vossos corações e da responsabilidade que pesa sobre os vossos ombros.

O fato de ter sido este local - o salão da nossa Faculdade - o escolhido para comemorar ~~esta~~ esta cerimônia, ainda mais ~~uma~~ realça uma e outra, contribuindo para acentuar a solenidade deste ato. Porque foi daqui, desta Instituição, que saímos nós outros, os vossos mestres.

A casa de ensino cujos bancos acabais de deixar está espiritualmente filiada a esta outra casa de ensino.

Por isso, estais estreitamente aparentados com a família dos "filósofos", sois assim uma espécie de netos desta Faculdade.

Os vossos nomes e a vossa bagagem cultural estão de certo modo ligados a ela, através do "Saldanha da Gama".

O Ginásio Saldanha da Gama nasceu do idealismo heroicômico dum pugilo de moços saídos desta casa, animados de muita boa vontade, mas desprovidos quasi por completo de experiência de vida e de recursos materiais.

Enfrentando a realidade na sua frieza de algarismos e cifrões, animados apenas da inquebrantável energia de D. Anísotes do ensino, a custa de múltiplos sacrifícios, arrostando mil e uma dificuldades, levando de vencida pessimistas e derrotistas incorrigíveis, estes moços atravessaram 3 anos de lutas ingentes.

(2)

Mas não se curvaram ao destino adverso. Equilibrando o magro orçamento, dando aulas sem remuneração, sacrificando parcas economias acumuladas sabe Deus como, mantiveram intangível o bom nome da Instituição.

E vós, meus presados discípulos, que conosco convivestes e trabalhastes, vós que passastes pelo crivo intrasigente dos nossos exames, sois testemunhas disto.

Enfim, aqui vos trouxemos e aqui vos deixamos, com a consciência do dever cumprido, certos de que estais aparelhados para continuar a vossa carreira na árdua senda da cultura.

Depois de singrar o vasto mar encapelado, como dizia o nosso amigo Cerqueira, o poeta da casa, depois de afrontar o resgido dos ventos ulubantes e o fragor das tempestades bravias, a nau do almirante Saldaña da Gama, vem arribar ao porto da bonança de onde partimos, depondo-vos em terra firme, sãos e salvos.

Aqui os nossos caminhos ~~se~~ ^{se} apartam.

Nós retornamos à nossa nau, com a persistência de velhos marujos, a empreender novo cruzeiro, em busca de novos contingentes de iniciados.

Quanto a vós que ora nos deixais, ides certamente iniciar uma nova etapa de vossos estudos.

Estou certo de que o preparo básico que vos legamos, constituirá uma bagagem cultural



suficientemente sólida para que possais emprender, sem receio, esta nova jornada na trilha do saber.

Durante 2 anos convivi convosco na nossa modesta oficina de instrução, procurando incutir em vosso espírito, não muros conhecimentos da cadeira a meu cargo, mas sobretudo a noção do dever e o hábito do trabalho.

Isto, porque eu tento para mim, que o objetivo primordial do ensino secundário deve ser, não a cultura em si, o enciclopedismo pedante, mas antes a formação da personalidade, a aquisição de conhecimentos e hábitos que revertam em benefício da coletividade.

É no cumprimento dos pequenos deveres escolares que nós temperamos o nosso caráter, preparando-nos para saber cumprir, no futuro, os grandes deveres que a sociedade nos impõe; é no trabalho assíduo em classe e no lar que nós apreendemos aquilo que os nossos dirigentes exigem de nós.

A escola deve ser como uma oficina em que o aprendiz não se limita a ficar espreitando boquiaberto a perícia do mestre, mas é iniciado desde o primeiro dia na execução de alguma tarefa simples ou no manejo de alguma ferramenta. É lidando com a ferramenta que o aprendiz adquire habilidade no seu manuseio.

É manuseando os livros que o aluno se apossa do seu conteúdo.

Só aprendemos a fazer uma coisa com segurança fazendo-a, e não contemplando passivamente como o outeiro a fazem.

A missão do professor se resume em mostrar aos seus aprendizes como lidar com a sua ferramenta, como deve estudar, afastando ou esclarecendo as dificuldades conforme elas se apresentem.

Mas quem há de trabalhar, quem deve estudar, quem vai aprender é o aluno e não o professor.

Em teoria, gostamos de repetir que o homem vale o que sabe; na prática, preferimos apreciar o homem pelo que tem.

Na verdade, o homem vale pelo que dá. Pelos frutos se conhece a árvore, diz o evangelho.

Os verdadeiros valores humanos residem no que o homem produz quantitativa e qualitativamente em prol da sociedade.

Meus caros discípulos. Ao despedir-me de vós nesta encruzilhada, só me resta pedir-vos que conserveis sempre acesa a flama do idealismo que anima aqueles que moram nesta casa. Trabalhai sempre, trabalhai sem esmorecer, lembrando que do vosso trabalho depende uma parcela da grandeza de vossa Pátria e do bem estar de vossos semelhantes.

EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO

Meus jovens engenheiros,

Sensibilizado e desvanecido, sejam as minhas primeiras palavras de agradecimento pela deferência com que me distinguistes. É para mim profundamente confortante e lisonjeiro participar desta cerimônia tão significativa para todos nós, na qualidade de vosso paraninfo.

A maior recompensa do professor está em sobreviver na lembrança de seus discípulos pretéritos. Sentimos, não sem um laivo de grata satisfação, que deixamos em nossos alunos um pouco da própria personalidade e muito do idealismo que nos anima e nos conduz em nossa missão de formar profissionais aptos e cidadãos conscientes.

Se bem interpreto o sentido de vossa escolha, só posso atribuí-la à estreita comunhão de idéias e de ideais definitivamente consolidada por ocasião de minha curta permanência entre vós. Se a minha atuação ~~na~~ ^{junto} à Universidade Federal de Goiás foi coroada de êxito e hoje o Instituto de Matemática e Física é uma realidade irreversível, isto se deve sobretudo à ventura que tive de encontrar aqui uma plêiade de mestres de primeira grandeza, lúcidos e decididos, secundados por uma juventude consciente e entusiasta, sempre pronta a inovar a fim de melhorar.

O que juntos realizamos, representa uma inovação assaz modesta no contexto da reforma universitária, e mesmo insignificante no complexo dos magnos problemas que nos são impostos pela presente conjuntura nacional.

Estamos atravessando um momento dos mais críticos do nosso sistema universitário e dos mais decisivos da nacionalidade. Não se trata apenas de contrapor institutos a escolas ou reduzir a universidade a departamentos. Trata-se de reformar toda a estrutura universitária, em termos de uma nova política educacional, equacionada com o processo desenvolvimentista em marcha.

UNIVERSIDADE MACKENZIE

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

SÃO PAULO

—:—

2

A educação organizada e sistemática, estendida a todas as camadas sociais, é um fenômeno característico da civilização ocidental. Já não se ensina por simples diletantismo ou apenas com o propósito de servir a uma classe privilegiada. A educação deixou de ser um mero bem de consumo para tornar-se um investimento, na acepção técnica do termo. Todos os povos civilizados reconheceram e reconhecem que este investimento é a força propulsora mais poderosa de seu progresso material e social.

Como objeto de vultosos investimentos a escola de um modo geral e a universidade em particular, não podem permanecer à margem dos processos de produção, cujo rendimento condiciona o bem estar da coletividade e a pujança da Nação.

Se é verdade que a Universidade é a depositária do acervo cultural de uma civilização que importa preservar e difundir, não é menos verdade que lhe cabe papel preponderante na formação da nacionalidade e, conseqüentemente, uma responsabilidade inalienável na superação das contradições internas decorrentes do desajustamento de forças produtivas em flagrante antagonismo.

Assumindo uma atitude interrogativa e receptiva face à realidade nacional, tomando consciência de suas implicações mais imediatas, a universidade não pode fugir ao imperativo de reformular os seus objetivos, reexaminar os seus valores e recompor os seus padrões. Inovar a fim de melhorar significa, nestas circunstâncias, educar para o desenvolvimento.

Fiel a este ideal de inovação e aprimoramento que nos uniu no passado, pareceu-me oportuno dedicar esta oração de despedida a um balanço sucinto e sincero das implicações mais consentâneas da educação para o desenvolvimento.

É um tributo ao vosso idealismo, aos vossos dotes intelectuais e à vossa formação profissional, ^{os quais} ~~os~~ vos reserva ^{um} papel de relevância e de responsabilidade no processo de expansão industrial. Engenheiros que sois, cabe-vos uma participação destacada e decisiva na construção do Brasil de amanhã.

Importa encarecer que a história não é algo abstrato que se desenrola à revelia do homem. São os homens que a fazem com seus atos e suas obras e, ~~consequentemente~~, ^{portanto} respondem por ela. São os homens que, pelas suas limitações, pela sua ignorância ou pelas suas ambições, criam as contradições históricas e a êles cumpre superá-las. A história não se lê apenas, escreve-se. Somos todos nós, em suma, que a escrevemos e para escrevê-la mais bem do que mal é que se educa.

É, portanto, sobre a escola e, em especial, sobre a universidade como veículo do conhecimento em incessante expansão e de técnicas incessantemente aprimoradas, que pesa a imensa responsabilidade de ajustar o primitivo subjacente ao processo inovador. O conhecimento pouco vale quando não logra converter-se em ação.

Sem incidir em um pragmatismo vulgar, pode-se dizer que o vigor de uma universidade se mede pelo grau de contribuição que ela dá ao meio *em* que exerce a sua atividade, não só pela formação de profissionais qualificados, mas de cidadãos plenamente conscientes da problemática nacional.

Ninguém ignora que o Brasil enfrenta, hoje, três grandes problemas, cuja solução é um imperativo impostergável: a erradicação do analfabetismo, o desenvolvimento da agricultura e a expansão industrial. Êstes três problemas, na realidade, se reduzem a um só, porque não se pode pretender isolar um dentre êles dos demais.

Não se alfabetiza por simples decreto como não se moderniza e desenvolve a produção agrícola sem a devida preparação do homem e uma adequada industrialização; e, vice-versa, não se promove uma expansão industrial racional e profíqua, sem propiciar-lhe um amplo mercado interno.

Estamos, como se vê, diante de um aparente círculo vicioso que está a desafiar o pensamento e a ação das elites intelectuais e das classes produtoras.

Não obstante tenham diminuído sensivelmente as panacéias demagógicas rotuladas de progressistas, não se pode pretender que a nossa polí-

tica desenvolvimentista tenha obedecido a uma diretriz satisfatoriamente coerente e consciente.

Os refrões surrados da passada demagogia subversiva ainda são repetidos e se confundem com o estribilho dissonante dos modernos alquimistas do desenvolvimento que, no recesso de seus gabinetes confortáveis, buscam a pedra filosofal capaz de transmutar técnicas primitivas e obsoletas em modernas forças de produção.

A UNE, comprometida com a subversão, foi extinta, mas suas reivindicações sofisticadas foram inscritas na agenda da revolução e lograram converter-se em decretos.

Por decreto concretizou-se a reforma agrária consubstanciada em órgãos tão concretos e auspiciosos como o IBRA e o INDA e fatos tão positivos como o famigerado "módulo", obra-prima de técnicos de gabinete.

O que os inefáveis promotores da reforma agrária parecem ter esquecido é que a posse da terra é o que menos conta na produção agrícola moderna. A exploração racional e eficiente da terra requer máquinas e força motriz e, ~~por conseguinte~~, ^{por conseguinte} ~~homens preparados para~~ ^{homens preparados para a sua manipulação}. Não basta atribuir terras a quem falecem condições econômicas para prover os implementos indispensáveis à sua exploração rendosa. Não menos falaciosa resulta a atribuição de implementos agrícolas a rústicos compônios sem instrução e sem preparo para seu manejo e sua manutenção.

É a lição elementar que os nossos teóricos da reforma agrária poderiam ter extraído da amarga experiência russa cuja mecanização da agricultura foi travada e traumatizada pela inadequada preparação do elemento humano. Os burocratas soviéticos, inspirados no exemplo americano, acreditaram que bastaria reproduzir as máquinas americanas para obter uma produção agrícola igualmente eficiente. Na sua simplicidade de técnicos de alto nível, copiaram as máquinas e esqueceram de ~~cópia~~ os maquinistas. O resultado foi, segundo confessava o próprio Kruchev, que dezenas de milhares de máquinas ficaram inutilizadas mercê da inabilidade e negligência do pessoal encarregado de seu manejo e sua conservação.

Acresce ponderar que antes de confiar as máquinas à incúria do mujique, o Estado soviético teve o cuidado de alfabetizá-lo para ~~o~~ ^{a emergência;} e mais, implantou uma prolífera indústria de implementos agrícolas, ao passo que os nossos técnicos agrários pretendem organizar a nossa agricultura em bases pré-históricas, com analfabetos, enxada, foice, machado e, naturalmente, o respectivo módulo.

Infelizmente, estamos de tal forma empenhados em competir, no mercado internacional, com a tecnologia e a ciência dos centros altamente industrializados, que já não nos sobram recursos para alfabetizar marginalizados ou fabricar-lhes os implementos indispensáveis. Preferimos canalizar nossos mínguaos investimentos à produção de automóveis em grande estilo, cientistas de alto nível e universidades para duvidosos excedentes.

O que há de fundamentalmente errado com os planejadores de alto nível e com os técnicos de ilibada reputação, como invariavelmente são cognominados, é que, vivendo à margem da realidade, imbuidos de idéias miríficas colhidas em searas alheias, através de leituras mal digeridas, acreditam seriamente que a realidade se ajusta às suas elacubrações, aos seus paradigmas e aos seus "módulos" de salvação nacional.

A técnica requintada destes conspícuos planejadores se parece muito com o método experimental de certo "cientista" que ampenhado em determinar a causa da embriaguez, submeteu seu paciente, em testes sucessivos, a uma dose de gim e soda, uma dose de uísque e soda e, por fim, a uma dose de vodka e soda. Tendo observado que as três misturas causavam o mesmo estado inebriante, concluiu, mui seguro de si, que só podia ser a soda o agente da embriaguez.

Este raciocínio falacioso pode parecer-vos hilariante à primeira vista, mas a verdade é que se trata de prática corrente entre os doutos planejadores, ^{para não dizer} ~~os melhores~~ os solertes plagiadores.

Fresas fáceis de uma propaganda sedutora, convencidos da eficácia de um plano em execução na América do Norte ou na Inglaterra, na Alemanha ou na Rússia, concluem que, logicamente, sua eficácia está assegurada ipso-

De resto, não se dá um conteúdo definido a uma unidade definida como órgão de pesquisa, quando não se especifica o conteúdo em que se emprega o termo. Há dias, um jornal de São Paulo noticiava que os biólogos

UNIVERSIDADE MACKENZIE

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

estão realizando pesquisas em ~~SÃO PAULO~~ vários Estados, visando a regulamentação da profissão, o que, evidentemente, nada tem a ver com pesquisas biológicas, ~~invenções a profissionais~~, a da inerentes.

fato, no Brasil. Foi, de resto, este mesmo cientifismo esdrúxulo, que não é privilégio de nossos planejadores, que desfigurou a mecanização da agricultura na Rússia soviética. Aliás, diga-se de passagem que este estrabismo lógico constitui a essência mesma da ciência marxista, estófo predileto da maioria de nossos planejadores de ~~do governo~~ recomenda.

Como a reforma agrária, a reestruturação da universidade foi planejada por técnicos de alto nível e consumada por decreto. Como se isto que aí existia com o nome de universidade não fosse um genuíno produto nacional, pretendeu-se constituir uma universidade autenticamente brasileira, segundo os mais modernos modelos americanos. Sem atentar para a realidade subjacente, impõe-se às nossas universidades uma estrutura artificial, uniforme e bitolada, tão alçada do bizantinismo de nossos órgãos legiferantes e planejadores que se tornou mister promover um seminário de cúpula para deslindar as sutilezas estruturais e funcionais da nova universidade brasileira.

Por decreto a universidade é constituída de unidades que podem ser denominadas faculdades, escolas ou institutos, mas que, no fundo, nada mais são do que as escolas preexistentes. Por decreto distinguem-se unidades paralelas em básicas e profissionais, embora não se diga o que é básico do quê, podendo, eventualmente, básico ser profissional e profissional ser básico. Por decreto as unidades são definidas como órgãos simultaneamente de ensino e pesquisa, como se uma simples definição tivesse a virtude de criar as condições indispensáveis à pesquisa. Por decreto suprime-se a cátedra, e derrota a cadeira, promovendo por definição o departamento à menor fração da estrutura universitária. Extingue-se o órgão mas não se extingue a função. Privado de sua cátedra austera, o catedrático será promovido a donatário de um departamento, com ampla sala particular, biblioteca particular, secretaria particular e equipe particular. Sem dúvida uma troca assaz compensadora, mas por demais onerosa para a menor fração da estrutura universitária.

Não menos sofisticada e mistificada se tornou, no âmbito da reforma universitária, a pesquisa como objeto e como objetivo. A palavra ao lado

empregá e termo. Há dias, um jornal de S. Paulo noticiava que os biólogos

UNIVERSIDADE MACKENZIE

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

estão realizando pesquisas em ~~SÃO PAULO~~ vários países, visando a ⁶ ~~lamentação da~~ ~~profissão~~, o que, evidentemente, nada tem a ver com pesquisas biológicas, ~~inerentes à profissão~~. ~~a das inerentes.~~

fato, no Brasil. Foi, de resto, este mesmo cientifismo esdrúxulo, que não é privilégio de nossos planejadores, que desfigurou a mecanização da agricultura na Rússia soviética. Aliás, diga-se de passagem que este estrabismo lógico constitui a essência mesma da ciência marxista, estôfo predileto da maioria de nossos planejadores de ~~esta natureza~~ ^{encomenda}.

Como a reforma agrária, a reestruturação ^{da universidade} ~~universitária~~ foi planejada por técnicos de alto nível e consumada por decreto. Como se isto que aí existia com o nome de universidade não fosse um genuíno produto nacional, pretendeu-se constituir uma universidade autenticamente brasileira, segundo os mais modernos ^{modelos} americanos. Sem atentar para a realidade subjacente, impõe-se às nossas universidades uma estrutura artificial, uniforme e bitolada, tão eivada do bizantinismo de nossos órgãos legiferantes e planejadores que se tornou mister promover um seminário de cúpula para deslindar as sutilezas estruturais e funcionais da nova universidade brasileira.

Por decreto a universidade é constituída de unidades que podem ser denominadas faculdades, escolas ou institutos, mas que, no fundo, nada mais são do que as escolas preexistentes. Por decreto distinguem-se unidades paralelas em básicas e profissionais, embora não se diga o que é básico do quê, podendo, eventualmente, básico ser profissional e profissional ser básico. Por decreto as unidades são definidas como órgãos simultaneamente de ensino e pesquisa, como se uma simples definição tivesse a virtude de criar as condições indispensáveis à pesquisa. Por decreto suprime-se a cátedra, e de roldão a cadeira, promovendo por definição o departamento à menor fração da estrutura universitária. Extingue-se o órgão mas não se extingue a função. Privado de sua cátedra austera, o catedrático será promovido a donatário de um departamento, com ampla sala particular, biblioteca particular, secretária particular e equipe particular. Sem dúvida uma troca assaz ^{compensadora} ~~razoável~~, mas por demais onerosa para a menor fração da estrutura universitária.

Não menos sofisticada e mistificada se tornou, no âmbito da reforma universitária, a pesquisa como objeto e como objetivo. A palavra ao lado de tantas outras como instituto, departamento, planejamento, tecnologia, as

suma as proporções de panacéia mágica. A palavra de ordem é pesquisar, pouco importando quais as implicações e os objetivos da pesquisa.

Em consonância com o nosso subdesenvolvimento econômico e nossas aperturas financeiras, a pesquisa como investimento deve ser predominantemente ancilar, integrada, como o ensino, na expansão das forças produtivas do País e no aproveitamento de suas imensas reservas de matérias-primas. Não basta fomentar uma pesquisa pedantesca, de mera exibição, de adiestramento e promoção pessoal com vistas à obtenção de graus acadêmicos que assinalam os escalões de uma carreira promissora ou, quiçá, um emprêgo em condições mais atrativas no exterior.

Erudita e douta pesquisa de valorização pessoal, já faziam os preclaros mestres e doutores da Idade Média, que se compraziam em pesquisar fatos de transcendental relevância como o sexo dos anjos, ou inventar instrumentos de sumo alcance como a seringa batismal, para obstar que um mortenato fosse privado da graça de morrer como bom cristão.

É de Bacon, o filósofo do método científico, a seguinte alegoria satírica do método de pesquisa dos peripatéticos, detentores do saber e do ensino na Idade Média.

"No ano da graça de 1432, narra o filósofo, levantou-se acirrada contenda entre os frades de certo convento, que não chegavam a um acôrdo quanto ao número de dentes do cavalo. Quatorze dias a fio a obstinada disputa continuou sem cessar. Tôdas as velhas crônicas, todos os livros antigos vieram a lume. Jamais se ouvira falar naquelas paragens em tanta e tão profunda erudição. Ao amanhecer do décimo quarto dia, um jovem irmão de aspecto inofensivo, pediu permissão aos seus sapientísimos superiores, com a devida reverência, para dizer algumas palavras. E, ante o assombro dos exaustos contendores, embora lamentando intrrometer-se em tão erudita polêmica, sugeriu de modo quais vulgar, jamais ouvido, que se elucidasse a questão em debate, examinando muito simplesmente a boca escancarada de um cavalo. Os doutos reverendos ali congregados, ofendidos de modo tão irreverente em sua dignidade, se puseram extremamente exasperados e, num terrível alvoroço, expulsaram do

reál o jovem perturbador da ordem estabelecida, fazendo-o pagar caro a sua imprudência.

-Pois, diziam eles, seguramente este insolente neófito foi tentado pelo próprio satanás ao vir nos propor métodos ímpios e desconhecidos, contrários a todos os ensinamentos dos santos padres para descobrir a verdade.

Após muitos dias mais de acalorada polêmica, desceu enfim a pomba da paz sobre a augusta assembleia e de comum acôrdo foi lavrada a seguinte sentença:

"O problema em discussão será para sempre um mistério em virtude da lamentável escassez de dados históricos a respeito".

A nossa insipiente pesquisa, inspirada em padrões alheios e promovida em nível de competição, está ameaçada de vir a ser tão estéril como a erudita pesquisa dos doutores medievais. Ignorando a realidade que nos cerca, preferimos comungar e rivalizar com os centros altamente aparelhados ^{de} recursos materiais e humanos, a investigar a nossa realidade, o que a muita gente parece por demais vulgar e indigno da atenção de provecos mestres e doutores moldados a esteriótipos alienígenas, preparados para concorrer no mercado internacional e não para participar no processo de desenvolvimento interno. Decorrência deste estrabismo educacional é que não poucos cientistas, preparados com penosos sacrifícios da Nação, desertam a luta pelo desenvolvimento e vão servir a outros países, onde os recursos são mais pródigos e as condições de trabalho são mais convidativas. Proféticas palavras de Cristo quando vaticinou: A todo que tem, dar-se-lhe-á, e terá em abundância; mas ao que não tem, até o que tem, ser-lhe-á tirado!

Se tivéssemos cuidado de ensinar a estes mancebos a abrir a boca do cavalo e examinar-lhe os dentes, ao invés de incutir-lhas o pedantismo dos alfarrabistas doutorais, certamente não teríamos a deplorar a sua evasão e estaríamos mais próximos de solver o mistério de nossa realidade.

Mais importante do que formar doutores de alto nível para uso externo, é formar trabalhadores conscienciosos de alto gabarito para uso interno, capazes de superar as ~~contradições~~ contradições de correntes da sobreposição

de uma superestrutura moderna a uma infraestrutura primitiva.

É muito cômodo recorrer a comparações desabonadoras, invocando à guisa de exemplo, as condições de trabalho mais vantajosas e os salários mais elevados que oferecem certos países altamente desenvolvidos. Os abalizados mestres que tão bem conhecem o que se passa lá fora, se obstinam em não tomar conhecimento da realidade interna. Deveriam atentar para o fato elementar de que os países em questão já superaram de há muito o analfabetismo e o subdesenvolvimento que ainda nos afligem e estão a exigir de todos nós muita energia, muita ação e muitos sacrifícios.

Estamos por demais empenhados em formar bachareis, mestres e doutores produzidos em série segundo padrões estereotipados, quando nossa máxima preocupação deveria ser a formação de trabalhadores conscientes, a preparação de eficientes agricultores e técnicos qualificados. Em termos mais incisivos concebida a educação como um investimento público, importa acima de tudo, como dizia Anísio Teixeira, ensinar o brasileiro a fazer melhor aquilo que ele já está fazendo.

O Brasil é um todo indissolúvel que não pode ser cindido em uma superestrutura cultural e tecnologicamente avançada, divorciada da infraestrutura subdesenvolvida, à mercê de analfabetos confinados a suas técnicas primitivas.

Pesquisa e planejamento, educação e construção, são palavras que para nós possuem um significado específico todo especial, cujas implicações estão condicionadas pelo processo de desenvolvimento total em que estamos arduamente empenhados. 

Meus jovens engenheiros. Que o Brasil e o ideal  do seu desenvolvimento, de sua pujança e de sua grandeza estejam sempre presentes em vosso espírito e em vossos atos. Que a vossa carreira, como a profissão que escolheis, seja construtiva para o bem da Pátria que ides servir e orgulho da Escola que acabais de deixar.

Discurso de premiação dos engenheiros formados em 1967 da Universidade Mackenzie de São Paulo, proferido no Cine Teatro Goiânia, em 22 de dezembro de 1967.

Pesquisar com vistas ao crescimento da produtividade e à melhoria da produção, e não apenas como recurso de promoção pessoal.

Planejar, mas sem fazer do planejamento um fim em si, para que não venha suceder que o planejamento absorva as energias e o tempo que deveriam ser empregados na produção. No princípio era a ação, dizia com muito acerto o imortal poeta do Fausto.

Educação e construção consubstanciam em uma síntese indissolúvel o homo sapiens e o homo faber, na promoção do desenvolvimento e do progresso.

UNIVERSIDADE MACKENZIE

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
SÃO PAULO

É tão estéril no esquema histórico-materialista de Marx, como no sistema teológico-idealista de Hegel.

Conta-se ^{a propósito} que era corrente em tempos passados, entre universitários berlinenses uma trilogia concebida nestes termos:
tese: sêde; antítese: cerveja; síntese: de baixo da mesa.

Nem mais, nem menos vale a lei dialética marxista da gênese do socialismo, concebida nestes termos:

tese: burguesia; antítese: proletariado; síntese: sociedade socialista.

Se, em lugar de cerveja, o estudante berlinense se contentasse com água, certamente a síntese não se faria debaixo da mesa. Se Marx, ao invés de ^{promover} organizar a revolução, se contentasse com a democracia, por certo a síntese não seria necessariamente o socialismo, aliás a ditadura do proletariado.

E os fatos aí estão a demonstrá-lo: há países capitalistas em que a síntese se processou e se processa sem revolução, sem ditadura do proletariado e sem intervenção comunista; e a síntese não é sociedade socialista.

Marx é, sem dúvida, um cientista notável: descoberta a sua lei científica, organiza, por via das dúvidas, as forças necessárias para lhe dar cumprimento, caso os fatos se recusam a obedecer-lhe. Daqui a necessidade imperiosa da violência como força motriz do progresso.

Em resumo, o marxismo é, em última análise, uma tentativa de sobreposição de uma superestrutura primitiva à infra-estrutura da sociedade capitalista.

Dentro do presente esquema histórico, o marxismo representa um retrocesso moral; ^{e filosófico} representa a restauração do primitivismo tribal no que tinha de mais pernicioso: o culto da força-bruta e a intolerância com as concepções estranhas.

Eis, em rápido escôrcço, o balanço sincero dos valores positivos e negativos de nossa civilização.

Como pensadores, como intelectuais, como depositários e transmissores do patrimônio cultural de uma sociedade civilizada e democrática, cabe-vos zelar pela preservação dos direitos da razão. No desempenho de vossa missão, tende sempre presente que o objetivo último do ensino é a formação do homem como ser pensante e social.

O ser pensante reclama direitos; ao ser social se impõem deveres. A síntese desta contradição se consubstancia no lema da democracia ideal:

liberdade, igualdade e fraternidade.

Gravai em vossos espíritos e em vossa conduta esta trilogia sublime; incuti-a no espírito e na conduta de vossos discípulos, e tereis cumprido o vosso dever de homens civilizados e guardiões da cultura.

DESENVOLVIMENTO ESCONSO E UNIVERSIDADE ALIENADA

Discurso proferido pelo Patrono da turma de engenheirandos da Universidade Federal de Uberlândia em 18/7/80

Meus jovens amigos

Quero, antes de mais nada, felicitar-vos por mais esta etapa vencida em vossa vida ainda em plena primavera. Acabais de ganhar uma batalha, mas ainda não ganhastes a guerra. Delineastes o roteiro de vossa carreira profissional, através de um juramento solene(1) e, porque não dizê-lo, assaz incomum para não dizer audacioso, nesta época de euforia tecnológica e endeusamento da máquina em detrimento do homem como pessoa humana e da humanidade como parte integrante da natureza.

Como eu comungo dos mesmos ideais, como homem e como professor universitário, não posso deixar de congratular-me convosco empenhando-vos a minha solidariedade irrestrita na vossa corajosa tomada de posição face aos magnos problemas que afligem a sociedade moderna. Dizia um conspícuo matemático contemporâneo que Deus existe porque a matemática é consistente e o Diabo existe porque não podemos prová-lo. Parafraseando suas palavras, eu diria que a prova de que Deus existe é que nosso mundo é rico e dádivo e a prova de que o Diabo existe é que ele funciona mal.

É inegável que a sociedade industrial está enferma, acometida de um crescimento esconso, à mercê de graves distorções morais e profunda crise de valores. É fora de dúvida que esta enfermidade se deve, em grande parte, à cegueira face ao brilho excessivo da tecnologia contra a qual advertis, mui a propósito, em vosso juramento. É aquela tecnologia estrábica e sofisticada que, na palavra de um contestador irreverente, "está sendo conduzida pelas pessoas erradas, por vias erradas, para fins errados", aquela tecnologia soberba, fruto da riqueza mal acumulada e mal aplicada, que culminou no holocausto impiedoso de Hiroxima e Nagasaki, por obra e graça da presuposta aeticidade da ciência e da convencional irresponsabilidade do cientista. Neste contêxto é confortável assinalar que Otto Hahn, pioneiro da fissão nuclear, teria declarado preferir suicidar-se a fabricar a bomba atômica.

Como humanista e universitário ou universitário humanista faço aqui, solenemente, minha profissão de fé radicalmente contrária a essa concepção de ciência. O cientista deve ser, antes de mais nada, um Homem, com H maiúsculo, cômscio de sua responsabilidade perante a Humanidade, perante a Natureza e perante a História para não dizer perante Deus no qual, aliás, ele via de regra não acredita.

É deveras insólita e leviana para não dizer criminosa, a atitude assumida por cientistas e tecnólogos, meros aprendizes de feiticeiros, ao abrirem as comportas da energia nuclear de efeitos ainda imprevisíveis e mal controlados, a políticos ambiciosos e irresponsáveis que se comprazem em disseminar armas e engenhos que põem em risco o próprio futuro da humanidade. Os corifeus da energia nuclear alegam duas razões para justificar sua irresponsabilidade. De uma parte, a probabilidade remota de um acidente grave o que, no caso, é um consolo pouco tranquilizador, porquanto todos sabemos que não existe nenhuma obra humana cem por cento segura e a insegurança, nas circunstâncias, pode acarretar conseqüências teratológicas que os inefáveis estatísticos não podem predizer. As estatísticas são a matemática da ignorância, muito próprias para camuflar a realidade. O fato de uma lagoa ter um metro de profundidade média, não nos assegura que um indivíduo não possa se afogar neia. Contra parte, invoca-se o fato de que as grandes invenções que beneficiaram a humanidade trazem riscos que assumimos correr e com os quais nos conformamos. A comparação é infeliz para não dizer idiota. Os efeitos de um desastre de automóvel, de trem, de navio ou de avião são sempre restritos e localizados e atingem, via de regra, apenas aqueles que conscientemente decidiram correr os riscos, o que não se pode dizer de um eventual acidente nuclear que pode atingir tanto inocentes como culpados, quicá mais inocentes do que culpados, populações inteiras da geração presente e mesmo de gerações futuras que não embarcaram nesta aventura. Estribados no indefectível princípio de todos os oportunistas de que "os fins justificam os meios", os mentores da bomba atômica domesticada, invocam imperativos requisitos de energia para satisfazer a insaciável voracidade energética de uma industrialização crescente em ritmo acelerado. Não lhes ocorre indagar da oportunidade e das conveniências de tal crescimento. O que importa é produzir muito e sempre mais, sem atentar para a qualidade da produção. Se fizéssemos um balanço consciencioso da produção da moderna indústria de bens de consumo, descobriríamos, sem dúvida, que a maior parte do que se fabrica é inútil quando não francamente danosa. É que não se produz com vistas à sanidade do homem, mas da economia. É a economia, no consenso comum de seus proceres, é aética. Seu mito predileto, como diz Galbraith, é o PNB, critério mui apropriado para camuflar a realidade e embair os incautos, cujo crescimento contínuo se toma como medida do bem-estar social do país. Estas considerações me aproximam mui perigosamente do assunto mais controvertido do momento. Mas, podeis estar tranqüilos, não vou falar do acordo. Para mim tudo não passa de uma querela de frades, alheia aos superlativos princípios éticos que deveriam nortear o desenvol-

vimento da humanidade em que tão nobremente acabais de empregar vossos conhecimentos científicos.

Fala-se muito, em nossos dias, em desenvolvimento e na relevância do papel da universidade no processo desenvolvimentista. Não se diz de que desenvolvimento se trata mas, tacitamente, se assume como pressuposto que o progresso da sociedade coincide com o seu desenvolvimento econômico. O fato é que à sombra da Revolução Industrial, a ordem social de há muito foi suplantada pela ordem econômica, comandada pelo sistema empresarial que faz do lucro sua razão de ser, da eficiência sua estratégia e do crescimento sem limites sua concepção de progresso. Impolgada pela sua fé inabalável em uma produtividade sempre crescente, dispondo de mais recursos, mais conhecimentos e mais tecnologia do que nunca, a sociedade industrial está perdida em sua abundância de produtos desejáveis e subprodutos indesejáveis e, embora progreda em ritmo acelerado, não sabe para onde vai. Inerentemente sua concepção de progresso está por demais comprometida com o processo produtivo e os interesses puramente mercantilistas do sistema empresarial cuja norma é avaliar a criatividade do homem em termos de produtividade e seus valores morais em termos de eficiência.

Não é de hoje que se destaca nas mais diversas esferas a existência de um profundo descompasso entre a evolução moral e social das sociedades ocidentais, ditas cristãs, e o seu extraordinário progresso tecnológico, o que se explica, sem dúvida, pela predominância de um tipo de homem ao qual não interessam os princípios da civilização, mas apenas as suas realizações materiais e suas operações econômicas. Alheio aos legítimos valores culturais, avesso aos superiores ideais do saber, locupletava-se com os retalhos de conhecimentos específicos que lhe asseguram a eficiência que o sistema requer. É, no mais das vezes, um especialista, um técnico convenientemente bitolado e devidamente calibrado que se ajusta como uma peça pré-fabricada à linha de montagem do sistema. Sob o domínio do homem assim deformado e à mercê de suas decisões, a sociedade industrial, em perpétua expansão, se transforma a passos largos em uma sociedade essencialmente de consumo de utilidades e, sobretudo, de inutilidades que o sistema empresarial lhe impõe pela persuasão, pelo embaimento, pela obsolescência planejada e pelo desperdício estimulado, através de estratégicas medidas tecnológicas e publicitárias, conduzidas com todo esmero e eficiência.

foi este sistema pouco sensível às coisas do espírito, cuja auto-realização se encontra nos bens materiais, que se erigiu em líder e árbitro do desenvolvimento da sociedade e, o que é mais grave, enredou

em suas malhas a própria universidade. É óbvio que em uma sociedade racionalmente organizada, em que a ordem social prevalecesse sobre a ordem econômica, caberia à universidade, por sua natureza e propósitos, determinar os ramos do desenvolvimento e não o mero papel subalterno de serviçal do sistema.

A verdade, não é de hoje que a universidade, como Esaú na história bíblica, vendeu sua primogenitura por um prato de lentilhas ao cobiçoso Jacó dos negócios. Aconteceu ~~por~~ um tipo de homem ao qual interessam mais o automóvel e os analgésicos do que os destinos da ciência e da civilização, como dizia Ortega y Gasset, a universidade capitula face ao poder econômico e se ajustou ao ritmo e ao espírito do sistema, a serviço da máquina em detrimento do homem.

O fato é que na pretensa universidade moderna, sobretudo, na América do Norte, vanguarda e paradigma da hegemonia empresarial, os valores espirituais e morais da cultura estão sendo preteridos de forma assustadora pelos superlativos valores econômicos. É o que denuncia Paul Goodman quando escreve: "As escolas representam cada vez menos quaisquer valores humanos, reduzidas a mero ajustamento a um sistema mecânico. Ao visitar diversas escolas superiores através do país, fiquei horrorizado ao constatar quão raramente as matérias são estudadas no verdadeiro espírito acadêmico, com vistas à sua verdade e beleza, como parte integrante da cultura humana universal.. Ao nível do ensino superior a massificação assumiu as proporções de um verdadeiro escândalo acadêmico". Seguindo a mesma ordem de idéias, manifesta-se Galbraith:

"É desnecessário encarecer, diz ele, o fato de que o ensino superior está hoje amplamente ajustado aos requisitos do sistema industrial... Os educadores aceitam as doações que lhes são outorgadas pelo Governo Federal e, em menor escala, os fundos que lhes proporcionam diretamente as empresas industriais para ensino, pesquisa e bolsas, bem como subvenções para atividades e fins bem definidos, os quais coincidem com os do sistema industrial o que significa, praticamente, que o referido sistema, agindo diretamente ou por intermédio do Governo Federal "circunlocutou" a administração universitária, a fim de ajustá-la a suas exigências". E o autor lança um repto aos educadores: "Até ~~que~~ que ponto deve o ensino curvar-se às exigências da produção que são tão contrárias às verdadeiras condições do desenvolvimento cultural?"

O fato é que sob o influxo dos incentivos pecuniários do sistema e de acordo com os seus critérios de eficiência e de produtividade, o trabalho científico no âmbito da universidade se converteu em mera garimpagem erigida em carreira docente, a universidade se

fragmentou em departamentos especializados, mais ou menos estanques, cada vez mais estreitos, à mercê de especialistas cada vez mais bitolados que, atuando isoladamente, sem atentar para o conjunto, não raro provocam um desenvolvimento pejado de funestos efeitos colaterais. Quando os estragos em uma determinada área se tornam por demais severos, cria-se uma nova categoria de especialistas que, isolados em seus setores, acabam por se ajustar ao convívio pacífico com os especialistas que respondem pelas depredações. De positivo resta apenas mais uma profissão que se cria para satisfação dos mercadores de retalhos de idéias aos quais, obviamente, não interes- sam os destinos da civilização, nem do homem, nem da ciência como tal. Desenvolvimento, em sua estreita concepção utilitarista, equivale a industrialização no ritmo e no espírito do sistema, em cujo equacio namento não entra o homem nem o ambiente. O resultado de tal atitu de é a obliteração da visão de conjunto e uma deformação da pers- pectiva dos problemas globais do homem e da sociedade.

Esta especialização extrema e prematura induzida, em grande par- te, pela ambição de ganho fácil e rápido, infelizmente, é fomen tada não raro pelas próprias universidades quando, na realidade, como advertia em um simósio científico o Dr. Hubert Bloch, Vice-Presiden te da Fundação Nacional de Ciências da Suíça, "sua missão está em resistir à especialização, treinando seus estudantes de Ciências de modo a evitar que se transformem em operadores de linha de montagem".

Ora, a universidade tem por objeto, em última análise, o homem e o seu mundo, seus problemas, suas manifestações culturais, suas relações com o universo e não apenas sua formação profissional cada vez mais bitolada, mais especializada e mais utilitária. Não se trata de for mar profissionais intelectuais, deformados por um acervo de valores e de conhecimentos por demais tacanhos e utilitários, mas da forma- ção de autênticos intelectuais profissionais, vale dizer que profis sional de nível universitário deve estar em condições de ver as coi sas com a visão ampla do intelectual e não apenas através do pris ma estreito do profissional. Como muito bem salienta Robert Lynd referindo-se especificamente às Ciências Sociais: "Se enfatizar a cultura como elemento unificador no tocante às Ciências Sociais significa algo, é evidente que todo problema deve ser encarado no contexto amplo de cada setor relevante da cultura, incluindo o eco nômico, e o político, e o social e o psicológico".

Como instituição de ensino e pesquisa, cum, re à universidade, an- tes e acima de tudo, a investigação global das coisas, quer se trate do homem ou da sociedade, da política ou da tecnologia, visando es- sencialmente a verdade (relativa, evidentemente) em um mundo cheio de contrastes e de contradições.

Mai comparando, eu diria que a investigação global se centra p^{ra} a pesquisa especializada como a geologia, ciência global da crosta terrestre, se contrapõe ao garimpo à cata de preciosidades vendáveis. O geólogo esquadrinha o todo em benefício de todos; o garimpeiro explora sua lavra em busca da fortuna própria e da satisfação da vaidade de uns poucos.

"Os filósofos e cientistas, diz Jacques Barzun, são, ou eram até recentemente, espíritos universais, não no sentido de que conhecem tudo, mas no sentido de que procuravam unir tudo que conheciam em uma visão mental do universo".

O autêntico universitário, e esta deve ser a tônica da carreira, só pode ser um espírito universal ao qual interessa acima de tudo os princípios e os destinos da civilização. Em sua universidade não há ciências aéticas. As ciências naturais e humanas estão a serviço da sociedade e não do sistema. O Homem ocupa o primeiro lugar e a máquina está a serviço do Homem. O autêntico universitário não se deixa cegar pelo brilho excessivo da tecnologia, trabalha para o bem do homem e não da máquina, respeita a Natureza, não destrói o equilíbrio ecológico e promove o desenvolvimento global da Humanidade. Foi como vós dissestes. Cumprí o vosso juramento e certamente estareis em paz convosco e com Deus, mas não menos certamente, em guerra com o sistema. Como vos disse no início, vencestes uma batalha mas ainda não ganhastes a guerra. Não importa, como dizia o Poeta

Viver é lutar,
A vida é combate
Que os fracos abate,
Que os fortes, os bravos
Só pode exaltar.

que vossa carreira seja feliz e profícua são os meus votos de mestre e amigo.

no/ (1) Prometo que/cumprimento de meu dever de engenheiro, não me deixarei cegar pelo brilho excessivo da tecnologia, não esquecendo de que trabalho para o bem do homem e não da máquina, respeitarei a Natureza, evitando projetar ou construir equipamentos que destruam o equilíbrio ecológico; colocarei todo o meu conhecimento científico a serviço do conforto e desenvolvimento da humanidade; assim sendo, estarei em paz comigo e com Deus.

A UNIVERSIDADE E O HOMEM

W. A. MAUREN

Professor da Universidade Mackenzie, organizador do Instituto de Matemática e Física da Univ. Fed. de Goiás e membro da comissão organizadora da Fua, de Tecnologia da UNB

O prof. Anísio Teixeira dizia, certa vez, que as nossas escolas devem ser dirigidas, preferentemente, no sentido de ensinar o brasileiro a fazer melhor aquilo que ele já está fazendo. Singelas palavras que encerram uma profunda filosofia da educação e deveriam constituir um programa de política educacional.

A educação, como já se disse, é ao mesmo tempo um investimento e um bem de consumo. Como investimento cumpre-lhe atender, acima de tudo, o interesse coletivo e, neste sentido, deve conhecer para o desenvolvimento e o enriquecimento do país, promovendo a expansão de suas forças produtivas e o crescimento do bem-estar coletivo. Como bem de consumo cabe-lhe satisfazer, na medida do possível, o interesse individual, proporcionando a cada qual os meios de realizar-se como homem e como cidadão.

Conciliar estes dois interesses, nem sempre coincidentes ou mesmo convergentes, é a essência de uma política educacional esclarecida e patriótica. É a tarefa mais delicada e espinhosa do sábio educador.

Mão me parece que seja necessário encarecer o fato de que o nosso sistema de ensino, em todos os níveis, não está equacionando com a realidade brasileira.

Bastamos por demais apequados e modelos importados ou pré-fabricados que, embora de boa qualidade na mais das vezes, não se adaptam às con-

dições presentes e locais do complexo nacional.

Os nossos problemas educacionais apresentam matizes regionais, características singulares, profundas particularidades que reclamam soluções próprias, flexíveis, que sejam, antes de mais nada, adequadas às nossas condições particulares.

Em linhas gerais temos três grandes problemas a enfrentar e solucionar: a erradicação do analfabetismo, o desenvolvimento da agricultura e expansão industrial. Estes problemas são nacionais especificamente brasileiros e estão a exigir uma solução especificamente brasileira, solução que só poderá ser alcançada através de uma rede escolar bem orientada e altamente flexível.

Por certo não são estas as características do nosso atual sistema de ensino. Se examinarmos os seus diversos esboços no contexto desta problemática nacional, logo se reconhecer que a educação como investimento está longe de apresentar um rendimento satisfatório. Dependemos muito para oferecer a um elite mais ou menos abastada um bem de consumo relativamente barato e passavelmente bom, em detrimento dos muitos interesses da nação, deixando à margem a grande massa de brasileiros que rogam nas nossas ruas abandonados à sua sorte à mercê das endemicidades regionais e das contingências do clima e da terra.

A estas populações marginalizadas, bem mesmo as escolas primárias básicas, e se se ol-

harmos de ponto de vista lhes aproveitáveis porque é uma escola concebida em moldes abstratos, alheia ao seu mundo concreto, diversificado do meio ambiente. É uma escola que não se propõe ensinar ao filho do lavrador a fazer melhor o que lhe cumpre fazer.

É uma lição supor que todo mundo está ansioso por aprender o alfa. O mesmo analfabeto ou semi-analfabeto não chega a compreender porque os filhos devem ir à escola, aprender a ler e escrever quando logo que nada queriam para melhorar o seu "modus vivendi". Ele não vê nenhuma ligação entre o alfa e a sua cultura de milho, de feijão ou de arroz. É preciso convê-lo que o seu julgamento não é de todo errôneo. Uma escola que não ensina a fazer melhor o que se está fazendo, não está cumprindo com a sua missão. A cartilha, de si só, a simples alfabetização de nada valem quando não acompanhadas de uma adequada motivação. O companheiro que não vai além da cartilha continua tão analfabeto depois como era antes. Em seu casarão não entra nenhum jornal, nenhuma revista, nenhum livro. Deixa de seguir um novo saber, passa para fins eleitorais, goza de um direito que ele quando muito, gartular o seu exercio, via de regra, a maioria é a maioria do manda-chuva local.

Uma escola primária rural não pode ter o mesmo esboço que a escola urbana onde o próprio meio é, por assim dizer, um prolongamento natural, espontâneo da escola. O mestre-escola da roça deve estar plenamente integrado no meio rural, convenientemente preparado para poder transmitir conhecimentos úteis que

demonstrem ao próprio semear desconhecido que a escola faz muita coisa a lhe dar e que muita coisa útil se pode aprender através da leitura de um jornal, de uma boa revista ou de um bom livro. Todo plano de alfabetização, por mais fundamental que seja, que não contemple o aproveitamento subsequente dos conhecimentos ministrados, do alfabeto apreendido, reduzido ao mero decorepêndio de ditando, sem qualquer proveito para o indivíduo e emotivo prejuízo para a nação.

O ensino médio, não obstante, não possui tantas mentes graves, está igualmente mal alinhado com a realidade nacional. Excessivamente literário e burocrático, sua função tem sido unicamente canalizar bacharelados, no mais das vezes mal preparados, via "curriculum", as portas das escolas superiores. Como o aluno não possui um curso superior e o estudante reprovado no vestibular, (frequentemente, tardado em duas ou três escolas no mesmo tempo), só tem o recurso de voltar mais um ano ao curso não para nova tentativa no ano seguinte, ou procurar alguma outra qualificação, especialmente, pois, na verdade, não aprendeu e fez nada... além do vestibular.

No tocante às escolas superiores de caráter profissional que antecedem a organização de nossas universidades não se pode negar que se estabeleceram, a seu tempo e em seu modo, um papel importante na formação do Brasil de hoje. O começo pelas faculdades de Direito, que foram muito úteis de graduar bacharéis capazes de atuar em nossos tribunais e no país anuentes juristas e pro-

vetas políticas não menos amáveis, sem falar no maior bem das coisas as instituições liberais e democráticas. As escolas profissionais, por seu turno, representaram uma contribuição decisiva no desenvolvimento econômico nacional. Todavia, as politécnicas na acepção tradicional e etimológica da palavra, devido às suas estruturas rígidas, sem caráter empírico, sem possibilidades de inovações, tornaram-se obsoletas face à industrialização em marcha acelerada, cada vez mais complexa e diversificada, e cujas solicitações não se ajustam.

Quanto às faculdades de Medicina, embora em geral de alto nível, jamais apresentaram as condições necessárias para resolver os problemas sanitários do país. Foram e continuam a ser escolas de elites para elites. Cultuando sobretudo, a formação de especialistas dedicados a áreas cada vez mais restritas da medicina, sem qualquer diminuição correspondente na extensão dos cursos, as faculdades médicas representam um onus pesado, quer para o estudante, quer para o Estado, ao passo que o seu rendimento quantitativo se torna extremamente escasso. Este renascimento da medicina é, por certo, altamente vantajoso para o médico e pode ser de conveniência de uma reduzida clientela privilegiada, mas não atende aos interesses da população como um todo, cuja saúde fica à mercê do curandeiros, das mezinhas quando não da água oxigenada e do ipê-roxo.

As universidades que se constituíram pela simples agregação, dessas e outras escolas de caráter profissional, tiveram como único propósito a criação de uma faculdade de Filosofia, cujas finalidades, fixadas em lei, consistiam na formação do magistério secundário e na promo-

ção de estudos em nível universitário.

No mais, tudo continuou como se nada tivesse acontecido. Cada escola se desenvolveu estritamente confinada à sua esfera de atividade, mantendo intacta sua estrutura, seu regime de trabalho e suas normas de ensino.

O prof. Valmir Chaves descreveu muito bem este estado de coisas quando afirmou: "... a nossa universidade é como que não tem consciência nem fim, não tem base e a escola constituída que foi pela soma das escolas profissionais pré-existentes que não se ajustaram ao estado atual. É mais adiante: "O que se veio a chamar de Universidade Brasileira não chegou a ser universidade, na acepção técnica da palavra, por insistir em permanecer, por inerência estrutural e funcionalmente como tal, nem é brasileira, como pode e deve ser, por não estar em equação com as características atuais da realidade nacional.

Como se vê, o problema está em equacionar a Universidade com a realidade nacional, o que não deixa de ser uma tarefa bastante delicada, porque, no fundo, a própria Universidade e os homens que a integram são características desta realidade. A realidade brasileira não é um ente metafísico alheio ao Homem; suas características presentes, presentes e futuras são o ser e o fruto do Homem em si. São os homens como indivíduos e como coletividade que formam a realidade. Se, portanto, a realidade nacional se apresenta deformada ou desfigurada, sempre dar-lhe o caráter adequado é, para tanto, quer-se pareça, mais ou menos do que não um problema a presença de Anísio Teixeira, ensinando ao brasileiro a fazer melhor o que

está fazendo e, isto, a partir da universidade.

Se a universidade não está em equação com a realidade nacional, no dizer do prof. Valmir Chagas, é que no seu equacionamento se fez caso omisso do elemento principal, que é o homem como profissional e artífice da realidade.

O homem foi sempre subestimado em nosso sistema universitário e, por repercussão natural em todo o nosso sistema de ensino, onde prevalece o que poderíamos chamar de mística dos estereótipos, quase sempre importados e mal assimilados. Acreditamos mais na virtude mágica das palavras do que na eficácia da ação. As nossas universidades constituídas pela simples reunião de escolas pré-existentes, mediante a justaposição de uma faculdade de Filosofia, são um produto genuíno desta atitude insólita. A lei que as criou deu-lhes a devida consistência, cuidou do estudo de seus currículos e regulou o seu funcionamento em todas as suas minúcias.

As universidades assim organizadas limitaram-se a ser o que tinham sido as escolas profissionais pré-existentes: um bem de consumo reservado a uma pequena elite mais abastada ou, pelo menos, mais bem dotada. Confinadas aos grandes centros urbanos, sem penetração no interior e sem projeção ao exterior, eram ao seu modo altamente desenvolvidas, em contraste com as vastas regiões subdesenvolvidas do país. Seu regime didático estava ajustado aos seus objetivos pragmáticos. Os professores, via de regra, eram profissionais promovidos a catedráticos através de um concurso que lhes assegurava, além de um título honorífico, a posse definitiva de uma cátedra.

Colhendo seus frutos as atividades profissionais estranhas à universidade, podiam dar-se o luxo de reservar algumas horas semanais aos seus encargos de leites, em troca de um salário improprio à sua substância mas, ainda assim, plenamente satisfatório para compensar as poucas aulas que lhes tocava ministrar. Era uma universidade de profissionais para profissionais, onde um simples concurso fazia de um profissional um professor, para não dizer um educador.

As faculdades de Filosofia apenas a estas escolas de formação profissional, não obstante tivessem por finalidade a cultura desinteressada e a pesquisa, foram subornadas ao mesmo sistema de donatários de cátedras com proventos de leites. Não se julgou necessário preparar um corpo docente adequado aos novos currículos nem se cogitou de criar as condições indispensáveis para a promoção da cultura desinteressada e da pesquisa. Os concursos tinham o condão de prover os professores a título de leites. De resto, não se falou de um caso excepcional. Ainda por ocasião dos últimos reformos do ensino, foram incluídas em diversos currículos, em caráter obrigatório, certas matérias para as quais se faltava de

professores habilitados. É o caso, por exemplo de linguística no curso de letras, de instrumentação no curso de física de cálculo numérico nos cursos de engenharia, de física e de matemática, para só citar alguns exemplos característicos. Majorias estas para as quais não existiam professores nem livros. Aliás, é um fato digno de nota que o livro didático, entre nós, foi sempre tido como algo perfeitamente dispensável, com o qual não se deve perder tempo. Enquanto todos os países culturalmente mais avançados cuidaram antes de mais nada, de produzir e publicar livros didáticos e se empenharam em produzi-los em quantidade cada vez maior e de qualidade sempre melhor, nós outros preferimos consolar por cima, garantindo as últimas novidades em matéria de pesquisa, que redimem, mais em prestígio e promoção pessoal do, no fundo, em mera reflexo da indiferença e desleixo com que se tem tratado tudo que diz respeito ao ensino em si. O educador propriamente dito, que vê no aluno o objeto principal de sua obra, é um personagem de muito modo estranho à nossa universidade. Em reconhecimento, promove-se a educação, com abundância de especialistas, qualquer professor que, por anos a fio, se limitou a memorizar no alto de sua cátedra, pontificando na sua pequena área do saber. Já agora, segundo os novos estereótipos, é o pesquisador que passa a ser o grande educador, embora, não raro suas pesquisas o tornem em um mundo impenetrável a seus discípulos. O que menos preocupa os leigos do nosso ensino universitário é o professor como instrumento do ensino e o aluno como objeto de educação.

É mais recente a generalização, embora em escala menor, e a maioria da carreira docente que visa converter o ensino de um profissional em carreira oficial. Quando os ramos oficiais o professor fica obrigado a percorrer uma sequência de escolas e fim de conquistar os diversos títulos que lhe asseguram o acesso ao último estágio da carreira, freando pelas circunstâncias a cuidar antes de si e de sua promoção do que da eficiência e do rendimento de suas atividades docentes que, por estranho que possa parecer, não contam na obtenção do título de professor. Nestas condições, não é nada incomum que o professor negligencie suas funções docentes, a começar por aulas mal preparadas até programas mutilados e mal cumpridos. Absorvido em seus problemas pessoais, solitário por uma área restrita, objeto de sua preferência, ao invés de estabelecer e dominar a fundo, em toda a sua extensão, a matéria que lhe caberia ensinar no interesse do aluno. O docente como matéria-prima da educação não entra neste equacionamento de carreira do professor. Desprovido de livros didáticos desamparado pelos mestres, se lhe resta com o resto a sua educação nos trabalhos e acontecimentos de sala, este é por excelência de nosso ensino.

Estamos diante de uma situação inversa de valores. A pesquisa, que deveria ser um subproduto natural, espontâneo, do ensino, passa a ser a meta principal e a função básica da universidade. Decorre desta mudança de pesquisa para ensino, indiferentemente a defendida, um desvirtuamento

propositos e de seu legítimo interesse.

É um fato bastante sintomático que nos poucos centros em que a pesquisa chegou a se firmar, constituíram-se núcleos divorciados do meio ambiente, vagados em moldes genuinamente americanos, que pesquisar segundo padrões americanos a divulgar os seus trabalhos em revistas americanas e, como se isto não bastasse, exportam os próprios pesquisadores à América do Norte, arreitados lá não por salários mais compensadores e melhores condições de trabalho, é o que poderíamos chamar de pesquisa de exteriorização e não, como deveria ser, uma pesquisa de penetração, voltada para a realidade interior, objetivando proporcionar ao brasileiro os meios de fazer melhor aquilo que já está fazendo e tirar melhor proveito do seu trabalho. Muito se tem falado no fracasso das faculdades de filosofia, que não teriam logrado nem mesmo atingir adequadamente a sua finalidade precípua de preparar candidatos ao magistério secundário. De fato, a julgar pela qualidade de nosso atual ensino médio, dificilmente se poderá afirmar que as faculdades de filosofia concorream para que se fizesse melhor o que se fazia mal. Todavia, não se pode dizer, em sua consistência, que as faculdades de filosofia não estão em condições de desempenhar o seu papel satisfatoriamente, uma vez desmembradas do pedantismo de seus currículos e dos preconceitos de seus impropriedades. O erro não está na sua estrutura, como se pretenda fazer crer em certos setores responsáveis pelo seu escasso rendimento.

Observamos que aos poucos professores se esboçasse, antes de mais nada, o que ensinar e como ensinar, aos futuros pesquisadores constitui ensinar primeiramente a pesquisar o que se deve pesquisar. Pretender formar professores e pesquisadores calcados nos mesmos moldes redunda em desperdício de dinheiro, em desperda de valores; quer formar pesquisadores antes de professores equivale a voltar a base a própria universidade. Igual interesse tiveram as diversas tentativas de atualização das faculdades de filosofia com as escolas de formação profissional no sentido de conjugar esforços e centralizar atividades em áreas comuns.

Preconceitos profundamente arraigados, atribuídos em velhas estruturas estereotipadas, impediram que as faculdades implantadas no complexo universitário exercessem qualquer influência fora de suas fronteiras. Cada escola profissional, na medida de suas necessidades, criou a sua matemática, sua física ou a sua química próprias, sem qualquer vinculação com os núcleos de formação de matemáticos, de físicos ou de químicos admitidos na faculdade de filosofia.

Visando corrigir estas falhas congenitas de um sistema universitário anacrônico, que, e bem dizer, sequer, não chegou

a ser universitário, instalou-se a Universidade de Brasília, baseada em novos valores, buscando ao longo de sua existência, possa considerar legitimamente universitária, na acepção técnica da palavra.

Contudo não se pode dizer que a Universidade de Brasília seja uma universidade brasileira, equacionada com a realidade nacional, adequada ao meio em que foi implantada. Seu arcabouço aparatoso, seus ideais de optância, sua ambição de alta cultura, de alta ciência, de alta tecnologia, lembram uma obra de ciência ficcional, trilhada à valde nacional, fruto do intelectual pedantismo de certos escultores do ensino que preferem copiar modelos alheios a planejar seus próprios esquemas em termos objetivos, de acordo com as características locais e atuais da realidade nacional.

Na verdade, o mínimo que se pode dizer da UNB é que era nascido de coisas voltadas para o Brasil. Destinada a ser, desde o início, uma grande centro de alta pesquisa, sobretudo em assuntos puros e em tecnologia avançada, no melhor estilo dos mais renomados universidades americanas, não lhe cabe nenhum papel de desviar as soluções dos problemas nacionais, mais modestos, menos espetaculosos, mas nem por isso menos importantes. Ensino e pesquisa estão voltados para o exterior e não para o interior, como poderia e deveria ser. O ensino, ao invés de se equacionar diretamente com o meio ambiente, está acoplado com os grandes centros de pesquisa científica e tecnológica, o crescimento de uma sociedade altamente industrializada, com os quais se dispõe a rivalizar e manter intercâmbio e, eventualmente, como tem sucedido em outros casos, fornecer-lhes um quinhão de recursos míseros e pesquisas humanas. É deveras sintomático o fato de que em Brasília os cursos de licenciatura têm a mesma duração dos cursos de arquitetura e engenharia (5 anos), o que se pode reduzir em franco desvirtuamento aos já poucos ocidentais no magistério secundário, quando os fatos estão a indicar que uma das principais preocupações de uma universidade, em Brasília, deveria ser a formação de professores bons e muitos, a fim de atender às imensas necessidades de todo o Brasil Central e das regiões nordestinas.

A pesquisa, como está prevista, não está menos divorciada da realidade ambiente do que o ensino. Pretende-se criar e estimular uma pesquisa artificial, uma pesquisa de exteriorização, para inglês ver, como se diz no tempo do tráfico de escravos, e não uma pesquisa de penetração, a serviço do desenvolvimento.

Um resultado prático bem característico desta invenção de valores está configurado no fato altamente significativo, de que há ao encontro em Brasília um equipamento eletrônico dos mais modernos, ao passo que o laboratório de física geral não dispõe de um mínimo de material indispensável para atender a um curso razoável de física experimental básica. Diz-se a bem da verdade, que o referido equipamento está trancado a chave, inutilizado e inutilizado, a esport de quem o possui e funciona.

A UNIVERSIDADE E O HOMEM ^{Folha} 13/8/67

Publicamos hoje a conclusão do artigo iniciado domingo último, do prof. W. A. Maurer, da Universidade Matoense, organizador do Instituto de Matemática e Física da Universidade Federal de Goiás e membro da comissão organizadora da Faculdade de Tecnologia da UNB.

Sua Faculdade de Tecnologia que se limitou este ano com os cursos de engenharia civil, mecânica, eletrotécnica e química, não acusa nenhum progresso sensível em relação aos nossos tradicionais cursos de engenharia, com a agravante de que, exclusiva feita da construção civil, não existem em Brasília condições próprias para um eficiente ensino tecnológico. A simples mudança do nome de escola Politécnica para Faculdade de Tecnologia não basta para remodelar o conteúdo. Quanto aos institutos centrais, que deveriam constituir uma estrutura de células intimamente entrosadas, já manifestam uma acentuada tendência à formação de verdadeiros quilos, cada qual vivendo sua vida individual, como convivem as escolas de nossas universidades obsoletas.

Estes fatos e outros mais levam a crer que a UNB não só foi concebida à margem da realidade nacional, mas nasceu distorcida, vítima da improvisação dos homens que respondem pelos seus destinos.

Mais uma vez se comprova que uma estrutura, por melhor que seja, não é o bastante para fazer uma boa universidade e muito menos para formar uma autêntica universidade brasileira, cujos verdadeiros propósitos, quer no que se refere ao ensino, quer no que se refere à pesquisa, devem consistir em uma contribuição pessoal. Existem dezenas de universidades no mundo, todas de excelente qualidade, que trabalham em silêncio, empenhadas modestamente em aprimorar, pelo ensino e pela pesquisa, os meios de produção e o rendimento do trabalho de pequenas nações já altamente desenvolvidas. São universidades que objetivam, precipuamente, preparar o homem a fazer melhor aquilo que já está fazendo. Tais padrões, porém, não são do sabor dos apologistas da universidade para uso externo.

Se almejamos, efetivamente, fazer da universidade e da escola em geral o veículo do progresso e o instrumento do desenvolvimento, levando, antes de mais nada, o brasileiro a obter maior rendimento do seu trabalho, torna-se mister desembaraçar o nosso ensino

instrução e da exibição e criar condições de trabalho eficiente em todas as áreas do conhecimento e da produção.

Dignas de ponderação e assas oportunas parecera-me as apreciações que fazia, há tempos, o prof. Melin, da Universidade de Nancy, acerca do sistema de ensino polivalentemente vigorante na Alemanha já nos tempos da monarquia. «Por toda a parte na Alemanha — diz o articulista — os particulares, as cidades e os Estados empenham-se em criar instituições escolares suscetíveis de oferecer as formas de instrução mais apropriadas. Não se procurou moldar à força, ou por amor, todos os espíritos em um molde uniforme, tipo único de doutor, sistema funesto entre todos, mas, ao contrário, multiplicaram-se as escolas especiais, práticas, técnicas, industriais e comerciais, de modo que as aptidões, mesmo as mais modestas, pudessem ser utilizadas: isso fez, muito justamente, que a Alemanha tivesse inventado uma nova arte: a utilização de todas as mediocridades.»

Um sistema de ensino que não chega a atingir este alvo pode servir a certas classes, mas não atende aos interesses da nação como um todo, muito menos a uma nação a Drágoz com a industrialização e a integração, no desenvolvimento, de grandes massas marginalizadas.

O aproveitamento ao máximo de todas as aptidões, mesmo as mais medíocres, e não a coisa-manutenção de privilégios mal fundados, é que promove o desenvolvimento e o progresso do país.

«A libertação dos preconceitos é o fator principal na orientação pedagógica, como muito bem se expressou ainda há poucos dias o ilustre secretário da Educação, prof. Vilhes Cintra.

A verdade inexorável é que só teremos uma autêntica Universidade brasileira quando, libertados da mistica dos paradigmas importados e dos preconceitos dos padrões rígidos e intangíveis, fizermos do Homem, em toda sua plenitude, o objeto e o objetivo do ensino em geral e da Universidade em particular, visando aperfeiçoar-lhe as aptidões, de modo que venha a fazer melhor aquilo que já está fa-

O fantasma da mediocridade eficiente

"O culto da mediocridade eficiente é um dos fantasmas de nosso tempo que mais mistos tem provocado nas pessoas com bom senso". Cachimbo na boca sorridente, e expressão de inteligência simpática, o prof. Willie Alfredo Maurer, 66 anos, alinha suas críticas ao ensino e ao professor.

"Considero os professores brasileiros de primeiro grau os mais pesadamente remunerados. Em qualquer país do mundo, especialmente os civilizados, eles têm um padrão de vida condizente com a função que desempenham, ganham para se sustentar e à família. Aqui, não têm com o que viver e passam a exercer a profissão como "bico". Basta dizer que os homens brasileiros já se afastaram desse tipo de trabalho".

"O problema criado pela chamada "reforma do ensino", ao desdobrar para 8 anos o ensino de 1.º grau, complicou ainda mais a situação. Eu pergunto: por que, antes de fazer tais leis, não foi cuidada com carinho a questão da remuneração do professor primário?".

REFORMA

"Essa "reforma" já nasceu falha. Deveriam ter consolidado um ensino de primeiro grau de 4 anos, torná-lo efetivo e obrigatório e preparado o professor, dar-lhe uma remuneração condigna. Assim como vemos é lamentável: não há pedreiros, não há mestres no sentido lato da palavra. Além do mais, falam em profissionalização do primeiro grau: poderia ser vantajosa, mas onde estão os professores convenientemente preparados para tal papel?".

"Quase a mesma coisa que digo para o primário, vale também para o 2.º grau. De um modo geral, os professores de outros países também podem viver da profissão. Aqui, para ganhar de acordo com seu nível social, precisa-se trabalhar em mais de um colégio, dar em média 40 aulas por semana, o que é realmente um absurdo. Tem que comprar livros atualizar-se, preparar seus cursos, como o fará sem tempo e dinheiro?".

"Quanto ao professor universitário, este se encontra mais protegido. Conseguir viver razoavelmente, especialmente se trabalha na Universidade de São Paulo, em tempo integral".

"Acho que na Reforma há coisas grandiosas, mas nunca referentes ao professor primário e secundário. Todos se queixam, no Brasil, no nível de ensino dos cursos secundários, mas a que se pode esperar de um mestre mal pago?".

"Parece estar consagrada entre reformadores de ensino no Brasil, o palavreado bombástico e o esquecimento do elemento principal que é o ser humano".

"Um dos exemplos de tal colocação é a criação de Faculdade de Filosofia: de fato, são teoricamente de bons níveis, mas os professores chamados são advogados, engenheiros, ou médicos, nenhum com a formação pedagógica indispensável. Esse problema talvez seja superado um dia, mas até lá, que enchurrada de mediocridade vai nos afogar!".

"É importante ressaltar a exceção que a USP forma nesse quadro. Professores europeus vieram para cá nos primórdios e formaram uma geração de mestres de bom nível. Meus professores — Fantapier, da Universidade de Roma, Abanes e Wataphin, foram pioneiros e transmitiram seus conhecimentos a um grupo de bons pesquisadores, formaram um espírito científico, contribuindo dessa forma para uma possível continuidade do respeitável trabalho universitário".



O professor Willie Alfredo Maurer nasceu nos EUA e veio para o Brasil aos três anos de idade. Nunca mais saiu do País. É professor de Física e Matemática, formado pela Universidade de São Paulo. Foi diretor do Instituto Mackenzie durante muitos anos e organizou o Instituto de Física e Matemática da Universidade Federal de Goiânia, onde lecionou três anos. Atualmente está aposentado e escreve um livro sobre a "mediocridade eficiente".

"Atualmente o que vemos é um terrível culto à mediocridade eficiente. Sendo eficiente, não importa quão medíocres é".

"A escolaridade obrigatória no resto do mundo, por oito anos, mostrou-se desastrosa. Nos EUA por exemplo, a escola já está se tornando um verdadeiro caso de polícia. Que interessa obrigar as pessoas a ficarem presas na escola? Quando saem, não desejam fazer mais nada, tornam-se marginais com frequência. Na França também está ocorrendo o mesmo fenômeno. É a falência da escola. Antes de introduzir uma reforma, os técnicos responsáveis deveriam conhecer primeiro o que acontece no mundo".

"Como é sabido, apenas 14% das crianças que entram no 1.º ano, aqui no Brasil, conseguem chegar à 8.ª série. Essa evasão merece uma análise mais profunda. Tenho certeza de que novas reformas serão necessárias em não tão curto espaço de tempo."

Artificial

"A escola está ficando cada vez mais artificial. A Unesco tem um bom trabalho sobre o assunto. Há uma frase que não posso esquecer, de um grande educador norte-americano: "a escola está morta."

"É preciso refundir tudo. É muito difícil dizer qual o papel do professor nisso tudo. Creio que devemos distinguir os que querem estudar dos que não querem. Aqueles que não quiseram estudar precisam ter as mesmas oportunidades de ganhar dinheiro, pois é o que desejam em termos de "gozar a vida". Ou mudamos tudo — o que é realmente muito difícil — ou permitimos novas saídas para os que não desejam estudar."

"Abolir as escolas me parece uma ideia fantástica. O professor deve existir e ensinar, mas para os que querem estudar. As escolas precisam ser sérias e profundas. A informação já não é mais o importante em educação. Formar é essencial e aí o professor exerce um papel insubstituível. Nenhuma máquina poderá ser posta em seu lugar. Mas quando o próprio mestre é mal formado, como aqui acontece, que se pode esperar?".

Doutoramento

"Nos EUA o doutoramento está completamente desmoralizado. Fala-se já em graduações após a pós-graduação. Qualquer tese sem importância, que nada acrescenta à Ciência, vale como título. O preparo "rápido" e "eficiente" dos cursos de pós-graduação propõe apenas a fabricação em massa de "doutores".

"Da maneira que caminhamos, chegaremos a ficar parecidos com a Índia ou com o Egito. Na Índia há 60 mil engenheiros desempregados. Aqui fabricamos bacharéis em massa. Pergunto: para que? Um país pobre não pode dar-se ao luxo de desperdiçar dinheiro em empreendimentos votados ao fracasso."

Subserviência

"Se nossos professores não fossem tão subservientes, as escolas mediocres acabariam por si mesmas. Eu nunca fiz concessões. Os professores trabalham contra si próprios quando acatam a mediocridade das "indústrias de educação": trabalham contra a profissão, desmoralizando-se e desonrando o papel que o mestre deveria desempenhar na comunidade."



UNIVERSIDADE MACKENZIE
SÃO PAULO

PLANO DE REESTRUTURAÇÃO DA UNIVERSIDADE MACKENZIE

Exposição de Motivos

Magnífica Reitora.

Tenho a honra de encaminhar a Vossa Magnificência, conjuntamente com esta exposição de motivos, o plano de reestruturação da Universidade Mackenzie.

A reforma sugerida, embora refletindo essencialmente um ponto de vista pessoal sobre a estrutura universitária, constitui uma tentativa de ajustar a nossa Universidade ao espírito do decreto-lei nº 53, mediante a adoção de preceitos, quando não idênticos, pelo menos equivalentes aos daquele decreto.

Passarei a expôr sumariamente as características gerais das inovações propostas e as razões que me induziram a introduzi-las.

1. Comissão Executiva.

A criação de uma Comissão Executiva nos moldes propostos, parece-me atender ao disposto no item V do art. 2º do decreto-lei nº 53, além do que apresenta a vantagem óbvia de aliviar o Reitor de uma série de preocupações de ordem administrativa, permitindo-lhe cuidar com mais desafogo das implicações sociais inerentes ao seu alto cargo. A Comissão Executiva deverá constituir o órgão centralizador por excelência das atividades universitárias, cabendo-lhe assegurar a indispensável unidade do complexo universitário. Assim sendo, parece-me natural que seja dotada de amplos poderes em todos os assuntos de ordem didática e administrativa. A inclusão de um assessor técnico ou de Relações Públicas não é fortuita. Para que a Universidade possa cumprir um programa de atividades subsidiárias, sobretudo no campo da pesquisa e das aplicações, é essencial que ela se exteriorize, mantendo estreitas relações com o mercado de trabalho, com as fontes de produção e com entidades diretamente interessadas na pesquisa científica e tecnológica.



2. Escolas e Cursos.

O esquema proposto faz caso omisso das escolas ou faculdades como unidades didáticas ou administrativas. Na realidade, só o apêgo intransigente à tradição e a um estado de coisas obsoleto, poderiam justificar a sua manutenção com evidente prejuízo para a constituição orgânica e unitária da Universidade. Ninguém ignora que toda classificação de escolas ou faculdades é, de certo modo, convencional e arbitrária como são arbitrárias e convencionais, outrossim, todas as tentativas de classificação das ciências. Poder-se-ia argumentar que uma classificação se justifica ou se impõe por conveniência, como recurso ordenador. Mas, é neste sentido, precisamente, que a divisão em faculdades como se apresenta atualmente me parece inútil e mesmo danosa, posto que tenha como única razão de ser o seu caráter de território autônomo, assegurado por um passado que importa superar.

A propósito, é interessante lembrar aqui o fato pouco conhecido, de que o Mackenzie quando ainda era o "College", lá por volta da primeira década do século, já constituía uma Universidade em estado embrionário, compreendendo quatro seções como eram denominadas, a saber:

- a) Matemáticas e Engenharia;
- b) Ciências naturais;
- c) Letras e Ciências históricas;
- d) Comércio.

As três primeiras eram consideradas cursos acadêmicos e conferiam, respectivamente, os graus de bacharel em engenharia (B.E.), bacharel em Ciências (B.S.) e bacharel em letras (B.L.). Com o correr dos anos, ~~o "College" dos anos~~, o "College" desdobrou-se em escolas organizadas segundo os padrões nacionais, acabando por constituir-se em uma universidade estruturada segundo o mesmo padrão nacional. Se, portanto, a tradição deve pesar em nossas decisões, não vejo porque aquela organização primordial se ja menos digna de ser invocada do que a ulterior constituição de escolas implantadas segundo critérios de certo modo arbitrários e dotadas de uma ilusória autonomia, conferida por uma legislação rebaixativa e rígida, definitivamente superada.

A conservação das fronteiras tradicionais que delimitam convencionalmente as nossas escolas e faculdades, constituiria,



por certo, um sério entrave à realização de uma verdadeira unidade universitária. Há congregações cuja complexidade nada fica a dever a uma Assembléia universitária. Suas deliberações, nestas circunstâncias, são via de regra de todo inexpressivas.

3. Unidades básicas e subsidiárias.

Daqui a minha sugestão de que se tome como unidade e unidade básica, aquilo que realmente desempenha o papel da unidade básica, isto é, o curso de graduação. Unidade porque constitui um todo de conteúdo bem definido que dá acesso a uma carreira igualmente definida, e básico porque representa o ponto de partida e o objetivo primordial de toda atividade universitária.

Quando, portanto, contraponho unidades subsidiárias a unidades básicas, não é minha intenção, evidentemente, opor unidades menos importantes a unidades mais importantes. Deve-se entender que se trata da sobreposição, aos órgãos iniciais, tomados como base, de órgãos de consolidação, de reforço, de desenvolvimento e de expansão.

No mesmo sentido deve-se entender a relação entre unidades e sub-unidades. Não se trata, ainda aqui, de uma escala de importância, mas antes de uma ordem cronológica. Em termos concretos, um centro de pesquisa, concebido como sub-unidade do departamento, assinala um estágio superior da estrutura universitária, resultado de uma crescimento orgânica natural. Digo natural porque estou convencido de que uma vez organizado adequadamente o trabalho universitário, a pesquisa resulta como um subproduto espontâneo do ensino.

4. Ensino e pesquisa.

Coerente com este ponto de vista, não me ative rigorosamente à letra do item I do art. 2º do decreto-lei nº 53, quando preceitua:

" Cada unidade - faculdade, escola ou instituto - será definida como órgão simultaneamente de ensino e pesquisa no seu campo de estudo".

O ensino em nível de graduação visa formar profissionais competentes e não maus pesquisadores. O que mais importa em um curso de graduação é ensinar a fazer sempre melhor aquilo que já



concorrer para aprimorar o ensino por meio do treinamento e da pesquisa, pelo emprêgo de novas técnicas e novos recursos de modo a manter o ensino em dia com o progresso em marcha.

Quer-me parecer que se impõe aqui um esclarecimento. Existe uma certa ambigüidade no tocante às implicações da palavra pesquisa, de modo que se torna necessário precisar a sua conceituação no contexto da estrutura proposta.

Na linguagem vulgar emprega-se o termo com bastante liberdade, segundo uma gama que vai desde uma simples averiguação de fatos até a investigação criadora e inventiva. Fala-se vulgarmente em pesquisa de mercado ou de opinião pública, pesquisa literária ou bibliográfica, pesquisa do solo ou pesquisa da verdade. Nesta acepção, uma busca de informações, a análise de uma obra ou de uma substância, a coleta e processamento de dados, se qualificam como pesquisas.

No campo das ciências, porém, uma tal concepção de pesquisa é inconsistente. Para o homem de ciências, a pesquisa é, essencialmente, uma atividade criadora, ocupação de um pesquisador, que transcende à mera repetição de operações mais ou menos rotineiras. Uma experiência de física envolve, normalmente, uma coleta de dados, sua análise e processamento, mas nem por isto chega a ser uma pesquisa na acepção técnica do termo ou pelo menos, não no sentido que o físico atribui à palavra.

De certo modo todo professor de química realiza pesquisas químicas em suas aulas de laboratório; mas esta categoria de pesquisas não é de molde a conferir-lhe o qualificativo de pesquisador, nem se pode dizer, em sua consciência, que esteja promovendo a pesquisa aliada ao ensino. A pesquisa nestas circunstâncias é parte integrante do ensino da matéria e poderá, quando muito, ser considerada um adiestramento para a pesquisa. O professor de química só se qualifica como pesquisador quando se dedica à pesquisa extracurricularmente.

Convém assinalar, de passagem, que os russos instituíram recentemente um curso de engenheiros de pesquisa, promovendo-a assim, à categoria de verdadeira carreira ou profissão.

Concebida a pesquisa nestes termos, não cabe, evidentemente, definir toda unidade universitária como órgão simultaneamente de ensino e pesquisa. Nestas condições, pareceu-me justificável contrapor à pesquisa em sentido genérico, a conceituação



de pesquisa em sentido específico, como autêntica atividade profissional, vinculada à carreira docente. Compreendida em sentido genérico a pesquisa, como o adiestramento, está implícita na própria essência do ensino universitário. No meu entender, atividades tais como a busca de informações, a coleta de dados ou a pesquisa bibliográfica, devem ser de rotina em um curso de graduação, como é de rotina o adiestramento através da exercitação e das aplicações. No sentido específico que lhe atribuo, a pesquisa deve entender-se como atividade paralela e subsidiária do ensino, parte integrante da Universidade como instrumento do progresso e do desenvolvimento.

O Prof. Ulhoa Centra, ilustre Secretário da Educação e ex-Reitor da USP, parece-me ter situado em termos exatos a relação ensino-pesquisa, quando afirma:

" Acho que a responsabilidade de cada professor de ensino superior seria de trabalhar como professor ensinando muito mais do que realmente faz. Não ignoro que muito tempo é gasto e deve ser gasto em pesquisas científicas. Mas há prioridades e prioridades. E uma prioridade inegável é esta: ensinar e ensinar muito mais. E poderíamos multiplicar o atendimento ao número de estudantes que desejam escolas superiores se os professores tivessem a idéia de que é um dever cívico, um dever patriótico e um dever humano se abstrair um pouco desta muitas vezes legítima, mas muitas vezes fracassada, chamada pesquisa, que dá essa coisa agradável que é viver em laboratório, tranqüilo, com a justificativa íntima de que se está trabalhando em pesquisa, mas que na verdade, é uma fuga de uma atividade socialmente muito mais útil. "

A pesquisa mal concebida e mal orientada pode causar mais danos do que benefícios, pelo desperdício de energias e de dinheiro que inevitavelmente acarreta. Para que a pesquisa não se torne mera fuga de necessidades mais prementes e deveres mais imediatos, pareceu-me de boa norma, conferir-lhe um organismo próprio que, uma vez criado, ofereça as indispensáveis condições de trabalho e de produtividade.

5. Matérias básicas e profissionais.

Deve-se notar, outrossim, que na organização dos departamentos, não dei maior atenção à discriminação entre ciclo básico



e ciclo profissional. Como na constituição de faculdades, não existem aqui normas seguras para distinguir o básico do profissional. Nem mesmo os currículos mínimos elaborados pelo Conselho Federal de Educação podem servir de diretiva neste particular. Assim é que nos currículos de engenharia, por exemplo, figuram como básicas, matérias tais como mecânica dos fluidos, resistência dos materiais, economia estatística e organização industrial. O mínimo que se poderia objetar, é que estas matérias não podem ser consideradas básicas na mesma acepção. Pode-se conceber perfeitamente um engenheiro sem a cadeira de economia estatística e organização industrial, mas não é possível fazer um curso de engenharia sem a cadeira de resistência dos materiais. A mecânica dos fluidos, como matéria básica, é essencialmente teórica e poderia ser dispensada uma vez que fossem incluídos os seus elementos essenciais na cadeira de hidráulica. Nestas condições, a cadeira de mecânica dos fluidos teria lugar em um departamento básico, isto é, no Departamento de Física; o mesmo, porém, não se dá com a resistência dos materiais que, na concepção do físico, é uma cadeira aplicada, de formação profissional e não básica.

Por estas e outras razões, pareceu-me inútil insistir na distinção entre básico e profissional, caracterizando simplesmente os departamentos pela sua função precípua de agrupar cadeiras e disciplinas que pela sua natureza e finalidades devem constituir um todo orgânico.

6. Departamentos e cadeiras.

Igualmente discutível me parece a determinação de que o departamento seja a menor fração da estrutura universitária. Mesmo que tal solução fosse viável sem exceção, o que é bastante improvável, caberia ainda perguntar se ela atende realmente aos interesses do ensino. Há cadeiras que dificilmente se ajustam a um departamento e, doutra parte, não comportam uma estruturação em departamento, pelo menos nas circunstâncias atuais. Se nos atemos à conceituação de departamento como a agregação de disciplinas afins e a congregação de professores e pesquisadores para objetivos comuns de ensino e pesquisa (decreto lei nº 252, art. 2º, § 2º), tal imperativo aplicado obrigatória e indiscriminadamente acarreta o risco de comprometer a própria finalidade da estruturação de



partamental, conduzindo em certos casos à constituição de departamentos de todo artificiais e inoperantes.

Nestas condições, parece-me aconselhável adotar uma solução de compromisso com a realidade, promovendo uma estruturação flexível, capaz de atender às peculiaridades das cadeiras preexistentes quanto à natureza e à complexidade das matérias em jogo. É a sistemática das "Technische hochschulen" alemã que já em um trabalho anterior tive ocasião de divulgar no âmbito da Universidade, trabalho que tomo a liberdade de anexar a esta exposição de motivos, dada a atualidade das citações e transcrições nele contidas.

Como se pode ver no plano curricular da Escola Técnica Superior de Darmstadt aí transcrito, as cadeiras, aliás em número reduzido, constituem as unidades basilares do ensino e servem, segundo o caso, de núcleo de um instituto, de um gabinete ou de um laboratório. Advirta-se, de passagem, que uma cadeira de caráter teórico, como é o caso de eletrotécnica teórica, não dispõe de nenhum elemento subsidiário, seja instituto, gabinete ou laboratório.

Outro fato digno de nota é que as 7 cadeiras integrantes do curso de eletrotécnica, compreendem um total de 69 disciplinas, obrigatórias, optativas ou eletivas, segundo a natureza da especialidade escolhida pelo candidato.

A objetividade e as vantagens desta estrutura que alia a flexibilidade curricular à máxima eficiência funcional são patentes, sobretudo quando se trata de remover uma estrutura rígida constituída pela aglutinação pura e simples de cadeiras de conteúdo igualmente rígido. O mesmo, dificilmente, se pode dizer de uma estruturação departamental imposta indiscriminada e artificialmente por força de um dispositivo legal.

Contudo, desnecessário é dizer que não pretendo advogar uma estruturação em cadeiras. Importava apenas encarecer o fato de que, em determinadas circunstâncias, mais vale manter uma bom cadeira, ainda que isolada, do que organizar um mau departamento, precisamente porque o departamento é a peça mais importante de uma universidade que não se limita a formar profissionais. Este fato ressalta de modo inconfundível do papel preponderante que lhe é reservado neste projeto de reestruturação. Além do seu papel fundamental de órgão de integração do ensino básico, é o órgão no qual se centraliza e desenvolve toda atividade subsidiária, vale



dizer superior, da Universidade, quer como sede dos centros de pesquisa e de treinamento, quer como núcleo de ensino pós-graduado. Entendo que somente um departamento bem estruturado está em condições de promover a pesquisa sistemática e o treinamento eficiente, e só em um ambiente onde estas atividades superiores estão devidamente consolidadas, cabe instituir cursos de pós-graduação, merecedores d'este nome.

7. Disposições transitórias.

Julguei oportuno fixar alguns critérios de ordem geral a serem observados na estruturação departamental, a fim de evitar a criação pró-forma de departamentos puramente nominais que viriam, logo de início, desfigurar a sua estrutura e desvirtuar a sua finalidade. Na implantação dos departamentos atribuo caráter preferencial às matérias constantes dos currículos mínimos, prevendo um possível remanejamento das demais e sua inclusão contingente nos departamentos a que melhor se ajustem, observados os critérios de afinidade.

Entre os requisitos mínimos a serem verificados na constituição de um departamento, tenho como essencial o de oferecer condições para a realização de atividades subsidiárias ao ensino básico. Para organizar um departamento, na legítima expressão do termo, não basta aglutinar por afinidade duas ou três cadeiras dispersas e reunir por simples equiparação os respectivos docentes, de modo a continuar cada qual na tarefa rotineira de ministrar seu curso de tantas ou quantas aulas semanais, como se nada tivesse mudado. Um departamento vazado nestes moldes comprometeria irremediavelmente os verdadeiros objetivos da reestruturação. As mesmas precauções deverão cercar a adoção do regime de tempo integral. O trabalho em tempo integral só se justifica, no desempenho de funções específicas e deverá acarretar obrigações claramente especificadas.

A organização didática e o regime de trabalho vigentes em nossa Universidade são de molde a aconselhar toda cautela na consecução da reforma preconizada. As questões de ordem didática, somam-se os problemas de ordem econômico-financeira e mesmo geográfica. Atentando para a realidade, convém que a estruturação departamental seja implantada gradativamente, segundo as reais con-



veniências do ensino e não por simples dispositivos estatutários. Daqui a recomendação de que sejam organizados, de início, aqueles departamentos que, ao que tudo indica, estão em condições de concorrer de imediato para o aprimoramento do ensino e de promover atividades paralelas e supletivas. Atenção especial devem merecer, graças às condições de trabalho e dos objetivos colimados, os setores da física e da pedagogia. O Departamento de Física e o Centro de treinamento pedagógico deverão estar em condições de pleno funcionamento já no início do próximo ano letivo. Quanto aos Departamentos de Matemática e de Desenho poderão, eventualmente, passar por uma fase temporária de consolidação, no decorrer do próximo ano.

8. Considerações finais.

Importa esclarecer, por fim, que o delineamento do plano foi condicionado, por motivos óbvios, a uma situação de fato, decorrente da configuração peculiar que fatores contingentes, sobretudo de ordem econômica, imprimiram à nossa Universidade, cuja atividade está confinada às áreas específicas, de caráter preponderantemente profissional, abrangidas pelas cinco faculdades que a integram. É forçoso reconhecer que uma indisfarçável tendência pragmatista presidiu a expansão do Mackenzie e se consolidou na implantação da Universidade, em detrimento da orientação acentuadamente humanística do Mackenzie College em seus primórdios. Bastante sintomático, neste sentido, é o fato de que não obstante fosse criada em 1946 a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras compreendendo as seções de Filosofia, Física, Matemática, Geografia, História, Letras Clássicas e Letras Neo-Latinas devidamente autorizadas, apenas entraram a funcionar as seções de Física, Matemática e Letras Neo-Latinas. Não deixa de ser um tanto estranho que se mantenha uma Faculdade de Filosofia que de filosofia só tem o nome.

Por esta e outras razões, circunscrevi o plano a uma nova estrutura da Universidade dentro de suas atuais limitações embora, pessoalmente, julgue de suma importância uma adequada ampliação do campo da cultura humanística, como, de resto, já em 1962 tive oportunidade de sugerir em forma de subsídios para um plano de reestruturação da Universidade Mackenzie (anexo 2).



UNIVERSIDADE MACKENZIE

SÃO PAULO

70
- 10 -

A despeito dos óbices porventura existentes, não posso deixar de encarecer a conveniência de se incluírem nos currículos das diversas escolas de formação profissional, em caráter eletivo ou obrigatório, algumas matérias de cultura humanística, o que teria a vantagem de concorrer de forma decisiva para a implantação gradativa de um setor de ciências humanas, paralelamente a um setor de ciências exatas e naturais a ser definitivamente consolidado.

Se objetivamos organizar uma universidade efetivamente integrada no processo do desenvolvimento em marcha, não podemos prescindir de uma sólida formação da pessoa humana.

Quando o subdesenvolvimento é objeto até mesmo de organizações estrangeiras, não se compreende que uma universidade brasileira se mantenha isolada do meio, como uma simples superestrutura estranha, artificialmente ajustada a uma infraestrutura primitiva e marginalizada. Cabe-lhe a tarefa imperativa de preparar homens conscientes da realidade nacional e suas implicações, aptos a equacionar e solucionar os problemas implícitos no subdesenvolvimento subjacente.

Dentro desta perspectiva seria aconselhável a organização, de imediato, de um Departamento de Ciências Sociais que agruparia, em caráter transitório um certo número de matérias de cultura geral como História, Geografia, Economia e Sociologia, o qual se constituiria em núcleo dos futuros cursos de Ciências Sociais, História e Geografia.

É de notar que quase todas as matérias do ciclo básico da Faculdade de Ciências Econômicas poderiam ser transferidas para este Departamento, bem como a cadeira de Estudos Sociais e Econômicos da Faculdade de Arquitetura, a cadeira de Economia Política da Faculdade de Direito e a cadeira de Cultura Brasileira da Faculdade de Filosofia.

Tal esquema teria o mérito de restabelecer o indispensável equilíbrio entre o pragmatismo presente e o humanismo pretérito.

9. Alternativa.

Caso se venha optar pela manutenção das faculdades como divisões superiores da estrutura universitária, quer-me parecer que valeria a pena ~~se~~ tentar uma ampliação das áreas básicas nos moldes do seguinte esquema:



Suprimido

1. Faculdade de Ciências Humanas.
 - a) Letras
 - b) História
 - c) Geografia
 - d) Ciências Sociais
 - e) Pedagogia

2. Faculdade de Matemática e Ciências Naturais.
 - a) Matemática
 - b) Física
 - c) Química
 - d) História Natural
 - e) Ciências (1º ciclo)

3. Faculdade de Tecnologia.
 - a) Engenharia Civil
 - b) Eletrotécnica e Eletrônica
 - c) Mecânica
 - d) Química
 - e) Metalurgia

4. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

5. Faculdade de Direito e Economia.
 - a) Direito
 - b) Economia
 - c) Contabilidade
 - d) Administração.

A adoção deste esquema acarretaria a implantação imediata de vários departamentos básicos nas duas faculdades de ciências que absorveriam, de uma parte, quase todo o ciclo básico da atual Faculdade de Ciências Econômicas e, de outra, ^{quase todos} o ciclo básico da Escola de Engenharia. A inclusão de um maior número de matérias de cultura geral nos currículos das Faculdades de Arquitetura e de Direito viria reforçar consideravelmente a motivação do esquema aventado. Ulteriormente, sem alterações substanciais, poder-se-ia cogitar da criação de outros cursos nos setores básicos, como psicologia e filosofia no 1º e geologia e biologia no segundo.

Contudo, não é sem reservas que preconizo semelhante alternativa na conjuntura presente. Seria deveras lamentável que a nova estrutura, comprometida de início pela escassez de recursos materiais e humanos, viesse a ter a mesma sorte que marcou a Fa -



UNIVERSIDADE MACKENZIE
SÃO PAULO

21
~~12~~

Guilherme de Vilhena

Convencido de que à Universidade como centro de promoção cultural, científica e tecnológica, cabe desempenhar um papel de vanguarda no processo de desenvolvimento do país, procurei ser objetivo, preconizando uma Universidade funcionalmente autêntica, em equação com a realidade brasileira, através de uma educação voltada para os problemas nacionais.

Em estas, Magnífica Reitora, as considerações de ordem geral que me cumpria fazer, à guisa de exposição de motivos.

São Paulo, 1º de novembro de 1967.

Willie Maurer

Prof. Willie Maurer

Anexo 25

ATO n° 10/68

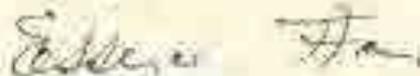
A Reitoria da Universidade Mackenzie, no uso de suas atribuições, e tendo em vista o disposto no art. 142 do Estatuto da Universidade, DECRETAR designar uma Comissão Especial encarregada de promover a implantação da reforma prevista no mesmo Estatuto.

Dessa Comissão será integrada por um Órgão Central Executivo, composto dos professores Willie Alfredo Maurer, Hélio Helene, Fierre Kaufmann e Henry Sanson, de Grupos Auxiliares de que fará parte o Diretor de cada um dos departamentos e dois professores por Órgão designado. Terá como Presidente o professor Willie Alfredo Maurer, e poderá aproveitar os serviços do ERAN e do CEPLAM, quando o julgar necessário.

Fica dada a prazo de 120 dias, a partir de 2 de março próximo, para apresentar à Reitoria o relatório da implantação, sendo recomendada, no sentido da contratação de novos trabalhos comuns, os serviços prestados por suas várias membros.

Façam-se as devidas comunicações.

São Paulo, 14 de fevereiro de 1968.



Estevão Figueiredo Feres

REITOR



UNIVERSIDADE MACKENZIE
SAO PAULO

ATO n° 12/69

A Reitoria da Universidade Mackenzie, no uso de suas atribuições, e tendo em vista o disposto no art. 13 do Decreto-lei n° 264, de 11 de fevereiro de 1969,

RESOLVE designar o professor WILLIE ALFREDO MAURER para elaborar o anteprojeto de adaptação do vigente Estatuto da Universidade às normas do referido decreto-lei.

São Paulo, 25 de Fevereiro de 1969.

Eather de Figueiredo Ferraz

REITOR

ATU nº 21/69

Fica o professor WILLIE ALFREDO MAURER, presidente da Comissão de Implantação do Reforma Universitária credenciado a solicitar diretamente às Diretorias e Secretarias das unidades universitárias os dados e subsídios que julgar necessários aos trabalhos da referida Comissão.

São Paulo, 20 de março de 1969.

Esther de Figueiredo Moraes

Esther de Figueiredo Moraes
REITOR

REGIMENTO INTERNO.

Instituto de Matemática e Física da U.F.G.



REGIMENTO INTERNO

TÍTULO I

DOS FINS

Art. 1º - O Instituto de Matemática e Física da Universidade Federal de Goiás, criado pelo Conselho Universitário em 23 de outubro de 1963, tem por finalidades:

- a - Centralizar em um organismo único o ensino da Matemática e da Física constantes dos currículos das diversas unidades que integram a Universidade;
- b - Congregar, em um centro de ensino e pesquisa, professores especializados, de preferência em regime de dedicação exclusiva, a fim de promover o estudo e a pesquisa nos diversos domínios da Matemática e da Física;
- c - Formar especialistas em Matemática e Física, visando, precipuamente, à preparação de candidatos ao magistério.

TÍTULO II

DA ORGANIZAÇÃO DIDÁTICA

Art. 2º - Ao Instituto, estruturado em departamentos, cabe ministrar os seguintes cursos:

- a - curso básico de 2 anos, destinado aos candidatos ao bacharelado, à licenciatura e aos diversos ramos da engenharia;
- b - cursos de bacharelado em Matemática e em Física de 4 anos, incluindo o curso básico;
- c - cursos de formação científica constantes dos currículos de licenciatura em Matemática e em Física;
- d - cursos diversificados de Matemática, Física e Desenho constantes dos currículos de outras unidades u---



niversitárias;

e - cursos de divulgação científica e de aperfeiçoamento de professores secundários;

f - cursos de especialização e de pós-graduação, a serem regulamentados oportunamente.

C A P Í T U L O I

DOS DEPARTAMENTOS

- Art. 3º - O Instituto compõe-se dos Departamentos de Matemática e de Física.
- Art. 4º - Cada Departamento terá um chefe encarregado da orientação didática e da coordenação dos trabalhos de pesquisa do pessoal nele lotado.
- Art. 5º - Os chefes dos Departamentos serão designados pelo Diretor, ouvidos, em cada caso, os professores dos respectivos Departamentos.

C A P Í T U L O II

DOS CURSOS

Art. 6º - O curso básico obedecerá a seguinte seriação:

1ª série

1. Cálculo Diferencial e Integral I (MFE) (x)
2. Geometria Analítica e Álgebra Vetorial (MFE)
3. Geometria Descritiva (ME)
4. Desenho Geométrico e a mão livre (ME)
5. Física Geral I (MFE)
6. Matéria eletiva

2ª série

1. Cálculo Diferencial e integral II (MFE)
2. Cálculo Numérico e Gráfico (MFE)
3. Probabilidades e Estatística (MFE)
4. Mecânica Geral (MFE)
5. Química (MFE)
6. Física Geral II (MFE)
7. Matéria eletiva



Art. 7º - Os currículos para a obtenção do grau de licenciado em Matemática (M) e em Física (F), são os seguintes:

(x) M= obrigatória para Matemática, F para Física e E para Engenharia.

3ª série

1. Cálculo Diferencial e Integral III (MF)
2. Álgebra I (M)
3. Instrumentação I (F)
4. Estrutura da Matéria (F)
5. Matérias Pedagógicas (MF)
6. Matéria eletiva
7. Mecânica Superior (F)
8. Topologia (M)

4ª série

1. Álgebra II (M)
2. Fundamentos de Matemática Elementar (M)
3. Instrumentação II (F)
4. Matérias Pedagógicas (MF)
5. História das Ciências (MF)
6. Matéria eletiva

Parágrafo único - As matérias pedagógicas, bem como as práticas de ensino serão ministradas na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Art. 8º - A seriação e os respectivos currículos dos cursos de bacharelado em Matemática e Física, são os mesmos, com exceção das matérias pedagógicas, que serão substituídas por disciplinas de formação científica, a escolher dentre as opções oferecidas pelos Departamentos.

Parágrafo único - O Instituto fixará cada ano, antes do período de matrícula, a relação das matérias eletivas que serão ministradas em seus Departamentos.

Art. 9º - Os cursos diversificados terão a extensão e o nível proposto pelas unidades interessadas.

Parágrafo único - As Congregações das unidades interessadas poderão, sempre que o julgarem conveniente, convocar o Diretor do Instituto a fim de debater questões de seus currículos referentes às disciplinas básicas integradas no Instituto.



TÍTULO III

DA ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA

Art. 10º - O Instituto terá administração autônoma, assim constituída:

- a - Comissão Coordenadora;
- b - Conselho Departamental;
- c - Diretoria.
- d - ~~Secretaria.~~

CAPÍTULO I

DA COMISSÃO COORDENADORA

Art. 11º - São membros da Comissão Coordenadora:

- a - O Diretor do Instituto, na qualidade de presidente nato;
- b - Os Diretores das unidades servidas pelo Instituto;
- c - O Presidente do Diretório Acadêmico do Instituto;
- d - Um representante do corpo discente do Instituto, eleito em assembléia geral.

Art. 12º - São atribuições da Comissão Coordenadora:

- a - Manter a necessária coordenação e articulação entre o Instituto e as unidades por êle servidas;
- b - Aprovar os planos de trabalho do Instituto, elaborados pelo Conselho Departamental;
- c - Aprovar os planos de aquisição de equipamento e de solicitação de recursos a entidades que visam amparar a pesquisa;
- d - Pronunciar-se sobre a previsão orçamentária do Instituto, elaborada pelo Conselho Departamental;
- e - Propor à Reitoria a fixação de salários do pessoal docente, contratado em regime de dedicação exclusiva;
- f - Encaminhar à Reitoria as propostas de contratação de professores, nacionais ou estrangeiros;
- g - Propor à Reitoria a nomeação de pessoal auxiliar, de acordo com as necessidades e com os recursos finan--



ceiros do Instituto.

CAPÍTULO II

DO CONSELHO DEPARTAMENTAL

Art. 13º - São membros do Conselho Departamental:

- a - O Diretor do Instituto, na qualidade de presidente nato;
- b - Os chefes de Departamentos;
- c - O Presidente do Diretório Acadêmico do Instituto;
- d - Um representante do corpo discente do Instituto, eleito em assembléia geral.

Art. 14º - São atribuições do Conselho Departamental:

- a - Deliberar sobre as diretrizes gerais das atividades do Instituto, propostas pelo Diretor;
- b - Organizar os cursos e seminários regulares e especializados, bem como os cursos de divulgação científica e de aperfeiçoamento de professores;
- c - Apreciar e aprovar os programas propostos pelos professores;
- d - Elaborar os programas do concurso de habilitação;
- e - Fixar normas para a concessão de bolsas e estágios;
- f - Propor aos órgãos competentes a contratação de novos auxiliares de ensino;
- g - Propor a designação de professores;
- h - Elaborar a proposta orçamentária do Instituto;
- i - Elaborar, de acordo com as unidades interessadas, os horários de aulas;
- j - Decidir em primeira instância, sobre qualquer pendência ou infração disciplinar no Instituto.

CAPÍTULO III - A DIRETORIA

Art. 15º - A diretoria, órgão executivo do Instituto, será exercida pelo Diretor, indicado pelo Reitor, ouvido o pessoal docente do Instituto e mediante aprovação do Conselho Universitário.



Parágrafo Único - O Diretor terá mandato de três (3) anos, podendo ser reconduzido até duas vezes.

Art. 16º - São atribuições do Diretor:

- a - Convocar e presidir as reuniões da Comissão Coordenadora e do Conselho Departamental, com direito a voto de qualidade;
- b - Elaborar anualmente, em colaboração com o Conselho Departamental, o plano de atividades do Instituto e submetê-lo à aprovação da Comissão Coordenadora;
- c - Elaborar o relatório anual do Instituto e, uma vez aprovado pela Comissão Coordenadora, encaminhá-lo à Reitoria a fim de ser submetido à aprovação do Conselho Universitário;
- d - Autorizar a compra de equipamento e de livros e a assinatura de revistas;
- e - Manter a ordem e a disciplina nas dependências do Instituto;
- f - Assinar, conjuntamente com o Reitor, os certificados e títulos expedidos pelo Instituto;
- g - Fazer parte do Conselho Universitário.

CAPÍTULO IV

DA SECRETARIA

Art. 17º - A Secretaria atenderá a todos os serviços administrativos que lhe competem nos termos deste Regimento e será constituída pelas seguintes seções:

- 1 - Expediente;
- 2 - Currículo escolar;
- 3 - Pessoal;
- 4 - Arquivo;
- 5 - Protocolo e comunicações.

Parágrafo primeiro - As funções das subseções administrativas mencionadas neste artigo, serão preenchidas por iniciativa da Diretoria, à proporção que os serviços respectivos o exigirem.



§ segundo - À medida que forem sendo preenchidas as /
subseções deste artigo, a Diretoria estabelecerá as /
normas relativas ao seu funcionamento.

Art. 18 - A Secretaria será dirigida pelo Secretário, designado /
pelo Diretor, e terá sob a sua responsabilidade todo /
o pessoal administrativo nela lotado.

§ primeiro - O cargo previsto neste artigo será exer- /
cido por um funcionário com vencimentos equivalentes /
aos dos Secretários das Faculdades ou escolas da - /
U.F.G.

§ segundo - Na ausência e impedimentos será sub /
stituído por um servidor docente ou administrativo, de /
signado pelo Diretor.

Art. 19 - Compete ao Secretário:

1 - Secretariar as sessões da Comissão Coordenadora e /
do Conselho Departamental;

2 - Assinar a correspondência para a qual fôr autori- /
zado pelo Diretor;

3 - Superintender os serviços que lhe são subordiná- /
dos;

4 - Informar sobre petição e recursos, dar pareceres /
em processos ligados à Secretaria e outros encargos /
ligados às atividades escolares;

5 - Distribuir e encaminhar a correspondência do Ins- /
tituto;

6 - Apresentar relatório trimestral das atividades da /
Secretaria;

7 - Propor ao Diretor os funcionários a serem designa- /
dos para as chefias das seções que lhe são subordina- /
das, à medida que se fizer necessário o seu preenchi- /
mento;

8 - Propor ou opinar quanto à criação ou supressão de /
cargos ou funções na lotação da Secretaria, tendo em /
vista as necessidades dos trabalhos;

9 - Estudar os processos de admissão, recondução, me- /
lhoria de salário e dispensa pessoal administrativo /



do Instituto;

10 - Estudar os processos referentes à lotação dos serviços do Instituto, a ser fixada pela Comissão Coordenadora e aprovada pela Reitoria;

11 - Abrir e encerrar, assinando-os com o Diretor, todos os termos referentes à concurso, defesa de tese e colação de grau, bem como as inscrições para matrícula e exame;

12 - Autenticar as certidões que forem expedidas pelas seções competentes, quando oriundas;

13 - Cumprir e fazer cumprir as determinações da Diretoria;

14 - Exercer as atribuições que lhe forem determinadas por este Regimento;

15 - Organizar e manter atualizado o fichário de assunto que interesse ao Instituto, especialmente no que diz respeito à Legislação do Ensino;

16 - Assinar com o Diretor e o Reitor, os diplomas expedidos, bem como os certificados dos cursos constantes deste Regimento;

17 - Dirigir e fiscalizar os serviços de expediente em geral.

C A P Í T U L O - I -

DO CORPO DOCENTE

Art. 20- Fica instituída no Instituto de Matemática e Física / a carreira docente constante dos seguintes estágios :

- a) - Instrutor
- b) - Professor auxiliar
- c) - Professor associado
- d) - Professor titular.

Parágrafo único - Os critérios de seleção e promoção / de um estágio ao subsequente serão fixados pelo Conselho Departamental e submetidos à aprovação do Conselho Universitário.

Art. 21- Salvo os casos excepcionais, a juízo do Conselho Departamental, todo o pessoal docente estará sujeito a regi



me de dedicação exclusiva.

Art. 22- Os professores das diversas categorias, contratados em regime de dedicação exclusiva, serão vinculados ao Instituto e não a uma cadeira ou disciplina em particular. Parágrafo único - O contrato em uma determinada cadeira ou disciplina poderá ser autorizado pelo Conselho / Departamental quando se tratar de professor visitante.

Art. 23- Os contratos de prestação de serviços terão vigência / de 1 a 3 anos, podendo ser renovados.

Art. 24- Ao pessoal docente são assegurados os direitos e a estabilidade, previstos na legislação trabalhista.

CAPÍTULO - II -

DO CORPO DISCENTE

SEÇÃO I - DA ADMISSÃO

Art. 25- Poderão matricular-se no Instituto, os candidatos à 1ª licenciatura e ao bacharelado em Matemática ou em Física e aos diversos ramos da engenharia.

Art. 26- Serão exigidos para a matrícula na primeira série do Instituto, além dos documentos apresentados para a inscrição no concurso de habilitação, mais os seguintes:

- 1 - Atestado de vacina;
- 2 - Atestado de sanidade física e mental;
- 3 - Certificado de aprovação final e classificação no concurso de habilitação.

§ primeiro - O pedido de matrícula na primeira série do curso básico, dirigido ao Diretor, devidamente instruído deverá ser apresentado até cinco dias após a data da publicação do resultado final do concurso de habilitação.

§ segundo - A matrícula na primeira série do curso básico, será feita respeitada a ordem de classificação resultante do concurso de habilitação e de acordo com o número de vagas fixado pela Comissão Coordenadora.



§ terceiro - Para os alunos estrangeiros, bolsistas de estudos, provenientes de países que mantêm convênios com o Brasil, serão exigidos, além dos documentos especificados nos respectivos convênios, mais os seguintes:

- 1 - Certidão de nascimento;
- 2 - Prova de identidade;
- 3 - Certidão de conclusão do curso secundário ou equivalente.
- 4 - Atestado de vacina;
- 5 - Atestado de sanidade física e mental;
- 6 - Dois retratos de frente, cabeça descoberta, 3 x 4.

Art. 27 - O concurso de habilitação constará de exames sobre as seguintes matérias:

- 1 - Matemática;
- 2 - Física;
- 3 - Cultura geral.

§ primeiro - O exame de cultura geral constará de três partes:

- a - Dissertação;
- b - Versão de um texto científico do Francês, do Inglês ou do Alemão, à escolha do candidato;
- c - Questionário sobre matérias do curso secundário, tais como língua portuguesa e história do Brasil.

§ segundo - Os exames constarão de uma prova escrita / e de uma entrevista que, tomando por base a prova escrita, poderá estender-se, a juízo do examinador, a todo o programa da matéria.

§ terceiro - Em todas as provas escritas serão apreciadas a correção de linguagem, a clareza de expressão e propriedade dos termos.

§ quarto - A entrevista será procedida por uma comissão de cinco membros, designado pelo Diretor, cada qual encarregado da apreciação e julgamento de uma área específica dos conhecimentos do candidato.



Art. 28º- As provas de Matemática, Física e Desenho, constantes dos vestibulares de outras unidades universitárias, se rão também realizadas no Instituto.

Art. 29º- O candidato que revelar insuficiência de conhecimento em português ou na língua estrangeira escolhida, poderá matricular-se condicionalmente, ficando obrigado a cursar a matéria no decorrer do primeiro ano, apresentando ao término deste o competente certificado de aprovação.

Parágrafo único - As matérias constantes deste artigo serão ministradas: a língua portuguesa no Centro de Estudos Brasileiros; a língua estrangeira na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Art. 30º- O concurso de habilitação terá caráter seletivo ficando sujeito a cursos de suplementação em Matemática e Física, no 1º ano, o candidato que não lograr média 5 (cinco) numa e noutra destas matérias.

Art. 31º- A classificação dos candidatos obedecerá, rigorosamente, à ordem decrescente da soma das notas finais de todas as disciplinas em qualquer fase do concurso.

Art. 32º- A matrícula obedecerá rigorosamente à ordem de classificação e aos limites de vagas fixadas nos termos do edital do concurso de habilitação.

Parágrafo único - Independentemente de limite prefissado, serão matriculados todos os que empatarem no último lugar da classificação, levada até a segunda decimal.

Art. 33º- A inscrição para o concurso de habilitação será fixada por edital publicado com sessenta (60) dias de antecedência.

Art. 34º- Os candidatos deverão apresentar, no ato da inscrição ao concurso de habilitação, os seguintes documentos:

- 1 - Certidão de Nascimento.
- 2 - Carteira de Identidade.
- 3 - Recibo de pagamento das taxas de inscrição.
- 4 - Certidão de conclusão de curso secundário ou curso a ele equiparado para este fim na forma da legislação.



em vigor.

5 - Três (3) retratos de frente, cabeça descoberta, formato 3 x 4.

Art. 35- Os programas para o concurso de habilitação serão anualmente organizados pelo Conselho Departamental, de modo a serem publicados com antecedência de oito (8) meses da data de início dos exames.

Parágrafo único - Se até essa ocasião não forem publicados os programas para o ano próximo, vigorarão os do ano em curso.

SEÇÃO II = DA PROMOÇÃO

Art. 36- A promoção do aluno se fará por disciplina, observada a ordem de precedência fixada pelo Conselho Departamental.

X Art. 37- No ato da matrícula, o aluno especificará quais as disciplinas escolhidas.

§ primeiro - O aluno poderá, se assim o desejar, inscrever-se em todas as disciplinas de uma série.

§ segundo - Nenhum aluno poderá inscrever-se em menos de três (3) ou mais de seis (6) disciplinas anuais.

Art. 38- É obrigatório o comparecimento do aluno todas as sessões de trabalho escolar.

§ primeiro - Na primeira semana de cada mês será feita a verificação de frequência do mês anterior. O aluno que houver deixado de comparecer a mais de 20 % das sessões de trabalho de uma disciplina no mês anterior, ficará sujeito a trabalhos extraordinários durante o mês, a critério do docente encarregado da disciplina.

§ segundo - Não poderá prestar exames em 1ª época o aluno que no fim do período (ano ou semestre) - houver faltado a mais de 1/3 das sessões de trabalhos da disciplina.



§ terceiro - Será considerado reprovado o aluno que houver faltado mais de 50% das sessões de trabalho da mesma disciplina ou cadeira.

Art. 39ª - Será considerado aprovado numa disciplina o aluno que obtiver média final igual ou superior a 5 (cinco) calculada segundo a fórmula:
$$\frac{\text{nota de aproveitamento} \times 2 + \text{nota de exame final}}{3}$$

3

Parágrafo único - O processo de averiguação do aproveitamento e notas correspondentes, bem como a forma de exame ficam a critério do docente encarregado da disciplina, mediante aprovação do Conselho Departamental.

Art. 40ª - O aluno que obtiver nota de aproveitamento inferior a 3 (três), será considerado reprovado da disciplina.

Art. 41ª - O docente, encarregado da disciplina poderá dispensar da prestação do exame final, o aluno que obtiver nota de aproveitamento igual ou superior a 7 (sete). Neste caso, a nota de exame para efeito do compute da média final será igual à do aproveitamento.

Parágrafo único - No caso de não ocorrer a dispensa implica a atribuição de nota 0 (zero) ao aluno.

Art. 42ª - Ao aluno que não obtiver média final de aprovação nos termos do § segundo do artigo 38 e do artigo 39, será permitido prestar exame em 2ª época.

§ primeiro - No exame de 2ª época, será considerado aprovado numa disciplina o aluno que obtiver média igual ou superior a 5 (cinco), calculada segundo a fórmula:

$$\frac{\text{nota de aproveitamento} + \text{nota de exame}}{2}$$

2



§ segundo - Os exames de 2ª época serão realizados no semestre seguinte para as disciplinas semestrais do 1º semestre e na 2ª quinzena de fevereiro para as disciplinas anuais ou semestrais do 2º semestre.

Art. 43º - Ao aluno aprovado em uma disciplina, será fornecido o respectivo certificado de crédito.

X Art. 44º - Será negada matrícula ao aluno que houver sido reprovado duas vezes na mesma série ou na mesma disciplina, nos termos do artigo 46 do Estatuto da Universidade Federal de Goiás.

SEÇÃO III - DA GRADUAÇÃO

Art. 45º - Ao aluno concluir o curso de bacharelado de Matemática ou de Física pela Universidade Federal de Goiás, será conferido o respectivo grau de bacharel.

Art. 46º - Os diplomas de licenciatura em Matemática e em Física serão conferidos pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Art. 47º - Dentro de três anos o Instituto fixará as normas para a obtenção do grau de Doutor.

SEÇÃO IV - DO CORPO DISCENTE

Art. 48º - Os membros do corpo discente deverão organizar um Diretório Acadêmico constituído por estudantes de Instituto, eleitos na forma deste Regimento.

Art. 49º - A composição, organização e atribuições dos órgãos de representação estudantil serão fixados em seus regimentos, que deverão ser aprovados pela Comissão Coordenadora do Instituto.

Parágrafo único - O exercício de quaisquer funções de representação ou delas decorrentes, não exonera o estudante do cumprimento dos seus deveres escolares, inclusive da exigência de fre-



quência.

Art. 50º -A eleição do Diretório Acadêmico será regulada |
em seu regimento, atendidas as seguintes nor -
mas:

a - registro prévio de candidatos ou chapas, sen -
do elegível apenas o estudante regularmente ma -
trriculado, não repetente, ou dependente, nem em |
regime parcelado; e que não tenha sofrido nenhu -
ma punição de caráter disciplinar.

b - Realização dentro do recinto do Instituto, |
em um só dia, durante a totalidade do horário /
de atividades escolares;

c - identificação do votante mediante lista no -
minal fornecida pelo Instituto e exibição, de |
parte d'ele, de carteira de estudante, ou, em ca -
so de impossibilidade e havendo impugnação, ou -
tra prova qualquer de identidade;

d - garantia do sigilo do voto e da inviolabili -
dade da urna;

e - apuração imediata após o término da votação,
asseguradas a exatidão dos resultados e a possi -
bilidade apresentação de recursos;

f - acompanhamento por representante do Conse -
lho Departamental ou da Comissão Coordenadora do
Instituto.

Parágrafo único - Mudança para regime parcela |
do, trancamento de matrícula ou conclusão do /
curso importa cassação do mandato.

Art. 51º -Considerar-se-ão eleitos os candidatos que obti -
verem o maior número de votos.

Art. 52º -Únicamente poderão votar os alunos regularmente
matriculados.

Art. 53º -O mandato dos membros do Diretório Acadêmico se -
rá de um ano, vedada a reeleição para o mesmo |
cargo.

Art. 54º -O exercício do voto é obrigatório.



Ficará privado de realizar trabalhos escritos, bem como exames, na forma deste regimento, imediatamente subsequente à eleição, o aluno que não comprovar haver votado, salvo por motivo de doença ou de fôrça maior, devidamente comprovado.

Art. 55º - O Diretório Acadêmico tem por finalidade:

- b - promover a aproximação e as solidariedades entre os corpos discente, docente e administrativo do Instituto;
- c - preservar as tradições estudantis, a probidade da vida escolar, o patrimônio moral e material das instituições de ensino superior e a harmonia entre os diversos organismos da estrutura escolar;
- d - Organizar reuniões e certames de caráter ofvico, social, cultural, científico, técnico, artístico e desportivo, visando à complementação e ao aprimoramento da formação universitária;
- e - manter serviços de assistência aos estudantes carentes de recursos;
- f - realizar int reômio e colaboração com entidades congêneres;
- g - lutar pelo aprimoramento das instituições / democráticas.

Art. 56º - Compete, privativamente, ao Diretório Acadêmico, perante as autoridades do Instituto.

- a - Patrocinar os interesses do corpo discente;
- b - designar a representação prevista em lei junto aos órgãos de deliberação coletiva do Instituto.

§ 1º - A representação a que se refere a alínea b deste artigo será exercida, junto a cada órgão, por estudantes matriculados, em série que



não seja a primeira.

Art. 57^o- O Instituto assegurará os processos de recolhimento das contribuições dos estudantes.

§ 1^o O Diretório Acadêmico ao término de cada gestão é obrigado a lançar todo o movimento de receita e despesa em livros apropriados com a devida comprovação.

§ 2^o O Diretório Acadêmico, ao término de cada gestão, apresentará prestação de contas à Comissão Coordenadora; a não aprovação das mesmas, se comprovado o uso intencional e indevido dos bens e recursos da entidade, importará responsabilidade civil, penal e disciplinar dos membros da Diretoria.

Art. 58^o- É vedada ao Diretório Acadêmico qualquer ação, manifestação ou propaganda de caráter político partidário, bem como incitar, promover ou apoiar ausências coletivas nos trabalhos escolares.

Art. 59^o- Os órgãos deliberativos deste Instituto deverão pronunciar-se no prazo de dez dias sobre as representações feitas pelos órgãos de representação estudantil, inclusive quando se tratar de não-comparecimento de professor, sem justificação, 25% das aulas e exercícios.

Parágrafo único - Quando se tratar de representação contra professor, pelo não-comparecimento de, pelo menos, três quartos do programa da respectiva cadeira, a decisão deverá ocorrer antes do início do ano letivo seguinte.

Art. 60^o- Poderão ser constituídas fundações ou entidades civis de personalidades jurídicas para fim específico/ de manutenção de obras de caráter assistencial, esportivo ou cultural de interesse dos estudantes.

Art. 61^o- O Diretório Acadêmico deverá proceder à reforma de seus estatutos, adaptando-os a este Regimento nos termos da Lei nº 4.454, de 9 de novembro de 1.964.



Título V - DAS VERBAS

- Art. 62º -As verbas do Instituto serão constituídas de:
- a - dotações específicas incluídas em seu orça -
mento;
 - b - subvenções do Poder Público sejam atribuídas |
especificamente ao Instituto;
 - c - doações de particulares.
- Art. 63º -Salvo em caso de dotação feita com um fim especí-
fico, caberá ao Conselho Departamental elaborar |
a distribuição das verbas, mediante aprovação do/
Conselho Universitário.
- Art. 64º - As verbas serão distribuídas em quatro
categorias:
- a - manutenção;
 - b - ampliação;
 - c - estágios;
 - d - pesquisas;
- Art. 65º -As verbas de manutenção se destinam a despesas /
com pessoal administrativo e docente e a publica-
ções de ampliação são de tinadas à introdução de |
novos cursos e à aquisição de equipamentos, de li
vros e revistas.
- Art. 67º -As verbas de estágios se destinam à instituição |
de bolsas para professores, instrutores e alunos/
objetivando a realização de trabalhos ou estudos |
no Instituto ou em Institutos congêneros de ou -
tras instituições nacionais ou estrangeiras.
- Art. 68º -As verbas de pesquisas serão destinadas a fins es-
pecíficos, devidamente aprovados pelo Conselho De-
partamental.

- TÍTULO - VI -

DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS

- Art. 69º -O ano letivo será de 180 dias de aulas efetivas, |
dividido em dois períodos: o primeiro de 1º de /
março a 30 de junho; o segundo de 1º de agosto a



30 de novembro. Os meses de fevereiro e dezembro/ serão reservados à realização de exames.

Parágrafo único - Haverá uma semana de descanso/ em maio e outra em setembro, fixadas anualmente | no calendário escolar.

Art. 70º -O Conselho Departamental fixará, anualmente em de/ sembro o calendário escolar do ano seguinte, o / qual deverá ser rigorosamente observado pelos cor/ pos docente e discente.

Art. 71º -Nenhum encarregado de cadeira disciplina, poderá/ eximir-se do cumprimento fiel e integral do pro - grama, sob pena de sofrer as sanções da lei.

Art. 72º -Na apreciação da renovação do contrato de profes/ sôr serão levadas na devida conta suas qualidades morais, científicas e pedagógicas, sua dedicação/ ao trabalho e seu senso de comunidade.

Art. 73º -As faltas coletivas do corpo discente serão da / sua exclusiva responsabilidade, ficando o aluno | sujeito a trabalho escolar extraordinário, dentro do período letivo, a fim de recuperar integralmen/ te a matéria perdida.

Art. 74º -Os catedráticos interinos de outras unidades, ti/ tulares de cadeiras incorporadas ao Instituto, po/ derão ser mantidos em suas funções, na qualidade/ de professores do Instituto e em regime de dedica/ ção parcial.

Art. 75º -Os exames vestibulares de 1964 serão realizados, segundo as normas em vigor em 1963, nas unida - des interessadas.

Art. 76º -Em 1964 será facultado ao aluno reprovado em / duas disciplinas, no máximo, refazê-las em regime/ de dependência.

Art. 77º -Enquanto não contar com prédio próprio, o Institu/ to terá sua sede no prédio da Escola de Engenharia - ria.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE OBRAS E PLANEJAMENTO
Instituto de Matemática e
Física

fl. - 20 -

GOIÂNIA - GOIÁS

- Art. 78º - Em 1964 funcionarão unicamente os dois anos básicos, além dos cursos diversificados.
- Art. 79º - A cadeira de Química tão logo seja criado o Instituto de Química, será nele incorporada.
- Art. 80º - Os casos omissos serão resolvidos pela Comissão Coordenadora, ouvido o Conselho Universitário, quando/for o caso.

Obs. O presente Regimento, com exceção da Seção IV - Do corpo discente, foi aprovado pelo Conselho Universitário da U.F.G., em sua reunião de 25 de novembro de 1963.

Goiânia, 1º de junho de 1965.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE MATEMÁTICA

16/09/64

Magnífico Reitor,

Preocupado com a sorte e o destino da obra que me foi dado iniciar na UFG e sinceramente empenhado em proporcionar a essa Reitoria os subsídios necessários para um julgamento sereno e imparcial do assunto, tomo a liberdade de encaminhar a Vossa Magnificência um Relatório / circunstanciado das condições e vicissitudes que presidiram a criação do IMP. Quer-me parecer que nada melhor do que um retrospecto histórico para fazer um juízo seguro da situação presente e colher os dados para uma solução definitiva no futuro.

PREAMBULO

Em abril do ano passado fui procurado / em São Paulo pelo prof. Gabriel Roris, Diretor da Escola de Engenharia da UFG, portador de um convite para estruturar e dirigir o Instituto de Matemática que acabava de ser / criado, conjuntamente com um Instituto de Física, por deliberação do Conselho Universitário. A direção do Instituto de Física fora confiada ao prof. José Martins, do Instituto Tecnológico da Aeronáutica, de São José dos Campos.

Informava-se, outrossim, o prof. Roris que entrara a funcionar nesse mesmo ano, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, contando, inicialmente, com as seções de Matemática, Física, Letras e Pedagogia.

Embora não existisse um plano perfeitamente delineado, projetava-se reunir nos dois institutos todo o ensino básico de Matemática e Física constantes dos currículos das escolas ou faculdades incorporadas à Universidade. A integração e o ajustamento definitivo dos institutos ao complexo universitário, eram parte dos encargos atribuídos aos respectivos diretores.

Animado de firme propósito de colaborar em uma obra, de certo modo, pioneira, aceitai, de bom gra-



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE MATEMÁTICA E FÍSICA

GOIÂNIA - GO

= FOLHA Nº 02 =

do, o convite, não sem manifestar, contudo, minha reserva / quanto ao acêrto do esquema proposto. Não me parecia possí-
vel conciliar, coerentemente, a constituição de institutos/
centrais, objetivando a centralização das matérias básicas a
fins, coma existência simultânea de uma Faculdade de Filoso-
fia, Ciências e Letras, em cujas atribuições se incluem, em
última análise, os mesmos objetivos.

Nessa época eu havia completado o segun-
do mandato de Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e
Letras da Universidade Mackenzie, onde desenvolvera uma in-
tensa campanha, aliás sem resultados apreciáveis, em prol /
da centralização do ensino básico de tōda a Universidade, na
Faculdade de Filosofia.

Quando do meu primeiro encontro com o
Conselho Universitário da UFG, nada me pareceu melhor para
definir a minha posição face ao momentoso problema, do que
fazer minhas as palavras do eminente Conselheiro Valnir Cha-
gas, quando, em magistral estudo apresentando ao I Simpósio
de Faculdades de Filosofia (Brasília, fevereiro de 1963),
analisa o papel da Faculdade de Filosofia no contexto da re-
forma universitária.

Pela suma importância e relevante atua-
lidade que assumem na presente conjuntura da UFG as lúcidas
considerações do prof. Valnir Chagas, não posso me furtar à
tentação de transcrevê-las aqui à guisa de tomada de posição.

"Estruturalmente, diz o ilustre mestre,
o que temos hoje em matéria de educação superior é o que tí-
nhamos há trinta anos: complexos de estabelecimentos de en-
sino profissional que se entre-ignoram e, dispersivamente,
vão multiplicando recursos e orientações. Há, porém, duas
sensíveis diferenças a notar, ambas de caráter meramente /
quantitativo: cresceu desordenadamente o número d'esses esta-
belecimentos - entre êles incluindo-se já agora as Faculda-
des de Filosofia, Ciências e Letras - e a muitos dos conjun-

= FOLHA Nº 03 =

tos existentes superpuseram-se reitorias e conselhos universitários para formalmente denominá-los universidades. Enquanto isto, o processo de desenvolvimento do País não apenas reclama outros padrões de ensino superior como traz para o primeiro plano a necessidade de pesquisa fundamental e tecnológica; e como, ao longo desses três decênios, a matrícula da escola/média se elevou de menos de 80.000 para mais de 1.400.000 estudantes, aumentou e diversificou-se enormemente a procura dos cursos universitários. Daí o movimento pela reforma.

"Evidentemente, problemas de tal magnitude e complexidade não se resolvem apenas com novos critérios/de organização, conquanto sejam estes vitais para o êxito de qualquer empreendimento. No caso, porém, a criação de órgãos integradores dos setores básicos é mais que simples artifício de divisão do trabalho: no plano geral, garante o sentido propriamente universitário das instituições e dá-lhes a imprescindível organicidade; no plano científico, introduz a prática efetiva da pesquisa fundamental, de que depende a investigação tecnológica, preparando o pessoal necessário ao seu desenvolvimento; e no plano didático, liberando as escolas profissionais de preocupações com o ensino "geral", enriquece os setores especializados graças não só à concentração, neste objetivo, dos seus recursos materiais e humanos como ao melhor preparo instrumental dos alunos, obtidos em centros adrede organizados.

"Os que planejaram a Universidade de Brasília sentiram todo o alcance dessas implicações e se apressaram em adotar o princípio da integração como um dos traços mais característicos e "revolucionários" da nova instituição. A rigor, outra coisa não fizeram eles senão reviver a idéia dos pioneiros de 1931. Apenas, ante a deterioração flagrante da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, criaram em seu lugar um conjunto de "institutos centrais", em cuja discriminação reproduziram e ampliaram os departamentos ou seções

= FOLHA Nº 04 =

daquela faculdade. Mas a dinâmica do sistema é substancialmente a mesma, existindo inclusive a Faculdade de Educação que chegou funcionar em São Paulo e a ser criada na Universidade de Brasília".

Mais adiante, comentando o veto parcial do Executivo que atingiu o art. 79 da Lei de Diretrizes e Bases e seus parágrafos, continua o nobre conselheiro:

"Essa intenção (de tornar flexível a estruturação básica das universidades) torna-se ainda mais clara/ quando se considera o ponto de vista do Poder Executivo em relação ao § 2º do mesmo artigo 79. Segundo o texto aprovado pelo Congresso, "além dos estabelecimentos de ensino superior, integram-se nas universidades institutos de pesquisa e centros de aplicação e treinamento profissional". Justificou-se o veto das palavras "e centros" sob o argumento de que "a proposição, tal/ como está redigida, restringe os institutos universitários às funções de pesquisa, quando eles devem exercer, também, atividades de ensino, aplicação e treinamento. Aliás, só nessa amplitude de ação eles podem representar o papel de órgãos integrantes que mantenham cursos e serviços abertos aos alunos das diversas faculdades, de modo que a universidade não seja reduzida a mera federação de escolas profissionais estanques e autosuficientes, mas constitua um sistema integrado de ensino, de pesquisa e de treinamento profissional, capaz de cobrir todos os ramos do saber".

"O ideal, na verdade, seria que o próprio artigo 79 incorporasse o princípio da integração didático-científica como parte da definição geral de universidade, sem aludir necessariamente a escolas ou institutos de determinados/ tipos. Como, entretanto, já não era possível qualquer modificação de caráter aditivo, na fase de sanção em que se achava o projeto, preferiu-se omitir a solução específica da Faculdade / de Filosofia e ampliar o campo de ação dos institutos. Com isto, transferiu-se o problema do âmbito da lei para o da realidade, confiando assim mais num possível amadurecimento nacional para/

= FOLHA 5 =

a idéia de universidade que no a priori de rígidas disposições-legislativas. Partiu-se evidentemente, para tanto, do fato mesmo de que nenhuma das nossas faculdades de filosofia jamais existiu como escola básica, exercendo tôdas elas, "salvo raras exceções, exclusivamente a função de formar professores de grau médio", conforme acentuam as razões do veto.

"Seja como fôr, considerando objetivamente o texto do artigo 79, é inegável que doravante se admite possam existir, no Brasil, universidades constituídas apenas por estabelecimentos de ensino profissional; a menos que a aprovação do veto implique incorporação dos seus motivos. Mas tôdas as instituições universitárias que possuímos já não estão assim estruturadas, desde que a Faculdade de Filosofia outra coisa não é, na prática, senão mais um desses estabelecimentos? A própria lei/ de certo modo o reconhece, quando reduz a quatro (artigo 77) o mínimo obrigatório de seus cursos de graduação e lhe atribui como única função expressa, já que se vetou o do artigo 79, a preparação de pessoal para o ensino de segundo grau (artigos 59, 63 e 117).

"Acontece que reconhecer o problema não/ é resolvê-lo; e para resolvê-lo, ante a imprecisão da lei, torna-se imperioso que se proceda à revisão do plano atual das Faculdades de Filosofia, seja para redefiní-lo à luz da realidade presente, seja para reintegrá-lo em sua concepção original. O que não se concebe é manter em cada uma delas, ao lado de um departamento especializado de Educação, seções "gerais" de filosofia, de ciências e de letras destinadas unicamente a formar / professores do ensino médio, quando com a mesma disponibilidade de pessoal, equipamento e instalações se poderia servir a esse e a muitos outros propósitos didáticos e científicos. Na verdade, seria ingênuo pretender que uma tal dispersão de recursos / materiais e humanos, num país tão carente de uns e de outros, / deixasse de impor a correspondente quebra de eficiência. O resultado aí está: a própria Educação que se pratica, para já nem mencionar os demais setores, permanece em nível abaixo do que modestamente seria desejável.

= FOLHA Nº 06 =

"Pior, entretanto, é que as tendências já visíveis no quadro da reforma universitária, como se vêm apresentando, poderão até agravar essas distorções e anomalias se, desta vez, medidas complementares não forem adotadas para superar o modelo tradicional de órgãos estanques. A primeira dentre elas, que se esboça em algumas universidades, é a reprodução meramente formal do esquema de Brasília: superposição às unidades existentes - inclusive à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras - de um conjunto de institutos centrais com objetivos que nem sempre se definem claramente. A segunda, comum a universidades e a estabelecimentos isolados, consiste no desmembramento da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em várias escolas, como (a) ciências - filosofia e letras - educação, ou (b) ciências físicas e naturais - ciências humanas - filosofia e letras - educação, ou ainda (c) ciências físicas e naturais - ciências sociais e filosofia - letras - educação, e assim por diante. Apenas uma terceira tendência, que é paradoxalmente a menos acentuada, retoma a idéia da Faculdade de Filosofia como órgão integrador das instituições universitárias.

"Ora, a criação de institutos básicos ou centrais em universidades que já tenha Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras só se justifica mediante o desaparecimento / desta ou, mais precisamente, como transformação dos respectivos departamentos ou seções em unidades independentes. Do contrário, ou os institutos se dedicarão exclusivamente à pesquisa, o que implicará mais um dualismo estéril e custoso, ou / irão repetir as funções da Faculdade de Filosofia, que por sua vez repete, já que o não absorveu, o ensino fundamental ministrado em cada um dos estabelecimentos profissionais afins da mesma universidade. De outra parte, o desdobramento da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em diversas escolas autônomas somente é compreensível em universidades e, mesmo assim, / quando estas não tenham institutos centrais nem pretendam / criá-los. Havendo os institutos, não se poderá fugir à hipótese anterior de absorção ou desaparecimento daquela faculdade; mas inexistindo eles, como ainda é frequente, a solução do des

= FOLHA Nº 07 =

membramento nos parece mais plástica do que a da escola unificada".

Perdoe-me Vossa Magnificência a longa citação, mas é que a sua leitura e meditação me pareceu ainda hoje, quiçá mais do que ontem, altamente instrutiva. Os juízos aqui emitidos parecem ter sido escritos de encomenda, como sábia advertência e diretriz segura na obra de restauração da ordem didática e financeira da UFG.

criação do Instituto de Matemática e Física.

O Instituto de Matemática e Física resultou, no fundo, do compromisso com a realidade ambiente. Sua criação, nos moldes atuais, foi condicionada por uma série de circunstâncias fortuitas, resultantes de um delicado jogo de forças, cujas tendências predominantes podem ser distribuídas em três correntes de contornos mais ou menos definidos.

A primeira corrente era representada por um pequeno grupo de idealistas atuantes, professores da Escola de Engenharia e adeptos fervorosos do plano dos institutos esboçado pelo prof. Oliveira Jr. e consubstanciado na COSUPI. Lideravam o grupo os professores Gabriel Roriz, Diretor da Escola de Engenharia, Marcelo Cunha Moraes, vice-Diretor e Elder Rocha Lima, representante da Congregação no Conselho Universitário. Graças ao apóio maciço das representações estudantis, foi possível obter a anuência do Conselho Universitário, em princípios do ano passado, à tese da criação dos Institutos de Matemática e de Física, à margem e independentemente da Faculdade de Filosofia, já criada por lei.

Insistiam, outrossim, os idealistas na necessidade de buscar em outros centros do País o pessoal convenientemente habilitado para organizar e consolidar o ensino e a pesquisa nos institutos que acabavam de ser criados, recorrendo, neste sentido, aos centros cientificamente mais avançados, como o Rio de Janeiro, São Paulo e, sobretudo, o Instituto Tecnológico de Aeronáutica de São José dos Campos. As restrições que faziam à Faculdade de Filosofia, decorriam, essencialmente, da improvisação que marcou a constituição de seu

= FOLHA Nº 08 =

quadro de professores. Ao organizá-la não se cuidou da criação de núcleos de ensino e pesquisa, confiados a especialistas nos diversos domínios do saber, trabalhando em regime de dedicação exclusiva.

A segunda congregava os oportunistas de todos os matizes, liderados por um grupo de professores frustrados e inconformados, para os quais os interesses do ensino se confundiam com os seus interesses pessoais.

A criação de institutos centralizadores, confiados a especialistas em regime de tempo integral, vinha privá-los das "proventosas" acumulações que a criação da Faculdade de Filosofia lhes propiciara.

Encabeçavam o grupo o prof. Saleh Jorge Daher que acumulava as cadeiras de Geometria Descritiva da Escola de Engenharia e de Fundamentos de Matemática Elementar (que jamais cursara), da Faculdade de Filosofia; o instrutor I rapuan Costa Júnior que acumulava as cadeiras de Física I e Cálculo Numérico da Escola de Engenharia e de Física I da Faculdade de Filosofia, e o instrutor Jaime Marcos Cohen que acumulava as cadeiras de Cálculo I e Cálculo II da Escola de Engenharia e Análise Matemática (que jamais cursara) da Faculdade de Filosofia.

A terceira corrente era constituída de grupos mais ou menos indiferentes que se mantinham discretamente à margem da luta aberta, o que, de resto, não impedia que nas horas decisivas, se colocassem, em sua maior parte, ao lado dos idealistas.

Quanto ao Reitor Colemar Natal e Silva, merece uma apreciação à parte. Submisso a grupos de pressão e não menos sensível às insinuações de cortejadores, procurava conciliar, da melhor forma possível, os interesses da política estudantil com os interesses da política doméstica. Idealista à sua maneira e oportunista por natureza, preocupava-se em manter uma posição de equilíbrio estável entre oportunistas e

= FOLHA Nº 09 =

idealistas, sem jamais se comprometer com uns ou outros a ponto de não poder voltar atrás, caso as circunstâncias o exigirem. Foi a tática de quem valeu, por exemplo, quando, cedendo às injunções dos inconformados, chegou a assinar a portaria que nomeava o prof. Saleh Jorge Daher diretor do Instituto de Matemática recém-criado, anulando-a logo a seguir, face à pronta reação dos idealistas. Deanecessário dizer que jamais se perdoou a estes mais esta inoportuna interferência.

O resultado dessa atitude insólita é que nunca se traçou um plano coerente e definitivo de estruturação/universitária. Órgãos os mais diversos foram brotando ao acaso, desordenadamente, ao sabor das correntes dominantes e das veleidades pioneiras do Magnífico Reitor. É o que explica a justaposição de institutos básicos à Faculdade de Filosofia já existente.

Foi esta a situação que encontrei à minha chegada, em maio do ano passado. Cumpria-me, nos termos do contrato, estruturar o Instituto de Matemática, achando-se a estruturação do Instituto de Física a cargo do prof. João Martins do ITA, que aqui se encontrava.

A organização simultânea de dois institutos que pela sua natureza e pelos seus objetivos afins, deveriam ser vasados nos mesmos moldes, confiada a diretores distintos, não deixava de criar uma situação bastante delicada, que bem poderia levar a um empasse ou a estruturas fundamentalmente díspares.

Por motivos pessoais, o prof. Martins retornou ao ITA, logo no começo de maio, deixando acéfalo o Instituto de Física e por fazer a sua estruturação.

Aproveitando-se da brecha aberta, os oportunistas voltaram à carga. Apoiados em amplas áreas estranhas à Universidade, pretenderam coagir a Reitoria e o Conselho Universitário a confiar a direção do Instituto de Física a um ilustre engenheiro da terra, o qual, diga-se de passagem, havia abandonado em tempos idos, a Escola de Engenharia e sua direção em circunstâncias nada lisongeiros. O assédio malogrou graças à oposição decidida e intransigente dos idealistas, que mais uma

vez contaram com o apóio unânime dos estudantes.

Este fato foi invocado, mais tarde, para identificar a resistência à nomeação do referido engenheiro, com a subversão estudantil em marcha.

Na verdade, era preciso ser muito ingênuo para acreditar que um abastado homem de empresas se dispusesse a trocar seu escritório altamente compensador por uma dedicação exclusiva na direção de um Instituto, para auferir a modesta remuneração de 250 mil cruzeiros mensais. Mormente, em se tratando / de pessoa que já dera provas sobejas de sua pouca vocação para a docência.

Não obstante o meu propósito de manter-me / neutro face às querelas domésticas que agitavam a Universidade, não podia conservar-me indiferente aos destinos de um empreendimento que estava estreitamente vinculado à tarefa que me fôra / confiada.

Seria, deveras, altamente funesto que se viessem a organizar e estruturar dois institutos, com finalidades análogas, em moldes diversos e submetidos a regimes de trabalho e orientação didática diferentes. Sobretudo, em se tratando / de Institutos de Matemática e Física, os quais, pela natureza de seus cursos e pelo número relativamente elevado de cadeiras comuns, impõem um íntimo entrosamento e uma estreita colaboração.

Assim sendo, pareceu-me que a solução mais acertada, no caso, seria criar, ainda que em caráter transitório, um Instituto único, de Matemática e Física, mediante a reunião / das seções de Matemática e Física da Faculdade de Filosofia e / dos dois anos básicos da Escola de Engenharia, atribuindo-se-lhe, outrossim, o ensino das disciplinas correspondentes, constantes / dos currículos de outras unidades.

Posta a questão nestes termos, logrou a aprovação do Conselho Universitário, afastando-se, dessa forma, o pomo de discórdia que ameaçava, logo de início, uma crise interna na constituição dos Institutos.

Se a solução de compromisso encontrada não correspondia plenamente aos ideais de uma autêntica reestrutura-

= FOLHA Nº 11 =

ção universitária, não se pode negar que atendia de modo inequívoco ao programa delineado no Plano Nacional de Educação elaborado pelo Egrégio Conselho Federal de Educação quando determina:

"A reforma universitária em marcha deverá, pela melhor integração das escolas incorporadas às universidades, suprimir a duplicação de magistério, laboratórios e equipamentos e, deste modo, aumentar suas possibilidades de matrícula e de trabalho e, portanto, de rendimento".

Também a introdução do regime de tempo integral como norma de trabalho no Instituto está em consonância com o espírito do Plano quando preconiza que "até 1970 o ensino superior deverá contar, pelo menos, com 30% de professores e alunos em tempo integral".

O Instituto de Matemática e Física atende, como se vê, a um imperativo da reforma universitária em marcha e seria profundamente lamentável que viesse a ser destruído por um simples descuido de caráter formalístico. Se deixarem de ser observadas certas normas de técnica orçamentária ou umas tantas fórmulas burocráticas do DASP, pode-se inculpar o executivo da Universidade por negligência, mas não acionar de ilegal um Instituto criado à sombra da autonomia universitária e estritamente de acordo com os elevados objetivos colimados pelo Egrégio Conselho Federal de Educação. Creio já ter demonstrado em ofício anterior que, ao contrário do que se pretende, o Instituto de Matemática e Física não pode ser apontado como a causa de eventuais extórnos de verbas, de vez que representa uma substancial economia na verba de pessoal.

Em suma, o Instituto pode não corresponder a uma legítima reestruturação universitária e não ser mesmo um órgão legítimo, mas a sua manutenção significa, pelo menos, suprimir "a duplicação de magistério, laboratórios e equipamentos", conforme a recomendação expressa do Egrégio Conselho Federal de Educação.

A REVOLUÇÃO E SUAS CONSEQUÊNCIAS.

A Revolução de 31 de março, deflagrada em

= FOLHA Nº 12 =

nome da redenção nacional, contra a subversão e a corrupção, infelizmente deixou de incluir na sua cruzada saneadora a grande / fauna dos oportunistas. A presença destes em todos os acontecimentos de relêvo, é assinalada pelas distorções que imprimem aos resultados das causas mais justas e nobres.

O que se passou na UFG e, de modo particular na Escola de Engenharia, em decorrência da nova ordem instituída pela Revolução vitoriosa, é bem uma triste confirmação deste fato.

Deturpando os verdadeiros propósitos moralizadores da Revolução em marcha, pretendeu-se atribuir um colorido ideológico a uma luta de caráter essencialmente idealista. A oposição cerrada que se fizera aos nomes de dois legítimos representantes das classes conservadoras locais à direção dos Institutos de Matemática e de Física, era reinterpretada à luz do novo regime, levada à conta de motivos políticos, como obra da esquerda ativista e, conseqüentemente, como genuína manifestação de atividades subversivas, não obstante ninguém ignorasse que a minha escolha para o cargo, não fôra condicionada a razões de cunho ideológico, visto que era pública e notória a minha posição / política nitidamente contrária à política subversiva da UNE e ao seu depoito.

A bem da verdade, não posso deixar de insistir no fato de que nenhuma razão de ordem política ou ideológica interferiu na tão debatida questão dos Institutos. A minha / ideologia política nada ficava a dever a dos dignos representantes das classes conservadoras da terra, democrata convicto, declarado e combativo que sempre fui. Apesar desta posição definida e inconfundível, nunca me faltou o apoio unânime e irrestrito da corrente idealista, mesmo daqueles professores que, mais tarde, seriam afastados de suas funções, sob a acusação de atividades subversivas. Posso testificar outrossim que, por ocasião da elaboração da lista triplíce para a escolha do novo Reitor, em dezembro último, a representação estudantil no Conselho Universitário, condicionou o seu apoio ao nome do prof. Coleman Natal e Silva, à minha nomeação para dirigir, nos próximos três anos, o

= FOLHA Nº 13 =

Instituto cujo regimento acabava de ser aprovado.

O Reitor Coleman Natal e Silva, no afã de redimir-se da suspeição de esquerdizante que sobre ele pesava, graças às suas estreitas ligações com elementos da área governamental e estudantil, altamente comprometidos com o passado, apressou-se em improvisar uma Comissão de expurgo de composição assaz duvidosa e de propósitos mais do que suspeitos. Integravam-na, de início, o prof. Salah Jorge Daher, na qualidade de presidente, e os instrutores Jaime M. Cohen e Irapuan Costa Júnior, este último substituído posteriormente por outro elemento, o diretor da imprensa universitária, se não me falha a memória. A verdade é que se procurou dar o mínimo de publicidade a esta esdrúxula comissão. Para quem acompanhara as dissensões pretéritas, saltava aos olhos que se tratava de uma Comissão de encomenda, tendenciosa por natureza, de vez que os seus membros eram os mesmos líderes do malogrado assédio aos Institutos, na fase indecisa de sua organização. Um mínimo de senso de responsabilidade da parte do Reitor, ainda que outros motivos não houvesse, o teria desaconselhado a incluir meros instrutores em Comissão de tanta responsabilidade.

Essa Comissão inexpressiva, embora muito significativa, limitou-se a encaminhar à DOPS a lista dos nomes dos professores e funcionários da Universidade, a fim de que fossem assinalados os nomes dos inculcados ou inculpáveis.

Os efeitos de tão eficiente processo de expurgo não se fizeram esperar. Com fundamento nas informações colhidas, vários, professores da Escola de Engenharia foram sucessivamente afastados por portaria do Reitor, sob acusação de atividades subversivas, todos eles, aliás, ligados à corrente dos idealistas. Conhecendo-se os antecedentes, não surpreende que entre os atingidos pela medida figurassem os professores Marcelo da Cunha Moraes e Elder Rocha Lima que mais se destacaram, ao lado do Diretor da Escola, na defesa dos interesses do instituto contra a investida dos oportunistas.

Não tenho condições para julgar a posição ideológica desses professores e nem é este o meu propósito. A-

= FOLHA Nº 14 =

credito mesmo que suas tendências políticas propendem mais para a esquerda do que para a direita. Mas, onde estão as fronteiras entre a esquerda e a direita?

Querer que o País inteiro passe a rezer pela cartilha da extrema - direita, por certo jamais constituiu diretriz do Governo Revolucionário. De acôrdo com os cânones da Revolução qualquer cidadão tem o direito de optar pelo traba - lismo e mesmo pelo socialismo, uma vez que êsses partidos não/ foram postos fora da lei. O esquerdismo só deixa de ser legal - mente tolerável quando descamba em atividades subversivas com - provadas.

No que tange aos professores indiciados , não me consta que se tenha aduzido nenhum ato concreto de ativi - dade subversiva. A não ser que se toma como tal a luta contra/ os conservadores oportunistas que pretendem manter a Universida - de no velho regime feudatário.

Pretende-se que os professores afastados, o foram por indicação da DOPS. Ora, são sobejamente conhecidas as relações de membros da Comissão com certas áreas da polícia.

É por demais significativo o fato de que, embora tenha participado de um Festival Mundial da Juventude , instituição genuinamente comunista, o prof. Irapuan Costa Jú - nior jamais foi molestado pela DOPS, e continua incólume no seu cargo de instrutor da Escola de Engenharia. É digno de nota, ou - trossim, que por ocasião de sua excursão a Helsínque, a licença para se afastar da Escola, bem como um documento credenciando-o como membro de seu corpo docente, lhe foram concedidos pelo / prof. Saleh Jorge Daher que, na oportunidade, respondia pela di - reção da Escola. Quanto ao outro membro da Comissão, Jaime M. Cohen, encarregou-se de substituí-lo durante a sua ausência.

Quanto à confiança que inspiram as fichas da DOPS, nada melhor do que ouvir a opinião insuspeita do ilus - tre presidente da Comissão Especial de Inquérito que atuou em Goiás.

Diz o General Castro e Silva, em seu Rela - tório "que tarefa de grande importância foi executada pelo dire - tor da DOPS de Goiás, Jurandir Rodovalhe consistindo na destrui - ção do fichário de todos os comunistas e falsificação de novas

= FOLHA 15 =

fichas, onde elementos completamente inocentes passaram a figurar como comunistas militantes (O Popular, 30.5.64).

Depois disto, creio que nada mais resta a dizer.

Tendo-se o prof. Gabriel Roriz, Diretor / da Escola de Engenharia, recusado a acatar a extravagante portaria de afastamento de professores tão insôlitamente acusados de subversão, o Reitor Colemar Natal e Silva pretendeu, através de outra portaria não menos extravagante, destituí-lo do cargo. O prof. Roriz, plenamente compenetrado de seus direitos e deveres, num gesto imperturbável de homem digno, se recusou a tomar / conhecimento de mais este ato arbitrário e indigno do Reitor, o qual, desamparado pelos escalões superiores, se viu forçado a acatar uma situação de compromisso, permitindo que o nobre Diretor da Escola de Engenharia completasse o seu mandato.

A INTERVENÇÃO E SEUS PERSPECTIVAS

Com o advento da intervenção, em boa hora decretada pelo Egrégio Conselho Federal de Educação, surgem / perspectivas de restauração da ordem na UFG.

Cabe a Vossa Magnificência, como digno representante do Egrégio Conselho Federal de Educação, o raro privilégio bem como a ineludível responsabilidade de levar a cabo essa árdua tarefa.

Seu pretender interferir em assuntos que / estão além de minhas atribuições, não posso deixar de expor os fatos e as condições que me parecem decisivas para que a relevante missão de Vossa Magnificência seja coroada de êxito, e a UFG volte à normalidade, retomando o caminho seguro da reforma encetada em condições assaz precárias e momentaneamente, interrompida por uma deplorável distorção de valores. Os oportunistas, ganha uma primeira batalha, apertam o cerco em torno da Reitoria, na esperança de alcançar, hoje, pela marha, o que não conseguiram conquistar, ontem, através de suas escaramuças.

As consequências, a meu ver funestas, da ineportuna substituição do prof. Gabriel Roriz na direção da Escola de Engenharia, não se fixaram esperar. Os oportunistas de ontem e de sempre, já deram início à partilha dos despojos: o

= FOLHA Nº 16 =

instrutor Irapuan Costa Júnior foi contemplado com a regência da cadeira de Concreto Armado, de que era titular o prof. Marcelo da Cunha Moraes; ao instrutor Jaime M. Cohen foi ofertada a assistência da cadeira de Resistência dos Materiais; quanto ao prof. Salah Jorge Daher encontra, já agora, livre acesso à cadeira de Economia Política e Finanças, que figurava no rol de suas aspirações.

O retalhamento do espólio se processa em ritmo normal, segundo o velho critério do compadrio, condicionando os interesses do ensino a subalternos interesses pessoais.

Na verdade, os oportunistas não perdem tempo com minudências de preparo e especialização. Depois de se servirem da Escola de Engenharia ao almoço, por certo, não deixarão de querer completar o festim, servindo-se do Instituto ao jantar.

Faço a estas perspectivas pouco alentadas, só me resta confiar no alto espírito de compreensão de Vossa Magnificência, em cujas mãos estão a sorte e os destinos do Instituto e da Universidade.

Aproveito o ensejo para apresentar a Vossa Magnificência os protestos de minha mais alta consideração.

ATENCIOSAMENTE,

Prof. Willie Alfredo Maurer

-DIRETOR-

Ao Exmo. Sr.
Dr. Prof. José Martins d'Alvarez,
Magnífico Reitor Pro Tempore da U.F.G.
N E S T A

Daher



RELATÓRIO SOBRE AS ATIVIDADES DO INSTITUTO DE MATEMÁTICA
E FÍSICA

- 01 - CRIAÇÃO: O I.M.F. da U.F.G. foi criado por decisão do colendo Conselho Universitário, em reunião de 25/11/1963. Seu funcionamento teve início a partir de 16 de março do corrente ano, obtendo ótimos resultados no primeiro semestre.
- 02 - Ao Instituto, estruturado em departamentos, cabe ministrar os seguintes cursos:
- a - Curso básico de dois anos, destinado aos candidatos ao bacharelado à licenciatura e aos diversos ramos da engenharia;
 - b - Cursos de bacharelado em Matemática e em Física de 4 anos, incluindo o curso básico;
 - c - Cursos de formação científica constantes dos currículos de licenciatura;
 - d - Cursos diversificados de Matemática, Física e Desenho constantes dos currículos de outras unidades universitárias;
 - e - Cursos de divulgação científica e de aperfeiçoamento de professores secundários;
 - f - Cursos de especialização e de pós-graduação, a serem regulamentados oportunamente.
- 03 - As aulas do I.M.F. são ministradas no bloco dois da Escola de Engenharia, até que se construa o seu prédio definitivo.
- 04 - Condições do edifício e instalação:
O prédio é amplo e confortável, dotado de todas as instalações indispensáveis, oferecendo condições ao bom funcionamento do Instituto.
- 05 - Conservação do material didático, científico e renovação:
O material didático e científico do Instituto estão bem conservados.
- 06 - Biblioteca:
Infelizmente não existe ainda. Na previsão orçamentária para 1964 foi solicitada uma verba para esse fim, mas não foi atendida.
- 07 - Serviços da Secretaria:
A Secretaria permanece aberta nos dois períodos do dia, inclusive



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
 INSTITUTO DE MATEMÁTICA E FÍSICA

= FOLHA Nº 02 =

sábados. Atende aos Departamentos de Matemática e de Física, datilografando apostilas, provas, publicações, etc.. Também as atividades atinentes à Secretaria são executadas com regularidade e eficiência.

08 - Atualização do arquivo escolar e sua conservação:
 O arquivo do I.M.F. está organizado com eficiência. As informações solicitadas são prestadas com rapidez e segurança, vez que há pastas e fichas individuais para o corpo discente, corpo docente e administrativo, devidamente classificadas e guardadas em arquivo de aço.

09 - Corpo docente:
 Conta o I.M.F. com uma equipe de matemáticos e de físicos altamente especializada, prestando seu valeroso serviço ao povo de Goiás. Os treze existentes, com exceção de apenas três, trabalham sob o regime de dedicação exclusiva.

As aulas foram ministradas de acordo com o horário e calendário previamente previstos, notando-se nas cadeiras de Física Geral I, Geometria Descritiva, Cálculo Diferencial e Integral I, Cálculo Diferencial e Integral II, Probabilidades e Estatística, Física Geral II, Cálculo Numérico e Gráfico, Mecânica Geral, Matemática, / Desenho Geométrico e Geometria Descritiva a igualdade entre o número de aulas previstas e o de aulas dadas.

Nas cadeiras de Desenho Geométrico e a Mão Livre, Geometria Analítica e Álgebra Vetorial, Inglês e Química o número de aulas dadas foi quase igual ao de aulas previstas.

Os programas das cadeiras e disciplinas foram obedecidos rigorosamente.

10 - Atividades discentes:
 Estão tirando créditos, este ano, no I.M.F. um total de 178 alunos, assim distribuídos:

Alunos que se destinam à Escola de Engenharia			
1º ano=.....	61		
2º ano=.....	58	119	
Alunos que se destinam à Escola de Agronomia			
1º ano=.....	34		34
Alunos que se destinam à Formação de Matemática e Física			
1º ano=.....	18		
2º ano=.....	7	25	178



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
 INSTITUTO DE MATEMÁTICA E FÍSICA

... 03
 03

GOIÂNIA - GO.

= FOLHA Nº 03 =

MEMÓRIA DE SERVIÇOS DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA

II. NÍVEL DA UNIDADE É facilmente constatável a influência benéfica que o I.M.F. vem exercendo sôbre o meio cultural de Goiânia. Os seus alunos têm liderado movimentos no sentido de elevar o nível cultural e artístico dos estudantes goianos.

Nº	Nome	CATEGORIA
01	Vilho Alfredo Mourer	Diretor
02	Cezario Bruna Rêgo	Chefe do Departamento de Física
03	Juarez Eliano	Assistente
04	Gay Ribeiro de Andrade	Assistente
05	Agostinho Cortez	Assistente
06	Severino Alves Ferreira	Assistente
07	Severino Maciel	Assistente
08	Neomárcio Coelho Júnior	Assistente
09	Odílio Sanches	Assistente
10	Paulo Ayres Carvalho	Assistente
11	Sérgio Pedro Schneider	Assistente
12	Elcio Costa Lima	Contratado
13	Wilson Natal e Silva	Contratado
14	Luís Galvão de Sousa	Catedrático Interino
15	Salah Jorge Sabat	Catedrático Interino
16	Walter Krohne	Catedrático Interino
17	Cláudio Costa Rosa	Instituto
18	Michael Barbarian	Monitor
19	Camilo Lima dos Reis	Idem
20	Deomar de Agostino Santos	Idem
21	Elton Divino Martins	Idem
22	Marcelo de Souza Lima	Idem
23	Marcelo Duarte Maia	Idem
24	Neomárcio Ferreira da Silva	Idem
25	Neilton Guimarães Sousa	Idem
26	Osvaldo Augusto Maciel	Idem
27	Debortino Duda Branco	Idem

Obs.: O professor **WALTER COSTA ROSA** é Instrutor da Escola de Engenharia e presta serviços ao Instituto, na categoria de professor associado.

Secretaria de INSTITUTO DE MATEMÁTICA
 FÍSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, em Goiânia, aos 23 dias do mês de julho de 1964.

VISTO: _____

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE MATEMÁTICA E FÍSICA

51/64

24/08/64

Magnífico Reitor,

Coerente com o meu passado de lutas em prol de uma autêntica reforma universitária e cumprindo o que me parece um imperativo decorrente de minha missão junto à Universidade Federal de Goiás, tomo a liberdade de encaminhar a Vossa Magnificência alguns reparos e sugestões / ao novo ESTATUTO universitário, cujo ante-projeto foi elaborado por essa Reitoria em colaboração com ilustres mestres da Faculdade de Direito. Se não o fiz antes, é que só agora me foi dado tomar conhecimento do texto do referido ante-projeto. Possivelmente, estes modestos subsídios cheguem demasiadamente tarde. Todavia, embora a minha opinião não tenha sido solicitada, não podia deixar de fazer sentir a Vossa Magnificência, em tempo ou fora d'ele, minhas convicções reformistas e prestar o meu depoimento sincero e franco em assunto de tal relevância e responsabilidade.

Seja-me lícito, antes de mais nada, / transcrever aqui a exposição de motivos com a qual eu encaminhava, em junho do ano passado, ao Egrégio Conselho Universitário da UFG, dois projetos de centralização do ensino básico.

"Segundo os termos do contrato celebrado com a Reitoria da UFG, cumpre-me "organizar e estruturar o Instituto de Matemática da UFG, dotando-o das condições / técnicas e didáticas necessárias ao seu perfeito funcionamento como instituição de ensino especializado e centralizado das disciplinas compreendidas no campo pedagógico da Matemática".

Como o cumprimento desta cláusula contratual envolve interesses de terceiros, assegurados pelo ESTATUTO universitário e consignados nos competentes Regimentos, só me compete, no desempenho de minhas atribuições,

1.11

= FOLHA Nº 02 =

apresentar à Reitoria um projeto de estruturação do Instituto de Matemática, acompanhado das sugestões concernentes ao seu enquadramento no complexo universitário.

Neste sentido, importa salientar, de início, que o Instituto de Matemática constitui apenas um caso particular de um problema de caráter geral. A Matemática, como ciência básica, não constitui exceção; estão no mesmo caso e deverão ter solução análoga, as demais ciências básicas, como a Física, a Química, a Biologia, a Geologia, etc.. Todas / estas ciências básicas deverão, mais cedo ou mais tarde, estruturar-se em institutos segundo o esquema que venha a ser a dotado pelo Instituto de Matemática.

Trata-se, portanto, de estabelecer, desde já, as normas gerais que deverão presidir a instituição de todos estes Institutos.

A elaboração destas normas gerais está condicionada por sua vez, à própria estrutura que se pretenda dar à Universidade como um todo.

Em princípio, defrontam-se duas soluções bem distintas, que se excluem mutuamente, porque, visando os mesmos objetivos, / redundariam em uma duplicação absurda de esforços e de despesas.

A primeira solução consiste em atribuir à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras o papel que legitimamente lhe cabe no complexo universitário, qual seja o de constituir células de ensino e de pesquisa nos vários domínios da cultura desinteressada. Nestas células, convenientemente estruturadas em Institutos, centralizar-se-ia o ensino / das disciplinas básicas em cada domínio, constantes dos currículos das escolas de caráter profissional ou técnico-profissional.

A segunda solução consiste na criação de Institutos autônomos, nos diversos domínios da ciência ou da cultura, os quais, na qualidade de núcleos de ensino e pesquisa centralizariam o ensino básico de sua especialidade, / constante de todos os currículos universitários. É óbvio /

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE MATEMÁTICA E FÍSICA

= FOLHA Nº 03 =

que, neste caso, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras como tal, perde sua razão de ser.

As duas soluções, como se vê, só diferem na forma, na estrutura administrativa.

Quanto ao conteúdo, é substancialmente o mesmo. Ambas comportam a centralização do ensino das matérias afins em um centro de ensino e pesquisa, confiado a especialistas no assunto. O que importa realmente é que o ensino da Matemática seja confiado a profissionais da Matemática, o ensino da Física seja confiado a profissionais da Física, e assim por diante, como as cadeiras de caráter técnico/são confiadas a técnicos nas especialidades implícitas nas referidas cadeiras.

Tendo presente estes fatos, julguei de bom alvitre submeter à apreciação do colendo Conselho Universitário, dois projetos de Regimento do Instituto de Matemática, correspondentes às duas modalidades viáveis. O Primeiro fixa a estrutura de um Instituto autônomo; o Segundo prevê a organização de um Instituto subordinado à Faculdade de Filosofia. Aos nobres Conselheiros cabe decidir qual dos dois esquemas atende melhor aos interesses da UFG.."

Não obstante a minha acentuada preferência pelo segundo esquema, não pude deixar de reconhecer que razões ponderáveis e, de modo mui especial, as falhas congênitas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras recém-criada, aconselhavam que se optasse pelo primeiro, como, de resto, se fez.

Hoje, porém, as circunstâncias são outras. A intervenção direta do Conselho Federal de Educação e a reformulação do texto estatutário dela decorrente, tornam exequível uma reestruturação, a fundo, do complexo universitário e, em particular, uma remodelação adequada das diferentes seções da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e seus quadros docentes, para que venham a constituir células autênticas de ensino e pesquisa que beneficiem toda a contextura universitária.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE MATEMÁTICA E FÍSICA

= FOLHA Nº 04 =

GOIÂNIA - GO.

Desta perspectiva geral decorrem os reparos e as sugestões que tenho a honra de submeter à judiciosa apreciação de Vossa Magnificência.

a) Reparos.

1 - Art. 4º e seus parágrafos.

Há sérias restrições a fazer à classificação em estabelecimentos de ensino, institutos de pesquisa e órgãos complementares. Parece-me altamente desaconselhável dissociar administrativamente a pesquisa do ensino. O certo seria constituir núcleos de ensino e pesquisa, concebendo a pesquisa como um complemento natural do ensino. A existência de pesquisadores, sem função didática, é um luxo que só um organismo extremamente refinado e ricamente aparelhado, pode comportar e, ainda assim, só em casos muito excepcionais deve ser tolerado. Sobretudo, em uma universidade nova, onde as condições de trabalho são precárias, mercê da escassez quer de bibliotecas e equipamento, quer de pessoal docente e discente, tal dissociação é duplamente funesta porque acarreta uma duplicação inútil de esforços e de despesas.

A discriminação entre estabelecimentos e institutos só se justifica se aqueles tomam a si a formação profissional e estes se ocupam do ensino básico e da formação puramente científica, nos moldes do esquema adotado pela Universidade de Brasília. Se os estabelecimentos destinados a ministrar o ensino básico e profissional devem colaborar na pesquisa, e os institutos destinados à investigação científica e à formação de pesquisadores devem colaborar na ministração das demais formas de ensino, não vejo porque separá-los.

2 - Art. 24 a 26 e seus parágrafos
(Comissões Centrais)

Órgãos cuja composição pouco difere da composição do próprio Conselho Universitário e, por isso mesmo, de atribuições e eficiência muito duvidosas. Ou se criam órgãos menos inflados para cuidar da "coordenação" no do planejamento das atividades universitárias situadas

= FOLHA Nº 05 =

âmbito das funções de ensino, pesquisa e extensão", ou se cometem estas atribuições pura e simplesmente ao próprio Conselho Universitário. Aliás, é da natureza mesma do Conselho Universitário, cuidar das atividades universitárias situadas no âmbito / das funções de ensino, pesquisa e extensão.

Senão, para que serve o Conselho Universitário?

Um órgão de mera coordenação e planejamento, para ser eficiente, deveria ter proporções mais modestas, / constituído, quando muito, de três elementos altamente qualificados. Como estão concebidos e estruturados, êsses órgãos me pa-
recem inoperantes e, conseqüentemente, inúteis.

3 - Art. 29 e seus parágrafos.

O § 1º d'êste artigo estabelece de forma indistinta, a divisão dos cursos de graduação, em ciclos básicos / e profissionais, atribuindo aos primeiros "caráter seletivo para o ciclo profissional imediato de um curso ou de t'oda uma ordem de cursos afins".

É evidente que, a não ser no segundo caso, isto é, quando o ciclo básico serve a t'oda uma ordem de cursos / afins, o caráter seletivo que se pretende atribuir-lhe não passa de letra morta. Ter-se-ia, no fundo, a estrutura tradicional de nossos cursos superiores, que jamais fizeram nenhuma seleção, a não ser pela eliminação pura e simples dos mais incapazes. O caráter seletivo só existe realmente quando o ciclo básico dá acesso a diversas carreiras de natureza e objetivos diferentes. De resto, é preciso observar que o próprio Conselho Federal de Educação não conseguiu estabelecer critérios seguros e uniformes quanto à discriminação entre ciclos básicos e profissionais nos currículos mínimos que elaborou e expediu.

Em particular, não se dividem em ciclos bá-
sicos e profissionais, de modo sistemático, os cursos de gra- /
duação das faculdades de filosofia, ciências e letras, o que, |
de certa forma, não deixa de ser justificável.

Diga-se, de passagem, que os critérios de
discriminação entre matérias básicas e profissio- /

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE MATEMÁTICA E FÍSICA

= FOLHA Nº 06 =

nais, adotados em certos currículos mínimos, não podem deixar de causar estranheza, pela evidente confusão e inconsistência no emprêgo dos qualificativos básico e profissional. Assim é que não chego a atinar com os motivos que levaram o Conselho Federal de Educação a incluir entre as matérias / básicas dos currículos de engenharia, cadeiras de caráter essencialmente técnico como resistência dos materiais e eletrotécnica geral, ou a cadeira de solos no ciclo básico do currículo de agronomia.

Não menos surpreendente se me afigura a inclusão de cadeiras como farmacologia e terapêutica / experimental ou anatomia e fisiologia patológicas no ciclo básico de medicina, ou ainda, as cadeiras de patologia geral e buco-dental, farmacologia e terapêutica, materiais / dentários ou dentística operatória no ciclo básico de odontologia.

No meu entender, quicá errado, os ciclos básicos dos cursos profissionais devem ter caráter, essencialmente, científico-cultural e não técnico-aplicado. É a única razão plausível pela qual os cursos de bacharelado e licenciatura em filosofia, ciências e letras não foram divididos em ciclos. E só um critério dessa ordem justifica a divisão em dois ciclos, dos cursos de caráter profissional.

Quer-me parecer que, neste particular, o Conselho Federal de Educação deixou-se guiar por normas sugeridas por elementos excessivamente comprometidos / com a arcaica estrutura de nossas escolas de cunho profissional, que não chegaram a compreender o papel e o alcance / da ciência pura no desenvolvimento da tecnologia e, muito menos, a preocupação da universidade moderna em proporcionar uma sólida formação social do profissional de nível superior.

Quanto ao § 2º do mesmo artigo, em consonância com o art. 4º, preconiza a colaboração dos institutos de pesquisa, como órgãos autônomos, com as diversas seções da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Adota-se, assim, o esquema híbrido da Universidade do Ceará, re -

= FOLHA Nº 07 =

sultante, ao que parece, da fusão do plano primordial da Universidade de S. Paulo - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras como núcleo central do complexo universitário - e o plano que presidiu a instalação da Universidade de Brasília, segundo o qual o complexo universitário se alicerça sobre os institutos / centrais, que fazem, grosso modo, às vezes das diferentes seções de uma faculdade de filosofia.

Já apontei os inconvenientes da criação paralela e autônoma de estabelecimentos de ensino e institutos de pesquisa. Contudo, não posso deixar de encarecer, aqui, os graves inconvenientes de se manterem, simultaneamente, dois esquemas que, pelos objetivos colimados, se excluem mutuamente. Na melhor das hipóteses, semelhante estrutura redundaria em um substancial e inútil desperdício de verbas.

Pessoalmente, não oculto a minha acentuada preferência pelos ideais que inspiraram os fundadores da Universidade de S. Paulo. Na verdade, nenhum dos três esquemas em apreço foi ainda posto à prova. O plano inicial da Universidade de S. Paulo nunca chegou a concretizar-se, obstruído que foi por um sistema inexpugnável, impermeável a qualquer reforma. O esquema da Universidade de Brasília ainda não passou da fase experimental, e muito precária, ao que parece. Não obstante, já se fala em reestruturá-la, o que não deixa de ser lamentável. Também o esquema do Ceará não oferece subsídios suficientemente seguros e convincentes para se julgar de suas qualidades.

Nas condições atuais de nossa Universidade, em se tratando de uma universidade nova e, por força de circunstâncias, temporariamente, sob intervenção direta do Conselho Federal de Educação, seria de todo oportuna a adoção do esquema / centralizador de S. Paulo, atribuindo à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras o encargo de ministrar todo o ensino básico na Universidade, reforçando, ao mesmo tempo, o seu objetivo precípuo de formar professores de ensino médio. Se pretendemos adequar a Universidade ao meio, convém não perder de vista que a necessidade mais premente de nosso Estado não é a alta pesquisa científica ou tecnológica, mas a preparação, em larga escala, de

bons professores secundários. Relewa acentuar^a insuperável dificuldade de congregar, de imediato, pesquisadores de alto nível nos diversos sectores do conhecimento, sem falar na impossibilidade material de proporcionar-lhes bibliotecas especializadas e equipamento adequado. Os centros de alta cultura e pesquisa não se improvisam. S. Paulo foi buscar na velha Europa os Mestres que viriam criar uma mentalidade universitária, organizando a pesquisa sistemática e formando discípulos de alto gabarito. Se quisermos alcançar em bases sólidas os nossos futuros centros de ensino e pesquisa, só nos resta recorrer ao mesmo expediente, procurando nos centros de maior atividade científica do País, o elemento humano especializado, devidamente preparado para levar a cabo o empreendimento.

4 - Arts. 120 e 121 e seu parágrafo único.

As medidas restritivas que se pretende impor às direções da Faculdade de Filosofia e da Escola de Agronomia não são de molde a concorrer para o aprimoramento do ensino nessas unidades universitárias, ditadas, ao que tudo indica, por um extremado apêgo à forma em detrimento do conteúdo.

O título de catedrático interino ou mesmo de catedrático efetivo não constitui prova de capacidade administrativa. É de supor que um agrônomo ou um licenciado estejam em melhores condições de dirigir uma escola de agronomia ou uma faculdade de filosofia, do que um catedrático de outro estabelecimento da Universidade. É pecar por excesso de formalismo querer sobrepor por um mero título ao conteúdo de todo um currículo.

Se o objetivo é corrigir o raquitismo de nascença das faculdades em aprêço, o remédio, por certo, não se reduz a confiar a um catedrático adventício as direções respectivas. O que, realmente, importa é detá-las dos quadros docentes capazes de levá-las a cumprir à risca, as finalidades que lhes são próprias. E para isso, não basta, naturalmente, promover "rigorosos concursos de títu-

FOLHA Nº 09

los", quando, não raro, as perspectivas merce da escassez de elementos qualificados, se reduzem a aproveitar o menos ruim. Poderia citar exemplos próximos e recentes, da completa inocuidade de tais concursos.

Não deixa de ser deveras lamentável que em certas esferas universitárias ainda se dê tamanha importância a tão insólito critério de apreciação dos verdadeiros predicados de um docente, que deve ser, acima de tudo, um educador e um pesquisador.

Tal critério pode ser satisfatório para certas escolas, onde o ensino é puramente livresco e proleto. Mas, em uma instituição concebida como uma comunidade de trabalho organizado e sistemática, onde o ensino e a pesquisa se completam e se assistem mutuamente, só as qualidades didáticas e a capacidade de trabalho e produção podem servir de critério de seleção.

Estou firmemente convencido de que não serão meros concursos de títulos, ou mesmo de títulos e provas, que irão sanar as falhas congênitas das novas faculdades. O concurso que lhes convém é o das faculdades congêneras mais antigas, já plenamente desenvolvidas e consolidadas, capazes de lhes proporcionar a orientação e a assistência de que necessitam.

b) Sugestões. Alterações propostas.

Art. 4º - A Universidade Federal de Goiás é constituída de estabelecimentos de ensino e órgãos complementares.

§ 1º Os estabelecimentos são unidades destinadas a ministrar o ensino básico e profissional e promover, em caráter supletivo, a pesquisa científica e tecnológica.

§ 2º São órgãos complementares os centros de treinamento profissional e outros que venham a ser criados.

Art. 7º - A Universidade tem por órgãos superiores os seguintes:

- a) Assembléia Universitária;
- b) Conselho Universitário;

= FOLHA Nº 10 =

- c) Reitoria;
 - d) Comissão Coordenadora.
- Seção IV - Comissão Coordenadora.

Art. 24 - Para assessoramento dos órgãos superiores da administração, deliberando na esfera de suas atribuições, será constituída na Universidade a Comissão Coordenadora.

§ 1º - A Comissão Coordenadora tem por fim coordenar o ensino básico nas diversas áreas do conhecimento e articulá-lo com o ensino profissional subsequente.

§ 2º - As atribuições da Comissão Coordenadora serão especificadas no respectivo regimento, aprovado pelo Conselho Universitário.

Art. 25 - A Comissão Coordenadora terá a seguinte composição:

- a) Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, como presidente nato;
- b) Diretor de cada um dos estabelecimentos de ensino profissional, ou seu representante;
- c) Chefe de cada um dos departamentos da Faculdade de Filosofia, ou seu representante;
- d) Presidente do DCE, ou seu representante;
- e) Presidente do Centro Acadêmico da Faculdade de Filosofia, ou seu representante.

Art. 29 - Manter a redação.

§ 1º - Nos cursos de graduação discriminar-se-á entre matérias básicas e matérias profissionais, visando as matérias básicas a formação científica e humanística / do profissional.

§ 2º - As matérias básicas serão ministradas nos departamentos especializados da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e as matérias profissionais nos estabelecimentos respectivos.

Art. 47 - A pesquisa científica e tecnológica na Universidade Federal de Goiás, complemento natural do ensino, será feita, precipuamente, através dos departamentos especializados da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE ENGENHARIA

= FOLHA Nº 11 =

GOIÂNIA - GO.

dos centros de treinamento profissional respectivamente,

§ 1º - Os departamentos especializados abrangerão, preferencialmente, as seguintes áreas de conhecimento:

- a) Matemática;
- b) Física;
- c) Química;
- d) Biologia;
- e) Geologia;
- f) Ciências Sociais;
- g) Letras.

§ 2º - Os centros de treinamento profissional atenderão, preferencialmente, os problemas da região, articulando-se diretamente com o mercado de trabalho e com as fontes de produção.

Art. 79 a 83 - Suprimam-se.

Art. 111 - Suprima-se a frase "em nível inferior ao das Comissões Centrais".

Art. 116 - Suprima-se.

Art. 120 - Suprima-se.

§ único do art. 121 - Suprima-se.

Art. 125 - Suprima-se.

Era o que me cumpria expor e sugerir a Vossa Magnificência, com todo o respeito e consideração.

ATENCIOSAMENTE,

Prof. Willie Alfredo Maurer
=DIRETOR=



REPUBLICA DE CUBA
MINISTERIO DE LA SALUD
SECRETARÍA DE SALUD PÚBLICA

Habana

1944

Magnífico Señor,

En virtud de artículos del Reglamento, que han -
te poseen sus propios recursos para Cuba, como el Ministerio
de la Vía y Comunas de la zona metropolitana, a fin de facilitar,
una a Carlos Viera, a sus pronunciamientos anteriores sobre el
reglamento de la zona

- a) Cual es el estado de las cosas en relación
de a fines de la zona de influencia de
una zona.
- b) Cual es el estado de las cosas en relación
de a fines de la zona de influencia de
una zona.

Quedo de acuerdo a lo que se me ha
de Magnífico Señor, esperando a que se me
informen de la zona de influencia de

Dr. Carlos Viera
-1944-

de un. de.
del Sr. José Manuel Gromer,
del sector de la zona de la C.C.T.
1944

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE MATEMÁTICA E FÍSICA

155/64

31/08/64

Magnífico Reitor,

Fidel

Em aditamento às considerações que tive a honra de submeter à apreciação de Vossa Magnificência em nosso último encontro pessoal, julguei de bom alvitre definir, em termos precisos, a minha posição diante da situação / de fato em que se encontra a nossa Universidade.

A 25 do corrente, através do ofício nº 153/64, solicitei o pronunciamento de Vossa Magnificência, único autorizado e definitivo, sobre a situação do Instituto / de Matemática e Física, em face da intervenção federal decretada na U.F.G.. Como até a presente data não me foi dado conhecer esse pronunciamento decisivo, sou levado a crer que certas informações, de caráter oficioso, colhidas entre pessoas menos categorizadas, não são de todo improcedentes. Dentre estas não deixa de ter especial significado o relatório verbal da comissão de alunos do Instituto que, há dias, se entrevistou com Vossa Magnificência, segundo o qual essa Reitoria teria recebido instruções formais do Senhor Ministro da Educação no sentido de serem extintos todos os órgãos da U.F.G., / não previstos em lei, entre os quais se inclui o Instituto de Matemática e Física. Foi informado, outrossim, de fonte insuspeita, que no remanejamento orçamentário que ora se processa, bem como na previsão orçamentária de 1965, já elaborada, não se tomou conhecimento da existência do I.M.F.. Doutra parte, conforme me foi dado constatar pessoalmente, também o novo Estatuto universitário, submetido à aprovação do egrégio Conselho Federal de Educação, não lhe deu acolhida nos moldes em que foi estruturado, a saber, como órgão centralizador de ensino, de pesquisa e de graduação.

No desempenho escrupuloso da missão / que me foi confiada pela U.F.G., não poderia permanecer indiferente e silencioso face à situação embaraçosa em que se en-

= FOLHA Nº 02 =

contra o órgão sob minha direção e responsabilidade.

Releva notar, antes de mais nada, que a minha presença em Goiânia se deve ao convite de um grupo de idealistas, professores e alunos da U.F.G., empenhados em promover uma autêntica reforma universitária, inspirada no espírito da lei de Diretrizes e Bases e do Plano Nacional de Educação. Vim animado do firme propósito de colaborar, na medida de minhas forças, na obra de reestruturação universitária que se procurava levar a cabo na U.F.G.

Ainda há poucos dias, em ofício encaminhado a essa Reitoria a propósito da reforma do Estatuto, eu aproveitava o ensejo para transcrever a exposição de motivos / que servia de preâmbulo a dois ante-projetos de reestruturação que, em junho do ano passado, eu submetia à apreciação do Conselho Universitário, como subsídios à reforma colimada. Nesse documento, usando das atribuições que me foram conferidas em cláusula contratual, limitei-me a apreciar o aspecto técnico-pedagógico da questão, aventando duas soluções igualmente viáveis para a reestruturação em aprêço. Não obstante a existência da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras recém-fundada, optaram os nobres Conselheiros pela modalidade "institutos", estrimados em razões que não me compete discutir aqui, embora eu, / de minha parte, não tenha ocultado uma acentuada preferência | pelo esquema, de certo modo mais modesto, de centralizar na Faculdade de Filosofia o ensino básico da Universidade.

Se, desta opção livre e espontânea, resultaram dificuldades de ordem legal e financeira, não me cabe, por certo, nenhuma responsabilidade. Existe uma autonomia / universitária cujos limites são definidos em lei e para dirimir dúvidas na sua interpretação, existe uma assessoria jurídica junto à Reitoria.

Se a criação e as dotações do I.M.F. / não se cingiram às normas legais, cumpre, sem dúvida, fixar responsabilidades e corrigir irregularidades e erros cometidos.

Mas, a simples dissolução do I.M.F., por certo, não é o bastante para resolver as aperturas orçamentá-

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE MATEMÁTICA E FÍSICA

Folha

= FOLHA Nº 03 =

rias que uma administração financeira imprevidente e leviana lhe legou.

O curso básico do Instituto congrega alunos regularmente matriculados nas duas primeiras séries da Escola de Engenharia e da Faculdade de Filosofia (seções de Matemática e Física). Além destes, frequentam o Instituto os alunos da 1ª série da Escola de Agronomia, onde cursam as cadeiras de Matemática, Física e Desenho.

Extinto o Instituto, estes alunos serão / reintegrados nos quadros das escolas a que pertencem, as quais | terão que retomar, concomitantemente, as cadeiras ora transferi- das ao Instituto. Para que se possa fazer um balanço exato da si- tuação, nada melhor do que apelar para os números, através de um quadro comparativo dos ônus decorrentes do desdobramento dos cur- sos no caso de ser dissolvido o Instituto, com as despesas que a manutenção dêste acarreta presentemente.

Atendo-nos aos currículos previstos nos regimentos da Escola de Engenharia e da Faculdade de Filosofia / respectivamente, temos as seguintes cadeiras e as despesas men- sais correspondentes:

E N G E N H A R I A

1ª Série

Geometria Descritiva (professor e assistente)...	Cr\$	530.000,00
Cálculo I (professor).....	Cr\$	300.000,00
Geologia (professor).....	Cr\$	300.000,00
Física I (professor e instrutor).....	Cr\$	510.000,00
Geometria Analítica (professor).....	Cr\$	300.000,00
Desenho (professor).....	Cr\$	300.000,00

2ª Série

Cálculo II (professor).....	Cr\$	300.000,00
Química (professor).....	Cr\$	300.000,00
Isostática (professor).....	Cr\$	300.000,00
Cálculo Numérico (professor).....	Cr\$	300.000,00
Mecânica (professor).....	Cr\$	300.000,00
Física II (professor e instrutor).....	Cr\$	510.000,00
T O T A L:.....	Cr\$	4.250.000,00

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
 INSTITUTO DE MATEMÁTICA E FÍSICA

= FOLHA Nº 04 =

Rel

F I L O S O F I A

1ª Série

Análise Matemática (professor).....	Cr\$	300.000,00
Geometria Analítica (professor).....	Cr\$	300.000,00
Geometria Descritiva (professor).....	Cr\$	300.000,00
Cálculo Vetorial (professor).....	Cr\$	300.000,00
Fundamentos de Matemática (professor).....	Cr\$	300.000,00
Física I (professor e instrutor).....	Cr\$	510.000,00

2ª Série

Análise Infinitesimal (professor).....	Cr\$	300.000,00
Análise Tensorial (professor).....	Cr\$	300.000,00
Mecânica (professor).....	Cr\$	300.000,00
Física II (professor e instrutor).....	Cr\$	510.000,00
Cálculo Numérico (professor).....	Cr\$	300.000,00
Química (professor).....	Cr\$	300.000,00
T O T A L:	Cr\$	<u>4.020.000,00</u>

Como se vê, consumado o desdobramento, / as duas escolas, em conjunto, viriam a arcar com um ônus de Cr\$ -8.270.000,00 mensais, ao passo que a fôlha de pagamentos do Instituto se eleva, presentemente, a Cr\$ 6.501.500,00, incluindo o pessoal auxiliar, onde se conta 1 tecnologista e 12 monitores. É de notar que o tecnologista e os monitores, cujos vencimentos somam Cr\$ 660.000,00, seriam transferidos automaticamente ao quadro de pessoal da Escola de Engenharia, onde o seu emprêgo já era previsto e assegurado antes do advento do Instituto, o que iria elevar, por conseguinte, a Cr\$ 8.930.000,00 as despesas decorrentes do desdobramento preconizado.

Contudo, há ainda alguns reparos a fazer nos totais em jôgo. Em primeiro lugar, é preciso advertir que existem três professores, catedráticos interinos da Escola de Engenharia, em exercício no Instituto, que recebem pela fôlha de pagamentos daquela Escola, num total de Cr\$ 900.000,00. Em / compensação, porém, há três cadeiras da Escola de Agronomia, atualmente incorporadas ao Instituto, que seriam devolvidas àquele, acarretando em sua fôlha de pagamentos um acréscimo equivalente. Em segundo lugar, em decorrência do decreto que regula-

= FOLHA Nº 05 =

mentou o regime de tempo integral na União, os professores em regime de tempo integral sofrerão uma diminuição de vencimentos, a partir do corrente mês, o que acarretará uma redução de Cr\$ 675.000,00, isto é, reduzirá a despesa com pessoal do Instituto a Cr\$ 5.826.500,00. Por fim, importa assinalar que dois professores não tiveram, até hoje, os seus contratos assinados e um terceiro se acha afastado por ordem superior.

Em resumo, omissão feita destes casos / em suspenso, a dissolução do Instituto viria onerar o orçamento da Universidade com um aumento de despesas da ordem de Cr\$ -3.000.000,00, o que, por certo, não se coaduna com os propósitos de contenção visados por essa Reitoria.

Ao que tudo indica, a solução procurada não reside na dissolução pura e simples de tudo quanto não está devidamente autenticado por lei; o que importa, de fato, é centralizar e fundir, é agrupar e reduzir tudo que comporta agrupamento e redução. E neste sentido, seja-me lícito apresentar a Vossa Magnificência, a título de colaboração, algumas sugestões que me parecem oportunas e perfeitamente viáveis:

- a) Inclusão do I.M.F. e do C.E.B. na Faculdade de Filosofia, atribuindo a esta o caráter de órgão centralizador de todo o ensino básico na Universidade;
- b) Anexação do Colégio Universitário à Faculdade de Filosofia;
- c) Transferência da cadeira de Física da Farmácia ao Instituto, em observância a uma decisão já aprovada pelo Conselho/Universitário, o que, no momento, é facilitado em virtude do afastamento do professor da cadeira;
- d) Reunião das cadeiras de Economia Política da Faculdade de Direito e da Faculdade de Filosofia, bem como a cadeira de Psicologia desta última e da Faculdade de Medicina;
- e) Reunião das cadeiras de Química da Agronomia e do Instituto;
- f) Reunião das cadeiras de TOPOGRAFIA da Agronomia e da Engenharia;
- g) Reunião das cadeiras de BOTÂNICA da Agronomia e da Farmácia;
- h) Reunião das cadeiras de Fisiologia, Biofísica e Bioquímica,

Fral

= FOLHA Nº 06 =

e de Parasitologia, Microbiologia e Imunologia da Veterinária e da Medicina;

- i) Promoção de maior entrosamento entre os ciclos básicos da Farmácia e da Medicina.

Quer-me parecer, Magnífico Reitor, que semelhante plano de agrupamento e fusão de cadeiras hoje dispersas, embora afins ou análogas, a centralização de todo ensino básico na Faculdade de Filosofia e a incorporação adequada de certos órgãos marginais, de finalidades mal definidas e mal encaixadas no todo, constituiriam, não apenas um passo importante e decisivo na reformulação dos métodos de ensino, mas também o indispensável corretivo da desordem orçamentária.

Seria deveras lamentável que se perdesse a grande oportunidade, quiçá única, de promover uma adequada reforma estrutural da Universidade, de acordo com os preceitos da lei de Diretrizes e Bases e as normas traçadas pelo Plano Nacional de Educação.

O que, de forma alguma, se deve admitir, no interesse da Universidade, é o afastamento dos professores que aqui vieram com a missão de implantar novos métodos de ensino e trabalho, dando início, com a sua valiosa colaboração, a uma promissora reforma universitária. Pelo contrário, seria de desejar / que idêntica medida fosse adotada como norma em todos os demais departamentos ou institutos em vias de organização.

Quanto a mim, devo dizer que, dado o caráter transitório e essencialmente técnico de minha missão junto à U.F.G., não me sinto à vontade na direção de um órgão concebido à margem da lei e do orçamento. Assim sendo, dou por concluída a tarefa que ^{me} foi cometida pela U.F.G., depositando, nesta data, nas mãos de Vossa Magnificência o cargo que vinha exercendo por designação de um Reitor ora afastado de suas funções e por deliberação / de um Conselho Universitário que deixou de existir legalmente.

Agradecendo as atenções que nunca me faltaram da parte dessa Reitoria, aproveito o ensejo para apresentar / a Vossa Magnificência os protestos de minha mais alta consideração

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE MATEMÁTICA E FÍSICA

= FOLHA Nº 07 =

Prof

ATENCIOSAMENTE,

Prof. WILLIE ALFREDO MAURER
=DIRETOR=

Exm^o Sr.
Prof. JOSÉ MARTINS ALVAREZ,
Magnífico Reitor Pro-Tempore da U.F.G.

N E S T A



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
 INSTITUTO DE MATEMÁTICA E FÍSICA

Of. 233/64

GOIÂNIA - GO.

27.11.64

Magnífico Reitor,

Em resposta ao ofício nº 379/964 dessa Reitoria, cumpro-me expor e ponderar a Vossa Magnificência o seguinte.

O Instituto de Matemática e Física da U.F.G. constitui de certo modo, um órgão "sui generis", mercê das falhas congênitas que marcaram a sua existência e vem entrando o seu funcionamento.

Quando da vigência da intervenção federal o Instituto foi tratado como um órgão espúrio, concebido à margem da lei e do orçamento, não obstante a sua constituição e o seu regimento tenham logrado plena aprovação do egrégio Conselho Universitário.

Ao que tudo indica, a sua sobrevivência, aliás, em condições assaz precárias, se deve tão somente à magnanimidade do Reitor Pro tempore, que, segundo informou / estava munido de credenciais para promover a sua liquidação / sumária.

Com o propósito de salvar a obra incipiente, fruto de um ingente esforço comum, encaminhei ao Reitor Pro tempore, em datas diversas, os três ofícios, cujas cópias tenho a honra e a satisfação de remeter, em anexo, a Vossa Magnificência.

Quer-me parecer que, inteirado de seu conteúdo, Vossa Magnificência estará em condições de fazer um juízo bastante seguro e exato da situação do Instituto, bem como da minha posição face a essa situação.

Os fatos aí relatados e discutidos oferecem os subsídios essenciais para configurar o delicado problema nos seus aspectos mais característicos.

continua

Mod. I-UGF-I.M.F.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE MATEMÁTICA E FÍSICA

GOIÂNIA - GO.

- Fl. 02 -

Era o que, por ora, me cabia dizer. No mais, só me resta aguardar o julgamento e a palavra de ordem de Vossa Magnificência.

Valho-me do ensejo para apresentar a Vossa Magnificência os protestos de minha mais alta consideração.

ATENCIOSAMENTE,

Prof. Willie Alfredo Maurer
- DIRETOR -

Ao Exm^o Sr.

Prof. Dr. Jerônimo Geraldo de Queiroz
Magnífico Reitor da U.F.G.

N E S T A



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE MATEMÁTICA E FÍSICA

Of. 234/64

GOIÂNIA - GO.

1º/12/64

Magnífico Reitor,

Atendendo à solicitação dessa Reitoria, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Magnificência um relatório sucinto da situação e das atividades deste Instituto. A título de subsídios preliminares, tomei a liberdade de encaminhar a Vossa Magnificência, a 27 do corrente, cópias dos ofícios que, em oportunidades diversas, dirigi ao Reitor pro-tempore, com o objetivo de proporcionar-lhe os dados indispensáveis para situar o Instituto no complexo universitário.

Se Vossa Magnificência se dignou ler esses documentos estará, por certo, em condições de julgar, com isenção de ânimo, o mérito da questão e, de modo todo especial, as implicações de minha missão junto à UFG.

O relatório que ora submeto à judiciosa apreciação de Vossa Magnificência se reduz, em última análise, a uma síntese dos fatos pormenorizadamente esquadrihados nos referidos ofícios.

I - ESTRUTURAÇÃO DO INSTITUTO.

A idéia e a iniciativa da criação de institutos básicos na UFG, se devem precipuamente ao idealismo de alguns professores da Escola de Engenharia, identificados com o pensamento do prof. Oliveira Jr, idealizador da COSUPI e um dos mentores do plano da Universidade de Brasília. Inspirou-os ainda a estrutura de Instituto Tecnológico / de Aeronáutica de São José dos Campos, que de há muito introduziu, entre nós, o regime de tempo integral para professores e alunos. Graças ao apóio maciço das representações estudantis, pretendeu-se, mais tarde, identificar a idéia dos institutos com os propósitos subversivos da UNE. Na verdade, trata-se apenas de vazar em moldes perfeitamente legítimos a reforma universitária em marcha. Tanto é assim, que não lhe faltou o consenso unânime do egrégio Conselho Universitário o



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE MATEMÁTICA E FÍSICA

GOIÂNIA - GO

= FOLHA Nº 02 =

qual, em fins de 1962, aprovou, em tese, a criação dos Institutos de Matemática e de Física.

Procurado em São Paulo pelo prof. Gabriel Roris, então Diretor da Escola de Engenharia, em princípios de 1963, aceitei o convite que me fazia em nome da UFG, para vir organizar o Instituto de Matemática, para o que solicitei uma licença de um ano na Universidade Mackenzie, onde sou professor desde 1937, tendo exercido em dois mandatos sucessivos a direção da Faculdade de Filosofia.

Em aqui chegando, assinei um contrato por um ano com a Reitoria, com o encargo específico de "organizar e estruturar o Instituto de Matemática, dotando-o das condições técnicas e didáticas necessárias ao seu perfeito funcionamento como instituição de ensino especializado e centralizado das disciplinas compreendidas no campo pedagógico da Matemática".

Mercê das condições fortíssimas que não vem ao caso repetir aqui de vez que foram amplamente expostas nos documentos acima citados, optou-se pela criação de um Instituto único, de Matemática e Física. O competente regimento foi aprovado pelo egrégio Conselho Universitário em fins de dezembro do ano passado (anexo nº 1).

II - FUNCIÓNAMENTO.

Organizado e estruturado o Instituto, im portava datá-lo das condições necessárias ao seu perfeito funcionamento, o que de certo modo fugia à minha alçada, uma vez que envolvia a ordem financeira da Universidade.

A fim de atender ao espírito que presidira a implantação do Instituto e à letra de seu regimento, tornava-se necessário contratar em outros centros culturais do País, o pessoal docente especializado, em regime de dedicação exclusiva. Era preciso evitar, a qualquer preço, que fossem desvirtuados, logo de início, os elevados objetivos do Instituto, o que fatalmente ocorreria se os seus destinos fossem confiados a professores que fazem do magistério apenas um derivativo ou um "bico".

Atendendo a estas razões, aceitei, em



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE MATEMÁTICA E FÍSICA

GOIÂNIA - GO.

= FOLHA Nº 03 =

princípio, o encargo de dirigir o Instituto nesta fase decisiva de sua instalação, uma vez que me fossem outorgados os meios para contratar o pessoal necessário, bem como os recursos para a aquisição de um mínimo indispensável de livros e equipamento.

A contratação de pessoal especializado de fora era inevitável dentro dos padrões de vencimentos vigentes. Era preciso compensar, de certa forma, o caráter temporário e as condições desfavoráveis de trabalho. A fixação de uma tabela de vencimentos em níveis compensadores foi objeto de amplas discussões e deu margem a comentários e críticas, ao meu ver, improcedentes.

Junto inclui dois documentos (anexos 2 e 3) atinentes à questão, a fim de que Vossa Magnificência possa julgar com o indispensável conhecimento de causa. O anexo 2 consiste da cópia da ata da 1ª reunião da Comissão Coordenadora, em que foram apreciadas as dificuldades e as condições indispensáveis para o bom funcionamento do Instituto. Este documento, submetido à apreciação do egrégio Conselho Universitário, logrou integral aprovação.

O anexo 3 apresenta uma justificação sucinta das reivindicações salariais propostas na ocasião.

Os fatos subsequentes vieram demonstrar que as minhas ponderações não eram descabidas nem exageradas, como se pretendeu insinuar em certas áreas. Basta, para confirmá-lo, observar que o anteprojeto do Estatuto do Magistério Superior, já aprovado pelo Fórum dos Reitores, estabelece um critério salarial sensivelmente mais elevado, tomando por base um salário equivalente a 20 vezes o maior salário mínimo do País, para o professor catedrático em regime de tempo integral.

O fato é que, aprovados os padrões de vencimentos propostos, não obstante a premência do tempo, foi possível trazer de fora uma equipe de professores (1 titular, 2 associados e 5 assistentes) de comprovada dedicação e competência, que se revelaram à altura da tarefa de consolidar o Instituto como verdadeiro núcleo de ensino especializado e de trabalho organizado.

Infelizmente, em matéria de biblioteca e de equipamento quase tudo ficou por fazer. Há dias foi liberada



= FOLHA Nº 04 =

uma verba em torno de 30 milhões de cruzeiros para aquisição de equipamentos de Física. Uma lista de revistas especializadas de Matemática e de Física aguarda a verba competente. Uma reforma/ do prédio para acomodar os laboratórios de Física, pleiteada no início do ano, acaba de ser iniciada. Uma verba de 9 milhões de cruzeiros da COSUPI, hoje incorporada à CAPES, destinada ao Instituto, deve ser objeto de um convênio assinado por essa Reitoria.

No tocante às atividades didáticas, um dos obstáculos mais acentuados a um rendimento de alto nível, decorre da necessidade de conciliar, na medida do possível, os superiores interesses de ensino com os interesses particulares dos alunos que trabalham e estudam ao mesmo tempo. Só a instituição de um sistema de bolsas para os alunos capazes e bem dotados, estaria em condições de remediar o mal. Também a escassez de material tem concorrido para enterrar sensivelmente o rendimento do trabalho.

Não obstante este balanço desfavorável, o Instituto conseguiu criar, já no seu primeiro ano de funcionamento, um ambiente de trabalho intensivo, ministrando com toda regularidade e proveito, aulas práticas de exercícios e de laboratório, como complementação natural das aulas de teoria. Um minucioso relatório de suas atividades foi encaminhado a essa Reitoria, a pedido do Reitor pro-tempore José Martins D'Alvarez, logo após a sua chegada.

III - FUTURO.

Após um ano de crise e tribulações, as perspectivas são, de certo modo, promissoras, não obstante as dúvidas suscitadas pela interventoria quanto às bases legais do Instituto.

Reintegrada a UFG no pleno gozo de sua autonomia, cabe a Vossa Magnificência, em conjunção com o egrégio Conselho Universitário, d'arimir estas dúvidas, conferindo ao Instituto o "status" legal e os recursos financeiros para o seu perfeito funcionamento.

Quanto aos ônus de sua manutenção, foram objeto de uma previsão orçamentária para 1965, encaminhada a es



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE MATEMÁTICA E FÍSICA

GOIÂNIA - GO.

= FOLHA Nº 05 =

sa Reitoria em tempo hábil, a qual, com pequenos retoques, poderá servir de base para fixá-los.

Nestas condições, dou por cumprida a minha missão junto à UFG, colocando, desde já, o cargo de Diretor que ora ocupo, à disposição de Vossa Magnificência. Ao ensejo, não posso deixar de encarecer o caráter, essencialmente, técnico e transitório de minha colaboração com a Universidade. Se esta modesta colaboração teve algum mérito, a Universidade deve inscrevê-la à conta dos insígnies professores Gabriel Roriz, Marcelo da Cunha Moraes e Elder Rocha Lima, os inconfundíveis mentores do Instituto, cujo empenho e dedicação constituíram o sustentáculo decisivo de minha obra.

Era o que, por ora, me cumpria dizer.

Aproveito a oportunidade para apresentar a Vossa Magnificência os protestos de minha mais alta consideração.

Cordialmente,

Prof. WILLIE ALFREDO MAURER

=DIRETOR=

Ao Exm^o Sr.

Prof. Jerônimo Geraldo de Queiroz,

Magnífico Reitor da U.F.G.

N E S T A